

HERCULES FLORENCE

(1804-1879)

Ensaio historico-litterario

POR

ESTEVAM LEÃO BOURROUL

Bacharel em Letras pela Academia de AIX, França, (1872).—Bacharel em Sciencias Sociaes e Juridicas, formado em 1881, pela Faculdade de Direito de S. Paulo.—Ex-Deputado Provincial pelo Nono Districto.—Ex-Juiz Municipal e de Orphans do Termo da Franca do Imperador.—Ex-Secretario da Provincia de S. Paulo.—Ex-2º Tabellião da Capital.—Um dos tres membros fundadores do Instituto Historico e Geographico de São Paulo.—Membro effectivo e honorario de diversas associações litterarias e beneficentes.—Advogado Privativo do Fóro Ecclesiastico (1882).—Concessionario do Indice Alphabetico da Legislação Provincial e dos Annaes Paulistas.—Advogado no Oeste de S. Paulo e Sul de Minas; e Jornalista.

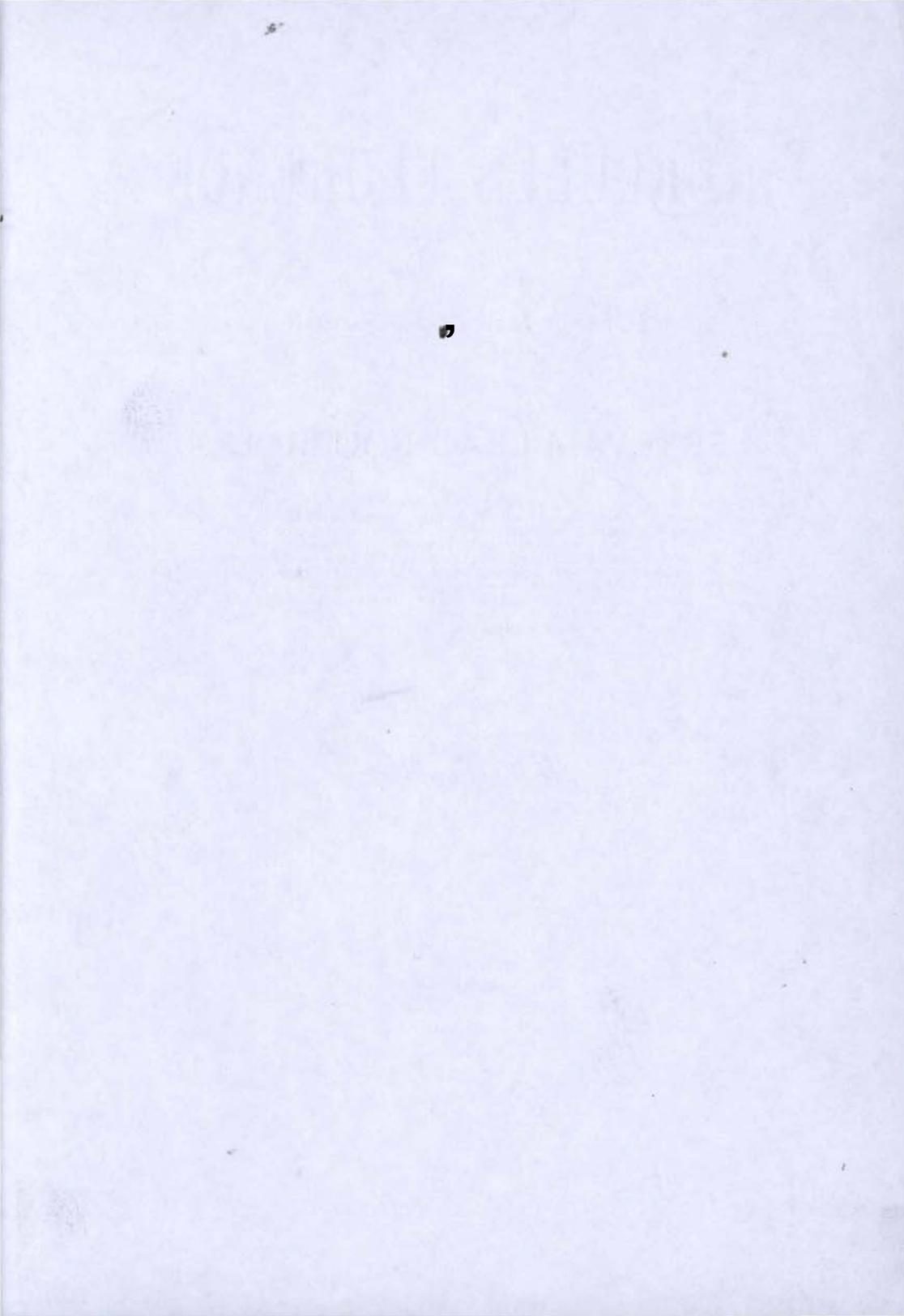


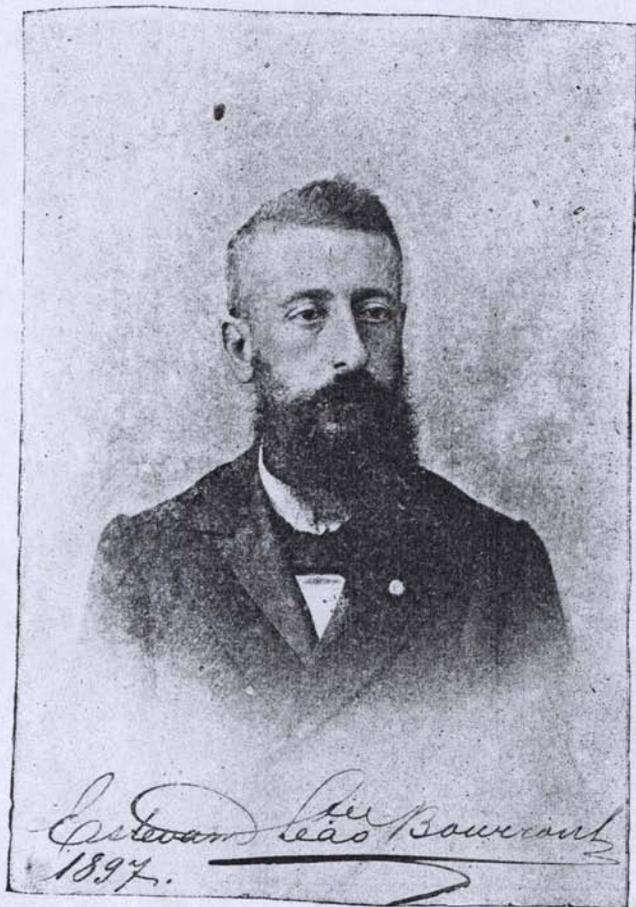
SÃO PAULO

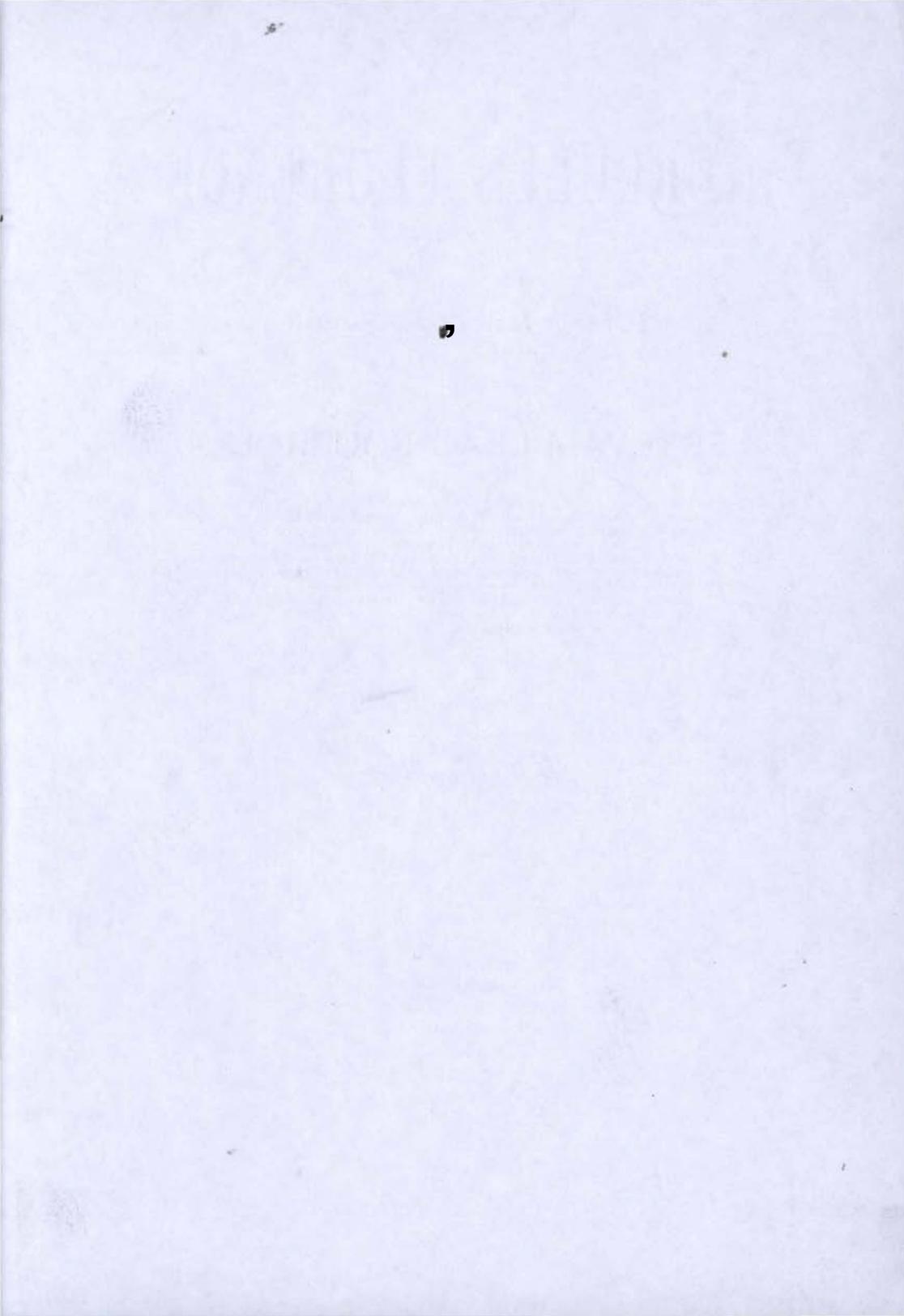
TYPOGRAPHIA ANDRADE, MELLO & COMP.

Rua do Carmo, 7

1900

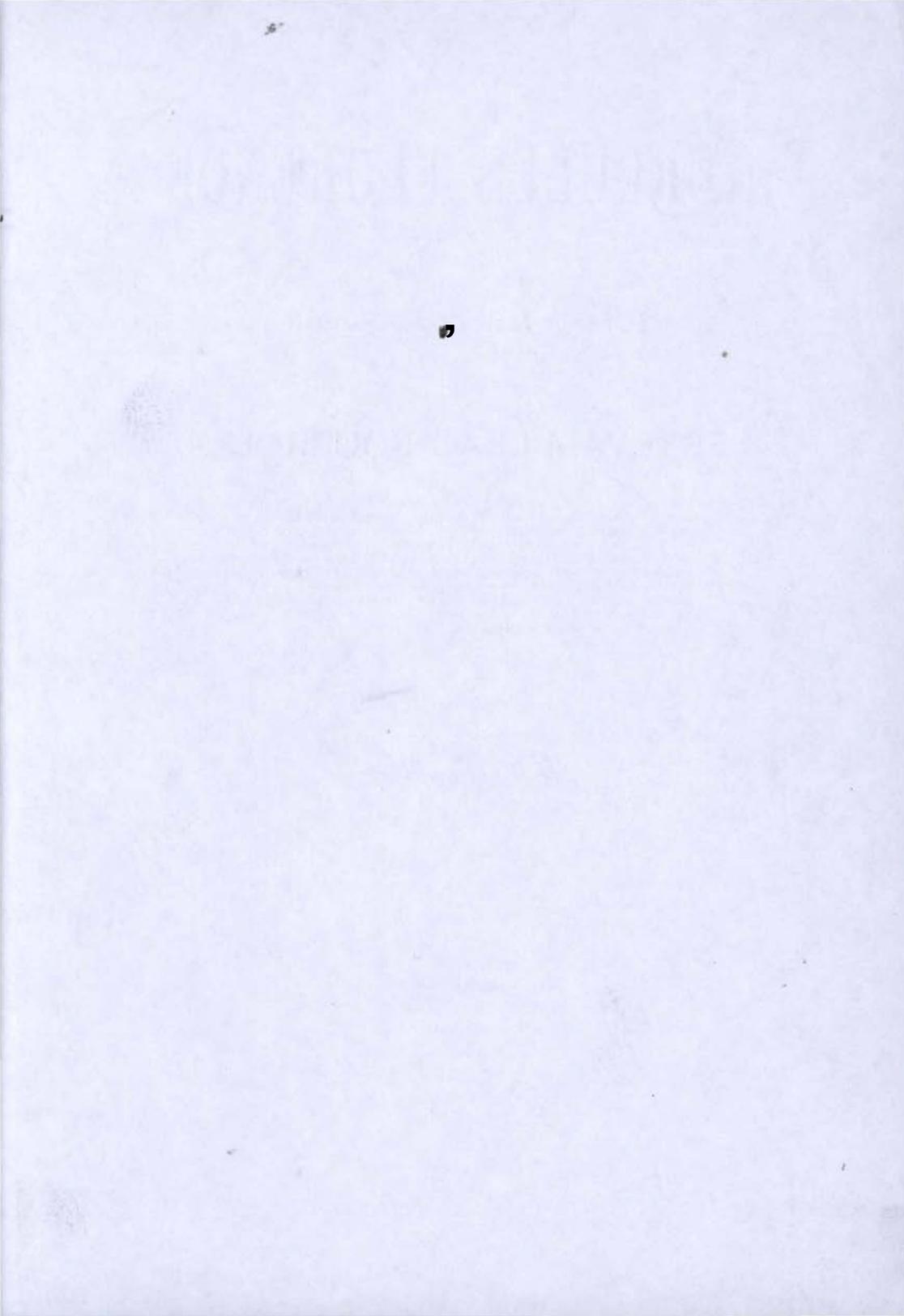






AO DOUTOR
ARNALDO P. DE ULHÔA CINTRA

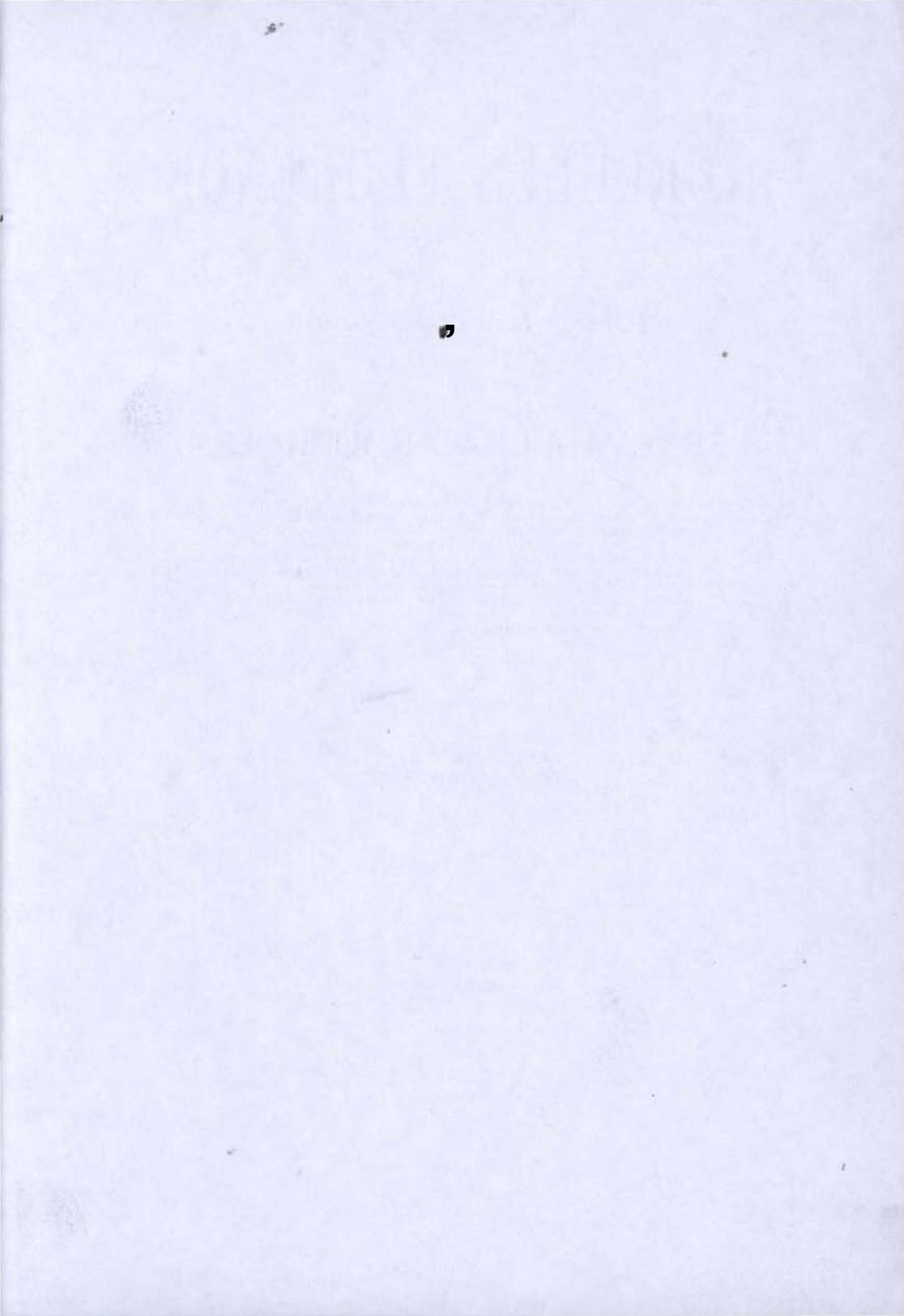
Á MEMORIA
DO
GRANDE PATRIOTA PAULISTA
FRANCISCO ALVARES MACHADO E VASCONCELLOS



Si, comme je me plais à le croire, l'intérêt de la science est compté au nombre des grands intérêts nationaux, j'ai donné à mon pays tout ce que lui donne le soldat mutilé sur le champ de bataille. Quelle que soit la destinée de mes travaux, cet exemple, je l'espère, ne sera pas perdu...

Je puis rendre ce témoignage, qui de ma part ne sera pas suspect: il y a au monde quelque chose qui vaut mieux que les jouissances matérielles, mieux que la fortune, mieux que la santé elle-même:—c'est le dévouement à la science.

AUGUSTIN THIERRY, *Dir Ans d'Etudes Historiques*, 12^e édition, préface, pag. 23-24.



INTRODUÇÃO

Meu charo amigo DR. ARNALDO PINHEIRO DE ULHÔA CINTRA.

Patriotas! Cobri as vossas frentes!
Em signal de tristeza os horizontes
Vestiram lucto; um astro se sumiu...
Nos ares vibra um canto de saudade...
—Aguia altiva, vôando em liberdade,
Lá no abysmo cahiu.

Ha vinte annos — lá no abysmo cahiu — tragado pela mão da Morte, Hercules Florence. E é de hontem, e é de hoje, e será de amanha — a funebre invocação de Pedro Luiz!

A Historia das Nações, diz João Mendes de Almeida em suas preciosissimas *Notas Genealogicas*, não é sinão a biographia dos individuos, a chronica das familias, os annaes das povoações, formando tudo isso um conjuncto de tradições gloriosas (1).

Por isso, escrever a vida de um varão illustre pela Sciencia e pelas Lettras é descrever por igual a historia de seu tempo, de suas obras, de sua familia, de seu paiz.

(1) ALGUMAS NOTAS GENEALOGICAS — *Livro de Família* — 1886—Cap. 2º pag. 209.

Assim, a biographia de Hercules Florence é a narração singela e commovente das peripecias, das descobertas, das viagens, que constituem uma das paginas mais interessantes dos annaes contemporaneos.

De facto, o companheiro de Langsdorff e de Adriano Taunay, o continuador de Lacerda e Almeida, o émulo dos Bandeirantes Paulistas, o inventor da POLYGRAPHIA, do PAPEL INIMITAVEL, da STEREOPIXTURA, o descobridor—antes de Niepce e Daguerre — da PHOTOGRAPHIA, o artista genial da ZOOPHONIA e da NORIA HYDROSTATICA — é um d'esses vultos surprehendedentes, cuja originalidade, lhaneza e multipla capacidade prendem e fixam de modo vivissimo a attenção do Historiador, despertando o enthusiasmo do Philosopho e do Patriota; e são destinados, vencendo o mercantilismo da actualidade, a transpôr os humbraes da severa e justa Posteridade.

Assim como «Alexandre de Gusmão era um homem de genio (escreve Hercules Florence ao principiar a descripção de sua viagem fluvial do Tieté ao Amazonas), o qual teve a desdita de nascer em uma colonia portugueza e por isso ficou desconhecido», assim tambem o nosso Biographado, pela Lei do Meio, não logrou o successo a que fazia jús pela sua tenacidade espantosa no trabalho, pelos seus inventos que immortalisariam qualquer outro em continente diverso, e pelo accendrado patriotismo que sempre caracterison, no homem de sciencia e de letras, o digno genro do grande Paulista Francisco Alvares Machado e Vasconcellos.

Como bem pondera o Visconde de Taunay em sua Introducção á Memoria escripta em francez em 1829 sobre ZOOPHONIA por Hercules Florence e traduzida em 1877 pelo erudicto escriptor da *Retirada da Laguna*: « Vivendo no interior de uma provincia em que decerto não lhe faltavam os elementos com que proseguir em suas indagações, como principalmente o incitamento da competencia e do applauso, deixou em simples rudimento idéas que cumpria tornar realidade ou, quando as levou por diante, achou que outros, em mais felizes condições,

lhe tinham tirado o valor da prioridade. D'ahi o desanimo e o retrahimento » (1).

Em sua auto-biographia, Hercules reconhece esta verdade : «... a gloria que, durante vinte annos, se me deparou aos olhos, em meu exilio. Sim, a gloria me appareceu radiante ; porquanto as descobertas que fiz durante esse tempo, e que se lerão no decurso d'esta obra, não se desvendam aos olhos de todo o mundo : uma unica de minhas descobertas teria bastado para immortalisar qualquer outro que houvesse sido mais feliz do que eu ; ao passo que eu me sacrifiquei, sem mesmo ter a consoladora certeza de que o meu sacrificio servisse para qualquer cousa».

Entretanto a figura de Hercules Florence assoma na historia do movimento intellectual de S. Paulo e do Brazil com proporções grandiosas. A sua vida tão agitada e tão cheia de probidade e illustração, é um tecido de exemplos fecundos e de lições salutaes que cumpre offerecermos á nossa sociedade decadente. E, prestando homenagem á memoria de um verdadeiro benemerito do Brazil, escrevendo em largos traços a sua vida, estamos certo de cumprir um dever civico e praticar uma obra de patriotismo. A deficiencia do trabalho seja ao menos compensada pela rectidão do movel que guia a nossa Penna, dedicada de doze annos a esta parte ao culto dos grandes homens e das grandes cousas da Capitania de São Vicente e da Provincia de S. Paulo, a guarda-avanzada do Imperio da Véra-Cruz.

Concessionario dos *Annaes Paulistas* (2), incumbem-nos, mais do que a outrem, o dever de zelar pelo patrimonio de nossas

(1) *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, tomo XXXIX, parte 2ª pag. 322.

(2) Lei Provincial n. 15, de 18 de Fevereiro de 1888. Lei Estadual n. 15 de Novembro de 1891, cap. 3º, disposições geraes, art. 46 ; e respectivos contractos firmados com os Exms. Srs. Conselheiro F. de P. Rodrigues Alves e Dr. J. A. de Cerqueira Cesar.

glorias nacionaes. E não nos temos descurado de tão nobre labor, nobre e incessante. E o nosso Biographado era uma gloria nacional, embora nascido em terra estranha, si é terra estranha a generosa França, a *alma mater* da Liberdade, a *magna parens* da sociedade moderna.

Servirão estas notas biographicas como apontamentos de familia; porquanto «só nas familias bem ordenadas é que as raizes do futuro social se nutrem». Com razão observa um escriptor do seculo XVI: «É impossivel que a Republica valha alguma cousa, si as familias, que devem ser seus alicerces, são mal edificadas».

O Historiador de Hercules Florence — de sua Vida, de sua Obra e de seu Tempo, — dedicando este modesto trabalho, elaborado no meio das agruras da Lucta pela Vida, por entre a indifferença dos Magnatas *repus* que nos governam e decretam as leis forjadas em Londres nas tenebrosas officinas do *Lombard-Street*, synthetisadas no *funding-loan*, funebre precursor da Tutella Estrangeira, — dedicando este protesto de uma alma viril e christan contra o Cosmopolitismo na Politica e o Paganismo nas Lettras — dedicando este Ensaio ao Filho de seu velho chefe e amigo Delfino Cintra, — ao Sobrinho do Barão do Jaguára, — ao Bisneto de Alvares Machado, a gloriosa cabeça da Maioridade, — ao Descendente do Rei de S. Paulo, Amador Bueno de Ribeira, — sabe o que faz.

Ninguem melhor do que o meu charo amigo — illustre dr. Arnaldo Pinheiro de Ullôa Cintra, — póde representar — e representa — a linhagem de Ullôa, famosa em Portugal, na Hespanha e no Novo Mundo pelos seus feitos e pelas suas virtudes; as tradições de *Loyalism* do filho de Bartholomeu Bueno de Ribeira, natural de Sevilla, «em cuja pessoa concorriam as circumstancias de ser de qualificada nobreza, e de muito respeito e auctoridade pelos empregos publicos que havia occupado e ainda exercia, pela sua grande opulencia, pela roda de parentes e amigos, e pelas alianças de seus nove filhos e filhas,

duas das quaes estavam casadas com dois irmãos, fidalgos hespanhoes, Don João Matheus Rendon e Don Francisco Rendon de Quevedo, que tinham passado ao Brazil em 1625, militando na armada hespanhola destinada para a restauração da Bahia (1); e a descendencia d'aquelle que, com Feijó, Bento e Antonio Paes de Barros, Amaral Gurgel, coronel Anastacio, padre Ildefonso e outros illustres Paulistas, foi deportado em 1824 pelo crime de muito amar a sua terra e a Liberdade.

Hercules Florence veio para o Brazil em 1825: pertence, pois, á era da Independencia. Acompanhou os acontecimentos memoraveis do periodo que tem o seu berço no Ypiranga, a sua explosão no 7 de Abril e o seu tumulo no 23 de Julho de 1840; ligou-se pelos vinculos do sangue a um dos heróes da Maioridade e da revolução de 1842; tentou abalar o edificio social e economico com as suas descobertas scientificas; constituiu familia numerosa e respeitavel: pertence ás familias bem ordenadas, isto é, áquellas que conservam «a guarda das velhas tradições, como respeito aos antepassados, e o zelo dos bons costumes, como exemplo aos vindouros».

A sua vida foi toda dedicada á sciencia. Como Augustin Thierry, de quem extrahimos a epigraphie com que abrimos este livro, podia repetir ao fazer o seu exame de consciencia final:

«Si, como quero crêr, o interesse da sciencia é um dos grandes interesses nacionaes, tenho dado ao meu paiz tudo o que póde dar-lhe o soldado mutilado no campo da batalha. Qualquer que seja o destino dos meus trabalhos, espero que este exemplo não será perdido. Quizera eu que elle servisse para combater essa especie de desfallecimento moral que é a molestia da geração nova; que pudesse reconduzir ao caminho direito alguma d'essas almas enervadas que se queixam de que lhes falta a fé, que não sabem a que se applicuem, e andam buscando por toda a parte, sem nunca encontrarem, um objecto de culto e dedicação. Porque hão de elles suppôr, tão amar-

(1) *Memorias* de Frei Gaspar da Madre de Deus.

gamente, que, n'este mundo, tal como se acha constituido, não se encontra ar para todos os peitos, emprego para todas as intelligencias? Não vêm o estudo sereno e serio? e não ha no estudo um refugio, uma esperança, uma carreira ao alcance de todos nós? Com elle, passam os dias máos sem lhes sentirmos o peso; cada um cria o seu proprio destino; empregam todos nobremente a sua vida. Eis o que fiz, e eis o que faria si tivesse de principiar outra vez: seguiria pela estrada que me trouxe aonde estou. Cégo, padecendo sem esperança e quasi sem treguas, posso dar um testemunho, que da minha parte não será suspeito: ha n'este mundo alguma cousa que vale mais do que os gozos materiaes, mais do que a fortuna, mais ainda do que a saude: é a dedicação á sciencia» (1).

Quando Augustin Thierry escrevia estas nobres palavras, que são o espelho de sua alma e de sua vida, e o glorioso brazão da sciencia historica da França moderna (2), em 10 de Novembro de 1834, já Hercules Florence tinha percorrido parte da Europa, por mar e por terra; vindo com o commandante De Rosamel para o Brazil; e feito a extraordinaria e mallograda exploração do Tieté ao Amazonas com o Consul Langsdorff...

Nas bordas do abysmo que ameaça tragar a sociedade brasileira, que, « si parece existir ainda como Patria, é pela luz vespertina do Imperio», urge levantar-se um brado que fazendo resurgir do pó da morte os vultos venerandos que attestam a vida de nossa nacionalidade, lembre aos contemporaneos que si a Patria é o privilegio de cidadãos livres, « a terra da nossa communhão social com a sua civilisação — actualmente destruida — com seus deuses tutelares — actualmente substituidos por idolos corruptores, com suas taboas da lei — actualmente aniquilada, — com seu credito solidamente firmado —

(1) AUGUSTIN THIERRY, *Dix Ans d'Etudes Historiques*, 12^e edition, préface, pg. 23-24.

(2) LUIZ GARRIDO, no *Monitor Catholico* de S. Paulo, anno II, n. 13 de 7 de Agosto de 1881.

actualmente perdido; com suas liberdades — actualmente captivadas; com a segurança garantidora do cidadão—actualmente supprimida; com seus tribunaes e juizes independentes — actualmente avassalados; com a ordem publica fundada no direito e na lei — actualmente substituida pela desordem no lar, na rua, na cidade, no paiz inteiro », o patriotismo é incompativel com a escravidão, quer dos corpos, quer das almas e das consciencias.

Patriotismo! « Este vêm e se desenvolve com a liberdade, assim como foge ou morre com ella.— « A Suissa, escreve Frederico Morin, com seus cultos rivaes, com seus partidos ás vezes a batalharem com armas, com suas tres raças, pouco sympathicas umas ás outras, têm, entretanto, uma unidade patriótica incomparavel—porque é livre ».

Si parece existir ainda patria brazileira, repetimos, é pela luz vespertina do Imperio.

Si o patriotismo ainda não está banido da terra da Santa-Cruz, é porque ainda ha homens de character viril e de convicções profundas para condemnarem um regimen que a impelle — ou para a escuridão da escravidão, ou para a fraqueza do desmembramento » (1).

Mostrae á mocidade um grande exemplo!
Era aquella cabeça um rico templo,
Onde vivia o fogo do Senhor!
Gravou em sua campá essa palavra (2)
Que, bem como uma chamma ardente, lavra
N'alma cheia de glorias e valor!

(1) Manifesto monarchico do Pará, de 13 de Maio de 1892, assignado pelos Srs. Conselheiro Tito Franco de Almeida e outros illustres politicos do Norte, publicado n' *O Protesto*, de S. Paulo, n. 1, de 29 de Julho do mesmo anno.

(2) As ultimas palavras do Dr. Landulpho foram: « A Liberdade... o Povo... a Patria... »

Oh minha terra! estás inda n'aurora,
 Sobre as flôres ainda o orvalho chora,
 Começaram as aves a cantar...
 Nuvens roseas no céu! no ar neblinas!
 Tanta perola ali pelas campinas!...
 É cedo ainda para o sol raiar!...

Linda estrella brilhante em céu formoso,
 Sumiu-se já; no leito do repouso
 Um bravo combatente se deitou...
 Tremeu convulso no momento extremo;
 Mandou á Patria o seu adeus supremo...
 E depois... expirou (1).

Por Deus! resuscitemos «os costumes antigos e os usos locais»; e no conceito do auctor das *Notas Genealogicas*, reorganisemos a sociedade, reorganizando a familia, restituindo-lhe o bom que ella tinha desde os antigos tempos — a *auctoridade paterna*, com a fé, o culto, a tradição, o uso.

« A Mythologia deixou um magnifico quadro de familia: desenhava perfeitamente o presente carregando ás costas o passado, e este, com seus deuses penates ao peito, arrastando pela mão o futuro. Era Enéas conduzindo sobre os hombros seu pai Anchises, e este levando pela mão seu neto Ascanio. O velho Anchises, trazendo Minerva apertada ao peito, significava o avô transmittindo ao neto, por intermedio do pai, o deposito sagrado da fé familiar e do culto religioso » (2).

Honremos, pois, a memoria de Hercules Florence.

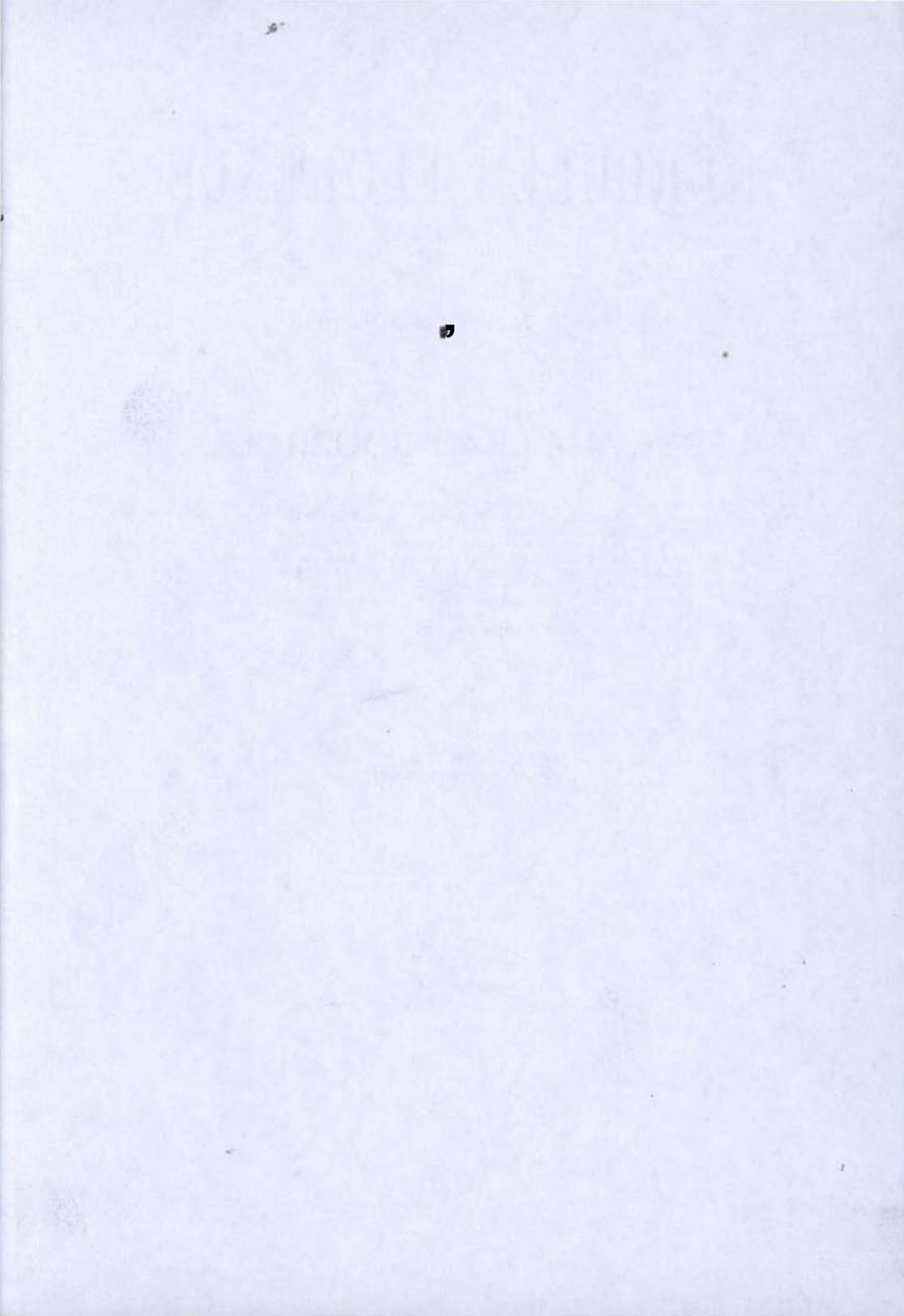
E n'elle honraremos o Talento, a Virtude, a Familia, a Tradição, a Sciencia, as Lettras, a Religião e o Patriotismo.
 São Paulo, em 21 de Outubro de 1899.

ESTEVAM LEÃO BOURROUL.

(1) CONSELHEIRO PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA, *Poesias*, edic. de S. Paulo, aliás incompleta, 1879, pgs. 7, 8 e 10

(2) JOÃO MENDES DE ALMEIDA, obra citada, pag. 217.

PRIMEIRA PARTE





CAPITULO I

Em Nice, capital (*chef-lieu*) do departamento dos Alpes-Maritimos, a 29 de Fevereiro de 1804, no mesmo anno em que Napoleão foi proclamado Imperador dos Francezes, corôado e sagrado pelo Papa Pio VII, e creada a Ordem da Legião de Honra — nasceu Hercules Florence, a quem dedicamos este singelo escripto, cuja memoria perdura na lembrança de seus contemporaneos, e cujo nome honrado e saudoso passará á posteridade, como o de um homem que relevantes serviços prestou á Patria, ás Sciencias, ás Letras, nobilitando a França, que lhe foi berço, e o Brazil, ao qual adoptára e servira, durante 54 annos, como filho dedicado, leal e illustre, legando-lhe um patrimonio glorioso, e, mais do que todos os bens e haveres, uma familia nobre pela origem, pelas tradições e por uma série ininterrupta

de acções grandiosas e de feitos dignos de serem lembrados e laureados pela penna justa e imparcial do Historiador.

A Nice, *Nikè*, (Victoria), fundada 350 annos antes da Era Christan por uma colonia de phoceanos de Marselha, a Nice, a soberba e pacifica Cidade das Flôres, onde impéra perpetua Primavéra, podemos, sem errar, applicar os versos embalsamados do lusitano Poeta:

Jardim da Europa á beira-mar plantado
de louros e de acacias olorosas;
de fontes e de arroios serpeado,
regado por torrentes alterosas;
onde n'um cêrro erguido e requeimado
se casam em festoens jardins e rosas;
balsa virente de eternal magia
onde as aves gorgeiam noite e dia (1).

Ali, bafejado pelas auras do ceruleo Mediterraneo, sob o dominio do grande Corso, de cuja Ilha avistam-se as abruptas montanhas em dias de calma e de sol, viu a luz do dia o nosso biographado, na terra que viu tambem nascerem Carle Vanloo, Dominique Casini, Jean Dominique, Adolphe—J. e Louis—A. Blanqui, Casabianca, Louis Bréa, Masséna, Garibaldi. . . Á patria de pintores e economistas universalmente afamados, de politicos e guerreiros celebres; de Catharina Ségurane, a Jeanne-Hachette provençal, cumpria junctar á sua corôa de gloria o florão de acalentar em seu seio

(1) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*, poema: edicção popular, Porto, 1893. Proemio, *A Portugal*.

aquelle que devia illustrar o seu nome no Novo Mundo.

O pai de Hercules Florence era francez (1). Viera

(1) Temos á vista a Fé de Officio do pai de Hercules; e vamos transcrevel-a *ipsis verbis* do original francez, traduzindo-a: «Estado abreviado dos serviços do fallecido Arnaud Florence, nascido em Toulouse em 29 de Abril de 1749; fallecido em Monaco em 14 de Outubro de 1807, deixando mulher e quatro filhos em tenra idade, sem bens nenhuns.—1. De 1767 a 1775, Sargento Cirurgião no Regimento «Royal Comtois», empregado na qualidade de segundo Cirurgião no hospital do grande Porto na Ilha de França, e na de Cirurgião-chefe no transporte de guerra real a *Seyne* e na de Cirurgião no vaso de guerra *Comte de Menon*. — 2. De 1792 ao anno IV Cirurgião-mór do 3º batalhão de voluntarios do Departamento da Haute-Garonne. — 3. Do anno IV ao fim do anno IX Cirurgião de 2ª classe, empregado no hospital militar permanente de Nice, hospital esse supprimido n'essa época. — 4. Do anno VIII ao anno XIV professor de desenho na escola central do Departamento dos Alpes Maritimos e na da circumscripção (arrondissement) de Nice, tendo mesmo exercido este emprego gratuitamente durante mais de um anno, no tempo da organização da Escola secundaria. — 5. No anno IX e X, Commissario encarregado pelo Prefeito do Departamento dos Alpes Maritimos, de percorrer esse departamento para colher e redigir noticias sobre a Estatistica. — 6. No anno 1806 e 1807, perceptor (collector) das contribuições directas em Vintimille, districto de São Remo, Departamento dos Alpes Maritimos. — Certificado conforme e verdadeiro pelos originaes que nos foram presentes. Monaco, 28 de Julho de 1823. Os Consules da Cidade de Monaco, (com o sello) Saussa, J. Massa. — Nós, presidentes do Tribunal Superior do principado de Monaco, a quem de direito certificamos que os senhores Saussa e J. Massa, Consules d'esta Cidade, que assignaram o Estado de Serviço ácima são taes quaes se qualificam e que as suas firmas fazem fé, quer em Juizo quer fóra d'elle. Passado no Palacio de Justiça em Monaco, aos 28 de Julho de 1823. Franciosy aíné, P. François Bellando, Escrivam. (Com o sello das Armas do Principado de

para o Principado de Monaco (1) depois de rebentar a Revolução de 1789, como cirurgião de regimento do exercito real. Em Monaco, a terra dos Grimaldi, que mais não é do que um prolongamento de Nice, assentado no seu promontorio pittoresco, «campé comme un gîte de corsaires au sommet d'un rocher qui s'effrite, le palais doré de Monte Carlo, les palmiers, les daturas, les figuiers de barbarie enchevêtrés, s'échappant des grilles, étalant leur splendeur métallique dans les aveuglements de ciels sans nuages...» (2), em Monaco contrahio matrimonio e retirou-se para Nice, onde o chamavam os mistéres de seu serviço. Pouco após o nascimento de Hercules foi exercer o emprego de *percepteur* (que corresponde a collector das rendas entre nós) em Vintimille, quatro legoas ao Oeste distante de

Monaco). — Nós, Louis Millo Terrazzani, Governador Geral do Principado de Monaco, certificamos a todos a quem competir que o senhor Franciosy aîné, cuja assignatura figura ácima, é o mesmo de que se trata, e que a sua assignatura merece fé.— Passado em nosso Paço em Monaco, aos 28 de Julho de 1823.— O Governador Geral, Millo Terrazzani.»

Arnaud Florence era filho de Roch Florence e Antoinette Villette; falleceu ás 8 horas da manhan do dia 14 de Outubro de 1807. — Certidão de obito do mesmo dia. — Roch Florence tambem era Cirurgião. — Madame Augustine de Vignalis, ou Vignalys, era filha de Claudio de Vignalis, de nobre descendencia hespanhola. — Toulouse é uma grande cidade de mais de 150.000 habitantes, *chef-lieu* do departamento da Haute-Garonne, onde ainda hoje existe a familia Florence. E' a metro-pole do Languedoc; patria de Clémence Isaure, do grande juriconsulto Cujas, de Campistron, de Villèle, etc.

(1) Monaco, em provençal *Monègue*, é um principado independente encravado no departamento dos Alpes-Maritimos; durante o Primeiro Imperio pertenceu á França.

(2) René Maizeroy, *La Grande Bleue*, chap. I., pag. 21.

Nice, pequena cidade d'Italia, então pertencente á França, que a conquistára, como toda a região de Genova, em 1792 e cujas fortificações arrasára (1); estas só foram reconstruidas em 1831. Foi esta a primeira e unica viagem que Hercules fez á Italia, «que tanto tempo desconhecêra e á qual mais tarde tanto se affeiçoou, por causa de suas desgraças». São expressões da curiosa e eloquente auto-biographia que elle escreveu, e da qual teremos occasião de, frequentemente, citar trechos n'esta nossa narrativa. De facto, nascido em França, em todo o esplendor da epopeia do Primeiro Imperio, Hercules, e com elle todos os amigos da liberdade e da independencia dos povos, não podia mais tarde contemplar com indifferença a sorte da Peninsula italica, redimida por Napoleão I, mas de novo e cruelmente avassalada pelas armas estrangeiras depois da Restauração de 1814 e 1815, do assassinato de Murat e do Congresso de Vienna, fructos maldictos da maldicta *Santa Alliança* (2).

(1) De sorte que a familia de Hercules Florence, além de franceza de nascimento e de coração, mesmo em territorio propriamente italiano, como Vintimille, nelle residiu sob o dominio francez. Aquellas populações preferiam a annexação ao Imperio Napoleonico a continuar sob o predominio desmantelado de príncipes sem prestigio nem garantia, e sem liberdade. Após a Restauração de 1814 e 1815, tão fatal á Italia quanto á França, como represalia ás sympathias da Costa Ligurica pela França e pelas idéas liberaes implantadas pelo regimen do Codice Civil e da Concordata, a Santa Alliança destruiu a Republica de Genova, « porque o seu governo legitimo era republicano, pondéra Hercules, ao passo que o Congresso dos Reis, sem duvida pelo seu amor pela legitimidade, tinha conservado a mais pequena Monarchia da Europa ».

(2) A Santa Alliança, celebrada em Paris a 26 de Setembro de 1815 pelos soberanos da Russia, da Austria e da Prussia

« É em Vintimille, escreve Hercules, que experimentei as primeiras sensações da vida ; ali permaneci apenas pelo espaço de tres annos, e ainda me recordo da casa em que habitavamos, o jardim, fechado por um muro e uma porta dando para o mar ; o ruido das vagas e os passeios de familia ao luar... Desde já me agrada fallar do mar, pois de minha vida sómente tenho saudade do tempo que passei no mar e nos rios da America. Lembro-me, finalmente, da rua de nossa casa, onde se reuniam, aos domingos, povo e magistrados para assistirem ao jogo da pella (*jeu de paume*). O largo e suas duas igrejas, e d'estas uma ornada de pequenas pyramides ; as procissões em que penitentes brancos flagellavam as costas núas ; o chafariz onde eu ir encher garrafas de agua ;... isto tudo está pre-

«em nome da Santissima e Indivisivel Trindade», era um conjuncto de mysticismo, fructo do cerebro doentio de Alexandre, e de reacção odiosa e feroz contra a França, vencida em Waterloo, e sobretudo contra os principios da Revolução Franceza. As consequencias immediatas da Santa Alliança foram o Terror Branco e os morticínios politicos no Meio Dia. Béranger definiu esta negra colligação em uma poesia famosa, *La Sainte Alliance Barbaresque*, cuja primeira copla cantante é a seguinte :

Proclamons la Sainte-Alliance
 Faite an nom de la Providence,
 Et que signe un Congrès *ad hoc*
 Entre Alger, Tunis et Maroc.
 Leurs souverains, nobles corsaires,
 N'en feront que mieux leurs affaires.
 Vivent les rois qui sont unis!
 Vive Alger, Maroc et Tunis!

Certamente similhante espectaculo havia actuar forçosamente sobre o espirito de Hercules, em ordem a impellil-o para um mundo, que, por ser novo, se lhe afigurava melhor...

sente ainda á minha memoria, hoje que tenho 45 annos» (1).

O mar attrahia desde a sua primeira infancia a Hercules Florence, como a tantos outros, heróes e poetas, pensadores e philosophos, attrahira e attrahirá a Grande Azul, «la Grande Bleue», cantada por Pierre Loti e Richepin, Bonnetain e Pierre Maël, La Landelle e Michelet, Paul Arène e Paul Bourget, Guy de Maupassant e Maizeroy—depois de Homero, Xenophonte e Virgilio; o mar, que produziu Jean Bart e Duguay—Trouin, Surcouf, Christovam Colombo e Jaques Cabot,—os descobridores de mundos e os conquistadores das plagas americanas em nome de seu Deus e de seu Rey.

O Mediterraneo tem attracções irresistiveis. Aquella costa, que se estende de Cannes e do Golpho Jouan, de onde a Aguia Imperial voou com as côres nacionaes até as torres de Notre-Dame de Pariz após o desembarque de 20 de Março de 1815; desde Antibes até São Remo, passando por Villefranche, Monaco, Menton, Vintimille, é um paraíso terrestre, verdadeiro

Jardim da Europa á beira-mar plantado,

a que tambem eu posso e devo prestar o meu preito de homenagem, pois lá foi a

lisa estrada que andei debil infante,
variado jardim do adolescente,
men laranjal em flôr sempre odorante;

e de lá é que, como Hercules Florence, como Etienne Bourroul, aquell'outro explorador audaz, companheiro de Dumont d'Urville na mui famosa viagem de circumnavegação e descobertas nos mares do Sul da cor-

(1) Hercules Florence escreveu a sua autobiographia em francez: alcança até a data de sua partida para a Expedição

veta real *L' Astrolabe* (Abril de 1826 a Abril de 1829) (1), como elles é que vim á terra da Santa Cruz encontrar a

minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite d'estrellas rutilante,
meu vergado pomar d'um rico outono,

o berço de minha esposa e de meus filhos, o scenario de minha agitada e já longa carreira, e que certamente será o

meu berço final no ultimo somno.

O Mediterraneo! a costa azulada e perfumosa, cujas vagas embalavam a Hercules Florence, cujo luar se reflectia «em enormes rochedos negros destacados da praia. . .».

«Je les revois, les villes en fleurs, les ports que dominant de hautes montagnes, tantôt couvertes par les forêts comme d'une ondoyante draperie de velours, tantôt pierreuses et chauves comme des mornes, la

do Consul Langsdorff em 1825. Escreveu tal memoria em 1849; é muito interessante e curiosa, quer pelas reflexões, quer pela narrativa e pelo estylo. Conviria muito mandar imprimir a auto-biographia, já em francez, já em portuguez: e o auctor destas linhas não desespera de, mais tarde, prestar ás Letras o mesmo serviço que prestou o saudoso e illustradissimo Visconde de Taunay, que, como se verá mais adiante, verteu para a lingua vernacula e mandou imprimir a aliás volumosa descripção da Viagem do Sr. de Langsdorff no Interior do Brazil.

(1) Etienne Bourroul veiu, o primeiro da familia, para o Brazil em 1836, mais ou menos. Após elle veiu o seu irmão Celestino; em terceiro lugar o mais moço, Camillo: ambos estes aqui se fixaram, constituiram familia e deixaram descendencia. Os tres eram naturaes de Nice, e por conseguinte conterraneos

route de la Corniche, les îles de Lérins, les bourgs accrochés aux collines, les ermitages entourés de cyprès, les cimetières où la mort ne vous effraye pas, où l'on

de Hercules Florence, de quem foram bons amigos. Etienne regressou para a França em 1849, e lá ficou; fundára com capitães proprios uma loja de fazendas e modas na rua do Rosario, mais tarde da Imperatriz, nesta capital; loja que posteriormente passou para seu irmão Celestino, em virtude de ter Etienne abandonado os seus grandes interesses no Brazil (Carta de Fortunato a seu irmão Hercules, de 29 de Junho de 1851). Como Hercules, era propenso ás viagens longas e ás aventuras em paizes longinquos. De sua viagem de circumnavegação deixou uma Relação, que possuímos, escripta em francez; tem 214 paginas e merece ser publicada. Intitula-se: «Mémoire du voyage de découverte dans les mers océaniques et autres, fait par la corvette du Roy *L'Astrolabe*, commandée par le capitaine de frégate Dumont Durville». — Pela correspondencia de Hercules com a familia, de 1845 a 1854, vê-se o gráu de amizade que existia entre esta e Etienne. — A loja de Celestino Bourroul, onde conhecemos Hercules em 1873, logo após a nossa volta da Europa, era o *rendez-vous* das summidades litterarias e politicas, — lentes, deputados, conegos, etc. — Sobre o São Paulo d'aquelle tempo escreve o Dr. Martim Francisco (*Nemo*):

«Teria a capital da então provincia uma população de quatorze mil almas, quando muito. Abundavam-lhe os pretos e os mestiços indiscutíveis. Exiguo era o elemento estrangeiro, esse portuguez quasi todo. A população da provincia, inclusive a do futuro territorio do Paraná, talvez attingisse a quatrocentas mil almas.

Os largos de São Bento, Carmo e ladeira eram o fim da cidade e o começo dos arrabaldes; n'estes raras vezes duas casas avisinhavam-se por completo. Os muros abusavam do direito de não pagar imposto.

Fóra da cidade, só a Consolação, caminho dos viajantes que demandavam Ytú e Campinas ou d'alli chegavam, revelava alguns traços de vida propria. Junto á ponte do Lorena — nome do governador que a mandára reconstruir por subscripção popular em fins do seculo dezoito, e nome que foi trocado

songe aux glorieuses métamorphoses de la matière éternelle.

«C'est Fréjus, la Romaine... — C'est Saint-Raphael... — Cannes... — C'est Nice; Villefranche; Beau-

pelo de Piques, do de um morador que, resa a legenda, foi rico, faustoso e esmoler — occupava a preeminencia commercial o allemão Loskel, sério e activo, cujas filhas eram geralmente notadas: uma pela gagueira, outra pela belleza.

Caro tem pago a Consolação essa importancia relativa de que gosou ha meio seculo! Cançada, parece que estacionou. O largo da Memoria, esse então é com imperceptiveis alterações o mesmo que eu conheci quando estudante de preparatorios em 1870; o mesmo paredão desenxabido, os mesmos pés de cicuta encostados, sem poder trepar, á pyramide desconso-lada, e até alguns dos moradores que eu comprimentava quando menino! Lá adeante, sim, têm havido soffríveis modificações: augmentou o numero de predios e o antigo collegio Berthé está transformado em palacio que mal lhe mascara o excessivo peso da construcção.

Essa casa veio a pertencer ao boticario Lucio Mannel Felix dos Santos Campello, homem de illustração pouco vulgar, col-laborador e um dos fundadores do *Pharol Paulistano* em 1827, alumno na aula de philosophia que um dos patriarchas da in-dependencia abriira nos ultimos tempos coloniaes (onde o idea-lismo era prégado ás escancaras, segundo apostillas que enri-quecem o meu archivo), amigo intimo do dr. João Baptista Badaró, cujos derradeiros momentos presenciára e me narrou, e liberal exaltado que se retirou inesperadamente da politica, e quasi que da sociedade, em consequencia de aggressão ma-terial que soffreu após uma tentativa de casamento mal succe-dida. A casa de Lucio era o orgulho da gente da Consolação. Apontavam-n'a como emula da do coronel Raphael Tobias na rua Alegre, da damarqueza de Santos na actual rua do Carmo, da do cadete Santos, já então o homem mais rico de S. Paulo, e só lhe reconheciam inferioridade quando comparada á hoje esquecida chacara do Arouche.

.....

lieu; cette route creusée audacieusement aux flancs de la montagne, brûlée, desséchée comme par d'éternels feux de joie, qui surplombe la mer, qui s'enfonce parmi les oliviers comme en d'antiques bois sacrés, qui tra-

A regularidade das procissões era quasi sempre perturbada pelos estudantes. E' exacto que não ia além de duzentos, incluindo os do curral (curso de estudos preparatorios), o numero dos academicos, mas significavam estes um agrupamento relativamente importante em uma população diminuta como era a da capital da provincia. Eram convidados indefectíveis a todas as festas: haviam organizado — e mantido, o que é sempre mais difficil — uma companhia dramatica onde (alguns então, outro mais tarde) gosavam dos applausos da multidão e da curiosidade das moças, representando os *Sete Infantes de Lara*, a *Pobre das Ruínas*, e deliciando a platéa com os versos do *Meirinho* e da *Pobre*, jovens que depois tiveram de representar, na vida politica, papeis mais eminentes, embora tão lucrativos como os que desempenharam nos dois theatrinhos da capital: o do salão dos baixos do palacio do governo, e o theatro novo, que por idoso foi derrubado em 1872, e cujos restos foram arrematados por 100\$000 pelo Chumbinho, velhinho especialista em pequenas cobranças, que provavelmente não os pagou. A entrada era gratis, mas os convites custavam muito empenho e constituíam uma elevada prova de consideração. Martim Francisco, Gavião Peixoto, Aguiar de Andrada, Paulo do Valle (este era o ponto, e interrompia constantemente os ensaios corrigindo e discutindo a prosodia dos actores), o moço João Soares e outros muitos se assignalavam, nesse tempo e no palco, como talentos esperançosos e de apreciaveis tendencias litterarias.

As familias iam a pé ao theatro. Carruagens, apenas duas existiam: a da marquezia de Santos e a do bispo, puchadas por parellhas de burros; guíavam-n'as cocheiros pretos escravos, com chapéus altos, paletots quasi sempre verdes com botões amarellos; traziam os nomes dos patrões.

A viagem para Santos durava dous dias; parava-se no Ponto-Alto e só se chegava ao porto de mar no dia seguinte. Para ir á côrte tomava-se a barca. A barca ou era o *Itambé*

verse des torrents encombrés de pierrailles, où des la-veuses sont accroupies sur des flaques d'eau étroites, des brèches que bouchent les glaciers aux miroitantes roseurs; Monaco...; et enfin, la dernière étape des poitrinaires, Menton...» (1).

Ouçamos agora o nosso biographado, em sua lin-guagem correcta e imaginosa, embora através de nossa pallida traducção: «Por muito tempo lastimeei haver contrahido laços que me fixaram vinte e quatro annos longe desse mar; contradicção de meu espirito, que me fazia sonhar com vastos oceanos a percorrer e praias desertas, ou habitadas por selvagens, a visitar, e que, mais tarde, tornado habitante do Brazil, me fazia ter saudades do Mediterraneo, de seus portos proximos uns dos outros, de suas ilhas, de seus pequenos mares e, sobretudo, dos habitantes de suas praias. O Oceano Atlantico só se me afigura hoje triste solidão, e os quadros de Raynal, esse livro deslumbrante (2) que in-

ou o *Ypiranga*, vapores cuja marcha parecia uma previsão da tranquillidade da celebre canhoneira — Traripe, que andava tres milhas por hora. Tanto como eu e menos do que o Bargossi.

Que gente feliz a de S. Paulo em 1841! dir-se-há exami-nando e corrigindo o que, por distracção e para esvasiar a memoria, estou escrevendo despreoccupadamente á margem de um manuscrito que encontrei nos papeis do finado e vene-rando paulista coronel Joaquim Floriano de Toledo. Gente que pagava poucos impostos, não discutia desfalques, não aturava emprestimos provinciaes-externos, só de longe conhecia a Can-tareira, não estudava fornecimentos, não organisava o partido da lavoura e não padecia dos artigos do dr. Eunapio Deiró! Que gente feliz!»

(1) René Maizeroy, *loco cit.*

(2) O livro do Abbade Raynal, publicado em 1770, teve grande voga no fim do seculo XVIII e nos principios do se-culo actual. Intitula-se: «Histoire Philosophique et Politique

flamava a minha imaginação, mudaram o seu prestigio...

«Avista-se de Monaco a Ilha da Corsega, mas sómente de manhan e no fim do dia quando o tempo é sereno. Ficava satisfeito sempre que eu reconhecia de longe essa Ilha montanhosa; sentia que respirava o mesmo ar que respirára Napoleão na sua infancia; eu era, pois, o seu concidadão. Quando o dia se annunciava bello, o seu berço surgia do Mediterraneo colorido das tintas da Aurora, e as altas montanhas da Ilha pareciam gigantes postados na guarda do berço do Gigante da historia moderna. Hoje habito sob a mesma latitude onde elle morreu e soffro tambem os tormentos do exilio. Singular aproximação, que me faz por vezes reflectir sobre a fortaleza de alma de que precisou Napoleão para sobreviver á maior gloria que um homem podia adquirir. Então, eu me consolo um pouco de que eu, tão fraca creatura, não haja podido

des Etablissements et du Commerce des Européens dans les Deux Indes». Hoje, tal obra perdeu muito de seu valor primitivo. No tomo V o Abbade Raynal trata do Brazil e de seus governos; de suas minas de ouro e diamantes, etc., etc. Estas descripções aqueciam as imaginações fogosas e sedentas de novidades e de saber. Fallando do *governo da provincia de São Paulo* (em 1770!) escreve Raynal com todo o desembaraço: «C'est à treize lieues de l'Océan qu'est la ville de Saint-Paul, sous un climat délicieux et au milieu d'une campagne également favorable aux productions des deux hémisphères. Elle fut bâtie vers 1570 par les malfaiteurs dont le Portugal avait infesté les côtes du Nouveau-Monde. Dès que ces scélérats s'aperçurent qu'on voulait les soumettre à quelque police, ils abandonnèrent les rives où le hasard les avait jetés, et se réfugièrent dans un lieu écarté, où les lois ne pouvaient pas atteindre...»

E por ahí segue o phantasista abbade, a narrar as «atrocidades» dos Paulistas, a quem chama «brigands courageux».

atingir á parte de gloria que, durante vinte annos, se mostrára a meus olhos, em meu exilio...» (1).

(1) Como todos aquelles que nasceram durante a carreira vertiginosamente maravilhosa do Maior Capitão de todos os tempos, era illimitada a admiração de Hercules Florence por Napoleão; e sincera. O mesmo sentimento radicado com extraordinaria força encontramos em Victor Hugo, que mais tarde escreveu *Les Châtiments*.

A' pag. 196 de sua Relação de Viagem, descrevendo a Ilha de Santa Helena e a sua visita ao tumulo de Napoleão, diz Etienne Bourroul: «Le tombeau de Bonaparte est situé dans un vallon verdoyant à environ une demie lieue au-dessous de la maison du général Bertrand. Sa forme est un quarré long à environ deux ou trois pouces de hauteur, entouré d'une balustrade en fer; quelques saules pleureurs ombragent ce simple cénotaphe et semblent se pencher naturellement sur la tombe de Celui dont le génie si aguerri fit trembler toutes les puissances... Quant à sa maison elle est située environ une lieue plus loin, et ne présente rien de curieux ni de remarquable. Les appartements de ce Héros français sont maintenant remplis de bottes de foin pour alimenter les chevaux. Quel sujet de méditation!»

A' margem da pagina que acima transcrevemos do manuscrito de Hercules Florence sobre a Ilha da Corsega lêem-se as seguintes phrases: «Inventarás, como os outros; farás tambem descobertas tão bellas como aquellas desses homens cujo genio o mundo admira; mas inventarás no deserto. As tuas descobertas morrerão como as flôres que nascem e fenecem sem nunca serem vistas por mortal algum, porque colloquei em ti o meu pensamento e quero que sejas uma variedade de meu pensamento. Quero que sejas como o Avanhandava, essa quêda do Tieté que encantou e confundiu teus olhares e que, entretanto, rolou as suas aguas na solidão durante ignotos seculos. Não te queixes: trata sómente de purificar o teu coração e terás o teu lugar no meu universo...»

O pai de Hercules, Arnaldo Florence, fôra grandemente prejudicado na gestão de seu emprego de *percepteur* na pequena cidade de Vintimille. A bondade de seu coração foi a causa de uma ruína quasi total: «as lágrimas dos contribuintes indigentes, a falsidade de outros muitos produziam na caixa um deficit trimestral que recahia sobre elle». Forçoso foi retirar-se então para Monaco, onde a mãe de Hercules possuía ainda algumas propriedades. Ali morreu o honrado cirurgião; Hercules tinha menos de quatro annos. (1807).

Trez eram os seus irmãos: Fortunato, casado com Magdalena Ferry, pertencente a uma familia notavel de Villefranche (1); Paulino, morto no Egypto e Celestina, falecida solteira. O patrimonio era apenas de 6 mil francos.

O avô materno estudára a pintura em Roma; um de seus filhos, Arnaldo de Vignalis, depois de ter ganho o primeiro premio de pintura na Academia de França, tinha sido enviado á Cidade Eterna, onde o seu talento era promissor de esplendido futuro (2). D'elle dizia o

(1) Villefranche conta 5.000 habitantes; dista de Nice menos de uma légua. A cidade é sita entre o mar e o monte Soleia. Era o nosso passeio predilecto, quando collegial no Lycêu Imperial de Nice (1865-72).

E' construida em fórma de amphitheatro e as suas ruas não são sinão escadas. A sua bahia (*rade*) que se contempla a seus pés é a mais bella do Mediterraneo. — Lembramo-nos que em 1871 o *maire* de Villefranche era um Ferry. — Diz A. Lacoste: «Ces jardins de citronniers et d'orangers, ces parterres de violettes en ont fait le lieu d'élection d'une colonie anglaise qui devient chaque année plus nombreuse. Ce pays est parmi tous ceux du littoral un des plus privilégiés».

(2) A «Academia de França» ou «Escôla de Roma» foi creada em 1666 por Luiz XIV sob proposta de Colbert, para faci-

genial pintor David, o auctor do quadro «O Juramento do Jogo da Pella», o artista distinguido pelo Imperador: «Ce sera un sujet.» — Aconteceu, porém, que os tragicos successos de 13 de Janeiro de 1792 em Roma, o assassinato do enviado da Republica Franceza, H. de Basseville (1), a ameaça de novas Vesperas Sicilianas obrigaram Vignalis e todos os seus collegas d'Academia a fugir precipitadamente da Capital das Artes; e refugiou-se em Nice, onde com avidéz se occupou de sua arte; e dava pleno vôo ao seu talento privilegiado, seguro da tranquillidade e da consideração publicas sob

litar aos artistas francezes o estudo das obras primas classicas e as copias dos quadros celebres, por conta do Estado.

(1) Husson de Basseville, litterato e diplomata; um dos redactores do *Mercur National* em 1789; secretario de embaixada em Napoles, de onde foi como enviado da Republica para Roma.

Eis como Michelet descreve o assassinato do representante francez: «Não era sem perigo que se podia arrostar a população de Roma, os barbaros do Transtevero, os vaqueiros das Lagôas—Pontinas.—Basseville chega, com um amigo, um enviado de nossa embaixada de Napoles. Elles vêm logo de chofre tudo preparado para recebê-los. As mulheres queimavam cirios, os homens afiavam as suas facas.

Os nossos Francezes entram intrepidamente, a *cocarde* sobre a orelha, e são de todos os lados recebidos por gritos de morte. Cobertos de injurias, de ameaças indignas, commetteram um golpe de audacia: plantaram sobre o seu carro a bandeira da Republica.—Então, as vias de facto começam, as pedras e os golpes. O cocheiro espavorido põe os cavallos a galope, lança o carro no pateo de um banqueiro francez. Não ha tempo de fechar a porta. A multidão penetra; um cabelleireiro golpêa mortalmente Basseville com uma navalha. Expirou no dia seguinte». *Précis de la Révolution Française*, ch. XV, pag. 311.

a protecção da bandeira franceza, quando uma epidemia o arrebatou aos trinta annos.

Deixou grande numero de quadros e de estudos academicos; e d'estes, não pequena parte foi adquirida por generaes francezes durante o periodo de occupação e por viajantes ricos e amigos das artes. — No antigo palacio Lascaris (1), á rua Direita, em plena Nice Velha, onde se encontram os magnificos *frescos* attribuidos a Jean Carlone, o auctor dos bellos *plafonds* de Genova e do *Duomo* de Milão, puderam por longo tempo ser contempladas as obras do grande pintor niçardo Arnaldo de Vignalis; e talvez ainda hoje lá possam os estrangeiros admirar o que escapou da collecção devida ao seu magico pincel (2).

A familia de Vignalis parece ter sido predestinada

(1) A fachada do palacio Lascaris está ornada de balcões e de todas as florituras da arte italiana desde a éra dos Grimaldi. As Armas dos Lascaris ainda se vêem sobre o escudo da estatua de Minerva que decóra a escada.

A familia Lascaris, que se extinguiu no fim do seculo XVIII, descendia de Theodoro Lascaris, imperador de Constantinopla, que foi desthronado por Miguel Paleologo, em 1260. Depois de sua quéda refugiu-se em Nice, casou a sua filha Irene com Guilherme Grimaldi, Conde de Tende e de Vintimille. Os Lascaris possuiram o Condado de Tende até 1579.

(2) O Museu Carlone (Musée artistique de la rue Saint-François de Paule) contém telas de Vanloo, Mortemart, Clément, etc. Com certeza existem quadros de Vignalis no palacete do Conde de Cessoles—Spitalieri (place Saint-Dominique) e na Villa das Palmeiras, pertencente ao Sr. Gambart, Consul da Hespanha.

Na *Mairie* e em diversas Igrejas ha quadros de Biscarra, Vanloo, Hauser, etc.

às artes: a pintura foi sempre a predilecção de seus membros mais notáveis.

Na antiga Cathedral de Monaco, onde existem os tumulos da familia, vê-se um grande quadro de altar, doado e pintado por Cecilia de Vignalis, mais ou menos em 1500.

Em Monaco ha tambem muitos quadros de João Baptista de Vignalis, entre elles o da *Morte de Alexandre Magno*, que ficou por acabar, mas não deixa de despertar a admiração de quantos o contemplam.

Hercules cresceu d'est'arte n'um meio cheio de quadros e de desenhos; abundavam os paineis, mas escassêavam os livros. Por indole de familia e por tradicção, e desprovido de bens de fortuna, como dissêmos, Hercules não podia deixar de ser propenso ás bellas-artes e entregou-se ao estudo do desenho. «Eu o aprendi sem outro mestre que os modelos que tinha diante dos olhos, e animado pelos amigos de minha mãe; bem longè de pensar então que obstaculos successivos e o meu genio haviam impedir-me toda a vida de ser pintor»



CAPITULO II

Quem não conhece, quem não lêu na sua infancia, na sua adolescencia e mesmo relêu na sua idade madura *Robinson Crusóe*, a sua *Vida e Aventuras Surprehendentes*? — A lucta do homem contra a solidão e contra a natureza, o seu triumpho pela energia do character, o espirito de invenção, o instincto de conservação, a fortaleza de alma e o sentimento religioso, eis a summa da celebre obra de Daniel de Fôe, que Hercules Florence lêu antes de todos os outros livros-romances ou historias; e lêu com avidez, inoculando no seu espirito juvenil e na sua intelligencia precoce a descripção dos actos e as sentenças do heróe abandonado em pleno Oceano, a sós com Deus e com *Sexta-Feira*, combatendo corpo a corpo com todos os elementos revoltos. — Bem superior a Raynal pelo espirito philosophico e pelos dons do estylo, o insigne

puritano, diz Sylvio Roméro, «filho de um povo de navegantes e colonisadores, symbolisou em seu livro o ardor, a energia, a coragem que deve o homem exercer em lucta contra a natureza.—E' uma epopéia *sui generis*, propria dos tempos modernos, industrial, mercantil, rude e honesta, livro que só poderia ser escripto por um Inglez, livro que é uma especie de laço trançado entre os antigos *reis do mar* de que procedem os compatriotas de Cook e Penn e os *yankees* que d'elles descendem» (1).

«Li *Robinson*, nóta o nosso biographado; e fiquei apaixonado pelas viagens e aventuras maritimas. Este gôsto me dêu o da *Geographia*, e passava horas inteiras sobre um atlas bom que nós tinhamos. Não havia um ponto no globo onde eu não pretendesse ir algum dia. O Mediterraneo me parecia muito pequeno e eu apenas pretendia percorrel-o como se percorre um lago do paiz antes de o deixar.»

Entrementes Hercules attingira seus quatorze annos. Era em 1818, em cheio na Restauração bourbonica, trazida nas bagagens da Invasão, comprada a troco da humilhação da França, dos fusilamentos de Ney e Chartran, dos irmãos Faucher, do assassinato de Brune — todos elles glorias do Grande Exercito que, nas dobras da bandeira tricolor encimada pela Aguia de Ajaccio, levára de Paris a Moskow e de Dantzig ás margens do Tejo a civilisação e a liberdade. Era n'aquelle tempo que Alfredo de Musset, na sua immorttal *Confession d'un Enfant du Siècle*, tão bem definira e descrevêra — a *desesperança*.

(1) *Robinson Crusóe*, traducção de Carlos Jansen, 2ª edicç., prefacio do Sr. Dr. Sylvio Roméro, pags. VI.

«Ce fut comme une dénégation de toutes choses du ciel et de la terre, qu'on peut nommer désenchantement, ou si l'on veut, désespérance; comme si l'humanité en léthargie avait été crue morte par ceux qui lui tâtaient le pouls. De même que ce soldat à qui l'on demanda jadis: «A' quoi crois-tu?» et qui le premier répondit: «A moi;» ainsi la jeunesse de France, entendant cette question, répondit la première: «A rien» (1).

Hercules luctou quanto pôde contra a desesperança, a «molestia dos filhos do seculo». O seu ardor pelas viagens arrefecêra um pouco, graças aos estudos aos quaes se entregára. E si, para ser marinheiro era mister estudar as mathematicas, elle pôz-se a estudar Bezout (2) sem mestre, a *Physica Experimental* de Nol-

(1) Alfred de Musset, *La Confession d'un enfant du Siècle*, I part., chap. I, pags. 15-16.

«Pareille à la peste asiatique exhalée des vapeurs du Gange, l'affreuse *désespérance* marchait à grands pas sur la terre. Déjà Chateaubriand, prince de la poésie, enveloppant l'horrible idole de son manteau de pèlerin, l'avait placée sur un autel de marbre, au milieu des parfums des encensoirs sacrés. Déjà, pleins d'une force désormais inutile, les enfants du siècle roidissaient leurs mains oisives et buvaient dans leur coupe stérile le breuvage empoisonné. Déjà tout s'abîmait, quand les chacals sortirent de terre. Une littérature cadavéreuse et infecte, qui n'avait que la forme, mais une forme hideuse, commença d'arroser d'un sang fétide tous les monstres de la nature». Ibid., pags. 17.

A obra de Musset é o grito de desespero da nova geração, que succedera á do Imperio e enfrentava com as torpêsas da Santa Alliança e da Restauração.

(2) Bezout (Etienne), celebre mathematico. As obras a que allude Hercules foram publicadas de 1770 a 1780 e gearam a seu auctor universal nomeada. Ainda hoje são classicas, mas, por desgraça, pouco estimadas no Brazil, onde,

let (1) e a compulsar os poucos livros de sciencia que tinha á mão; «e desde esse momento o meu espirito principiou a sonhar com machinas hydraulicas, com o motu continuo,—esse problema que se disse quasi ser o apanagio dos beocios. Eu fazia projectos sobre vastos canaes de navegação, que, em letras garrafaes, dedicava á Sua Magestade».

Mas de curta duração foi este retiro espiritual e scientifico; a sua paixão pelas viagens recrudescceu, luctando com a opposição de sua veneranda mãe e das autoridades da cidade, a quem prestava serviços com sua boa calligraphia e com os seus desenhos.

A nostalgia do mar assumiu n'elle taes proporções, que Hercules chegou a adoecer gravemente; e á vista de similhante estado, a opposição materna teve de capitular e, por entre lágrimas e soluços, foi arrancada a tão almejada permissão.

Diminuta era a *esquadra* do principado de Monaco: constava de uma canôa tripolada por dez canoeiros; e no porto, mais provido, de Menton (2) ostentavam-se garbosamente duas ou trez tartanas, d'aquellas de véla

maxime hoje, impéram no ensino das mathematicas, como em geral de todos as sciencias positivas, o pedantismo e a arrogancia ignorante. E' a tal escôla, hoje official, de Augusto Comte & Comp.

(1) O abbade Nollet, professor de Physica Experimental no Collegio de Navarre e nas Escôlas de La Fère e de Mézières. Falleceu em 1770.

(2) O principado de Monaco compunha-se então de Monaco, Menton e Roquebrune.

Estas duas *communas* sacudiram o jugo, aliás suave, do principe descendente dos Grimaldi em 1848; e pertenceram novamente a França após um plebiscito em 1860.

latina de que résa Alexandre Dumas no seu *Conde de Monte-Cristo*. Esta flotilha completa acharia o seu *ne-plus-ultra* no porto de Marselha; e de bom grado Hercules teria feito a volta do Mediterraneo n'uma dessas tartanas; mas as suas vistas eram mais alevantadas e elle já nos disse que o Mediterraneo se lhe afigurava então um pequeno lago, pouco digno de suas aventuras.

Forte da permissão de Madame Agostinha de Vignalis, o «filho ingrato e querido» foi a Nice á procura de um negociante judêu, sem duvida um dos ourives ou banqueiros da rua Direita, o emporio commercial da Cidade Velha; e lhe pediu um lugar de *mousse* (grumete) em algum dos navios que fretava. Justamente havia um disponivel, prestes a seguir para Antuerpia. O judêu acolheu-o bem, offereceu-lhe embarque e uma carta de recommendação para a casa Werbronck. «Contente de poder partir e bastante insensato para conhecer quanto esse homem carecia de senso commum ao offerecer-me procurar emprego em Antuerpia com uma simples carta de recommendação, fiz em poucos dias meus preparativos para essa viagem. A minha mãe deu-me doze luizes (1), o que era o terço da colheita do anno; e deixei o tecto paterno no anno de 1820». Terna e tocante despedida: a mãe e os irmãos misturaram setus prantos, confundiram seus queixumes. Hercules, porém, não derramou uma lagrima, sentindo-se «como que impellido por uma força superior.»

A viagem fez-se sem incidentes dignos de menção. Era uma galeassa de Bremen a nau que levava a seu

(1) Doze luizes, isto é 240 francos, o luiz valendo vinte francos.

bordo Hercules Florence e a sua fortuna. E ante as intemperies dos golphos de Lion e de Gascogne, que o retiveram vinte e nove dias em frente de Algesiras (1) e o maltrataram entre Portugal e Inglaterra, podia confiante dizer ao capitão, que era o homem mais grosseiro e brutal: *Quid times? Cæsarem, (ou Herculem) vehis...* De Nice a Gibraltar a velha galéra gastou dezoito dias, que lhe pareceram dezoito semanas. No mar da Mancha, o capitão errou o caminho, devido ás brumas condensadas n'aquellas perigosas paragens, na altura de Portsmouth. E após ter aportado a Flessingue e observado os diques de Walcheren (2) deu entrada na bacia de Antuerpia.

Chegado áquella grande cidade, a capital mercantil dos Paizes-Baixos, Hercules apressou-se a ir apresentar-se á casa Werbronck. A sua desillusão foi completa e immediata: apêsar da carta de recommendação do rico judêu, não havia emprego para elle. Voltou para bordo, desconsolado e lacrimoso. O capitão, condoido de sua sorte, poz de lado a sua brutalidade do costume e procurou-lhe uma collocação; um empregado do porto o conduz á casa de um pintor, que lhe observou que, em vez de lhe dar um salario, fôra mais natural que se lhe pagasse para lhe ministrar qualquer ensino e occupação. Esgotadas mil tentativas, voltou a si e subitamente tomou a deliberação de regressar ao lar materno. Mas como? Em todo caso, recuperou a per-

(1) Algesiras, cidade forte da provincia de Cadix, Hespanha, no golfo de Gibraltar, de onde se avista ao longe.

(2) Flessingue, cidade dos Paizes-Baixos, provincia de Zelande, na ilha de Walcheren, na embocadura do Hondt. Séde do almirantado; diques e estaleiros de primeira ordem.

dida alegria; e, em companhia do capitão da galera, passou a visitar Antuerpia e os seus monumentos, — a Bolsa, — a Cathedral, cuja torre o surpreendeu pela sua altura descommunal. Entretanto, não lhe causou a menor impressão o celebre quadro da «Descida da Cruz (1): «só vi uma capella obscura, e no fundo um grande quadro obscuro; quanto ao capitão, nem cogitava houvesse existido um Rubens...»

Chegou a hora da partida para a Italia. A sua fortuna eram os doze luizes com que sahira de Monaco. Urgia pagar o capitão; e aquelle dinheiro não chegava. O capitão lhe relevou o que faltava, e ainda lhe deu dois luizes para a sua viagem. — Hercules partiu a pé, o sacco ao hombro. Passou por Bruxellas, viu a fachada gothica da Igreja de Malines (2), a farda branca das sentinellas em Valenciennes (3), a pyramide de Denain; (4) e assim chegou a Paris, em todo o rigor do inverno, no mez de Dezembro. Pernoitou na capital da França; «e no dia seguinte, antes do meio dia, estava a caminho da Italia, com os meus dezeseis annos, e amedrontado pelo primeiro ensaio que acabava de fazer de nossas sociedades; pensando sómente em minha mãe. Apenas

(1) O quadro «A Descida da Cruz» é o mais celebre dos de Rubens e de Notre Dame de Anvers; vasto tryptico executado em 1609.

(2) Importante cidade da Belgica (Anvers), rica e silenciosa; abundantes monumentos religiosos.—Bruxellas dista de Paris 318 kilometros e 45 de Antuerpia.

(3) Cidade do departamento do Nord, a 210 kilometros de Paris.

(4) Esta pyramide é um monolitho de doze metros, em commemoração da batalha de Denain a 24 de Julho de 1712, onde Villars bateu os Imperiaes, os Hollandezes e os Inglezes sob o commando do principe Eugenio.

me lembro das ruas enlameadas por onde passei; dos gelos do Sena; do d'omo dos Invalidos, que avistei de longe; da ponte de Austerlitz; do exterior do Jardim das Plantas e dos boulevards. Com um pouco menos de acanhamento talvez houvesse encontrado recursos em Paris, ao menos me apresentado ao escultor Francisco Bosio (1), cujos parentes conhecia em Monaco, quando fosse sómente para descansar alguns dias e ver um pouco Paris.»

Da capital a Aix (2) foi despendendo o seu segundo e derradeiro luz; e quando chegou á velha cidade da Provence tinha de resto dez soldos, poupados com sollicitudé. Em caminho, gracias á complacencia de um carvoeiro, utilisou-se de sua carroça; encontrou almas boas, que lhe abreviaram as agruras da jornada, ora concedendo-lhe agasalho em seus vehiculos, ora hospedando-o nos albergues (auberges), facultando-lhe a navegação sobre o Rhône, alliviando-o assim de suas dôres e de seus callos. E' verdade que ainda repartiu

(1) Bosio, François Joseph, Barão; escultor francez, nascido em Monaco a 19 de Março de 1769, morto em Paris a 29 de Julho de 1845; discipulo de Pajou; auctor dos baixos-relevos da Columna Vendôme e dos bustos da Imperatriz Josephina, da rainha Hortense (mãe de Napoleão III), de Napoleão I e de muitissimas obras primas, historicas, religiosas e profanas. E' o Canova francez; Carlos X o agraciou com o titulo de Barão.

As amizades e o parentesco da familia de Hercules Florence, como se vê, são todos da élite das sciencias e das artes.

(2) Aix-en-Provence, cidade antiquissima, foi capital da Provence; séde de uma Faculdade e Academia, Arcebispado, etc. etc. A *Aquæ Sextia* dos Romanos.

os seus soldos com «um pobre marinheiro vindo de Brest, cujos recursos eram trez vintens por legoa e a dyssenteria que contrahira em suas viagens ao redor do mundo».

Felizmente em Aix encontrou um parente remoto de Madame Vignalis, o Sr. Hancy, que o recebeu perfeitamente. Ali pôde vender algumas vistas que tinha tirado perto de Douvres; o que lhe rendeu dez francos, que elle aliás não solicitára.

No dia seguinte, rico dos dez francos, proseguiu na sua viagem, «feliz com a frescura do caminho, do bello paiz e do bello céo da Provence». Surgiram-lhe, porém, contratempos com o brusco apparecimento de dois *gendarmes* que lhe exigiram o seu passaporte. Ninguem até então lhe exigira a apresentação do passaporte, que era datado de Monaco, isto é, estrangeiro, e por isso de nenhum valor. Hercules allegou que vinha de Anvers, tinha passado pela Belgica toda, por Paris, pelo Rhodano, por Aix; mas as suas razões não convenceram os dous Pandores, que sem mais nem menos escoltaram o mancebo, dando-lhe as honras que bem dispensava, de suspeito ou, o que é mais grave, de malfeitor em perspectiva.

Chegados ao primeiro posto policial, os dous *gendarmes*, a quem Hercules narrára as suas peripecias, dando com grande precisão os nomes das povoações e das estradas que acabára de percorrer, lhe deram abrigo na estribaria, no meio da palha e dos cavallos; e no dia seguinte condescenderam em dar-lhe a liberdade, sob a condição de lhes pintar o retrato das mulheres: o que elle prometteu.

Tornou a admirar o sol da Provence; transpoz o rio d'Argens; pousou em Brignolles (1), onde lhe

(1) Cidade do departamento do Var, distante 925 kilometros de Paris.

reclamaram novamente o passaporte, que elle apresentou e não suscitou duvidas, até que avistou os montes que abrigam Nice e Monaco....

Inutil accrescentar que a familia o recebeu de braços abertos, como o filho prodigo que volta ao lar estremecido após longa e penosa ausencia.

Imagem agora a distancia que medêa de Antuerpia a Paris, e d'esta capital a Monaco. Foi uma jornada verdadeiramente heroica, de mais de trezentas leguas, emprehendida e levada a bom exito por um mancebo de dezeseis annos, com dois unicos luizes no seu bolso, a pé e de sacco ao hombro, por invias estradas, arrostando mil perigos e no rigor de um inverno a que não resistem as mais robustas organizações!



CAPITULO III

A cruel experiencia por que acabára de passar Hercules Florence, livrou-o por algum tempo do prurido das viagens. Retomára as suas occupações e os seus estudos no remanso do lar. Passou assim dois annos de tranquillidade, mas as tendencias naturaes, o genio instinctivo são irresistiveis; e a cabo d'aquelle tempo Hercules manifestou novamente o impeto de correr o globo. Desta vez não se lhe oppuzeram barreiras; e elle pôde seguir livremente para Nice, apresentar-se ao Consul Francez para fazer parte da Marinha Real. O Consul respondeu que o faria embarcar si tal fosse a sua vontade inabalavel; ponderava-lhe, todavia, que lhe seria melhor e mais vantajoso alistar-se nas fileiras do exercito de terra, porque contava dezenovo annos e na Marinha só podiam ter accesso os nobres e aquelles que sahiam das escólas

de Angoulême (1). Hercules insistiu; e foi acceito como passageiro na galeota franceza *La Torche*, capitão Legouaran, que se achava ancorada no porto de Nice (2) e se aparelhava para fazer-se de véla para Toulon. Antes d'esta segunda viagem, o nosso biographado foi a Monaco despedir-se da familia, «ou antes mais uma vez lhe despedaçar o coração.»—Emfim, *La Torche* levantou ferros, levando a seu bordo o jovem passageiro.

Eil-o em Toulon (3), a contemplar a sua bahia, as suas fortificações, os seus arsenaes e estaleiros, os seus poderosos vasos de guerra. Foi apresentar-se ao commissariado da Marinha para matricular-se, mas as formalidade legaes não foram preteridas: exigiu-se-lhe o acto de consentimento de sua mãe, além de um estado dos serviços de seu pae, certificados e outras

(1) Dois collegios de marinha foram instituidos em Alais e em Vannes em 1786; supprimidos em 1791 foram restabelecidos em Brest e em Toulon por Napoleão I sob o titulo de escolas especiaes de marinha (1810), as quaes foram substituidas (1817) pelo collegio real de Angoulême. Este collegio, depois da creação da escola naval fluctuante de Brest (1821) passou a servir de escola preparatoria. A esta é que allude Hercules.

(2) O porto de Nice não é vasto, mas é perfeitamente seguro e abrigado. Mantém grande commercio de cabotagem com a Corsega, Marselha e Genova e toda a costa intermediaria. Nice, ao tempo de Hercules, contava de 20 a 25 mil habitantes. Hoje conta 97 mil, incluindo a população estrangeira. Dista de Paris 884 kil.

(3) Porto de guerra de primeira classe, bem fortificado, primeiro arsenal maritimo da França, magnifica bahia interior e exterior. A principal praça de guerra do Mediterraneo, desde Luiz XIV.

peças de que não se tinha munido por julgal-as desnecessarias. A preterição d'esses documentos deu em resultado a sua recusa; e ficou em Toulon na mesma situação precaria em que se achára á sua chegada em Antuerpia.

O filho de um negociante a quem apresentára uma carta de recommendação lhe aconselhou escrevesse sem delonga á sua familia, pedindo com urgencia os preciosos papeis; n'esse intervallo, tomaria licções de italiano de Hercules, mediante remuneração. Aguardando a resposta da familia, Hercules procurou emprego; e apresentou os seus desenhos e mappas ao Director da Repartição Hydrographica. «Este mostrou-me cartas topographicas muito melhor desenhadas do que as minhas e sobretudo uma planta de Constantinopla que era tão bem feita que nada vi jámais tão perfeito. O Director me declarou que taes desenhos eram de supranumerarios que tinham apenas a esperança de obter algum dia fracos vencimentos. Tive ainda a idéa de lhe mostrar o meu projecto de uma especie de Noria, que outra coisa não era mais do que o motu-contínuo; não tenho recordação do que me elle disse, mas estou certo que interiormente terá zombado de mim, e com muita razão. Fui vêr igualmente um Coronel de Engenheiros que me deu o conselho de assentar praça...».

Corriam os dias; a resposta da familia não chegava; o dinheiro sumia-se: decidiu-se então a ir a Monaco buscar os appetecidos papeis; o amigo approvou o alvitre e lhe abonou trinta francos. Hercules pôe-se a caminho a pé e no terceiro dia chega a Villefranche (1), entre Nice e Monaco. Evita a passagem

(1) Vide nota 10 do 1º cap.

pela povoação, para não ser reconhecido, e de noite recolhe-se a Beaulieu (1), onde trata com uns pescadores, que lhe alugam um barco que o leva a Monaco, onde salta á terra antes de amanhecer.

Mas, um quarto de legua antes da cidade são inuteis as suas precauções; é reconhecido e ahí vêm a sua mãe, a sua irman e o seu irmão Fortunato, que o recebem nos braços, e logo após muitos amigos.

Obtidos os papeis que fôra procurar (2), separou-se da familia. «Disse adeus á minha excellente

(1) Beaulieu é uma pequena povoação a Leste da península de Saint-yeau, «semé tout le long de la mer de villas délicieuses et de joyeux *cabanons*, où l'on donne rendez-vous le dimanche, pour aller manger sur le pouce la bouillabaisse. . . .» A entrada que corta Beaulieu segue a costa até Genova, por Monaco, Monte-Carlo e Menton.

(2) O passaporte de Hercules, passado pelo Governador Geral do Principado de Monaco, registro 10 n° 95, traz a data de 31 de Julho de 1823. Foi visado pelo sub-prefeito de Toulon em 29 de Agosto do mesmo anno e pelo Consulado de França em Nice a 5 de Setembro.—Transcrevemos do original francez os dous documentos seguintes: «Principauté de Monaco. 2° registre, n° 92. Nous soussignés Consuls de la Ville de Monaco, certifions en faveur de la vérité et à tous ceux qu'il appartiendra que Monsieur Hercule Florence, demeurant en cette Ville, fils du feu Monsieur Arnaud Florence, cidevant professeur de dessin aux écoles de Nice, et professant lui-même ce talent, pour lequel il démontre les plus heureuses dispositions, est un jeune homme d'honneur et de probité; qu'il s'est toujours conduit d'une manière à mériter l'estime et la bienveillance de tous ses concitoyens; qu'aucune plainte ne nous a jamais été portée contre lui, et que sa conduite a été jusqu'à ce jour irréprochable.—En foi de quoi, pour rendre hommage à la vérité et lui donner une preuve sincère de notre satisfaction, nous lui avons délivré le présent certificat pour lui servir et valoir en ce qui de raison. — Fait á

mãe; agora estava resignada e dir-se-hia indifferente. Esta separação devia durar vinte e seis annos, e talvez fosse a ultima, porque no momento em que escrevo ella é quasi octogenaria (1). A minha vida tem sido de vinte annos para cá uma longa expiação. Disse adeus á minha irman, cuja amisade me consola ainda hoje dos odios atrozes de que tenho sido alvo depois.

Fui dormir fóra das portas da cidade, em nossa pequena herdade; meu irmão me acompanhou.—No dia seguinte levantei-me uma hora antes de amanhecer. Meu irmão me disse: «Nós perdemos um irmão no Oriente; quem sabe onde irás habitar ou levar uma vida errante? Onde quer que vás, Deus, que ouve as nossas orações, ouvirá tambem as tuas; nossos votos ao menos serão unidos. Não esqueças jámais um preceito de nossa amavel Religião; o nosso Deus é o Deus da Dôr. Adeus! não esqueças jámais a tua familia».—Parecia presentir a sorte que me esperava, e desde já me indicava que só ha paz no seio do Christianismo».

E' muito tocante e enternecedora esta despedida suprema de dous irmãos, invocando a memoria do outro,

L'Hôtel de Ville de Monaco le 22 Septembre 1820. f. Rey de Villa Rey, Gastaldy Ainé.

«Je soussignée, Veuve Florence, déclare consentir à ce que mon fils Hercule Florence, prenne service dans la Marine de Sa Majesté le Roi de France, persuadée qu'il continuera à bien se conduire, et à mériter l'estime de ses supérieurs. En foi de quoi. Monaco, le 4 Septembre 1823. Veuve Florence.—Vu pour légalisation de la signature de dame Veuve Florence. Monaco, le 4 Septembre 1823. Le Consul de la Ville de Monaco, Saussa».

(1) Isto foi escripto em 1849.—Hercules mais tarde regressou á França e a Monaco para visitar a sua velha mãe, que encontrou octogenaria.

que fallecêra no Egypto ; e confundindo as suas esperanças, os seus votos, pondo toda a sua confiança, o seu futuro, a sua vida e a sua morte debaixo da protecção de Deus, no seio da Religião em que vivêra e morrêra seu pai, sob as azas tutelares da Familia. — «Notre Dieu à nous, c'est le Dieu de la Douleur». E ambos, estreitando se n'um amplexo derradeiro, separaram-se . . .

Fortunato voltou a Monaco ; Hercules subiu a encosta ainda na escuridão ; e quando chegou á aldêa de Turbie, sita no alto da montanha e á beira da grande estrada, o dia despontava, illuminando com os primeiros raios do sol o monte Agel e a Tête-de-Chien.

Existe na Turbie uma velha torre meio destruida, que foi erecta para eternisar a memoria das victorias de Augusto sobre as populações dos Alpes-Maritimos. Esse monumento apresentava em sua fachada uma longa inscripção, referida por Plinio (1).

Ao sopé de Turbie estende-se Monte-Carlo com os seus maravilhosos vergeis ; perto d'ali está o sanctuario de Laghet coberto de *ex-voto* singelo e eloquente attestado da piedade popular. — Hercules sentou-se por entre aquellas ruinas. A aurora descortinava o mais bello espectaculo de sua vida.— Ouçamos seus accentos commovidos ante aquelle deslumbrante painel : «Eu vi a Corsega, as suas montanhas, os seus despeñadeiros, as suas collinas e até os reflexos do Oriente

(1) Em sua auto-biographia Hercules faz uma descripção minuciosa d'este monumento.—Diz que a Turbie teve seu nome d'essa torre e da antiga via romana onde foi construida: *Turris in via*, por corruptela *Turbie*.

e as côres de seus picos. Fixei aquella Ilha, surprehendido de a vêr tão distinctamente. A minha surpresa augmentou quando desviei os olhos para o lado do Leste : vi Caprara e a Gorgona, ilhas que nunca tinha percebido. Via ainda ao Leste da Corsega montanhas quasi imperceptiveis, que deviam ser o prolongamento d'essa Ilha para o Sul, porque não me abalançaria a crêr que fosse a Sardenha. Eu estava sentado sobre o monumento de Cesar, e tinha diante de mim a Ilha onde nascêra Napoleão. Parecia que a minha terra, que eu deixava talvez para sempre, se mostrava mais bella e mais gloriosa, para que nunca perdesse a sua lembrança».

Sempre a imagem do Grande Homem! Ella surgia de continuo á mente de Hercules, quer na sua meninice (1), quer na sua idade de razão, em todos os momentos mais solemnes de sua vida. Quasi ao mesmo tempo cantava o Poeta das *Orientaes* :

Toujours lui ! lui partout ! — ou brûlante ou glacée
Son image sans cesse ébranle ma pensée.
Il verse à mon esprit le souffle créateur.
Je tremble, et dans ma bouche abondent les paroles
Quand son nom gigantesque, entouré d'auréoles,
Se dresse dans mon vers de toute sa hauteur (2).

Hercules lançou um ultimo olhar sobre Monaco, Villefranche et Nice, do alto de Turbie ; saudou uma vez ainda as montanhas da Corsega no horizonte — e tomou novamente o caminho da França.

Chegado a Toulon, foi apresentar os seus papeis ao Commissariado da Marinha, onde não levantaram mais

(1) Vide a nota 9ª do cap. I.

(2) Victor Hugo, *Les Orientales*, XL, *Lui*.

objecções á sua matricula; foi mesmo dispensado do exame sanitario. Recebeu o seu bilhete: estavam afinal cumpridos os seus desejos. Foi para bordo do *Annibal*, (navio de guerra desarmado que servia de deposito dos outros navios), na qualidade de noviço (um gráu abaixo de marujo effectivo, *matelot*) e. o que mais é, num vaso de 74. Triumphava, porém, d'este contratempo; pois elle e mais sessenta companheiros foram destinados á tripolação de outro navio de guerra, *Marie Thérèze*, que bloqueava Barcelona e, uma vez terminada a expedição contra os liberaes hespanhóes, devia dar a volta do mundo. Esta ultima circumstancia influiu poderosamente sobre Hercules para abandonar o *Annibal* e desprezar as exhortações de seu commandante, um digno e generoso official que o tomára de baixo de sua protecção e queria conserval-o juncto a si, collocando-o na administração ou no corpo de engenheiros navaes. O bravo commandante insistiu durante quinze dias com Hercules, fazendo todos os esforços para attrahir o seu affeçoado a outro ramo de occupação na Marinha, mais tranquillã e mais lucrativa. Mas elle ficou surdo a todos os bons conselhos de seu protector; e, apezar de seu precario estado de saude, que, desde a sua infancia lhe havia causado não pequenos padecimentos physicos, partiu no transporte *Le Dromadaire*, em demanda das costas da Hespanha flagelladas pela guerra ateadã por Fernando VII e pela Intervenção de Luiz XVIII moribundo. Commentando este periodo de sua vida, diz o nosso novel marinheiro: «Era assim que eu mesmo renunciava a uma posição em minha patria; e eu era o instrumento do duro Destino que me aguardava na America!»

Não; Hercules não era o juguête do Destino. A

Providencia tem designios insondaveis. Si elle perdeu uma bella posição na Marinha Real de França, veiu encontrar no Novo Mundo mais vasto campo á sua actividade, intelligencia e illustração e prestar ao Brazil, sua segunda patria, serviços tão relevantes que o tornaram um benemerito da Nação.

Não acompanhemos, pois, o nosso biographado em sua desconsoladôra exclamação; e rendamos graças a Deus por ter inspirado ao marujo do *Dromadaire* a resolução de não acompanhar o commandante do *Annibal*.

Já dissemos o que era a Santa-Alliança.

Ella fazia a policia da Europa. Promoveu o Congresso de Troppau em 3 de Outubro de 1820, consequencia do Congresso de 1818 em Aix-la-Chapelle, fructo por sua vez do Congresso de Vienna. — Promoveu o Congresso de Laybach em Janeiro de 1821. Em Outubro de 1822, novo Congresso em Verona, a 20. Todas estas reuniões eram dirigidas contra o espirito de liberdade que soprava sobre a Europa e sobre a propria America: tratava-se de suffocar a *Revolução*. Em Verona tratou-se capitalmente de uma intervenção armada na Hespanha.

Fernando VII fôra coagido a acceitar uma reforma constitucional na Peninsula. Principe covarde e perfido, Fernando tinha entregue o poder a Riego, contra quem aliás açulava surdamente os odios dos fanaticos e dos sectarios do governo absoluto. — A febre amarella, trazida por um navio da Havana, devastava o Norte da Hespanha; e o governo de Luiz XVIII estabeleceu, ao pé dos Pyrenêus, a titulo de precauções sanitarias, um

cordão de tropas, constituídas pouco depois em exercito de observação—protector das insurreições absolutistas da Catalunha, do Aragão e da Navarra e auxiliar do chamado *Exercito da Fé*.

O Congresso de Verona, ao passo que despresava o trafico dos negros, a pirataria, o litigio entre a Russia e a Turquia, a organização da malaventurada Italia entregue aos furores da Reacção, nem prestava ouvidos ás supplicas da Grecia, decidia em principio a intervenção na Hespanha para arrancar Fernando VII ao constitucionalismo que lhe fôra imposto pelo levante de Cadix e restituir-lhe o poder de enforcar e perseguir a seu talante o partido da Monarchia livre dos fanaticos e dos algozes e varrer do sólo peninsular todos os amigos da Liberdade. A França foi escolhida para executar as sentenças do Congresso liberticida; e cem mil homens, sob o commando do Duque de Angoulême, sobrinho do Rei, penetraram além dos Pyrenêus e foram recebidos com ovações indescriptiveis pelos mesmos homens que tinham combatido o exercito imperial de Napoleão I e de Joseph, o verdadeiro exercito libertador de Junot, de Soult, de Masséna.

Os deputados liberaes verberaram com vehemencia a projectada expedição: « Importa saber, exclamou o general Foy, si a facção mystica que governa a nossa França mendigou, como se assevera, juncto aos soberanos reunidos em Verona, a permissão de atacar, começando pela Hespanha, as tribunas, as Cartas e a razão humana! » O deputado Manuel foi expulso da Camara pela força armada; e o exercito francez transpuz o Bidassoa e restabeleceu Fernando VII no exercicio da tyrannia sanguinaria. Immediatamente os supplicios começaram: Riégo, trahido pelo exercito inter-

ventor, foi levado á forca, de costas sobre um burro; os constitucionaes foram victimas de verdadeira caçada, sob o nome de *negros*; felizes os que lograram escapar pela fuga á sanha dos governistas! E, por infelicidade, tantas atrocidades foram commettidas graças á sombra da bandeira franceza... E' certo que não era a bandeira de Jemmapes, de Arcole, de Marengo, de Austerlitz, de Iéna e de Moskowa. Desgraçados os estadistas que polluiram o estandarte dos lyrios, — o estandarte de Joanna d'Arc e de Luiz XIV, de Bouvines, de Marignan e de Rocroy! (1).

(1) O celebre jornalista Armand Carrel, redactor do *Le National*, assim define em artigo de 5 de Septembro de 1830 os 15 annos da Restauração bourbonica, cujo crime capital foi não recuperar o throno de Luiz XVI, sim fazer causa commum com os algozes da França, os vencedores de Waterloo, os carcereiros de Santa Helena:

«O passado governo era antipathico a todos os sentimentos da França. Tinha fundado seu direito sobre crenças mortas. Estabelecera-se sobre os cadaveres de 800.000 de nossos concidadãos. Tinham-lhe sido precisos quatro annos de occupação estrangeira para adquirir alguma solidez, e depois só se sustentára corrompendo uma parte da nação e persuadindo aos soldados que elles não tinham deveres a cumprir como cidadãos. Esse governo, composto de todos quantos tinhamos humilhado, expulso, vencido durante vinte cinco annos, nos temia e nos detestava. Elle sabia que a immensa maioria da nação lhe pagava desconfiança por desconfiança, odio por odio. Governava apenas para defender a sua propria existencia...

«Contra semelhante governo, só havia um procedimento honroso para os corações independentes e uma unica attitude — a hostilidade. A tribuna, os jornaes, o espirito publico estavam completamente accórdes n'este particular... Os antigos conjurados de Pilnitz, os assassinos de nossos generaes e de nossos embaixadores republicanos, os correspondentes dos Congressos de Troppau, de Laybach, de Verona eram estranhos á

A bordo do *Marie Thérèse*, do commando do Sr. Ducamp de Rosamel (1), Hercules tomou parte no bloqueio de Barcelona. Isempto do serviço proprio da equipagem pela sua saude abalada, embora as suas feições apresentassem apparencias de robustez, o commandante o incumbiu de copiar as plantas dos hespanhóes e levantar os planos das fortificações (2). Barcelona, porém, não demorou em capitular; e como diz Hercules: «a Constituição hespanhola acabava de receber o golpe de morte no Trocadéro». De facto, a 31 de Agosto de 1823 a tomada d'este ponto precedia a rendição de Cadix. Reflexão philosophica do nosso marinheiro: «Cumpre notar que quasi todos os officiaes da fragata eram liberaes, mas o soldado obedece por via de regra a seus chefes» (3).

França, estrangeiros tanto pelo coração quanto pelo interesse. Elles não podiam querer a gloria de nosso paiz, deviam temer a sua prosperidade, as suas luzes, o seu poder...»

(1) Claude C. M. du Campé de Rosamel foi official general da Marinha franceza. Grumete aos 15 annos, aspirante em 1792, contr'almirante em 1823, serviu na America do Sul, no Levante, na expedição d'Alger, contra o Bey de Tripoli em 1830. Foi prefeito maritimo de Toulon; vice almirante em 1831; deputado em 1833; ministro da Marinha de 1836 a 1839; e Par de França. Falleceu em 1848 com 74 annos.

(2) Sita na base oriental do rochedo de Monjuigh, coberto de fortificações, Barcelona, a segunda cidade de Hespanha, tem tambem uma cidadella igual em superficie a um terço da cidade. Vasto porto de guerra e de commercio; arsenal maritimo.

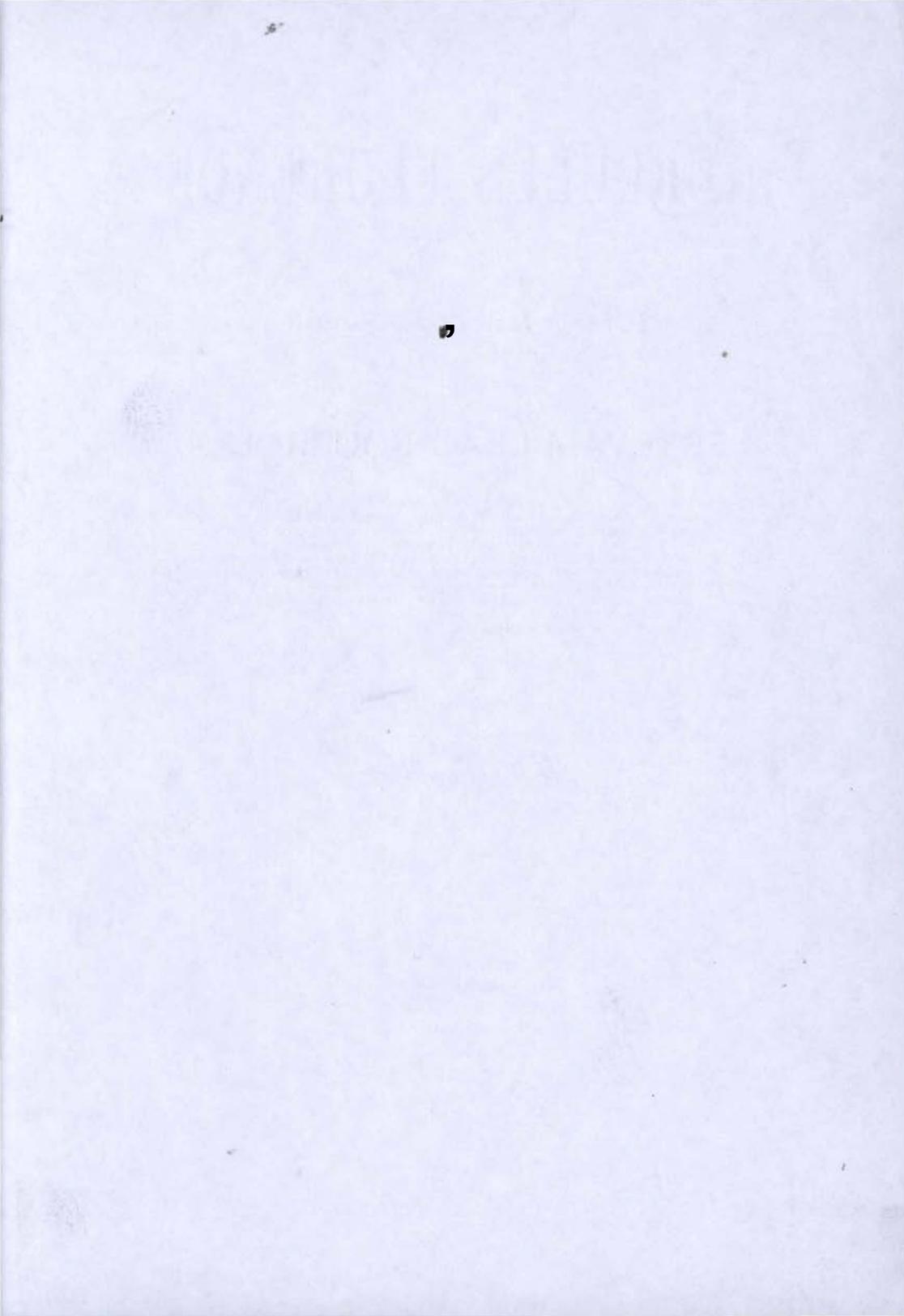
(3) O que diria hoje Hercules da obediencia do exercito brasileiro, si vivesse ainda, e tivesse presenciado o levante de 15 de Novembro de 1889?!

Infandum, regina, jubes renovare dolorem.

A campanha estava terminada ; n'ella tomára parte Hercules pelo espaço de vinte e cinco dias, tempo sufficiente para julgar os homens e as coisas d'aquelle tempo aziago ; o que mais o robusteceu no designio de deixar a Europa. — A fragata regressou a Toulon. O sr. Rosamel seguiu para Paris, onde passou quatro mezes, durante cujo periodo a *Marie Thérèze* se preparava para retomar o alto mar. Não havia certeza absoluta da viagem annunciada ao redor do mundo, unica idéa que obsedava o espirito de Hercules e o fizera embarcar naquelle navio de guerra e assistir ao bloqueio da capital da Catalunha ; fallava-se na estação naval do Oceano Pacifico (1). Permaneceu em Toulon aguardando a partida da fragata; e empregou o seu tempo em fazer alguns retratos e continuar os seus estudos de desenho (2).

(1) Ha varias estações navaes: do Pacifico, do Atlantico, do Mediterraneo, do Norte, etc., commandadas por patentes superiores da armada.

(2) Hercules Florence era um perfeito desenhista. Temos presentes dois numeros do *Globus*, revista alleman publicada em Braunschweig, numeros de 1º e 7 de Janeiro do corrente anno, trazendo curiosissimos e acabados com minucia e elegancia—desenhos de Hercules, representando, com summa nitidez, pírogas com seus tripolantes, homens, mulheres e crianças indigenas, etc. A estes desenhos tão perfeitos acompanha um estudo de Karl von den Steinen, intitulado *Indianerskizzen von Hercules Florence*.





CAPITULO IV

De volta de Paris a Toulon, o Capitão de fragata Du Campe de Rosamel convidou novamente a Hercules Florence para acompanhá-lo na sua viagem. «Venha para a America, lhe disse; poderá desembarcar onde quizer». — Em Fevereiro de 1824 a *Marie Thérèse* levantou ferro, singrando para o Atlantico; e após uma travessia de quarenta e cinco dias (1), durante a qual o mar esteve calmo e o que de mais notavel se offereceu aos olhos do viajante observador foi o Pico de Teneriffe, coberto de neve (2), a capitaneã fundeou na bahia de Guanabara, onde cento e treze annos antes,

(1) Quarenta e cinco dias, em navio de vela. Quando o auctor destas linhas foi para a Europa, em 1869, gastou na viagem do Rio a Marselha, sem tocar em porto algum, na *Berthe*, clipper de boa marcha, capitão Fleury, cincoenta dias.

(2) Teneriffe, a maior ilha do archipelago hespanhol das canarias. O Pico tem de altura 3.710 m.

outro francez, o glorioso Duguay-Trouin, forçava a barra do Rio de Janeiro e, como Hercules, fundeava perto da Armação. A magestade do espectáculo que se offerecia ao recém-chegado o arrebatou. Deixa consignadas as suas impressões nos seguintes termos: «A bahia e seus arredores não ficam em plano inferior a Constantinopla, Napoles e Lisboa. A cidade não lhes é superior, embora mais vasta, pois não se vêm n'ella palacios nem grandes edificios; mas desde vinte annos que a conheço ella tem-se embelezado, e edificam-se todos os annos tantas casas, que, no dizer de um francez esclarecido, o sr. Charles Taunay, ella não tardará em sobrepujar a população d'essas grandes cidades». De resto, «a bahia do Rio de Janeiro é tida como uma das mais bellas do mundo inteiro, sinão a mais bella de todas, como opinam viajantes que têm dado a volta do mundo completo... Phantastico panorama que se desdobra debaixo de nossos olhos e que deixa bem longe atraz de si o de Lisboa» (1).

Continúa Hercules: «Tudo me annunciava que estavamos no Novo Mundo: as pirogas que deslissavam ao redor da fragata, os negros, as fructas que elles traziam, tudo para mim era novo. — Descemos á terra; e a primeira impressão que experimentei foi acompanhada de algo doloroso. Seria porventura um presentimento? A vista desta população variegada de brancos, pretos e mulatos de todas as graduações me entristeceu um pouco. Atravessei o pequeno largo do Capim, onde se açoitava um preto amarrado ao pelourinho. Esta scena me revoltou, pois eu era bisonho

(1) Coppin, «Quatre Républiques de l'Amérique du Sud», c. I, pag. 31-32.

quanto á escravidão. Mais adiante vi a fachada de São Francisco de Paula, onde estava escripto em grossas lettras: *Charitas*; e não pude deixar de maldizer de um povo que affectava tanto a caridade e que açoitava os negros» (1).

No mesmo dia sahiu a procurar emprego em casa de alguns negociantes francezes; e, como não achasse, voltou para bordo e sem intenção de permanecer no Rio de Janeiro.

Ali estava havia um mez e já se julgava em vespuras de affrontar novamente o Oceano e de aprôar para o Estreito de Magalhaens ou o Cabo Horn, quando o commandante De Rosamel lhe apresentou um de seus antigos amigos, o sr. Pierre Dillon, que lhe offereceu um lugar de caixeiro em sua casa de negocio. Aceitou com transportes de alegria e agradeceu effusivamente ao sr. De Rosamel os seus bons officios. Deixou definitivamente o navio e transportou-se para terra no dia 1º de Maio de 1824. Cumpre tomarmos nota desta data, que marca a éra em que o nosso biographado assentou a sua tenda de trabalho no Brazil, onde devia illustrar o seu nome por cerca de sessenta annos, no seio de uma terra que elle adoptou como sua segunda Patria. *Dies albo notanda lapillo.*

(1) Observação de Hercules em sua auto-biographia: «Dir-se-ha que fallo mal dos Brazileiros, ou pelo menos dos Paulistas. Si não querem ouvir duras verdades, não sejam tão avidos de dinheiro; não continúem o trafico dos Africanos, á face de todos os povos, que o proscrevam; dêem uma educação a seus filhos, ensinem-lhes a Religião e a Moral; reflectam que sob o ouro de suas fortunas vê-se-hia o sangue dos negrosos chicotes, as flagellações se perpetuando de gerações em gerações...» Cf. nota 4º do capitulo 5º.

O espirito inventivo e observador de Hercules não se adaptou ao meio acanhado e egoistico de uma loja de modas. Na fragata podia ao menos estudar Bezout e desenhar e dar azas ao seu genio livre e contemplativo. «Si eu tivesse tido vocação para o commercio, o ensejo era propicio para fazer a minha aprendizagem no caminho da fortuna mercantil, pois a casa estava em voga; mas eu era incapaz de semelhante tentativa...». Um anno depois despediu-se de seu patrão, voltando sempre as suas vistas para as aguas do mar tão bellas, tão seductoras e realçadas pela magia da bahia de Guanabara; ás quaes davam um realce encantador e mais attrahente o Pão de Assucar e o Corcovado e a gigantesca serra dos Organs, quaes atalaias vigilantes para impedir a repetição das façanhas dos seus illustres compatriotas Leclerc, Duguay-Trouin e Villegaignon. Teve tentações de se embarcar no *Jean-Bart*, vaso de guerra francez então ancorado no Rio. Mas, no mesmo dia, entrou na casa do sr. Plancher, livreiro edictor: o seu emprego era vender livros, o que se coadunava com as suas inclinações; e lhe sobrava tempo para os estudos.

Hercules não renunciára á sua chimera da Noria hydrostatica. Já tinha mostrado o desenho de sua invenção ao commandante De Rosamel em Toulon, e mesmo ao sr. Dillon. Nutria plena confiança nos seus planos scientificos, fructos de longas cogitações servidas por uma intelligencia aprimorada, que, melhor orientada desde o principio, teria dado ao nosso seculo um dos sabios que mais o honram. Em suas Memorias Hercules volta amiudadas vezes a tratar d'esta idéa. Explica a sua insistencia: «Si fallo d'isto, é porque não vejo em meu plano coisa alguma contraria ao bom senso. N'essa época a que me refiro, minha Noria tinha

passado por uma modificação que, sem a tornar menos inexequível, a apresentava mais engenhosa. D'ella mandei um desenho, acompanhado de uma explicação, ao senhor H. Gestas, Consul de França, que m'o devolveu com uma carta delicada, como sóe acontecer com alguns visionarios. Emfim, mostrei-a a um joven official de engenharia, hollandez, que achou logo a idéa engenhosa, mas sentindo que devia existir um defeito que não podia de prompto conhecer bem, me disse que d'ahi a dous dias daria a sua opinião. Passados os dous dias, me declarou que a minha Noria peccava contra a lei da pressão hydraulica. Esta lei, que á primeira vista pareceu paradoxal a mais de um physico, me surpreendeu muito, e eu puz de lado a minha invenção».

Havia quatro mezes que Hercules estava na livraria do senhor Plancher, quando um bello dia um visinho chamou a sua attenção para o seguinte annuncio n'uma folha fluminense: «Um naturalista russo, tendo de fazer uma viagem no interior do Brazil, precisa de um pintor. Quem estiver nas condições queira se dirigir ao Vice-Consulado da Russia». Esta leitura foi para Hercules como um raio do céu. Foi ao Vice-Consulado; entendeu-se com o senhor Georges-Henri de Langsdorff (1),

(1) O Barão de Langsdorff, de quem vamos tratar nos capitulos subsequentes, nascido em Laisk (Souabia) em 1774, viajou em Portugal em 1797; no Kamtschaka com o capitão Russo Krusenstierw em 1807; foi nomeado pelo governo Russo Consul Geral no Brazil, regressou á Europa, e, em 1825, emprehendeu, ás expensas da Russia, a viagem de que trata Hercules Florence. Era formado em Medicina na Universidade de Goettingue. Deixou publicados os seguintes livros: «Guia para as pessoas que quizerem se estabelecer no Brazil» (1820), «Observações feitas n'uma viagem em torno do globo», 2 vols.; e

barão, naturalista e Consul Geral da Russia, que ia emprender uma excursão scientifica na America do Sul; e foi accedido sem difficuldade, porque aquelle explorador reconheceu no moço que se lhe apresentava confiante um merecimento real e um homem necessario.

Mal expoz a sua nova intenção ao senhor Plancher, este e seus amigos oppuzeram-se com tenacidade a seu projecto, taxando-o de impensado e temerario. Pêla sua indole affavel e docil, pela sua probidade illibada e sobretudo pela affeição (1) que captava *sponte sua*, Hercules grangeára a amisade e a estima do seu patrão e de quantos com elle tratavam. O senhor Plancher fez-lhe propostas vantajosas; nada o demoveu da idéa de acompanhar o senhor De Langsdorff, e uma semana

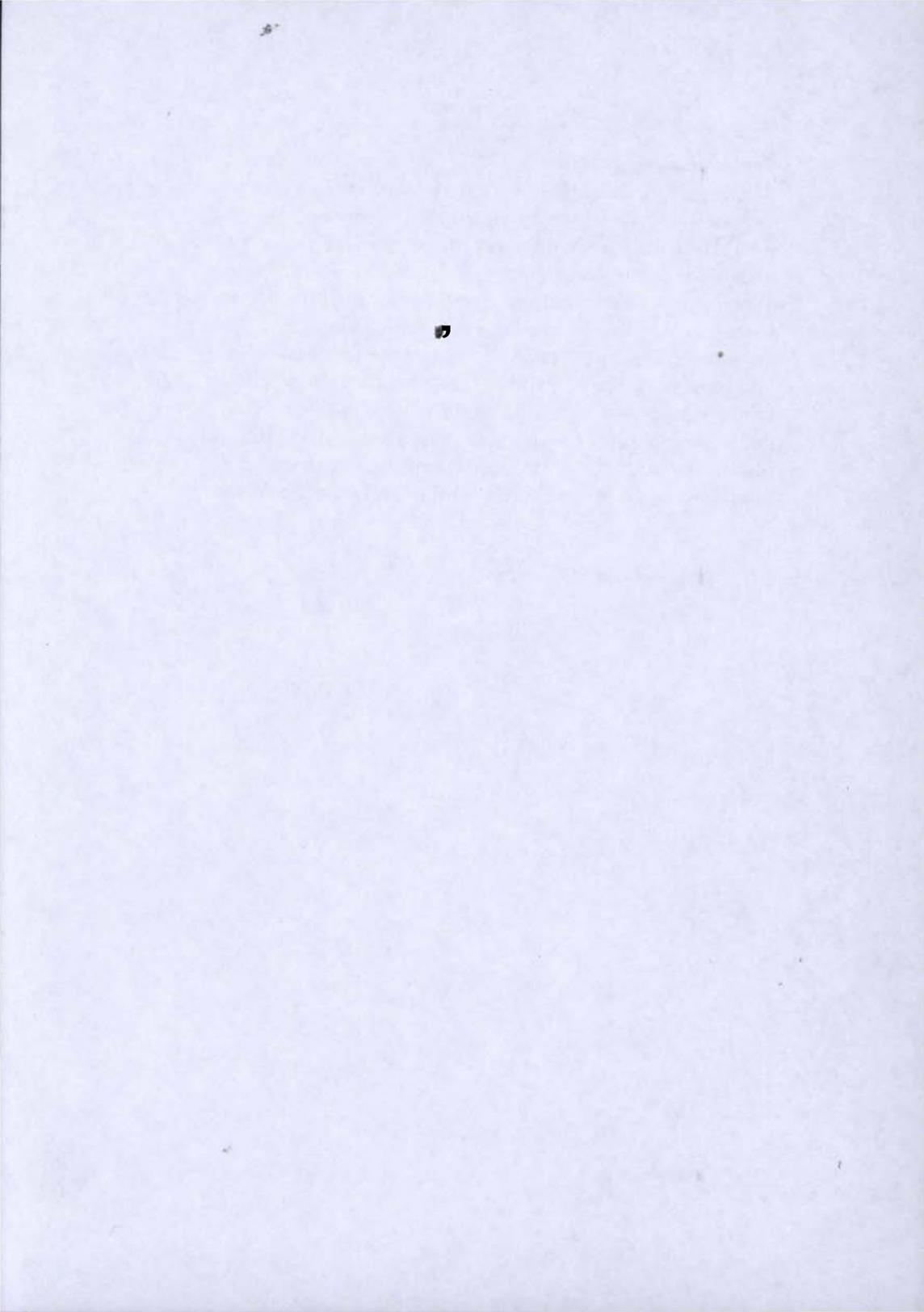
«Plantas recolhidas durante a viagem dos russos ao redor do mundo», 2 vols. Falleceu em 1852, completamente alienado, como veremos.

Não deve ser confundido com o Barão Emilio de Langsdorff, seu parente, nascido em França em 1802 e, foi ministro plenipotenciario no Rio de Janeiro, em Baden e La Haye, fallecendo em 1867. Foi quem fez o pedido official da mão da princeza D. Francisca para o principe de Joinville, filho do rei Luiz Philippe, a 19 de Abril de 1843.

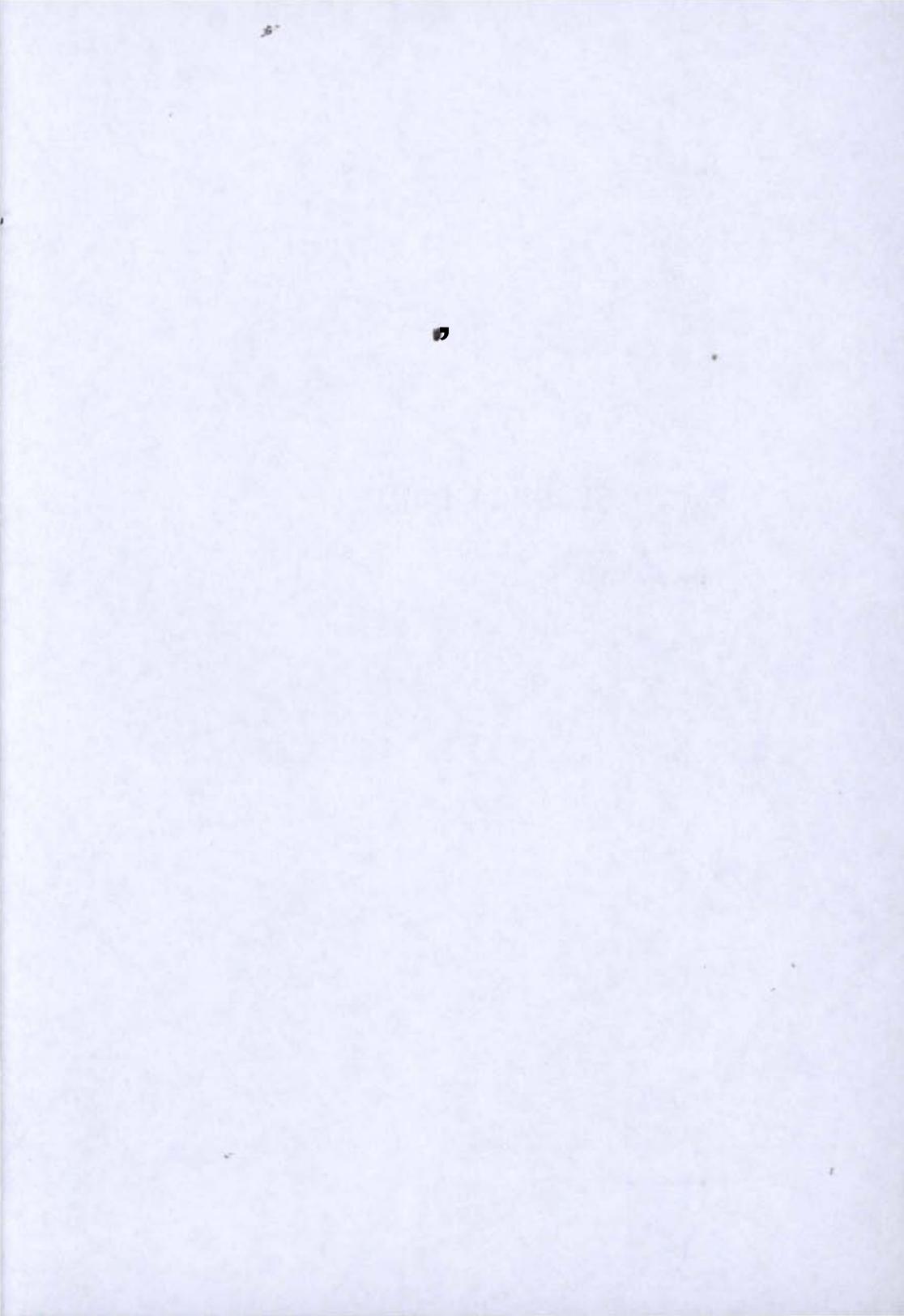
(1) O Visconde de Taunay, em sua importante obra «A Cidade de Matto Grosso (antiga Villa-Bella), o Rio Guaporé e a sua mais illustre victima»,—estudo historico publicado em 1891, dá testemunho, á pag. 21, das «aptidões e do genio brando e affavel» de Hercules.—Faz igualmente justiça a seu estylo «pela singeleza da narrativa, vivacidade de colorido e prudencia de apreciação;... porque o coração do narrador impressionava-se fortemente, identificando-se com a narrativa d'aquillo que o abalava...» Vid. *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, t. 38, p. 1, á pag. 339.

O espirito eminentemente culto e justiceiro do auctor da *Retirada da Laguna* e de *Inocencia* impelliu-o a traduzir o *Esboço da Viagem* do nosso biographado.

depois, deixou a livraria e incorporou-se á commissão do Consul Geral da Russia.---«O senhor Plancher ganhou depois d'isto trezentos mil francos em seis annos, pondéra Hercules; e quando retirou-se para a França vendeu o seu estabelecimento, sem nada receber á vista, a moços que se tornaram ricos e que tiveram successores não menos felizes. Si eu tivesse ficado em casa do senhor Plancher, não me teriam sido precisas muitas aptidões para fazer minha fortuna antes da idade de trinta annos».—Não adduz recriminação nem queixume de especie alguma: é que seu amor á sciencia não conhecia limites; e elle tinha, devéras, o que herdára de seus honrados progenitores — uma alma de Spartano.



SEGUNDA PARTE





CAPITULO I

O Czar Alexandre I, em principios de 1825, encarregou o Barão Jorge Henrique de Langsdorff, Consul geral da Russia no Rio de Janeiro, de organisar uma commissão scientifica afim de effectuar e dirigir uma grande exploração por todo o Interior do Brazil, devendo em primeiro lugar dirigir-se a Matto-Grosso e regressar pelo Amazonas ao Pará. «Além de merecer protecção especial do Imperador Alexandre I, escreve o Visconde de Taunay (1), tinha grande pratica de diurnas viagens e gozava de certa reputação nos circulos scientificos da Europa.» Os seus titulos já referimos no capitulo antecedente. Pelos seus estudos e publicações e pelas suas anteriores arriscadas explorações na Siberia e nos Montes Ouraes justificava elle a escolha de seu amo, apezar de já n'aquelle tempo dar signaes de desequilibrio de suas faculdades mentaes.

(1) Obras citadas na nota 5 do Capitulo IV.

Cumprindo as ordens do Soberano Moscovita, o Barão de Langsdorff tratou de congregar um pessoal idoneo; e assim convidou o botânico Luiz Riedel, cujo nome honra o monumento da *Flora Brasileira*; o official de marinha Rubzoff, astrónomo de nomeada; o conhecido zoólogo Christiano Hasse; e Mauricio Rugendas, pintor de grande merito. A' ultima hora, porém, este desligou-se da commissão, e indicou para o substituir Amadeo Adriano Taunay, artista joven em idade mas de talento comprovado. Adriano Taunay, instado vivamente pelo Barão, aceitou o honroso convite. E antes nunca houvesse cogitado em semelhante expedição! O desventurado e brilhante artista estava fadado para ser a victima de sua dedicação á sciencia, em regiões inhospitas, longe dos carinhos de idolatrada familia.

A essa reunião de summidades veio, como referimos, juntar-se Hercules Florence, na qualidade de 2º. desenhista. E tinha de ser o ultimo sobrevivente e o historiador fiel d'aquella infeliz e audaz expedição (1).

(1) Hercules Florence escreveu a relação da expedição, sob o titulo—Esboço da Viagem feita pelo sr. de Langsdorff no Interior do Brazil, desde Setembro de 1825 até Março de 1829.—Foi traduzida pelo Visconde de Taunay e publicada na *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo 38, parte 1ª e seguintes.—Ha a mesma obra publicada em separado. Na introdução que precede a sua mimosa tradução, escreve o Visconde de Taunay:

«Revolvendo, ha poucos mezes, uns papeis velhos por occasião de uma mudança de casa, tive a fortuna de deparar com um manuscrito de 84 paginas de letra muito miuda, um tanto apagada pela acção do tempo, mas ainda perfeitamente intelligivel. Folheando-o, vi que continha a narração de uma viagem e o puz de parte.—Mais tarde, applicando-me á sua

No dia 3 de Setembro de 1825 partiu a commissão completa do porto do Rio de Janeiro para o

leitura, achei que continha a descripção minuciosa da primeira parte da desconhecida jornada do consul Langsdorff, pois era o diario de um dos membros d'essa expedição.—Outra felicidade tive. O autor d'esse jornal era o sr. Hercules Florence, que conheci pessoalmente quando em 1865 passei pela provincia de S. Paulo, e que, ainda hoje em vida, (1875) reside na cidade de Campinas, onde se estabeleceu e formou numerosa e respeitada familia.—Sem demora, pois, escrevi-lhe, e além das informações que tão digno cavalheiro se apressou em fornecer-me, colhi a grata certeza de que, si os estudos technicos e observações scientificas da commissão se desencaminharam e para sempre desapareceram, a parte pittoresca d'essa longa e curiosa viagem está toda escripta, ornada de mais de 300 desenhos e prompta, ha quinze annos, para entrar no prélo em occasião propicia.—O que li sob o titulo—Esboço da Viagem do Sr. Langsdorff no Interior do Brazil, pelo 2º desenhista da commissão scientifica Hercules Florence,—não é sinão um seguimento de rapidas notas e apontamentos tomados para receberem, em trabalho completo e regular, todo o desenvolvimento desejavel; entretanto n'isso mesmo achei tanto interesse pela singeleza de narrativa, vivacidade de colorido e prudencia de apreciação, que o fui traduzindo desde logo com destino ás paginas da *Revista do Instituto Historico*, a qual sem duvida o receberá com gosto.—E' o livro de um homem de boa fé que relata singelamente aquillo que vê e ouve contar. Seu estylo é despretencioso, sua phrase ingenua por vezes; mas d'essa simplicidade, d'essa mesma chaneza nascem meios sobejos para bem pintar as grandes scenas da natureza, porque o coração do narrador impressionava-se fortemente, identificando-se com a magnitude d'aquillo que o abalava. Cauteloso nos seus menores juizos, abstem-se de referir tudo quanto não parecesse se prender immediatamente aos episodios da viagem. E' o peregrinar de um homem circumspecto e prudente, que busca vêr todos os homens e cousas debaixo do ponto de vista mais favoravel e de accôrdo sempre com o seu sentimento intimo e honesto.

de Santos, conduzindo grande bagagem, n'uma sumaca chamada *Aurora*; e 48 horas depois chegou á cidade de Braz Cubas, onde permaneceu vinte dias.

Hercules, porém, seguiu com alguns dias de avanço sobre os seus companheiros, afim de mandar preparar commodos no Cubatão e contractar com antecedencia algum tropeiro que se encarregasse de transportar para S. Paulo toda a bagagem pertencente á commissão» (1). Navegou em piroga até ao Cubatão, do qual nos deixou interessante descripção, que se lerá opportunamente (2). Do Cubatão subiu a serra de

Lê-se na *Revista Trimensal* do Instituto H. e G., tomo XL, parte 2^a, a pags. 526-527 :

«Proposto para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. Hercules Florence, servindo-lhe de titulo de admissão o trabalho intitulado *Esboço da viagem* feita pelo Sr. Langsdorff no Interior do Brazil, desde Septembro de 1825 até Março de 1829, escripto em francez, e traduzido pelo nosso distincto consocio o Sr. Dr. Alfredo d'Escagnolle Taunay, julga a commissão de admissão de socios o candidato digno do titulo de socio do Instituto Historico e Geographico do Brazil. A narrativa do Sr. Hercules Florence, escripta em linguagem simples e despretenciosa, e com verdade e criterio, dá noticia da longa exploração do Barão Jorge Henrique de Langsdorff, Consul-Geral da Russia no Brazil, que falleceu em sua patria em 1852, tendo seu governo lhe concedido avultada pensão, apezar do máu resultado da viagem.—Sala das sessões, em 9 de Novembro de 1877.—Dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo.—A. M. Perdigão Malheiro.—Dr. João Ribeiro de Almeida».

No mesmo anno de 1877 foram admittidos como socios do Instituto, além de Hercules Florence:—José Maria Latino Coelho, Domingos Soares Ferreira Penna, Dr. Raptista Caetano de Almeida Nogueira e Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello.

(1) *Esboço da Viagem*, pag. 356 da *Revista* cit.

(2) «Cheguei ao Cubatão ás 10 horas da noite e fui acolhido pelo Sr. Eduardo Smith, dinamarquez de nascimento, e

Paranapiacaba e chegou a S. Paulo (1), onde se demorou quatro dias, seguindo para Jundiahy, onde o alcançou a commissão. Poucos dias depois seguiu para Campinas, onde se demorou um mez e meio e de onde

para quem levava cartas de recommendação. No dia seguinte, presenciando a actividade que reinava em Cubatão, conheci quanto é ponto frequentado, bem que não seja mais que um nucleo de 20 ou 30 casas mal construidas. E' o entreposto entre S. Paulo e Santos. Durante os oito dias que lá fiquei, vi diariamente chegar trez a quatro tropas de animaes e outras tantas partirem. Cada tropa compõe-se em geral de 40 a 80 bestas de carga, guiadas por um *tropeiro* e divididas em lotes de oito animaes que caminham sob a direcção de um *camarada*. Acontece que quando muitas d'ellas ali se reúnem, os camaradas se congregam todos para dansarem e cantarem a noite inteira o *batuque*. Gritam a valer e com as mãos batem cadencialmente nos bancos em que estão sentados. Assim se divertem. As tropas, ao descerem de S. Paulo, vêm carregadas de assucar bruto, toucinho e aguardente de canna e voltam levando sal, vinhos portuguezes, fardos de mercadorias, vidros, ferragens, etc. Os productos francezes, como sedas, musselinas, chitas e toalhas de linho, que, em S. Paulo como em todo o Brazil, são muito mais estimados do que os de origem ingleza, têm importação, comtudo, inferior, porque o commercio francez é incomparavelmente menos activo. Outra razão ainda impede maior consumo: sua carestia em razão do grande onus dos impostos de introdução. A quantidade de assucar que annualmente transita pelo Cubatão é avaliada de 500 a 550.000 arrobas.—*Esboço da Viagem*, pags. 357-358.

(1) «Os habitantes de S. Paulo, como em geral os de toda a provincia, são tidos entre os brazileiros por valentes e rancorosos. Com effeito o são comparativamente. Ha exemplos de actos atrozes praticados por paulistas para saciarem a sêde de vingança, sendo quasi sempre mulheres a causa d'essas desordens: Hospitaleiros, francos e amigos dos estrangeiros, são em extremo sobrios, bebem muito pouco vinho e mantêm mesa simples, mas agradável. As principaes comidas são frango, leitão

partiu para Porto-Feliz; ali devia-se accumular toda a bagagem e todas as cargas pertencentes á commissão. — A idéa primitiva, de seguir por terra o caminho de Santos e Jundiáhy a Franca, Uberaba e a Goyaz, com destino a Cuyabá, foi abandonada por motivos de economia: ficou resolvido embarcarem todos em Porto-Feliz e aproveitarem a communição fluvial pelo Tieté que, com a curta interrupção de duas legoas e meia de

assado ou cosido, e hervas, tudo porém acepipado com um condimento que excita o appetite. Não comem pão: em seu lugar usam da farinha de milho ou de mandioca que sabem preparar com pericia, alva como leite, e muito boa ao paladar.— Fui hospedar-me em casa de um parente dos meus dois companheiros de viagem, primeiro tecto brasileiro em que frui as doçuras da hospitalidade e d'ahi por diante tive sempre occasião de reconhecer os cuidados affectuosos e tocantes com que o povo brasileiro exercita este dever de caridade. Sem duvida alguma é elle muito mais hospitaleiro do que em qualquer outro da Europa e ha razão para isso. Aqui a terra produz muito mais alimento do que podem os habitantes consumir. Mesmo no Brazil já não ha hoje nas cidades maritimas tanta facilidade de vida, não só pelo augmento de população, affluencia de estrangeiros, como pelo luxo proprio dos grandes centros. Ha hoteis e hospedarias: no interior é cousa que se não encontra. O viajante sabe que em qualquer parte em que houver um morador, ha de ser por elle acolhido e tratado, não tendo mais do que apresentar-se á sua porta.—*Esboço da Viagem*, pags. 360-361. Cf. a nota 3 ao Capitulo IV.

E' curioso o juízo do Dr. Francisco José de La-Cerda e Almeida. em seu *Diario*, ás pags. 87 e 88 da edicç. de Costa Silveira, S. Paulo, Rua de S. Gonçalo, n. 14, 1841, impresso por ordem da Assembléa Legislativa Provincial:

«Porém o que faz (o paiz de S. Paulo) mais celebre e famigerado é a fidelidade e respeitoso amor, que os seus colonos têm ao seu soberano e a seus amigos; a sua hospitali-

varadouro, leva á Capital de Matto-Grosso. — De Porto Feliz a Cuyabá ha cerca de 550 legoas a percorrer...

Passaram tres dias em Ytú (1). D'esta localidade o chefe da expedição e seus companheiros partiram

dade, liberalidade, cordura, ingenuidade, brio, honra, e valor nas acções militares, em que se têm achado; os importantes serviços feitos ao Estado, entranhando-se por aquelles immensos sertões sem outra bagagem mais que a polvora e a balla, sem outro rumo mais que o do acaso, descobrindo n'elles todas as minas de ouro e pedrarias que possuímos, e que tanto têm enriquecido aos seus posteriores, ficando elles e seus descendentes pobres.—Este é o caracter dos paulistas inteiramente desfigurado por todos os historiadores, que discorrendo por todo mundo, ao mesmo tempo que estão encerrados nos seus gabinetes, tendo por verdadeiras as noticias dadas pelos émulos e rivaes, os capitulam por barbaros, como si o valor, resolução e intrepidez dependessem da barbaridade, e não de animos honrados e ambiciosos de gloria.»—Diario da Viagem do Dr. Francisco José de La-Cerda e Almeida pelas Capitánias do Pará, Rio Negro, Matto-Grosso, Cuyabá, e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790; *loc. cit.*

(1) Austo Rasec (Dr. Augusto Cesar de Barros Cruz) em seu romance original *O Paulista*, publicado em 1895 e impresso nas officinas da typographia do Apostolado, em Ytú, livro este pouco conhecido e ao qual a Imprensa não deu o devido apreço, por não pertencer á grey dos ignorantes empavesados e dos engrossadores sem crenças, nos deu, nos capitulos VII e VIII, de pags. 44 a 59, uma descripção historica da Fidelissima Cidade.—«Ytú quer dizer salto; vêm de duas palavras indigenas: *y*, agua, *tú*, pancada, golpe. E' pois a traducção litteral—golpe de agua—porque n'essa lingua não se emprega em regra a preposição para formar o genitivo; é como na lingua ingleza e outras em que pospõe-se o nominativo ao genitivo. Exemplos d'isso vemos ali perto, na palavra Itá-y-cy, que quer dizer: pedra, agua, mãe; mas a traducção é: mãe da agua da pedra; inverte-se, intercalando a preposição. Vêmos mais adiante Pirá-cy-caba, que quer dizer: peixe-mãe-lu-

para a Fabrica de Ferro de São João do Ypanema, e Hercules dirigiu se para Porto-Feliz, afim de providenciar sobre todos os preparativos da longa jornada: construcção de canoas e outros mistéres de importancia, dos quaes em grande parte dependeria o bom exito da campanha.

Queria o Consul fazer uma digressão pelo Sul da Provincia; mas, havendo sido chamado ao Rio de Janeiro a negocio urgente, segundo Hercules (5), ou levado antes pelo desejo de esperar pelo tempo secco para dar começo á navegação, segundo o V. de Tau-

gar; mas a traducção é: logar da mãe do peixe. Note-se que mãe e pae n'essa lingua indicam abundancia, como se deprehende dos exemplos citados; ali perto estão os campos de Indaiá-tuba, palavra que quer dizer; indaiá-pae, mas traduz-se: pae do indaiá, isto é, abundancia de indaiá. Agora precisamos dizer porque escrevemos Ytú e não Itú. E' que, para exprimir a idéa de agua, os selvagens emittem um som igual ao som do y pronunciado segundo a moda grega, muito diversa da pronuncia de i. Nós em geral não conhecemos esta pronuncia, que envolve uma parte de i, de ã e de u; é uma pronuncia difficil, que não se póde aprender por descripção. Por isso alguns escriptores escrevem *utú*: ouviram os selvagens pronunciar o—y—de modo que lhes pareceu mais *u* do que *i*.—*O Paulista*, romance historico, cap. VII, pags. 48-49.

Folgamos muito de poder reconhecer aqui o merito do romance do Dr. Augusto Cesar; revela grandes conhecimentos dos costumes paulistas nos tempos coloniaes. Si as gravuras deixam bastante a desejar, o estylo singelo, a erudicção e o entrecho prendem a attenção. E por isso, sem embargo dos senões proprios de uma estréa, nós o recommendamos convictamente aos estudiosos e aos amigos da historia e das tradições paulistas. Amar as nossas tradições e cultivar a nossa historia, n'este tempo de decadencia, já tão profligado por Hercules, é um dever—de patriotismo.

1) *Esboço da Viagem*, pag. 365.

nay (1), deixou-se ficar muitos mezes na Côrte, nunca se soube bem porque (2). Deixou em sua ausencia a direcção da commissão ao botânico Sr. Riedel.

Durante a ausencia da commissão e de seu chefe, permaneceu pelo espaço de cinco mezes Hercules em Porto-Feliz, hospedado em casa do cirurgião-mór Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, «homem instruido, de conversação agradável e sentimentos altamente recomendaveis. Sua preciosa convivencia fez-me passar aquelle tempo mui deleitavelmente» (3).

Alvares Machado, «uma de nossas maiores glorias parlamentares e cujo nome com flagrante injustiça anda hoje tão esquecido,» no conceito de Teixeira de Mello (4), nasceu na capital de São Paulo a 21 de Dezembro de 1791, filho do cirurgião-mór Joaquim Theobaldo Machado e Vasconcellos e de D. Maria Alvares da Silva Bueno, esta descendente do grande Amador Bueno da Ribeira, que rejeitou a corôa de Rey de S. Paulo por fidelidade a seu Rey, em 1.º de Abril de 1641; aquelle, descendente por parte de pai de um avoengo do celebre economista João Baptista Say, o qual viera da Europa com o 4.º Conde de Sarzedas, Antonio Luiz de Tavora, 6.º governador de S. Paulo, que tomou conta da Capitania em 15 de Agosto de 1732 e falleceu a 29 de Agosto de 1737 em Tocantins, no arraial das Trahiras, quando, em cumprimento da Carta Régia de 11 de Fevereiro de 1736, ia erigir a Villa Boa de Goyaz.

(1) Introduç. ao *Esboço*, pag. 344.

(2) V. de Taunay, *A Cidade de Matto Grosso*, etc., pag. 21.

(3) *Esboço da Viagem*, pag. 365.

(4) Dr. J. A. Teixeira de Mello, *Ephemerides Nacionaes*, 1881, t. II, pag. 4, 1.ª columna.

Alvares Machado, depois de casado, fixára residência em Porto-Feliz, onde exercia a medicina, sendo reputado como um dos mais habéis cirurgiões de seu tempo. A sua fama era universal na sua residencia, e em toda a provincia e mesmo no paiz; o dr. Ricardo Gumbleton Daunt, muito pouco prodigo de lisonjas, nos referiu uma opinião do Senador Jobim, que foi Director da Faculdade de Medicina do Rio, comparando-o, com superioridade, a Thomaz Gomes dos Santos, formado em Medicina pela Faculdade de Montpellier, onde mereceu ser appellidado a — Estrella do Brazil. (1) — Ha, com effeito, muitos pontos de contacto entre um e outro: Thomaz Gomes, além de medico distincto e professor eminente, era um litterato de apurado gosto e orador eloquente, notavel pela respeitabilidade de seu character e firmeza de convicções politicas; foi liberal moderado e monarchista de coração, um dos membros mais dedicados, mais sinceros e mais considerados de seu partido. (2)

A familia de Alvares Machado compunha-se de sua esposa, D. Candida Maria de Barros, de importante familia ytuaana, senhora dotada de um genio vivo e affavel; de uma filha de onze annos e um filho de dez. O illustre cirurgião e já notavel chefe liberal idolatrava sua filha, em cuja educação se esmerava e

(1) Cf. Lery Santos, *Pantheon Fluminense*, pag. 665. — Carta do Dr. Ricardo ao auctor, de 10 de Fevereiro de 1888. A correspondencia do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt é vasto repositorio de factos e de juizos sobre os homens e as coisas de seu tempo; e admirava a virtude e o character onde quer que os encontrasse. Foi sempre muito affeiçãoado a Hercules, de quem era sincero admirador.

(2) Cf. Lery Santos, obra cit.

a quem dedicou todos os seus cuidados e carinhos de pai extremoso e de cultor da intelligencia e do coração. Era já então a alma do partido liberal e gozava de uma influencia illimitada sobre os habitantes: era o verdadeiro rei em Porto-Feliz, cuja população, aliás, commungava, em sua quasi totalidade, as crenças politicas do eminente cirurgião e pai desvellado e desinteressado amparo da pobreza. E' realmente sympathica a feição com que Hercules nos descreve o seu primeiro encontro com Francisco Alvares; e tocante a intimidade que logo se estabeleceu entre ambos; terna mesmo a descripção dos passeios, das palestras, das confabulações scientificas e litterarias com quem tão de perto conhecia e cultivava os classicos antigos, portuguezes e francezes.

De um manuscripto de Hercules copiamos, traduzindo-as em nossa prosa chilra, as seguintes passagens: «Cheguei a Porto-Feliz; atravessei lentamente a sua longa rua, montanhosa e deserta, calçada de pedra *de grève*; o sol dardejava os seus raios a prumo sobre a minha cabeça. Chego enfim á casa de Francisco Alvares: sahe um homem para me receber; o seu rosto, de côr clara mas descorada; os seus olhos um pouco encovados e cercados de uma tinta violeta, tinham algo rebarbativo; mas seus cabellos pretos annellados sobre uma fronte pallida, onde se lia alguma coisa, temperavam a reserva que o seu olhar inspirava: era o excellent Francisco Alvares. Mal soube quem eu era, soltou uma exclamação de alegria; dei entrada n'uma pequena sala; as suas palavras e as suas maneiras me encheram de sympathia.

Desde este primeiro dia, tratou-me como si eu fosse da familia: livros francezes, instrumentos de

physica, a calma perfeita que se desfructa em uma pequena cidade, e, mais do que isto tudo, a sua privança, a sua palestra variada, viva, agradavelmente mordaz, abraçando tudo; sua casa e seu jardim deitando para uma encosta rapida, em cuja base corre o Tieté; a vista de uma vasta planicie, onde o rio serpêa e foge para o deserto; numerosa sociedade dos bons habitantes d'esta cidade, toda brasileira e liberal — todos os dias, na mesa, e a toda hora, — tudo isto fez de minha estada em Porto-Feliz, uma éra de felicidade de que raramente gozei.

«Tenho saudades d'este tempo; saudades de Francisco Alvares a me recitar Camões, Francisco Manuel, Bocage e outros muitos. Os versos d'estes grandes poetas, de Camões principalmente, tomavam nos seus labios, pelo accento e inflexão da sua voz, um character que despertava em mim uma fibra desconhecida até ahí. Eu tinha lido os melhores poetas francezes, e d'elles só tinha comprehendido o drama, não sentido a poesia, Francisco Alvares me fez amar a poesia portugueza, ou antes, a Poesia; pois foi sómente depois de o haver conhecido que tomei gosto na leitura do Dante, de Petrarca e do Tasso. Lamartine, porém, esse Poeta do Exilio e de toda alma que padece, me revelou mais tarde que a lingua franceza, menos facil quiçá, podia, manejada habilmente, tornar-se, por sua vez, tão ductil e calorosa quanto as linguas do Meio Dia». — Não é curioso este protesto de um compatriota de Napoleão e de Béranger, ao render-se ante as bellezas do immortal Epico Portuguez ?

«Em Porto-Feliz Francisco Alvares já era tido como optimo oculista; e de longe vinham consultal-o sobre operações de cataracta, pupilla artificial, etc. Tanto

ousado quanto habil em todas as operações de Cirurgia e na Medicina, e como acontece não raro a muitos medicos habeis, dotado de um patriotismo ardente, a sua fama e popularidade já avultavam e auguravam a carreira luminosa que percorreu depois como Medico e como Orador Liberal, na Assembléa Nacional do Brazil.»

Hercules descreve em poucas linhas a *cidadezinha* de Porto-Feliz, em 1825. A sua descripção confere com a de outro illustre explorador francez, o insigne Augusto de Saint-Hilaire (1). — O saudoso Paulista e nosso amigo velho, Dr. Cesario Motta Junior, tambem consagrou um estudo interessante sobre Porto-Feliz e as *monções* para Cuyabá. «Primitivamente, escreve este nosso mallogrado amigo, a povoação era conhecida por *Araraytaguaba*. Bandos de aves vinham sempre pousar n'uma grande parede de pedra que se eleva á margem do rio, juncto ao lugar onde presentemente está a cidade; como procuravam os insectos, que se aninha-

(1) Auguste de Saint Hilaire, *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine*, édit. 1851, t. I, ch. VIII, pag. 354-355.

«*Porto Feliz* (le port heureux) a beaucoup moins d'étendue qu'Hytú, et n'a pas été aussi bien bâtie; mais sa position est infiniment plus agréable. En effet, elle s'étend sur une colline au pied de laquelle coule le Tieté; de plusieurs points on découvre la rivière qui serpente dans une vallée profonde, on voit sur ses bords quelques *fazendas*, et plus loin des campagnes couvertes de bois et de pâturages. La colline sur laquelle la ville a été construite s'élève a peu près à pic au-dessus du Tieté; néanmoins, dans un espace peu considérable, elle s'étend, par une pente assez douce, jusqu'au bord de la rivière; c'est l'endroit où se font les embarquements et que l'on appelle le port (*porto*).»

vam nas cavidades, ou o salitre, que ainda hoje se vê ao lado dos tenues fios d'agua, que de espaço a espaço deslisam pela superficie do alteroso paredão, os indigenas acreditavam que ellas comiam a propria pedra; d'ahi o nome dado á localidade, no qual em sua linguagem pittoresca exprimiam este facto. (*Ita*, quer dizer pedra, *guaba*, comer. Segundo Martius a traducção é: Pedra em que a arara come). — A principio simples aldeamento de uma tribu Guyanaz, ia-se incrementando á proporção que o elemento europeu se substituia ao do paiz; tal, porém, o desenvolvimento da freguezia de Nossa Senhora May dos Homens de Araraytaguaba em 1797, que o Governador Antonio Manuel e Castro Mendonça elevou-a a Villa com a denominação de Porto-Feliz. O que, porém, mais contribuia para a sua importancia e desenvolvimento era ser o Porto mais proximo da Capital, e d'onde podiam partir as expedições fluviaes para Matto-Grosso» (1).

Ali, no seio de familia amiga, suaves deslisavam os dias para Hercules. Ali conheceu a distincta moça, filha unica do cirurgião-mór, D. Maria Angelica, a quem soube inculcar tão affectuosos sentimentos, que mais tarde ella o escolheu por esposo. Alvares Machado muito auxiliou a Hercules nos longos preparativos da viagem; graças a elle poude achar sem demora os

(1) *Almanack Litterario de S. Paulo* para 1884, publicado por José Maria Lisboa, VII anno, pag. 131-151. Escreve o Dr. Cesario Motta Junior: ... «Sigo... a Viagem do Consul Langsdorff, escripta pelo segundo desenhista da Commissão o sr. Hercules Florence e impressa na Revista do Instituto Historico, depois de traduzida pelo illustrado sr. Taunay—Sinto sincero prazer em poder render á memoria do distincto sr. Hercules Florence—a minha homenagem: o seu escripto é sobremodo interessante, e muito digno do seu talento».

mestres constructores e os operarios de que precisava. Ao cabo de tres mezes, duas grandes canôas, de cinco pés de largo e cincoenta de comprimento, ficaram promptas; o mais que era preciso tambem se fez (1).

Nos intervallos dos trabalhos, aos domingos e dias santos, Hercules, o cirurgião-mór e sua familia percorriam o municipio e as circumvisinhanças; e não raro o nosso explorador levava as suas excursões até ao salto do Tieté, a uma legua de Ytú. D'esse local faz elle uma descripção deliciosa e breve, que não podemos furtar-nos ao prazer de transcrever.

«Uma legua antes de chegar a Ytú. transpõe-se o Tieté n'uma ponte de madeira. E' o Salto de Ytú. Desde a ponte, o leito do rio se inclina; a agua adquire forte correnteza; esbarra de encontro a rochas esparsas; espuma em torno; espadana branca como neve; precipita-se entre dous grandes massiços e fórma uma primeira quéda de 15 pés de altura mais ou

(1) «Tinham (as canôas) cinco pés de largo, sobre 50 de comprimento e tres e meio de profundidade, feitas de um só tronco de arvore, cavado e trabalhado por fóra, de fundo chato e com pouca curvatura. Esse fundo era de duas e meia pollegadas de espessura, a qual ia diminuindo até á borda, onde não tinha mais de uma pollegada. Uma larga faixa de madeira, pregada solidamente, guarnecia as duas bordas, e bancos deixados no interior das canôas augmentavam-lhes a solidez, além de duas grandes travessas que concorriam para o mesmo fim. Estas embarcações assim construidas são muito pesadas: entretanto, bem que fortes, não podem commumente resistir ao choque nos baixios, quando impellidas pela rapidez das aguas.—Além de uma canôinha, de uso para caçadas e pescarias, arranjei um batelão que, como as duas canôas grandes, levava uma barraca de panno verde armada á pôpa.»

Esboço da V., pag. 365-366.

menos. De continuo se ergue espesso nevoeiro que o vento atira sobre as arvores. Adiante as aguas fervem em curso vertiginoso; em borbotões saltam pelas pedras; se chocam, cachões contra cachões; desfazem-se em liquida poeira; rugem nas margens e alternativamente submergem ou descobrem grandes rochas. E' a imagem eterna do mar em furia» (1).

Alvares Machado e Hercules Florence não viam se aproximar sem pezar o termo de tão arduos trabalhos e de tão doce convivencia. Como dissemos, a distincta filha do cirurgião-mór, e digna de tão illustre pai, soubera inspirar ao coração do artista, sentimentos que até ahí nunca experimentára. — As qualidades, as virtudes de Hercules prendiam tanto a alma grande do pai quanto a sensibilidade da filha. Alvares Machado, então no inicio de sua carreira politica e já no auge de sua fama scientifica, comprehendêra o que ia de egregio e sublime na indole, no character e no talento do desenhista da commissão. Aquelle que devia representar o mais saliente papel como politico e parlamentar, o futuro presidente do Rio Grande do Sul na Reolução de Piratinim, o companheiro e émulo de Rafael Tobias, de Gabriel José Rodrigues dos Santos, de Vergueiro e de Feijó — bem apprehendêra que, sob a modestia e a austeridade de Hercules, se aninhavam os arroubos de uma intelligencia privilegiada e de um genio incomprehendido (2).

(1) *Esboço da V.*, pag. 363.

(2) Do manuscrito transcrevemos mais o seguinte, guardando-lhe a frescura do original: « Nous avons fait plus d'une partie de pêche, plus d'une promenade sur l'eau, et des tournées à la campagne, visitant des familles où, grâce à D. Candida, j'étais admis à l'intimité de l'intérieur, conversant avec

Por seu turno, Christiano Hasse, o zoologo, se apaixonára violentamente pela filha do cirurgião-mór. E este amor não correspondido por D. Maria Angelica ia ter, como se verá, tragico desfecho. Duas victimas fez a expedição do Consul Langsdorff: — uma, victima do dever e do amor á sciencia; — outra, do deus Cupido, cujas settas atiradas aos quatro ventos, serão sempre as causadoras das maiores desgraças, desde Homero até aos nossos grandes e pequenos poetas da actualidade.

les jeunes filles de la maison, et cela, contre l'usage du pays, qui interdit rigoureusement l'entrée, à moins qu'on ne soit très-connu de la famille.—Jamais je ne m'étais vu si libre de mon temps, et je donnais cours à ma paresse: Francisco Alvares faisait tout pour moi, aidé qu'il était de tout le monde.»

O manuscripto de onde extrahimos este e outros trechos é um documento precioso; e contém desenhos e vistas tomados *à vol d'oiseau*, que merecem ser conservados e transmittidos á admiração de quem porventura ainda cuide de assumptos intellectuaes e scientificos, em uma quadra de desanimo, abatimento e desolação.



CAPITULO II

A commissão deixára, como vimos, o porto do Rio de Janeiro em 3 de Setembro de 1825. Entretanto foi sómente em 22 de Julho de 1826, dez mezes depois, que a sumaca *Aurora* fez-se de véla para Santos, que a Villa de Porto-Feliz viu reunida toda a commissão e poude assistir á partida da *monção* pelo rio Tieté acima. Iam o Consul Langsdorff, os seus companheiros e camaradas renovar as façanhas de Fernão Dias Paes, de João Amaro, de Bartholomeu Bueno, o *Anhanguéra* (1) e outros ousados sertanistas, descobrir as minas de que resavam as chronicas e fazer avançar a civilisação

(1) *Anhanguéra*, quer dizer Diabo Velho. Os indigenas temiam este ousado sertanista, cujos actos de coragem e tyrannia ficaram memoraveis. Só uma vez, diz um escriptor, Bartholomeu Bueno trouxe presos tantos indios, quantos bastavam para povoar uma villa. Elle aterrava aos miseros, promettendo-lhes fazer seccar os rios, como elle fazia ao alcool, pondo-o em combustão diante dos pobres indigenas admirados.—Dr. Cesario Motta Junior, obr. cit. pags. 132.

naquellas longiquas e temerosas paragens? Mystério profundo, que desvendaram, é certo, os sertanistas de Piratininga, de Ytú e de Sorocaba, e que ao espirito dos novos exploradores se erguia como medonho ponto de interrogação, a emergir das aguas encachoeiradas dos caudalosos rios por atravessar, sem comtudo aterrar tão distincto conjuncto de notabilidades scientificas.

Eis como Hercules descreve a partida da monção:

«Acompanhados de Francisco Alvares, sua familia, o capitão-mór (1) e o juiz, dirigimo-nos para o porto, onde achámos o vigario paramentado com suas vestes sacerdotaes, afim de abençoar a viagem, como é costume, e rodeado de grande numero de pessoas que viéra assistir ao nosso embarque. Os parentes e amigos se abraçavam, despediam-se uns dos outros.

(1) Os capitães-móres foram de duas ordens distinctas, e representaram duas épocas na historia das Capitánias. A primeira é a dos capitães-móres loco-tenentes dos donatarios, verdadeiros delegados d'estes, e por elles providos e munidos de procurações com os respectivos poderes.—Eram providos por tres annos e sua jurisdicção estendia-se a todas as possessões da Capitania, concorrendo com o Senado das Camaras e de harmonia com ellas acudiam com providencias em todos os casos graves, *levantando bandeiras para conquistas* dos indios, etc.—A segunda época começou quando cessou a primeira. (1708)—Méros instrumentos do absolutismo, a sua jurisdicção limitava-se á povoação em que residiam; superintendiam exclusivamente os negocios policiaes, militares, recrutamento, etc. (Manuel Euphrasio, *Apont. Hist. e Geogr.*)

Conserva-se em Porto-Feliz tradicionalmente a idéa do temor e respeito que esta auctoridade infundia.—O parochio não celebrava missa sem que elle houvesse chegado á igreja; os homens do povo descobriam-se ao passar em frente da sua porta; alguns eram obrigados a tirar os sapatos para entram nas suas salas.—Dr. Cesario M. J., *loc. cit.*, pag. 135.

Dissemos adeus á mulher e á filha de Francisco Alvares e, com este amigo que quizéra vir commosco até os ultimos logares povoados da margem do rio, tomámos lugar nas canôas. Romperam então da cidade salvas de mosquetaria correspondidas pelos nossos remadores e, ao som d'esse alegre estampido, deixámos as praias, onde tive a felicidade de conhecer um amigo, de conviver com gente bôa e affavel e de passar vida simples e tranquilla» (1).

A palheta de Almeida Junior reproduziu na téla a scena descripta pelo sobrinho de Arnaldo de Vignalis: o pintor e o historiador harmonisam-se, para dar o maior realce a um quadro tão suggestivo, e do qual nos deixaram pinturas commoventes aquelles que n'elle tomaram parte.

Já em 1751, o Conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, nos descreve a mesma scena, desenhada por Hercules e pintada por Almeida Junior. Ouçamos o enviado do Conde de Bobadella da Cidade de S. Paulo para a Villa de Cuyabá:

«Embarquei finalmente a 5 de Agosto, havendo antes d'isso ouvido Missa na Freguezia (de Araritagubá) e toda a comitiva: acabada ella, salvou a Companhia

(1) *Esboço da Viagem*, pag. 367.

No manuscrito de que resa a nota 2ª da pagina 70, consta tambem a descripção da partida da Monção. Eil-a; e si trasladamos este e outros trechos em francez, é para provar quanta elegancia e fluencia distinguiam Hercules ao escrever na lingua materna:

« Le 22 janvier 1826, nous descendions la rue de Porto-Feliz pour nous rendre au port d'embarquement. Monsieur De Langsdorff était en uniforme de Consul Général de Russie; nous étions accompagnés de Francisco Alvares et de sa famille; le *Capitão-mór* de la ville en uniforme, le curé et son

de Dragões com trez descargas a Nossa Senhora da Penha, Invocação da dita Igreja. --- Ao desamarrar salvaram outra vez os Dragões a Nossa Senhora com trez descargas, e marcharam as canôas na ordem que tenho dito (1), levando todas bandeiras á pôpa com as Armas Reaes. A que ia na canôa da missão, as levava só de uma parte, e da outra o Padre Anchieta. Acompanharam-me n'este dia até ao outro ao jantar o Juiz de Fóra de Matto Grosso, e outras pessoas mais. Este primeiro rio, a que chamam Tieté, é o mais cheio das cachoeiras e das peiores» (2).

«Determinada a época da monção reúna, o Capitão-

Sacristain, portant le Rituel et le Bénitier, le Juge, un nombreux cortége des principaux habitants, et une foule de curieux de toutes couleurs. L'air retentissait des salves de mousqueterie qui partaient de la ville, et auxquelles nos embarcations répondaient, *car ce peuple est très-enclin à brûler de la poudre*. Arrivés au Port, les rives du Tieté, les rampes, les avenues, étaient couvertes par la foule. Le drapeau blanc, avec croix bleue en sautoir, de Russie, flottait sur nos canaux, arboré à un petit mât planté derrière la baraque de drap vert de la poupe. Au bruit des salves et aux cris du peuple, qui échangeait des direz plaisants avec nos équipages, succéda soudain le plus grand silence: le Curé venait de revêtir le surplis et l'étole; tout le monde mit chapeau bas; le Curé récitait des prières et bénit nos gens, nos canots, notre voyage. A cette courte, mais auguste cérémonie, s'ensuivirent nos adieux, non à Francisco Alvares, qui allait nous accompagner jusqu'à l'entrée du désert, mais à son excellente famille et aux bons habitants de Porto-Feliz».

(1) Relação da Viagem, que fez o Conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, da Cidade de S. Paulo para a Villa de Cuyabá, em 1751; na *Revista Trimensal* do Instituto H. e G. do Brazil, n. 28, Janeiro de 1846. pag. 473—475.

(2) *Id.*, *ibid.*

mór ordenava o recrutamento dos tripolantes; organizado o quadro, tinham estes autorização para tirar das lojas o que precisassem, até uma certa quantia. Junto ao porto chamado geral (1) havia um vasto rancho, no qual eram guardadas as canôas e batelões, sendo estes de grande capacidade, alguns comportavam 500 arrobas de carga. Chegad o dia affluia ao porto enorme multidão de povo. Os camaradas se dividiam em pilotos, sub-pilotos proeiros, remadores ou cargueiros; d'estes muitos não inspiravam confiança, pelo que eram conduzidos acorrentados para as canôas. O Capitão-mór e todas as pessoas gradas da freguezia ali se achavam; o Sacerdote tambem comparecia. Os remadores levantavam em cada canôa os remos em fórma de cruz, o Padre revestido das sagra das insignias procedia á bençam da monção. Tiros, salvas, estrugiam os ares. Os navegantes entoavam uma canção tristemente monotona, e as canôas se afastavam, deixando muitos corações de mãe a estalar de cuidados, muitos olhos rasos de lagrimas, muitos labios a murmurarem orações á Virgem May dos Homens pelo feliz e prompto regresso dos viajantes» (2).

(1) A ladeira do Porto-Geral, em S. Paulo, traz a lembrança do porto que existia ao fim da actual ladeira, banhada pelo rio Tamanduatehy, no local onde está hoje a rua 25 de Março. A chamada Vargem do Carmo e de S. Bento era uma grande ilha, onde os frades de ambos os Conventos e o povo, com licença d'estes, apascentavam o seu gado.

(2) Dr. Cesario M. J., obr. cit., pag. 135—136.

As monções particulares não apresentavam um cortejo tão contristador, que sobre tudo a obrigatoriedade imprimia ás reiunas. — A's vezes eram as monções promovidas por moços que, tendo trazido do Rio Grande do Sul grandes tropas, vendiam-n'as em Sorocaba, e com o seu producto com-

A monção compunha-se de uma canôa, na qual iam o Consul e «uma moça alleman que elle trouxera ultimamente do Rio de Janeiro» (1); de outra canôa, na qual iam os srs. Riedel, Taunay, Hasse e Francisco

pravam os generos para revendel-os em Cuyabá.—Em outras occasiões seguiam familias inteiras, cujos chefes, animados por successos anteriores, não se arreceiavam em associar a seu destino as corajosas companheiras de sua vida; a animação de que então se revestiam, era necessariamente partilhada pelos espectadores, que chegavam mesmo a esquecer que muitos d'aquelles temerarios talvez não mais vissem a terra em que nasceram, ficando sepultados sob as cachoeiras dos rios ou victimados pelas febres, que n'aquellas paragens disputavam aos selvagens o direito de dizimar os aventureiros que as invadiam.—A ultima monção particular de que ha lembrança em Porto-Feliz, foi a de Firmino Ferreira, a qual deixou a mais desagradavel impressão, por causa das circumstancias de que se revestiu. Tendo perdido a mãe nas vespervas da partida, Firmino arvorou o luto nas suas embarcações; lugubre foi a partida, luctuosa a viagem, em que nem lhe foi dado alcançar o seu objectivo: perdida quasi toda a tripulação e cargas, voltou ao ponto da partida, onde veio a fallecer.—A's febres e á insubordinação dos camaradas deveu o m'iu exito de sua empreza derradeira.—Dr. Cesario M. J., obr. cit. pags. 136—137.

(1) *Esboço da V.*, pag. 368. Hercules não refere o «episodio—de feição escandalosa»—narrado pelo Visconde de Taunay.—«N'elle figurou como principal personagem nada menos que o chefe Langsdorf, o qual, acompanhado até ao porto pela melhor gente da localidade e esperado á margem do Tieté pelo vigario, que abençoou, todo paramentado, a expedição embarcada em 32 batelões e canôas, teimou em levar consigo ostensivamente uma moça alleman, de costumes mais que levianos, fazendo-a embarcar antes de todos n'um escaler em que fluctuava á pôpa a bandeira imperial da Russia.—General foi a reprovação...» *A Cidade de Matto Grosso*, pags. 21—22.

Alvares; um batelão, occupado por Hercules e pelo Sr. Rubzoff; mais dois batelões e duas canôinhas. A primeira canôa chamava-se *Perova*, a segunda *Chimbó*: ao todo sete embarcações, tripulado tudo por perto de 40 pessoas (1). Cada embarcação, com excepção das pequenas, trazia arvoradas as côres imperiaes da Russia.

Antes do embarque deu-se o primeiro incidente:

(1) O V. de Taunay, na sua Introducção ao *Esboço da Viagem de Hercules*, falla em duas grandes canôas, tres batelões e duas canôinhas, as mesmas a que se refere Hercules a pags. 366—367. Entretanto, na *Cidade de Matto Grosso, loc. cit.*, falla em 32 batelões e canôas. A primeira versão é que é exacta.—Quanto ao pessoal, diz o nosso biographado: «O guia, um ajudante do piloto, um *proeiro* e sete remadores compunham a tripolação da embarcação do consul, a qual designarei pelo nome de *Perova*, corrupção da palavra india *ipérova*, como chamam a arvore cujo tronco servira para a construcção. O ajudante do guia, um do piloto, um *proeiro* e seis remadores formavam a equipagem do segundo barco chamado *Chimbó*, modificação do legitimo vocabulo indigena *Chimbouva*.—O piloto, um *proeiro* e quatro remadores iam no batelão.—O resto da gente, caçadores, criados e escravos do consul remavam nos batelões e canôinhas, em numero todos elles de 36.—A ordem de marcha era a seguinte: na frente a canôa do consul; logo após o *Chimbó*; em seguida o batelão onde eu estava; depois os barcos menores, formando ao todo uma *monção* de sete embarcações.—Passámos por diante do jardim da casa de Francisco Alvares. Na base de um rochedo haviam estendido um grande lençol branco em que quatro pedaços de panno vermelho figuravam as canhoneiras de uma fortaleza. No alto fluctuava uma bandeira de paz, destacando-se por entre a fumaça das salvas de mosquetaria e foguetes do ar, que, unindo-se aos que partiam de todos os pontos da cidade, eram immediatamente correspondidos por nossa tripolação.»

o Sr. Hasse, o zoologo da expedição, negou-se a seguir viagem, «desculpando-se com a necessidade de effectuar seu casamento com a filha de um dos moradores do lugar; demittiu-se de suas funcções e despediu-se dos companheiros» (1). Era «a filha do nosso amigo, o Sr. Francisco Alvares», escreve Hercules, singelamente (2). O historiador da expedição nada mais adduz; o historiador do tragico fim de Adriano Taunay é mais explicito (3).

Os tiros de mosquetes, os foguetes, os sinos das Igrejas acordaram os échos das margens do rio, das

(1) V. de Taunay, Introduç. ao *Esboço*, pag. 344—345.

(2) *Esboço da Viagem*, pag. 366, *in fine*.

(3) Hercules é aqui de uma iugenuidade *sui generis*, de vida aos escrupulos e á nimia delicadeza de seu magnanimo coração. Pedimos venia para transcrever os topicos do V. de Taunay, em sua *Cidade de Matto Grosso*, á pag. 21: «E, no momento da partida para os sertões, ali se metteu um incidente amoroso, que desfulcou novamente a commissão de mais um membro valioso e teve afinal o mais sinistro desfecho. Violentemente se apaixonára o zoologo Hasse da filha unica do cirurgião-mór Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, morador n'aquella cidade de Porto-Feliz e já então politico influente na provincia de S. Paulo, e ali se deixou ficar afim de pleitear a sua acceitação. Bem recebido pela familia, que se mostrou favoravel ao enlace, encontrou tenaz resistencia por parte da moça, que a todos os argumentos de convicção invariavelmente respondia: «Só me caso com o sr. Florencio.» Mezes depois, o pobre Hasse, completamente desanimado, se suicidou, dando em si trinta e tantas facadas, e, em 1829, o sr. Florencio (Hercules Florence) voltou a Porto Feliz para desposar aquella que se mostrára tão fiel e foi, com effeito, durante largos decennios, a mais dedicada esposa».

mattas e dos campos; e a monção foi-se afastando lentamente...

Eil-as, as toscas naus de borda rastejante,
Na flôr das aguas, naus de estreitos rios quietos;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante,
Para assombros de gloria, o seu vôo de insectos.

Apinham-se na praia os velhos, derramando
De encarquilhadas mãos, inuteis para mais,
A bençam dos que já se sentem bruxoleando
Aos que lhes vão tornar os nomes immortaes.

Mães, deixae que, sonhando, a vista embevecida
De vossos filhos pouose e se illumine e aprenda
N'essa formosa folha em que o livro da vida
Tem rasgos de poesia e proporções de lenda!

Noivas, com os corações envoltos na penumbra
Indecisa do amor que se orgulha e se dóe,
Vinde trazer-lhes vosso olhar de que resumbra
Saude pelo amante e enlevo pelo heróe...

Ao largo, emfim! Clarins e businas atroam.
E as canôas, na luz da manhan côr de rosa,
Pairam por um momento em pleno rio; aproam
Para o sertão. E rompe a marcha vagarosa.

Nos barrancos, até rente d'agua investidos
De filhos a sorrir e de mães a chorar,
Lancem as frouxas mãos e os olhos commovidos
O derradeiro adeus e o derradeiro olhar...

Longe, na solidão do campo undoso e verde,
O rio serpenteia. Em cada contorção
Mais se afasta. E a fugir, pouco a pouço se perde...
No magestoso, vago, infinito sertão.(1)

(1) VICENTE DE CARVALHO—*A Partida da Monção.*

Depois de legua e meia de viagem, ao pôr do sol, fez-se *pouso*; Francisco Alvares ali despediu-se da commissão; mas, attenta a curta distancia da Villa, convidou-a para passar a noite em sua casa. Aceitaram Hercules, Riedel e Taunay. Regressaram, pois, a Porto-Feliz. «Novos abraços e a mais viva alegria» (1). — Era a pousada da despedida: Adriano Taunay não devia mais voltar; Riedel seguiu o seu destino de homem de sciencia; só Hercules, cinco annos depois, ali devia novamente apparecer, para vêr realisado o seu sonho de ventura.

«Novos abraços e a mais viva alegria» ainda aguardavam Hercules. Após dois dias de viagem, durante os quaes poucas leguas se venceram, após a cachoeira de *Itaguaçava* e os rochedos de *Itanhaem*, tiveram a grata surpresa de vêr chegar a mulher e a filha de Francisco Alvares, e mais um suiso de boa convivencia, o Sr. Grêle. Estas visitas os acompanharam na monção; e no dia 30 separaram-se «saudosos e tristes» de Francisco Alvares e da familia e dos amigos que tinham vindo de Ytú dizer adeus á commissão.

«Tanta amisade tinha-nos elle dispensado, tantos serviços prestára á expedição, que o abraçámos com gratidão, promettendo ir visital-o em Porto-Feliz, depois de finda a nossa penosa viagem» (2). — Afastaram-se então da ultima praia habitada (3).

(1) *Esboço da V.*, pag. 369. «Mal pudemos dormir e pela madrugada voltámos ás canoas, quando iam partir».

(2) *Id.*, pag. 372.

(3) O distincto philologo e consciencioso homem de letras, tão modesto quanto illustrado e erudicto, o professor João Vieira de Almeida, nos deixou no capitulo XXVII de sua bellissima

obra—*Patria*—um historico das monções de Cuyabá. Refere-se á monção do Consul Langsdorff e escreve:

«Nessa época, residia em Porto-Feliz, onde exercia a clinica, o notavel brasileiro Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, o mesmo que mais tarde foi deputado geral e enviado do governo imperial, para tractar da pacificação do Rio Grande do Sul, na revolução de 1837.

Esta expedição era a do Consul da Russia, que, por conta do seu governo, andava fazendo explorações e estudos, no centro da America do Sul.

Quem escreveu esta narrativa foi o sr. Hercules Florence, cidadão francez, nascido em Nice, e que ia como desenhista da commissão. Este sr. Florence, mais tarde, casou-se com a filha de Francisco Alvares, de cujo consorcio teve muitos filhos, que ainda hoje vivem no municipio de Campinas e nos circumvisinhos.

Em segundas nupcias casou-se com a notavel educadora, exma. sra. d. Carolina Florence, que dirigiu até pouco tempo um collegio de meninas, em Jundiahy.

D'esse segundo consorcio ainda teve muitos filhos, dos quaes alguns residem hoje n'esta capital, entre os quaes o medico oculista Atalyba Florence, o professor de piano maestro Paulo Florence e o dr. Guilherme Florence, engenheiro, autor de uma notavel descoberta: a applicação do microscopio ao exame dos crystaes de rocha.

Elle e os seus irmãos estudaram na Allemanha».

Segue longa transcripção de trechos do *Esboço da Viagem*, de Hercules.—O sr. Vieira de Almeida assim conclue o seu interessante capitulo: «Estas viagens fluviaes a Cuyabá continuaram até pelos annos de 1836, mais ou menos, em que terminaram, ou porque as febres intermitentes dizimassem as tripolações, ou porque se abriram communicações mais faceis ou mais rapidas, pelo Rio da Prata.—Estas communicações se tornaram mais frequentes, depois que os paquetes a vapor sulcaram as aguas do Paraná e do Paraguay, matando definitivamente as *monções* historicas.»

Si nos fosse licito, recommendariamos aqui, com verdadeiro empenho, a leitura da obra do sr. João Vieira de Almeida—*Patria*. Na *debâcle* geral que leva de vencida a litteratura brasileira, que constitúe hoje, por assim dizer, um dos multiplos ramos do Mercantilismo que tudo avassala, o livro do sr. João Vieira, dedicado á mocidade brasileira, deveria estar em todas as mãos e ser adoptado pelo governo e pelas municipalidades para leituras escolares. Muito superior pelo estylo vernaculo e pela primorosa concepção aos compendios e outras obras de fancaria que mantém a intellectualidade de nossos filhos n'um verdadeiro analphabetismo moral, *Patria* é uma excepção brilhante e, para nós, um consolo: preenche perfeitamente o fim por que clamava o insigne *Michelet* ao pedir e exigir livros para o Povo:

«Qui fera ces livres? Difficulté énorme. Trois choses y sont nécessaires, qui vont bien peu ensemble. Le génie et le charme; ne croyez pas qu'on puisse faire avaler au peuple rien de faible et de fade. Il a un tact d'expérience très fin, très sûr.

Et enfin (quelle contradiction!) il y faudrait la divine innocence, l'enfantine sublimité, qu'on entrevoit parfois dans certaines jeunes créatures, mais pour un court moment, comme un éclair du ciel

O problème! être vieux et jeune tout à la fois, être un sage et un enfant!».—J. MICHELET, LE BANQUET, ch. XI, VI, pags. 211-212.

O sr. João Vieira, tanto quanto possivel em um meio deficiente como este em que nos movemos, realisou o objectivo sagrado do eminente historiador francez. Será a sua honra e a sua gloria, e quiçá a sua unica recompensa.

Acceite o illustre Paulista os nossos effusivos parabens pelo grande serviço prestado á Patria e ás Lettras, n'esta quadra de miserabilidade intellectual e moral de um grande paiz sacrificado pelos *souteneurs* da réles politicagem e pelos *maquevoux* da deshonra nacional!



CAPITULO III

Si a Retirada dos Dez Mil, de que nos falla Xenophonte—Guerreiro e ao mesmo tempo Historiador da excelsa Expedição conhecida por *Anabase* (1); si a não menos meritoria Retirada da Laguna, escripta por um de seus chefes, o inolvidavel amigo de Hercules Florence — Alfredo d'Escragnolle Taunay, litterato, romancista, poeta, compositor, politico, deputado, senador

(1) A *Anabase*, mais conhecida pela *Retirada dos Dez Mil*, é a obra prima de Xenophonte, filho de Gryllos, discipulo de Socrates, natural de Erchia, villa d'Attica, 445 annos antes de J. C.—*Anabase* quer dizer *Marcha ascendente* ou *Expedição na Alta Asia*. Diz H. Taine: «O livro é um jornal de marchas, (diario, como o de Hercules) sem commentarios, o que lhe dá um cunho de verdade notavel. Os Gregos atravessam um paiz cheio de lugares celebres, e essas lembranças derramam sobre a sua viagem singular interesse...»

Cf. H. Taine, *Essais de Critique et d'Histoire*, ch. III. XΕΝΟΦΩΝ, *L'Anabase*, pag. 49-95.

e grande do Imperio (1); -- si a Retirada da Russia, iniciada pelo incendio de Moskow, a Cidade Santa, entrecortada pela passagem do Beresina, glorificada pela gigantesca batalha dos Tres Imperadores em Leipzik e immortalisada pela Campanha de França em 1814, proemio da Ilha d'Elba e dos Cem Dias (2), — si todas estas expedições famosas nos Annaes da Historia Antiga e da Historia Contemporanea são dignas de figurar, esculpidas em caracteres bronzeos, nos monumentos que atestem aos vindouros o heroismo dos Gregos, dos Brasileiros e dos Francezes, — certo não é menos digna de ser rememorada pela Historia sincera, imparcial — e por isso mesmo justa — a expedição do Consul Langsdorff, arroteando invios sertões, navegando rios caudalosos, affrontando Indios selvagens, despertando os échos adormecidos de esquecidas povoações, plantando a bandeira e o nome do Brazil em regiões inhospitas e colhendo trophéos que figuram sem desdouro nos museus de São Petersburgo.

Honra e gloria a Hercules Florence, — que escreveu fielmente, como Xenophonte, como Taunay, como Napoleão, — o Diario de sua expedição; que a illustrou

(1) A *Retirada da Laguna* foi publicada em francez, e impressa, si não nos falha a memoria, em primeiro lugar na *Revue des Deux-Mondes*. Pela descripção narrativa não é inferior a Xenophonte; e lhe é superior pelo sentimento. — Quando no Brazil houver quem trate de litteratura e de historia, a obra do sr. Taunay assumirá grandes proporções; e o seu nome será citado com veneração.

(2) Vide o *Memorial de Sainte-Hélène*. — Já alludimos á admiração que Hercules votava ao fundador da Dymnastia Imperial na França. Vide varias notas aos capitulos anteriores.

com desenhos dignos dos grandes mestres (1); que nos transmittiu, a nós, indignos de receber tão pesada herança, — « a fama de seu nome, o nome de seus herões, os herões de sua immortalidade, a immortalidade de seu patriotismo ! » (2).

No dia 30 de Junho de 1826, após a saudosa e triste despedida do cirurgião-mór Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, de sua familia e dos amigos, a expedição iniciou déveras a sua penosa jornada pelo rio Tieté. Navegaram todo o dia, parando só para tomar refeição. « De manhan, nossa gente almoçava farinha de milho desmanchada em agua fria e assucarada. Ao meio dia abicava-se para jantar. Comia-se a essa hora um prato de feijões feitos de vespera com toucinho e que, depois de aquecidos, misturam-se com farinha de milho. A' tardinha, lá pelo occaso do sol, aprôava-se, e então cada remador desempenhava o serviço que lhe havia indicado o guia para toda a viagem. Uns cortavam arvores, limpavam o terreno que ia ser acampamento, outros buscavam lenha secca para acenderem fogo; outros, emfim, armavam as barracas e suspendiam as rêdes. O cosinheiro preparava sua pannellada de feijões que deviam ser consumidos n'aquella

(1) Taunay allude a 300 e tantos desenhos que illustram o diario de Hercules.

(2) Dr. Brazilio Machado.—Discurso proferido no sarão litterario que, em commemoração do tricentenario de Camões, promoveu o «Club Litterario Portuguez», de S. Paulo, a 10 de Junho de 1880.—S. Paulo, typ. da *Constituinte*, 1880; pag. 5.

hora ou no dia seguinte » (1). Não esqueciam os mosquiteiros, de necessidade imprescindível n'aquella na-vegação (2).

Esta diaria dos viajantes era, não raro, agradavelmente variada pela caça e pela pesca. Assim que, no dia 2 de Julho « o nosso caçador matou um macaco femea, dos que chamam *monos*. O filho que ella carregava ás costas morreu da queda » (3). No dia 5 mataram-se muitas *jacutingas*, especie de gallinaceos, *arâras*

(1) *Esboço da Viagem*, pag. 372.

(2) «Vamos á applicação dos mosquiteiros. Bem sabeis o grande uso que tem n'esta terra a rêde, a qual é a cama mais prompta e mais facil de conduzir: porém, como esta só não basta para livrar das muitas chuvas que necessariamente se apanham em uma travessia tão grande do sertão, como esta, não guarda tambem da immensidade dos mosquitos, que em partes se encontram: para supprir esta falta, inventaram os viandantes d'este caminho o mosquiteiro, que vem a ser uma cobertura de linhagem, ou de outra droga leve, a qual lançam por cima de uma corda, que prendem aos mesmos páos, a que atam a rêde, por cima d'ella dous palmos. Esta coberta chega até ao chão por todas as partes, fechada pelos lados e pelas cabeceiras, deixando-lhes n'estas umas mangas para se enfiarem os punhos das rêdes. Quando chove, cobrem esta machina com uma baêta singela, da largura que baste para alcançar alguma coisa mais abaixo da altura em que a rêde fica, depois de seu dono deitado n'ella.

E' incrível o que isto resiste, ainda nas maiores chuvas, do que eu me não podia capacitar em quanto o não vi: e o vão que fica entre a rêde e o chão serve como de pequena barraca para todos os usos da vida.» *Relação da Viagem* que fez o Conde de Azambuja, etc., já citada, pag. 474-475.

(3) *Esboço da V.*, pag. 373. E acrescenta, como artista: «Desenhei um martim-pescador.»

e *papagaios*, « passaros que figuraram na nossa mesa como caça deliciosa, principalmente a primeira. O que porém leva as lampas em sabor e delicadeza são os patos d'agua » (1).

Transposta a cachoeira de *Banhará*, chegaram á embocadura do Piracicaba, rio quasi tão largo como o Tieté; e ahi perto « começa a *sesmaria* (data de terra, que o governo cede a particulares sob a condição de arroteal-a dentro de seis mezes) de Francisco Alvares: tem trez legoas de costa no rio e uma e meia de fundo » (2). — Attingiram a cachoeira chamada *Ca-*

(1) *Esboço da V.*, pag. 374.—«O aspecto das margens continúa sempre o mesmo. São por toda a parte cobertas de matto alto, denso e sem interrupção. As arvores de tamanho notavel são frequentes. As *figueiras* tomam até grandes proporções, estendendo horizontalmente, como que em latadas, um plano paralelo á superficie das agnas de ramos e galhos, no qual é raro vêr-se uma folha mais inclinada que outra.»— Quanto á mesa:—« Nas praias desenterrámos ovos de tartaruga em abundancia; não faltaram tambem patos do matto nem jacutingas.—Matou-se uma anta. Dizem que a carne d'esse animal faz sahir os humores do corpo, razão pela qual obra como purgante e produz molestias de pelle.» *Ibid.*, pag. 376.—Dia 18. O ajudante do guia que fôra na vespera a um *barreiro* (lugar onde ha depositos de sâes naturaes) fazer durante a noite esperas de antas, matou lá quatro d'esses animaes. Quando amanheceu, um batelão foi buscal-os, mas não trouxe sinão trez, porque a quarta cahira n'agua e desaparecêra. Nossa gente comeu carne a faltar. A abundancia reinava no acampamento; por todos os lados faziam-se assados e *churrascos*. Mandámos moquear uma bôa porção, expondo-a á fumaça de um fogaréo, para poder conserval-as. Só achei comiveis o figado e o coração.» Pag. 280.

(2) *Esboço da V.*, pag. 373. Francisco Alvares, immerso em questões politicas e entregue ao exercicio de sua clinica,

beceira de Uputunduva, muito visitada pelos Indios d'aquella região, porque o rio ahí dá váo. São os Indios *Chavantes*, e inimigos de toda a gente christan (1).— Transpuzeram o baixio que tem o nome de *Gente do-brada do cemiterio*, e a grande cachoeira de *Baririguaçu*; os baixios chamados *Sapé-guaçu*, onde o *Chimbó* e a *Peroba* encalharam n'um recife; aquelle já encahlára em *Uputunduva*; os baixios e a ilha das *Con-gonhas*, onde Hercules admirou dous urubús brancos, ou *urubutingas*, « um dos mais bellos passaros das florestas do Brazil » (2). — Passaram a *Ilha da Morte*,

abandonára aquella grande sesmaria, em que, já n'aquelle tempo, «cultivada por uns pobres roceiros que colhiam milho e feijão, —n'ella só se achavam vestigios de bestas féras.» Aquella área enorme representava grande fortuna... que se perdeu...

(1) «Por vezes tem-se procurado chamal-os: fazem signal com a mão que nada querem comnosco e agitam como ameaça os arcos e flechas. Pelo menos avisam. Entretanto nem sempre obram assim, sobretudo quando sabem que não são presentidos. Convém, pois, não se metter pelo matto a dentro, afim de não desafiar alguma flechada mortal. Ainda ha poucos annos mataram um infeliz remador de uma monção que por alli passava. O desgraçado demorára-se em terra para acender o cigarro, e quando quiz saltar na sua canôa, foi varado por uma flecha: morreu trez horas depois.»—*Esboço da V.*, pag. 374-375.

(2) «O mais formoso sem duvida em côres e plumagens; o aspecto, porém, e os habitos são de legitimo corvo. E' do tamanho de um ganso. Tem olhos grandes e redondos; iris de brilhante alvura; palpebras vermelhas; bico como o dos urubús: comprido, recurvado e de um alaranjado vivo. Abaixo do bico, expande-se uma carancula carnosa que cahe de um lado e de outro, de côr tambem alaranjada. Desde o olho até esta carnosidade, a pelle núa puxa para roxo. Acima da cabeça ha uma parte completamente desnudada, rubra, com pen-

abaixo da qual pousaram, « aproveitando o abrigo de uma alentada figueira » (1); a embocadura do *Jacarémirim*; a foz do *Jacaré-guaçu*. Vararam a cachoeira de *Guaymicanga*, palavra india que quer dizer *cabeça de velha*; a embocadura do rio *Quilombo*, e pouco abaixo, a ilha e a cachoeira do mesmo nome. -- « Ali se haviam antigamente refugiado muitos negros, pois *Quilombo* é palavra que designa o asylo onde elles se reúnem nas mattas. Foram descobertos por negociantes que voltavam de Cuyabá e que, apenas chegados a Porto-Feliz, armaram, por espirito de ganancia, uma expedição com a qual atacaram aquelles infelizes, aprisionando mais de cento e vinte. Amontoados em canôas,

nasinhas tão pequenas e separadas que parecem pellos. Por baixo dos olhos e do pescoço sobem carnuclas unidas e compridas, de um escuro claro e que, em fórma de arco, vão-se ligar ácima da nuca, unindo-se então n'um filete carnoso que desce por traz do pescoco até á base do peito. E' vermelho-claro em cima, preto no meio e amarello em baixo. As côres da cabeça são realçadas por um fundo negro de ebano, que bem se póde chamar a moldura. O pescoço é totalmente desnudado de pennugem. A pelle parece pelle de luvas; o amarello vivo na frente, côr que cambia insensivelmente para vermelho carregado. Esse pescoço nú e tão bem colorido sahe de um collar de pennas acinzentadas que parecem vir das costas e se reúnem no peito, a formarem novamente uma linha de separação que se esbate pouco ácima da barriga. O collar semelha um ornato de mulher. O resto das pennas é branco, excepto nas extremidades das azas, que são pretas. Os pés são brancos.»—Não vos parece lêr Buffon?—E conclue Hercules: «Desculpem-me esta descripção, que não é de naturalista. Creio que no correr d'este despretencioso diario nenhuma outra farei.»—*Esboço da V.*, pag. 376-377.

(1) Vide nota 1 á pag. 89.

voltaram os malaventurados aos pontos em que soffriam o captiveiro » (1). — Continuaram os baixios.

Desceram uma parte do rio que tem o nome de *Morto*, pela tranquillidade inalterada das aguas; transpuzeram a cachoeira de *Avanhandava-mirim*; e ás 3 horas do dia 18 de Julho, viram o nevoeiro de espuma que se ergue do salto de *Avanhandava*. Descreve Hercules o celebrado salto :

« O salto de *Avanhandava* é uma bella e magestosa cataracta. Corta o rio seguindo uma linha obliqua, de modo que a viamos bem de frente. Sua largura póde ser de 300 braças, a altura de 40 pés, o que com a inclinação do alveo, antes e depois da queda, dá os 60 pés entre o porto superior e o inferior. A' direita vêm-se as aguas se precipitarem entre a margem umbrosa, uma ilhazinha coberta tambem de arvores e uns grandes penedos. Formam-se, pois, duas gargantas por onde atiram-se as massas liquidas em tal agitação e revolvimento de espumas, que densas nuvens de vapores se erguem como neblina cerrada. As aguas que cahem pelo lado do grande massiço de rocha não são tão revoltas: milhares de cascatinhas, divididas por pontas de rochedos, constituem um amphitheatro de pedra riscado por fios d'agua, alva como neve. — O grande massiço não se prende á margem esquerda. De permeio a elles

(1) «Foi-nos o facto contado pelo guia. Em Porto-Feliz haviam-me narrado outro tão semelhante que podia-se crêr ser o mesmo; mas esse quilombo estava junto ao Paranapinema que corre para N. O. pelo paiz dos *Chavantes*. Contarei esta historia no fim do diario.

Talvez sejam com effeito dous successos differentes um do outro.—*Esboço da V.*, pag 378-379.

fica uma ilha, e no intervallo lançam-se, espumantes e furiosas, espadanas de agua, que se desfazem em vapôres. — Vista do porto inferior, onde admiravamos esta soberba cascata, parece abaixo que o matto da margem esquerda se afasta sensivelmente, achegando-se, por uma illusão optica, da margem direita até se perder n'um horizonte de espuma. — Depois do salto, as aguas juntas continúam a correr com furia, empoadas sempre. E' comtudo n'essa corredeira que os nossos homens mettem as canôas, que acabam de arrastar por terra. São tambem com tamanha violencia arrebatados que a resistencia do ar irriça-lhes os cabellos da cabeça. Fazem então esforços immensos para manobrem de modo a evitar as pontas dos fraguados. — Dada a quéda, parece o Tieté outro rio...» (1)

Sahiram de Avandava; e em pouco tempo viram o Tieté tornar a tomar lenta correnteza, alagando tambem o leito (2). Passaram a *Escaramuça* e *Itupanema*, corredeira perigosa (3); as cachoeiras do *Matto Secco* e

(1) *Esboço da V.*, pag. 381.

(2) *Esboço da V.*, pag. 352. «Nem neblina, nem orvalho de madrugada. Pela primeira, vez desde minha sahida de Porto-Feliz, vi raiar a aurora.»

(3) «A correnteza é violenta e infinidade de pontas rocheas tornam a transposição bem difficil. Duas ilhas a dividem em trez partes. A' direita ha um verdadeiro salto, do qual se elevam vapores como em Avandava, bem que menos espessos. E' preciso que todos saltem n'agua para empurrarem as canôas completamente livres de peso e que vão sendo arrastadas pelas pedras. Uma monção que subia para Cuyabá achou, ha oito annos, em uma das ilhas d'esta cachoeira, uma preta que ahí vivêra sósinha mais de seis mezes. Fôra escrava com seu marido em Camapuan.

Ondas Grandes; encontraram uma monção reiuna de Cuyabá (1); passaram as cachoeiras do *Funil Grande* e do *Pequeno*; de *Guacuriheva* (2); o *Aracanguava-mirim* e *assú* (3); de *Itupeva* ou *Canal do Inferno*;

Havendo fugido, desceram o Rio Pardo, subiram o Paraná e o Tieté até esse ponto. Como não tinham pressa, empregaram anno e meio na viagem, mantendo-se de caça e pesca. Pararam n'essa ilha, construíram um rancho e ahi viveram felizes perto de seis mezes.

O marido n'um bello dia afogou-se ao passar o rio, e n'aquelle deserto ficou a mulher ainda quasi um anno, até á chegada d'essa expedição, que a levou para Camapuan e a entregou de novo aos seus senhores.» *Esboço da V.*, pag. 383.

(1) «Depois do jantar, fui passeiar até abaixo da cachoeira, onde parte da tripolação tinha já arrumado o grosso da bagagem e preparado o pouso. Quando lá cheguei, fiquei surpreendido de encontrar um homem muito barbado, com um grande chapéo preto á cabeça, espada á cinta, um sacco de pelle em bandoleira, espingarda e botas altas de couro de cervo. A principio cuidei que fosse algum morador d'aquelles mattos, mas cahi em mim quando vi os companheiros que trazia, remadores e quatro canôas. Era o capitão Sabino que vinha de Cuyabá e dirigia-se para Porto-Feliz. Com elle iam um tenente-coronel, um padre e um tenente, além de 32 pedestres, da companhia de 500 praças que o governo mantém em Cuyabá para o serviço fluvial. Em Porto-Feliz devia elle tomar artilharia, polvora, ferro, sal e outros objectos destinados á fazenda publica na capital de Matto-Grosso.» *Esboço de V.*, pag. 383-384. Cf. Dr. Cesario Motta Jr., *loc. cit.*, pag. 142, nota.

(2) *Guacurí* é o nome de uma palmeira que, desde a dias avistavamos, *heva* exprime abundancia.» *Esboço da V.*, pag. 384.

(3) «Fômos passar a noite ácima da cachoeira *Aracanguava-assú*. De manhan matou-se junto a uma lagôa uma anhu-ma, passaro raro e notavel pela excrescencia cornea fina, e de trez e meia pollegadas de comprido, que lhe nasce da cabeça.

de *Guacurutuwa*, *Itupirú*, *Tres Irmãos* e *Itapúra-mirim*, chegando ao salto de *Itapúra*, o qual é tão fallado como o de *Avanhandava* (1).

Tem tambem no encontro das azas dois esporões que, como armas defensivas, podem causar ferimentos graves.

A plumagem é branca e preta, sarapintada na cabeça, preta e parda ao redor dos olhos, escura no resto do corpo, com excepção da barriga, que é branca. O iris é alaranjado.

Mataram-se tambem dois *sucurys* ainda pequenos. » *Esboço da V.*, pag. 385.

«Matou-se tambem uma cobra *sucurú*, de 17 palmos de cumprimento, e no meio grossa como a côxa de uma perna. Estas ordinariamente andam n'agua, sahem algumas vezes á terra, não são peçonhentas; o mal que fazem é, tendo onde segurar o rabo, aquillo em que se enroscam infallivelmente o puxam para a agua.» *Relação da Viagem*, que fez o Conde de Azambuja, etc., em 1757; pag. 477.

(1) «Esta quêda, tão alta como a do *Avanhandava* (30 a 40 pés), apresenta menor largura (talves 200 braças), por isso que não corta o rio obliquamente, nem tem ilhas que a dividam. Logo depois do salto, as aguas se aquietam; não é sinão mais abaixo que a correnteza reaparece e toma, então, por não curta distancia, grande velocidade.— Já dissemos, em *Itapura* não ha ilhas que separem as aguas: não ha tambem aquelle amphitheatro de cascatinhas do outro salto.

O jacto é unido em fôrma de semi-circulo. No meio ha uma reintrancia na qual se precipitam grandes massas d'agua, confundindo-se e formando um todo espumante e de alvura deslumbrante. E' o que se vê no fundo d'aquelle recinto d'onde sahem, por abertura correspondente ao centro do semi-circulo, revoltas ondas que perdem para logo aquella agitação em serena bacia, fechada, de um lado, pelo semi-circulo, de outro pelo estreitamento do leito do rio. As aguas reunidas sahem com rapidez, formando torvelinhos, mas sem ferer, nem espumar; e assim se escoam, emquanto o alveo é apertado e fundo. Tomando posição na outra margem, colloquei-

Avanhandava e Itapura lembram duas colonias militares fundadas pelo Governo Imperial. Pontos estrategicos de summa importancia, podiam prestar immensos serviços; mas... o homem põe e o Orçamento dispõe; porque Deus não lançou os seus olhares compassivos para aquelles dous pontos, de que os homens não trataram (1).

me n'um ponto elevado a cavalleiro sobre o salto. O rio apresentava-me em perspectiva largura de 350 a 400 braças, muito maior para o Tieté que a normal. A razão é que elle corre raso em leito de pedras, se espraia, cahe de pequenas alturas e remoinha em torno os penhascos. E' uma vasta superficie de aguas espumantes. No centro vi a reintrancia em semi-circulo. Imagine-se uma grande excavação no meio de uma planicie, que fosse de repente inundada: eis a cataracta. Entre as grandes e bellas scenas da natureza, um salto como o de Itapura ou Avanhandava offerece tanta magnitude como outras, sem comtudo incutir n'alma nenhum sentimento de terror. Não podemos de uma praia batida pela tempestade admirar o embate dos vagalhões e o esforço do furacão sem receber pela vida dos infelizes que estejam soffrendo esses furores. O temporal desfeito faz-nos tremer pela sorte das plantações e das pobres choupanas do agricultor: um terremoto aterra, aniquila o homem. A vista, porém, de um grande rio, que cahe em catadupas não traz nenhuma d'estas impressões. Fica-se presa de admiração, dominado pelo tumulto, pelo estrondo e a agitação; os abysmos se abrem a cada instante, mas não nos inspiram medo nem horror.» *Esboço da V.*, pag. 386-387.

(1) A colonia militar do Itapura foi creada pelo Decreto n. 2.126 de 14 de Março de 1858; a do Avanhandava pelo Dec. n. 2.200 de 26 de Junho do mesmo anno. O intuito que presidiu á sua criação foi dos melhores: mas os resultados não corresponderam á espectativa do Governo Imperial. Ambas as colonias deram sempre resultados negativos, limitando-se a ser sorvedouros dos dinheiros publicos. Longe de

Após *Itapura*, entraram na região dos *Cayapós*. E no salto de *Urubupungá*, viram o Paraná. O Paraná! -- « Tinhamos na nossa frente o ultimo estirão

acção do Governo, dizia em seu Relatorio o Presidente da Provincia em 1866, Conselheiro João da Silva Carrão, e mesmo da população, a sua marcha ha de ser necessariamente a das fundações publicas em sertões.» A colonia do Avanhandava não tardou em ser condemnada.

Em seu Relatorio á Assembléa Provincial em 1872 ponderava o Presidente Dr. Costa Pereira:

«Esta colonia está situada na margem direita do Tieté, junto ao Salto, a 28 leguas a E. do Itapura. Da maneira por que está organizada, em nada aproveita á Provincia de São Paulo. O Director vê-se obrigado a condescender com os habitantes, não podendo dispôr da força moral e energia indispensaveis a quem exerce taes cargos.» Quanto á colonia do Itapura, ella produziu no anno de 1871 n'um districto de mais de 4 leguas, 2.000 alqueires de milho, 150 de feijão, 100 de arroz, 20 carros de canna, 6 rôlos de fumo, 15 arrobas de toucinho, e outros generos como mandiôca, algodão, café e batatas, e fructas.

A exportação reduziu-se a couros crús e cortidos. Haveria grande conveniencia em ser conservado o estabelecimento e elevado á categoria de districto militar, como limitrophe com Matto-Grosso; convindo tambem fortificar-se Santa Rosalina, ponto que apoia a navegação do Paraná, e, em caso de movimento de tropa, o Coxim, que é o melhor lugar para servir de operações estrategicas. Isto dizia em data de 5 de Janeiro de 1871 o tenente-coronel José Clarindo de Queiroz, chefe de uma commissão, encarregada pelo Ministerio da Guerra de examinar esta Colonia.—A Colonia do Itapura orçava em cêrca de 250 habitantes e cêrca de 80 Indios Guaranys nas immediações; e havia 90 casas, inclusive os edificios publicos, 42 cobertas de telha e 48 de palha.

Por Aviso do Ministerio da Guerra de 28 de Janeiro de 1878 foi emancipada do regimen militar a Colonia do Avanhandava. O Relatorio do Presidente da Provincia em 1878,

do Tieté e abria-se ante nós aquella cza cuja largura é ahi de um quarto de legua, parecendo ainda maior por ser a margem de lá extremamente baixa; » (1) — O Paraná!

Ouçamos Hercules :

« O sentimento que experimentei, ao contemplar tão vasta extensão d'agua e a riba distante, lembrou-me o abalo que recebe o viajante quando divisa, mar alto, as costas que demanda. Si essa terra é a França, então seu coração estremece jubiloso ao pensar nos gozos já proximos que lhe franqueia aquelle bello paiz, tão adiantado em civilisação... — Para nós aquelle momento foi de verdadeira festa. Além do prazer que sentiamos em descansar os olhos sobre a superficie d'esse grande e novo rio ao sahir do penoso Tieté, na grata alegria de nossos camaradas tinhamos novos motivos de satisfação » (2).

O Paraná! — Como os companheiros de Xenophonte, podiam os exploradores exclamar por sua vez: *Thalassa! Thalassa!* (3).

Conselheiro João Baptista Pereira, consigna que—a viagem de inspecção do tenente-coronel Carlos Frederico de Lima,—em consequencia da revolta do medico, tenente-cirurgião Dr. Flavio Augusto Falcão, do esrivão tenente honorario Antonio Cupertino Marcondes do Amaral e do pharmaceutico alferes Lambertito Cezar Andreini—contra o director major Luiz Pereira Duarte—ficou assignalada por um episodio tristissimo: nas corredeiras denominadas—Ondas Grandes—no rio Tieté, sossobrou uma das barcas em que iam o infeliz esrivão e sua familia, perecendo elle e uma filha, sem que fosse possivel salvar-os, apezar dos esforços empregados pelos companheiros da expedição, que correram tambem perigos.

(1) *Esboço da V.*, pag. 387-388.

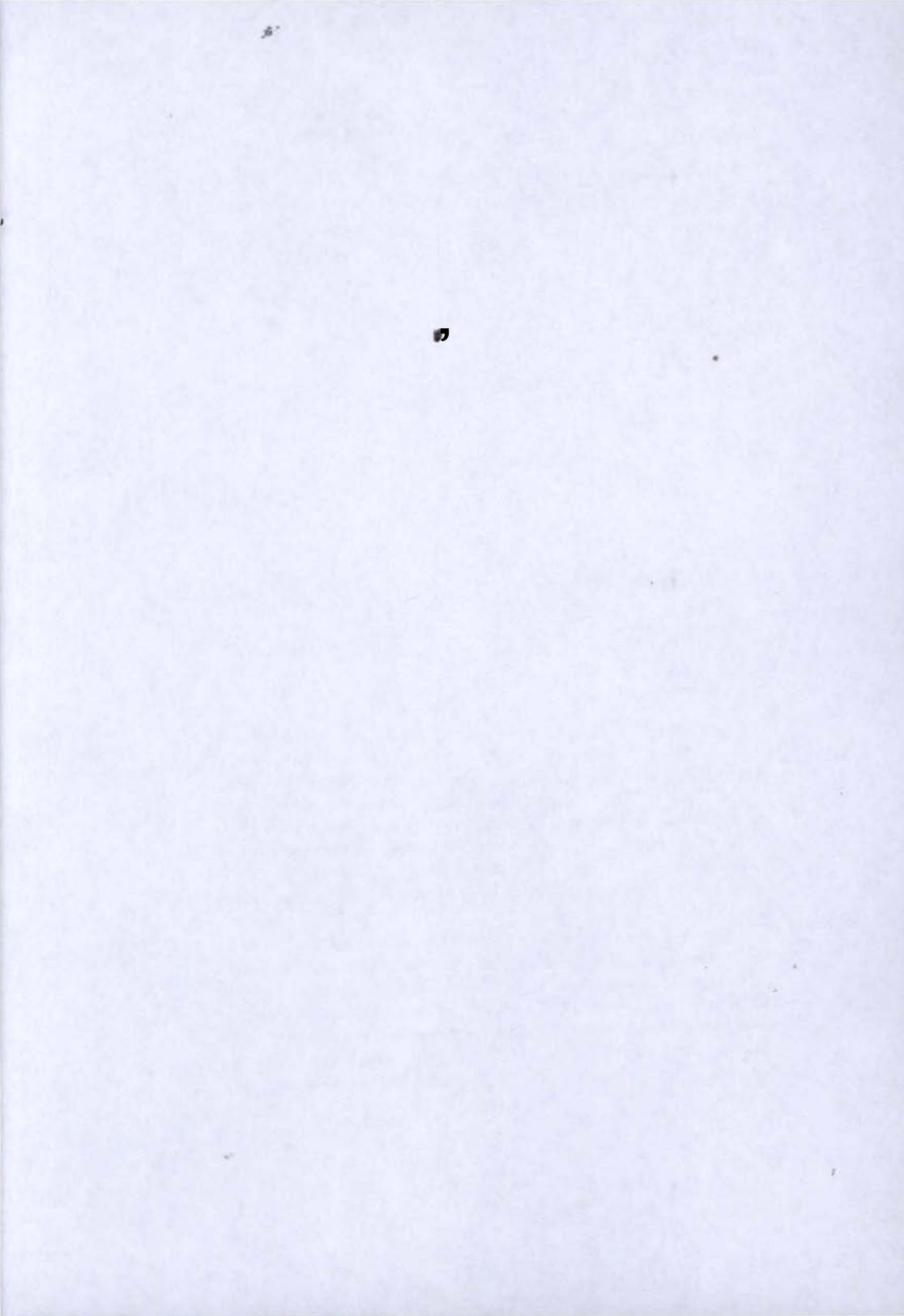
(2) Palavra grega, que quer dizer: O mar! O mar! Ouviram-se os soldados gritar: *Mar! Mar!* e congratular-se

Cantavam os remadores, ferindo os ares com grito jovial, ao passo que os proeiros batiam com as mãos no chato da pá e á prôa, onde estão sempre de pé, redobravam com cadencia o sapateado habitual (1).

uns com outros. Então toda a gente acóde, retaguarda, bagagens, cavallos. Chegados todos ao cume da montanha, abraçam-se, soldados, strategas, lochajos, os olhos cheios de lagrimas. E de repente, sem ninguem saber de quem a ordem, os soldados trazem pedras e levantaram um grande outeiro.

N'elle collocaram uma porção de escudos de couro de boi, páos e escudos de vime...» Xenophonte, *Anabase*, livro IV, *in fine*. Cf. Austo Rasec. *O Paulista*, romance historico, cap. X.

(1) «Para passar esta cachoeira (do Itapura), a ultima do Tieté, havia varação de cerca de sessenta braças: proseguindo na navegação chegavam á confluencia d'este com o Paraná. Ao attingirem a este ponto, quer na ida, quer na volta, os remadores davam vivas e salvas, satisfeitos, na ida por haverem passado o primeiro e bem perigoso marco, no regresso por estarem no ultimo.» Dr. Cesario M. J., loc. cit. pag. 445.





CAPITULO IV

Estava finda a jornada pelo Tieté.

Este rio, genuinamente paulista, pois percorre o Estado de S. Paulo sem competidor em toda a sua extensão de Sud-oeste a Nor-oeste, o primitivo *Anhemby*, tem um curso de cerca de 1.300 kilometros; e desde a antiga freguezia de Ararituaba até á sua barra com o magestoso Paraná, cerca de 152 leguas, com cinquenta e cinco cachoeiras e dois saltos (1). A commissão

(1) E' o computo do dr. Lacerda e Almeida em seu cit. *Diario*, á pag. 89, *in fine*, além de 23 1/2 de caminho de terra; é o calculo que tambem dá o dr. Cesario Motta Junior, obra cit., á pag. 143. — O Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, no *Diario da Viagem da Cidade de S. Paulo á Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do rio Yguatemy em 1774-1775*, publicado na *Revista Trimensal do Instituto H. G. B.*, tomo XXXIX, parte I, á pag. 253, diz que « o rio Tieté desde Ararituaba até a sua barra tem 36 cachoeiras e dois saltos, e bem se póde

empregára cincoenta e tres dias na *monção* até aquelle ponto (1). E com todo o ruido festivo dos camaradas foi que deram entrada nas aguas vagarosas e serenas do Paraná. «Para chamar os *Cayapós*, tocou o guia busina (chifre de boi), instrumento que n'esses silenciosos páramos faz-se ouvir muito ao longe e serve para reunir a gente desparramada no matto. Quando se encontram monções, retumba de lado a lado o prolongado som do corno; é ás vezes simples signal ou tambem um modo de chasquear da tripolação da canôa que errar qualquer manobra» (2). Os Indios, porém, não *vermelharam na praia*; ninguem appareceu; e, navegando para outra banda, por entre muitos baixios, os novos argonautas pularam no porto dos Indios: dez palhoças abandonadas (4). De lá seguiram para o salto de *Uru-*

dizer sem encarecimento, que todo elle é uma continna cachoeira, pois d'onde as tem suppõem as itaipavas, que são baixios de pedrarias, e alguns perigosos. » — A Commissão Central de Estatistica (1888) em seu magnifico *Relatorio*, á pag. 201 escreve: «Os antigos navegantes contavam 70 leguas (462 kilometros) de Porto-Feliz até á foz do Jacaré-pipira-mirim, e outras tantas d'ahi até á confluencia do Tieté com o Paraná. Tem ao todo 41 corredeiras, 2 saltos grandes e 1 pequeno, fóra o de Ytú. »

(1) V. de Taunay, *Introducção ao Esboço da Viagem de Hercules*, pag. 345.

(2) *Esboço da V.*, pag. 388.

(3) « Nas quaes não havia viva alma, por se acharem os Indios nas suas plantações á margem do Sucuriú. A casa do chefe era maior que as outras. No meio d'ellas via-se um rancho que parecia pertencer em commum. Ali estavam uns troncos de palmeiras furados, que lhes servem de tambores nos seus dansados. As portas d'aquellas acanhadas choupanas fechavam por meio de laços de cipós. » — *Ibid.* pag. 389.

bupungá. «Não tardou muito que ouvíssemos um estrondo surdo como artilharia ao longe, que nos annunciava a proximidade do salto. D'ahi a pouco com effeito o vimos de um lado e, depois de dobrada a ponta de uma grande ilha de rochas, descortinámos a quéda em sua quasi totalidade. Tem menos altura que a de Itapura, mas largura de um quarto de legua. Difficil fôra descrevê-la, pois fórma grande numero de saliências e reintrancias, além de ficar certo lado occulto por uma vasta ilha e dividido por pontas de rochedos. Este immenso salto parece ser produzido pela mesma base de pedras que corta o Tieté em Itapura, a uma legua d'ahi em linha recta» (1).

No dia 13 de Agosto, ao penetrarem de vez no amplo Paraná, mudava-se a perspectiva; alargavam-se os horizontes; e a idéa de que não havia mais obstaculos a transpôr n'este rio enchia de animação e de

1) *Ibid.* pag. 390. «Na margem esquerda, onde abicámos, havia uns ranchos, feitos pelos *Cayapós*, e de construcção muito inferior ás miseras choupanas de seu aldêamento. Nada mais eram do que folhas de palmeiras apoiadas em forquilhas de páos, como mostra o desenho ao lado. — Hercules allude não raro aos desenhos que acompanham as descripções do seu Diario. São mimosos e de uma nitidez e perfeição que surpreendem, como se pôde vêr no *Globus*, n'um estudo publicado pelo sabio allemão Karl von den Steinen, que duas vezes explorou o Xingú, ao qual alludimos em a nota á pagina 43. A familia de Hercules possúe grande numero d'esses desenhos; outros estão n'Allemanha e muitos em S. Petersburgo. E' grande pena não se reimprimir o Diario de Hercules, já em francez, já em portuguez, com os desenhos de sua lavra e um mappa circumstanciado da longa e penosa expedição Langsdorff.

Urubúpfungá quer dizer — onde passeiam corvos, a que os Indios chamam urubús; talvez porque ahi vissem corvos, que costumam andar nas cachoeiras á pesca dos peixes que saltam no subir. *Diario* do dr. La-Cerda e Almeida, pag. 54

prazer os navegantes (1). Na embocadura do Sucuriú, o qual pouco adiante se lança no Paraná, este rio oferece a perspectiva de um verdadeiro mar; e fica ali tão largo, que a vista alcança mais de legua para a frente, ao passo que as margens se fundem em dilatado horizonte (2). Depois de costear a direita a *Ilha Grande*, que tem duas leguas de comprimento e onde houve antigamente um estabelecimento de Jesuitas, formado para ser o centro de suas excursões entre Yguatemy, na fronteira do Paraguay, Camapuan e Goyaz (3), onde o Paraná tem 500 braças de largura (4), alcançaram a embocadura do rio Verde, que desagua pela margem direita do Paraná, a cujas aguas a vegetação luxuriante das barrancas transmite a côr a que

(1) Dr. Cesario Motta Junior, obr. cit., pag. 145.

(2) *Esboço da V.*, pag. 391.

(3) Sobre Yguatemy vide as publicações do — Archivo do Estado de S. Paulo, — sob a direcção do dr. Antonio de Toledo Piza e Almeida, que, com seus trabalhos historicos e estatisticos, relevantissimos serviços está prestando á nossa terra. Cf. tambem o *Diario*, já cit., do Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, acompanhado de um excellente mappa reduzido pelo Conselheiro Barão Homem de Mello, 1877.

(4) « Não ouviamos, n'aquellas horas de melancolia e calma, sinão as notas do *curiangú*, passaro que canta de dia e parte da noite, e o forte e ininterrompido coachar dos sapos.» — *Esboço da V.*, pag. 391. — Vem a talho de fouce citarmos Julio Ribeiro, o stylista do *Padre Belchior de Pontes*: « No sertão a noite é magestosa e imponente. — Sobre a vastidão da matta recurva-se o illimitado do céu, duas immensidades que se beijam: sombra no espaço, sombra na terra; pavôr em tudo. — As arvores agrupam-se em massa, confundem-se, tornam-se espectros gigantescos. — A noite é uma cilada. Cada desvão é uma negrura, cada negrura é um escondrijo, cada escondrijo póde occultar um inimigo. — Que inimigo? um escorpião? um tigre? um homem? — Um inimigo mais temeroso, que não existe e que está presente, que se não enxerga e faz tremer, que cala-se

deve o nome, passaram de frente da *Ilha Comprida*, onde abundam as *gaivotas* (1), a fóz do pequeno rio *Orelha da Onça* e, cinco dias após a entrada no Paraná, attingiram a embocadura do Rio Pardo, «celebre entre os Paulistas, de um lado pelos perigos e canseiras que ahi esperam o viajante ao querer vencer a força de suas correntezas e transpôr numerosas cachoeiras e duas quédas; de outro, afamado pela belleza das campinas em que corre e que, offerecendo á vista já farta da monotonia de ininterrompidos mattos, vastas perspectivas cortadas de outeiros, riachos e capões, facilitam viagem terrestre, emquanto as canôas sóbem, lenta e custosamente, o estreito e tortuoso curso » (2).

Novos horizontes se abriram á perspectiva dos navegantes: ora *cerrados* (3), ora vastas campinas,

e ameaça. E' o desconhecido . . . — Rumores vagos, mysteriosos, inexplicaveis levantam-se não se sabe de onde, assomam-se, casam-se, morrem, resurgem, dominam, imperam . . . Serão expansões de alegria? Serão lamentos de dôr? Uma e outra cousa o são as vozes da noite.» — «De repente, diz Hercules, atroôu um tiro, e o écho repercutiu-o logo na margem de lá, acordando outros que o levaram, mais e mais fraco, para longe, talvez perto de meia legua. »

(1) «Diversas especies de passaros a procuram para buscarem o pasto habitual ou pôrem ali seus ovos; entre outras, as *gaivotas*, que entram em extraordinaria agitação e anciedade, quando algum animal caminha na arêa, onde ellas os depositaram. Inquietas, não cessam de gritar e de vôar em torno do viajante, chegando ás vezes a atacal-o.» — *Esboço da V.*, pag. 392.

(2) *Ibid.*, pag. 392. «Para dar idéa de quanto é penosa a navegação do rio Pardo, observo que gastam-se quasi dois mezes para subir por elle até ás vertentes (60 leguas), ao passo que na descida seis a sete dias são de sobra. Verdade é que as canôas, quando vão para cima, levam muita carga e regres-sam vasias, o que permite não só mais rapidez, como não obriga a parar nas cachoeiras.» — *Ibid.*, pag. 393-394.

(3) *Esboço da V.*, pag. 393: «... o *cerrado* com suas arvores baixinhas e engrovinhadas.» — Saint-Hilaire, obra cit. t. I,

allumiadas phantasticamente á noite pelo incendio rubro das queimadas (1).

pag. 156, diz: « une alternative de *campos* parsemés d'arbres rabongris, de bouquets de bois et de terrains marécageux de peu d'étendue où il ne croît que de l'herbe. »

(1) « Quando a gente por desenfado atira fogo aos campos que cercam os acampamentos, o espectáculo á tarde se transforma, mas nem por isso é menos notavel. As labaredas se alargam, formam linhas de compridas chammas que sobre todos os objectos deitam claridade resplandecente, por tal modo intensa que se póde enxergar um alfinete cahido no chão. Essa linha de fogo se afasta, estende-se em grandes circulos, sóbe e transmonta por vezes outeiros. Clarões vivos se desprendem, destacando-se de sombras opacas. Rôlos de fumo ennevôam os céos; o rio parece fogo, e as taquaras nos bosques estouram, dando violenta sahida ao ar contido entre os nós e que se dilata com o calor repentino. » — *Esboço da V.*, pag. 393.

Já de clarões vermelhos
O céu se illuminou.
Eis subito da barra do occidente
Doudo, rubro, veloz, incandescente
O incendio que acordou!

A floresta rugindo as comas curva...
As azas foscas o gavião recurva
Espantado a gritar...
O estampido estupendo das queimadas
Se enrola de quebradas em quebradas
Galopando no ar.

E a chamma lavra qual giboia informe
Que no espaço agitando a cauda enorme
Ferra os dentes no chão.
Nas rubras roscas estortega as mattas,
Que espadanam o sangue das cascatas
Do rôto coração.

A queimada! A queimada é uma fornalha!
A hirara pula... o cascavel chocalha,
Raiva, espuma o tapir...
E ás vezes sobre o cume de um rochedo
A corça e o tigre — naufragos do medo,
Vão tremulos se unir.

(CASTRO ALVES—*Os Escravos*—*A queimada*).

Subiram até á embocadura do rio *Anhanduy-guaçu*, por onde os Paulistas descobridores das minas do Cuyabá foram os primeiros que subiram para fazer guerra ao Gentio (1); passaram pelos ribeirões Orelha de Gato, Orelha de Onça, Orelha de Anta, dos Patos, em cuja região cahiram chuvas abundantes (2). N'esta paragem está uma pequena ilha chamada de Manuel Homem,

Grande admirador de Castro Alves era Hercules, outro poeta de alevantado vôo, como attesta a sua Ode *Ao Brazil*, da qual fallaremos mais adiante. — Em carta datada de Setembro de 1869 escrevia elle ao grande poeta das *Espumus fluctantes*: « Móro a metade do tempo na roça, e quizera morar sempre, porque aprecio os mattos virgens, o ar livre, o nascer e o pôr do sol. — Descobri em 1829 uma sciencia nova, que chamei Zoophonia. Fiz algumas publicações em francez a este respeito; mas creio que não deixaram mais vestigios que uma pedra que cahe n'um tanque d'agua. — Com as bellezas da natureza, eu lia os vossos versos, onde acho a mesma verdade que na Creação... »

(1) « Uns subiram pelo rio Pardo, e outros por este rio Anhanduy, no qual encontraram a foz do rio Anhangabaly, e subindo por ambos acharam seis povoações Hespanholas com Igrejas, varias officinas, bois, carneiros, cavallos, etc.; tudo destruíram por estarem em terras Portuguezas: n'este lugar se acha ainda gado bravío, por cujo motivo lhe dão o nome de Vaccaria. Continuando a sua penosa derrota chegaram ao Paraguay...; proseguindo na sua peregrinação por entre innumeraveis nações de Gentios... chegaram a descobrir as minas do Cuyabá, e a tirar do lugar, em que está fundada, em um mez 400 arrobas de ouro. Consta dos Annaes da Camara da dita Villa. » — Dr. Lacerda e Almeida, *Diario*, pag. 78, na qual se lê a seguinte nota: « Deve-se advertir que estes famosos Argonautas navegavam quando lhes fazia conta o navegar; e largavam as canoas nos mãos passos, e as tornavam a fazer de novo quando necessitavam d'ellas. »

(2) Conferem n'este ponto os livros de Hercules e do dr. Lacerda e Almeida.

cuja historia nos conta o dr. Lacerda e Almeida em seu interessante e criterioso *Diario*. Diz o venerando Paulista (1): « Este criminoso se refugiou nas suas visinhanças, tendo trazido consigo uma veneranda Imagem do Senhor Bom Jesus. Vendo-se depois obrigado a retirar-se, não sei por que motivo, fez um pequeno rancho de palha, e n'elle deixou abrigada das injurias do tempo a respeitavel Imagem.

Recolhendo-se para S. Paulo um commerciante, achou-a, e querendo conduzi-la, é tradição constante que não a puderam abalar, sendo feita de lenho de mediocre gravidade, por isso a deixaram, e foi depois conduzida para a Villa de Cuyabá com a facilidade natural, e é venerada e respeitada n'esta Villa de que

(1) O dr. Francisco José de Lacerda (ou La-Cerda) e Almeida nasceu na cidade de S. Paulo em mêados do seculo passado. Estudou e bacharelou-se em Coimbra, em 1776; e no anno seguinte defendeu theses. Foi nomeado astronomo da terceira partida de demarcadores das fronteiras de Matto Grosso, voltando para o Brazil em 1780 com o seu condiscipulo e patricio dr. Antonio Pires da Silva Fontes. — Os seus trabalhos geographicos e astronomicos constam do seu já bastante citado *Diario*. Depois de suas viagens pelos sertões do Brazil passou a residir em Lisboa. — D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares, incumbio-o de emprender a jornada por terra entre Moçambique e Angola; e n'esta arriscada empreza falleceu nas terras do Cazembe. O dr. Lacerda e Almeida pôde ser equiparado a Livingstone: foi um Paulista digno d'este nome; e por isso, como Alvares Machado, como Hercules Florence, como o dr. Ricardo Gumbleton Daunt, como tantos outros — muito pouco lembrado hoje. As homenagens á sua memoria nada *rendem*; e nós vivemos n'um seculo essencialmente *positivista*. — O Visconde de Porto-Seguro escreveu a biographia do dr. Lacerda e a do dr. Antonio Pires da Silva Pontes Leme, na *Revista Trimensal* de I. H. e G. B. em 1873.

tomou o nome. Além de já ter ouvido este caso a muitos individuos, m'o repetiu novamente um neto do dito Manuel Homem. *Quam incomprehensibilia sunt judicia tua, Domine!* » (1).

N'aquelles campos abundavam as fructas sylvestres e palmitos. Venceram o baixio das *Capoeiras*, a perigosa sirga da *Capoeira*, duas cachoeiras, o salto de Cajurú com 20 pés de altura sobre 60 braças de largo, mais outras sirgas e cachoeiras até chegarem ás dos *Trez Irmãos*, que são trez cachoeiras muito proximas umas das outras, e onde, referem os antigos, perdeu-se, nos primeiros tempos do descobrimento das minas cuyabanas, uma canôa com 80 arrobas de ouro em barra, mettidas em caixotes (2). « Si reflectirmos, pondéra Lacerda e Almeida, nos continuados trabalhos e prejuizos, que ainda hoje (Dezembro de 1788) recebem os negociantes n'este bem trabalhado e conhecido transito, e quasi livre dos assaltos dos gentíos; si tambem lançarmos os olhos para os annaes da Camara do Cuyabá, e fizermos o computo dos homens, que tem custado aquelle estabelecimento desde o seu principio, mortos não só pelos trabalhos, fomes, enfermidades e mais miserias, como tambem pelas grandes e horriveis mortandades, e em alguns annos geral destroço dos navegantes, que, attrahidos pela riqueza d'aquella descoberta, e atropellando todos os obstaculos, corriam após do ouro, e ficavam sacrificados ao furor dos gentíos,

(1) *Diario do dr. La Cerda*, pag. 53.

(2) « Procuraram alguns mergulhar, mas nunca chegaram ao fundo por causa do redemoinho que existe em baixo das rochas. A ser verdade o que referiu aquelle homem, valerá a pena desviar o rio de seu leito. » *Esboço da V.* pag. 397.

que pelo espaço de mais de vinte annos fez lastimosa carnagem, não deveremos justamente exclamar com o poeta :

.... Quid não mortalia pectora cogis
Auri sacra fames ? » (1).

Na cachoeira do *Tamanduá* encontraram a gente do negociante José da Costa Rodrigues, que vinha de Cuyabá e se dirigia de volta para Porto Feliz, em numero de 15 a 20, embarcados n'um batelão e uma canôa tripolada por Indios Guatós. Estes encontros amenisavam as agruras da expedição (2). Transpuzeram varias *sirgas* (lugar em que se puxam as canôas por meio de cabos) e visitaram a cachoeira do *Corão*, cujo salto terá de altura 30 pés, de largura quando muito 10 braças (3). «Este Rio Pardo até ao salto do

(1) *Diario* do dr. La-Cerda, pag. 80-81.

(2) Infelizmente taes encontros, por vezes, deparavam triste espectáculo, qual o que descreve o dr. La-Cerda á pag. 80 de seu *Diario*: «No principio d'esta cachoeira (Itupirú) encontrei a uns negociantes, que estavam enxugando os fardos, que se tinham molhado em tres canôas, que tinham ido ao fundo, naufragio este em que não só perderam todo mantimento que n'ellas vinham, mas tambem uma boa parte da carga: tive lastima d'estes pobres homens. não só pelo prejuizo, como pela falta que lhes havia de fazer o mantimento até chegarem a Camapuan, pois n'este tempo em que os rios vão tomando diariamente muitas agoas, crescem tambem os dias de navegação.»

(3) «Transportaram-se por terra as cargas até acima do salto. E' um caminho de mais de um quarto de legua. As canôas foram arrastadas ora em secco, ora por agua até ao lado direito da quéda, onde ha um varadouro de subida tão ingreme que para galgal-o, nossa gente empregou grandes esforços. Todos esses penosos trabalhos nos consumiram quatro dias.» — *Esboço da V.*, pag. 398.

Coráo tem bastantes mattos e bons, mas do salto para cima tudo são campos» (1). Venceram mais cachoeiras até á do *Sucuriú* ou *Sucury*, « por causa de uma cobra d'este nome de extraordinaria grandeza, que n'elle foi achada. Os escravos que vinham na comitiva, julgando ser um tronco, quizeram lhe deitar fogo para se aquentarem a elle por toda noite: com o calor se moveu o supposto tronco, e cheios de admiração todos se tiraram do engano em que estavam. Esta é a tradição, e muito verosimil para os que têm viajado por este novo mundo, onde em cada passo estão encontrando cousas que teriam por fabulosas si não tivessem sido testemunhas oculares» (2).

Emfim, vencida a cachoeira *Canôa Velha*, chegaram á confluencia dos rios Sanguesuga e Vermelho, « rolando este aguas rubras ao fraldejar uma montanha, aquelle pelo contrario lymphá tão pura que parece crystal » (3). De Canôa Velha em diante vieram a cavallo (4), e chegaram a Camapuan ás 3 horas da tarde do dia 9 de Outubro.

(1) Noticias Praticas das Minas do Cuiabá e Goyazes, na Capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá ao Rev. Padre Diogo Soares, o Capitão João Antonio Cabral Camello, sobre a viagem que fez ás Minas do Cuiabá no anno de 1727. Na *Revista Trimensal* do Instituto H. e G. do B., t. IV, pag. 491. — Falando do Theaté, *Tieté*, diz: . . . « sei que tem varias cachoeiras, e algumas perigosas, e entre ellas um salto *Abarèmanduaba*, por cahir n'elle o veneravel Padre José de Anchieta, e ser achado dos Indios debaixo da agoa resando no Breviario.»

(2) *Diario* citado, pag. 81.

(3) *Esboço da V.*, pag. 400.

(4) *Ibid.*: « Lá pela tarde, meu animal cahiu n'um riacho que não tinha mais de dois palmos de largo e trez de profundidade. Tão magro e estafado estava, que não pôde dar o

pulo e tombou com as quatro patas para o ar. Felizmente tive tempo de me atirar para o outro lado. Si a corrente houvesse sido mais um pouco funda, sem duvida ter-se-hia elle afogado, visto como, sem forças nem siquer para suster a cabeça, deixava-a cahida dentro d'agua. — Só estava comigo o astrónomo, pois o sr. consul com a sua comitiva se havia adiantado. Então por espaço de meia hora, fizemos os esforços possiveis para pôr de pé a cavalgada. Vendo a inutilidade d'essas tentativas e a noite já a fechar, montou o meu companheiro a cavallo e foi alcançar o grosso da gente em busca de soccorro. Fiquei só n'aquelle deserto, sem ter sobre mim a menor arma e no meio de escuridão que o clarão da lua modificava um tanto. Procurei novamente e, d'esta vez com melhor resultado, safar o animal da agua onde estava mettido uma hora, naturalmente a descansar um pouco.»



CAPITULO V

O commandante esperava a expedição á porta da casa que lhe havia sido destinada. Era um homem de relativa polidez, rustico e alferes da Guarda Nacional.

Camapuan, a que o Conde de Azambuja denomina *sítio*, era uma fazenda pertencente a uma sociedade que tinha sua séde em S. Paulo.—No tempo do Conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, que por ali passou em 1751, tinha sempre «grande abundancia de milho, farinha do mesmo, feijão, arroz, porcos e vacas, das quaes se não sabe já o numero pela largueza dos pastos, e se entende passarão de 600 cabeças» (1).

(1) *Relação* já citada, pag. 482.—*Camapuan* na linguagem dos Indios quer dizer bico do peito. N'esta paragem estão dous montes um defronte do outro, que, vistos de longe, parecem dous peitos de uma mulher. Em razão da similhaça chamaram *Camapuan*.—Duas leguas mais ou menos distante de Monte-Santo, na estrada de Jacuhy, Sul de Minas, existem dous montes iguaes, os quaes são denominados—Os Dous Irmãos.

O Dr. La-Cerda e Almeida, mais de trinta annos depois, em 1788, diz que «esta povoação fundada no centro d'este sertão sómente com o fim de ter carros promptos para a varação das canôas e cargas de um para outro rio, o que teve principio em 1720, e onde todos se provêm de mantimentos, de assucar, de aguas-ar-dentes, de tabaco de rolo, dous generos, que são para os trabalhadores o mesmo que o maná para os Israelitas, é administrada por um dos seus socios, e está situada em os principios de um chapadão coberto de relva mimosa para a creação de todo o animal que d'ella se sustenta» (1).

Em 1826, já em estado de decadencia, em virtude da navegacão dos rios estar sendo abandonada pelos negociantes, contava cerca de 300 habitantes, dos quaes a terça parte escravatura dos socios. A populaçãõ era de pretos e crioulos; o commandante era mu-

(1) *Diario* já cit., pag. 74-75. «Os socios d'esta Fazenda devem fazer bom negocio, pois além das carnes, e mais generos que vendem pelo preço que corre em Cuyabá, levam pelo transporte de cada uma canôa 20\$000 rs. e por cada uma carada 9\$600 rs.—Esta Fazenda é infestada pelo Gentio Cayapó, nação robusta que usa de bordão, e flexa armada na sua extremidade de um espontão de rijo páo cheio de farpas desencontradas pelo seu cuprimento de dous palmos, ou tambem de osso, e é tão numerosa, que só por si faz um grande Imperio, pois principiando ao Norte do Cuyabá, chega a Campuan, ao Norte de S. Paulo, ao Norte e Léste de Villa Boa de Goyaz, cuja lat. A., e Long. é, conforme as observações de uns Jesuitas, 16° 26'—330° 10'.—Ha trez para quatro annos que tendo este Gentio insultado no Cuxim a uns commerciantes que navegavam para o Cuyabá, o administrador da fazenda para os intimidar mandou um destacamento composto de alguns mulatos libertos, e de outros escravos da fazenda, homens na verdade capazes de se lhes confiar qualquer em-

lato; havia poucos mestiços e uma unica moça branca, «que o commandante cercava de guardas pouco fieis ou máus vigias;» era natural do Diamantino.— A miseria ali é geral: a industria consiste no fabrico de grosseiros tecidos de algodão para uso dos moradores e para remessas que em Miranda são trocadas por cabeças de gado vaccum e cavallar (1). — E si é na ver-

preza, em que se deva ter valor e intrepidez, os quaes no fim de alguns dias os encontraram, (e talvez aos innocentes) e fizeram uma boa presa de rapazes e de mulheres de toda idade, e os conduziram á fazenda, onde os vi fallando portuguez, alegres, e pacificos, depois de terem tentado a fuga por duas vezes inutilmente, pois foram seguidos pelo rasto, e apanhados. Vi duas mulheres velhissimas, mas tão fortes que na dicta fuga foram apanhadas carregando cada uma ás costas o seu rapaz de cinco para seis annos.»

(1) *Esboço da V.*, pags. 402-403. «A produccão principal é de canna de assucar, depois da do feijão e milho, do qual fazem pessima aguardente. A creação de animaes é boa; ha muita gallinha e porcos de extraordinaria magreza.—Ha duas casas de sobrado, uma onde móra o commandante; outra fronteira, separada por vasto pateo, que tem um engenho de moer canna tocada por bois. O pateo é fechado pela senzala dos escravos, toda ella baixa e coberta de sapé. A' noite, são elles mettidos debaixo de chave. A gente fôrra móra do outro lado do rio Camapuan.—O sitio é agradável; as cercanias montuosas e capazes de muita fertilidade. São bosques, cerrados, valles e chapadas. Os campos ficam mais afastados.»

Lacerda e Almeida tambem diz: «O ar é temperado e puro, tão alegre, e ameno aquelle terreno todo, que depois que sahi de Portugal não vi, nem nas Capitánias do Pará, e Rio Negro, nem na de Matto-Grosso, cousa que se lhe possa comparar. Renasceu em mim toda alegria, que um paiz aprazivel póde causar, e que tinha perdido vivendo por oito annos em um sertão (assim o posso dizer) cheio de mattos altissimos, asperos, e de algum campo pela maior parte inundado, e pestifero.»

dade caso de admiração poder pensar que de Porto-Feliz a Cuyabá se percorrem 530 leguas por meio de 10 rios, havendo só duas leguas de varadouro, não é menos de pasmar vêr passarem grandes canoas por

«Extrema é a miseria dos habitantes, acrescenta Hercules: pelos bens que possuem pouco distam do estado selvagem, mas nem por isso são ou se consideram mais infelizes. Não ha sinão alguns homens, tidos por dinheirosos, que andam vestidos com calças e camisa de panno grosso. O resto não usa sinão de ceroula, quasi tanga; a maior parte das mulheres trazem sobre o corpo uma saia. Não comem sinão milho, feijão e algumas hervas: raramente provam carne de seus magros porcos ou usam de ovos e de carne de vacca: isso tudo quasi sempre sem sal, porque é artigo muito caro. O preço com effeito é de 1\$800 (10 a 12 francos) por um prato raso, o que só conseguem quando algum negociante por lá passe e queira trocal-o por milho.»

O sargento-mór, engenheiro, Luiz d'Alincourt, em officio dirigido de Cuyabá ao Ministro da Guerra, João Vieira de Carvalho, em 25 de Julho de 1826, assim se exprimia no tocante ao registro de Camapuan: «Divide o lugar o pequeno rio Camapuan-mirim, e ao N. d'este fica o engenho, capella, e casas do administrador e da escravatura, em situação elevada e para S. e E. do mesmo, em terreno plano e baixo, estão os quartéis, e moradas dos povoadores dispostas desordenadamente.—E' Camapuan fundação dos antigos Paulistas, anterior à cidade de Cuyabá, etc.—O lugar contém unicamente 56 fogos, sem contar os sobrados do engenho, e habitação do administrador: estes são cobertos de telha, bem como a capella, todos os mais de capim e construidos de páo a pique.—A população fôrta chega só a 39 homens maiores de 14 annos e a 43 de 14 para baixo; mulheres ácima de 14 ha 47, e para menos 38. Escravos da fazenda de mais de 14, 30; menores, 37; escravos maiores de 14, 36; menores, 26; escravos particulares, 4, escravas 6, total da população 306 almas. D'estas nasceram, desde 1821 até 1824, 24 fôrros, e captivos 21; total da producção humana n'estes 4 annos, 45 almas, etc.—A fazenda publica d'esta provincia deve aos povoadores, de jornaes e com-

cima de montanhas (1). As canôas subiram até ao porto do Sanguesuga, e poucos dias depois, com os carros e bois da nação, a bagagem e as embarcações desceram a montanha. Empregam-se quatorze bois para arrastar uma canôa grande, collocada sobre um carro de duas rodas. As canôas são lançadas no ribeirão Camapuan.

E como os mantimentos se haviam esgotado (2), pois os tinham trazido sufficientes sómente até a fa-

pras de alguns generos, 6:352\$; e á fazenda de Camapuan 1:025\$250; total da divida 7:377\$250.— Os habitantes são indolentes, occupam-se em plantações escassas, sendo o paiz optimo para a cultura, que chega a dar 300 e mais por alqueire de sementeira: apezar d'isto colheram os povoadores, nos annos de 1823 e 1824, 2,213 alqueires de milho, 400 de feijão, 875 de arroz, e 59 arrobas de algodão; e a fazenda colheu desde 1821 até 1824, 48 cabeças de gado, 654 alqueires de feijão, 4.198 de milho, 274 de arroz, e 156 arrobas de algodão, além de se fazer maior o numero dos escravos com o nascimento de 14 machos, e 9 femeas. Recebeu de venda de seus generos 109\$800; e fez de despeza em compras para o serviço 440\$200.—Cria esta gente capados, gallinhas, fabricam o panno de algodão, que é muito bom, fazem algumas rendas, e louça para seu uso. Entregam-se muito a funcções de igreja, não obstante ser privada quasi sempre de sacerdotes: e com as festas das irmandades gastam, cada anno, para cima de cem capados, e quanto podem colher.—Foi d'esta fazenda que entrou em quantidade para Cuyabá o primeiro gado vaccum, conduzido por um dos possuidores da mesma, de nome André Alves, grande e afamado sertanista, e pai do reverendo padre Manuel Alves, actual presidente do governo provisorio da provincia; e d'aqui sahiram os Lemes a formar os grandes aterros dos bananaes de S. Lourenço, e de Cuyabá, que ainda existem hoje, tudo á custa do suor dos indios que captivavam; pois, n'esse tempo, ainda não tinham escravos africanos.

(1) *Esboço da V.*, pag. 403.

(2) «Contou-me um viajante que ás vezes não encontravam mantimento sufficiente para o resto da viagem; planta-

zenda de Camapuan, tiveram que encomendar 120 alqueires de farinha de milho que os moradores se puzeram logo a preparar, «desperdiçando comtudo muito tempo em socar o milho a poder de braços, porque nem siquer possúem um *monjolo*,— a machina mais estúpida que jámais foi inventada e que é de uso no interior do Brazil, para com o emprego da agua pillar o arroz e o milho (1).

Satisfizeram todos os pagamentos em generos, porque o dinheiro não tem curso em Camapuan: é um phenomeno que Hercules se lisongêa de ter visto n'esta viagem. - Ali não havia padre; um que residia na fazenda, havendo sido morto por motivo de vingança particular, nenhum outro sacerdote quiz aceitar a prebenda de cura d'aquellas almas. Era um caboclo velho, alto e magro, que repicava o sino, rezava ladinhas e capitaneava procissões (2).

vam, colhiam, para depois continuarem a exursão.» Dr. Cesario Motta Jr., obra cit., pag. 147.

(1) *Esboço* da V., pg. 403. «Existira já um em Camapuan, mas como uma enchente do rio o quebrará, esses desgraçados vadios não tinham pensado em substituil-o por outro.—Consi-ste n'uma grande e pesadissima peça de madeira de 25 a 30 pés de comprido, que tem n'uma extremidade um cavado e n'outra um furo, onde se adapta um pilão. Colloca-se tudo isso em equilibrio debaixo de um veio d'agua que cáia dentro da concavidade. Quando esta se enche, o peso faz descer um dos braços e subir o outro, isto é, o pilão que esmaga na quéda os grãos de milho, mal se escape a agua. Similhante machinismo não póde trabalhar sinão muito lentamente: medeiam 10 a 12 segundos de uma pancada á outra, e a agua não faz a sexta parte do serviço que poderia prestar.»

(2) Estes pormenores constam de um manuscrito; Hercules a elles não allude em seu *Esboço*.

Depois de uma estrada de 43 dias em Camapuan, montaram a cavallo e chegaram ao porto do *Furado*, no rio Coxim, onde os esperavam os camaradas com as canôas. O aspecto do porto é pittoresco. O Coxim ahí é estreito e tem um fundo de pedras muito inclinado, e entre copada mattaria, corre por sob arcos formados de uma taquára chamada *guaytivôca*, que se ergue á altura das arvores mais elevadas. «De cada nó do colmo irradia-se basta ramificação de folhas compridas e finas, que, a modo de ramalhetes, vão progressivamente se tornando menores, á medida que se chegam á ponta. O peso obriga esses enormes canhões a se arquearem até que a extremidade livre, que finda n'uma bola de folhas, penda perpendicularmente ao terreno. Diversos pés parecem sahir da mesma soqueira. As duas margens estão cheias d'essas elegantes monocotyledoneas que cruzam os colmos de lado a lado, formando magestosas e verdejantes arcarias» (1).

O Rio Coxim é um dos mais accidentados em toda a viagem; tem nada menos de vinte e quatro cachoeiras, entre as quaes as do Mangabal, Pedra Branca, Abaré, Furnas, Anhumas, Vanucanga, André Alves, Jaury, Choradeira, Jequitaya e outras. Desciam depressa, «virando a todo o momento á esquerda e á direita, conforme as voltas estreitas e multiplas do rio» (2).

(1) *Esboço da V.*, pag. 405.

(2) *Ibid.*, pag. 406-407. «O Coxim é pittoresco pelas suas corredeiras, paredões, campos, capões e montanhas; a pouca largura, as mattas, as bellas guaytivôcas, as praias argenteas, a abundancia e variedade de peixes trazem o viajante sempre entretido.—As cachoeiras são numerosas; entre essas algumas ha compridas e perigosas; as rochas, a agua em borbotões, a espuma formam um verdadeiro cahos.»

Eis como o nosso viajante narra o modo de passar algumas cachoeiras em que não havia variação: «Toda a carga sahe das canôas, nas quaes se mettem cinco ou seis homens dos mais entendidos. Sôbem então um pouco o rio e virando de repente enfiam o canal. Eis que o fragil batel se inclina, vôa, que não corre; n'um redomoinho de espuma, mergulha a prôa ou a impina temeroso. Mas ahí vigia o guia; de pé, com um varejão na mão, á pôpa, o ajudante e os pilotos estão alerta, e no meio trabalham os proeiros. Todos manobram com precisão. Curvados, para maior firmeza das pernas, manejam o remo e a zinga desviando a todo o instante os choques de encontro aos penhascos, onde as canôas far-se-hiam em mil pedaços. —Em varias rochas vimos inscripções: algumas datam de 30 annos» (1).

A navegação do Coxim é de quarenta leguas. O seu maior obstaculo é a cachoira da *Ultima Ilha*: a corrente transpõe, quasi de um salto, um banco de rochas de tres pés de altura; é mister arrastarem-se as canôas descarregadas. D'ali passaram para o Taquary, que tem 200 braças de largura, e no qual as monções percorriam noventa leguas. Vencida a cachoeira *Beliágo*, a ultima até Cuyabá, que por este motivo era saudada pelos navegantes, assim como quando deixavam as aguas encachoeiradas do Tieté para entrar no sereno e magestoso Paraná (2). Por isso, ao pôr do sol do dia 2 de Dezembro, os camaradas deram descargas de fuzilaria, gritaram a valer e cantaram até alta noite.

(1) Id., pag. 408.

(2) Vide nota ao Cap.

«Quando nossa tripolação dava tiros de alegria, responderam outros para lá do estirão, o que por algum tempo não pouco nos surpreendeu. Não tardou, porém, que se ouvisse a busina do guia, e d'ahi a nada appareceram trez canôas com barracas vermelhas á pôpa e dois batelões, a subirem a corrente. Arvoraram a bandeira brazileira, nós a russa e, depois de nos saudarmos ainda com descargas, juntos abicámos á margem» (1).

Era uma monção reiuna, commandada por um tenente de pedestres (soldados ou melhor canoeiros de Matto-Grosso, empregados no serviço dos rios (2). Manuel Dias chamava-se elle; e estava commissionedo pelo Presidente da Provincia para explorar um meio de communicação mais curto entre S. Paulo e Cuyabá pelos rios Sucuriú e Itiquirá, os quaes, como o Tieté, correm na mais curta direcção entre ambas estas capitaes, e de navegação mais facil. A existir varação mais comoda do que a do Camapuan, traria a vantagem de encurtar a distancia entre S. Paulo e Cuyabá; o governo estabeleceria uma fazenda e fariam em 62 dias uma jornada que demanda 122 pelo Camapuan: uma economia de 84 leguas fluviaes e 61 terrestres (3). Hercules affirma não haver duvida existir tal meio de communicação, por isso que ambos os rios foram já navegados até ás cabeceiras. (4) O dr. La-Cerda e Almeida, em 1788, escrevia, ao passar fronteando a barra do rio *Sucuriy*, que vem do occidente, que é—tradição constante que uma canôa que escapára de um ataque do Gentio Payaguá nas visinhanças do rio Cuyabá, «subira pelo rio Porrudos, e

(1) *Esboço da V.*, pag. 410.

(2) *Id.*, *ibid.*

(3 e 4) *Id.*, pag. 411; e manuscripto cit.

por outro que n'elle deita as suas aguas, e que com uma pequena varação passára para o Sucury, sem ter o incommodo das cachoeiras; mas que em recompensa encontrára muito Gentic Cayapó; por cujo motivo tinham desprezado esta navegação, que parece devia ser preferida á que presentemente se faz, si não houvesse o interesse de extender os dominios de S. M. F. que Deus guarde, o mais que pudesse ser, procurando o Paraguay» (1).

Muitas pessoas pensam que o novo caminho seria impraticavel; outras que não, bastando deixar as canôas na parte superior do Itiquirá e buscar outras que se achem collocadas no Sucuriú. Uma tradição, referida pelo *Patriota* e cujos echos Hercules encontrou durante a sua viagem, diz que—em outros tempos, um Paulista, perseguido pela justiça publica, fugiu com a familia n'uma canôa e foi até ás nascentes do Sucuriú. Ahi ficou largos annos, plantou e colheu milho; passou depois sua canôa para o Itiquirá e por elle chegou a Matto-Grosso (2).

Com o tenente Manuel Dias ia o alferes Pedro Gomes, que o precedera á procura das nascentes do Sucuriú, mas tão desastradamente que errou o caminho, metteu as canôas nas nascentes do Taquary e foi dar á embocadura do Coxim e á cachoeira Beliágo; desistiu então de seu commettimento e voltou para Cuyabá. Como a primeira tentativa de Pedro Gomes, a de Manuel Dias deu tambem resultados negativos; eram,

(1) *Diario* já cit., pag. 54.

(2) *Esboço* da V., pag. 411.

aliás, ambos homens sem prática, desconheciam o uso da bussola e quasi analphabetos (1).

Manuel Dias deu parte á expedição do rompimento de hostilidades dos indios *Guaycurús*, selvagens que habitam as margens do Paraguay e Taquary em numero mui avultado; que tinham até 4.000 homens em armas, um verdadeiro exercito, é o que corria, levando o terror áquellas paragens; desleaes, useiros na trahição, rompendo repentinamente no meio da paz, saqueando e trucidando sem piedade. «Estendendo suas excursões em vastissimo territorio, fizeram no principio do descobrimento grande damno ás monções que por entre elles passavam. Foram já por vezes até Camapuan e não ha muito tempo, arrebataram de lá perto de 500 cavallos. Costumam tambem entranhar-se pelo paiz dos *Caiuús* e *Cayapós* perto do Paraná, afim de reduzir-os á escravidão» (2).

Os seus aldeamentos são perto de Nova Coimbra. Não poupavam as possessões hespanholas das margens do Paraguay; e chegaram a investir contra os portuguezes estabelecidos em Villa Maria, que saquearam e incendiaram. No anno de 1730 accommerteram a monção em que se recolhia o dr. Antonio Alves Lanhas Peixoto, Ouvidor Geral da Comarca de Paranaguá, da Capitania de S. Paulo, de onde tinha passado por Ordem Régia em companhia do Governador e Capitão General Rodrigo Cezar de Menezes para as Minas de Cuyabá, onde chegaram no anno de 1726, e erigiram a sua

(1) « O tenente apresentou-se-nos de pés no chão e em mangas de camisa; o alferes não dizia cousa com cousa e parecia teimoso.» Id., pag. 413.

(2) Id., pag. 414.

povoação em Villa no anno seguinte (1). O Gentio Pa-yaguá accommetteu com tanta furia os portuguezes da monção, que a batalha durou cinco horas. Pereceram 400 portuguezes, escapando sómente oito; e o Ouvidor pereceu no ataque. As canôas dos Indios eram em numero de oitenta. Consta dos Annaes da Camara do Cuyabá que sessenta arrobas de ouro em barra se perderam (2). Foi uma batalha naval que deixou as mais dolorosas recordações em toda a Capitania e alarmou as populações. (3)—Chegada a noticia da derrota e da carnificina a Cuyabá, os habitantes trataram de vingar a morte do Ouvidor e de seus companheiros. Ar-

(1) *Diario* do Dr. Lacerda, pag. 69.

(2) Em suas *Memorias chronologicas da Capitania de Matto-Grosso*, diz Felipe José Nogueira Coelho: «Teve a fazenda real grande prejuizo no roubo que elle (o Gentio) fez de sessenta arrobas de ouro, que se levavam de partes, e de que se havia de pagar os quintos na casa da fundição. Consta que o ouro foi levado com alguns escravos que não morreram para a cidade da Assumpção, com quem aquelle Gentio se confederava.»

(3) «Em não poucas occasiões travaram renhidos combates com as monções. Uma d'ellas, composta de 50 a 60 canôas e cerca de 600 homens, soffreu completa derrota. Em outro ataque mataram elles a tripolação inteira, escapando só cinco pessoas que se esconderam no matto.—Contam que n'um d'esses encontros, um mulato de S. Paulo, famigerado pela colossal corpulencia e força extraordinaria, sustentou com o auxilio de sua esposa, o choque de varias canôas tripoladas por *Guaycurús*. A principio, matou muitos a tiro, tomando as espingardas e pistolas que a mulher ia á medida carregando; depois, quando os selvagens quizeram dar abordagem, defendeu-se com varapáos, arpões e afinal com a coronha das armas, conseguindo sempre mantê-los em distancia.»—*Esboço da V.*, pag. 416.

maram-se para isso muitas e boas canôas (1), refere o Capitão João Antonio Cabral Camello, contemporaneo do acontecido, com ellas vieram buscar o Payaguá no mesmo lugar da derrota; e não o achando n'elle, passaram abaixo dous ou trez dias de viagem em seu alcance. «Uma tarde que se achavam já arranchados em um barranco do rio, os acommetteu de repente o Payaguá: receberam-n'o os Cuyabanos com a salva de dous pedreiros pequenos, que tinha levado áquellas minas o Sr. Rodrigo Cezar; tiveram tão bom effeito, que sobre lhes lançar a pique duas canôas, o obrigaram tambem a retirar-se» (2). Era commandante

(1) Dezenove canôas armadas em guerra, diz Philippe José Nogueira Coelho, *loc. cit.* Na expedição se despendeu o melhor de oito arrobas de ouro á custa das pessoas que foram.

(2) *Noticias praticas* das Minas do Cuyabá e Goyazes, já cit. § 16 e 17. «Usa este gentio de lanças e de uns laços de couro muito compridos, com que prendem e laçam em proporcionada distancia tudo o que querem; andam sempre em grandes tropas de 500 até 1.000, e si é necessario ajuntam-se mais, porque são muitos os reinos, e cada um só por si terá mais de 9.000 cavallos.»

«Os *Guaycurús* são todos cavalleiros e bons corredores, diz Hercules. Possuem numerosa cavallhada roubada aos hespanhóes ou criada nos campos. A's vezes vão vender em Cuyabá animaes de sella por 9\$000 ou 10\$000. Ha indios que têm dois, trez e mais. Montam na anca, o que faz com que usem de rédeas mui compridas. Suas armas são lança, arco e flechas. Têm tambem espingardás.... Em viagem costumam transportar a bagagem sobre os cavallos. Os homens armados rompem a marcha, atraz seguem as mulheres, cavalgando de um modo singular, pois vão içadas no alto de cargas, ás vezes mui volumosas.—Vi uma mulher *Chamuçóco* que fôra comprada aos *Guaycurús* pelo commandante de Albuquerque. Tinha a cara pintada de pontinhos (*tatouée*) a modo do que usavam seus

d'esta expedição um nobre Paulista, o Brigadeiro Antonio de Almeida Lara.

E' o nome Paulista que está inscripto em todos os feitos mais memoraveis d'aquella vasta, remota e tão despresada e rica Capitania. São as façanhas homericas dos bandeirantes Paulistas que se lêem nos Annaes da Camara do Cuyabá. Paulista, natural de Jacarehy (1), era a cabocla que combatia ao lado de seu marido, por entre uma chuva de flechas dos selvagens, carregando as espingardase passando-as aos combatentes que derrotaram os Indios Payaguás e Guaycurús.—*S. Paulo for ever!*

senhores. O retrato d'essa rapariga acha-se na colleção que foi mandada para S. Petersburgo.

A obra de Hercules está cheia de referencias aos retratos,—desenhos e vistas que acompanham a sua descripção. E' pena, repetimos, que taes desenhos, uns nos musêus de São Petersburgo, outros em mãos da familia ou de particulares, não venham á luz do publico!

(1) Manuscrito citado, á pag. 267.



CAPITULO VI

As noticias das hostilidades dos Guaycurús não desanimaram os viajantes. Estavam na zona que estes selvagens percorrem frequentemente. O Consul distribuiu espingardas, pistolas, polvora e balas e mandou collocar sentinellas á noite para darem o signal de alarma e impedir qualquer surpresa do gentio.

Esta situação critica nem impediu Hercules de se entregar a seus estudos, desenhando e tirando vistas e retratos de quanto encontrava digno de reparo, nem a Rubzoff de fazer as suas observações astronomicas, obrigando ás vezes a expedição a falhar dias no mesmo ponto para levar a bom cabo os seus calculos scientificos, como aconteceu no dia 12 de Dezembro á foz do Taquary.

« N'aquelle tempo, já o modo de proceder do Consul Langsdorff havia desagradado aos membros da commissão e motivado serios reparos da parte de alguns d'elles. O diario do sr. Florence não diz palavra a respeito, mas ha um facto da maior significação: é

a separação d'aquelle pequeno nucleo de distinctos viajantes em dois grupos, um dos quaes, composto de Riedel e Taunay, tomando a dianteira, seguiu isoladamente n'um batelão para Cuyabá, quando todos sabiam que as margens do Taquary e Paraguay estavam infestados de indios *Guaycurús*...

Apezar dos perigos partiram logo, continuando a monção vagarosamente a sua viagem » (1) até chegar

(1) Introdução do Visconde de Taunay ao *Esboço da V.*, de Hercules, á pag. 346. Taunay insiste repetidas vezes sobre o estado deploravel da mentalidade do sr. de Langsdorff, que Hercules, mui de industria, passa em silencio, já por delicadeza de seu coração, já por sentimento de gratidão pela fidalguia com que o Consul o tratava e de que nos falla em seu precioso manuscrito. — O V. de Taunay, em sua notavel obra *A Cidade de Matto-Grosso*, á pags. 22 e 23, escreve n'este particular: «Curiosissimo é acharmos na primeira viagem de Augusto de Saint-Hilaire (Viagem nas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes, Paris, 1830) as manifestações symptomaticas do desarranjo mental do Barão de Langsdorff, muito embora o consciencioso e ingenuo escriptor francez nem de leve, ao descrever a sua indole e os incidentes em que de continuo se envolvia, de leve suspeitasse qualquer inicio de perturbação. Partindo juntos do Rio de Janeiro a 7 de Dezembro de 1816, d'elle dá o seguinte e caracteristico retrato: «Na companhia do sr. Langsdorff, o homem mais activo e infatigavel que jámais encontrei na minha vida, aprendi a viajar, etc. Era sempre a partida o momento critico. O meu companheiro ia, vinha, agitava-se, chamava a este, ralhava com aquelle, comia, escrevia o seu jornal, classificava as suas borboletas e corria de um lado para outro sem parar um só instante. Punha em movimento toda a sua pessoa, levando para a frente a cabeça e os braços, como que a accusarem de lentidão o resto do corpo; em borbotões sahiam-lhe as palavras dos labios, offegante e de respiração oppressa á maneira de quem terminára extensa carreira. Da minha parte, eu me

á foz do Taquary. « Durante esses dias, o Taquary pareceu-nos pittoresco e alegre. Com 250 braças de largura, tem paragens variadas, numerosas ilhas em que se vêm grandes arvores isoladas, de tronco alto, direito e liso, folhagem escura e densa. Mostram-se aqui e ali, em vasta planicie de um verde gaio, que se estende a perder de vista, com capões no extremo horizonte. As margens do rio têm algum matagal. -- Passavamos varias vezes por entre ilhas e em canal estreito e bastante raso. Já era tempo das chuvas, mas, como a atmospherá conservára-se quasi sempre pura, o rio ainda tinha pouca agua, pelo que não raramente encalhavamos, permittindo, comtudo, a diminuta correnteza que com facilidade nos safassemos. — N'estes pontos apparecem com mais frequencia as onças. — Começamos a pescar *piranhas*, peixe abundantissimo no Paraguay e seus tributarios . . . » (1).

apressava quanto podia, todo medroso de fazel-o esperar; tambem ao sahir do pouso, já me sentia mais cansado do que no fim de toda a jornada.» Isto em 1816; infra-se o que não seria em 1827, onze annos depois!»

(1) Do aspecto que apresentava o Taquary, eis o que diz Saint-Hilaire: «O Taquary fecunda deliciosas planicies matizadas de bosques silvestres, e como descreve curvas pouco extensas, porém pouco repetidas, o viajante encantado acredita vêr uma série de lagoas. Nos pantanaes, o rio, dividido e subdividido, fórma grande quantidade de ilhas, cobertas de agua durante o tempo chuvoso.

Aqui tudo é novo para o viajante; quer venha da Europa, quer tenha já viajado no Brasil, não reconhecerá os objectos que o rodeiam. Palmeiras de fórmas singulares, entremeadas de arbustos odoríferos, bordam o rio; passaros mui curiosos vôm em bando de todos os lados. A' medida que a canôa se adianta levanta bandos de gaviotas e patos selvagens de

As piranhas e os mosquitos muito incommodaram os viajantes; os mosquiteiros pouco preservavam as

immensos bicos; cegonhas gigantescas parecem querer disputar aos *caimans* o imperio dos pantanos, enquanto cardumes de peixes saltitam no meio das aguas vivas. Em toda a parte o movimento, a superabundancia de vida, mas a vida do deserto, a vida dos primeiros dias: o homem não appareceu ainda. Apenas de vez em quando a ligeira canoa *guaycurú* resvala entre os arrozaes selvagens que a natureza semeou n'estes lugares, para nutrir os passaros aquaticos que abundam n'estas paragens. O aspecto novo e grandioso dos pantanaes annuncia a visinhança de um dos grandes rios da America, o Paraguay, que mesmo no tempo de secca tem na confluencia do Taquary quasi uma legua de largura; e que, quando os pantanaes estão inundados, formam um immenso lago de mais de cem leguas quadradas. Estas lagôas artificiaes como se estendem até á foz do rio Cuyabá, permitem que se navegue até esse rio sem passar pelo Paraguay e São Lourenço. Nas estações seccas, porém, as monções desciam do Taquary para o Paraguay, por este subiam cerca de 40 leguas até a fóz do S. Lourenço, penetravam n'este subindo 25 leguas até o rio Cuyabá, pelo qual entravam navegando as 64 que levam á cidade do mesmo nome, ponto terminal da jornada.» Cf. Cesario Motta Jr., obr. cit., pags. 148-149.

Lacerda e Almeida (ou melhor La-Cerda, como elle proprio se assigna) assim se refere ás *piranhas* em seu *Diario*, á pag. 67, em seu estylo chão e antiquado, e por isso mesmo curioso e digno de attenção; e convém notar que as suas observações, como as de Saint-Hilaire e outros viajantes celebres que rotearam os invios sertões do Brazil, concordam em tudo com o *Esboço* e os manuscriptos do nosso biographado. — «Ha outro inimigo aquatico, que na verdade se deve temer, e que faz arriscadissima a lavagem n'aquelles rios, pois ha muitas pessoas, que n'ellas têm perdido algum dedo, ou pedaço de carne. Este é o peixe chamado piranha, e na nossa lingua tezoura. Os maiores têm um palmo; mas a bocca é desproporcionada á sua grandeza, e os dentes, que se encaixam uns nos outros á maneira de duas serras, cortam como ellas. Em

carne do ferrão d'estes insectos (1) em tempos de cheia, em que cahem em chusmas e de modo insupportavel. Já o aspecto das planicies immensas inundadas denunciavam a proximidade do rio Paraguay,

menos de cinco minutos deixam sómente o esqueleto de qualquer homem, que tem a infelicidade de cahir n'agua, como a experiencia o tem mostrado, e ha poucos annos que confirmou em um soldado, que estando em a margem fronteira á Nova Coimbra, vendo-se acossado pelo Gentio, e não sei si já ferido, se deitou a nado, e immediatamente foi descarnado á vista de seus camaradas, que estavam no baluarte. Elles são tantos (digamos assim) como as arêas, e é digna de se vêr a guerra que no rio fazem uns contra os outros quando os navegantes, attrahindo-os ás ribanceiras com algum mono, ou qualquer animal morto, ferem algumas d'ellas, pois julgando (ao meu vêr) pelo sangue que são outras especies de peixes e animaes, para se fazerem senhores dos pedaços da carne, furiosamente se combatem, e pelo rio vai aquelle batalhão em guerra cruel, fazendo uma scena trágica e divertida.»

(1) *Esboço da V.* pag. 435. «Impossivel me fôra exprimir o soffrimento que diariamente nos causam os enxames de mosquitos. E' praga capaz de trazer o abandono de uma região inteira por quem não tenha a constancia do selvagem. Em tal quantidade nos cercavam, tão teimosos se precipitavam sobre nós para sugar-nos, que o ar em derredor parecia escuro. Quando comiamos ficavam os pratos inçados, o molho cheio d'elles; entravam-nos pela bocca. Debalde dos pés á cabeça vestiamos roupas grossas. Atravéz das vestes e pela costura das botas, por pouco que tivessem uso, ferravam-nos tremendas picadas, mettendo-se pelas calças a dentro. E' horrivel! Para garantir um tanto mais o corpo, era preciso por cima de toda a roupa embrulhar-se n'uma grande colcha ou manta, o que produzia calor intoleravel; como meio de defender o rosto só havia, desde o alvorecer até ao cahir da tarde, agitar um leque ou um abano. Minhas luvas tinham furos. Nos pontos descobertos, a pelle já estava tão insensivel que por vezes

em cujas cabeceiras já haviam cahido e continuavam a cahir chuvas abundantes. Ahi é que começam os vastos *pantanos geraes* que vão de Norte a Sul desde a embocadura do Jaurú até á do Taquary, 45 leguas portuguezas, no meio das quaes correm os rios Jaurú, S. Lourenço e Taquary, e limitados ao occidente por uma serra parallela ao curso do Paraguay (1). Esta vasta zona encharcada é assignalada por muitos geographos sob a especificação de *Lagôa dos Xarayes* ou Laguna Xarayes. Este pantanal, diz o Conde de Azambuja, fórma varias bahias limpas, em uns larguissimos campos, tão largos que a vista se perde para lhes alcançar o fim (2). Na época das innundações, as canôas abandonam o alveo do rio n'um lugar chamado Pouso-Alegre, e varam pelo campo afóra em linha recta, descambando para Oeste até entrarem no Paraguay pelo *Furo-mirim*, distante 18 legoas (3). Dão a este lugar o nome de *Pouso-Alegre* « pelo contentamento que havia no encontro das canôas de commercio, que vinham de S. Paulo, com outra canôa armada em

matei alguns d'aquelles infernaes insectos, cheios de sangue a mais não poder.

O mesmo acontecia no rosto, quando cançava de me abanar. O interior das barracas ficava todo negro, tal a quantidade dos que pousavam; negras as bordas das canôas e qualquer ponto em que, por algum tempo, pudessem-se ter quietos. A camisa, a calça que vestiamos n'um momento se tingiam de nodozinhos de sangue, pois o menor movimento matava uma grande porção, que de pesados não podiam mais voar.!

(1) *Esboço da V.*, pag. 419-420.

(2) *Relação cit.*, pag. 491.

(3) *Esboço da V.*, loc. cit.

guerra, que vindo de Cuyabá em tempo proprio, os costumava esperar neste lugar, e unidas ás outras faziam uma força capaz de resistir ao Gentio Payaguá: quando se recolhiam para S. Paulo eram tambem acompanhadas até este lugar (1). » — N'um desses encontros foi que pereceu o Ouvidor Geral da Comarca de Paranaguá, de que dêmos noticia no capitulo antecedente. N'essas vastidões alagadas cresce em grande abundancia o arroz selvagem, cuja altura excede de sete a oito pés. Quando os *Guatós*, indios canoeiros, fazem a colheita, sacódem as espigas dentro de suas barquinhas e n'um instante as enchem até ás bordas (2). Estes Indios móram nas fraldas de altas montanhas que se divisam ao longe e a rumo de N.O. e acompanham o Paraguay de um lado e d'outro (3). Pela manhan de 12 de Dezembro entraram nas aguas do Paraguay, « caudal celebre nos annaes das Missões hespanholas e portuguezas pelas vantagens excepcionaes que sua navegação proporciona aos vastos territorios em que corre (4). » A brisa da manhan enruga as ondas do grande rio, que vêm se quebrar de manso ás canôas da

(1) *Diario cit.*, pag. 69.

(2) *Esboço da V.*, pag. 420.

(3) *Ibid.* « Nosso guia escolheu o pouso na margem direita, porque receiava podermos do outro lado ser atacados pelos *Guaycurús*. Acampámos debaixo de arvores baixinhas que orlavam em pouca distancia o rio. Além ficava um campo de arroz de dois pés de altura, campo vastissimo, a perder de vista e de um verde bellissimo.

Alguns grupos de arvores se destacavam aqui, alli, na esplendida alfombra, madeiras de tronco liso e direito como fustes, cuja folhagem se expandia á maneira das chapeletas de cogumelos. »

(4) *Ibid.*

monção. A margem opposta está orlada de praias de areia e de pequenos outeiros cheios de verdura. Abicaram para esse lado, contentes por vêrem a terra e deixarem um rio a inundar campos e arvores. Estavam em paiz novo; ouvem sons iguaes aos de um porto habitado: é a *anhupóca*, cujo canto imita a voz do sino d'aldeia (1). — O Paraguay tem as cabeceiras no Alto Diamantino; dirige para o Sul o magestoso curso, para os Estados do Dr. Francia; e recebe o contingente de sete grandes rios até confluir com o Paraná, onde perde injustamente o nome para cedello ao affluente. Do lado do norte estende-se n'uma planicie de 50 leguas, inundada periodicamente como o Egypto, coberto de palmeiras e de crocodilos, e onde só faltam as Pyramides, as Esphynge e os templos para nos transportarem ás margens do sagrado Nilo. Grandes embarcações pódem sulcal-o desde Buenos Ayres até Villa Maria e, subindo pelo rio Cuyabá, até a capital de Matto-Grosso. E' uma extensão de 600 leguas, livre do menor obstaculo, sem cachoeiras, nem corredeiras; em toda ella deslisam-se mansamente aguas fundas e largas. E' o mais bello canal que a natureza formou para permittir ao homem devassar desertos tão dilatados, para povoal-os e dar-lhes as regalias de activa navegação e immenso commercio. Em qualquer ponto achariam os barcos a vapor florestas para abastecel-os de combustivel abundante e facil (2).

(1) Manuscrito, á pag. 272. As bellezas do Manuscrito tudo perdem na traducção. Mais uma vez se verifica o *traduttore, traditore*.

(2) *Esboço da V.*, pags. 420-421. Manuscrito, *loc. cit.* O Conego João Pedro Gay, vigario de S. Borja nas Missões Brazileiras, em sua estimavel *Historia da Republica Jesuitica do Pa-*

Infelizmente, como bem pondéra Hercules, o singular systema do Dr. Francia immobilizou os recursos proporcionados pelo Paraguay. Ao regimen benefico das

raguay, publicada por deliberação do Instituto Historico e Geographico e impresso no Rio de Janeiro em 1863, na typ. de Domingos Luiz dos Santos, escreve á pag. 420: « Na vertente Sul da serra Diamantina, nas Sete Lagôas, pouco mais ou menos na longitude de 12° meridiano do Rio de Janeiro e de 13° de latitude austral, nasce o rio Paraguay, cujo nome pôde-se traduzir *rio dos payaguás* ou antes rio do Cacique Pará. *Pará* quer dizer *oveiro*, *guá* quer dizer *além da agua*, e *y agua*. Corre ao rumo Sul, engrossando se de varios arroios á direita e á esquerda que nascem da mesma serra, etc.

Com esta immensa massa d'agua que o rio Paraguay tem recolhido em sua carreira tambem gigantesca, cuja massa si não ignala em quantidade ás que o Paraná ostenta, questão que não ousou decidir, tem sobre ellas a superioridade de offerecer melhor navegação em um curso dilatadissimo; o soberbo rio Paraguay se avança para a cidade de Corrientes, como que envergonhado de ir se alliar ao irmão que lhe tirára o nome, e confuso d'esta alliança recusa algum tempo misturar com elle suas aguas, que durante algum espaço rolam junctos por sete correntes sem se misturarem, maravilha de especie particular que fez dar o nome de Sete Corrientes á cidade que todos os dias gosa d'este estranho espectaculo.»

Em seu Manuscrito, á pag. 276, escreve Hercules: « Estamos, como disse, n'uma margem do Paraguay, de frente do Taquary. E' noite; passeio á beira do rio, de leve illuminado pelos fogos longinquos dos Guaycurús; deslisa com a mesma mansidão que conserva desde as suas cabeceiras, em pleno centro da America do Sul, até Buenos-Ayres. Os rios são as estradas primitivas traçadas ao homem pela Providencia para penetrar nos continentes desertos ou povoados por selvagens; mas o Paraguay é tão francamente navegavel, que é um Mediterraneo aberto a todas as Nações, que virão um dia pelo Oceano commerciar com os seus povos, desde o Atlantico até ás fronteiras do Perú. E eu que, não ha muito, estava no

Missões fundadas pelos Jesuitas, e que arrancaram um grito de admiração e entusiasmo ao proprio Chateaubriand (1), succedeu a dictadura militar que teve o seu sinistro mas natural desfeixo nas margens do Aquidaban. Tal a impressão de terror que a Dictadura incutia nos estrangeiros, que um explorador italiano, o sr. Mantegazza, em suas *Viaggi*, escrevia em 1855, no tempo do general Carlos Antonio Lopez: « Quando se abandona o Paraná para entrar no Paraguay, a pay-sagem perde em grandeza, ganha porém em graça e variedade. Percebe-se, ao mesmo tempo, que se entra

meio das velhas populações da Europa, e das populações nascentes da America, sinto-me orgulhoso de ter aportado a estas margens, cuja solidão me representa ao vivo o estado do mundo antes da creação do homem. Tóco ainda aos extremos de um periodo de seis mil annos.»

(1) Do manuscripto de Hercules, á pag. 280:

« Isto me traz á memoria as ilhas fluctuantes de que falla Chateaubriand em suas bellas descripções do Mississipi. Que magnificos episodios não teria descripto este illustre viajante dos fogosos Guaycurús e dos valentes Guatós! Como elle recebi da natureza o funesto dom do genio, mas não tive a sua audacia nem a rebelde inconstancia de Byron: o meu genio só tem servido para me atormentar inutilmente.

Eu não nasci em um castello da Bretanha, a fortuna não me estendeu a mão na idade de dezenove annos. O meu genio nasceu nas agruras da miseria. . . Pertenco a esta multidão da qual são importunos os gemidos. O Genio não conhece obstaculos; e eu os encontrei durante toda a minha vida. Mystérios sublimes me foram desvendados em meu sepulchro de trinta annos. Não me faltou a coragem; mas um peso de ferro recahia sobre mim a cada esforço que fazia. Não sou eu só que vivo na sombra. Emquanto o Evangelho fôr desprezado, quantos e grandes genios não se apagarão nas massas proletarias! »

em uma terra de servidão, e eu, que tive a dupla fortuna de n'ella entrar e d'ella sahir, proponho de inscrever sobre um poste, na embocadura do rio, o verso famoso do Dante:

Guarda com'entri e di cui ti fide (1). »

Estas palavras explicam-se pela data de sua viagem, como as de Hercules, que tão bellas e suggestivas descripções nos faz das tribus Indias (2). — Os Paulistas commetteram a crueldade de destruir Guayrá, onde os Jesuitas dirigiam e administravam no Paraguay e sobre as margens do Paraná vinte e nove reduções (3) com uma população superior a cem mil almas, perfeitamente confederados e gozando de todos os beneficios da paz, do trabalho, da liberdade e dos preceitos do Catholicismo, cujos exemplos lhes eram dados pelos Padres da Companhia, aliás « muito mal vistos das auctoridades civis e militares e pelos possuidores de *commendas*, por causa da demasiada solicitude com que

(1) Mantegazza obedece aqui á lei do meio, como observa com razão Ad. F. de Fontpertuis, *Les Etats Latins de l'Amérique*, c. V, § 3º, pag. 163.

(2) *Esboço da V.*, pags. 414 e seguintes, 423 e seguintes e *passim*.

Escreve Hercules á pag. 451 de seu *Esboço da V.*: «Sei que não passo de um escrevinhador sem letras, cujos escriptos não hão de vêr a luz da publicidade, mas si a natureza tudo me negou, porque concedeu-me o dom de sentir com tanta força?»—Em nota áquella pagina o sr. Taunay assim se exprime: «As descripções que seguem são um protesto vivo contra este rasgo de excessiva modestia. Cabe-me a felicidade e grande de ter talvez impedido a realisação d'aquelle prognostico.»

(3) Conego J. B. Gay, obra cit., pag. 171.

constantemente protegiam os Indios contra sua tyrannia e despotismo, desmascarando com um excessivo zelo a libertinagem, a preguiça e poder absoluto e caprichoso dos possuidores de *commendas* » (1).

Foi sobre esta população pacifica, industriosa e feliz, que se atiraram os bandos ferozes de caçadores Paulistas, capitaneados por Antonio Raposo e Manuel Preto, em 1629. — « Em trez annos ficou o Goayrá liquidado e reduzido a um montão de cinzas. Segundo alguns historiadores, cerca de 20.000 Indios foram mortos e 60.000 foram feitos prisioneiros e trazidos para São Paulo, escapando sómente uns 20.000 que conseguiram atravessar os rios Paraná e Yguassú e refugiar-se em territorio do Paraguay e de Corrientes » (2). — Igual crime commetteram os que aniquillaram as Missões da Republica Jesuitica do Paraguay. Leiam-se os auctores contemporaneos dos acontecimentos e os posteriores, maxime o dr. Francisco Xarque (3) e o Conego J. B.

(1) Ibid.

(2) Dr. A. de Toledo Piza, na *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, volume III, 1898, pag. 44. Convém lêr este estudo do nosso eminente amigo, que faz justiça ás Missões jesuiticas e verbéra com vehemencia as crueldades dos Paulistas em Guayrá. (O dr. Piza escreve *Goayrá*.)

«Maravilhoso resultado obtido pelo systema politico-social empregado pelos primeiros Jesuitas no seu paciente trabalho de catechese e civilisação dos Indios», etc.

(3) *Insignes Missioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay*. « O inimigo composto de 800 mame-lucos, 3 mil tupys com armas de fogo e outros instrumentos de guerra, se lançaram como lobos sobre aquelles cordeiros que os iam receber, prendendo-os e carregando-os de cadêas, e tirando-lhes os vestidos com crueldade... Os inimigos se dividiram em toda a povoação em partidas e a sangue e fogo em

Gay: a verdade documentada nos entra pelos olhos a dentro. Não sómente Chateaubriand (1) e Crétineau-Joly, sinão também Montesquieu e Voltaire — fizeram justiça á sabia administração das Missões, que a continuarem, tornariam o Paraguay inexpugnável e invencível, um fóco de luz e civilisação a irradiar sobre as nações visinhas e principalmente sobre os indigenas dos nossos vastos sertões.

ponco tempo a saquearam sem resistencia, captivando a gente desvalida, e matando a todos aquelles em quem achavam ou presumiam resistencia. Entraram na igreja, saquearam a sacristia, profanaram os altares, derramaram os santos oleos, fazendo escarneo das cousas sagradas, com mais ousadia que os hereges de Inglaterra; e tendo aprisionado os pobres captivos e carregado de ferros, tendo receio que lhes chegasse soccorro dos povos visinhos, tocaram a retirada e marcharam ao amanhecer.»

(1) *Genio do Christianismo*, traducção de Camillo Castello-Branco revista por Augusto Soromenho, Porto, 1864, 2ª edic., tomo II, livro 4º, cap. 4º e 5º, pags. 242-256. « O principal desejo que deve sentir-se ao lêr esta historia é transpôr os mares, e ir, longe dos tumultos e revoltas, procurar uma vida obscura nas cabanas dos selvagens, e uma campa tranquillá sob as palmeiras dos seus cemiterios. Mas nem os desertos são assaz profundos, nem os mares assaz vastos, para furtar o homem ás dôres que o perseguem.

Sempre que se pinta o quadro da felicidade d'um povo, é forçoso rematar na catastrophe: no mais rico das pinturas, o coração do escriptor contráe-se a esta reflexão que incessantemente o inquieta; *Tudo isto acabou*. As Missões do Paraguay estão extinctas; os selvagens reunidos com tantas canceiras erram de novo nos sertões, ou abafam vivos nas entra-nhas da terra. Applaudiram ahi a aniquillação d'uma das melhores obras da mão do homem. Era uma creação do christianismo, uma seára adubada com sangue dos apóstolos: odio e desprezo foi a sua recompensa! »

A politica seguida pela Metropole em relação aos Indios não foi isempta de erros e de culpas. A escravidão dos Indios foi um crime, que não tinha a attenuante, si attenuante pôde haver em similhante assumpto, da escravidão implantada no Brazil pelos portuguezes. Foi a causa da expulsão dos Jesuitas da Capitania de S. Vicente, por quererem dar execução ao Breve do Santo Padre Urbano VIII contra « a caçada e o captiveiro dos Indios pelos portuguezes e hespanhoes, que então estavam sob o reinado dos Philippes, sendo o Portugal uma provincia da Hespanha desde 1580 (1). » Hercules escreve em seu manuscrito: « Vi nos Annaes da Camara Municipal de Cuyabá tratados de paz celebrados em Nome da Santissima Trindade em Villa Maria, pelos fins do seculo XVIII, entre Deputados Portuguezes e Guaycurús, que provam quanto estes eram respeitados. Devemos confessar que a Côrte de Lisboa procurava conciliar os Indios do Brazil no tempo de D. João VI. D. Pedro I seguia a mesma politica, e as instrucções de seu Governo prescreviam que nunca se maltratassem os selvagens, mesmo rebeldes, e ganhassem a sua amizade por meio de dadivas.

Infelizmente esta sabia politica não impedia os *barbaros civilizados* de commetterem crueldades inauditas e muitas vezes tão estupidas quanto inuteis contra os pobres habitantes das florestas de seu paiz (2). »

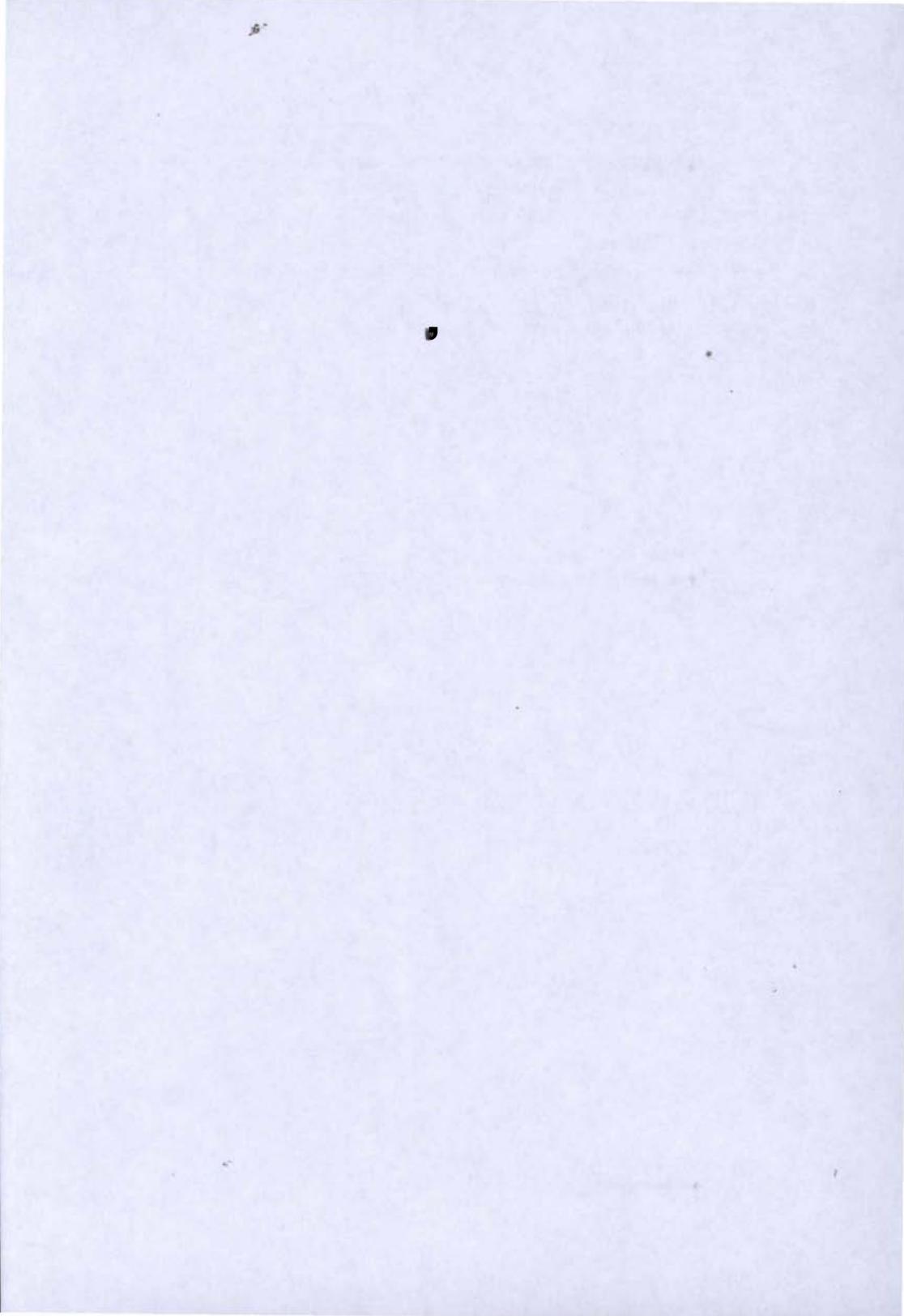
O que o Brazil tem de bom deve-o aos Jesuitas e ás Ordens Religiosas no tempo colonial e da Independen-

(1) Dr. A. de Toledo Piza, *loc. cit.*

(2) Manuscrito á pag. 268.

dencia. Cumpre reivindicarem este patrimonio, em nome da Historia, calcando aos pés preconceitos e superstições de seita. Não se póde torcer a Verdade: a Mentira baqueará.

Releve-se-nos a digressão: era necessaria. Os direitos da Verdade historica são imprescriptiveis: já o disse Pascal: — *L'homme s'agite et Dieu le mène.*





CAPITULO VII

Na noite de 12 de Dezembro a visinhança dos Indios manifestou-se pelos fogos que atearam do lado dos campos.—Pela manhan de 14 alcançaram a povoação de Albuquerque, « assente á margem direita do rio e em terreno um tanto alto e enxuto. Quatro lances de casas em torno de uma praça, uma capellinha intitulada igreja e uma casa para officiaes de primeira linha, constituem o povoado. — Não vi sinão quatro a cinco brancos, o resto era crioulo, caburé, mestiço ou indio. O commandante, official de milicias, era de côr parda » (1). Uma reproducção, para peior,

(1) *Esboço da V.*, pag. 422. O Dr. Lacerda e Almeida em seu *Diario* á pag. 66: « A bom navegar cheguei á povoação de Albuquerque, pelas 7 horas da noite, onde fui hospedado pelo sargento-mór Commandante, que já no anno de 1786 me tinha feito o mesmo obsequio; e agora, para o fazer mais completo e plausivel, me regalou com uma dança do paiz, e favorita d'elle, insipida sim, mas muito bem executada pelos moradores da povoação.» Na Descrição Geographica da Capitania

de Camapuan. — Foi esta aldêa, escreve Milliet de Saint-Adolphe (1), fundada em 1778 pelo governador de Matto-Grosso, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres (2), para morada de varias tribus de Indios Quinquinados e Guatós, que foram ao depois civilizados pelo missionario italiano José de Monserrate.

de Matto-Grosso no anno de 1797, publicada na *Revista do Instituto Historico*, tomo XX, 2º trimestre de 1857, lê-se á pagina 277: «A Povoação de Albuquerque, situada na margem occidental do Paraguay, no centro, em face que olha para o norte das serras d'este nome de 10 leguas de lado, tendo ellas outras 10 de extensão no outro lado de norte a sul; é a melhor e unica porção de terreno de ambas as margens do Paraguay, por mais de 100 leguas de intervallo, capaz de uma abundante cultura, com bons mattos e porções de campos em que póde haver gado, por si não inundam na maxima alagação e transbordamento do Paraguay; alagação que se conserva no seu estado 3 e 4 mezes cada anno nos de maior cheia, etc.»

(1) *Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brazil* por J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe, traduzido pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, Paris. 1863, t. I, á pag. 24.

(2) Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres foi o 4º governador da Capitania de Matto-Grosso; tomou posse em Villa-Bella em 13 de Dezembro de 1773; governou 16 annos 11 mezes e 9 dias. Succedeu-lhe o seu irmão João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, que tomou posse em 20 de Novembro de 1789 e governou 6 annos, 3 mezes e 10 dias; falleceu em 28 de Fevereiro de 1796 em Villa-Bella. Além de Albuquerque, Luiz de Cáceres fundou Insúa em 1773; Jaurú, 1774; Coimbra, 1775; Forte do Principe, 1776; Vizeu (abandonado) 1776; Villa-Maria. 1778; S. Pedro d'El-Rey, 1781 e Cavalvasco em 1782. Foi «celebre e bemquisto.»

Em Albuquerque a expedição parou cinco dias. Chegaram duas canoas com *Guanás*: nove homens e duas mulheres. Um já velho tinha entre os seus a patente de capitão-mór, que mostrava com grande ufania, e assignada pelo antigo governador-geral da provincia João Carlos Augusto de Oeynhausen (1). Estes Indios,

(1) Hercules e o traductor escrevem erradamente *Oeynhausen*. Não admira; quando na propria Secretaria do Governo de S. Paulo existem cópias officiaes com aquella orthographia. Mais tarde, o Visconde de Taunay, em 1895, em um estudo historico que nos remetteu sobre esse governador, estudo de summa importancia, destinado ao nosso extincto *São Paulo Historico*, corrigiu o erro e explicou a correcção com grande abundancia de erudição.—«Deve ser Gravenberg e não Gravenburg», diz o V. de Taunay. Entretanto, o dr. João Severiano escreve Gravensberg.—Gravenberg é uma povoação perto de Krems, na Austria.—Bem. João Carlos Augusto de Oeynhausen Gravenburg, afillado da rainha D. Maria, governou o Ceará de 1799 a 1806; e o Matto-Grosso, de cuja Capitania tomou posse a 18 de Novembro de 1807, em Villa-Bella: governou 11 annos, 1 mez e 21 dias; foi seu oitavo governador.

A 14 de Julho de 1817 foi nomeado para o governo de São Paulo, do qual tomou posse a 23 de Abril de 1819. (Piz. *Mem. Hist.*, VIII, 291). Oeynhausen deixou boas tradições de sua administração, quer no Ceará, quer em Matto-Grosso e sobretudo em S. Paulo, onde, refere Saint-Hilaire (*Viag. Prov. S. Paulo*, I, c. 7, pag. 270) «mostrava-se em tudo o pai de seus jurisdicionados.» Servira primeiro na Africa. Depois de proclamada a Independencia, para o que muito cooperou em S. Paulo, foi nomeado Visconde e Marquez de Aracaty.

Quando, a 22 de Janeiro de 1826, o Primeiro Imperador escolheu os membros do Senado, Oeynhausen o foi pelo Ceará. Após o 7 de Abril de 1831 o Marquez de Aracaty acompanhou D. Pedro I á Europa; e a sua cadeira de Senador foi declarada vaga, por ter elle sahido do Imperio sem licença, a 19 de Maio de 1831.

que móram na margem O. do rio Paraguay, são os que mais em contacto vivem com os brasileiros. Hercules faz uma descripção perfeita e completa d'essas tribus, e allude aos desenhos que acompanhavam o seu trabalho (1). E' grande pena, como dissêmos, que desenhos e vistas em numero superior a 300 (2) estejam — uns na capital da Russia, outros esparsos em diversos lugares e em poder de varios membros da familia, e o maior numero, finalmente, perdidos. O Visconde de

(1) *Esboço da V.*, pag. 423. «Agricultoras, cultivam o milho, o aipim e mandiôca, a canna de assucar, o algodão, o tabaco e outras plantas do paiz. Fabricantes, possuem alguns engenhos de moer canna, e fazem grandes peças de panno de algodão, com que se vestem, além de rêdes e cintas.

Industriaes, vão em canôas suas ou nas dos brasileiros, até Cuyabá, para venderem suas peças de roupa, cintas, suspensorios, silhas de sellim e tabaco. Grande parte d'elles empregam-se nas plantações ou moendas a ganharem dois a trez vintens por dia além do sustento, ou então entregam-se á pescaria, indo levar peixe á cidade de Cuyabá, em cujo porto habitam n'umas choupanazinhas. As peças de algodão trançado, que aqui são conhecidas por *pannões*, não têm ordinariamente mais de quatro varas de comprimento e duas ou trez de largura. São tramadas de um modo para mim desconhecido, os fios verticaes inteiramente cobertos pelos horizontaes de lado e de outro, o que faz com que o tecido seja muito espesso e proprio para barracas; por não dar passagem á mais violenta chuva. O desenho junto mostra o ponto do tecido. A segunda figura representa a trama já usada: então deixa ella vêr o modo por que é tecida, mas não tanto quanto está figurado. Ambas são de tamanho natural.»

(2) Introducção cit. do V. de Taunay, pag. 338. Nos manuscritos de Hercules encontram-se alguns desenhos, e esboços, relativos á expedição.

Fazem vivamente sentir o extravio dos demais.

Taunay por vezes procurou saber que destino tiveram em São Petersburgo estes trabalhos.—« Uma ocasião, pedi oficialmente ao sr. Marquez de Paranaguá, então Ministro de Estrangeiros, officiasse ao nosso Ministro a esse respeito: depois escrevi aos srs. A. Ionine e P. Bogdanoff, Ministros da Russia aqui. Nada consegui até agora » (1). Já em 1864, o sr. Augusto Leverger, depois Barão de Melgaço, um dos mais distinctos chefes da Marinha Brazileira (2), e « uma das figuras mais salientes de toda a historia de Matto Grosso » (3), em *Breve Memoria* relativa á chorographia d'aquella Provincia (4), referindo-se a ter chegado em 1827 a Cuyabá a expedição scientifica do Consul Geral da Russia e aos trabalhos de geographia mathematica a cargo do sr. Rubzoff, lastima por sua vez que taes trabalhos não fossem publicados e talvez se perdessem. « Talvez se pudesse facilmente, escreve o venerando geographo, por intermedio da Legação Imperial em S. Petersburgo, obter cópia d'esses trabalhos, pois, entre outros pro-

(1) *A Cidade de Matto-Grosso*, c. III, pag. 24 e nota.

(2) Augusto João Manuel Leverger nasceu a 30 de Janeiro de 1802 em Saint-Maló, (França) patria de Jacques Cartier, Duguay-Trouin, La Bourdonnais e outros insignes homens do Mar, e veio para o Brazil em 1819; entrou na marinha brazileira a 11 de Novembro de 1824. Chegou a Cuyabá em fins de Novembro de 1830 e ali falleceu a 14 de Janeiro de 1880. Servira desde a Independencia na marinha brazileira e exercera por diversas vezes os cargos de presidente e commandante das armas da Provincia de Matto-Grosso, além de outras incumbencias importantes, que desempenhára cabalmente como engenheiro. (Teixeira de Mello.)

(3) *A Cidade de Matto-Grosso*, c. XIV, pag. 81, nota

(4) *Revista Trimensal* do Instituto Historico, t. XXVIII, parte 1ª, pags. 129-155.

veitos, tirariamos d'elles o de obter uma carta, que nos falta, da navegação dos rios Arinos, Juruema e Tapajoz, por onde retirou-se o dito Conselheiro, tendo vindo pela navegação de S. Paulo » (1). De facto: a publicação dos trabalhos da commissão, — os calculos astronómicos de Rubzoff, as classificações de Riedel, os desenhos de Hercules (já não fallamos em Rugendas, Taunay e Hasse...) — o diario do proprio chefe, «de Porto-Feliz a Cuyabá, quando não até o fatal porto dos Indios *Apiacás*, no Arinos, seriam subsidio valiosissimo, um thesouro inestimavel para a sciencia no Brazil. « De Cuyabá foram, entretanto, remettidos para o Rio de Janeiro, por intermedio de negociante Angelini e d'ahi pelo vice-consul da Russia Kielchen extensos reatorios, herbarios e mais de 150 grandes desenhos, além de muitos pequenos, que devem estar em S. Petersburgo » (2).

No dia 19 de Dezembro partiram de Albuquerque, acompanhados até á praia pelo commandante, que em honra ao sr. Consul, mandou dar algumas salvas. Com a commissão iam varios *Guanás* em duas pirogas (3). A navegação do Paraguay foi penosa, com extrema lentidão, tanto mais incommoda quanto os mosquitos não lhes deixavam um minuto de socego. O rio tinha to-

(1) *Ibid.*, pags. 145-146.

(2) *A Cidade de Matto-Grosso*, c. III, pag. 24.

(3) Sobre *Guanás* vide o Parecer sobre o aldêamento dos indios vaicurús e guanás, com a descripção dos seus usos, religião, estabilidade e costumes, pelo tenente-coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, na *Revista Trimensal* do Instituto Historico, tomo VII, 2ª edic., pags. 207-208. Hercules, Manuscripto, pag. 279.

mado agua; as zingas não alcançavam mais o fundo; os aguaceiros eram continuos. Recorriam então os camaradas a umas varas compridas, terminadas em forquilha, com as quaes, agarrando os ramos de arvores e troncos ou apoiando a extremidade de encontro a elles, empurravam as canôas por diante. Raros eram, porém, os galhos resistentes, e cada vez mais violenta a correnteza (1). Aguaceiros ininterruptos e violentos: tudo molhavam, até dentro das barracas que eram muito mal feitas (2); pousos inhospitos, sólo encharcado e máu passadio de mesa. — O Conde de Azambuja e o dr. Lacerda e Almeida fazem a mesma desconso-ladora descripção. « Desde o fim do Tacuary, diz D. Antonio Rolim de Moura Tavares (Conde de Azambuja) (3) comecei a experimentar peiores pousos, porque com as muitas chuvas estavam as margens dos rios alagadas, e os mesmos mattos molhados; de sorte que varias

(1) Tannay, Introduç. cit. pag. 346. *Esboço da V.*, paginas 426-427.

(2) Id., pag. 427.

(3) D. Antonio Rolim de Moura Tavares, Conde de Azambuja, foi o 1º capitão-general da Capitania de Matto-Grosso, da qual tomou posse na villa de Cuyabá em 17 de Janeiro de 1751, e governou 13 annos, 11 mezes e 15 dias.—Partiu de Porto Feliz a 5 de Agosto de 1750 e chegou a Cuyabá a 12 de Janeiro de 1751 e a Matto-Grosso a 14 de Novembro do mesmo anno. Estabeleceu a nova povoação com o appellido de Villa Bella aos 19 de Março de 1752 nas margens do rio Guaporé, em cujo dia se levantou o pelourinho e foram nomeados capitão-mór e vereadores.—A Carta Régia de D. João V a Gomes Freire de Andrade, governador e capitão-general do Rio de Janeiro, creando os dous novos governos de Matto-Grosso e Goyaz, teve o *cumpra-se* de Gomes Freire a 27 de Agosto de 1748, em Villa Rica.

vezes nos viamos obrigados a comer o almoço e a ceia meios engrolados » (1). E Lacerda: « Entrei no Pa raguay pelas 7 horas da manhan, tendo vindo desde longe divertindo-me com a bella perspectiva dos montes que abeiram ao Paraguay, e renovando as idéas do anno de 1786 quando em companhia mais numerosa-alegre, e instruida (2), fiz aquella viagem, de que me recordo com saudades, não obstante os muitos perigos, incommodos, e trabalhos, que tivemos, principalmente na travessia do lago Xaraes (3) ao S. e O. da Nova Coimbra, chegando a passar 7 dias com uma pouca de farinha de milho, e marmellada já ardida, que de S. Paulo vêm para todas as Minas para negocio, e isto aconteceu por não haver terra, onde se fizesse a comida, até que no fim de 7 dias achámos um lugar secco, que nos pareceu a terra da promessa, onde fizemos alto, e passámos aquella noite abrigados em toldas da muita chuva, que por cinco dias successivos tinha cahido, e aquecendo-nos ás fogueiras pelo muito frio que fazia. Vi então por experiencia propria que o melhor guizado do mundo, e o mais innocente, é o feijão e toucinho pouco cozidos. Este é o bom effeito da sobriedade » (4).

(1) Rolim de Moura, *Relação cit.*, á pag. 497.

(2) Lacerda e Almeida, *Diario cit.*, á pag. 29.

Com o dr. Lacerda iam o capitão Ricardo Franco de Almeida Serra e o dr. Antonio Pires da Silva Pontes Leme, mathematico, o engenheiro Joaquim Ferreira e dous desenhadores: commissão scientifica, astronomica e geographica, encarregada das demarcações da Capitania.

(3) Vide pag. 132.

(4) Lacerda e Almeida, *Diario cit.*, pag. 66.

Os *aguapés* e o cantar dos *anhumapócas* e *aracuans* (1) eram triste e parco allivio aos soffrimentos da expedição; até que o latido de cães e o cantar de gallos lhes notificaram um ponto habitado. Que consolo! (2) Estavam nos Dourados; abicaram; e d'ahi a instantes chegaram umas canôas cheias de *Guatós* (3), tribus indias da nação *Parécys*, que dominam nas margens dos rios ao norte da cidade de Cuyabá. São

(1) «As margens do Paragnays são todas bordadas de *aguapés*, planta que alastra na superficie das agnas e cujas folhas grandes e redondas formam massiços que seguem desde abaixo das barrancas até ácima ás ondulações do terreno. Si se destaca um torrão de terra, correm os *aguapés* para o rio e, levados pela corrente, fórman ás vezes ilhas não pequenas. De ha dias, ainda a navegar o Taquary, onvirmos com muita frequencia o cantar dos *anhumapócas* e *aracuans*. A primeira d'essas aves é um bello passaro do tamanho de uma perua: têm o porte alto, os olhos vermelhos, um collar de pennas pretas, além de outro formado pela pelle núa. A plumagem é acinzentada, os pés cumpridos e vermelhos, as azas armadas cada uma d'ellas de dois esporões, com que póde ferir perigosamente. Viamos com frequencia este interessante passaro, sempre aos pares, quando muito trez junctos. O canto que ergue na solidão dos pantanos faz lembrar o som do sino no campo. O casal de *aracuans* é inseparavel. Si canta o macho, responde a femea, repetindo as mesmas notas, mas em tom differente. Quando avultam os pares, então o alarido é forte. Esse canto imita os gritos de uma gallinha que está sendo perseguida, com a differença de que é cadenciado e repetido alternadamente por um e outro.» *Esbóço da V.*, pags. 427-428.— Vide Hercules Florence, *Zoophonia*, memoria escripta em francez no anno de 1829 e traduzida em 1877 por Alfredo d'Escragnolle Taunay, na *Revista Trimensal*, tomo XXXIX, parte 2ª, á pag. 331. E' um escripto curiosissimo, raro em seu genero.

(22) *Esbóço da V.*, pag. 428.

(23) *Ibid.*

doceis, mas por extremo indolentes. Vivem da caça e da pesca, em que têm summa destreza (1); e, inimigos dos Guaycurús, que os fizeram recuar até os fundos da serra da Gaiba, solicitam a amizade portugueza (2). São tribus errantes, quer por terra, quer pelos rios e cujos aldeamentos são temporarios e sujeitos ás enchentes fluviaes ou ás guerras intestinas. Como diz Ricardo Franco de Almeida Serra, — «esta morada é sempre ambulante, porque a maxima alagação do Paraguay, que não inunda ao mesmo tempo os ditos taboleiros e campos altos que acompanham as escarpadas serras de Albuquerque, deixa n'aquelles lugares não só sufficientes pastos para tão innumerous animaes, mas chama a elles abundante cópia de peixes, e de jacarés, que buscam sempre os fundos das bahias, dos escoantes e

(1) Milliet de Saint-Adolphe, *Diccionario* cit., t. I, pag. 431.

(2) Extracto da descripção geographica da provincia de Matto-Grosso feita em 1797 pelo sargento-mór de engenheiros, Ricardo Franco de Almeida Serra, na *Revista Trimensal*, tomo VI, 2ª edic. pag. 180.—Este Ricardo Franco de Almeida Serra deixou muito bom nome na Capitania: defendeu heroicamente o forte de Coimbra em 1801 e ali falleceu e foi sepultado em 1809. «Essa tumba, escreve o V. de Taunay em sua citada *Cidade de Matto-Grosso*, á pag. 79, deve despertar-nos o maior interesse, pois suscita mil recordações de um homem bom, honesto quanto possivel, valente, verdadeiro sabio, amante da natureza, leal servidor da sua patria, philanthropo esclarecido, consciencioso sempre no exercicio de quantos deveres lhe foram impostos durante 40 annos de estada no Brazil, passados quasi todos na Capitania de Matto-Grosso e Cuyabá e nas regiões mais insalubres d'essa longinqua zona, sem que até hoje tivesse, apezar de tantos titulos de recommendação, achado ainda quem desse, de vida tão bem preenchida, sinão brevissimas e lacunosas nótas biographicas, sempre intercurrentes em assumpto diverso.»

partes mais baixas d'estes campos, encostando-se assim aos lugares não alagadiços d'elles, em cujos mergulhados terrenos se abrigam, e semelhantemente veados, porcos e outras caças; concorrendo tudo para que estes indios tenham n'este tempo, que muitas vezes é a maior parte do anno, junto da propria morada tanto o seu sustento, como os pastos precisos para as suas numerosas cavalgaduras » (1) Logo, porém, que a inundaçào vai abaixando, tambem vão faltando n'aquelles campos os pastos e aguadas necessarias; pelo que vêm então os indios acompanhando a sua vazante, e buscando nas muitas baixas e escoantes, que os retalham não só viçosas relvas, mas abundante pesca nos peixes, que se empilham nos fundos das ditas bahias e escoantes, que sempre querem remontar; cujos escoantes, quanto mais encurtam a sua extensào para reentrarem nos seus limites, mais trazem atraz de si estas aldêas volantes; até a mesma margem do Paraguay visinha de Coimbra, d'onde fazem diarias digressões para ambos os lados d'este grande rio, a buscarem nas bahias, que ficam existindo, peixes, jacarés e capivaras; e nos campos, porcos, veados e outras caças; o que praticam não só na total vasante do Paraguay, mas nos annos em que as suas cheias pouco trasbordam além das suas margens. — Semelhantemente no seguinte anno, logo que a cheia do Paraguay principia a inundar primeiro as bahias e escoantes, e logo os campos, a vão os indios acompanhando em retirada, e fazendo as mesmas montarias, as dispersas toldarias dos vaicurús, até que, si a inundaçào é grande, se tornam a situar nos ditos

(1) Parecer citado de Ricardo Franco, *loco—cit.* pag. 212.

terrenos altos e contiguos á face do sul das serras de Albuquerque, os quaes, ficando nas seccas sem sufficientes pastos nem aguadas, no das cheias reverdecem. Por estas circumstancias, succedendo n'estes campos uma notavel alternativa, vê-se que os primeiros que se alagam são os propriamente chamados de Albuquerque, estando n'este tempo totalmente enxutos, os chamados hojacadigo, sete leguas mais para o occidente, para onde se mudam então a maior parte dos indios e todos os seus animaes. Succede, pois, que estes ultimos campos ficam geralmente debaixo d'agua, e com grande altura de inundação, quando já os outros estão enchutos, e o mesmo Paraguay tem descido muito da sua maxima cheia, para onde voltam e se mudam os vaicurús (1).

Todo o commercio dos *Guatós* consiste em trocar com os brasileiros pelles de onças ou canoas por facas, machados, zagaias e outras ferragens, ou então por peças de panno de que fazem calças para si e saias para as mulheres (2). Tribu pouco numerosa: umas 300 almas; ha porém outra *tába*, assente na bahia de Guaiva e que contém mais de 2.000 selvagens muito bravios (3). Dizem que os *Guatós* vivem com mais de

(1) Ibid. pags. 212-213.

(2) *Esboço da V.*, pg. 430.

(3) «Uns viviam em aldêas ou *taba*, compostas de quatro até seis cabanas oblongas, *óca*; dispostas todas em quadrado, com uma praça no centro, *ócarocára*, e accomodando cada cabana ou *óca* mais de uma familia, ou muitas. — Os que viviam em *taba*, elegiam um *principal* para cada *óca*; além do *maioral*, que era o *muruxáua*. Quando a nação era composta de varias *taba* ou aldêas, havia um *cacique* ou *muruxáua-assú*, especie de rei.»

uma mulher. Hercules pondéra que a maior parte dos que viu levavam uma unica (1). «Lembro-me, porém, que n'uma occasião troquei algumas palavras com um d'elles que tinha na sua canôa trez mulheres. Perguntei-lhe si todas eram suas; respondeu-me que sim. Pedi-lhe então por gracejo uma e elle retorquiui-me zangado que eu deveria ter trazido comigo a minha. Repliquei-lhe que não fôra isto possivel. « Pois bem, disse-me elle, si você tivesse aqui sua mulher, eu a trocava por uma d'estas » (2).

JOÃO MENDES DE ALMEIDA, *Algumas Notas Genealogicas*, 2ª parte, cap. 2º, pags. 316-317.

(1) «...os indigenas do Brazil não eram baldos da organisação de familia, tendo por origem o casamento.—Mas, em summa, entre os gentios do Brazil o casamento era a origem e o fundamento da familia. A mulher guardava a mais rigorosa fidelidade ao marido; e grande crime commettia ella, infringindo-a. Para com os filhos, desde que nasciam até que se casavam, o pae e a mae eram extremosos em amal-os, e tambem em corrigil-os. — Os indigenas do Brazil não eram differentes dos outros povos ainda em estado nomade ou em movimentos migratorios. A historia da humanidade, na série incalculavel de seus successivos desenvolvimentos, mostra na antiga Europa o mesmo homem selvagem que o seculo XVI apresentou na America aos seus descobridores. Já Buffon não duvidou escrever esta grande verdade: «Lêde Tacito sobre os costumes dos Germanos; é o quadro exacto dos Hurões, ou, antes, é o quadro dos habitos da especie humana inteira ao sahir do estado de natureza.»

JOÃO MENDES DE ALMEIDA, obr. cit. pags. 310, 311 e 326.

Hercules escreve á pag. 431 de seu *Esboço da Viagem*: «... são muito ciosos de suas esposas, a quem amam extremosamente e das quaes recebem grandes prôvas de ternura e fidelidade. Aos filhos dedicam vivo affecto e os mais cuidadosos carinhos.»

(2) *Esboço da V.*, loc. cit.

No dia 27 de Dezembro a monção chegou á bocca do rio São Lourenço, conhecido antes pelo *rio dos Porruados*. O S. Lourenço estava cheio e portanto muito correntoso; subiam com lentidão desanimadora, fazendo no maximo duas léguas por dia; viam palhóças de *Guatós* (1). No dia 4 de Janeiro de 1827 entraram

(1) *Ibid.*, pag. 432. Eis a historia de um *Guató* e de sua familia que tiveram destino lamentavel, narrada por Hercules, a pags. 433-435. «A vista, um dia, de uma choupana de *Guatós*, situada n'um bonito local que por isto têm o nome de *Alegre*, dissipou por instantes nossa tristeza e deu alguma animação aos remadores. Desembarcámos e deparámos com uma familia feliz. O marido voltava da caça e trouxera um jacaré: a mulher era moça e de physionomia agradável: dois filhinhos, o mais velho com menos de quatro annos, mereciam-lhes os mais ternos cuidados. Essa boa gente tinha bananas, raizes de cará e mandiôca, uma canôa, arcos, flechas, esteiras, cestos, panellas, dois mosquiteiros e matapás. Um cão guardava a casa. — O sr. Consul propôz ao *Guató* irem juntos até Cuyabá e n'um ápice a familia, accedendo ao convite, embarcou-se, não deixando em terra sinão a palhóça. Tudo coube na canôinha, que não tinha mais de 18 pollegadas de largo sobre 14 a 15 pés de comprido. Como todos as de sua tribu, era este habil em caçar e pescar, de sorte que trouxe-nos a mesa sempre farta de aves e peixes. — Quinze dias depois de nossa chegada á capital, o sr. Consul despediu-os, presenteando-os com facas, machados, anzóes e outros objectos de grande estimação entre aquella gente. Estas dadivas, porém, lhes foram funestas. Excitaram a cubiça de dois *Guanús* que moravam no porto de Cuyabá e que, depois da partida, seguindo-os n'uma canôinha, foram atacal-os á falsa fé e os mataram a todos, homem, mulher e criancinhas, atirando os cadaveres á agua para que as piranhas os devorassem. — Depois de tão negra acção retiraram-se os assassinos para seu aldêamento, sito á margem do Paraguay 15 ou 20 léguas ao Norte da Nova Coimbra, e, crêndo-se em segurança entre os seus, não suppuzeram de necessidade calar o que haviam feito. Chegou a noticia aos

no rio Cuyabá, deixando o S. Lourenço á direita. Felizmente abrandára a praga dos mosquitos. « Que al-

ouvidos do tenente-coronel Jeronymo, commandante então da fronteira do Paraguay e da expedição contra os *Guaycurús*, e elle dêu-se pressa em mandar prender os criminosos, remetendo-os em ferros para Cuyabá. Como na expedição de Jeronymo achavam-se alguns *Guatós* que tinham espontaneamente offerecido os seus serviços, reclamaram estes os *Guanás* para leval-os e tomarem por suas mãos desagravo: o commandante, porém, não consentiu em tal, afiançando-lhes que o capitão-mór de Cuyabá os mandaria suppliciar. — Com esta resposta não se deram elles por satisfeitos e, retirando-se *incontinenti* da expedição, foram logo espalhar entre a sua gente a noticia do assassinato d'aquella infeliz familia e da proxima passagem dos matadores, levados por Brazileiros. Levantou-se toda a tribu; plantou seus arcos e flechas ao longo do rio e foi esperar a canôa, que não tardou a navegar n'aquellas aguas. Intimaram então ao commandante que não furtasse os homicidas á legitima vingança, ameaçando, em caso de recusa, arrebatá-los á força e tornarem-se inimigos dos Brazileiros. Esse commandante, que não passava de sargento, não tendo talvez armas sufficientes e vêndo a inferioridade de suas forças contraposta á firmeza e resolução dos *Guatós*, entregou os dois miseraveis que, apezar de se prostrarem de joelhos, pedindo misericordia, foram n'um instante feitos em pósta. Cortaram as cabeças e as fincaram á beira do rio em páus com pedaços de pelle, expostas ás vistas dos *Guanás*, cujo caminho para Cuyabá é este de São Lourenço, a menos que não queiram dar uma grande volta por Villa Maria. D'ahi a poucos dias passaram com effeito alguns *Guanás*, que nada sabiam do facto; os *Guatós*, porém, lhes asseguraram que, satisfeita a sêde de sangue, nada mais havia a temer d'elles. Em seguida levaram as correntes de ferro ao tenente-coronel Jeronymo, dizendo-lhe: « Eis o que vos pertence. *Guató* não é ladrão: *Guayú* tinha matado *Guató*: *Guató* mata *Guaná*. »

livio! » (1) A 8 chegaram ao *Bananal* (2). A monção deixou então o leito do rio e buscou cortar em linha recta pelos campos inundados, mas ahi teve de lutar com a incerteza; perdeu-se; foi obrigada a transpôr inesperada e desconhecida cachoeira, que se formára no encontro de dous chapadões, e deu-se por muito feliz em cahir n'um sangradouro, pelo qual voltou ao álveo do rio (3), um ramo do Paraguay chamado *Braço do Guacurituba*. No dia 20 já obtiveram viveres frescos. Dois dias depois alcançaram a casa de um homem chamado Lourencinho, primeira habitação annunciadora da proximidade de Cuyubá (4). Ao raiar do dia 27 descarregaram-se as canôas, que foram arrastadas pelo sangradouro afóra com custo, e ao meio dia toda a monção cahiu no rio, recomeçando a subir até chegarem, á noite, á casa do capitão Bento Pires. «O gasalhado sympathico que nos esperava deu-nos os gosos da vida

(1) *Esboço da V.*, pag. 436.

(2) *Ibid.*, pag. 436-437: «Nos primeiros tempos das explorações dos Paulistas, um d'esses intrepidos descobridores de ouro quiz attender para o bem dos viajantes e fundar até um estabelecimento de agricultura. João Lemos, assim se chamava elle, ahi se fixou: construiu uma casa n'um alto, que para fugir das inundações, teve que aterrar, plantou bananeiras, laranjeiras e mamoeiros, mas depois, por motivos especiaes, que não souberam nos contar, abandonou o muito que já estava feito. — Não achámos mais que o ponto aterrado, algumas telhas quebradas, pés de mamão, e uma floresta de bananeiras que tinha-se alargado n'uma área consideravel. — Nossa gente, apenas abicámos, saltou em terra, soffrega de dar busca ao bananal,» etc.

(3) Taunay, *Introducç. cit.* pg. 346.

(4) *Esboço da V.*, pag. 438.

civilisada, partilha de quem assisada e prudentemente sabe fruir existencia tranquilla e sedentaria » (1).

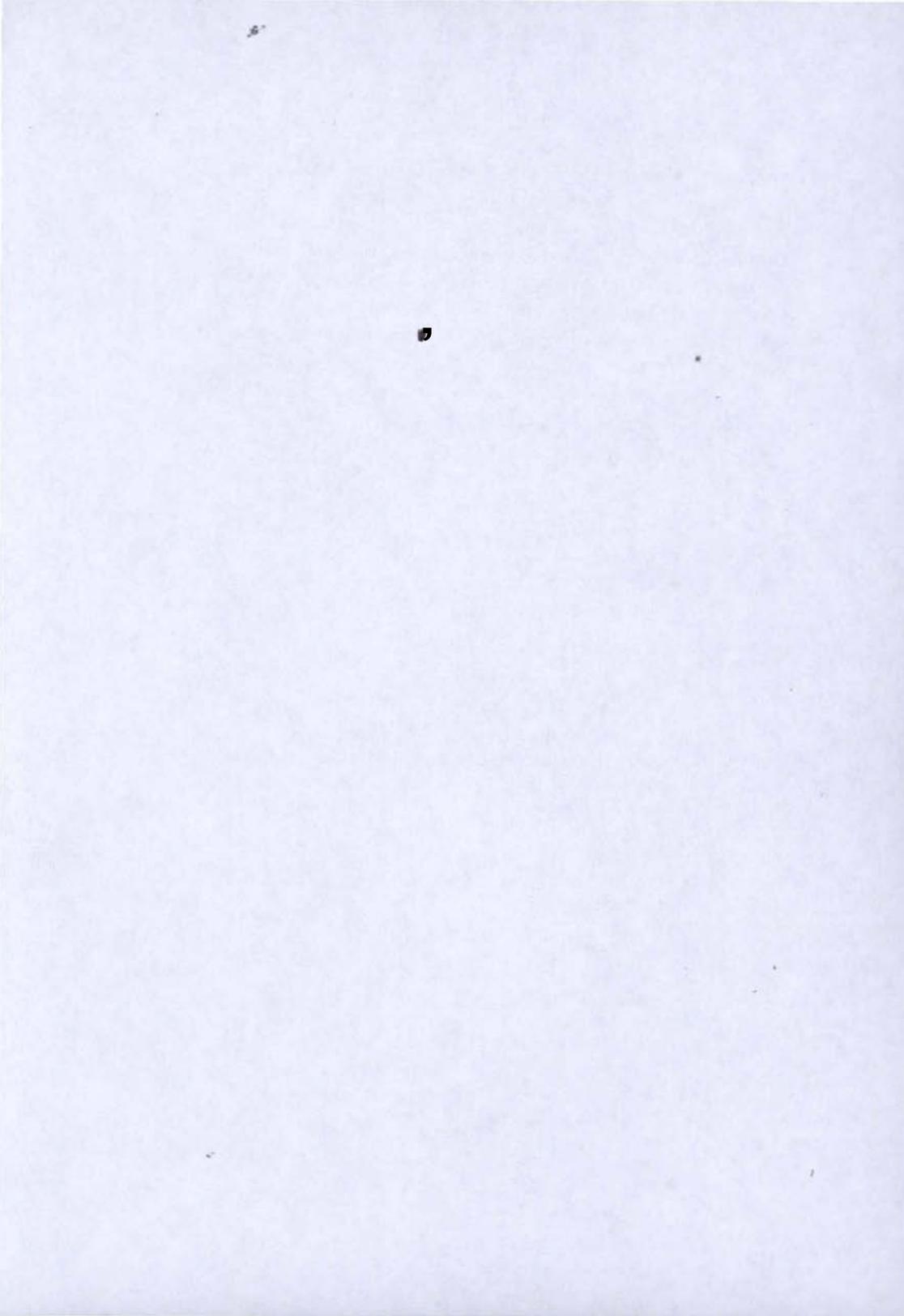
Emfim a 30 de Janeiro de 1827 attingiram o tão almejado porto de Cuyabá, apróando ao troar das salvas de mosquetaria que partiam de entre os navegantes e eram correspondidas de terra. Montaram a cavallo e apearam-se á porta do palac~~o~~ da presidencia da provincia.

Tinham levado na viagem sete mezes e meio, vencido 530 leguas e 114 cachoeiras (2).

(1) Ibid., pag. 440-451.

(2) O *Diario* cit. de Lacerda e Almeida dá as seguintes distancias á pag. 89 :

Caminho de terra	23 1/2	léguas
Rio Tieté	152	»
» Grande	29	»
» Pardo	75	»
» Camapuan	17	»
» Coxim	40	»
» Tacuary	90	»
» Paraguay	39	»
» São Lourenço	25	»
» Cuyabá	64	»
Villa Bella até Cuyabá	94	»
	<hr/>	
	648 1/2	





CAPITULO VIII (1)

Em Cuyaba a commissão foi recebida benevola e amavelmente pelo presidente da provincia, o então major de engenheiros José Saturnino da Costa Pereira (2), e

(1) O Auctor d'este Estudo interrompeu durante tres mezes este trabalho: esteve doente desde mêado de dezembro até fins de fevereiro. De sorte que deve ser relevado qualquer *lapsus calami* e falha de estylo, attendendo-se ao estado valetudinario do Auctor. Faz-se esta declaração por simples desengargo de consciencia: o Auctor despréza soberana e invencivelmente aquillo que se apellida *Opinião Publica*, e pouco se lhe dá que quem quer que seja faça d'elle juizo bom ou máu. O homem é o que é e não o que os outros querem que seja; e ouro é o que ouro vale.

Cf. a nossa obra O DOUTOR RICARDO GUMBLETON DAUNT, capitulo VII e nota 9 á pagina 63.

(2) Hercules diz no seu *Manuscripto*, á pag. 291:

« O presidente, sr. José Saturnino da Costa Pereira, nos obsequiou com a mais deliciosa hospitalidade durante os dez dias que passámos em sua casa. Distincto por suas maneiras e seus conhecimentos, bom mathematico e excellente pai de familia, goza de muita estima na provincia e está em vespéras

hospedada no palacio do governo, como haviam sido Riedel e Adriano Taunay, ha muito chegados (1).

Vamos dar a palavra a Hercules, que nos descreve Cuyabá, os seus usos e costumes em 1827.

A cidade de Cuyabá é cercada de collinas, que com excepção da parte occidental, limitam-lhe o hori-

de ser eleito senador do Imperio. Contrahimos viva affeição para com elle e sua numerosa familia ».

José Saturnino da Costa Pereira nascêra em 22 de Novembro de 1773 na Colonia do Sacramento, então pertencente ao Brazil colonial. Era irmão de Hyppolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. o immortal redactor do *Correio Braziliense*, em Londres. Foi escolhido senador por Matto-Grosso em 1828. Foi ministro da guerra em 1837, sob a regencia do Padre Feijó; e lente da Escôla Militar do Rio de Janeiro, onde falleceu em 9 de Janeiro de 1852. Deixou varias obras sobre mathematicas e geographia.

Escreve Joaquim Manuel de Macedo em seu *Anno Biographico Brasileiro*, 3º volume, á pag. 448:

« Devia parecer muito pouco verosimil; mas asseguram respeitaveis parentes do senador José Saturnino que este escrevêra e imprimira na Typographia Nacional um romance scientifico em QUATORZE VOLUMES sob o titulo — *O Collegio Incendiado*

« O illustrado sr. dr. João Joaquim Pizarro, esclarecido membro da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e esposo de uma digna neta do illustrado José Saturnino, assevera que dos papeis que ficaram d'elle consta a impressão d'essa obra; mas infelizmente não ha noticia, nem indicio de que ella sahisse do prélo.

« Perdeu-se na Typographia Nacional o manuscripto?... desviou-se e escondeu-se o volumoso manuscripto?... Ninguém pôde resolver o problema.

« A obra perdida devêra ser em todo caso monumental, e como a idéa original dos romances de Julio Verne ».

(1) V. DE TAUNAY, *Introducç. ao Esboço da Viagem*, á pag. 348; e *A Cidade de Matto-Grosso*, pags. 22-24.

zonte. O plano em que assenta é inclinado até a base dos outeiros do lado meridional, onde corre um riacho chamado Prainha, que em direcção quasi recta vai para O. e, separando a cidade de um de seus arrabaldes, atravessa uma planicie de quarto de legua, com curso paralelo ao caminho do porto, até cahir no rio Cuyabá.

No tempo sêcco fica todo cortado e chega a desaparecer.

As ruas que de E. vão para O., têm pequeno declive de subida e descida, mas as que lhe são perpendiculares, de S. a N., o têm mais sensível, bem que em geral suave. Ao sahir da cidade para o lado N., eleva-se o terreno ainda por espaço de 300 a 400 passos, formando um campo chamado da Boa Morte, por ali existir uma igreja d'esse nome.

A cidade pôde ter meio quarto de legua de poente a nascente e dois terços d'essa distancia de N. a S. Não ha sinão 18 ou 20 casas de sobrado, esse mesmo pequeno: todas as mais são terreas. Cada casa tem nos fundos um jardim plantado de laranjeiras, limoeiros, goiabeiras, cajueiros e tamarindeiros, arvore cuja folhagem densa e escura fórma no meio das outras agradável contraste, concorrendo todas ellas para darem á povoação aspecto risonho e pitoresco.

Robocam-se por fóra as habitações com tabatinga, que lhes dá extrema alvura: entretanto muitas ha, principalmente nos arredores, que conservam a côr sombria da taipa de que são feitas, bem como todos os muros e cercados.

Não ha uma só casa que tenha chaminé: a cozinha faz-se no jardim debaixo de um telheiro.

O edificio em que estão o presidente e a intendencia chama se palacio: é terreo; as janellas, unicas na cidade, têm caixilhos com vidros.

Ha uma cadêa, em cujo sobrado trabalha a camara municipal; um quartel para a tropa, uma casa de moeda e quatro igrejas: a de Bom Jesus, que é a cathedral, sem nada exteriormente que a recomende; a de Nossa Senhora do Bom Despacho; a de Nosso Senhor dos Passos e a da Boa Morte, além de uma capella consagrada a Nossa Senhora do Rosario.

Outra capella fica no hospital da Misericórdia, edificio não concluido e onde mora o bispo. Para os morpheticos ha uma casa, situada a meia legua S. da cidade. A meio quarto E. vê-se perto do porto uma grande construcção que havia sido começada para quartel. Por enquanto não é sinão um corpo de guarda.

Na casa da moeda bate-se sómente o cobre que é mandado do Rio de Janeiro e ao qual dá-se valor duplo do que tem no resto do Imperio. Ha tambem uma fundição para pôr em barras o ouro.

O unico passeio que tem a cidade é o caminho de meio quarto de legua de extensão, que vai ter ao porto. Ahi só se vêem 15 ou 20 casas, algumas canôas, *Guanás*, *Caburés*, negros e mulatos.

Quando chove, as crianças entretêm-se em procurar ouro no meio das ruas, porque os regos d'agua que se formam descobrem sempre algumas palhetas. Por toda a parte anda-se aqui por cima d'elle; nas ruas, nas casas que não são ladrilhadas, nos jardins, não ha pollegada de terra que deixe de o conter. O pescador na sua choupana pisa o precioso metal; metade de um dia, porém, de trabalho em buscar arranca-o do sólo lhe traz menos vantagem que a pesca de um unico pacú. E' comtudo o objecto de extracção que os habitantes conseguem. Os diamantes se acham no Quilombo, distante 14 leguas e d'ahi a 30 no districto Diamantino.

Estes dois artigos, ouro e diamantes, constituem a riqueza da provincia; nada mais se exporta a não ser diminuta porção de assucar e de tecidos de algodão, com destino ao Pará.

Não tratam da agricultura nem da criação de animaes sinão para acudir ás necessidades da alimentação. Por toda a parte cercados de desertos, dos quaes o menos vasto tem 100 leguas de largo, não poderiam os cultivadores exportar o sobressalente de suas colheitas ou os resultados de sua industria, sem gastos que elevariam o preço dos productos de modo a não supportarem a mais ligeira concorrência.

As producções do paiz são a canna, da qual se extrahe o melhor assucar do Imperio; o fumo que é excellente; o algodão, o café, feijão, milho, mandioca e tamarindo, que ahi se acha mais abundante que em qualquer outra parte e do qual se faz uma massa para exportação.

Limita-se a industria á exploração de minas e ao fabrico de peças de algodão grosso, de que se veste a gente pobre. Faz-se aguardente de canna de superior qualidade. E' a principal bebida do paiz, bem que esteja tambem em uso o vinho, cuja procura é limitada em razão do alto preço. Cada garrafa custa com effeito de 1\$200 a 1\$800, o que faz com que sejam motivos de luxo e ostentação franqueal-as aos convivas por occasião de festas de casamento ou baptisados.

Assisti ás bodas de um homem apatacado, nas quaes se beberam 200 garrafas de vinho, o que representa uma despeza de mais de 200\$ (1.250 francos). Quasi igual quantidade consumiu-se n'um baptisado. Os casos de embriaguez não são raros.

Cria-se muito gado vaccum, que por toda a parte en-
contra excellentes pastos; tambem a carne de vacca em

Cuyabá é succulenta: ha muitos porcos, cuja banha serve para o preparo da comida; gallinhas em abundancia e tão baratas que por 400 réis (50 soldos) póde-se as ter á mesa do almoço, janta e cêa: carneiros e cabras, estas em menor quantidade, etc.

Não ha falta de cavallos; a qualidade, porém, é inferior. Parte d'elles vêm dos *Guaycurús*. As bestas são mandadas de S. Paulo. Em viagem, é de uso servirem os bois mansos de animal de carga.

Não se acha ouro em porção que dê algum lucro, sinão nos arredores da cidade, a algumas leguas de distancia. Si, porém, empregassem os meios de que usa a companhia ingleza em Minas Geraes, cavariam melhor a terra, deparando ainda thesouros immensos. Hoje, o dia de trabalho de um preto não rende mais de 300 a 400 réis, salvo o caso de algum achado feliz.

Cuyabá deve sua fundação a grande quantidade de ouro que deu o terreno em que assenta, cujas excavações e buracos attestam hoje o quanto foi revolvido (1). Nos primeiros tempos dos descobrimentos dos

(1) O brigadeiro Machado de Oliveira, no seu *Quadro Historico*, citado pelo Dr. Antonio de Toledo Piza no volume XIII de sua monumental publicação dos documentos do Archivo do Estado de S. Paulo, annexo F, diz o seguinte sobre a descoberta de ouro em Matto-Grosso e os indios *Payaguás*:

«Logo que soube-se em S. Paulo das descobertas que Paschoal e seus companheiros tinham feito nas circumjaccias de Cuyabá, moços e velhos dispuzeram-se a partir para ali, em procura de riquezas que sua cobiça elevava a um ponto desmesurado; e dentro de poucos dias puzeram-se a caminho, divididos em grupos que seguiam uns após outros, embarcando no Tieté (1), e navegando este e outros rios que vão ter ao

(1) O porto de embarque era sempre *Araraytaguaba*, hoje Porto Feliz: alguns podiam ter partido de Sorocaba, como diz Rodrigo Cesar; porém, isso só se daria na estação chuvosa, quando o rio Sorocaba admite navegação franca para canoás. *Araraytaguaba* offerencia melhor porto e era preferida pelos sertanejos.

paulistas encontraram-se *folhetas* que pesavam até uma arroba, unico incentivo que chamou uns sertanistas avidos de riquezas e os impelliu em solidões desconhecidas, levando tão sómente espingardas, polvora, bala

Cuyabá. Estavam esses homens exclusivamente dominados pelo objecto que os levou a emigrarem do seu paiz, e tanto assim que lhes foi cousa estranha ou secundaria o curarem da propria manutenção e segurança para viagem tão prolongada e perigosa, em que por certo deparariam com mil difficuldades e riscos. Assim desprecavidos não tardou muito que não cahissem victimas, uns da fome, outros das intermitentes dos paúes do Tieté, e muitos dos *Payaguás*, que em numerosas canoas affrontavam as expedições n'aquellas paragens em que não podiam ser evitados. A Cuyabá não chegou sinão um pequeno numero d'estes infelizes, rachiticos, transidos de miseria e molestias, e sem que pudesse por muito tempo dar-se a outro mister que não fosse a sua convalescença.

« Este triste exemplo não serviu de lição para que houvesse um termo a semelhantes emigrações feitas desatinadamente. Perseveraram n'ellas os paulistas por muitos annos, porque a cobiça mais do que outras paixões difficilmente se esvaece do coração humano; e procurando os que para Cuyabá seguiam por terra desviarem-se dos encontros com os *Payaguás*, no Tieté, de cuja navegação haviam-se apossado, os iam ter com os *Guaycurús*, indios cavalleiros, sempre em continuas correrias nos campos entre os rios Paraná e Paraguay. De uma expedição de trezentos homens, na monção de 1725, sómente escaparam dous brancos e tres negros. Estas trucidacões eram como proverbias em S. Paulo; mas dizia-se com a mesma popularidade que o ouro era em tanta profusão em Cuyabá, que os caçadores serviam-se d'elle em vez de chumbo.»

Azevedo Marques diz que os *Payaguás* formavam uma nação feroz e guerreira, que habitava as margens do rio *Jaguary* e estendia-se aos sertões de Matto-Grosso e Goyaz. Durante todo o seculo XVIII e ainda no começo do presente seculo, estes indios perseguiram os exploradores d'aquelles sertões e lhes fizeram a mais incarnçada guerra, e o governo teve

e sal. Embarcaram em Porto Feliz e seguiram a rêde de rios que lhes pôde proporcionar dilatadissima viagem. Chegados ao ponto onde hoje é Cuyabá, um caçador deparou com grandes pedaços de ouro no alto da

de tomar contra elles medidas severas de repressão. O rio *Jaguary*, em cujas margens habitavam os Payaguás, é o mesmo que outros geographos chamam *Taquary*; nasce nos sertões do Camapuan, corre para o poente, corta os pantanos dos *Xarayes* e desagua na margem esquerda do *Paraguay*, acima da barra do rio *Mbotetey* ou *Mondego*. Os indios *Guaycurús* occupavam os campos da Vaccaria, ao norte de Yguatemy e estendiam o seu dominio até a barranca do rio *Paraguay*; eram visinhos dos *Payaguás* e faziam guerra aos sertanejos em terra, enquanto os *Payaguás* a faziam nos rios. Os *Cayapós* occupavam o planalto, mais ao norte, onde estão as vertentes dos rios *Tocantins*, *Xingú* e *Arinos*, que vão para o Amazonas, e as dos numerosos riachos que correm para o sul e vêm para o rio *Paraguay*. Alguns auctores, como Ernest Nolte, dam os indios *Coroados* como occupando o valle dos rios S. Lourenço e Cuyabá, tendo os *Cayapós* ao norte e os *Payaguás* ao Sul. Transcrevemos alguns trechos do *Quadro Historico*, do brigadeiro Machado de Oliveira:

« Tanto mais subira de ponto a sanha dos indios Payaguás, hordas selvagens das margens do Paraguay, desfechada contra os combois que navegavam o rio, ou fosse em sua viagem a Cuyabá, ou em seu regresso d'ali para S. Paulo, quanto se augmentava a população das colonias da região occidental, e fazia ella excursões fóra dos recintos conhecidos. Estas hordas ictyophagas, percebidas desde as primeiras descobertas dos sertões de oeste, que habitavam as margens do Paraguay, tinham o dominio exclusivo de todo este rio (1), devassando-o constantemente com as suas numerosas cabildas 2) embarcados em canôas de guerra, e á força renunciaram esse dominio

(1) Não dominavam todo o rio, mas sómente a parte do Brazil banhada pelo rio Paraguay e seus affluentes

(2) *Cabilda* ou *cabila*, nome dado nas costas do Mar Vermelho, tanto na Arabia como na Africa, a tribus indígenas que viviam em associações de familia.

collina em que se ergue presentemente a igreja de Nossa Senhora do Rosario. Parou então a caravana. Metteram as canôas no ribeirão Prainha, que n'esse tempo era navegavel, e hoje não, por terem sido des-

só depois que, 1733, pôde parti de S. Paulo uma forte expedição armada, governando a capitania o Conde de Sarzedas.

« A medida que crescia a população de Cuyabá, que vivia como bloqueada por aquelles indios, interceptando aos estranhos a navegação do Paraguay e seus affluentes orientaes, e sitiada em terra pelos Guaycurús que infestavam os campos da Vaccaria, partiam d'ali expedições armadas para desobstruir aquella navegação, por ser ella o unico meio de estabelecer communicação entre a capitania de S. Paulo e a região cujo descobrimento era devido aos seus esforços.

A mais numerosa e mais bem aprestada d'aquellas expedições foi a que sahiu de Cuyabá, em 1730, com o fim de atacar os Payaguás, para que não fizessem preza de um comboi que vinha em sua guarda (1) e conduzia para S. Paulo mais de sessenta arrobas de ouro a cargo do ouvidor Lanhes Peixoto. A expedição foi nos pantanaes da embocadura do Juary affrontada pelos indios, que em numero de oitocentos embarcados em oitenta canôas, accometteram-a e a derrotaram, não sem forte resistencia da parte dos brancos, dos quaes apenas escaparam a nado dezeseite, sendo a perda dos indios estimada em quatrocentos combatentes. O ouvidor Lanhes entrou no numero dos mortos (2).

« O clamor dos cuyabanos por tão horriveis atrocidades, de envolta com o brado de indignação solto por elles pelo inqualificavel indifferentismo a que estavam votados, fora emfim, ouvido pelo governador Menezes (3), e uma vez siquer

(1) Esta foi uma expedição toda *defensiva* e não *offensiva*: devia guardar cerca de 80 arrobas de ouro remettido de Cuyabá para S. Paulo e este mesmo facto prova que a expedição não foi organizada para atacar os Payaguás, mas para defender o comboi dos seus ataques.

(2) A expedição compunha-se de 100 homens armados e os remeiros; com excepção de dezeseite todos foram mortos e o ouro foi tomado pelos indios.

(3) Os factos estão aqui muito condensados. Rodrigo Cesar de Menezes já não era governador desde 1727 e tinha-se retirado do Brazil em 1723. Este desastre deu-se no governo de Caldeira Pimentel, que durou de 1727 a 1732.

viadas as aguas, levaram quanto puderam do encantado thesouro e voltaram para S. Paulo, contando maravilhas.

Reuniram-se logo multidões de aventureiros que formaram novas expedições, ficando muitos d'elles no

fez echo nos sumptuosos paços reaes da metropole; e na phase da sua commoção dispoz o rei em 1733 ao governador de São Paulo, conde de Sarzedas, que se aprestasse uma forte expedição armada para o fim de accommetter e destruir os alojamentos dos Payaguás no Paraguay e mais rios que iam dar a Cuyabá.

« No anno seguinte partiu a expedição para o seu destino, e sob a direcção do sorocabano Gabriel Antunes Maciel, que houve-se n'essa empreza com valor e tino, não desmentindo a capacidade desenvolvida por alguns dos seus ascendentes no descobrimento de Cuyabá (1). Os indios investidos no seu principal paradeiro foram mortos alguns, e dispersos outros, que entranharam-se nas mattas do interior, e a sua frotilha foi inutilisada, ficando d'este modo e por pouco tempo desentrevado o transito e navegação do Paraguay.

« Não serviu, porém, esta refréga de escarmento aos Payaguás para que não se aprestassem logo para novas hostilidades.

« Em 1736 foi atacada por estes indios, no logar chamado *Carandá*, no Paraguay (2), uma frotilha que partiu de S. Paulo com destino a Cuyabá. O combate durou muitas horas e terminou em favor dos Paulistas, posto que perdessem o seu bravo commandante Pedro de Moraes (3) e frei Antonio Nas-

(1) Aquí se dá a entender que Gabriel Antunes é descendente de um dos irmãos João e Antonio Antunes Maciel, descobridores das minas de Cuyabá, quando deve ser irmão delles.

(2) Entenda-se rio Paraguay e não Republica do Paraguay.

(3) Pedro de Moraes Siqueira era irmão do notavel sertanejo Bartholomeu Bueno de Siqueira, que, com Carlos Pedroso da Silveira, descobriu as minas de ouro de Cataquazes e deu logar á fundação das povoações de Marianna, Ouro Preto, Sabará, Pitangy e outras villas de Minas-Geraes pela immigração de gente que correu a explorar essas minas. Diz Azevedo Marques que Bartholomeu de Siqueira acompanhou seu irmão Pedro na expedição contra os Payaguás e foi, como elle e o frade Nascentes, morto no combate de Carandá, dado contra os mesmos indios a 19 de Março de 1737, e que os ossos d'estes distinctos cidadãos foram mais tarde transferidos para Ytú e alli sepultados no convento de S. Luiz.

paiz novamente descoberto, em companhia das mulheres indigenas que encontravam ou das que haviam levado comsigo. O numero foi crescendo e com elle appare-

centes, franciscano denominado o *Tigre* por causa da sua força muscular e grande intrepidez.▼

Ha engano manifesto da parte do brigadeiro Machado de Oliveira quando diz que só em 1733, sob o governo do Conde de Sarzedas, foi que se providenciou para pôr um paradeiro ás atrocidades commettidas pelos Payaguás e que no anno seguinte, isto é, em 1734, foi que seguiu de S. Paulo para o sertão a expedição commandada por Gabriel Antunes Maciel, porquanto logo que chegou a S. Paulo a noticia da tremenda derrota soffrida pela expedição do onvidor Antonio Alves Lanhês Peixoto, desastre que se deu em Maio de 1730, publicou o capitão-general Caldeira Pimentel o seguinte bando:

«Antonio da Silva Caldeira Pimentel, etc., etc. — Sendo notorio o lamentavel destroço que padeceu a tropa em que vinha das minas de Cuyabá o Dr. Antonio Alves Lanhês Peixoto, atacada pelo gentio Payaguá, que no descuido e nimia confiança e pouca prevenção das nossas canôas logrou destruir a maior parte, matando o mesmo ministro e a varios dos seus camaradas, aprisionando outros e recolhendo-se com os despojos; e sendo sem duvida que a ousadia d'estes barbaros, animada com semelhante successo, procurará continuar nas mesmas emboscadas e assaltos, com as tropas que forem e vierem d'aquellas minas, como de presente corre noticia que executaram com a segunda tropa que vinha, e porque de semelhantes insultos se podem seguir sinistras consequencias, e grave prejuizo dos interesses de S. Magestade e de todos os seus vassallos, se faz preciso dar prompto remedio para se evitarem os damnos futuros, e tambem um tal castigo áquelles barbaros, que haja de servir de terror assim a elles como a todos os que habitam por aquellas partes; *pois em todas as partes do mundo se fizeram sempre respeitadas as armas portuguezas e os seus valorosos naturaes*, e para que assim o experimentem os Payaguás em suas proprias casas, lhes mando quemar e destruir as suas aldeias, sendo cabo d'esta expedição o

cendo dissensões e luctas causadas pela avidez em tirar ouro. Então cuidaram de constituir uma especie de governo, e para legalisal-o mandaram pedir chefe em S. Paulo. A colonia, debaixo do nome de Cuyabá, nome

capitão-mor Gabriel Antunes Maciel, concedendo-lhe e a todos os que o acompanharem o saque livre das ditas aldêas, e que lhes fiquem por escravos os mesmos Payaguás que aprisionarem, assim homens como mulheres, conforme resolução tomada na junta que fiz, em observancia das ordens que S. Magestade foi servido conceder-me para haver de ficarem captivos todos os individuos que nos fazem guerra e hostilidades, que se acha registrada na Secretaria d'este Governo, em virtude da qual não só os moradores de Cuyabá, para onde já foram expedidas estas ordens, mas tambem os de povoado têm permissão para fazerem guerra e captivarem, ficando seus escravos todas as nações de gentio que cercam da outra parte do Rio Grande, caminho de Cuyabá, excepto os *Parecis*, aos quaes se não pode fazer extorsão alguma, nem tirar de suas terras. Outrosim os que forem á expedição dos Payaguás não pagarão quintos dos escravos que fizerem, porque tambem lhes faço graça dos ditos quintos; pelo que todos os que quizerem acompanhar ao dito capitão-mór lhe darão seus nomes para se formar listas, e si necessitarem de algum apresto *se lhes dará por emprestimo á conta da Fazenda Real, havendo de pagar na torna da viagem a quantia que receberem, para o que darão fiança segura e abonada, ou se obrigará o mesmo cabo;* e além das referidas liberdades e franquezas que lhes concedo, merecerão que S. Magestade lhes faça as honras e mercês de que se fizerem dignos no importante serviço que espero lhe hajam de fazer n'esta empreza. E este bando se registrará nas partes costumadas depois de publicado. Dado n'esta cidade de S. Paulo aos quatro dias do mez de Setembro de 1730. O Secretario Gervasio Leite Rebello o fez escrever.— *Antonio da Silva Caldeira Pimentel.*»

Por este bando viu o leitor que a expedição de Gabriel Antunes Maciel contra os Payaguás foi determinada pelo governador Caldeira Pimentel, logo depois que elle teve noticia da derrota e morte do ouvidor Lanhes Peixoto e da perda do

dos indios que ahi habitavam, fez rapidos progressos, augmentando continuamente com a chegada de novas *bandeiras*, que, não se satisfazendo mais com o que encontravam, seguiram para diante e foram descobrir, a

ouro que esta trazia comsigo d' Cuyabá para S. Paulo. Viu mais que o capitão-general attribue ao descuido, á falta de prevenção e nimia confiança dos paulistas o facto de se deixarem apanhar pelos indios e serem terrivelmente massacrados, mostrando assim que não estavam preparados para atacar os Payaguás e nem era essa a sua intenção.

Não tendo produzido resultado completo a expedição de Gabriel Antunes Maciel, porque ella não foi bastante numerosa e forte para exterminar de uma vez os Payaguás, tratou o mesmo governador Caldeira Pimentel de organizar nova e mais forte expedição contra esses selvagens e montar um exercito composto de tres divisões. Eram commandantes das divisões Gabriel Antunes Maciel, seu irmão Antonio Antunes Maciel e Antonio Pires de Campos, e commandante geral o tenente-general Manuel Rodrigues de Carvalho.

Os leitores já conhecem os irmãos Antunes Maciel pelo que d'elles foi narrado no annexo E; diremos agora alguma cousa sobre Antonio Pires de Campos; e como Azevedo Marques é a melhor autoridade sobre a historia paulistana, transcreveremos dos seus *Apontamentos Historicos* o seguinte:

«Antonio Pires de Campos era natural de Ytú, destemido sertanista e dos primeiros descobridores dos sertões de Minas-Geraes, em 1682, com Bartholomeu Bueno da Silva, o velho *Anhanguera*, e tambem do rio Cuyabá. Diz o illustrado sr. J. Martins Pereira de Alencastre, em seus importantes *Annaes da Provincia de Goyaz*: «Dizia um antigo roteiro feito pelo coronel Antonio Pires de Campos (filho d'este de quem tratamos) que seguindo pelo mesmo rio abaixo *Araguaya*, se avistam uns morros azues, e n'estes acharam a tapéra dos *Araez*, onde chegámos com meu pae, que Deus haja, e achámos varias *cunhãs* (mulheres) com folhetas pelo pescoço e braço, e d'estas folhetas mandou meu pae fazer um resplendor para sua Virgem, e tambem uma coroa do mesmo ouro, que pesa quarenta e tantas

100 leguas para O., Matto-Grosso, d'onde provém a denominação de toda a provincia. Aquelles intrepid os sertanistas teriam sem duvida ido até ao oceano Pacifico, si os hespanhóes não occupassem as costas. Suas ousadas

oitavas, para a Virgem Senhora do Carmo do Hospicio de Ytú. E perguntando aos ditos indios onde tinham achado aquellas folhetas, respondeu o cacique *que n'aquelles morros depois da chuva*. Isto foi o que vi e não foram cousas contadas. Na volta que fizemos encontrámos com o capitão Bartholomeu Bueno e ouvindo a meu pai, etc., etc.»

Continua Azevedo Marques:

«Antonio Pires de Campos, coronel, filho do precedente e como elle grande e audaz sertanista, ao qual acompanhou nas explorações e descobertas.

«Descobriu tambem os rios *Cuyabá* e o affluente *Cochipò*, em 1718, conquistando a numerosa tribu d'este nome e fundando varias aldéas, entre as quaes a dos Guarinos, notavel pela sua numerosa população, hoje extincta. Fundou tambem a aldêa de *Santa-Anna* em Goyaz, onde reuniu a tribu dos temiveis *Bororós*, em 1741.

«A 12 de Outubro de 1742, assignou na Villa-Boa de Goyaz, perante o governador D. Luiz Mascarenhas (1) e de varios homens importantes, um contracto pelo qual, mediante a recompensa de uma arroba de ouro, se compromettia a afugentar e destruir os indios Cayapós, que infestavam as minas e os caminhos, causando depredações e mortes.

«O coronel Pires de Campos, tendo á sua disposição a temivel tribu dos *Bororós*, percorreu em menos de tres mezes o espaço de mais de 150 leguas, levando a morte, a destruição e o captiveiro a todas as tribus que encontrou. Os excessos e crueldades que praticou para com os indios offuscaram de alguma sorte os seus notaveis serviços. Este destemido paulista e seus irmãos Pedro Vaz de Campos e Felipe de Campos, tendo sido pronunciados na devassa a que se mandou proceder

(1) Foi o oitavo capitão-general de S. Paulo e serviu de 12 de Fevereiro de 1739 a Maio de 1748, quando foi supprimida a Capitania. Em 1741 ainda Goyaz e Matto-Grosso pertenciam á Capitania de S. Paulo.

explorações chegaram, com effeito, a dar cuidados á côrte de Madrid, que se queixou á de Lisboa, mandando reclamações a tal respeito.

O modo de extrahir ouro é o seguinte: fazem-se grandes excavações e transporta-se a terra, á medida que se a vai tirando, para uma área preparada á beira de um rio, corrego ou lagoa em parallelogramo de terra batida e consequentemente dura, cujos lados são fechados por taboas, excepto o que encosta á agua. O plano é inclinado e o todo se chama um *canôa*. Deposita-se a terra que se quer lavar na parte superior, e sobre elle lança o trabalhador de continuo agua, para que

os que deram auxilio aos criminosos irmãos João e Lourenço Leme, obtiveram do governador Rodrigo Cesar de Menezes, perdão do seu delicto a 22 de Maio de 1728 (1), com a condição de organisarem uma *bandeira*, que além de conduzirem peças de artilharia para Cuyabá, afugentassem durante todo o trajecto a feroz tribu dos Payaguás. O coronel Antonio Pires de Campos falleceu, segundo é tradição, de uma frechada em um dos encontros que teve com os indios. Foi casado com D. Sebastiana Silva, filha de Salvador Jorge Velho (2) e de D. Margarida da Silva, naturaes de Ytú.»

O preparo da expedição gastou algum tempo, durante o qual o governador Caldeira Pimentel foi substituido pelo Conde de Sarzedas, que a realisou.

(1) O auxilio que Antonio Pires e seus irmãos prestaram aos Lemes devia ter sido prestado em Araraytaguaba, para onde estes dois *bandidos* tinham fugido e onde se armaram para resistir ao ouvidor Godinho Manso. Ha um lapso na historia de Antonio Pires de quasi oito annos, de 1720 a 1728. Foi n'este intervallo de tempo, em 1723, que elle prestou aos Lemes, seus amigos e companheiros de sertão, o auxilio referido, pelo que soffreu de 1723 a 1728. Não falleceu n'essa expedição, mas em outra, muitos annos depois.

(2) Era filho de Domingos Jorge Velho—o destruidor dos *Palmares*, 1687.

—As notas a esta assás comprida, mas interessantissima e necessaria nota, são da lavra do nosso illustrado e erudicto amigo Dr. Antonio de T. Piza. E o leitor facilmente terá comprehendido o movel que actiou em nosso espirito, para esta transcripção referente ás Minas de Cuyabá e necessaria ao desenvolvimento do nosso assumpto.

facilmente corra a porção que fôr mais destacada e leve. Em seguida, depois de repetida esta operação, põe elle certa quantidade na beira de uma especie de alguidar de páo chamado *batêa*, e com um pouco d'agua imprime ao todo um movimento circular, de modo que de cada vez o monte de terra seja lambido pela agua. Si houver ouro, as menores particulas depositam-se logo no fundo.

Descrever os costumes geraes da população de Cuyabá, é de certo descrever os de todo o brasileiro; entretanto, aqui varias circumstancias locais concorreram para dar habitos peculiares á terra, imprimindo-lhes cunho caracteristico e, bem que pernicioso, de certo modo original (1).

(5) Vide *Manuscripto* de Hercules, de pags. 291 a 302. Escreve a pags. 292—294 do *Manuscripto* (e traduzimos):

«Não ha quatro annos ainda, quando, sobre o meu rochedo arido e cortado a prumo de Monaco, adiantando-se para o mar como Gibraltar, eu contemplava o Mediterraneo do alto de uma bateria, encostado a uma peca de 24, impaciente por arrojarme sobre esse mar aberto a todos os caminhos do mundo, e entristecido pelos obstaculos que se me oppunham, os ventos quentes do Atlas, sibilando por entre os platanos da esplanada e entre as figueiras bravas que cobrem esses rochedos cuja base reentrada faz temer pelas casas que estão suspensas a 500 pés de altura, pareciam trazer-me da Africa, de envolta com os perfumes de seus oasis, o fragor de suas cataractas, os clamores dos negros, o canto de seus passaros e os rugidos de suas feras. O murmurio das vagas, que a bocca da peça repercutia em sons eolios, fazia-me sonhar com o sussurro das ondas fendidas pela prôa dos navios e com o longo sulco que deixam após si. Os gritos dos gaviões me

A população não passa de 6.000 habitantes, a de toda a provincia de 30.000, sem contar os indios man-

representavam a desolação das ilhas desertas do Oceano Austral, e a larga via de reflexos moveis, accesos no mar por um sol ardente, via scintillante, apenas contrastada pela sombra de uma véla latina que passava, me representava o sol abraçador da zona torrida.

Aquelles sonhos de então estão em parte realizados hoje : do rochedo de Monaco eu me transportei a Cuyabá, cidade circundada de vastos desertos que a separam do mundo e quasi do Brazil ; cidade situada bem no centro da America meridional, a iguaes distancias do Atlantico e do mar do Sul, do Panamá e do Cabo Horn.

Eu vim vêr uma cidade torrida, existindo sósinha no meio da America, longe duzentas e quarenta leguas de todos os mares, e entretanto tornada maritima pelo Paraguay, esse mediterraneo fluvial que lhe offerece uma estrada de 400 leguas sem tempestades, sem escolhos e sem ventos contrarios ; um largo canal, sereno como o céu azul, onde o vapor nadará, e arrastará como o cysne uma dupla cauda luminosa, abrindo-se em duas fileiras de ondas espiraes, cujas ultimas pregas irão varrer docemente as duas margens ; estrada que fará de Cuyabá um porto de mar para receber todos os productos do mundo, distribuil-os por um continente immenso, e dar em permuta os generos das mais ferteis regiões da terra.

Eu vim vêr uma cidade menos conhecida em França e em Inglaterra do que Tombouctou e Irkoutsk, mas que virá a ser um centro de seu commercio; cidade fundada pelos Paulistas, descendentes dos Portuguezes; onde reinam as leis, os costumes, as superstições, os habitos, os vicios e as virtudes dos Portuguezes, dos Mouros, dos Brasileiros, dos selvagens, e dos negros da Africa; onde se falla uma lingua portugueza impregnada das palavras de todos esses povos, diversos de character e de origem; cidade, emfim, onde os costumes mais desenfreados, a licença no seu auge na maior parte de seus habitantes, excedem tudo quanto se nos tem dito dos povos que

sos e muito menos os bravios. Entretanto, pelo conhecimento mais ou menos exacto dos aldêamentos de uns

se deixam arrastar pela sua tendencia para a luxuria, excitados quiçá por um clima ardente.

Em todos os paizes do mundo, os bons costumes não são sempre respeitadas em todas as classes da sociedade; nem direi que a relaxação seja geral em Cuyabá; mas em parte nenhuma tenho visto tão grande arrastamento para a licença.

Independentemente do clima, o isolamento d'este povo; a pouca força dos preceitos religiosos, enfraquecidos pelas grandes distancias; a facilidade de viver com pouco trabalho; a ausencia de uma civilisação adiantada, que nutra de occupações moraes as classes independentes do trabalho; a visinhança dos selvagens, cuja liberdade, innocente nos mattos, se transforma em vicio n'um povo que pretende ser civilisado; a escravidão emfim, tudo concorre para afrouxar os costumes, cuja observancia faz a gloria e o vigor dos povos que os respeitam.

Todos os padres vivem em concubinato; vêm-se em suas casas rodeados de seus filhos.

Seja o exemplo dos padres, seja corrupção geral, a mór parte dos homens têm tambem concubinas . . . »

—E' bem de vêr-se que os costumes mudaram com os tempos e os homens; e que o Cuyabá de hoje não é o Cuyabá de 80 annos atraz. Maximé em relação ao clero, Hercules não escreveria d'este modo. Hoje as excepções confirmam a regra: o clero brasileiro é moralisado; e deixou a Mancebia com as sociedades secretas. O celibato é tão necessario ao clero, quanto a indissolubilidade do vinculo conjugal aos povos christãos.

Cf. o nosso livro *Frei Caetano de Messina*, publicado em 1879, a pags. 44 e 45. *Corruptio optimi pessima*, escrevia o auctor desta obra ha vinte e dous annos. « Nos dias calamitosos que óra atravessa a Igreja, faz-se mistér a maior circumspecção na escolha da milicia sagrada, *saterre, lux mundi* . . . »

« A' vista dos actos pouco consentaneos com a moral christan, praticados por certos padres, é que se pôde dizer com

e hordas dos outros, creio que seu numero não chegará a 6 ou 7 mil almas, de modo que n'uma zona muito maior que toda a França não ha mais de 37.000 habitantes (1).

grandissimo constrangimento a alma, que o Racionalismo vae tendo razão de ser. E para que elle não tenha razão de ser, só havemos de conseguir arrancando-lhe os argumentos sobre os quaes se estribam de preferencia os impios, argumentos hauridos, como dissemos, no proceder de certos parochos, cuja vida relaxada e demasiadamente mundana é uma fonte de escandalos para todos os catholicos que se presam de servir humilde e sinceramente a Jesus Christo, Senhor Nosso. »

(1) MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, em seu *Diccionario*, tomo I, palavra *Cuiabá*, á pag. 312: « Cuiabá é a cabeça da comarca do seu nome, e que encerra as povoações de Boa Vista, Bom Jesus, Carmo, Coxipó, Forquilha, Lavrinha, Mãe dos Homens, Miranda, Nosso Senhor dos Passos, Nova Coimbra, Pouso Alegre, Prazeres, Rosario, Santa Anna, Santa Barbara, Santo Antonio, São Gonçalo e termo de Cuiabá, as aldêas de Boa Vista, Cocaes, Iusúa, São João e as villas de Albuquerque, Poconé e Villa-Maria. Contam-se n'esta comarca 25.000 habitantes, cultivadores e mineiros, além d'um grande numero de Indios, meio civilisados. »

O mesmo auctor dá á provincia população total não excedente a 40.000 habitantes, sendo a metade Indios.

GUÉRIN, em seu afamado *Dictionnaire des Dictionnaires*, tomo III, edicção de 1886, á pag. 580, 2ª col., dá á cidade de Cuyabá 15.000 habitantes. A provincia dá 72.051 almas.

L. GRÉGOIRE, em sua *Géographie Générale*, 1877, dá á cidade de Cuyabá 12.000 habitantes e á provincia 100.000 á pag. 1079, e 60.417 á pag. 1084.

No mappa de população feito pelo desembargador Caetano Pinto de Miranda Montenegro em 1800 consta a capitania de Matto Grosso de 27.690 habitantes, incluidas as guarnições e excluidos os moradores do Paraguay e Camapuan. *Revista Trimestral*, t. XX, 1857, 2º trimestre, á pag. 281.

Tão pouca população provém de que não ha 125 annos que Cuyabá foi descoberto; e todos quantos procuraram estas terras attrahidos só pela posse do ouro, uma vez conseguido esse fim, trataram de se ir embora para gozarem das riquezas ganhas em paiz mais civilisado. Os que se deixaram ficar, ricos em pouco tempo e no meio de solidões, só cuidaram em satisfazer os sentidos. Entregaram-se a grosseiros prazeres e viveram com amasias, não se lhes dando de formar familias e educar os filhos, quando os tinham, nos são principios da religião e da moral.

As mesmas causas ainda hoje persistem em Cuyabá, bem que se manifeste salutar tendencia para a modificação. Os casamentos ainda são pouco frequentes. Geralmente só se casam os homens já maduros, que buscam uma companheira para os tempos da velhice. Os mais vivem amancebados e nem se limitam a isso, entretendo intrigas amorosas com pessoas casadas e solteiras

As mulheres de classe média e sobretudo inferior, são muito livres nas suas conversas, modos e costumes. Além do continuo exemplo da licença geral e quasi desculpada, recebem pernicioso influxo do contacto dos escravos, negros e negras, cujas paixões violentas não vêm pêas á sua expansão.

A fidelidade conjugal é, muitas vezes, falseada. Apezar de temerem os maridos e consideral-os como amos e senhores, sabem perfeitamente enganar-os.

Nao faz muito que ellas começam a apparecer á mesa de jantar ao lado dos parentes e maridos. Entretanto, em todas as casas do sertão, onde recebi hospitalidade, nenhuma d'ellas se apresentou, ficando sempre no fundo dos aposentos, a menos que não seja a pessoa já muito familiar.

Conheci, comtudo, uma senhora muito bem falante, civilisada e espirituosa. Tres outras nas mesmas condições tinham, porém, já a sua idade e, apezar do muito que haviam dado que fallar em sua mocidade, passavam por uns typos de virtude.

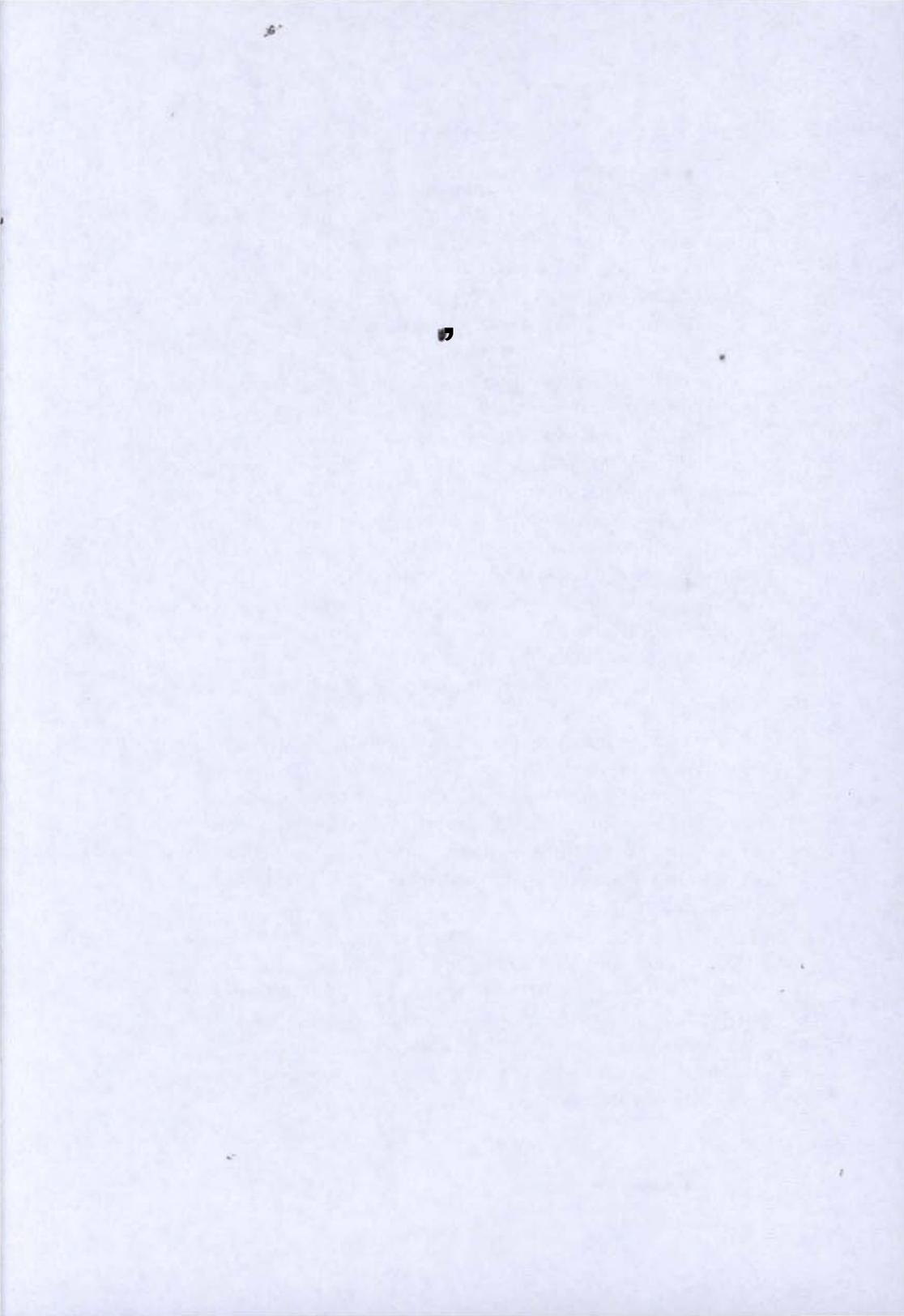
As moças filhas de pais pobres nem siquer pensam em casamento. Não lhes passa pela cabeça a possibilidade de arranjarem um marido sem o engodo do dote e, como ignoram os meios de uma mulher poder viver de trabalho honesto e perseverante, são facilmente arrastadas á vida licenciosa, na qual, justiça se lhes faça, apezar de pertencerem a todos, nunca mostram a ganancia e as baixezas das mulheres publicas da Europa.

Quem exercita em Cuyabá officios e artes são quasi todos mulatos. Conheci um padre de côr parda, muito eloquente no pulpito e na conversação; outro, quasi negro, era um d'esses raros talentos modestos, cuja ambição unica é instruir-se.

O clima da cidade é muito quente: sua latitude 15^o 36' S.

O rio é farto de pescado, sobretudo de Junho até fins de Dezembro. Então é o alimento principal do povo. Pesca-se muito *pacú*, *dourado*, *piracanjúras*, *piãs*, *piracachidras*, *giripócas*, *palmitos*, *cabeçudos*, *corimbatús*, *peixe-rei*, etc. Apanha-se tanto que os bois, cavallos e pretos ou *Guanús* vão, curvados ao seu peso, vendêl-os pela cidade.

De todos é o *pacú* o mais gordo e mais abundante, bem que não seja o mais delicado; sabe, comtudo, bem ao paladar; e a quantidade é tal que fornece o combustível com que se illuminam todas as casas. Acontece até que os pescadores atiram fóra grandes montes, quando não querem nem mesmo dar-se ao trabalho de extrahirem o azeite.





CAPITULO IX

De Cuyabá partiram no dia 28 de Abril de 1827 e, transpondo, a duas leguas E., o riozinho *Coxipó-guaçu*, foram pousar, uma legua adiante, n'um morador d'aquelles lugares.

No dia seguinte, atravessaram um paiz chato até a base da serra da *Chapada*, que fica a sete leguas E. da cidade e começaram a vencer uma subida ingreme, de máo caminho, cheio de matacões e pedras sôltas e com muitos zigzags. Cinco vezes passaram um corrego encachoeirado que faz muitas voltas na fralda da montanha e, ao approximar-se da chapada que a corôa, ouviram o ruído da quéda que elle dá n'uma garganta, quéda de uns 50 pés de altura, mas occulta pela densa vegetação que cobre as dobras de toda a serra. No alto a perspectiva é magnífica. O Cuyabá serpêa ao longe e foge para S. Não se distingue a cidade sinão por uns pontozinhos brancos, e além o paiz se estende para O., a perder de vista. Ao N. é a continuação da

serra, d'onde sahem ramificações que morrem na planicie. Ao S. ficam os *Pantanos Geraes*, onde haviam navegado, e bem junto de nós, á esquerda, altêa-se sobranceiro o *Morro de S. Jeronymo*, dominando a chapada, a serra e toda aquella região n'umas 100 leguas em torno.

Esse morro, escalvado por todos os lados e de 300 pés de altura acima do plató, tem no cume um planalto de 200 braças de comprido sobre 100 de largo. Do ponto a que chegaram, a vista se alonga tambem para E. pela chapada, cuja elevação acima da planicie de Cuyabá é de 1.400 pés e toda cortada de valles e collinas.

Pela grande variedade das paizagens, muito teria aqui um pintor em que exercitar o seu talento; ao geologo tambem não faltaria assumpto de interessantes indagações, pois nas fórmas abruptas do S. Jeronymo e nas camadas das montanhas estão sem duvida impressos os vestigios das revoluções que se estenderam por todo o centro da America.

Este panorama, pórem, não é para o espirito maravilhado sinão uma preparacão para outro mais extraordinario, que um quarto de legua além espera o viajante. «Sei que não passo de um escrevinhador sem letras, cujos escriptos não hão de vêr a luz da publicidade, mas si natureza tudo me negou, porque concedeu-me o dom de sentir com tanta força?» (1).

Apenas deramos algumas voltas na chapada e já não viamos nem a planicie de Cuyabá, nem o morro de S. Jeronymo que ficára occulto por umas collinas á direita, mas eis que ao longe, corôando verdejante

(1) Vide a nota 2 ao capitulo VI, á pag. 137.

eminencia tambem á direita, erguem-se rochas de fórmas extraordinarias, e mais longe ainda massiços azulados enchem o horizonte, como si fôra o velame de numerosa esquadra.

Approximando-nos d'essa eminencia, vimos pouco e pouco surgirem sete enormes penedos de 50 pés de altura, isolados e esparsos na collina e na planicie, mais estreitos embaixo do que em cima e sahindo, não se sabe por que força de natureza, de um terreno falto de pedras e coberto de verdura, como si houvessem cahido do céo e, pela violencia da quéda, fincado a base pela terra a dentro. Dois d'elles, mais culminantes, representam como que tres tumulos, dois dos quaes juntos, ou então tres enormes edificios, como aquellas torres antigas que na Italia passaram com o correr dos tempos por transformações que lhes tiraram a fórma primitiva.

Terceira rocha sahe da terra, empina-se a prumo como um fragmento de muralha, tres vezes mais alta do que larga e com seis metros de espessura. E' formada de camadas superpostas de parallelipipedos e cubos: a base quadrada é muito estreita; vai alargando até dois terços de altura total, estreitando-se novamente em stratus irregulares. De lado, parece um navio com todos os pannos fóra, visto da prôa ou pôpa.

Tres outros massiços mais informes, não são notaveis sinão pela grandeza e idéa associada de enormes tumulos ou edificações feitas por mãos humanas, para o que muito concorrem as camadas horizontaes de que são todos elles constituídos.

O que, porém, de longe obriga mais a attenção é ainda um grande fragmento isolado de muralha, atravessado na estrada e aberto como si fôra um portico,

tendo acima um furo circular, um pouco á direita, figurando de janella. Passámos por baixo da magestosa arcada, admirando a espessura e perpendicularismo d'essa rocha que, a modo de uma porta, ainda de pé, da arrasada Babylonia dá entrada a vasto recinto de ruinas

Atravessa-se então uma planicie cheia de contrafortes circulares encostados aos montes, como si houvessem sido primeiro construidos para, com aterro de rochas e terra, sustentarem esplanadas artificiaes, onde arvores e relva produzem a impressão de jardins suspensos. Do meio d'esses contrafortes sahem umas especies de enormes pedestaes, circulares e emmoldurados, alguns até com restos de columnas. O caminho plano serpêa por entre essas magestosas massas, que para nós se destacavam n'um céo toucado das suaves côres do crepusculo.

Nos montes e na planicie, por toda a parte, avistam-se grupos de pedras que, com os contrafortes, semelham os restos de uma cidade immensa, em que durante seculos imperára a mais nobre architectura. Fica a gente pasma ao achar-se de repente no meio de uma natureza que falla linguagem desconhecida até então, pois, onde só ha rochas julga-se vêr os destroços de soberbos monumentos levantados por uma raça de architectos gigantes.

Cahiu a noite; mas ao longe lobrigámos entre sombrios massiços a casa do proprietario d'esses lugares, o qual estava á nossa espera para offerecer-nos a franca hospitalidade brasileira.

Era o alferes de milicias Domingos Monteiro, commandante do districto; bom homem que não sabia sinão seu poucoquinho de agricultura, mas muito es-

timado de todos os visinhos. A morada estava muito áquem do *confortavel*; entretanto a franqueza de quem a occupava tudo suppriu. Assistiu sua mulher á nossa refeição que compunha-se, como de costume, de seis a oito pratos, sem vinho, collocados sobre uma toalha de algodão grosseiro; alvissima, porém, e enfeitada com grandes rendados. A boa qualidade dos alimentos e nosso appetite deram sabor a tudo. Excellente marmelada e doces de diversas qualidades terminaram o jantar, ao qual succedeu o *benedicite*, que de pé e com as mãos postas, é rezado baixinho. Lamento sinceramente que este habito respeitavel e tão justificado tenha cahido em desuso.

De manhan muito cedo, tomei os meus lapis e album de desenhos e fui, desejoso de tirar umas vistas, percorrer a cavallo os lugares que tanta admiração me causaram na vespera. Por todos os lados não se enxergam sinão tumulos, pedestaes, columnas partidas, escadarias, amphitheatros e urnas. Tres d'estas parecem feitas pela mão cuidadosa do homem. Uma, de 30 pés de alto e 20 de diametro, descansa n'uma base de seis pés collocada sobre pedestal de 40 pés, que fórma o canto de um contraforte da mesma altura.

N'esse mesmo baluarte, duplo sócco formado por cornijas circulares sustenta um resto de gigantesco fuste, e pontas de rochas horizontaes surgem do meio das arvores, suspensas como si fossem varandas e socalcos.

Por traz d'esse contraforte, em plano mais afastado, ha um massiço maior que a urna, mas tendo tambem base estreita e semelhando a prôa de uma galéra antiga. Mais longe, outro baluarte, comprido e sustentando á esquerda uma grande rocha espherica e quatro penedos de pé como canudos de órgão, fecha

uma das quatro vistas, que tirei, por me parecerem mais assombrosas e dignas de serem reproduzidas.

N'ella puz um grupo de indios *Guanás*, que vinham trabalhar nas fazendas por 60 réis diarios. O traço que mal lhes cobre a nudez do corpo e os cabellos compridos dão-lhes tal ou qual parecença com certas tribus, que vivem perto de ruínas celebres no Oriente.

Voltando á esquerda do caminho no fundo da fazenda, apresenta-se um vasto grupo de rochas, que deixa o olhar attonito de vêr tanta singularidade. Uma, porém, prende logo mais fortemente a attenção, ficando-se a principio em duvida si aquillo é simples capricho da natureza ou um magnifico arco de triumpho, erigido por altivo e grande conquistador. O bloco ergue-se isolado, cortado em angulos rectos, de 40 pés de altura e 25 de largo sobre 20 de espessura, ornado de frisos em distancias iguaes, rostros e entablamento.

A' esquerda, no primeiro plano, duas grandes rochas, separadas ao quarto da altura por estreita abertura, mas tendo uma base commum, mostram aspecto muito differente. Uma é formada de cornijas reintrantes embaixo, como um pulpito ou a pôpa de um navio de bateria circular: a outra, composta de camadas horizontaes de parallelipedos verticaes e cubos salientes, como si fosse o resultado de colossal crystallisação, apresenta no lado direito saliencias que se pôdem comparar com aquelles pequenos modilhões que nos altares sahem do plintho e recebem as imagens dos santos.

Atraz d'esses dois rochedos e do arco triumphal uma ultima decoraçáo limita tão extraordinaria paizagem: é um bosquete que se vê de frente e d'onde sahem lanços de rochas, verdadeiras muralhas corôadas

de vegetação, separados por viélas obliquas como bas-tidores de theatro e cheias de arbustos.

Depois de umas voltas que dei, apresentou se ás minhas vistas quarta perspectiva não menos admiravel. No primeiro plano estende-se um terraplano de relva, e do meio de uns fragmentos de camadas pedregosas ergue-se uma torre redonda de 35 pés de altura sobre 30 de diametro, tão regular em sua fórmula que difficil será dar credito ás minhas palavras e lapis. Cinco faixas indicadas por linhas de cornijas a compoem: as tres primeiras, a partir da base, nada têm de extraordinario, a não ser o arredondado bastante regular, mas a quarta parece uma architrave, cuja parte visivel é dividida em tres secções convexas corôadas por tres cornijas iguaes. Depois apparece acima um friso, que mostra identica divisão em tres arcos convexos. O que, porém, mais admira, é que cada um d'esses arcos por seu turno está cortado em tres reintrancias de fórmula quadrada. Todo o friso produz a impressão de um friso que cahe em ruinas, no qual se distinguem ainda os vestigios de nove tryglyphos e outras tantas methopas. Esse brinco da natureza, com a competente cornija por cima, corôa de modo estupendo aquella torre, mas não a termina, porque o todo é rematado por pontas de rochas irregulares.

Á direita, e como que para figurar ao lado d'essa ruina, levantam-se duas rochas, uma de 10 pés de altura semelhando um candelabro, a outra de quatro, um vaso. Esse primeiro plano é limitado á esquerda por um baluarte que parece ter uma guarita no angulo. Na base fica-lhe uma urna de seis pés de alto.

Immenso tumulo oval apparece por traz d'esse baluarte, em parte encoberto por arbustos.

Mais adiante abre-se um valle pouco fundo, cujo declive suave é semeado de arvores, de entre as quaes sahe um obelisco, que se vê no intervallo que separa o candelabro da torre, ao passo que entre esta e o tumulto apparece n'aquelle mesmo matto uma grande rocha cubica, supportada por base estreita e terminando um muro que se estende além. Emfim, do meio do monticulo arborizado e mais distante surgem tres grandes pedras, collocadas umas sobre as outras e que sobrepuzam em altura a todas as mais. Azuladas collinas formam ao longe o horizonte d'essa bella e singular paizagem.

Satisfeito por levar no meu album as quatro mais notaveis vistas d'esses sitios, tornei a tomar caminho da fazenda, onde achei o vigario da villa de Guimarães, distante umas tres leguas, o qual viera nos visitar. E' um moço robusto de 26 a 28 annos de idade. O resto do dia passou-se em descanço e no gozo não só da sociedade, que augmentára com a chegada do filho do governador militar da provincia, como da temperatura fresca e agradavel d'esses lugares elevados e da belleza dos horizontes.

No dia seguinte, havendo o Sr. Langsdorff determinado subir ao alto do S. Jeronymo, afim de executar o que poucos têm emprehendido, partimos para essa excursão, o consul, Riedel e Rubzoff, o commandante, o vigario, o filho do governador e eu. Em caminho, contou-nos o commandante que n'uma occasião, de 25 pessoas que haviam tentado essa ascensão, só cinco chegaram ao pincaro, e d'essas teriam duas na descida perigado, caso não houvessem se agarrado a uma corda.

Fizemos uma legua por paiz cortado de valles estreitos e fundos, onde ha arvores seculares, com cuja

folhagem as samambaias arbustivas confundem suas rendadas palmas. A cada volta, a cada subida, apparece o S. Jeronymo como um gigante que vêm se chegando.

Vencêmos, por fim, uma ultima rampa e achámo-nos n'uma plataforma á base do monte. E' a crista de uma vertente abrupta de 1.400 pés, que desce para a planicie de Cuyabá, a qual então viamos cercada do seu immenso horizonte e onde distinguimos, como ante-hontem, as torres das igrejas da capital. Grandes pedras que fazíamos rolar iam, aos saltos cada vez maiores, cahir na fralda da montanha.

O sr. Rubzoff, apezar de ser official da marinha russa, não se atreveu a subir o S. Jeronymo: ou por prudencia, ou por querer com mais vagar aproveitar o tempo, declarou que, emquanto subissemos, ficaria a fazer observações astronomicas. Começámos então a ascensão, agarrando-nos ás plantas por um declive de 45° e n'uma altura de 60 pés. Chegados ao fim d'esse primeiro trecho, deparámos com uma grande fenda que separa um enorme bloco do flanco do S. Jeronymo. D'ahi a vista mergulha a prumo até embaixo. Então apresentam-se á direita rochas que têm de ser galgadas, umas após outras. Para os meus companheiro foi um instante; quanto a mim, mal me abracei com pés e mãos a um d'esses rochedos e vertigens seguidas me puzeram a cabeça ourada. Debalde tentei dois ou tres arrancos; todos os mais passaram e se sumiram; eu ali fiquei, contristado de minha derrota.

Não tive remedio sinão tornar a descer e ir fazer companhia ao Sr. Rubzoff. Enxergámos os outros senhores a caminharem mui socegradamente ao longo de uma esplanada de verdura, que é base da ultima barreira, mais difficil ainda de vencer. Desappareceram

entre pedras e arvores; não os vimos trepar, mas d'ahi a pouco appareceram a passeiar na esplanada do São Jeronymo.

Desceram uma hora depois e contaram-nos que tiveram que pular fendas e buracões agarrados a rochedos e arbustos, transpôndo do mesmo modo grandes rochas destacadas. No ultimo trecho, achando-o por demais perigoso, mandaram adiante o *Gavião*,* escravo do Sr. Langsdorff, para amarrar uma corda, por meio da qual içaram-se até ao cume.

Tomámos então rumo da fazenda e fômos ainda vêr uma gruta de 100 passos de diametro, formada na concavidade inferior de uma pedra isolada que fica no meio de um terreno descampado, no qual descança como si estivesse solta. Limpido corrego, que provavelmente furou a entrada e sahida, a atravessa, dando accesso aos homens e fêras, bem como entrada a ternues raios de luz que permittem devassal-a. Sem duvida foi outr'ora guarida de onças; hoje não é visitada sinão por cabritos.

A' casa do commandante chegou o Sr. Angelini, negociante italiano, com quem traváramos relações em Cuyabá, e que esperavamos. E' um cavalheiro que enriqueceu no Rio de Janeiro e veiu a Matto Grosso negociar em diamantes, pedras finas e joias. Visitára Potosi, Chuquisaca e Cochabamba na Bolivia; estivéra com Bolivar e vivêra na intimidade d'esse heróe, acompanhando-o por vezes nas suas excursões pelo Perú. Angelini gozára da estima dos *Independentes*; tinha por costume, e bom costume, abrir a bolsa e fazer doativos patrióticos.

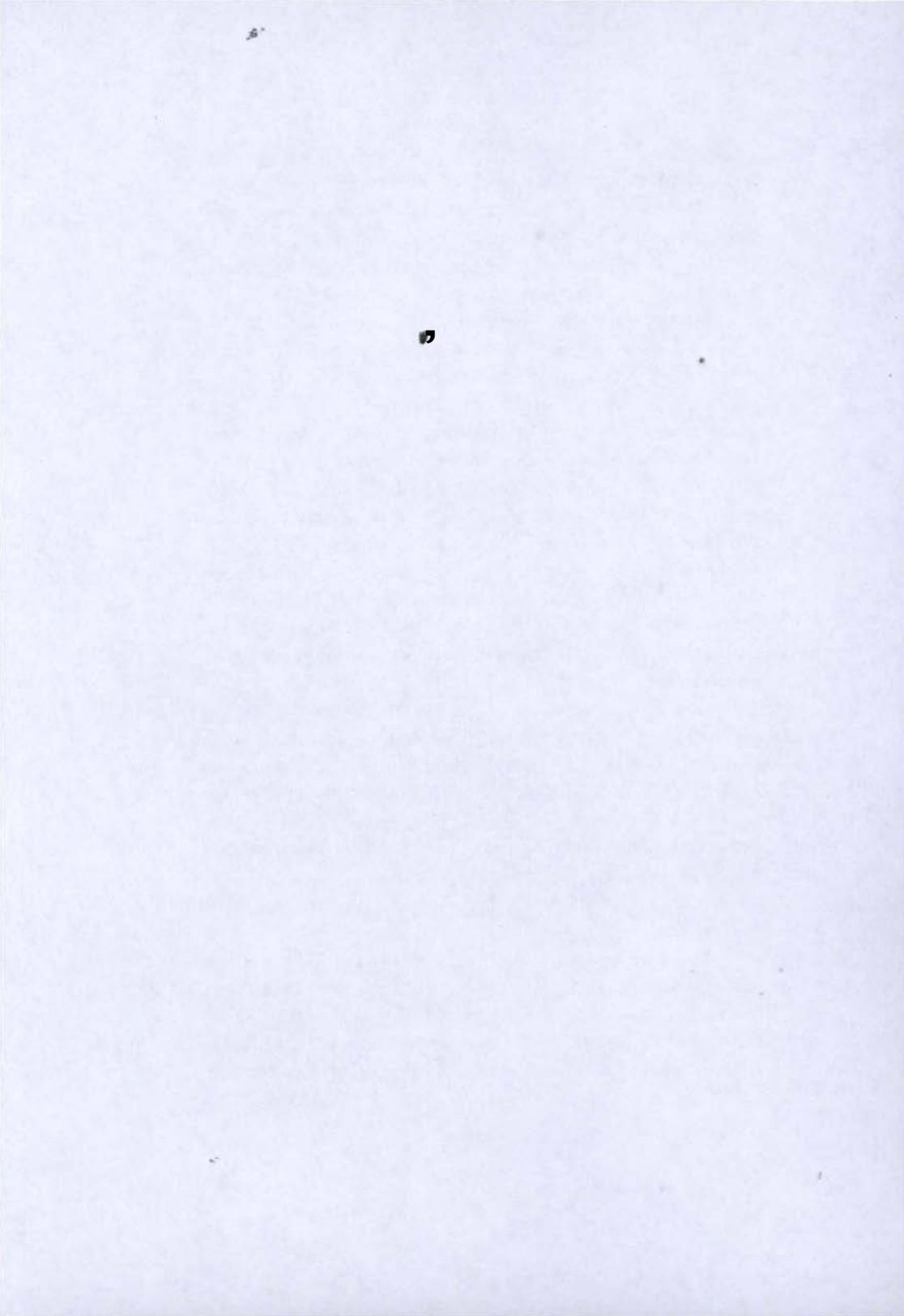
De resto, era um d'esses homens generosos por natureza e que têm fé em sua estrella. Tratava-se á

fidalga, tendo á mesa 10 e 12 pessoas: em viagem levava bonitos cavallos e um trem escolhido e de gosto.

Referiu-nos uma circumstancia de sua vida, contada por elle mesmo, que prova que uma primeira culpa pôde muitas vezes ser remida por existencia sempre honrada e respeitavel.

Tendo, na sua mocidade, commettido a falta de fugir da casa de seu pai, rico negociante de Trieste, e o que é peor, fugir roubando-lhe certa somma de dinheiro, pôz-se a passeiar pela Europa e a divertir-se, emquanto tinha a bolsa cheia; mas quando viu-se sem recursos, tomou a resolução de embarcar para o Brasil, afim de esconder a sua vergonha longe dos paizes em que tantas loucuras fizéra. Desembarcou no Rio de Janeiro com 700\$. Comprando umas joias, começou a mascatear pelas ruas. Era então o bom tempo de D. João VI, bom pelo menos para os negociantes, que vendiam por 100 francos uma vara de renda. Angelini, ladino e vivo como é, depressa ajuntou dinheiro, montou casa de joalheiro e, a frequentar a alta sociedade e a dar jantares de 4 a 5.000 francos a embaixadores e ministros, foi fazendo fortuna, apezar de seus habitos de luxo. O gosto das grandes especulações o levára do Rio de Janeiro ás minas de ouro e diamantes de Matto Grosso e ás de prata do Potosi; entretanto, asseverou-nos que estes paizes para o commercio não valem o Rio de Janeiro e que tal viagem, longe de lhe trazer vantagens, dava-lhe o prejuizo de cem mil francos.

Angelini vai para o Rio de Janeiro, d'onde tomará passagem para a Inglaterra: tem largos projectos sobre mineração de Cuyabá e Goyaz. Eu soube, porém, mais tarde que, voltando da Europa, regressára com mineiros para Goyaz, e n'essa empreza soffrêra grandes perdas.





CAPITULO X

No dia 4 de Maio de 1827 partimos para a villa de Guimarães. Em caminho fomos visitar a fazenda do *Burity*, de canna de assucar, e pertencente a uma velha chamada D. Antonia, a qual chegou ao mesmo tempo que nós, vindo de Cuyabá. Viajava de um modo novo para nós, carregada por dois negros n'uma rêde suspensa a uma grossa tacuára de *Guativoca*. De muda iam outros dois pretos aos lados. Acocorada n'essa rêde e a fumar n'um comprido cachimbo, vinha ella seguida de negras e mulatas, todas vestidas limpamente e carregando á cabeça cestos, trouxas e roupas, vasilhas de barro e outros objectos comprados ha pouco. O administrador, que era irmão d'ella, e o feitor adiantaram-se ao seu encontro; e os negros e negras que haviam ficado em casa se chegaram para dar o *louvado*.

Dar *louvado* é pôr as mãos juntas e pronunciar as seguintes palavras: *Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo*, ao que responde o senhor: *Para sempre seja louvado*, ou simplesmente: *Para sempre*. E' o *bons dias* do escravo para o amo, do filho para o pai, do afillhado para o padrinho, do aprendiz para o mestre. Os pretos, que estropiam todos os vocabulos portuguezes, fizeram d'essa phrase uma corruptela que exprimem por esta barbara palavra: *Vasueris*.

Em S. Paulo e Cuyabá dá-se *louvado*; no Rio de Janeiro pede-se a bençam por este modo: *a bençam?*

Tinhamos, porém, chegado ao Burity.

Dona e hospedes, puzemos pé em terra diante da casa; e juntos entrámos n'uma vasta sala ao rez do chão, que serve de sala de recepção e de jantar, além de cosinha. No fundo ficam o *engenho* ou moinho de moer canna e a grande *pipa* para recolher a aguardente de canna; á esquerda, as fôrmas para refinar o assucar bruto. D. Antonia tem sua rêde armada perto da porta de entrada, á direita: ali passa ella os dias a fumar e a dirigir o trabalho das pretas e mulatas. E' uma excepção á regra, que occulta ás vistas dos estranhos as mulheres: provavelmente é porque ali não havia moças brancas.

O que se chama Villa de Guimarães não passa de uma rua de miseras choupanas e de um largo, em parte aberto, em parte cercado de casinhas cobertas de sapé, com uma igreja no fundo. Entretanto como, no fim do XVIII seculo, tratou-se de transferir a séde do governo de Villa Bella, então capital, para Cuyabá, por causa da insalubridade d'aquelle local, elevou-se a *villa* de Cuyabá á categoria de *cidade*, condição essencial para ser capital e, afim de fazer-lhe um digno cortejo,

deram-se as honras de *villa* a cinco ou seis aldeólas, *freguezias*, que não mereciam essa distincção e que, com excepção do Diamantino, nunca puderam prosperar. Eis como, mais de uma vez, é-se levado a mentir, mesmo nos mappas geographicos. (1)

A acanhada igreja nada apresenta de notavel no exterior; internamente, porém si bem já decadente, é, guardadas as proporções, a mais rica de toda a provincia em ornamentação architectonica e em baixos relevos dourados. Não se cuida de certo deparar com esses restos de riqueza n'uma decadente aldêa da provincia de Matto-Grosso, onde as poucas igrejas que existem nenhum ornato têm, e mais parecem pardieiros do que templos.

Guimarães e sua igreja devem a fundação aos jesuitas, sendo seus habitantes, em numero de 600 a 800, descendentes de indios aldêados e dirigidos por aquelles homens, eminentes administradores, nos tempos em que fundaram, segundo conta-se, uma vasta republica no Paraguay, para ahi viverem como soberanos. Esse estado devia comprehender, além do Paraguay, que lhe havia de servir de centro, as provincias de Corrientes, e de Missões ao sul, ao O. o Chaco, e a N. O. Chiquitos. Estas provincias estão cheias de *missões*, que são aldêas de indios, fundadas por aquelles padres, debaixo da invocação de algum santo e construidas n'um unico e mesmo plano. Cada missão,

(1) Villa-Bella. como se lerá adiante, foi formosa e rica capital; fundada em 1752, viu-se privada dos fóros de capital em 1819. *Sic transit gloria mundi*. Vide *A Cidade de Matto Grosso*, pelo V. de Tanuy: obra do mais subido valor historico sobre a velha capital d'aquella tão rica quão despresada capitania.

formada de indios catechisados, era cercada de um muro com uma porta para entrar e outra para sahir. Dentro ficavam o aldêamento com uma igreja, o convento dos padres, a prisão e as officinas de trabalho. Parte dos habitantes trabalhava durante o dia nos campos; a outra activamente se occupava nos officios mais indispensaveis. De tarde fechavam-se as portas e ninguem mais sahia á noite. Cada aldêamento tinha uma banda de musica para as festas religiosas; e o tempo passava-se bem empregado e em preces ao Creador. Varios castigos corporaes e moraes eram infligidos aos indios, conforme a gravidade do delicto; entretanto nunca iam além de 8 a 12 pancadas dadas com uma corda enroscada. Não tenho idéa si havia tambem regra certa para recompensar as bôas acções. Algumas aldêas da provincia de Chiquitos conservam ainda hoje o muro levantado pelos seus antigos donos e directores. (1)

Os indios de Guimarães vivem na miseria e quasi nada possuem de seu. Alguns se empregam em procurar ouro n'uma mina, distante quatro leguas, muito pobre, mas cujo ouro é superior ao do Cuyabá. Ha, nos proximidades da villa, brancos que têm alguma escravatura; cultivam a canna, de que fazem assucar e aguardente; colhem feijão e milho; criam muitos porcos e vão vender tudo isso no mercado da capital.

O sr. Taunay, que tinha-se demorado em Cuyabá afim de acabar um retrato do Imperador, veio se reunir comnosco em Guimarães.

Despediu-se de nós o sr. Angelini, que volta para

(1) Vide capitulo VI, *in fine*.

o Rio de Janeiro. Tendo, a pedido do sr. Langsdorff, tido a bondade de se encarregar de nossas collecções, leva boa porção de caixotes cheios de objectos de historia natural, diversos relatorios e manuscritos, cartas nossas para o Rio e para a Europa, e um masso de desenhos do sr. Taunay e meus, tudo endereçado ao sr. Kielchen, vice-consul da Russia, que deve dar destino ás cartas e fazer chegar o mais a S. Petesburgo.

Não foi sem saudades que vimos partir para tão longa viagem aquelle digno companheiro.

Durante a estada em Guimarães, sentimos algumas vezes frio bastante intenso, o qual aperta, quando o vento vêm do sul e o tempo torna-se encoberto. O nevoeiro é tão espesso então, que a 15 passos não se enxerga cousa alguma. Tudo fica humido: o ar, os moveis e a roupa dentro das canastras.

Crêr-se-ha facilmente que o frio na chapada é tão forte, que tem acontecido matar gente como na Russia?

Um homem que conduzia seis ou sete escravos recém-chegados da Africa, meio nús e cobertos ainda da sarna que esses desgraçados apanham na viagem maritima, foi sorprendido por um d'esses nevoeiros no seguir estrada que elle não conhecia bem. Perdeu-se e achou-se no meio dos campos, sem vêr nada diante de si e sem saber onde estava. Os negros passaram a noite tolhidos de frio; e no dia seguinte estavam tão inanimados e tesos, que o negociante, suppôndo-os mortos e não podendo mais comsigo, montou a cavallo e começou a vagar ao acaso. Andou todo o dia, indo e voltando sobre seus passos. A' tarde o tempo clareou e foi o que o salvou, porque viu um *sítio* e lá chegou, mais morto do que vivo e já sem falla. Des-

ceram-no do cavallo, aqueceram-lhe os membros gelados, deram-lhe um caldo de gallinha, e pouco a pouco foi voltando a si. Havia dia e meio que nada comêra. Foram á procura dos negros; e os encontraram sem vida, no lugar onde o negociante os deixára.

Nas mattas das visinhanças de Guimarães foi que vi pela primeira vez a palmeira chamada *pindova*, cujas folhas abrem-se n'um só plano como um leque. E' um bello typo da opulenta e magnifica familia das palmeiras.

Desconhecendo ainda a fórma achatada d'essa especie, fiquei, ao enxergar os primeiros individuos que se me apresentavam de perfil, sorpreso e confuso, sem poder dizer si eram ou não palmeiras, tanto mais quanto, si são elegantissimos vistos de frente, de perfil tornam-se informes. E' então uma flecha comprida, bem a prumo e que tem no tope um leque de folhas cahidas, como aquellas caudas de cavallo que os turcos levam á guerra, á guisa de estandartes. Não foi sinão depois de rodear o tronco, que pude verificar o achatamento n'um dos sentidos.

Depois de nos demorarmos mez e meio em Guimarães, continuámos nossa digressão até ao Quilombo, rica lavra de diamantes, sita a 12 leguas N. E. d'ahi. Em caminho ha uma paizagem notavel. O terreno é uma planicie lisa como a superficie do mar tranquillo e coberta de *cerrados*, nos quaes abundam as *cannelas de ema*. A' nossa esquerda começa no chão um rasgão, cujo angulo de abertura é tão agudo que não lhe vimos o apice. Vai-se alargando até 400 passos de bocca e 40 de profundidade. As beiras são de pedra e cortadas em angulo recto. A do lado opposto é uma linha rigorosamente horizontal, ao nivel do sólo, e es-

tende-se um quarto de legua para a direita até a base da serra, que fazendo ahí uma reintrancia, fica a pouca distancia de nós. O fundo d'esse rasgão ou desbarrancado, cheio de arvores cujo cimo só podíamos vêr, é em declive e vai prender-se á serra, tomando altura de 60 a 80 pés acima das beiradas, até esconder-se por traz de uma quebrada do terreno em que estávamos.

Não longe da beirada opposta, um pouco á esquerda, ha um amontoamento de rochas empinadas, como columnas de basalto.

No dia seguinte chegámos ao Quilombo. A vegetação se opulenta com o magnifico *uauaçú*, palmeira de stípote muito alto, que ergue aos céos o altivo pendão, sem curvar as folhas para a terra. Vimos grupos, cujas arcadas em ogiva, formadas pelas palmas a se cruzarem, davam-lhe semelhança com construcções de architectura gothica. Essa bella monocotyledonea, cujo nome indigena significa —palmeira grande—ensombrando o sólo diamantino que pisavamos, augmenta pela nobre presença o maravilhoso d'esta região.

O terreno está cheio de seixos grandes e miudos: é a matriz ordinaria ou ganga em que se encontram os diamantes.

Estivemos uma hora parados perto de mineiros occupados em catar a preciosa gemma. Vêm-se muitas *canôas* ao longe de um filete d'agua. Dá-se o nome de *canôa* a um parallelogrammo de cinco pés de comprido sobre tres de largo, de terra batida, e junto a um correjo, riacho ou lagôa: tem a superficie em declive e os lados, com excepção do que é formado pela agua, fechados por tóros de páo deitados, que servem de encaixe.

O trabalhador cava grandes buracos quadrados, e aos poucos transporta para a canôa o cascalho, sobre o qual atira um bocado de agua para que esta, ao escorrer, carregue a terra solta para o correjo e deixe o monte mais limpo. Então colloca uma pequena porção d'esses seixinhos na beira da *batêa*, (alguidar redondo de páo e fundo conico, com 18 a 20 pollegadas de diametro sobre tres de altura) e começa a agitar circularmente a agua, de modo que esta, lambendo o cascalho, leva a menor porção possível, afim de depositar no fundo e deixar vêr os diamantes, si os houver, por pequenos que sejam.

Durante meia hora, fez o sr. Langsdorff trabalhar dois de seus pretos. Acharam dois diamantezinhos, que juntos, podiam valer 18 francos.

Poucos instantes depois de termos deixado esses mineiros, atravessámos a váo o rio Quilombo, que corre para E. E' no seu leito que se encontrou, ha oito annos, o primeiro diamante d'essa lavra, desconhecida até então e só habitada por agricultores. Uma escrava do proprietario Domingos José de Azevedo, estando a lavar roupa, achou um diamante do valor de 6.000 francos, que ella foi levar ao seu senhor. Apesar do presente valer quatro vezes o preço da escrava, o avido proprietario não lhe deu a liberdade.

Tendo-se logo espalhado a noticia, o Quilombo viu chegar grande numero de garimpeiros, que puzeram-se a excavar e remexer suas margens.

Pela legislação das minas de ouro e lavras de diamantes, quando se descobre uma d'ellas, caso seja o terreno *devoluto*, é dividida em cinco partes. Duas pertencem ao Estado, uma ao descobridor, e as outras duas são dadas a quantos se apresentem para explo-

ral-as, ainda quando a cada um não toque mais de um metro quadrado.

Si o terreno tem dono, o governo fica com a metade e cede-lhe a outra.

Todos os mineiros são obrigados a vender diamantes e ouro, que extráiam, ao governo. No tempo colonial pesadas penas, como confisco, prisões e ferros por muitos annos, foram infligidas aos que eram pilhados a fazer contrabando. Hoje, porém, essa prática da legislação cahiu em desuso.

Conheci em Porto Feliz um portuguez, Bento da Costa Maia, velhinho de 106 annos, attestados não só por Francisco Alvares e muitas pessoas, mas tambem pelos seus olhos, cujo iris não se distinguia mais do branco. Esse homem, tendo outr'ora tentado passar diamantes por contrabando, fôra descoberto, preso no caminho de Porto Feliz e levado a ferros para Villa Bella de Matto Grosso, então capital, onde cumpriu 10 annos de sentença. Por ahi póde-se fazer idéa da robustez d'esse organismo, pois resistiu á insalubridade de uma cadêa, sita em lugar tão doentio que houve necessidade de abandonal-o.

Não gosa da affeição dos habitantes do Quilombo Domingos José de Azevedo, portuguez e senhor da escrava que achára o primeiro diamante d'aquella lavra. Seu filho incorreu-lhe no desagrado, por ter tomado parte no movimento da provincia, por occasião da independencia do Brasil. Fômos ter á sua *fazenda*, para ahi passarmos alguns dias. Recebeu-nos com mais frieza do que satisfação. E' um homem de 60 annos, de estatura média, cabellos grisalhos, sobrancelhas negras, cerradas e unidas, cujos pellos compridos lhe cahem sobre os olhos e terminam nas fontes em

ponta, como si fossem bigodes : o que lhe dá um olhar selvagem. A barba, entre branca e preta, é tão fornida como os supercilios.

Viuvo, tem filhos e filhas, mas com nenhum d'elles móra. Vive só com seus escravos, em numero de 30, empregados na cultura de canna.

Durante a cêa tornou-se mais communicativo ; contou-nos as canseiras que tivéra para fundar o sitio e ganhar algum dinheiro ; queixou se do filho e explicou-nos o modo por que governava sua casa.

Depois da comida fômos assistir á ladainha, que se resa no alpendre ou sala de entrada, onde para isso reúnem-se todos os escravos. A primeira oração é cantada e começa por estas palavras: *Triste cousa é nascer*. Julgo que essa maneira singular de louvar a Deus é composição de nosso amphitrião.

Acabada a resa, mandou pôr camas sob esse alpendre e deu-nos boas noites.

No dia seguinte, disse-nos ao almoço que costumava contar os grãos de café, para não ser roubado pelos escravos.

Fallou-nos da mulher e, ao levantar-nos da mesa, levou-nos para os seus aposentos, que eram dois quartinhos. No fundo, suspendeu do assoalho um alçapão e mostrou-nos uma salinha collocada no primeiro pavimento, escura, humida e com uma janella de grades que dava para o engenho de canna. «Aqui em baixo, disse-nos elle, é que eu guardava a mulher, quando tinha de sahir de casa. Ella descia por uma escadinha, que eu recolhia, e recebia alimentos pela janella do engenho.»

Tal homem dispensa, nem merece qualquer reflexão.

Suppunhamos que, como acontecia em todas as fazendas, podessemos ir ao engenho; mas vendo que elle mostrava-se cioso de suas mulatas, conservámo-nos no alpendre e no terreiro, que ficava diante da casa.

Tornámos a passar o rio para examinar as lavras que se exploram na outra margem. Um garimpeiro acolheu-nos no seu rancho de sapé com melhores agrados do que Domingos José de Azevedo. Essa gente não levanta casas, porque a profissão d'elles é esburacar terreno.

A' tarde voltámos com desgosto á casa do nosso hospede; mas no dia seguinte, demo-nos pressa em deixar aquelle desprezível originalão e puzemo-nos a caminho de Guimarães.

Na volta para Cuyabá, fizemos uma visita a D. Antonia e seu irmão; e parámos em casa de nosso bom commandante Domingos Monteiro. Faltava-nos ainda vêr a famosa *Bocaina do Inferno*, onde de 200 pés de altura cahe o ribeirão do Inferno, que, vindo do lado de Guimarães, passa pelo sitio de D. Antonia e toca-lhe o engenho de assucar, o moinho de fubá, a serraria e os monjólos. Depois de uma legua a E. alli chegámos. A belleza da cascata foi muito além de qualquer expectação.

E' um rasgão de 200 pés, onde acaba uma garganta de serra: como que uma reintrancia fechada por uma muralha talhada a pique como os lados, de onde despenha-se perpendicularmente um grosso veio d'agua, que no meio da quéda se vai dividindo e chega embaixo, transformado em chuva alvissima e espessa. Ficámos á esquerda da bocaina, n'um terreno inclinado para o precipicio e todo gramado. Do outro lado, n'uma distancia de 50 braças, ha tambem relva no

alto das rochas. O ribeirão perde-se no fundo, de baixo de arvoredo, que viamos a vôo de passaro.

O sr. Taunay desenhou essa bella paizagem e voltámos á chapada.

No dia seguinte, dissemos um ultimo adeus ao commandante e sua senhora; e, deixando para sempre esses lugares, cuja belleza, compensam amplamente as fadigas da viagem, tomámos rumo de Cuyabá, onde chegámos, depois de uma ausencia de dous mezes.



CAPITULO XI

Continuára a commissão dividida em duas secções: uma composta do Consul Langsdorff, de Rubzoff e de Hercules; outra, dos srs. Riedel e Taunay. Estes foram explorar o Diamantino, a 30 leguas N. da cidade de Cuyabá; partiram no dia 26 de Agosto de 1827. Hercules e Rubzoff partiram para Villa Maria, a 40 leguas O. e sita na margem do Paraguay. O sr. de Langsdorff deixou-se ficar em Cuyabá. (1).

(1) «Foi ahí que Adriano Taunay, cultor da musica com o enthusiasmo proprio de sua poderosa e inflammada intelligencia, conseguiu reunir não pequena quantidade das bellissimas composições religiosas do brasileiro padre José Mauricio, thesouro que infelizmente se extraviou e nunca chegou ao Rio de Janeiro, apesar das diligencias da familia.

N'esse tempo, porém, o chefe Langsdorff, entregando-se ás irregularidades de uma vida, que encontrava facil expansão nos costumes, então bastante livres, da cidade de Cuyabá, não só se tornára motivo de desgostos para seu companheiros, sinão

Não sem canseira transpuzeram o rio Cuyabá; pois é preciso passar arreios e cargas em canoas, e fazer nadar os aniinaes para o outro lado, no qual se achavam alguns casebres quasi abandonados. (1) Chegaram a Cocaes, onde ha uma casa, uma capella e palmeiras *guaguacús*. Cocaes fôra outr'ora uma freguezia, mas em razão de sua decadencia rebaixaram-n'a d'essa categoria para a transferir á povoação do Santissimo Sacramento, duas léguas além, de modo que a igreja de Cocaes, antigamente parochial, estava então deserta e quasi tapéra. E' o destino dos paizes onde os homens só se occupam na exploração das minas: nada

tambem fazia receiar que, como infelizmente se realisou, estivesse caminhando para um estado deploravel de perturbação nas faculdades mentaes-

Ou pela reluctancia em recommençar com os aborrecimentos das grandes viagens, ou pelo attractivo da commodidade e gosos que encontrava em Cuyabá...

...Riedel e Taunay chaviam já sahido e tomado para O. com destino á Villa Bella de Matto-Grosso, distante umas 100 léguas. Estes deviam embarcar no Rio Guaporé, e, pelo Mamoré e Madeira, alcançar o Amazonas, ao passo que os outros, partindo de Diamantino em época préviamente marcada, desceriam os rios Preto, Arinos, Juruena e Tapajós, logo que chegassem á villa de Santarém, para a da Barra do Rio Negro ou Manáos, que era o ponto do encontro commum. D'ahi, todos junctos, seguiriam pelo rio Negro acima até ao canal de Cassiquiary, entrariam no Orenoco e iriam correr as Goyanas.

Este bello plano não pôde se realizar pelos terriveis e inesperados incidentes, que desgraçadamente sobrevieram em ambos os grupos da commissão exploradora.—V. de Taunay, *Introdução ao Esboço da Viagem*, pags. 347-348.—Hercules Florence, *Esboço da Viagem*, na *Revista Trimensal*, tomo XXXVIII, parte 2ª, pag. 231.

(1) *Esboço da V.* pag. 231.

se funda duravel (1). A 30 de Agosto foram dormir no sitio do padre Manuel Alves (2), um dos homens mais prestantes da provincia. Passaram o ribeirão das Flechas, cujas aguas são limpidas, mas muito salôbras, e chegaram á fazenda do tenente-coronel de milicias João Pereira Leite, proprietario da fazenda da *Jacobina* (3).

Eis a descripção de uma fazenda de Matto-Grosso em 1827, a mais rica da provincia (4).

Atravessando um grande pateo, fomos parar diante de uma casa de sobrado, á espera, conforme a regra brasileira, que nos viessem convidar para pômos pé em terra. Apressaram-se em nos dirigir esse convite e nos fazer subir ao alpendre do sobrado, onde o tenente-coronel nos recebeu como hospedes, titulo bastante de recommendação. Depois de trocarmos algumas palavras de polidez, tomámos assento entre outros commensaes, alguns dos quaes eram nossos conhecidos de Cuyabá.

O alpendre é uma grande e comprida varanda ao longo da fachada da casa. O lado que deita para o pateo é aberto e simplesmente guarnecido de parapeito. Dois esteios de madeira sustentam n'esta parte o telhado.

Uma mesa de 20 pés de comprido, cercada de

(1) Idem, pag. 233.

(2) Id., pags. 234-235. «A fazendóla era florescente; além dos escravos, viam-se muitos aggregados. O padre tinha filhas já em idade de casar, mas não vimos sua familia. Passava por ser um dos homens mais instruidos da provincia, da qual fôra presidente, eleito pelo governo provisorio, por occasião da Independencia.»

(3) Id., pag. 235.

(4) Id., pags. 236 *et sequentes*.

bancos pesados e massiços, achava-se no meio do alpendre ; ficava, porém, muito espaço ao redor d'ella.

Ahi se pôz o jantar, ao qual não assistiu a familia do tenente-coronel.

Gozavamos ao mesmo tempo da vista do céo e do campo. Depois da refeição, retirou-se o tenente-coronel, e o vigario, tio da mulher d'elle, levou-nos para o primeiro pavimento, onde entrámos n'um grande edificio, cujas portas abriam para o terreiro (pateo da frente). Mais de cem pessoas, entre escravos e gente fôrra, na maior parte do sexo feminino, ahi se achavam em movimento, e cada qual occupado com sua tarefa. O vigario apresentou-nos ao chefe d'essa grande officina, que dirigia tudo, tudo vigiava, obras, engenhos, plantações, gado, escravos, aggregados, enfim a fazenda inteira, sem esquecer o tenente-coronel e sua familia. Esse chefe, athletico no corpo e no espirito, era a sogra do tenente-coronel e irmam do nosso vigario, matrona de cinco pés e oito pollegadas e de corpo proporcionado á altura. Sua cara, de queixo triplice, parecia confundir-se com o largo pescoço, cercado de muitas voltas de collares de contas grossas de ouro. Sua voz de stentor dominava quasi incessantemente todos os ruidos, não direi o vozear dos que trabalhavam, pois todos estavam em silencio ou fallavam baixinho, mas o estrondo das machinas, da agua que as movia, das grandes caldeiras onde fervia a *gurapa*, etc. O que havia, porém, de notavel era que essa mulher, tão corpulenta e que mostrava ter cincoenta annos, andava e mexia-se com a agilidade de uma garrida mocetona. Sua physionomia, seu olhar e bocca exprimiam simultaneamente a energia, a franqueza e a bondade. Todos os escravos e aggregados a estima-

vam tanto quanto a temiam, sendo com effeito a mãe de toda a redondeza, principalmente pelos cuidados com que tratava os enfermos e pelos socorros que, com prodiga mão, distribuia aos necessitados.

«Não quero que meu genro se occupe de lavoura, disse-nos D. Anna; isto é bom para mim, que nasci no meio dos trabalhos do campo.» E, com effeito, João Pereira Leite, cujo porte baixo e ar fanadinho, apesar de ser assás robusto, contrastavam com os de sua sogra, tão devotada á sua felicidade, não pensava sinão em fazer figura e viver á fidalga de suas rendas.

E' saudoso tempo, esse bom tempo colonial (saudoso para alguns retrogrados, felizmente já raros e que desaparecerão em breve), em que os portuguezes da Europa achavam ricas herdeiras com quem casarem só pelo facto de serem brancos. O tal nosso tenente-coronel não tinha só esta qualidade: quando chegára á provincia, vindo pelo Amazonas, Tapajoz, etc., era tenente de 1ª linha e, como se sabe, na antiga monarchia, esse posto não se dava a todos.

A Jacobina era a mais rica fazenda da provincia, com territorio de quatro leguas em quadra, das quaes dois quartos, quando muito, cultivados: o resto, de florestas virgens, lizeiras e pastarias. A parte oriental é montanhosa: um ribeirão piscoso a corta de E. para O. e vai lançar-se no Paraguay, que dista umas quatro leguas. A fazenda é ainda abastecida de aguas por diversos corregos, que vão ter ao ribeirão ou ao Paraguay.

Duzentos escravos de trabalho dos dois sexos e sessenta crianças formavam toda a escravatura d'esse estabelecimento; mas havia quasi igual numero de gente fôrra entre aggregados, crioulos, mulatos e in-

dios, que trabalhavam mais ou menos para si, ou pagos pelo proprietario.

Além da Jacobina, possuía João Pereira Leite ainda dezoito sesmarias, das quaes a menor de tres leguas em quadra, mas inculta, e só em seis ou sete d'ellas, chamadas fazendas, havia um rancho miseravel, um feitor com sua familia, alguns camaradas e gado.

A posse de tantas sesmarias fazia com que o tenente-coronel dissesse que tinha tantas terras quantas o rei de Portugal. Vê-se que elle pouco sabia de geographia.

Gado immenso cobria as ricas pastagens da Jacobina e outras fazendas. O dono avaliava seu numero em 60.000 rezes; a maior parte, porém, tornára-se selvatica.

Eram todos da terra os cavallos e uns duzentos a trezentos mais ou menos. Vi cinco jumentinhos de raça miuda, que as fazendas possuem para a producção das bestas, muitos cabritos, e alguns carneiros importados de pouco, e que não serviam sinão para dar um bocado de lan e para regalo do tenente-coronel só-sinho, pois sua familia e mais gente, como aliás todos os habitantes de Cuyabá, e ha pouco o geral dos brasileiros, tinham horror ao leite e á carne de carneiro.

Uma tropa de um cento de burros de carga era quanto bastava para transportar os productos da fazenda, ou para Cuyabá, Poconé, Diamantino ou Villa Bella de Matto-Grosso. Grande parte era exportada pelas tropas que vinham de fóra buscal-os na fazenda.

A provincia possui o mais bello caminho do mundo, o Paraguay: poderia ter excellentes estradas de rodagem; mas ali estão ainda no seculo da barbaria.

O principal genero de cultura era o da canna de assucar, da qual extrahe-se tambem aguardente. Seguiam depois a mandioca, feijão, milho, etc., e o café para o consumo sómente do paiz. O cacão dá maravilhosa-mente, mas só se viam raros pés, sendo o pouco que se consumia na provincia proveniente do Pará e Rio de Janeiro.

Eram os meios de transporte tão pouco proporcionados á producção da Jacobina, que no anno anterior D. Anna mandára seis grandes canóas cheias de vive-res á Nova Coimbra no Paraguay, para sustento gra-tuito da guarnição. «Não sabia que destino dar aos mantimentos, disse-nos ella; e preferi a perdê-os pre-sentear o governo.» E entretanto a Jacobina demora duas leguas do Paraguay, o rio mais navegavel do mundo! Ainda hoje, em 1855, fazem-se os transpor-tes a costas de burros desde Cuyabá, Rio, Bahia e São Paulo, em distancia de 300 leguas, ao passo que o Pa-raguay corre solitario para o mar, passando por Assumpção, Santa Fé, Buenos-Ayres e Montevideo! Força é confessar que os filhos da raça iberica não correm parelhas com os descendentes dos anglo-sa-xões...

Magnificos pés de café e de cacão vi em Jacobina; mas ahí não estavam sinão para provar que, a não ser a politica chinesa dos governos d'esta parte da America Meridional, a bella provincia de Matto-Grosso tomaria incremento exta ordinario.

Disse-nos o vigario que na *Criminosa* havia uma abundante mina de cobre, e mostrou-nos uma barra muito pura d'esse metal, tirada no lugar.

Estão os campos cheios de salitre.

A habitação ficava agradavelmente collocada. Além

da morada de João Pereira Leite e das officinas adjacentes, á direita, trinta ou quarenta casas cobertas de telhas cercavam um vasto pateo rectangular, mais para o comprido. No meio erguia-se uma igrejinha com o seu campanario. Grandes armazens, quatro engenhos de assucar, dois tocados á agua e dois por bois, uma olaria, uma machina de soccar milho, ranchos, tudo isso dava ao estabelecimento as apparencias de uma aldêa.

Pelo meio da habitação passa um correjo piscoso; jardins e pomares a embellecem; vasto açude perto, bellas mattas e montanhas ao longe, tornam a paizagem sobremaneira pittoresca.

1827—4 de Setembro.—Quando estavamos acabando de almoçar, ouvimos um barulho de corneta e pela avenida da direita do grande pateo appareceram-nos um grupo de indios. Vermelhavam de urucú: adiantaram-se um a um, tocando o primeiro da frente um instrumento, que parecia ser um chifre de boi, e cujo som é singular. Vinham 11 homens, 3 mulheres e 2 crianças, todos nós, com excepção de um unico, trazendo alguns d'elles á cabeça, como ornamento, penas de variegadas côres.

Era um cacique da tribu visinha dos *Bororós* que acudia, com alguns dos seus, a um convite do tenente-coronel, o qual preparára-nos, por sua amavel sympathia, essa surpresa.

Quando chegaram ao meio do pateo, fômos ter com elles. Eram todos altos, bem feitos e robustos. Suas physionomias tinham uma fereza, que ainda não viramos em outros indios, nem jámais tornaremos a vêr. As compridas e espessas cabelleiras cahiam-lhes até ao quadril, cobrindo as espadas; e avolumadas

ainda mais por punhados de longas crinas de cavallo, negras e lisas, como seus grosseiros cabellos. Alguns as traziam levantadas sobre a cabeça, formando um cone do comprimento da cara, e de base tão larga como o craneo. Esse cone, amarrado por cordas em espiral, terminava n'um pendão de cabellos. Os barbaros das ilhas da Sonda não pódem imaginar nada de mais selvatico. Todos elles, homens e mulheres, tinham os cabellos da frente cortados em duas fieiras horizontaes sobre a testa, isto é, as das fontes cahiam sobre a linha das orelhas, ao passo que a da testa era no meio ultrapassada por uma madeixa fluctuante, que descia até ás sobranceilhas.

A' cabeça varios traziam enfeites de pennas de aráras, de côres vivas, artisticamente dispostas em leque; outros corôas, feitas com geito de dentes e unhas de onças e outras bestas féras.

O crescente de unhas, com suas phalanges e de dentes caninos, tinha a ponta curva voltada para dentro, tudo solidamente encaestado pelas raizes ou phalanges em fios de tucum. As maiores estão na frente e vão diminuindo regularmente para as extremidades que, como nas corôas de louros dos heróes, são atadas por dois cordeis.

Os arcos e flechas eram mais altos do que elles uns 50 centesimos. Quando muito, pôde um irmão de D. Anna, o mais forte de todos nós, manejar-os.

Apresentou-se o cacique mettido em camisa, calça e vestia de panno já usado e todo rôto, o que tornava os outros, apesar da nudez, mais interessantes para nós. Os homens usam ligar o prepucio com uma embira que lhes passa pela cintura, á maneira dos *Guatós*; outros o cobrem com um cartuxo de folhas. As mu-

lheres têm um habito singular, não sei si para se cobrirem, no qual caso longe ficam da louvavel intenção. Antes de tudo direi que, ou por esse motivo, ou por qualquer outro, apertam a cintura com uma casca de pão de 10 pollegadas de largo, e com tal força que as carnes na altura do estomago e sobre o ventre e quadril formam resalto, o que contribue para tornal-as disformes; mas, voltando ao uso singular, accrescentarei que d'essa cinta pendem na frente e atraz dois filamentos da largura de duas a tres pollegadas.

Uma velha tinha o braço esquerdo estropeado por uma bala que recebêra da gente do tenente-coronel, por occasião da guerra que este movêra á tribu, em consequencia das rapinas e assassinatos que faziam nos escravos da Jacobina.

Tinha um dos indios na virilha direita um bubão, do qual sahia pús, que lhe corria pela coxa. E' um dos presentes dos européos; pois os selvagens, que com elles não têm relações, não conhecem esse mal.

Dizia-se o cacique tenente-coronel e chamava-se João Pereira Leite, nome que tomára do nosso amphitrião, de quem era afillhado. Apesar, porém, do baptismo, não ficára menos selvagem. Assim é, que fazendo-se muitas vezes alarde de zelo e grandes servicos prestados á religião, tudo se reduz a nada.

D. Anna mandou entrar os seus agrestes hospedes na cozinha grande: fez-lhes dar de comer e distribuir aguardente, com a qual quasi se embebedaram, o que teria acontecido si dependesse d'elles. Voltaram em seguida para o pateo e, sendo convidados, executaram seus jogos e dansados.

Consistem estes em formar um grande circulo, no qual conservam-se afastados uns dos outros. A prin-

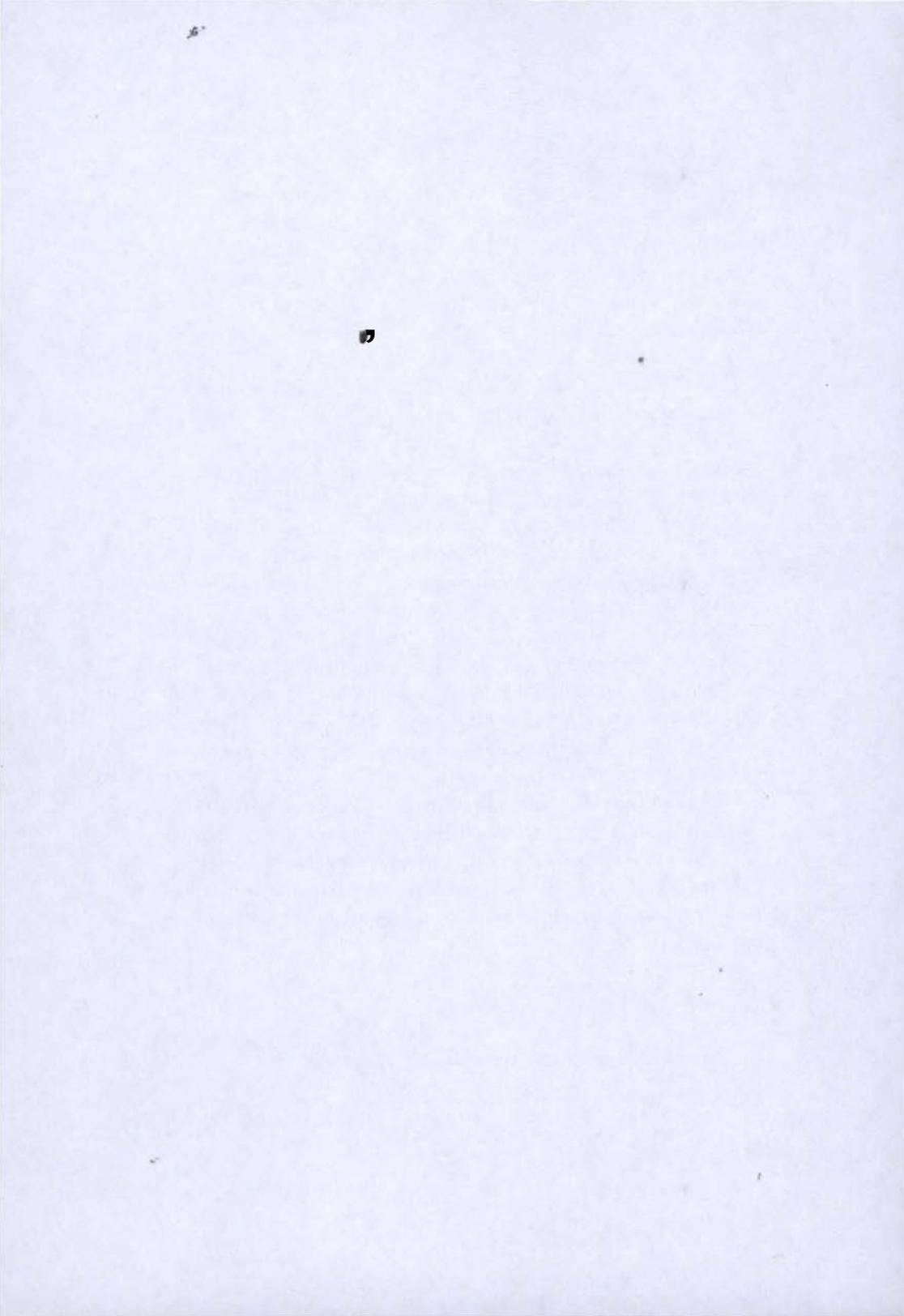
cipio não fazem mais do que levantar um pé e depois outro, seguindo uma toada lenta, que marcam batendo com as mãos, e acompanhada de um canto rouquenho, baixo e demorado como o compasso. De repente param, dão um grande berro e saltam, uns fazendo contorções, outros abrindo os braços, com o rosto voltado para o céu e o olhar desvairado, outros abaixando-se, como si fossem a acocorar-se. Em seguida recomeçam com a monotona dansa.

Em quanto os *Bororós* a executavam, dois d'elles dentro do circulo, representavam o jogo do tamanduá. Um põe-se de quatro pés com uma criança agarrada ás costas: é a femea do tamanduá-bandeira e seu filhote. Outro vê o incitar, pondo-lhe a ponta de um páo no nariz. Imitando com muita fidelidade os movimentos lethargicos do animal, o que faz de tamanduá levanta de vagar a cara e uma das mãos, com os dedos curvos, como que querendo agarrar o páo: quando se adianta, o outro recua. Sabe-se que si esse bicho é pouco temivel em razão de sua lentidão, nada é mais perigoso do que pôr-se ao alcance de suas unhas: não ha outro remedio sinão cortar-lhe a pata.

Esses indios imitam tambem suas lutas com a onça, a caçada da anta, lobo, veado, etc.

Fallam depressa; articulam entrecortadamente as palavras, e têm quasi todos voz rouca. Tudo isso está de harmonia com suas outras qualidades physicas e moraes.







CAPITULO XII

A 5 de Setembro partiram para Villa Maria (1), povoado assente á margem esquerda do Paraguay. Do mesmo modo que os outros povoados de Matto-Grosso, não merece este a qualificação de villa.

Um renque de casas em máu estado, de cada lado de uma grande praça, uma igrejainha sob a invocação

(1) Fundada em 1778 pelo general Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. Situada na margem oriental do Paraguay, na latitude de 16° 3' 33'', distante 7 leguas a norte da fóz do rio Jaurú, porém de 10 leguas de navegação, sobre a estrada geral dos portos do mar, e da villa de Cuyabá para Villa Bella: é um lugar importante da capitania, pois não só cobre o Alto Paraguay e interior da capitania, mas é como um centro commum, quasi sobre a fronteira, pelo qual se póde guardar a entrada da provincia de Chiquitos para o Paraguay e para o Jaurú, podendo facilmente acudir com os soccorros para toda a extensão d'aquelle paiz limitrophe.—*Descripção geographica da capitania de Matto-Grosso*. Anno de 1797. *Revista Trimensal*, tomo XX, 1857, 2° trim.

de S. Luiz, rei de França, muros de separação por traz das casas, eis tudo. Mas o grande rio ahí está, cercando a O. a praça e a povoação, e ao qual se desce por uma barranca em curva reintrante. Do outro lado estende-se uma praia de areia fina, orlada de lindo e verdejante mattagal, cortado pelo caminho que vai ter a Matto-Grosso (1).

Na manhan de 11 de Setembro chegaram ao rio Jaurú, e descobriram á direita da embocadura a pyramide do Paraguay, celebre no paiz e conhecida de alguns geographos.

Não é possivel enxergar com indifferença um monumento qualquer de marmore branco e de architectura regular, que de repente se nos depara no meio d'essas vastas regiões, onde sem partilha reina a natureza.

E' a pyramide quadrangular e tem 15 e meio pés de alto, incluindo o pedestal e a cruz de pedra que a corôa. No lado N. 54° O. estão gravadas as armas de Hespanha, sob as quaes se lê esta inscripção:

SVB
FERDINANDO VI
HISPANIE
REGE
CATHOLICO

A corôa está quebrada; só restam os florões.

No lado S. 54° E. estão as armas de Portugal e esta inscripção:

(1) *Esboço da V.*, pags. 248-249. «Além d'isto, quanto prazer em vêr o Paraguay, esse rio sempre calmo e magestoso até escoar-se no mar!»

SVB
IOANNE V
LVSITANORVM.
REGE
FIDELISSIMO

Falta de todo a corôa.

Lê-se no lado N. 36° E. :

EX PACTIS
FINIVM. RE
CVNDORVM
CONVENTIS
MADRITI.
IBID IANVAR
M.DCCL.

Emfim no quarto lado :

IVSTITIA
ET PAX
OSCVLATAE
SVNT.

As duas corôas das armas de Hespanha e Portugal estão mutiladas; pelo tempo ou pelos homens? «Na minha infancia, diz Hercules (1), vi os signaes da realza destruidos pelos revolucionarios de 92. Inclino-me a crêr que o mesmo sentimento impelliu os americanos a apagarem o assignalamenro da antiga servidão».

A pyramide, comprehendendo o pedestal, é de alto a baixo separada em duas ametades, ambas de uma só pedra. A junccão fórma, nos lados N. 36° E. e S. 36° O., duas linhas que marcam a direcção de um raio de mais de 100 leguas de limites. Dizem que uma

(1) *Esboço da V.*, pag. 255.

metade foi feita em Lisboa e outra em Cadix. Contaram-lhe que não tendo sido aprovado pelo gabinete de Lisboa o rumo de limitação, o tenente-coronel portuguez desterrou-se para Buenos-Ayres, e ahi acabou seus dias feito mestre-escola.

Como as duas peças da pyramide não juntaram bem e, para facilidade de transporte da Hespanha para Buenos-Ayres, e pelo Prata d'aquella cidade até ao lugar marcado, não foram feitas massiças, ha sempre no intersticio colmêas de abelhas. Na fenda introduziram um facão e de prompto correu delicioso mel, que encheu uma cabaça e, misturado com farinha, deu-lhes optimo regalo.

Vista a celebre pyramide, regressaram a Jacobina, onde Hercules ficou para assistir á festa que dava o tenente-coronel, por occasião do baptisado de um filho recém-nascido. Dois dias antes chegára o padrinho. Era o governador das armas da provincia, que regressava de um gyro á fronteira da Bolivia, passando por Villa Bella, Casalvasco e forte do Principe da Beira, tendo ido vêr a pyramide, d'onde voltára para Villa Maria e á Jacobina. Viajava acompanhado de um major de engenheiros, alguns officiaes e um piquete de cavallaria.

A proposito do forte do Principe da Beira e de Villa Bella.

Quando se desce o Guaporé, todos os dias vêm-se as mesmas margens, a mesma mattaria, mas de repente fica-se pasmo ao deparar com uma fortificação construida segundo as regras da arte moderna e que até na Europa causaria impressão. O que chama o viajante á realidade, é que não apparecem sinão

uns vinte pedestres, semi-nús e que vivem só do anzol (1).

Villa Bella, de fundação moderna, foi começada debaixo de vasto plano. Praças espaçosas, ruas largas e marcadas a cordel, o palacio, as igrejas, a intendencia, a fundição, a casa da camara, a cadêa, tudo foi delineado ao mesmo tempo, mas nada passou dos alicerces ou de alguns metros acima do chão. A maior parte das casas começadas teve a mesma sorte. Julga-se que si o Marquez de Pombal houvesse continuado no poder, os grandes trabalhos com que tencionava dotar o Brasil tinham chegado á conclusão

Não conta hoje Villa Bella sinão uma familia de côr branca, composta de cinco pessoas, D. Mathilde e suas filhas, o capitão-mór e poucos mais. Alguns centos de *Caburés* constituem o resto da população (2).

(1) Id. pag. 256. *Revista Trimensal e Descrição geographica* citadas, pag. 276. Forte do Principe da Beira, fundado desde os seus primeiros alicerces no anno de 1776 pelo Exm. Sr. Luiz de Albuquerque, afim de substituir ao da Conceição, inteiramente arruinado, e impossivel de subsistir, etc.

Este forte é um quadrado regular, fortificado segundo o systema de M. de Vauban; é todo revestido de cantaria, com terraplenos largos e solidos, distante de Villa Bella 18 leguas de navegação.

(2) Escreve Milliet de Saint-Adolphe (*Diccion. cit.*, tomo II, pag. 72): «Fernando Paes de Barros e seu irmão Arthur, naturaes de Sorocaba, depois de haverem dado principio aos arraiaes de Santa Anna e de São Francisco Xavier, se estabeleceram nas margens do Guaporé em 1734, e puzeram o nome de Pouso-Alegre á povoação que n'aquelle lugar fundaram.

Levaram as febres perniciosas a maior parte dos aventureiros que ali se vieram estabelecer para tratar da mineração do ouro, mas a sede d'esse metal fez que outros lhes viessem

No dia do baptisado tudo foram festas. Os musicos da fazenda, que eram negros captivos, tocaram desde a aurora arias debaixo das janellas da casa e passeiaram em bando ao redor do pateo grande. O ar estrugia com os foguetes que a cada momento se soltavam.

tomar o lugar. D. Antonio Holim de Moura, havendo sido nomeado primeiro governador da provincia, estabeleceu a sede do governo na povoação de Pouso-Alegre, elevando-a á categoria de villa, acontecimento que foi solemnizado em 19 de Março de 1752, em honra d'El-Rey D. José I. Tomou então a nova villa o nome de Villa-Bella, em razão da belleza do sitio em que se achava fundada.»

O V. de Taunay, em sua *Cidade de Matto-Grosso*, a pags. 55-58, escreve: «Cumpro reconhecer que o seu creador com todo o afan e sinceridade se empenhou em lhe dar o possivel incremento e prestigio, cuidando, em quasi quatorze annos de assiduo governo, de tudo quanto lhe fosse util e até glorioso, já observando de perto os hespanhóes, tomando-lhes o passo e repellindo as suas pretensões, já abrindo estradas e tratando dos melhores meios de communicação com o littoral atlantico, já fundando povoados e centros de actividade agricola e pastoril, já buscando aggremiar grande massa de indios em aldéas e juncto a destacamentos militares—tudo isto, bem se sabe, de mistura com muita prepotencia e illimitado arbitrio, disposição moral que se fez mais sensivel, quando vice-Rey do Estado do Brazil, como todo poderoso conde de Azambuja.

Tres annos depois de constituida, não tinha, entretanto, Villa Bella sinão quinhentos e poucos habitantes; mas, si lhe escasseava ainda população, sobravam-lhe esperanças do mais risonho porvir com a attenção que merecia do governo portuguez e do omnipotente marquez de Pombal. Apesar de tudo, difficil e penoso foi o seu crescimento, pois em 1815 só contava 2,115 almas, sendo o total maximo, na época de maior florescimento, de 2,354. No anno de 1819, recebeu então golpe mortal, de que nunca mais se levantou, quando o nono e ultimo governador, Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho propoz, e, em 1820, conseguiu a trasladação da capital

Donos, hospedes, aggregados e escravos, todos assistiram á missa celebrada pelo vigario, irmão de D. Anna. A igrjinha mal podia conter as 200 pessoas presentes. Fez-se o baptismo logo depois da missa e durante a

para Cuyabá, muito embora a tivessem, com aquella rival, elevado á categoria de cidade desde 17 de Setembro de 1818.

D'ahi por diante só pôde enxergar alegria e brilho no seu passado, sem mais renovação possível, quando via aportar ao céas do Guaporé, de que tanto se ufanava, as *monções* vindas do Pará, ou enviava a Lisboa arrobas e arrobas de ouro, ou então acolhia em seu seio, no meio de interminaveis festejos e pomposas galas, os capitães generaes João Pedro da Camara, que substituiu a Rolim de Moura, Luiz Pinto de Souza Coutinho, depois visconde de Balsemão, ministro de Portugal em Inglaterra, secretario do Estado e tenente general, e o celebre e bemquisto Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, cuja benefica administração de 13 de Dezembro de 1772 a 20 de Novembro de 1789, é ainda hoje lembrada, e que entregou o mando a seu irmão João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, o constructor da tão fallada obra sobre o rio. (1)

Era dos funeraes d'esse João, fallecido a 28 de Fevereiro de 1796, de febre pernicioso complicada com *macúlo*, após cinco annos e alguns mezes de governo, que me fallava, nos Morros, o velho Cardoso Guaporé. (2)

(1) Tinha aquella céas, diz o Dr. João Severiano, 300 metros de comprido e 3 de alto, flanqueado de baterias ligadas por uma cortina. Servia, ao mesmo tempo, de defesa á cidade, digue ás enchentes do rio e embarcadouro e constituia o mais aprasivel passeio da capital.

(2) *Maculo* ou *corrupção* é, segundo Weddel, uma febre ataxo—adynamica, cujo periodo de incubação dura de 8 a 15 dias, fazendo depois terrivel explosão com intoleraveis dôres occipitales, febre continua e lethargia, durante o qual o sphincter anal por tal fórma se relaxa, que a mão inteira pôde entrar no intestino do enfermo. O tratamento é todo applicado ao recto e consiste em introduzir substancias antisepticas e violentas, polvora, limão, herva de bicho e aguardente. (Castelnau, tomo III, pags. 68 e 69. Ferreira Moutinho, *Noticia sobre a Provincia de Matto-Grosso*, pag. 168.)

cerimonia, a musica, os rojões e foguetes atroavam com extraordinario estrepito. Esplendido almoço foi-lhes

Findo um interregno de mezes, chegou Caetano Pinto de Miranda Montenegro, e tomou as rédeas do governo em Villa Bella a 6 de Novembro de 1796 e n'elle esteve até 15 de Agosto de 1803, depois capitão general de Pernambuco e marquez de Villa Real da Praia Grande, homem diligente e de bastante esphera, embora altivo e violento, possuindo letras e instrucção pouco vulgares n'aquella época (1).

Por vezes, fez Caetano Pinto justiça ao genio docil e polido e á indole hospitaleira dos habitantes de Matto-Grosso, «gente que falla portuguez mais castiço que em todos os outros logares da capitania» sendo, no periodo de sua governação, Villa-Bella um centro de festas e divertimentos, cujos échos ençham os mais fundos sertões, repercutidos até nos longinquos sitios do Coxim e Varadouro de Camapuan.

A Caetano Pinto succedeu, decorrido quasi um anno de intervallo, Manuel Carlos de Abreo e Menezes, que morreu de febres a 8 de Novembro de 1805 e foi substituido por uma junta administrativa até á chegada, a 18 de Novembro de 1807, do Dr. João Carlos Augusto de Oeynhausén Gravenberg (2), de

(1) Esse fidalgo escreveu memorias ainda hoje ineditas, e por sem duvida dignas de serem dadas a lume. Existem em poder do marechal reformado João de Souza da Fonseca Costa, visconde da Penha, casado com uma neta ou bisneta de Caetano Pinto. Fallando-me d'ellas, elogiou aquelle marechal com muitos encomios o methodo chronologico e a belleza da letra.

Na preciosissima e nunca assás consultada *Revista Trimensal do Instituto Historico*, ha curiosissimo documento do valor litterario de Caetano Pinto. E' a *Resposta* ao parecer do illustre Ricardo Franco de Almeida Serra sobre indios vaicurus e guanás (tomo VII pags. 213 e seguintes.)

Contou-me pessoa bem informada que, ha pouco tempo, os manuscritos de Caetano Pinto de Miranda Montenegro foram a leilão. Parece incrível!

(2) Cf. *A Bernarda de Francisco Ignacio*, pelo Dr. A. de Toledo Piza, no Archivo do Estado de S. Paulo, vol. I, annexo Y, pag. 85, nota 1. Milliet de Saint-Adolphe tambem escreve *Oeynhausén*; e é o certo.

servido no alpendre da casa; e depois do meio-dia regalou-os o tenente-coronel com um banquete, no qual correu em abundancia o generoso vinho do Porto, cousa tanto mais agradavel quanto ainda não tinham bebido vinho de qualidade alguma n'essa casa.

Embora restabelecida, a esposa do tenente-coronel não assistiu ao festim, nem D. Anna, nem os meninos.

A' tarde houve a idéa de dansar-se o *batuquê*. Como signal de respeito a essa familia que o recebeu e obsequiou com tamanha humanidade, Hercules declara abster-se de fazer a descripção d'essa dansa. «E' de sentir que um povo, dotado de qualidades recommendaveis, algumas vezes apresente taes torpezas aos olhos do viajante» (1).

De Poconé, ou arraial de S. Pedro d'El-Rey, diz Hercules: Vêr um povoado do Brasil, é vêr-os quasi todos. Uma praça oblonga com a igreja e a cadêa nos lados estreitos; uma ou duas ruas de cada lado, tiradas a cordel; casas baixinhas: eis o que compõe um arraial. Poconé não tem sinão duas ruas; a igreja é nova e pequena; a cadêa está em ruinas. Não se vê viva alma: muitas casas estão abandonadas; perto não passa um riacho siquer, e os habitantes têm que abrir poços na terra. Um cerrado espesso serve de cintura á localidade, que não tem horizonte algum (2).

pois Marquez de Aracaty, o qual deixou excellente nome, o que não aconteceu com o fatal Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, cuja lembrança ainda hoje é ominosa a todo o Matto-Grosso e principalmente á cidadã d'esse nome.»

(1) *Esboço da V.*, pag. 259.

(2) O batuque vêm descripto minuciosamente com suas *umbigadas* no *Manuscripto* de Hercules, a pags. 352-353; mas não consta da relação traduzida pelo V. de Taunay.

Foi outr'ora lugar rico e habitado, quando n'elle abundava o ouro. Mais tarde os seus moradores emigraram para Diamantino, attrahidos pelas lavras de diamantes ha pouco descobertas. Sempre, e em toda parte, a *auri sacra fames*.

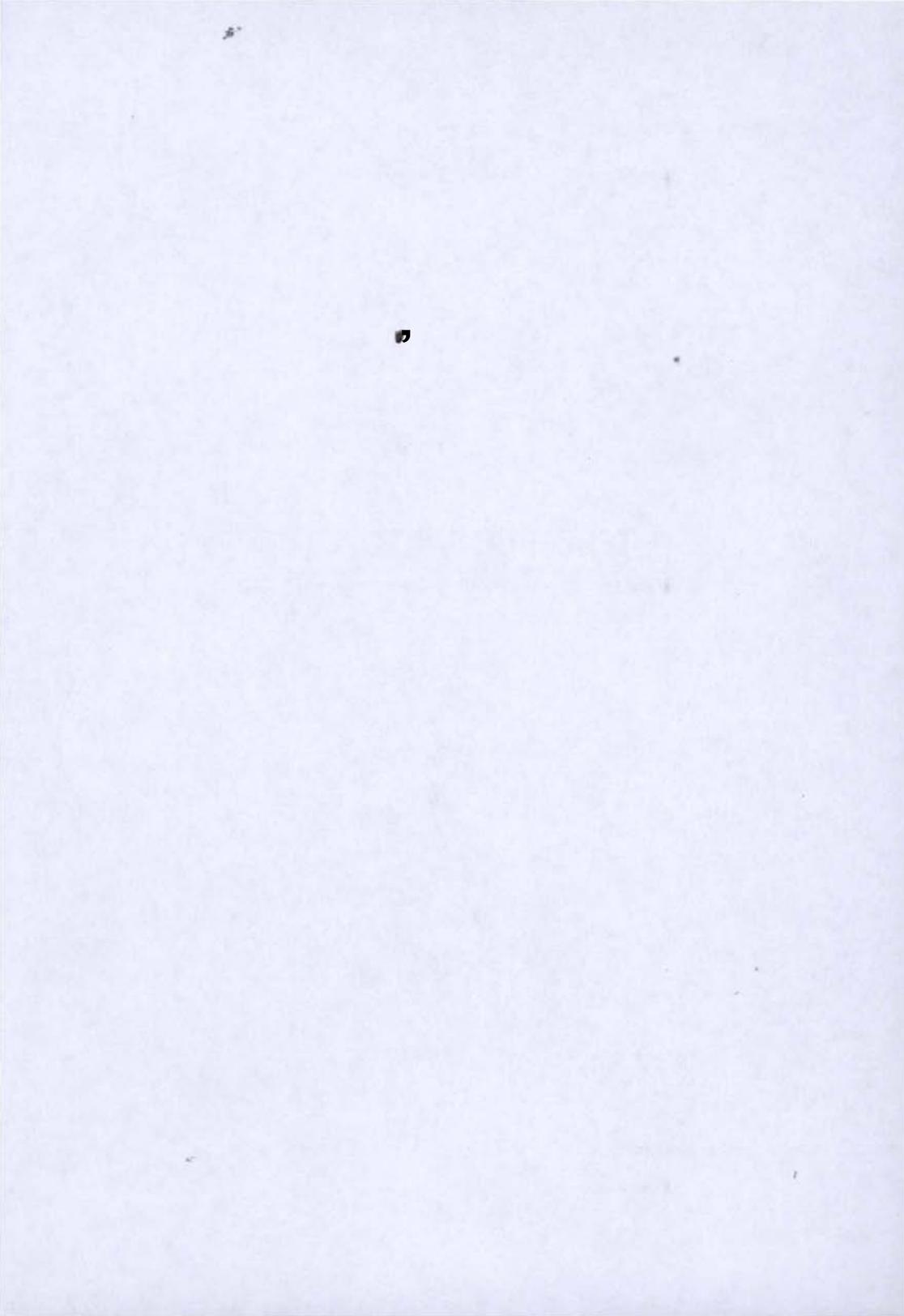
Finalmente, partindo no dia 2 de Outubro, chegaram á cidade de Cuiabá (1), onde os esperava o chefe da expedição.

(1) Os antigos escrevem *Cuiabá*. Preferimos *Cuyabá*, com o Dr. João Severiano da Fonseca, *Esboço chorographico da Provincia de Matto-Grosso*, pela mesma razão por elle dada á nota a, VII, pags. 36, por não poder conformar-se com a derivação de *cuia-vae* que dão-lhe alguns, ou mesmo *cuia-abá* (*abá, gente*), apesar de ser esta a opinião do advogado José Barbosa de Sá, contemporaneo quasi da fundação da cidade, o qual na sua *Relação dos povoados de Cuiabá e Matto-Grosso*, manuscripto de 1775, diz: «D'estes o primeiro que subiu o rio *Cuiabá*, assim chamado por encontrarem uma cuia grande sobre as aguas, que ia rodando, por onde inferiram que por aquelle rio havia gente (*sic*); outros dizem que o nome de Cuiabá procedeu de haverem cabaceiros plantados pelas margens d'aquelle rio; e outros que era o nome de gentios chamados cuiabases, que n'estes districtos habitavam.»

A opinião dos cabaceiros é seguida por monsenhor Pizarro. A de *cuya* e *abá, gente* cahida, é dada pelo padre José Manuel de Siqueira, coevo de Sá e filho do capitão Antonio do Prado Siqueira, amigo e companheiro do *Anhanguêra* e do coronel Antonio Pires de Campos, contemporaneos estes do descobrimento da provincia.

Entretanto, Antonio Pires de Campos, na *Breve Noticia que dá do gentio barbaro que ha na derrota das minas de Cuyabá e seu reconcavo*, publicado no tomo XXV da *Rev. Trim. do Inst. Hist.*, pags. 446, elucida a coisa de modo a não haver duvida, dizendo: «Subindo mais para cima, vêm um rio dar n'este do Cuyabá, que lhe chamam *Cuyabá-merim*, que nasce de uma bahia, na qual habitava um lote de gentio chamado *Cuyabás*. Estes usavam de canoas e nos trajas e costumes eram como os acima nomeados, e tinham pazes com todos, por serem mansos e pacificos.» Creio sufficiente essa asserção do contemporaneo do descobrimento para acertar-se com a origem do nome. Cf. DR. JOÃO SEVERIANO, obra cit., á pag. 37.

TERCEIRA PARTE





CAPITULO I

A 5 de Dezembro de 1827 o Consul Largsdorff despediu-se da cidade de Cuyabá e do digno presidente da provincia, que fôra escolhido senador do Imperio uma semana antes, (1) cuja hospitalidade fôra a

(1) José Saturnino da Costa Pereira tomou posse de sua cadeira no Senado no dia 18 de Agosto de 1828. Essa cadeira foi occupada posteriormente pelo Visconde do Rio Branco. José Saturnino preencherà a vaga deixada pelo Marquez da Praia Grande.

Acerca de nossa nota—á pag. devemos acrescentar o seguinte:—Teixeira de Mello, em suas erudictas *Ephemerides Nationaes*, á pag. 253 do tomo 2º, impresso em 1881, diz saber que foi com effeito impresso o *Collegio Incendiado* ou *Recreação Moral e Scientifica*, si lhe não falha a memoria, na typographia de Emilio Ogier; pelo menos pôde affirmar que teve em mãos e lêu na sua infancia o 1º volume d'essa obra, que tinha mesmo uma estampa. «Não nos lembramos si trazia nome de auctor, mas quer parecer-nos que não. Com que interesse o lêmos n'aquelle tempo!

mais fidalga possível; e no empenho de suavisar á commissão as agruras de sua estada em um centro tão longe da civilização, concorreram os habitantes da

Com que prazer o leríamos agora!»

No mesmo volume, nas *addenda e rectificações*, a pags. 326-327, rectificando e completando as *Ephemerides* de pág. 18, tomo 1º, e 326, tomo 2º, escreve :

« Só muito tarde nos foi communicado o numero da *Nova Aurora*, semanario que se publica em Quissaman, provincia do Rio de Janeiro, de 21 de Janeiro de 1881, em que, na secção noticiosa, sob o titulo—*Descoberta de uma obra importante*,—um illustrado cultor das nossas letras nos comunica, escondendo modestamente o seu nome, particularidades ácerca da obra que na presente data attribuímos ao senador José Saturnino da Costa Pereira; da sua communicação se verifica que chegou ella a publicar-se até ao 7º volume. Transcreveremos o que mais de perto se prende ao nosso assumpto :

« Encontrámos 7 volumes da *Recreação Moral e Scientifica*. Os seis primeiros volumes são os que tambem se intitulam *O Collegio Incendiado*.

Eis o que se encontra na primeira pagina do 1º tomo :

RECREAÇÃO
MORAL E SCIENTIFICA
OU
BIBLIOTHECA DA JUVENTUDE
DEDICADA
A. S. M. O SENHOR D. PEDRO II
IMPERADOR DO BRAZIL
COMPILADA DOS MELHORES AUTHORES
E
ESCRITA POR UMA SOCIEDADE DE LITTERATOS
TOMO I
RIO DE JANEIRO
TYP. E LIVRARIA DE R. OGIER
EDITOR E PROPRIETARIO
RUA DO OUVIDOR, N. 188
1834

capital, sem distincção de classes, com a sua proverbial e, si bem que rude, sempre apreciada gentileza. Entretanto, Cuyabá, relativamente aos padecimentos que haviam experimentado os membros da commissão, dava antes a idéa de um paraíso terreal.

A expedição chegára á capital de Matto-Grosso no dia 30 de Janeiro do mesmo anno, havia dez mezes e cinco dias: periodo longo, e cuja explicação dif-

O 2º tomo foi impresso ainda n'esse anno de 1834, e o 3º em 1835, o 4º, 5º e 6º em 1836, em 8º.

« Tem diversas estampas, sendo a primeira um retrato do Imperador.

« O 7º tomo appareceu em 1839, da officina de R. Ogier & C., editores proprietarios, rua do Rosario n. 84 e do Hospicio n. 51, com o titulo modificado para o de *Recreação Moral e Scientifica ou Revista das obras mais modernas sobre a historia, romances e as sciencias em geral.*

Este contém tres contos: 1º A Indiana em Londres ou o perigo na amisade, conto moral; 2º Torrente vingadora; 3º A noiva Rajepotna (historia indiana). Nos seis primeiros volumes, sob uma fórma e estylo muito agradaveis, são explicados principios geraes da sciencia.»

E' natural que, durante a longa permanencia de Hercules Florence em Matto-Grosso, na capital, haja o presidente José Saturnino haurido nas palestras scientificas com o nosso Biographado, não pequeno cabedal para o seu, já então ideado, *Collegio Incendiado.*

Eis ahi uma obra que deveria ser reimpressa, á custa dos cofres publicos. Do que se gasta na impressão de Relatorios fastidiosos e que ninguem lê, cujos massos apodrecem nas Secretarias; do que se despende com a publicação de obras pseudo-didacticas, cujo producto céva professores sem lettras nem grammatica nem discipulos, poderiam os nossos *Institutos historicos e associações litterarias* reclamar, exigir do Fisco alguns contos de réis, para com elles se reimprimirem obras como o *Collegio Incendiado* e outras iguaes.

facilmente encontraremos; e não foi sem custo que o Consul decidiu-se a deixar aquelle ponto (1), seguindo com destino á villa de Nossa Senhora da Conceição do Alto Paraguay Diamantino, com Rubzoff e Hercules Florence; ao passo que Adriano Taunay e Riedel, como dissemos, dirigiam-se para Villa Bella de Matto Grosso, a antiga e decahida capital. Tinham partido oito dias antes.

«Haviamo-nos separado afim de explorarmos mais paiz», diz Hercules. (2) Era, porém, certo, que Taunay, natureza impressionavel e indomita, «mancebo audacioso e inquieto» (3) não fazia liga com o Consul, e desde Outubro fazia viagem em separado, sempre na dianteira (4). Esta precipitação generosa e juvenil devia ser causa de medonha catastrophe...

Acompanhemos a Hercules.—No dia 9, transpuzeram o rio Cuyabá, no local denominado *Passagem*: alguns casebres; *carandús brabos*, palmeirazinhas de stipite espinhoso e de folhas flabelladas como o *burity*. (5) Subiram o *Tombador*, cerro abrupto, galgando-o por trilha estreita lançada no dorso resvaloso de um precipicio, onde cahe e rola com estrondo uma torrente que desaparece por sob altanado arvoredado, visto a vôo de passaro. (6)

(1) V. de Taunay *Introducc. ao Esboço*, pag. 348, cf. nota 1 á pag. 207.

(2) *Esboço da V.*, pag. 260.

(3) V. de Taunay *A Cidade de Matto-Grosso*, pag. 38.

(4) O mesmo, *Introducc.* citada. pag. 346. Vide capitulo VI, 2ª parte, á pags. 127 e 128, nota 1.

(5) *Esboço da V.*, pag. 260.

(6) Idem, pag. 261. O *Manuscripto* nos deixa entrevêr, a pags. 356-357, um como principio de idyllio.

D'ahi seguiram até ao *Campo dos Veados*, sitio onde a pureza e frescor dos ares, e vista de campos e amenas pradarias recream os fadigados espiritos. O Paraguay nasce a um quarto de legua d'ali. Atravessaram mattos de *guaguaçús*, os ribeirões das *Pedras de Amolar* e *Paraguayzinho*, as cabeceiras do mages-toso caudal, o Paraguay, nas *Sete Lagôas*.

« Das Sete Lagôas conta o povo fabulas aterradora-s. Essas poçazinhas, pelo que dizem, são de profundidade insondavel; enormes jacarés e monstros aqua-ticos occultam-se debaixo de grandes rochas submer-gidas prestes a devorar os que por desgraça lá cahirem » (1).

Diamantino, onde chegaram ás 4 horas da tarde do dia 12, assenta nas duas encostas de um valle que corre na direcção de O. para E. No meic passa uma corrente chamada o Ribeirão do Ouro; a villa nada apresenta de notavel á vista: ruas de forte declive, semeadas de pedras e buracos que fazem os transeun-tes dar pulos e na escuridão só consentem o transito a quem não seja vaqueano no lugar (2). Dista umas 80 leguas de Cuyabá (3). Os excursionistas com a in-

(1) Idem, pag. 262, Manuscrito, pag. 356.

(2) Idem, pags. 262-263.

(3) Milliet de Saint-Adolphe, em seu *Diccionario* cit., escreve erradamente *Diamantina*.

Diz elle á pag. 332 do tomo I :

« O rio Diamantino foi descoberto em 1728 por Gabriel Antunes Maciel, e seus companheiros, os quaes deram então principio á povoação conhecida com o nome d'*Alto Paraguai*. Augmentou-se successivamente esta povoação até o anno de 1746, em que, tendo-se achado no rio alguns diamantes posto que pequenos, assentou o governo de prohibir até a propria extracção d'ouro n'aquelle districto, que tomou d'ali em diante o nome de Diamantino.»

tenção de demorar-se tres mezes n'essa villa, tomaram casa no quarteirão da collina S., entre o Ribeirão do Ouro e o Diamantino; e logo se relacionaram com todos os visinhos que formavam quasi uma unica familia, a dos Paes Leme.

« Pelo menos já indicam alguma cousa esses nomes de ribeirão do *Ouro* e corrego *Diamantino*.» (1)

Eis a descripção que Hercules nos dá em seu Manuscripto da villa de Nossa Senhora da Conceição do Alto-Paraguay Diamantino e de seu districto.

Na garganta e a 100 pés acima da planicie, sahe o Paraguay do meio de um mattagal e desce por uma escadaria de 40 pés, occultando-se por sob densas arvores, antes de chegar em baixo. São cascatinhas tão regulares que parecem obra da arte, como a cascata artificial de Wilhem's Hóhe, em Cassel, com a qual tem semelhança, menos quanto ao arvoredado, que aqui é muito mais luxuriante.

O horizonte é limitado em Diamantino; os arredores incultos e o clima por demais insalubre. Reinam muitissimas febres intermittentes, cuja perniciosa influencia é attestada na falta de côres dos habitantes.

Durante essa estada de tres mezes, d'essas febres morreram tres rapazes, uma mocinha, cuja enfermidade não durou mais de tres dias, duas ou tres pessoas de idade e cinco ou seis crianças. Por toda a

(1) *Esboço da V.*, pag. 263.

parte só se viam doentes; entretanto a população não passava de 3.000 almas (1).

Tão sómente poderam as pedras preciosas levar os aventureiros a fundar a villa de Diamantino: não que o sólo deixe de ser productivo, mas não é no centro da America, sem estradas, sem meios de transporte, nem escoadouros, que se vão arrotear terras. Além d'isto, os mineiros só sabem revolver o terreno, o que faz com que não se enxerguem plantações, além do que exige o consumo da localidade e que se empreguem meios destruidores a bem das unicas exigencias do progresso.

As lavras do cascalho amontoado á beira de um correjo ou ribeirão consistem n'uma casinha de sapé ou telha para o senhor, em miseraveis ranchos para os escravos, em 30 ou 40 negros a trabalharem á cata de diamantes, e nos pontos mais ricos, em plantações de milho e de feijão. Cada mineiro tem sua lavra.

No meio, comtudo, d'esses aridos locaes, e sobretudo nos termos em que não ha diamantes, alguns sitios, onde só se occupam em plantações, produzem mantimentos, gado, assucar, aguardente e outros generos do paiz.

Ainda se encontram diamantes, mas raro é achal-os de valor um tanto importante. Quando lá estava, uma negra apanhou um do valor de 300\$000. Pouco mais ou menos no mesmo tempo descobriu se uma

(1) Milliet de Saint-Adolphe, *loco cit.*, avalia a sua população em 4.500 habitantes entre mineiros, agricultores e criadores de gado. «As montanhas distantes da villa são povoadas d'Indios das tribus Guaicurus e Payaguás, meio civilizados, os quaes não entram na conta da população da villa.»

mina bastante rica, cuja divisão era feita entre os pretendentes pelo modo que indicámos, ao fallar das minas de ouro.

Principalmente nos arredores da villa é que reinam as febres; o que faz com que os mineiros, para não cahirem doentes, vão muito raras vezes ás suas lavras. Ora, como em parte nenhuma póde-se furta-tão facilmente como em minas, ainda debaixo dos olhos do proprio dono, podem os pretos sonegar diamantes, d'onde resulta que os mineiros vêm-se forçados ou a empregar um feitor que os engana ou fixar aos escravos um tanto por dia, que obrigatoriamente elles têm de dar. Quasi sempre segue-se o segundo alvitre, isto é, impôr ao negro a obrigação de dar por semana um diamante de 4\$800, devendo elle sustentar-se e vestir-se com o excedente que achar. Si deparar com uma pedra de grande valor, tanto melhor para elle; cousa rara comtudo hoje, acontecendo muito pelo contrario não conseguir no trabalho, nem sequer com o que pagar o tributo ao senhor. N'este caso tem que dar na seguinte semana o dobro; mas, dizia um mineiro. «Como devo exigir de meus escravos que me dêem o que não acham? Muito ao envez, não só é frequente não receber cousa alguma do serviço de minha escravatura, como ainda vejo-me na necessidade de a sustentar, pois não posso deixal-a morrer á fome.»

Outr'ora eram as minas mais copiosas em gemmas de todo valor, o que facilitava não só aos escravos pagarem o quantitativo semanal aos senhores, como tambem a alguns permittiu reivindicarem sua liberdade e até atirarem-se a grandes despezas, algumas tresloucadas.

Conheceu Hercules um velho preto de nação Cabinda que, depois de conseguir a dinheiro sua libertação, a de sua mulher e filhos, comprara por seu turno lavras e escravos. Esse estimavel negro tinha já por vezes dado a liberdade a uns vinte captivos seus e possuia ainda trinta, todos sãos, fortes e contentes.

No dia de S. Benedicto, santo de côr preta e padroeiro de sua raça, deu elle uma festa, para a qual convidou os principaes habitantes, sem se esquecer dos viajantes. Depois de assistirem á solemnidade religiosa na igreja, foram levados com os mais a uma mesa de doces muito bem servida. Em seguida executaram os escravos um dansado da terra d'elles, percorrendo no resto do dia a villa e dansando nas ruas e casas.

Uma vez os negros fizeram uma festa, na qual desenvolveram luxo tão ostentoso quanto estúpido. Segundo o uso, elegeram um juiz e uma juiza pretos, que deviam presidir aos festejos e attender para as despesas. Estenderam pela terra uma peça de seda de França, a começar da porta da igreja, para que a juiza, ao sahir da missa cantada, não pisasse no chão.

Em geral não sabem tirar proveito das riquezas que lhes cabem entre mãos. Ha no Diamantino e em todas as lavras, uma classe de homens chamados *garimpeiros* (1), que são os que fazem bom negocio, e nunca os mineiros ou seus escravos. Aquelles chegam ao lugar pobres, mas aguilhoados pela ganancia, sentimento afortunado que nem todos nutrem, estabele-

(1) Sobre *garimpos e garimpeiros* consulte-se a nossa *Monographia da Cidade, Municipio e Comarca da Franca do Imperador*, capitulo sobre *Origens da Franca*, publicado em parte ao *Almanach Littorario* de J. M. Lisboa, anno 1884, de pag. 59 a 67.

cem uma *venda* e mettem-se a vender cachaça, panelas, rôlos de fumo e bananas. No fim de um ou dois annos, transformam-se em negociantes, fazem o commercio dos diamantes e não tardam a ficar ricos. Provém essa rapida fortuna da compra de pedras pela quarta parte do valor real, que conseguem dos escravos, os quaes, ou por desconhecerem o exacto preço, ou porque os furtaram aos seus senhores, tratam logo de vendê-los. Os garimpeiros não gozam de estima; são, comtudo, considerados quando têm muito dinheiro (1).

Ociosamente vivem os habitantes do Diamantino d'aquillo que lhes trazem seus pretos ou do que acham quando assistem aos trabalhos, e não pensam sinão em satisfazer a paixão dominante, que é o jogo. Todos os dias se reúnem, ou n'uma ou n'outra casa, e ali jogam desde manhan até meia-noite, uma hora da madrugada ou até ao dia seguinte. Para cada individuo eleva-se diariamente o ganho ou perda a 50, 100

(1) Este *phenomeno* social não se dá unicamente em relação aos garimpeiros *parvenus* por meio do dinheiro. A nossa sociedade judeo-maçônica, sendo a negação dos principios do Decalogo, é o reflexo da bestialidade humana no seu mais abjecto gráo de degradação. Cf. *O Dr. Ricardo Gumbleton Daunt*, caps. VIII e IX e EDOUARD DRUMONT, *passim* e *maximé La Fin d'un Monde*, livros 3º e 8º § 3º, 5º e 6º.

Muito antes de Hercules dizia o velho Horacio:

... *querenda pecunia primum est;*
Virtus post nummos . . .

Vide tambem a nossa obra *O Dr. João Mendes de Almeida*, primeira parte, capitulos V a X.

Hélas! en ce temps léthargique
Sans gaieté comme sans remord,
Le seul rire encore logique
Est celui des têtes de mort. (Verlaine)

ou 400 francos. Quando elles se picam, colhem ou desbaratam, n'um dia, de 3 a 6.000 francos, o que jámais altera-lhes a boa intelligencia, pois, quando jogam, dão de barato taes sommas.

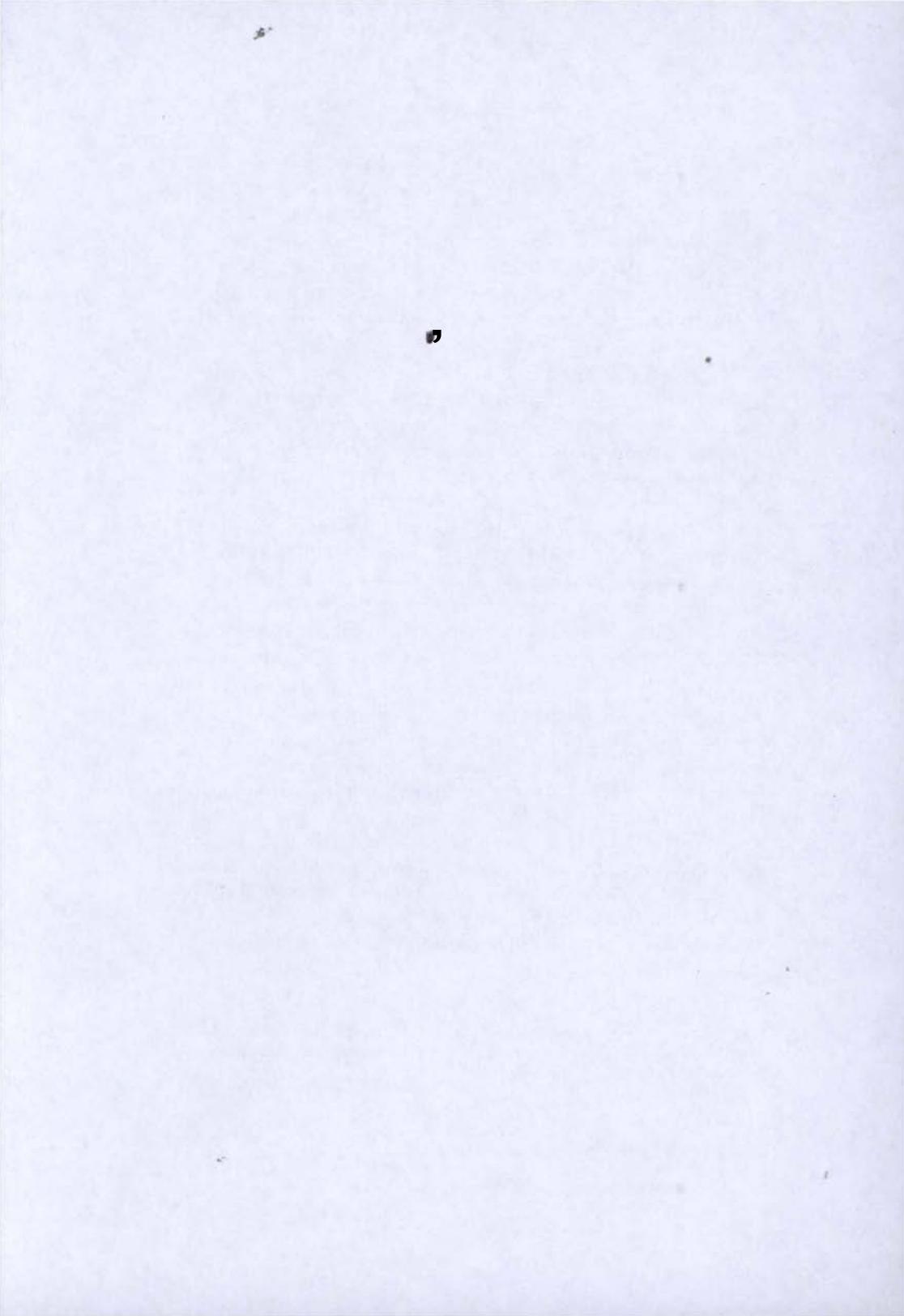
Nas mãos dos garimpeiros viu Hercules grandes partidas de diamantes, os maiores dos quaes não excediam, porém, o tamanho de uma ervilha. De 42\$000 ou 262, ^{rs}5, é o valor de uma d'essas pedras.

Catar diamantes é a industria do lugar; o que de facto teria grande importancia, si as minas fossem inexgotaveis; parece, entretanto, que o districto começava a depauperar-se. O commercio, que será pouco animado enquanto não se utilizar a bella navegação do Paraguay, faz-se com o Rio de Janeiro e Bahia, para onde levam diamantes para importarem mercadorias e escravos. Ha tambem algm com o Pará, pelos rios que, cheios de difficuldades e cachoeiras, vão desaguar no Amazonas. Carregam diamantes, alguns tecidos grosseiros de algodão, piastras e cobre em moeda, e trazem vinho, sal, louça, ferro e guaraná.

O dinheiro em cobre, que ali tinha curso, estava cunhado no dobro do valor real, roubo feito pelo governo de D. João VI; e como a moeda assim falsificada corria no Pará, os americanos do Norte sabiam d'isso se aproveitar para introduzir uma mercadoria que lhes dava cento por cento de agio...

Poucos dias antes de chegar a commissão ao Diamantino, haviam alguns negociantes partido do Rio Preto, porto de embarque, sito a cinco leguas N. N. O. da villa, para quem se dirige á Santarem. Montavam 20 a 30 canôas, levando 150 a 200 pessoas, entre pilotos e remadores (1).

(1) Hercules Florence, *Manuscripto*, de pags. 358 a 362; e *Esboço da Viagem na Revista Trimensal*, tomo XXXVIII, parte segunda, de pags. 263 a 267.





CAPITULO II

Estavam o Consul Langsdorff e seus dois companheiros no Diamantino, quando, inesperadamente, lhes chegou a noticia da morte tragica de Adriano Taunay! A 14 de Fevereiro de 1828 foi que Hercules teve conhecimento do pavoroso successo, por uma carta de Riedel: « dia nefasto, dia marcado pela mais cruel noticia » (1).

(1) *Esboço da V.*, pag. 267. Hercules faz justiça aos meritos excepcionaes de seu mallogrado companheiro de expedição. O Visconde de Taunay, em sua *Cidade de Matto-Grosso*, consagra paginas commovidas ao desastre que arrabatou, na flôr da idade, o seu illustre tio nas agnas revoltas do impiedoso rio Guaporé. Vide a obra citada, de pags. 24 a 38.

No mesmo livro, lêmos curiosos apontamentos sobre a familia Taunay e principalmente sobre Adriano, que completam os dados publicados pelo Visconde em sua *Introdução ao Esboço da Viagem* de Hercules Florence na *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo XXXVIII, parte primeira, a pags. 341-344.

Taunay e Riedel tinham-se separado novamente do Consul, como deixámos dito, em demanda de Villa

Trasladaremos alguns trechos proprios do nosso fim: render homenagem á saudosa memoria de Adriano Taunay é outra homenagem prestada á memoria, não menos illustre e venerada, de Hercules Florence.

— Havendo, em 1815, o Príncipe Regente, logo depois rei D. João VI, chamado ao Brasil, por intermedio do seu encarregado de negocios em Paris, uma colonia de artistas francezes, Nicoláo Antonio Taunay, barão de Taunay, membro do Instituto de França e distincto pintor da escola franceza, decidiu-se, á vista da instabilidade das cousas politicas de sua patria, a transportar-se com toda a familia e á sua custa para o Rio de Janeiro.

Cinco filhos o acompanharam, entre esses Adriano Taunay, que então tinha doze annos de idade, pois nascêra em 1803; cinco filhos, todos artistas de coração e de eminentes qualidades intellectuaes e moraes. Entretanto, tal era a vocação do mais moço para as bellas-artes, tal sua aptidão e genio, que bastaram tres annos de elevada disciplina de seu pai e mestre, para que começasse a ser admirado, não só pela familia, mas por quantos assistiam ao desabrochar do seu talento excepcional.

Unindo a tão raros dotes uma compleição robusta e espirito inquieto e energico, não trepidou, mal sahido da adolescencia, com menos de dezeseis annos, aceitar o offerecimento que o sr. de Freycinet, na sua passagem pelo Rio de Janeiro em 1818, lhe fez para acompanhal-o na qualidade de desenhista a bordo da fragata *Urania*, que então encetára, por ordem do rei Luiz XVIII, uma viagem de circumnavegação do globo.

Com enthusiasmo abraçou Adriano Taunay a occasião. Nutrido das inspirações da mais alta esthetica, queria contemplar face a face a natureza do mundo inteiro e penetrar-se de sua grandeza.

Discipulo nato de Flaxman, cuja obra estudava com predilecção, ninguem podia, mais fiel e magistralmente do que

elle, representar as multiplas variedades do typo humano, que na Oceania tanta estranheza e admiração causaram aos primeiros descobridores.

Tambem para o artista, para aquelle espirito sagaz e observador, para aquelle coração ardente e avido de emoções, em extremo proficua foi a precoce experiencia da vida pratica.

Nem lhe faltaram os perigos — o melhor dos ensinos — nem as privações.

Desconhecido baixio dentro da Bahia Franceza, n'uma das ilhas Malvinas ou Falkland, fez a 14 de Fevereiro de 1820 sossobrar a fragata *Urania*, já de volta, vendo-se a tripolação obrigada a invernar n'esse paiz nú e inhospito, onde frio intenso tornava mais dolorosa ainda a falta quasi absoluta de viveres.

Quatro mezes de verdadeiro supplicio ahi se passaram, emquanto esperavam-se os soccorros pedidos ao primeiro porto a que podesse chegar a lancha, que ousadamente havia sido despachada.

A' mingoa de pescado, raro n'aquellas paragens, sustentavam-se os naufragos de aves marinhas, phócas e tudo quanto podiam alcançar. Nem pequeno tormento era vêr ao longe numerosos magotes de cavallos bravios, tão ariscos, porém, e velozes, que um unico pôde ser morto á bala por um cabo de infantaria, que se sujeitou a ficar um dia inteiro de espera atraz de um rochedo. Nos sertões do Tieté, annos depois, e em circumstancias de escassez quasi identica, comparava nosso viajante a carne d'esse animal á da anta e as achava de sabor muito approximado.

Entretanto os votos ardentes dos infelizes desterrados haviam sido ouvidos da Providencia.

A lancha chegára com felicidade a Montevidéo, alugára uma galera americana, que recebeu o appellido de *La Physicienne*; e toda a expedição pôde estar de volta ao Rio de Janeiro em Junho de 1820.

Durante a viagem e obrigatoria parada, trabalhára Adriano Taunay, com ardor juvenil e iniciativa propria do seu character, mas, como acontece muitas vezes, *tulit alter honores*. Na col-

lecção artistica do sr. de Freycinet, outra assignatura que não a d'elle appareceu n'uma multidão de lindissimos e admirados desenhos, ao passo que raros figuravam como sahidos de sua mão.

Soube d'isso, conheceu em tempo d'onde a usurpação partia, mas despresou qualq'her reclamação. Riquissimo de idéas, sentindo em si borbulhar a seiva da inspiração, pouco se lhe dava com desappropriações que redundavam em homenagem aos seus talentos.

Foi descansar das fadigas d'esses bem preenchidos e ultimos dous annos, na mais grata e intima convivencia com seus irmãos, morando todos juntos na linda habitação que seus pais, ao partirem para a França, lhes haviam deixado.

Mais pitoresca vivenda não podiam de certo desejar esses admiradores entusiastas do bello. Occupavam a casa junto á Cascatinha da Tijuca, um dos ornamentos dos arrabaldes do Rio de Janeiro, e ainda hoje pertencente á familia.

Cinco annos de doce socego ali passou Adriano Taunay, empregando-os no estudo das linguas, na leitura dos classicos, no aperfeiçoamento da musica, em que tornou-se insigne, e em trabalhos plasticos, de que restam dois monumentos preciosos: a pintura mural a oleo de uma das salas da casa da Cascatinha e uma estatuasinha do Imperador D. Pedro I, feita sob as vistas do soberano, e que muito valor tinha pela vivacidade de semelhança e elegancia de póрте.

Tal era o artista que Langsdorff convidára para fazer parte de sua commissão scientifica.

— Teixeira de Mello, em suas *Ephemerides*, tomo I, pag. 117, dia 16 de Fevereiro de 1816, escreve :

« Chega ao Rio de Janeiro, a bordo do navio americano *Calphe*, procedente do Hâvre, Joaquim Le Breton, secretario perpetuo da classe das bellas-artes do Instituto Real de França, á frente de uma colonia artistica franceza, mandada vir de França com o fim de implantar no Brazil o gosto pelas bellas-artes; vêm na mesma expedição muitas familias francezas para residirem entre nós.»

O auctor da *Cidade de Matto-Grosso* aceita a data de Teixeira de Mello; Dussieux, no seu livro *Artistas francezes no estrangeiro*, dá 12 de Março de 1816; José Silvestro Ribeiro,

na sua obra *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos de Portugal*, vol. 4º, pag. 240, dá a chegada d'esses artistas no dia 6 de Abril.

O Visconde de Taunay vacilla sobre si o seu tio Amado Adriano nasceu em Montmorency ou em Paris.

« Não podia ser mais illustre a colonia artistica, que acudira ao chamado do Conde da Barca. Tinha por decão e principal vulto Nicoláo Antonio Taunay, pintor de batalhas, cujos quadros ha muito figuravam, como ainda figuram, nas galerias de Versailles e do Louvre, autor de centenas e centenas de admiraveis télas, discipulo de Brenet e de Casanova, o Nicoláo Poussin da miniatura, como o chama Charles Le Blanc, na sua *Historia Geral da Pintura*; Joaquim Le Breton, secretario perpetuo do Instituto de França, secção das Bellas-Artes, primeiro director da Academia do Rio de Janeiro, fallecido em 1819; Augusto Maria Taunay, meu tio-avô, discipulo de Moitte, grande premio de Roma em esculptura no anno de 1792, autor das figuras monumentaes que ornam o arco do Carrousel em Paris e dos baixos relevos e da espiral da Columna Vendôme, além de muitos bustos, citados com applauso, dos quaes ainda resta um no Brazil, o de Camões; João Baptista Debret, pintor de historia, discipulo de David e que expuzera no Salão de 1808 um quadro notado — *Honneur au courage malheureux*; Henrique Victorio Grandjean de Montigny, discipulo de Percier, architecto de grande nomeada pelos trabalhos feitos em Cassel por ordem do rei de Westphalia; Carlos Simão Pradier, discipulo de Desnoyer, gravador e irmão do celebre esculptor; Neucomm, musico da maior esphera, discipulo favorito do immortal Haydn; Francisco Bonrepos, discipulo e auxiliar de Augusto Taunay; Francisco Ovide, machinista; João Baptista Level, director de trabalhos de ferraria; Nicoláo Magliori Enout, chefe de obras de serralheiro; Pilitte e Fabre, curtidores de pelles; Luiz José Roy e seu filho Hippolyto, carpinteiros habeis, e outros. Os mais illustres d'esses artistas vinham ganhando a annuidade de 800\$000 e Le Breton a de 1:600\$000, determinada por decreto regio de 12 de Agosto de 1816, que fundou a Academia das Bellas-Artes. — V. DE TAUNAY, *A Cidade de Matto-Grosso*, pags. 15-16.

O *Investigador Portuguez em Inglaterra* dá a chegada dos artistas a 6 de Abril.

Montigny falleceu a 2 de Março de 1850, victima da febre amarella. O construtor da esplendida sala da Alfandega jaz no claustro do convento de Santo Antonio, na Côrte, ao lado de sua esposa. Esta data é das *Ephemerides*, á pag. 117 do tomo 1º. Entretanto, o mesmo Teixeira de Mello, á pag. 244 do tomo 2º de sua apreciavel obra, diz que Montigny sepultou-se no convento de Santo Antonio, na sepultura n. 32, no dia 16 de Novembro de 1829.

— Max Fleinuss escreve no seu estudo sobre *os Centenarios do Brasil*, V :

A nomenclatura sem maior commentario dos beneficios prodigalisados por D. João VI ao Brasil impôí, com effeito, o applauso dos que têm sobre patriotismo uma noção que independe dos sentimentos egoisticos para só aquilatar o bem publico. Pretendem alguns que o papel incontestavelmente brilhante, representado pelo principe, foi mais obra de seus ministros, e entre estes o conde da Barca (Antonio de Araujo de Azevedo), Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal e o marquez de Aguiar ; mas, embora se tivesse dado esse concurso, o facto, por si só, de escolher o principe pessoas de provado merito, demonstra o seu alto criterio e o desejo que tinha de contribuir realmente para a civilisação do nosso paiz.

Como simples curiosidade historica, transcrevemos na integra o decreto de 12 de agosto de 1816, creando a Escola Real de Sciencias, Artes e Officios : «Attendendo ao bem commum que provém aos meus fieis vassallos de se estabelecer no Brasil uma escola real das sciencias, artes e officios, em que se promova e diffunda a instrueção e conhecimento indispensaveis aos homens destinados, não só aos empregos publicos da administração do Estado, mas tambem ao progresso da agricultura, mineralogia, industria e commercio, de que resultam a subsistencia, commodidades e civilisação dos povos, maiormente n'este continente, cuja extensão, não tendo ainda o devido e correspondente numero de braços indispensaveis ao caminho e aproveitamento do terreno, precisa dos grandes soccorros da statica para aproveitar os productos, cujo valor

e preciosidade podem vir a formar do Brasil o mais rico e opulento dos reinos conhecidos: fazendo-se, portanto, necessario aos habitantes os exercicios mechanicos, cuja pratica, perfeição e utilidade dependem dos conhecimentos theoreticos d'aquellas artes; e diffusivas luzes das sciencias naturaes, phisicas e exactas: e querendo para tão uteis fins aproveitar desde já a capacidade, habilidade e sciencia de alguns dos estrangeiros que têm buscado a minha real e graciosa protecção para serem empregados no ensino e instrucção publica d'aquellas artes: Hei por bem, e mesmo emquanto as aulas d'aquelles conhecimentos, artes e officios não formam a parte integrante da dita escola real das sciencias, artes e officios, que houver de mandar estabelecer, se pague annualmente por quarteis a cada uma das pessoas declaradas na relação inserta n'este Meu Real Decreto, assignado pelo meu ministro e secretario d'Estado dos negocios Extranjeiros e da Guerra, a somma de 8:003\$000, em que importam as pensões de que por effeito da minha Real munificencia e paternal zelo pelo bem publico do Reino lhes faço mercê para sua subsistencia, pagos pelo Real Erario, cumprindo desde logo cada um dos ditos pensionistas com as obrigações, encargos e estipulações que devem fazer base do contracto, que ao menos pelo tempo de seis annos hão de assignar, obrigando-se a quanto for tendente ao fim da proposta «instrucção nacional das Bellas Artes applicadas á industria, melhoramento e progresso das outras artes, e officios nacionaes. O Marquez de Aguiar, etc. Paço do Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1816.»

D'esse decreto se evidencia o zelo para que os artistas estrangeiros encontrassem no Brasil completo agasalho, livres das incertezas da sorte; e foi assim que conseguiu nossa Patria a collaboração historica de Nicolau Antonio, Felix Emilio e Augusto Maria Taunay, de Lebreton, de Debret e de Grandjean. Ainda tratando já do interesse do paiz, como sóe ser a colonisação, n'aquella época como hoje, medida de character indispensavel, acceitou o governo a idéa de Sebastião Nicolau Gachet, commissario do cantão suizo de Friburgo, e escolheu na contravertente da serra proxima á villa de Macacú um sitio

Bella para depois embarcar no rio Guaporé, e pelo Mamoré e Madeira, alcançar o Amazonas (1). Após uma viagem de vinte e dois dias, chegaram com felicidade á Villa Bella de Matto Grosso, « cidade em ruinas e dolorosa decadencia, cujo aspecto provocou ao espirito do artista melancolicas reflexões, que transmittiu n'uma carta — a ultima— a seus queridos irmãos no Rio de Janeiro » (2).

onde foi creada uma freguezia, que recebeu o nome de São João Baptista de Nova Friburgo.

(1) Vide capitulo XI á pag. 906 nota 1.

(2) V. de Taunay, Introduç. cit., pag. 349. Esta carta vem em francez n'A *Cidade de Matto-Grosso*, pags. 24-26.

«... a cidade de Villa-Bella, depois Matto-Grosso, cujas ruinas causam intensa melancolia aos raros que a visitam hoje e, scientes das cousas do passado, ainda encontram, n'aquelles outr'ora florescentes páramos, vestigios eloquentes de extinctas grandezas, que jámais nunca voltarão.

... Casas que desabaram; matto que ainda mais alteou nas ruas; inundações do Guaporé que levaram os restos do cães de outr'ora e cavaram fundo nas barrancas; esboroados e largos pannos de muralhas que tombaram; gente que diminui (e já era tão pouca!) uns mortos, outros que emigraram, tangidos pelo desespero e pela falta de recursos; arvores que cresceram invasoras e á solta, gigantes da floresta em plena povoação, dominando no seu magestoso vigor e na sempre renascente alegria os destroços da obra dos homens, exuberantes e altivas, sobretudo gamelleiras, terriveis estas no rapido engrossar, a se agarrarem ás pedras, a insinuarem por toda a parte raizes, a principio humildes, tenues, delicadas, depois possantes, violentas, derrubando as mais fortes paredes e des-aggregando as construcções mais rijas, das quaes retêm, como que por escarneo, no liame de intrincada trama, enormes fragmentos, rochas inteiras suspensas n'uma rêde de finas e pennugentas malhas...»

Eis tudo o que resta de Villa Bella!

Sunt lacrymo e rerum et mentem mortalia tangunt.

Escrevia elle em data de 20 de Dezembro de 1827 a seus irmãos Felix e Theodoro :

« Caros amigos, é de uma das salas do abandonado palacio dos antigos capitães-generaes de Matto Grosso que vos dirijo estas linhas, d'essas immensas salas, testemunhas outr'ora das festas de uma côrte assidua junto aos depositarios da autoridade real, e que agora, silenciosas, não repetem sinão o surdo ruido do insecto que rói a madeira ou os passos do curioso que percorre seu recinto.

Tudo ficou no mesmo estado desde o dia em que a séde do governo foi transferida para Cuyabá: a mobilia, as pinturas, os armarios, as mesas de trabalho, tudo ficou. Os pateos estão cheios de herva: por toda a parte vêm-se os signaes destruidores do abandono, e o combate das cousas existentes contra o tempo. Tudo representa a morte.

Já vos communiquei que a expedição dividira-se em dous grupos até nova junção no Pará (1). Estamos accommodados, eu e Riedel, no recinto do palacio, á espera que se esvasie a casa que nos fôra destinada. Uma das portas, que dão accesso para o interior, abre para o pateo. Por ahi é que entrei.

(1) Uma carta, que possuímos, escripta por Adriano Taunay a Hercules, datada de Cuyabá, 30 de Setembro de 1827, lança não pouca luz sobre a frieza das relações que existia entre aquelle e o chefe da expedição. Os attritos não provinham propriamente de questões de serviço profissional. E Adriano esperava que o tempo e a separação concorressem para fazer desaparecer «um certo frio, que não podia, apezar de todos os esforços, deixar de existir entre elle e o Consul Langsdorff.» Muito sentimos que a delicadeza do assumpto nos não permitta transcrever aquella carta, escripta em portuguez. Felizmente não vai n'isso québria da verdade historica.

Nada tinha sido aberto. Havia, pois, um cheiro de bafio que, unido á escuridão, produzia sensação eminentemente triste: a de um herdeiro que vem tomar posse da morada de seus antepassados. Cada passo acordava um écho sonoro que o repetia aléi. Abri tudo e percorri todas as salas.

As que serviam de repartições publicas conservam ainda seus armarios e mesas. A sala de estado, ornada de pinturas que representam columnas, não mostra estragos e é de algum gosto. Havia outra fechada á chave: sem duvida a que contém os retratos dos capitães-generaes. Na secretaria ha dois quadros: um representa, creio, o rei D. João VI, o outro a rainha. Não são máos, e a côr está perfeita... Em tudo isso falaremos, quando tornar a vêr-vos. Muito tenho que contar.

O Consul deve estar agora prestes a partir. Julgo, entretanto, que talvez não possa descer este anno, caso em que voltaremos tambem para Cuyabá. Não sei o que aconteceria então: demorar-nos-hemos ainda um anno por cá ou seguiremos pelo Araguaya até ao Pará? A expedição está tão desordenada (*embrouillée*), que impossivel é fazer conjecturas sobre seu futuro.

Escrevo a meus parentes pela entrada do anno de 1828. Vós outros sêde tão felizes quanto meu coração vol-o deseja e não esqueçais que sou infeliz (1).

(1) A carta a que alludimos na nota antecedente esclarece perfeitamente a tristeza e a melancolia, que Adriano appellida — infelicidade. Tudo nos leva a crêr que o Visconde de Taunay desconhecia a existencia d'aquelle documento particular e intimo, que abona o genio cavalheiresco do Luissivista e dá testemunho da vivissima amisade que dedicava a Luiz Riedel, a quem présava e acatava de um modo admiravel.

Meu genio é melancolico, embora eu aparente alegria.
— *Amado Adriano Taunay* » (1).

Da cidade de Villa-Bella deviam Taunay e Riedel embarcar-se para o Pará; e deviam n'aquella antiga capital permanecer de tres a quatro mezes. Resolveram fazer d'esse ponto centro de operações e partiram a 30 de Dezembro para Casal-Vasco, na fronteira da Republica da Bolivia e distante 14 leguas de Matto-Grosso (2). Chegaram no mesmo dia e começaram o anno (de 1828) visitando S. Luiz e Salinas, que são os postos mais avançados do Brasil por aquelle lado. Regressaram a Casal-Vasco a 3 de Janeiro, e ali trataram de colher informações e reunir dados sobre os Chiquitos, indios que abundam n'essa região, sobre a sua lingua, costumes, progresso. Deixaram Casal-Vasco, na manhã do dia 5, pôndo-se a caminho para Villa-Bella (3).

(1) V. de Taunay, *Introducç.* citada, pags. 350-351, e *A Cidade de Matto-Grosso*, *loco cit.*

(2) Ha engano de apreciação, pondéra o V. de Taunay: todos os auctores são concordes em dar de 7 a 8 legoas entre Villa Bella e Casal-Vasco. Ou seriam legoas francezas, de 4.444 metros e não de 6.600 metros. — As informações ácerca da viagem de Casal-Vasco e da morte de Taunay constam de duas cartas de Riedel, uma de 10 Janeiro de 1828, outra de 10 de Março.

(3) Carta supra. Hercules transcreve, em seu *Manuscripto*, mas não no seu *Esboço* publicado, uma carta lancinante de Riedel, narrando o tragico acontecimento. *Manuscripto*, pags. 363-364. E conclúe: « Esse desgraçado acontecimento causou uma tristeza geral em Matto-Grosso e Cuyabá. Esse moço, cuja promissôra carreira foi extinta aos 25 annos, recommendava-se á nossa admiração e solicitude por sua familia e por seus dotes intellectuaes, por seu talento... Como desenhista da nossa expedição, elle tinha enviado a S. Petersburgo

Adriano Taunay, levado pelo genio fogoso, deixou a morosa comitiva; perdeu-se no meio de um grande temporal, que de repente cahiu; vagou por entre canaviaes e, alcançando a margem do rio Guaporé, não duvidou jogar-se a nado para transpô-lo, vestido como estava. Confiado na segurança com que costumava zombar dos elementos, depois da aprendizagem entre os indios das Carolinas na Oceania, que mais vivem n'agua do que em terra, fez pouco no caudal que corria barrento e entumescido.

Venceu com facilidade até ao meio da corrente; depois, com o peso das roupas, faltaram-lhe as forças; luctou; fraqueou; soltou um grito pungente de agonia e afundou-se para não mais apparecer sinão cadaver (1).

Mas deixemos a palavra a Riedel, que com a eloquencia do coração, narra o successo que arrebatou na flôr dos annos seu intrepido e amado companheiro:

«... Deixámos Casal-Vasco na manhan de 5 de Janeiro para voltarmos á cidade.

Vosso irmão, meu infortunado amigo, que não podia se afazer a acompanhar nossa resumida e lenta caravana, tomou a dianteira e d'ahi a pouco o perdi de vista. Entretanto, pelos rastos do seu animal vi que até tres leguas de Matto Grosso seguiu caminho certo, mas n'esse ponto desabou um temporal acompanhado de violenta chuva, que n'um instante inundou todos aquellos vastos campos.

Alcanço o porto do Guaporé, sem encontrar meu amigo, suppondo-o, porém, abrigado em algum rancho arredado da estrada. N'uma canôinha passo o rio, não

cerca de 100 desenhos; e 130 desenhos ficaram em minhas mãos, *pour les mettre en ordre.*»

(1) Carta de Riedel, de 10 de Março de 1828, *passim*.

sem perigo, porque as aguas iam-se avolumando e chego, ás 4 horas da tarde, a Matto Grosso, onde me communicaram a fatal noticia. Duvidei dar-lhe credito, mas d'ahi a pouco trouxeram-me o cavallo que elle montava—triste prova da verdade!

Corro ao porto; acho varias pessoas empenhadas em procurar o corpo... de balde! pois as aguas turvas e carregadas de lôdo tornavam a pesquisa inutil.

A uma legua da cidade perdeu-se Adriano; atravessou duas vezes o rio Alegre e entrou n'um canna-vial, onde uma negra lhe ensinou uma vereda, que por mattos e pantanos levava á margem do Guaporé, defronte da cidade, uns trezentos passos acima do porto.

Chegando ali, viu do outro lado uma lavadeira e pediu-lhe que fosse avisar o *passador*.

A trovoada roncava com força e cahia chuva a cantaros.

Adriano impacienta-se; prende a rédea ao animal e, recommendando-o á lavadeira, o toca para a agua. A mulher avisa-o do perigo, mostra-lhe o barqueiro que vinha chegando. Nada, porém, o desvia da funesta intenção; atira-se a nado; chega ao meio do rio; perde as forças; afunda; lucha; dá um grito; levanta um braço e, victima da excessiva temeridade, desapparece, no momento em que chegava a canôa. Infelizmente o *passador* não sabia mergulhar.

As autoridades fizeram todas as diligencias para achar o corpo. No dia 6 de Janeiro, mais de 15 pessoas em vão se occuparam n'esse triste mistér.

Entretanto, na madrugada de 8, vieram-me avisar que tinha sido descoberto.

Corro... chego... vejo-o estendido na margem, mutilado pelos peixes... Lanço-me sobre elle...

Poupai-me esses pormenores! No mesmo dia foi sepultado com a pompa devida á sua pessoa e familia, na igreja de Santo Antonio, que ergue-se junto ao porto, encravada n'um frondoso e extenso laranjal. No mesmo dia 9 celebraram-se ceremonias religiosas, conforme o uso do paiz. O capitão-mór João Paes, a quem pedi o obsequio de attender para tudo quanto fosse preciso, portou-se como cavalheiro distincto...»

Assim pereceu desastradamente Adriano Taunay, com 25 annos de idade incompletos, quando a existencia ante elle se abria, não tanto amena e facil, como cheia de esplendores e gloria.

«As aguas revoltas do Guaporé de subito apagaram um futuro radiante, uma das mais queridas e justificadas esperanças de minha familia, que ainda hoje conserva viva e dolorosa a recordação do funesto anniversario.» (1)

A dôr violenta, inexcedivel, dos irmãos de Adriano Taunay, manifestou-se em soberbos versos, «absolutamente ineditos e talvez nunca destinados á publici-

(1) Visconde de Taunay, *Introdução*, ao Esboço, á pag. 353. *A Cidade de Matto-Grosso*, a pags. 26-28. *Manuscripto de Hercules, loco cit.*

— Quem houvesse intencionado consummar um suicidio nas aguas do Guaporé não teria agido de modo mais arrebatado e impensado do que a illustre victima que n'ellas pereceu, á vista de Villa Bella.

— Sobre o rio Guaporé vide *Memoria*, ou informação dada ao Governo sobre a Capitania de Matto-Grosso, por Ricardo Franco de Almeida Serra, tenente-coronel engenheiro, em 31 de Janeiro de 1800, na *Revista Trimensal* do I. H. e G. B., tomo 2º, 2ª edicç., 1858, a pags. 22-29.

dade» (1), de dous irmãos do morto—Theodoro e Felix Emilio. (2)

Homenagem altamente tocante á mais illustre victima do Guaporé e ao eterno hospede de Villa-Bella (3) e quiçá á intemerata victima de ineluctaveis revezes de coração !...

Mon frère! Ah! malheureux, dans l'ouragan qui gronde,
 Au fond d'un bois obscur, il lutte contre l'onde...
 Il plonge... Il disparaît... Hélas! c'est pour toujours!...
 Sa vie et son génie ont terminé leur cours!
 Tu devais, Dieu cruel, le conserver au monde
 Et tu pouvais prendre mes jours!

Dieu, Tu l'avais formé dans ta munificence!
 Entre mille ton doigt l'avait marqué d'avance,
 Son front étincelait de ton sceau favori;
 Du miel de tes faveurs les cieux l'avaient nourri;
 Et le feu du génie embrasait la substance
 Dont les anges l'avaient pétri!... (4)

Pour peu que l'avenir nous eût tenu promesse,
 Le sceptre des beaux-arts attendait sa jeunesse!
 Pour peu qu'il eût vécu, cet esprit immortel
 Eût bientôt égalé Flaxman et Raphaël!...
 Hélas! et plutôt à Dieu que ce regret qu'il laisse
 Fût un mensonge fraternel!

(1) *A Cidade de Matto-Grosso*, pag. 29.

(2) Felix Emilio era pai do auctor da *Retirada da Laguna*, o Visconde de Taunay, *clarum ac venerabile nomen*... E quanto sentimos estar morto o illustre Brasileiro, a quem vemos a resurreição da Obra de Hercules Florence!

(3) *A Cidade de Matto-Grosso*, pag. 29.

(4) Que bellissima estrophe! Não se diria de Victor Hugo? As que se seguem não são menos admiraveis. (V. DE TAUNAY.)

Que n'ai-je accompagné sa course vagabonde ?
Vainqueur sur l'océan d'un voyage du monde
Il en avait en lui rapporté les trésors.
Mais, hélas ! sa jeunesse a manqué de Mentors !
J'aurais veillé sur lui dans la forêt profonde . . .
Ah ! mes regrets sont des remords.

Fleuves de Babylone, où sont vos triste rives ?
Est-ce là qu'il repose ? Et les harpes captives,
Les sanglots des bannis sur vos gazons pleurants,
Les soupirs de vos flots, vos saules murmurants
Poussent-ils dans les airs des paroles plaintives
Dignes de ses mânes errants ?

Dans le funèbre champ d'une bourgade obscure
Un bosquet d'orangers (1) couvre sa sépulture.
Sur un côteau fleuri, près du vert bananier
L'infortuné sommeille; et sans le réveiller
Le vent américain tristement y murmure
Le bruit lointain du cocotier.

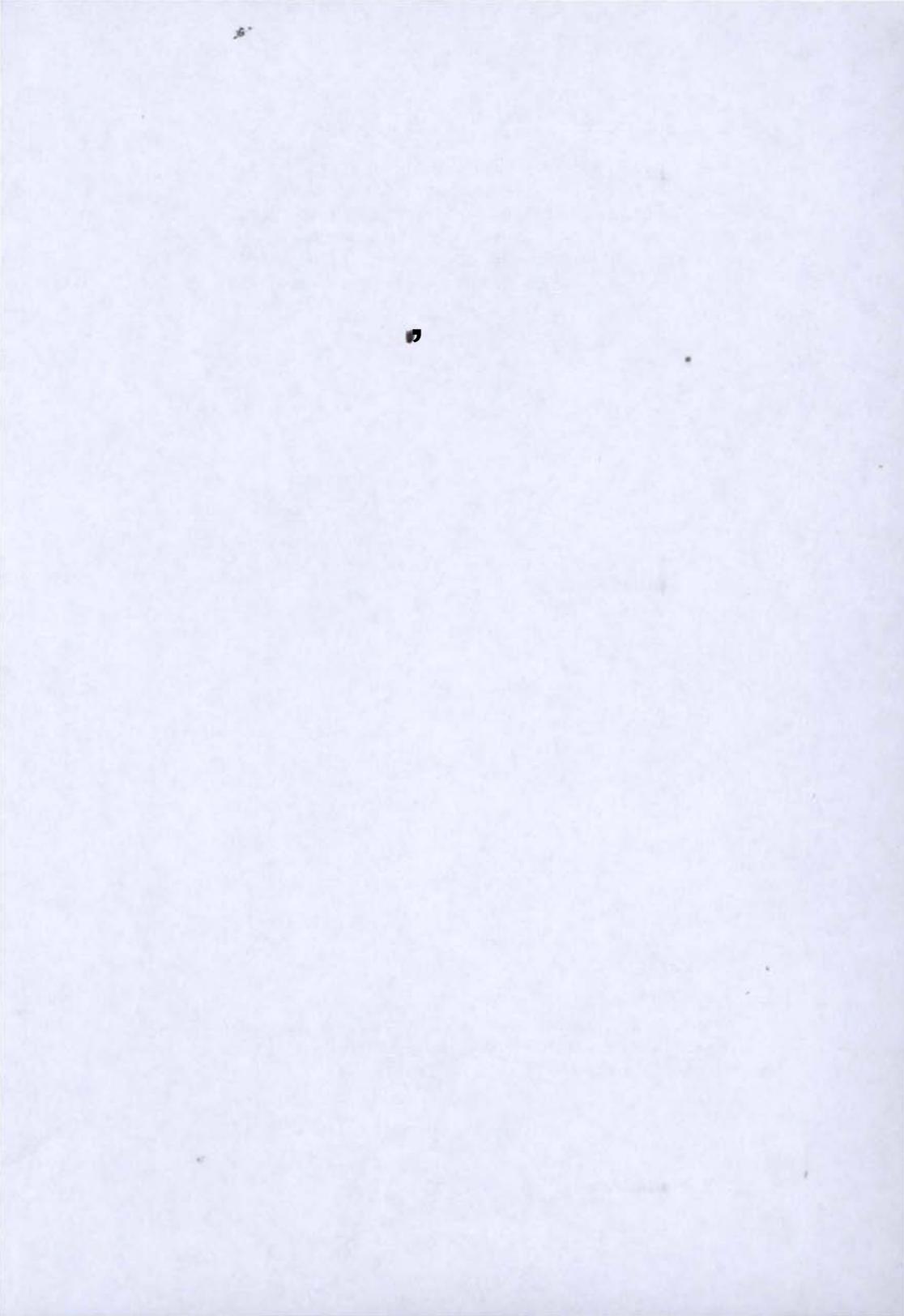
Il était notre amour, notre chère espérance ;
Nos cœurs de son essor enorgueillis d'avance
Promettaient à nos yeux ses sublimes lueurs.
Sur nous de sa couronne il eût jeté des fleurs.
Notre gloire, avec lui fauchée à sa naissance,
Cache sa tête dans ses pleurs.

Sa gloire ! Ah ! seulement, mon Dieu, rends-moi mon frère !
Non : dût le sort moqueur, se jouant sur la terre,
De gloire et de renom m'accabler un matin,
Me jeter par caprice un sceptre dans la main,
Et me dire : Tu peux sur l'humaine misère
Verser des aumônes sans fin . . .

(1) A igreja em que foi sepultado é que se achava enervada no formoso laranjal plantado por ordem do capitão general João de Albuquerque e mantido pelos governadores geraes, seus successores.

O vous, que la jeunesse embellit de sa flamme,
Dont, seuls, l'or et la rose ont apprêté la trame,
Puisse un bonheur constant vous suivre en tous climats!
Et que l'ange gardien, qui veille sur vos pas,
Vous épargne à jamais ces blessures de l'âme,
Ces coups qui ne guérissent pas!

Tenho muitos apontamentos para um livro *Os Escragnolle e os Taunay em França e no Brazil*, no qual tratarei extensamente desse meu illustre tio.—V. de Taunay.





CAPITULO III

Após dous mezes e 18 dias de parada na villa do Diamantino, a expedição partiu para o porto do Rio Preto, ponto de embarque para Santarém : é um lugar triste : o rio estreito e de côr escura, o que lhe dá o nome; o terreno humido ; o ar carregado. As febres ali grassam de continuo (1).

Além das intermittentes, existe outra molestia peor ainda, á qual já nos referimos : é a *corrupção* ou *maculo* (2).

O Consul Langsdorff e Rubzoff, e mais oito camaradas, foram logo atacados das *sezões* ; e pouco depois

(1) *Manuscripto* de Hercules, á pag. 365.

(2) Vide nota 2 á pag. 225 O remedio heroico é o *saccatrapo*, clyster de vinagre, pimenta, polvora e tabaco. Por meio de um chumaço embebido de cada vez, introduz-se no anus essa terrivel mistura. Sem tão furibunda medicamentação a morte, dizem, é infallivel.

o numero dos doentes ascendeu a quinze. Este ataque de febre violenta debilitou ainda mais o organismo do Consul, já affectado em sua essencia, como deixámos dito.

Apesar da tristeza do local, Hercules desenhou uma bella paizagem : a vista do acampamento n'essa matta, de uma extensão de legua e meia.

« Para uma região é sempre esplendido enfeite uma floresta virgem. Admira-se, estremece-se, sem presentir, essa infinda variedade de antigos madeiros, de palmeiras, lianas, e gigantescas plantas, cujas folhas attingem o tamanho de um homem. Nossas barracas illuminadas pelo sol em fundo de cerrado matto; nossas bagagens (3); os camaradas a esfolarem uma rez que compráramos a um morador proximo; no primeiro plano pacóvas gigantes; cipós enormes, como eu nunca vira; no fundo, á direita, o rio estreito e sombrio; tudo isso formava uma perspectiva interessante.»

Vinte e dois dias estiveram n'esse «maldicto porto»; o sr. de Langsdorff, doente; e Hercules com os primeiros symptommas da febre; até que, a 31 de Março de 1828, a flotilha—composta de duas canôas, um batelão e uma canoinha, montada por um guia, dois pilotos, tres ajudantes e 28 remadores—deixou o porto e empreendeu navegação arriscada e incommoda, luc-

(1) Ao chegarem ao rio Preto, já se achavam no porto, guardadas por alguns camaradas, as caixas e as bagagens da commissão. «Havia duas vastas canôas e um grande batelão dados ao Consul pela Fazenda Publica, em troco dos que lhe haviam sido cedidos em Cuyabá, vindos de Porto-Feliz».

Em vez de ficarem na villa, foram se estabelecer no porto, lugar pestilento, ao envez do que praticam os negociantes do paiz. (Manuscripto, *loc. cit.*).

tando com forte correnteza, vencendo mil difficuldades até alcançarem o rio Arinos, com 60 braças de largura, orlado de ininterrupta floresta (1). Abicaram de fronte na margem direita.

Chegaram ao Registro Novo e ao Velho (2); passaram por defronte de varias embocaduras de rios,

(1) O Arinos corre por espaço de 200 leguas do sul para o nornordeste; é aurifero e nasce da vertente septentrional da cordilheira Parecis.

O Juruena e o Arinos reunidos formam o rio Tapajós, affluente do Amazonas. João de Souza Azevedo, natural de Porto-Feliz, foi o primeiro que reconheceu o curso d'este rio.

Diz MILLIET DE SAINT-ADOLPHE que Azevedo embarcou-se para esta exploração no porto de Araritaygaba nos fins do anno de 1740 para transportar-se á cidade de Cuyabá pelos rios navegados havia perto de 30 annos. Estando no anno seguinte n'esta cidade, resolveu-se a emprehender novos descobrimentos, e acompanhado de poucos, desceu pelo rio Porrudos ou São Lourenço até chegar ao Paraguay, pelo qual subiu perto de 20 leguas, e entrou no rio Sipotuba, então desconhecido dos habitantes de S. Paulo. Como se achasse perto de seu nascente na impossibilidade de ir por elle mais avante, buscou nas vizinhanças outro rio que se encaminhasse para o norte ou éste, e sem se inquietar si encontraria ou não em breve tempo com alguma nação civilisada, abandonou-se á corrente do Sumidouro, e passou d'elle no Arinos, e successivamente no Tapajós e no Amazonas, até ir ter á cidade de Belém, d'onde teve ainda o valor de voltar para Cuyabá pelo rio da Madeira, e recolheu-se á sua terra depois de uma ausencia de tres annos.

Mais de meio seculo depois, João Viégas fez pouco mais ou menos a mesma viagem pelo rio Arinos; mas Antonio Thomé de Souza foi o primeiro que em 1812 desceu por este rio, e fez transportar fazendas em canôas pelos rios Tapajós e Arinos, que vendeu em Cuyabá; viagem muito mais breve e menos trabalhosa que a do rio da Madeira.

(2) No primeiro porto não havia ainda alma viva; no segundo um forriell e quatro pedestres, dos quaes um embarcou

transpuzeram varias corredeiras. Já, por doente o astrónomo Rubzoff, Hercules tomára conta da bussola (1). Desceram 143 estirões. Hercules cahiu, por sua vez, presa das *sezões* (2), que o atormentaram por muitos dias, até chegar a Santarém. A navegação do Arinos lhes offerecia continuas cachoeiras, numerosas ilhas, insuas e rochedos.

Estavam na região dos *Apiacás* (3). Aportaram á margem esquerda, onde estava situada a *malóca*

comnosco, segundo as ordens do commandante do Diamantino, para completar o numero de 15 remadores que nos déra o governo.

Esse posto do Registro fôra creado para revistar as monções que por ahi passassem, cobrar os direitos de entrada de mercadorias e generos vindos do Gram-Pará e vigiar que não transitassem desertores, nem escravos fugidos. — *Esboço da V.*, pag. 273.

O *Manuscripto*, á pag. 369, traz esboços de desenhos do Porto do Rio Preto e do Registro Velho.

(1) A 3 de Abril de 1828. *Manuscripto* pag. 370.

(2) A 4 de Abril. *Ibid.*

(3) A 11 de Abril.—«De manhan, pouco depois de começarmos viagem, avistámos uma piroga tripolada por cerca de 20 índios d'aquella tribu. Sua apparição nos alegrou e surpreendeu. Ao nos vêrem, soltaram gritos de alegria. Na praia 20 ou 30 homens, igual numero de mulheres e muitas crianças enfileiravam-se para nos vêrem chegar.

Um d'elles, que nossa camaradagem chamava de cacique e que de longe tal nos pareceu, envergára uma farda e tinha á cabeça um chapéo armado; o que fez com que o sr. Langsdorff fôsse pôr seu uniforme de Consul Geral da Russia, chapéo de plumas, espadim ao lado e condecorações.» *Esboço da V.*, pag. 274.

Esta scena vem desenhada á pag. 371 do *Manuscripto*. De pag. 372 *usque* 380 vêm esboços de Índios Apiacás, habitações, instrumentos, etc.

(grande rancho que serve para todos os moradores do largo). Aqui deu-se um incidente, que Hercules nos conta muito por alto (1), e sobre o qual o Visconde de Taunay insiste bastante, para provar o estado da mentalidade do chefe da expedição.

«Tendo apparecido, n'uma extensa praia, grande numero d'esses selvícolas, e no meio d'elles um com certos distinctivos vistosos de *capitão* (2), julgou o bom do Consul Russo, que devia tambem envergar o seu grande uniforme e lá foi para terra mettido em farda de gala, espadim ao lado, chapéo armado á cabeça e condecorações ao peito.

Imagine-se a figura no meio d'aquelles indigenas nós em pello, que mostravam fundo pasmo e bestial alegria ao contemplarem tamanha ostentação e esbugalhavam os olhos ante tantos bordados a ouro e brilhantes teteias.

Afinal, uma india perguntou por gestos si aquillo era vestimenta ou a propria pelle de tão alto personagem, e, melhor informada, pediu para que elle lhe a cedesse por um pouco. Langsdorff, que não resistia

(1) O traductor do *Esboço da V.*, colloca aqui a seguinte nota: «Apesar da reserva louvavel de que usa o sr. Florence para evitar qualquer referencia ao lamentavel estado intellectual em que já se achava o Consul Langsdorff, ao veridico narrador escapou esta occurencia altamente significativa.»

(2) Não parecia o tal pretendido cacique gozar de nenhuma distincção entre a sua gente. De nada lhe valia a patente de capitão-mór, que com effeito recebêra do presidente José Saturnino. Apresentou-se-nos com uma velha farda militar, sem dragonas, um sovado chapéo armado á cabeça, calças de algodão grosso, aliás sem camisa, nem gravata, nem espadim, de pés no chão. — *Esboço da V.*, pag. 275.

aos caprichos do bello sexo, civilisado ou não (1), immediatamente despiu a farda (2) e a passou á rapariga, que de golpe n'ella se enfiou, passeando muito ufana com o seu singular adorno, enquanto o Consul ficava em mangas de camisa, mas com calças de galão, espadim e chapéo armado.

Nem parou ahí a aventura.

De repente, a india disparou para o matto, seguida de todos os mais, e o expoliado pôz-se a correr como um desesperado atraz da sua veste de gala, na maior e mais grotesca furia. E a commissão perdeu dous dias á espera de uma restituição que naturalmente não se deu» (3).

Sobre os *Apiacás* nos fornece Hercules esclarecimentos pittorescos.

Inteiramente nús andam esses indios, alguns vermelhos de urucú. Os homens amarram ao prepucio um cartuchinho de folha de pacova, cuja ligadura faz entrar o membro que desaparece de todo. As mulheres não se cobrem, mas seus gestos são decentes.

(1) Cf. capit. II da 2ª parte, a pag. 78, nota 1.

Quer na correspondencia de Adriano Taunay, quer na de Luiz Riedel, ha referencias a uma mulher de nome Guilhermina, que não sabemos si é a moça alleman que o Consul fez embarcar na partida da monção, em Porto-Feliz. Foi um pômo de discordia durante a viagem...

(2) No registro do Parahybuna, despiu elle o fraque, para mostrar a uns alfaiates como era bem feito. Entretanto, diz SAINT-HILAIRE, *c' était la redingote la plus mal faite peut-être que j' ai vue de ma vie.* (V. de Taunay).

(3) V. de Taunay, *A Cidade de Matto-Grosso*, pag. 23.

Os homens picam na cara desenhos que são os mesmos para todos; os das mulheres são menos complicados. Além d'essa *tatuagem*, que parece distintivo da tribo, pintam o peito e o ventre á vontade, traçando comtudo sempre angulos rectos e parallelos uns aos outros.

Nos braços e pernas desenhavam figuras grosseiras de animaes e peixes; algumas vezes as do homem ou mulher. Além da tatuagem que é fixa, com o succo do *genipapo* fazem pinturas de côr preta, variadas conforme o capricho, que não lhes dura mais de vinte dias ou um mez, isto é, tanto quanto não se desvanece a tinta. Si as mulheres não se picam o corpo, em compensação empregam o *genipapo* para listrarem de preto ora o quadril, ora as pernas.

Viram *Apiacás* que tinham-se pintado desde a cintura até ao tornozelo. Dir-se-hia que usavam de negras calças apertadas. Outros haviam imitado nos braços uma especie de mangas, e como tinham braceletes artisticamente feitos, parecia que serviam para retê-las. Esses braceletes são enfeites ora collados ao corpo, ora cercados de fina pennugem, que agrada á vista.

Esses indios são muito mansos, de porte regular e bem feitos de talhe. A expressão da physionomia é menos selvatica; algumas mulheres moças parecem-se até com as mulheres do meio-dia da Europa. A tez é menos cobreada, por isso que moram em grandes florestas e constróem casas espaçosas.

Ha pouco tinham vindo ter a esse lugar, attraídos por um ribeirão piscoso, e levantado um grande rancho coberto de sapé, onde moravam em commum, embora fossem nada menos de 80, entre homens, mu-

lheres e crianças. Também as rêdes em que dormiam eram suspensas umas em cima das outras, e as havia em tal quantidade que a custo caminhava-se no interior do rancho.

Com rapidez arranjam uma piroga; tiram a casca de uma arvore; por meio de travessões de páo a mantêm muito aberta, fazem uma prega em cada ponta, que retêm por meio de cipós e está tudo prompto. Quanto a remos, nada mais têm do que rachar uma canna de *quatyvoca*, cujo diametro chega a nove centimetros, e conseguem dois remos tão fortes, quanto leves. Cada homem rema de pé ou sentado, com um só remo, que elle segura com as duas mãos, e nunca é fixo á beira da canôa.

Arranjados com arte e de esplendidas côres são os seus enfeites de pennas. Para isso fornecem-lhes a plumagem as aráras tão lindamente coloridas de azul, amarello, encarnado e rôxo, os verdes papagaios e varios outros bellos passaros. Com nozes, grãos de capim que têm a rijeza e o lustre do esmalte, dentes, unhas de animaes, etc., fazem tambem ornamentos.

No dia seguinte embarcaram n'uma piroga uns vinte indios para ir buscar peixe ao *pari*, na embocadura do ribeirão piscoso, á margem direita a montante. Hercules acompanhou-os na canôinha. Oito ou dez remavam bem; a piroga corria ligeira fendendo as ondas; mas a agua entrava pelas beiradas que commummente não têm mais de dois dedos de altura; o que fazia com que outros indios armados de cuias estivessem occupados em esvasial-a. Um naufragio nada significa; cada qual agarra o que lhe fica mais proximo e nada para a margem. Um só d'elles basta para puxar a canôa e pôl-a em secco.

Em 10 minutos chegaram ao *pari*, nome que dão a uma palissada em parte fóra d'agua, em parte submergida, feita com estacas fincadas no alveo do rio e atravessadas por outras, sendo os intersticios tapados com juncos. A agua eleva-se e transborda. Na base da palissada praticam buracos circulares, á cuja bocca adoptam *mundéos*, que ficam retidos contra a correnteza por um páo. Os indios mergulham dentro da palissada, voltam á tona com os *mundéos*, tiram o peixe e tornam a mergulhar para repól-os em seus lugares. Em pouco tempo ficou a piroga cheia de peixe, pelo que regressaram á *maloca*, onde offertaram-lhes parte da pescaria.

Todas as manhans elles iam ao *pari*. De volta entregavam o peixe ás mulheres e durante o resto do dia em nada mais se occupavam a não ser em fazer collares de sementes, arcos, flechas, ornamentos de pennas, etc. As mulheres trabalham mais: põem o peixe a cozer, e quando o ha em abundancia, o assam em pratos de argilla cóta; fazem-n'o seccar e socam-n'o com as espinhas, o que constitue a farinha de peixe, com a qual enchem saccos, que guardam como mantimento.

Preparam o *camui*, que é milho socado e cozido n'uma panella de barro coito cheia d'agua. Cada qual vem com sua cuia, quando lhe apraz, tirar d'essa bebida.

Para pilarem o milho, são commummente duas. O pilão parece obra de carpinteiro munido de boa ferramenta; o que ainda mais surprende, é que as mãos são varejões bem direitos de 12 pés de altura (1).

(1) Desenho do *Manuscripto*, á pag. 374.

Habeis na arte ceramica são os *Apiacás* e a argilla de que usam de qualidade excellente. As panelas onde fervem o *camui* têm tres palmos de alto sobre igual diametro, e entretanto as paredes são tão finas e o todo tão leve, que pesam metade das nossas panellas de iguaes dimensões.

Os potes, vasos, panellas, têm no geral a figura de dois cones truncados unidos pela base. A louça é ornada dos mesmos angulos rectos, parallellos entre si, como pintam no corpo; mas o todo apresenta mais variedade. Como cesteiros não são menos habeis, servindo-se ora de vime, ora de arestas de canniço. Cestos, joieras e peneiras são perfeitamente trançados e arredondados. Como na Provence tecem uns descansos de vime para panellas, que no Brasil não vi sinão entre esses indios (1).

Apezar de andarem nós, sabem fazer teçumes de algodão muito fortes, cerrados e cuja trança cobre a fiada. Tecem rêdes, braceiras, suspensorios, mas nada que seja cousa de cobrir-lhes a nudez.

A *maloca*, grande habitação dos *Apiacás*, na qual havia pouca gente, consistia em uma unica e vasta choupana coberta de sapé. Ali se viam cães, dous ou tres porcos, algumas gallinhas e patos, animaes domesticos trazidos uns 10 annos atraz por um portuquez chamado Peixoto, homem emprehendedor, que até chegára n'uma feita a levar por esses rios um bello cavallo e que muitas vezes fizera essa viagem.

Havia ali cerca de 80 aráras, que esses indios criavam por causa das bellas pennas e da carne : alcan-

(1) Estampas no *Manuscripto*, a pags. 372-376, em numero de 16.

doravam-se na cumieira, na choupana e nas arvores visinhas. Voavam para a floresta, mas voltavam e deixavam-se apanhar e levar para onde se queria.

A roça do milho era em commum, do mesmo modo que a colheita. Essa choupana, bem como a outra, estava apercebida de milho, guardado n'uma tulha formada de páos atravessados, muito chegados uns aos outros e a pouca distancia do tecto.

Elles tinham muitos *mangaritos*, raiz tuberosa como a batata ingleza, mas cujo gosto agradavel faz suppôr que foram cozidos com manteiga.

A um dia de viagem para O. havia outra *maloca* no caminho da nova habitação, que ficava mais longe no Juruena, poucas leguas acima da confluência d'este com o Arinos.

Entre o homem e a mulher, ha casaes tão duradouros como a vida. A mulher não é escrava como entre os *Bororós*; sua physionomia é prazenteira, seus modos affaveis. Não vi vestigio algum de polygamia.

Entre elles, como nos povos civilizados, ha mulheres que não pertencem a ninguem, com esta differença, porém, que não tendo essas nem vestidos, nem artificios, deixam patente ás vistas o funesto presente da syphilis que lhes inocularam os estrangeiros.

Entre os *Apiacás* reina a maior igualdade: a camaradagem, acostumada ao estado de civilização, no qual por toda a parte depara-se um superior, julgavam vêr um cacique em cada indio apessoado; entretanto não notei que gozasse de mais distincção do que os outros, nem d'elles recebesse a menor mostra de obediencia.

Na grande *malóca* havia, comtudo, um indio moço e bom de genio, com quem o sr. de Langsdorff se

entendia para ter tudo quanto necessitava. Foi com elle que tratou uma porção de farinha de milho; immediatamente socada e torrada, sufficiente para os gastos de um mez. Mandou tambem matar um porco para a commissão.

Esse indio formava com a mulher um par ditoso. A cada momento estavam a brincar e a fazerem-se festas um ao outro. Como elle sabia um pouquinho de portuguez, perguntou-lhe um dia o sr. de Langsdorff si tinham alguma vez movido guerra aos *Tapanhumas*, seus vizinhos; e com a affirmativa, si costumavam comer os prisioneiros. Respondeu igualmente que sim.

E' esse o unico traço que colheram da anthropophagia dos indios; julga, porém, Hercules que o sr. Langsdorff deveria ter apresentado a pergunta de outro modo, indagando simplesmente o destino que davam aos prisioneiros, afim de evitar a menor iniciativa na resposta.

Os bens dos *Apiacás* são em commum. Cada habitação consiste n'uma unica e grande choupana, onde reside toda a tribu. O indio de uma malóca entra n'outra e se estabelece tão simplesmente como deixára a sua, porque em todas ellas está em casa. Todos vão semear milho e outros grãos e plantar, quando é tempo, mangaritos; do mesmo modo em chegando a colheita, cada qual vai recolher o producto do trabalho de todos e leval-o á choupana para deposital-o na tulha suspensa, onde qualquer tem o direito de tirar quanto queira. Assim tambem com o resultado da caçada e pescarias, com canôas, cóvos, utensilios, etc.

De seu não tem o *Apiacá* sinão o arco, flechas e enfeites.

Da sociedade que formam póde-se dizer o mesmo que de sua nudeza, alimentação, etc., comparados com o estado do povo entre nós. Tudo entre elles é simples; nada, portanto, repellente. Vão nus; tambem nunca vestem farrapos nem roupa suja e remendada. O corpo está sempre limpo, disposto pela nudez em que vivem a se atirarem por qualquer cousa á agua. Desconhecem o grande principio da propriedade; tambem entre elles não ha ladrões nem assassinos, nem envenenadores, nem falsarios, nem ratoneiros, nenhum d'esses males moraes que affligem os homens civilizados.

Para ficar impressionado é preciso contemplar os grandes contrastes. Estudemos esses indios em suas mattas; acharemos o sentimento de cada um a bem de todos; consideremos a civilização, veremos que cada qual só em si cuida, não que o estado selvagem possa ser jámais aceitavel e de desejar. Embora escoimado de seus defeitos, esse estado não passaria de um periodo de infancia. Cem vezes preferivel é a civilização com todos os seus horriveis tormentos: ahi ha a luta pelo bem, a melhor partilha que o homem possa aspirar.

Entre os indios vêm-se raros velhos. Um homem e uma mulher eram os unicos que mostravam ter de 50 a 60 annos.

O *guarany* ou *lingua geral brasilica* fallam os *Apiacás*. Nas missões portuguezas, hoje brasileiras, do Rio Grande do Sul, nas do Paraguay, o povo, e sobretudo a raça indigena, usa ainda d'esse idioma. Em S. Paulo, ha sessenta annos (1), as senhoras conver-

(1) Isto é, em fins do seculo XVIII.

savam n'essa lingua, que era a da amizade e da intimidade domestica

No Paraguay é commum a todas as classes; mas, como outr'ora em S. Paulo, só é empregado em familia, pois com extranhos se falla hespanhol. As tribus de indios têm cada uma um dialecto que lhes é peculiar; entretanto, começando pelos *Apiacás*, no Jurueña, Tapajós e Amazonas, exprimem-se em guarany.

Pelo que parece, é essa lingua geral, que se encontra do norte ao sul do Brasil, um problema ethnologico. Na época do descobrimento estava já espalhada, ou o foi pelos jesuitas, ou pelos invasores, ou pelos mesmos indios nas emigrações a que eram forçados para fugirem dos portuguezes. Ainda de mais vulto torna-se o problema, quando se reflecte que todos os nomes topographicos da immensa superficie do Brasil do norte a sul, de E. a O., são de origem guarany; que o Paraguay inteiro, a republica do Uruguay e a parte N. E. da Confederação Argentina, têm denominações n'essa lingua para seus rios, cidades, etc.

Este grande factó reproduz-se tambem nas Goyanas portugueza, hoje brasileira, e franceza. O que, porém, fôra ainda mais de admirar, si o que contam é real, é que na ilha de S. Domingos ha um rio Capivary, do mesmo modo que em S. Paulo e outras provincias do Brasil. A palavra *caraiba* das Antilhas tem muita semelhança com *cariva*, que em guarany significa *branco* (1).

Dez dias durou a estada da commissão entre os *Apiacás*, de cuja malóca abicaram na embocadura do

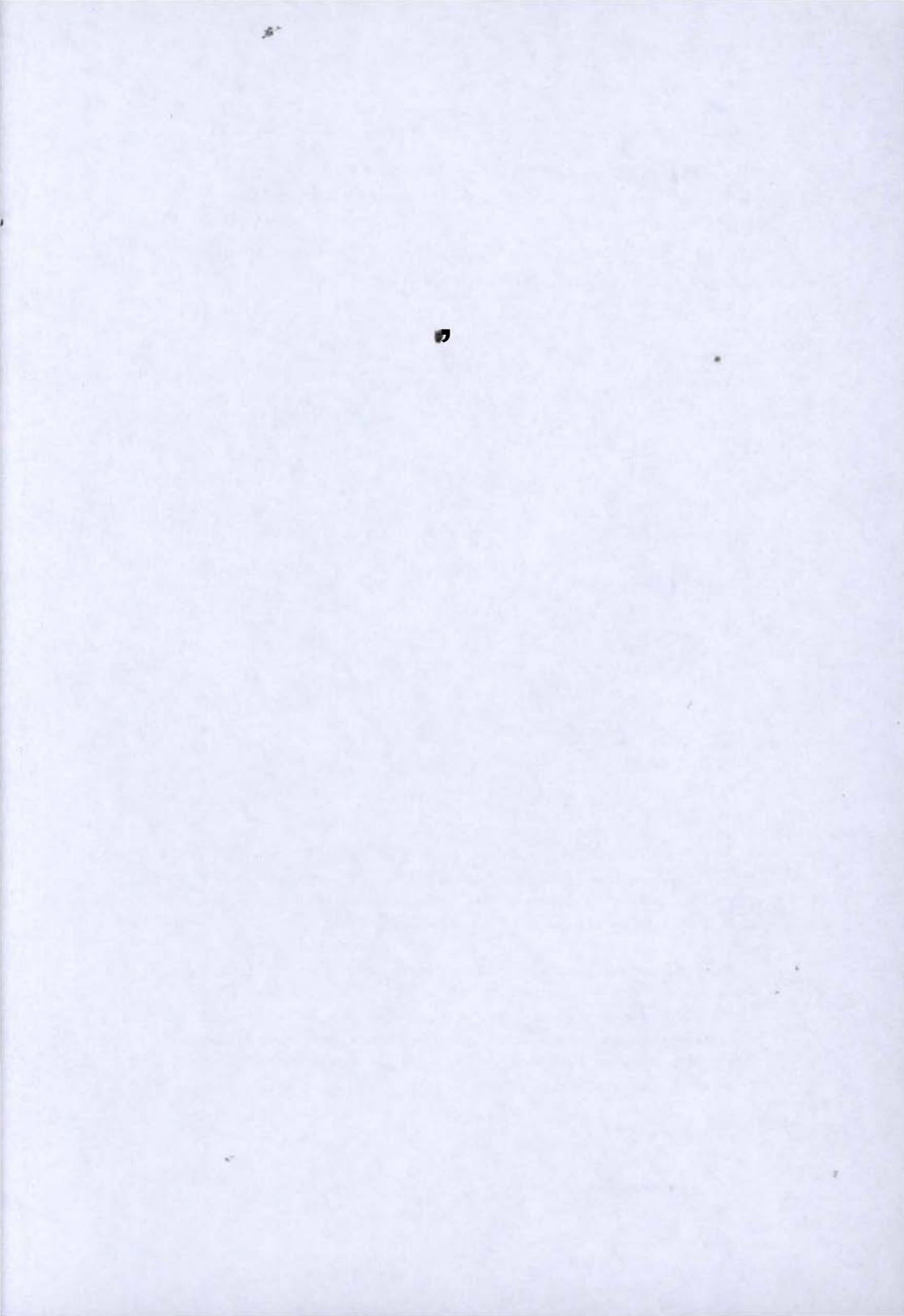
(1) *Esboço da Viagem, passim*; e *Manuscripto*, de pags. 371 a 381.

rio dos Peixes. Passaram a cachoeira do *Rebojo* (1). A 23 de Abril passaram por diante da embocadura do Juruena, á esquerda, rio tão largo como o Arinos, que ahi perde o nome (2). No dia seguinte alcançaram a ultima malóca dos *Apiacás* no Juruena.

(1) A 22 de Abril. *Esboço da V.*, pag. 280.

(2) Depois da junção das aguas é, de uma margem á outra, impossivel distinguir uma piroga cheia de gente. A largura estimativa será de 450 braças. *Ibid.*

O Juruena (e não Juruema, como escrevem alguns) é grande rio que separa em grande parte de seu curso o Perú do Brasil. Nasce 20 leguas ao N. N. E. da cidade de Villabella de Matto-Grosso e dirige-se no rumo do N. por espaço de 120 leguas, engrossando-se com as aguas dos rios Juena, Sucuriú e outros, menores. — Esboços de desenhos a pag. 379-380 do *Manuscripto*; todos a lapis.





CAPITULO IV

Da vasta provincia de Matto-Grosso, diz Hercules, são o Diamantino e Villa-Bella os dois pontos mais insalubres.— As febres continuavam a accommetter com força a expedição (1). Entretanto, pondéra o Dr. João Severiano da Fonseca, talvez não seja com muito acerto que se capitule de malsão e inhospito o clima de Matto-Grosso. Composta de duas vastas regiões, o planalto e a baixada, são-lhe bem diversas as condições climatericas, pelo seu hypsometrismo, natureza e influencias do solo (2). O clima do planalto é muito salubre;

(1) *Esboço da Viagem*, na *Revista Trimensal*, tomo XXXIX, parte 2.^a, pag. 159. «Novamente esquecemos o dia do mez, tão doentes estavamos todos». *Manuscripto*, á pag. 337.

(2) *Ibid.* Cf., para o estudo da região, o *Diario da Viagem* que por ordem do Illm. e Exm. Sr. João Carlos Augusto d'Oeynhausén Grevenburg, governador e capitão-general da capitania de Matto-Grosso nomeado para a do Pará, fizeram os capi-

e essa região, onde as molestias endemicas são quasi que completamente desconhecidas e onde as epidemias poucas vezes assolam, abrange cerca de duas terças partes do territorio matto-grossense.

Nas comarcas alagadiças é que actúa uma atmosphera densa, pesada e carregada de principios miasmaticos; e não é pelo clima d'essa parte que se deve auferir a salubridade,—a constituição medica da provincia.

Mas esta noção existe e tem perdurado, porque as estradas de Matto-Grosso são os seus rios, os *chemins qui marchent* de Pascal (1), e os viajantes só por elles que conhecem a provincia; rios que tendo, em geral, mal povoadas as margens, e portanto descurados seus leitos e bordas alagadiças dos meios de saneamento que a população, a necessidade e a civilisação requerem e impõem, são outros tantos fôcos de quanta phlegmasia ha por ahi de character palustre (2).

tães Miguel João de Castro e Antonio Thomé de França, pelo rio Arinos, no anno de 1812. (Archivo Publico Brasileiro).

Cf. mais a *Informação* sobre o modo por que se effectúa presentemente a navegação do Pará para Matto-Grosso, e a que se póde estabelecer para maior vantagem do commercio, e do Estado, por D. Francisco de Souza Coutinho, 4 de Agosto de 1797 (Manuscripto do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.)

(1) Deve ser a de Santa Eduvigés das Furnas, de que falla o *Diario* de Miguel João de Castro e Antonio Thomé de França. «Oitava cachoeira do rio Coxim. As canoás devem subila e descê-la de carregadas», diz Milliet de Saint-Adolphe.

(2) De S. Lucas Evangelista, *Diario* cit.

A 26 de Abril de 1828 a expedição deixou a morada dos *Apiacás*, ultima d'essa tribu no Juruena em seu caminho.

(1) *Esboço da V.*, pag. 269.

(2) «Não são privativos nem peculiares aos pantanaes de Matto-Grosso taes condições de salubridade. O que se dá com os seus rios de margens alagadiças e com os terrenos sujeitos á inundaçáo, deu-se e dá-se com os do mundo todo—lá onde não se apresentou ainda o homem com o quanto baste de actividade e industria, para modificar a acção deletéria da natureza e transmudal-a de perniciosa e lethal em salubre e propicia á vivenda do beneficiador. Tambem pestilentos foram o Rhodano, o Sena, o Moza e o Rheno, e os lamaças da França e Belgica, para as hostes de Mario e de Julio Cezar. O Nilo e o Euphrates, ainda ha bem pouco tempo, contavam os annos pelo numero de epidemias desoladoras; e, laboratorios da peste, eram o berço do typho negro, como o Ganges o era do typho azul e o Mississipi do typho amarello. O que se dá com os valles alagados de Matto-Grosso, dá-se com os do Amazonas e com os de quasi todos os grandes rios do Brazil; dá-se em avultado numero de correntes menores; dá-se, aqui bem perto, nos ribeirões da nossa bahia; dava-se mesmo, não ha muitos annos, n'esta côrte, quando não pequena parte da sua área era occupada pelos manguaes da cidade nova e pelos almargeaes do Catete e Botafogo. As febres miasmaticas, as molestias dos orgams glandulares e do tecido celular, o lymphatismo torpido eram-lhe enfermidades typicas.»—DR. JOÃO SEVERIANO DA FONSECA, *Viagem ao redor do Brazil*, 1º vol., Introduç., Esboço Chorographico da Provincia de Matto-Grosso, cap. IV, § 1º. pags. 170—171.—1881. E' uma obra excellente, com varias illustrações e plantas do Forte de Coimbra, de Corumbá, de S. Luiz de Cáceres, de Casal-Vasco, do Ladario e de Corrientes.

—Muitas das illustrações são devidas ao V. de Taunay.

(3) Id. id. á pag. 169.

(4) «*Si les rivières sont des chemins qui marchent*, como disse Pascal, nenhum paiz do mundo, tendo menos estradas abertas, tem mais *estradas que andam* do que Matto-Grosso. E sem querer fazer praça de conhecimentos, e sómente recordar os es-

tudos e investigações dos antigos exploradores paulistas, a quem deve a provincia o descobrimento de seus invios sertões, farei uma resenha da extraordinaria rêde potamographica que a cobre, uma das mais opulentas do globo; na qual as correntes conhecidas são em numero superior a seiscentas, e em milhares se podem computar todas as que a formam.—Dr. João Severiano, obra citada, loc. cit., cap. II, § 1^a á pag. 61. Consultar-se ha com fructo esta parte do notavel livro do eminente scien-
tista Brasileiro.

— Si bem que encachoeirados, quasi todos os rios que correm no grande araxá, a mór parte d'elles offerece, no emtanto, livre navegação em longos tractos desempeidos de entraves, ora a meio de seus cursos, ora, e mais geralmente, na porção inferior.

O Tapajoz, com 330 kilometros; Xingú, com 165, desde *Piranhacoára* até a fóz; Araguaya, com 1.040; Alto-Tocantins, com 1.218; Baixo-Tocantins, com 279; o Mortes, com cerca de 800, e muitos outros subsidiarios.—O Paraná, entre os saltos do *Urubupungá* e das Sete-Quédas, efferece 660 kilometros, com uma rêde immensa de tributarios, quer na provincia mesmo, quer nas outras visinhas, caminhos dos antigos sertanistas e primeiros exploradores; sendo que só o Rio Grande tem 1.300, o *Sapucahy* 240 e o *Cabo Verde* 180 kiloms.

Na região baixa, que pelo lado de O. S. O. cerca a provincia, formando as vastissimas bacias do Paraguay e do Guaporé, pôde-se dizer desempeida a navegação. Por aquelle sóbe-se a vapor até *Herculanca*, Cuyabá, Diamantino e Registro de Jaurú; e em canôas até ás ultimas fontes do S. Lourenço, no Piquiry, até ao porto da antiga fazenda de Camapuan, até Nioac e até cabeceiras do Cuyabá.

Seu curso é de cerca de 2.500 kiloms., mas a sua rêde potamographica é 20 vezes maior.—O Guaporé e o Mamoré são francos n'uma extensão de 1.700 kil., a que se addicionarão mais 5.500 das dos seus affluentes; e o Madeira, livre da região encachoeirada que se prende ao Mamoré n'um percurso de 388 kiloms., offerece, como o Paraguay, da Guahyba para baixo, navegação aos navios de maior calado por todo o resto de sua

Foram então apanhados por forte temporal (1), que os obrigou a irem buscar refugio n'um braço estreito

corrente, extensa de 1.200 kiloms., até entroncar-se no Amazonas,

O das aguas gigante caudaloso,
Que pela terra alaga-se vastissimo ;
Do Oceano rival, ou rei dos rios,
Si é que o nome de rei o não abate ;
Pois mais que o rei supera em pompa e brilho,
No solio, á multidão em torno curva,
Supera o Amazonas na grandeza
A quantos rios ha grandes no mundo !

Dos seus affluentes, o Gyparaná tem 120, o *Manicoré* outros tantos, e o *Aripuaná* mais de 200 kiloms.

Ligada á rêde amazonica, que se póde computar em 50 a 60 mil kilometros, não será exaggerado o computo de 10 a 12 mil myriametros para a rêde potamographica da provincia de Matto-Grosso. Os engenheiros do seculo passado calcularam em 12 mil leguas quadradas, de 20 ao gráu, a bacia do Guaporé, isto é, o territorio regado pelos seus affluentes ; em 44 mil a do Madeira ; e em 8 mil cada uma das do Beni e Mamoré. Inferiores a estas não são as do Tapajóz e do Xingú ; as do Araguaya e Paraná, e a do Paraguay, só cedem em grandeza á do Amazonas, que por si só representa quasi metade da superficie de toda a America Meridional.

Cf., além do Dr. JOÃO SEVERIANO, obra cit., *O Imperio do Brazil na Exposição Universal de Vienna, 1873* ; Dr. A. DE E. TAUNAY, *A Provincia de Goyaz na Exposição de 1873* ; Senador Dr. JOAQUIM FLORIANO DE GOGOY, *A Provincia de São Paulo em 1873* ; BARTOLOMÉ BOSSI, *Viage pintoresca en los rios Paraná, Paraguay, etc.* E outros.

(5) Dr. J. Severiano, obra cit., á pag. 170.

(1) Um confronto litterario.

Uma tempestade descripta pelo auctor da *Viagem ao Redor do Brazil* :

«A aproximação das tempestades é de ordinario presentida. A temperatura se eleva, o ar parece de fogo : não sopra a menor aragem. A natureza como que se abate, extatica e assus-

do rio. O curso do Juruena é pedregoso e semeado de *entaipabas*, que não lhe impedem a navegação, embora a difficultem, n'uma extensão de cem a cento e vinte leguas.

tada. Os animaes perdem o animo, murcham as orelhas, abatem as caudas; si selvagens embrenham-se nas florestas, si amphibios precipitam-se nas aguas. Os domesticos aproximam-se do homem, como que confiados na protecção d'elle. Nem as grimpas das arvores baloiçam: as mattas, n'uma quietude medonha, parecem solidos inteiriços. As aves achegam-se dos ninhos, suspendem os vôos e se escondem; algumas, como as gaivotas, enchem os ares de suas vozes assustadas e quasi que lamentosas, prenunciando a tormenta: mas, logo se calam. O ambiente cada vez se achumba mais, e a respiração se torna mais difficil.

Ha uma especie de dureza em tudo o que nos cerca: um torpor gravativo; um silencio especial, só quebrado pelo rumor das correntezas, que augmentam de estrepito e fazem ainda maior a anciedade do homem.—Sem muita difficuldade se reconhece a quantidade de ozona com que a electricidade sobrecarrega a atmospherá. Ao preparar-se as soluções de iodureto de potassio, para meus doentes, o sal indicava, em pouco tempo de exposição, differença na côr, devida sem duvida á afinidade do oxígeno electrísado para com o iodo.

Entretanto, nem uma nuvem no céu:—sómente o sol havia amortecido seus raios, occultos sob um véo espesso e achumbado. D'ahi a pouco denso *nimbus* surgia do horisonte, elevando-se de S. ou SO.; fazendo-se já ouvir o longinquo e surdo reboar do trovão. Em breve, scintillam os relampagos; amiu-dam-se e amiuda-se o trovão, já com estridor medonho. O ambiente modifica-se extraordinariamente e a temperatura decresce com rapidez. Sopra uma brisa, de ordinario do quadrante austral, que em breve se converte em violento tufão.—Um grosso pingo de agua, outro e outros, isolados, grandes e gelidos, cahem a grandes espaços no chão. São as avançadas de um aguaceiro diluvial que traz, por atiradores, um chuveiro de granizos e açoita a natureza por alguns minutos.

Meia hora depois o sol resplende fulgurante. O céu está limpido e sereno; a brisa murmura suave; as arvores curvam

Antes de chegarem á cachoeira de *S. João da Barra*, que precede o *Salto Augusto*, encontraram uma *igaritézinha*, de um negociante do Diamantino, que

se levemente ao sopro fagueiro ; a natureza sorri ; os passaros sacodem das azas as gottas de agua que tiveram força de embeber-lhes as plumas, e cantam ; os animaes todos mostram-se contentes, e o homem sente-se reanimado e feliz. Tudo respira com mais vida : sómente guardam por algum tempo o signal do cataclysmo a relva abatida dos campos, as folhas despidas e os galhos lascados das arvores da floresta, e as correntes que, mais tumidas e tumultuosas, vão, comtudo, pouco a pouco perdendo a sua soberbia e entrando de novo nos limites que a natureza lhes demarcou.—Poucas horas depois só saberia do acontecido quem o houvesse presenciado.

Uma tempestade descripta por Hercules Florence, a pag. 388—389 de seu precioso Manuscripto :

« 2 de Maio de 1828.—.... Formou-se uma trovoadá que se adiantou sobre nós. Retido, porém, pelo trabalho de tirar a vista do *Salto Augusto*, (que se vê a pags. 384, 385, 388 e 389 do Manuscripto, quatro desenhos diversos—o terceiro é lindissimo) —deixei-me ficar, tanto mais que o guia divertia-se em pescar volumosos peixes, como se costuma pescar os perto das grandes quédas.

Sobre nossas cabeças azulava o céo ; massiços de nuvens arredondados e illuminados por cima formavam um arco que tomava os pontos extremos do horisonte, arco sombrio no interior e recortado em stalactites, d'onde cahiam columnas mais escuras de chuva, que o vento inclinava para a esquerda.—Arrebentou o raio ; abriam-se as cataractas do céo, mas embaixo a paizagem tornou-se ainda mais resplandescente.—Dois grupos de elevado arvoredo tambem negrejantes corôavam o rio transformado em extensa e alva esteira, cuja franja cortava em linha recta essa soberba perspectiva.

As columnas de chuva pendiam para a esquerda ; as mil movediças dobras da esteira para a direita ; mais abaixo, porém, todas as aguas corriam espumantes para a esquerda, isto é, para a ilha, desviadas, como são, por um penhasco ligado a ella na parte submersa, de 14 pés de alto, direito como uma flecha, e

vinha de Santarém; era do tamanho de uma chalupa, tripolada por dez camaradas, dos quaes tres *Apiacás*. O chefe da tripolação vinha atacado de febres.

Os *piúns* (insecto alado tambem chamado *mosquito polvora*) e os *borrachudos* martyrisavam a expedição, além das febres, cujas principaes victimas eram o Consul e Rubzoff. — «A fraqueza era tal, que não podiam sahir da rêde; a perda de appetite completa. Os calafrios voltavam-lhes diariamente ás mesmas horas, precedendo

de encontro ao qual batem, rugem e espadanam as ondas. Ahi se fórma a segunda quéda, que é a continuação d'aquella que haviamos visto da margem em que ficava nosso pouso. — Para cá do penhasco e da correnteza da ilha, é o rio quasi calmo. — Essa quéda não dá idéa do cháos, como a companheira da direita. Nenhuma columna de denso nevoeiro ahi se vê; pelo contrario vapores adelgaçados pairam horizontalmente sobre o lençol d'agua, como uma miragem, principalmente á direita do espectador, onde o salto nada mais é que um fóco de deslumbrante alvura.

Não tive tempo sinão de tirar muito ás pressas um esboço. A trovoadá desabou sobre nós com tal furia que, antes de alcançarmos a canôa, correndo sobre as rochas, já estavamos varados pela chuva. Despi-me todo, na crença de que a roupa molhada e fria poderia me fazer mal e puz-me a trabalhar de remo para conservar o sangue em agitação, e não me deixar tolher pela chuva e o vento. Cheguei, porém, á barraca transido de frio, o capote e as cobertas mal me davam algum calor.

Toda a noite ardi em febre, acompanhada de grande dôr de cabeça e extrema fraqueza, com todos os symptomas, emfim, das febres intermittentes. Com effeito fui de novo atacado e durante 10 dias por ellas muito maltratado, não tanto, porém, como os meus companheiros, a quem eu dava o braço para ajudar a caminhar. Desde então tive mais ou menos calafrios e febre até Santarém. »

accessos de febre de tal violencia que faziam-n'os involuntariamente soltar gritos entrecortados e dar pulos de agitar as arvores, onde a rêde, mosquitoeiro e tôdo estavam armados. Vi a folhagem d'essas arvores, cujo tronco tinha uns 33 centimetros de diametro, tremer na altura de 40 palmos. Cada rêde estava suspensa a duas d'ellas» (1).

Hercules foi, pela segunda vez, atacado da terrível *malaria* (2).

Chegaram ao Salto Augusto (3). Tem cerca de 20 metros de altura, n'um contraforte da serra dos *Apiacás* (4). Era no dia 30 de Abril.

A aproximação é cheia de perigos. Com rapidez encostaram-se á margem direita e abicaram com precisão no cotovello que ella faz a 200 toezas da cataracta. O batelão foi o unico que não conseguiu executar essa manobra, porque, tripulado por tres homens inhabeis, achou-se levado por um torvelinho, d'onde pôde safar-se, mas para cahir na correnteza, cuja violencia custa a vencer. O piloto não dirigia mais a pôpa, que se voltára para o salto.

Suppuzeram-n'os perdidos !

(1) *Esboço da V.*, pag. 292.

(2) *Ibid.*

(3) O Dr. João Severiano dá uma vista do *Salto Augusto* á pag. 79 de sua cit. obra, e faz mui ligeira referencia á commissão scientifica do conselheiro russo Langsdorff.

(4) Considerado como um ponto conveniente para auxilio dos navegantes e reparo de suas forças, foi ahí estabelecido um destacamento e aldêa de indios *Apiacás*, em 1809, por ordem do capitão general João Carlos Augusto de Oeynhausen, em honra de quem recebeu o nome, do mesmo modo que outras duas cachoeiras, entre elle e o Arinos, as de *S. João* e *S. Carlos*.

Um dos pilotos gritou-lhes de tentarem galgar a ilha que divide a cataracta : ilha inabordable!

Felizmente os dois homens da prôa remaram com tanta energia que o batelão tornou a entrar no redomoinho, o que os salvou, porque aproveitando-se do primeiro impulso tomado pela embarcação e resistindo com os remos ao movimento gyratorio, conseguiram alcançar a margem em que estavam, umas quarenta braças abaixo.

Quatro annos atraz, n'esses mesmos lugares déra-se um lamentavel successo, salvando uma criança de 14 annos sua vida por um rasgo de admiravel coragem.

Uma monção que subia o rio, tinha já terminado não só todos os trabalhos do Salto, mas ainda as penosas manobras peculiares a essa margem que se adianta em curva sobre a cataracta. Essas manobras, dictadas pela prudencia e que exigem as maiores precauções ao subir-se o rio, consistem em ter um numero capaz de homens collocados em terra afim de puxarem por um cabo a embarcação, na qual vão duas ou tres pessoas para a governarem até attingir-se um ponto onde não ha mais perigo, e que é justamente aquelle em que se achavam. Todas as canôas tinham já transposto esse trecho perigoso ; só faltava um batelão, no qual vinham dois homens e o tal menino de 14 annos de idade. Partiu-se a corda quando puxavam esse batelão, e a corrente de rojo o impelliu para o Salto. Os pobres coitados iam da prôa á pôpa sem saber o que fazer e, vendo a morte imminente, levantavam as mãos para os céos, gritando misericordia. Pilotos encanecidos nos perigos d'essa travessia, ao testemunharem tal desgraça, perderam os sentidos. Entretanto o menino, vendo de longe na crista do Salto um arbusto balançado pelas

ondas, atirou-se a nado e agarrou-se aos ramos, enquanto seus infelizes companheiros e o batelão eram precipitados no fundo abysmo.

Com toda a pressa trataram de amarrar cordas umas ás outras ; correram ao longo da margem até ao ponto mais chegado e d'ahi largaram uma canôa retida por cabos e tripolada por dois intrepidos homens. O menino foi salvo !

O guia, os pilotos e seus ajudantes e proeiros, todos gente de escolha, fizeram descer as canôas uma após outra até á reintrancia do cotovello, onde começa o porto, e voltaram de cada vez por terra ; executaram duas vezes manobra identica até ao porto, que fica mesmo acima da cataracta.

Não ha mais do que caminhar uns cincoenta passos, dobrar a esquerda e acha-se o viajante n'uma plataforma de rochedos, da qual descortina a quéda do Juruena, celebre pela sua extensão em tres secções e pelos perigos que ahi se corre. Podem-se molhar os pés na espuma da margem, não alcançando a vista nada mais do que alvamento barathro, no qual se engolfa o rio com o estrondo da trovoadá, espadanando-se as ondas rugindo em massas animadas que se embatem, como a quererem se devorar umas ás outras e produzindo vapores condensados que, erguendo-se aos céos em seis columnas, a modo de bulções rutilantes de alvora, de prompto se dissipam nos ares. Os caixões d'agua saltam, correm e se atiram em segunda quéda, onde se formam novos rôlos de movediço neveiro. Adiante disparam para terceiro e immenso jacto, depois do qual o rio, estreitando-se, deslisa-se como sulco branco e se esconde por traz de umbrosa margem.

Por notavel contraste, voltando-se para a esquerda, descansam os olhos, ainda deslumbrados d'esse eterno

turbilhão, n'uma enseada batida de ondas que vêm se quebrar mansamente no musgo verde da plataforma, e além n'uma muralha cortada em tres planos de rochas, por onde descem mil fios d'agua, representando um como amphitheatro de tres ordens de lyras de brancas cordas, onde a vibração cahe e geme na pedra, misturando distinctamente eolios sons aos rugidos da cataracta.

Do outro lado da grande quéda, vê-se a ilha. Rodeada de liquidos sorvedouros, de ondas tão altas como as do oceano, por todos os lados inacessivel, submersa na sua porção superior e em parte occulta pelo nevoeiro, parece surgir da espuma de vasta cratera em liquefacção. Corôa-a comtudo uma floresta de grandes arvores. Que sêres, porém, buscam sua sombra? Nenhum animal pôde alcançal-a com vida. Pé humano ainda não a pisou. Pisal-a-ha um dia, quando a civilisação tiver penetrado n'essas regiões? E' o que se pôde afirmar com toda a segurança.

Por traz da ponta inferior da ilha, vê-se surdir a outra metade do rio ainda espumante, pois, no dizer da camaradagem, é a outra parte do Salto, occulta pela ilha, tão grande como esta. Todo esse quadro agitado é emmoldurado em uma fita de floresta como a que tinham visto em todos os rios e correntes que navegaram, com excepção do Rio Pardo e do Coxim.

Junto ao porto inferior e á beira de um barranco de 30° de inclinação formaram pouso. O *varadouro* tem 400 passos de um porto a outro, ficando um acima do outro 150 pés, segundo geral estimativa.

Perto demorava um cemiterio onde, no anno pasado (1827), haviam sido enterradas 40 pessoas, victimas das sezões que assaltam os viajantes d'essas insalubres correntes. Ahí fôra plantada uma grande cruz

de 20 pés de alto, afim de collocar essa terra e restos debaixo da protecção do respeito religioso. O tumulto e as agitações da cataracta mais exaltam esse sentimento, tornando-se a presença da morte um dos mais assinalados caracteristicos d'essa grandiosa natureza (1).

Não foi sem difficuldades nem perigos, por falta de utensis apropriados, que a expedição conseguiu arrastar as canôas: trabalho insano! a que deram principio no dia 2 de Maio. As *terçans* grassavam com intensidade; já a expedição não tinha chefe, succumbido ao peso do mal, que recrudesca. De 34 pessoas apenas 15 estavam de saude.—No dia 6 atirou-se a primeira canôa á agua; no dia 7 arrastou-se a segunda; mas, apesar das precauções, soltaram-se os cabos que a retinham, escangalhando-se a prôa.

Partiram então para a matta do *Tucurisal*, floresta de *tucuris* (2), á qual chegaram com uma hora de navegação. Como deviam ficar ali parados alguns dias, nos dois primeiros mandou o Snr. Langsdorff derrubar varias possantes arvores afim de arejar o acampamento, que assentava em terreno bastante inclinado e por isso incommodo. No terceiro dia, os camaradas acharam a 300 passos do pouso um *tucuri* de bom tamanho para dar a canôa precisa e consumiram o dia inteiro a pô-lo em terra. E' que n'esses casos não se trata só de cortar uma arvore; convém levantar em torno um andaime, para chegar á

(1) *Esboço da V.*, de pags. 288 a 291; e Manuscripto, de pags. 383 a 386, com 3 vistas.

(2) *Esboço da V.*, pag. 297. «Na nossa estada no Diamantino, muito se regosijava o sr. Langsdorff com a idéa de que ia vêr o *tucuri*. Pelo que dizia, era arvore quasi desconhecida na Europa, tendo tido muito expressas recommendações de sabios para colher todas as indicações possiveis.»

altura em que não ha mais saliencia e o tronco é arredondado (1).

A camaradagem levou onze dias a fazer a canôa. Apareceu uma tropa de *Mundurucús*, (2) que amenisaram o tédio causado pelas molestias e pela tristeza e malancolia da floresta. Depois de 12 dias de parada no Tucurisal, a flotilha deixou «esses malfadados desertos».

Nova desgraça aguardava a expedição. Já dissemos o estado mental do Consul Langsdorff. As vicissitudes da viagem, as febres continuas, abalaram de todo o seu organismo e obscureceram a sua razão. Na matta do Tucurisal «foi que se manifestou o estado desastroso em que cahiu o Snr. Langsdorff, isto é, a perda da memoria das cousas recentes e completo transtorno de idéas, devido á violencia das febres intermittentes» (3).

Essa perturbação, da qual nunca mais se restabeleceu, obrigou a commissão a ir para o Pará e voltar

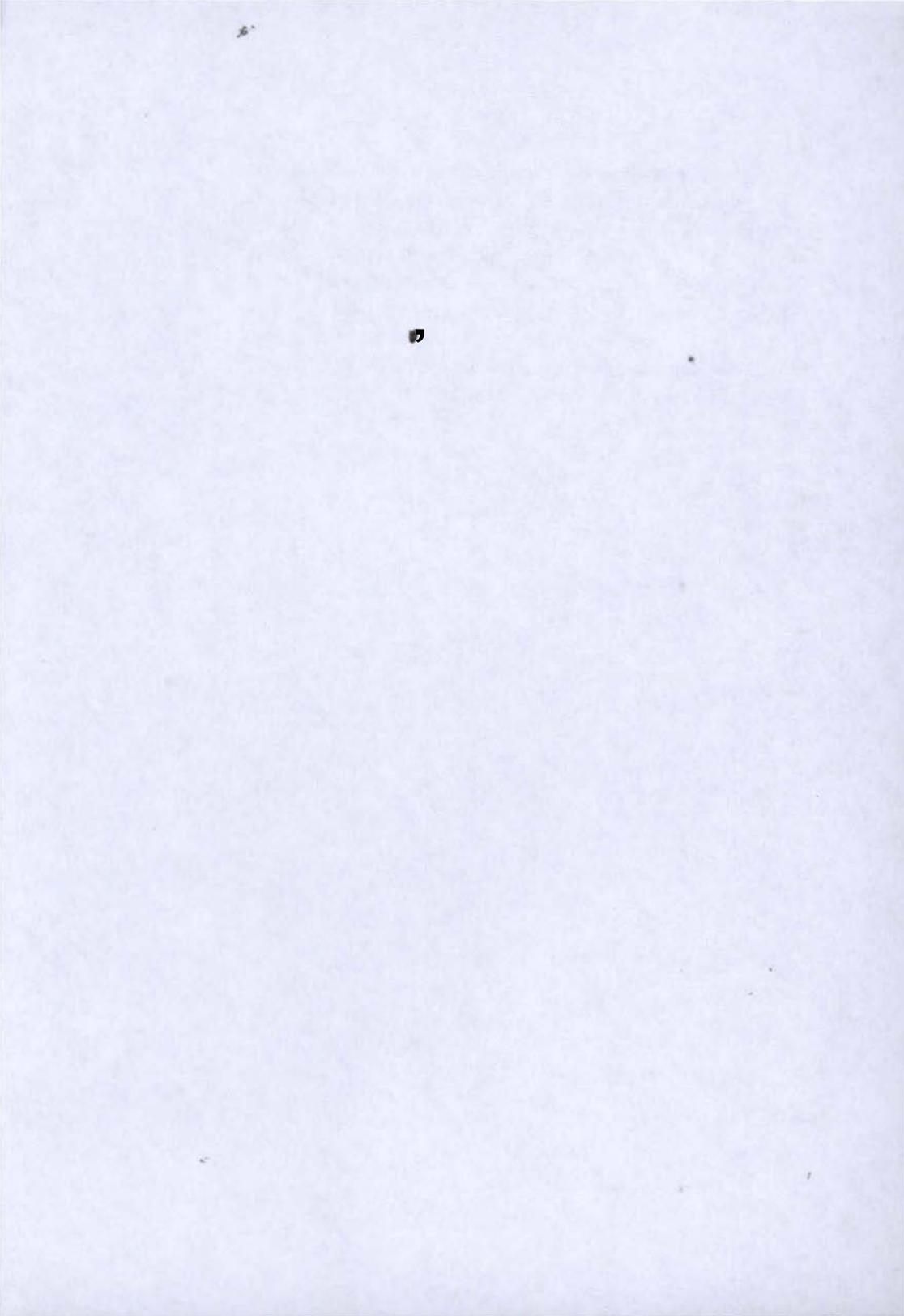
(1) *Esboço da V.*, pag. 295.

(2) *Id.*, pags. 299 — 300, e Manuscrito, de pags. 394 a 396, com dois desenhos.

(3) *Esboço da V.*, pag. 298, e Manuscrito, pag. 394.—V. de Taunay, *A Cidade de Matto-Grosso*, pags. 23—24, e Introduç. ao *Esboço* de Hercules, á pag. 349. «N'esse lugar fatal, apagou-se quasi totalmente a intelligencia do Consul Langsdorff. Tendo perdido a memoria, praticava actos desasizados que compunham tristemente o coração de seus subordinados. Já sem chefe, decidiram estes descer o Jurueua e Tapajóz, afim de mandarem o infeliz viajante para o Rio de Janeiro sem mais perda de tempo. Assim fizeram e, chegando á villa de Santarém em principios de 1829, despacharam um proprio para a barra do Rio Negro, dando ao botanico Riedel conta de tudo quanto succedera....»

para o Rio de Janeiro, pondo assim termo a uma viagem, cujo plano, antes d'essa desgraça, era vastissimo, pois deviam subir o Amazonas, o Rio Negro, o Branco, explorar Caracas e as Goyanas e regressar ao Rio de Janeiro, atravessando as provincias orientaes do Brazil. Talvez tivessem tambem tomado outra direcção, a do Perú e Chili, por exemplo. Não havia sido pelo governo da Russia determinado ao Snr. de Langsdorff nem tempo nem caminho certo (1).

(1) *Esboço da V.*, pag. 298 e Manuscrito, pag. 394.





CAPITULO V

O *Esboço da Viagem* e o *Manuscripto* de Hercules Florence, desde a sahida do Tucurisal, resentem-se de faltas e lacunas, provenientes da desorganisação da commissão scientifica, privada effectivamente de seu chefe, entregue a enfermidade mental incuravel (1), e das doenças que assaltavam o nosso Biographado.

Muitas vezes esqueceram o dia do mez em que estavam (2). Perto da corredeira dos Ternos, juntou-se-lhes uma *igaritê* que vinha subindo o rio, tripolada por oito homens. Foram elles que lhes disseram o dia e o mez em que estavam então: 20 de Maic.

Transpuzeram diversas cachoeiras, cujos nomes e

(1) Vide pags. 292.

(2) *Esboço da viagem*, na *Revista Trimensal*, tomo XXXIX, parte 2ª, pag. 159. «Novamente esquecemos o dia do mez, tão doentes estavam todos.» *Manuscripto*, á pag. 397.

trabalhos se lhes riscaram da memoria(1). As das Furnas (2), de S. Lucas (3), de S. Raphael, entre muitas outras, de difficil passagem.

«N'essas paragens todas as cachoeiras são *criminosas*, na energica expressão da nossa gente, isto é, n'ellas se têm dado sinistros» (4).

No *Canal do Inferno*, grande cachoeira cujo estrondo ao longe echôa, encontraram uma das moções dos negociantes da *igarité*, composta de 4 canôas carregadas de mercadorias procedentes de Santarém.

Vencida a cachoeira *Misericordia*, alcançaram a de *S. Florencio*, uma das maiores d'essa zona.

Depois de uma parada de trez dias em S. Florencio, partiram para a grande cachoeira ou *Salto de S. Simão de Gibraltar*. «Este é um dos mais trabalhosos passos que temos encontrado n'esta viagem, pois que, não só não admite navegação, como nem ainda varação, por serem as margens formadas só de altos e des-

(1) Ibid. Cf., para o estudo da região, o *Diario da Viagem* que por ordem do Illmo. e Exm. Sr. João Carlos Augusto d'Oeynhausén Grevemburg, governador e capitão-general da capitania de Matto-Grosso, nomeado para a do Pará, fizeram os capitães Miguel João de Castro e Antonio Thomé de França, pelo rio Arinos no anno de 1812. (Archivo Publico Brasileiro).

Cf. mais a *Informação* sobre o modo por que se effectúa presentemente a navegação do Pará para Matto-Grosso, e a que se póde estabelecer para maior vantagem do commercio, e do Estado por D. Francisco de Souza Coutinho, 4 de Agosto de 1797 (Manuscripto do Instituto Historico e Geographico Brasileiro).

(2) Deve ser a de Santa Eduvigés das Furnas, de que falla o *Diario* de Miguel João de Castro e Antonio Thomé de França. «Oitava cachoeira do rio Coxim. As canôas devem subil-a e descêl-a descarregadas», diz Milliet de Saint-Adolphe.

(3) De S. Lucas Evangelista, *Diario* cit.

(4) *Manuscripto*, á pag. 398, com uma vista de canôa transpondo uma corredeira.

camados penedos, em varias passagens, em que é preciso valer-se tambem das mãos para se não cahir (1)».

Entraram depois na região dos *Mundurucús*, que os receberam de modo menos amistoso do que os *Apiacás* (2).

Passaram os baixios da *Mangavéra* e a cachoeira da *Montanha*, que tem o appellido de uma ilha conica de cem metros de altura, cheia de arvores e bem no meio do rio.

Ainda transpuzeram as cachoeiras *Guapuz*, *Cuatá*, *Maranhão Grande* e *Maranhãozinho*.

São perigosas e pejudas de rochas, ilhas e arvores que lhes dão aspecto summamente pittoresco.

Na sahida do *Maranhãozinho*, ultima cachoeira d'essa viagem, esteve a canôa de Hercules em ponto de partir-se de encontro a uma pedra submersa, incidente que era aliás o typo de sua navegação desde o Rio Preto,

(1) *Diario* cit. de Miguel João de Castro e Antonio Thomé de França ; estes, do rio Preto, 5 leguas distante do arraial do Paraguay Diamantino, de onde partiram no dia 14 de Setembro de 1812, chegaram a este Salto no dia 28 de Outubro, com 39 dias de viagem. Chegaram a Belém do Pará no dia 5 de Janeiro de 1813, com 82 dias de viagem.

«Depois do *Salto Augusto*, é a cachoeira de S. Simão de Gibraltar a mais penosa de todas d'essa navegação, porque é muito comprida, pejada de quedas e cortada de dois saltos de 1m.5 a 2 de altura. As canôas têm que ir, em alguns trechos, arrastadas sobre as pedras. O descarregador é o mais extenso de toda a carreira desde o Diamantino até Santarém.

Não foi sinão depois de quatro dias de canseiras, que podemos vencer esse afanoso obstaculo». Hercules, *Manuscripto*, á pag. 401.

(2) Id á pags. 402—404, com desenhos de Mundurucús e suas habitações. Hercules dá interessante descripção d'esses Indios.

isto é uma successão ininterrompida de perigos, canseiras sem nome, pericia e lances felizes (1).

Estavam então no *Rio Morto*, «sem a menor correnteza, o mais insignificante baixio, desvanecidos todos os receios. Os pilotos davam-nos os parabens, trocavam as felicitações e deixavam ir as canôas á feição das aguas, sem mais cuidados, nem cautelas. De seu lado os remadores, abandonando os remos, bebiam, cantavam e em signal de regosijo atroavam os ares com tiros de espingarda» (2).

13 de Junho de 1828. De madrugada avistaram choupanas de *Mundurucis*, mais bem construidas e á esquerda outras de *Maués*, tribu diversa d'aquella e que mora n'essa margem, estendendo-se para o interior, onde fica mais bravia. As plantações e a região, embora pouco cultivada, trouxeram-lhes agradavel diversão ás vistas, cansadas de vêr tantos desertos. Ao surgir o sol, arvoraram a bandeira russa que os contra-pilotos salvaram com descargas, ao passo que a camaradagem ia remando e cantando e os proeiros batendo cadencialmente com os pés á prôa ou com as mãos no chato das pás.

Com essas festivas demonstrações abicaram em frente á casa de um morador oriundo de Cuyabá e muito conhecido da gente da expedição, o qual os recebeu cordialmente, e lhes proporcionou uma refeição de tartaruga e *pirarucú*.

Tornando a embarcar, foram mais abaixo a *Itaituba*, onde morava o commandante do districto, excel-

(1) *Manuscripto*, á pag. 405.

(2) *Esboço da V.*, á pag. 166.

lente velho muito estimado. Estabelecido uns cinco annos atraz n'esse lugar que achou deserto, reuniu cerca de 200 *Maués*, os quaes, apezar de pouco dados ao trabalho, tinham já levantado 10 ou 12 casas e plantado alguma mandioca, occupando-se tambem um tanto na extracção da salsaparrilha. Com cachaça, porém, gastavam tudo quanto podiam receber.

Em Itaituba acharam uma goleta de Santarém, ancorada diante da casa do commandante, vista que os impressionou agradavelmente, pois era indício de que haviam chegado a paiz maritimo, embora ainda ficassem distantes do oceano umas 160 leguas portuguezas.

A parca população do districto de Itaituba compunha-se de portuguezes e seus escravos, brazileiros e *Maués*, estes em maior numero.

Esportaneos são em sua maior parte os productos de exportação: a *salsaparrilha*, que os *colhedores* vão buscar do Pará, nas mattas do Tapajóz; a *borracha*, fonte de grande riqueza futura; o *cravo*; o *pichirí*, preciosas especiarias que attestam o vigor das regiões equatoriaes, quando banhadas por grandes rios; o *gauraná*, tão procurado da gente de Cuyabá, e que um dia juntará uma beberagem fresca e aromatica ao luxo dos botequins das cidades da Europa.

«Como complemento d'essa producção espontanea, deveriamos accrescentar a da pesca, como o *pirarucú*, que por si só póde dar alimento ao norte inteiro do Brazil, e a *tartaruga*, da qual tratarei no capitulo intitulado Gurupá, onde então mencionarei não só os productos nativos do Amazonas e seus affluentes, mas

tambem os cultivados, como cacáo, café, assucar, etc.» (1).

Defronte de Itaituba, na margem opposta, fica o districto de Uxituba, igualmente habitado por alguns portuguezes e *Mundurúcus*, que se exprimem em outro idioma que não os *Maués*, embora derivem todos elles da *lingua geral brasileira*.

«Como a goleta estava prestes a seguir viagem, não perdemos esse excellente ensejo de commodamente alcançarmos Santarém. Dissemos então adeus á nossa camaradagem, e adeus eterno, pois ella n'aquellas mesmas canôas devia regressar para os lugares d'onde tinha sahido, affrontando novamente os perigos, de que nos viamos livres; e, agradecendo ao commandante sua amavel hospitalidade, abrimos no dia 18 de Junho de 1828 as velas á bonançosa brisa, no meio de salvas que de terra e agua saudavam nossa partida» (13).

Tão fraco se achava o Sr. de Langsdorff, que só carregado em rêde é que pôde ser embarcado. O patrão do navio era um moço brasileiro de excellente character, cujo pai, portuguez e morador em Santarém, apesar do analphabeto, conseguiu grandes cabedaes n'esse abençoado paiz, o que lhe valêra além do mais o posto de coronel de milicias. Durante a guerra civil de 1824, em que foram perseguidas pelos nacionaes as pessoas de origem portugueza, estivera acoutado em Cuyabá, deixando a casa de negocio entregue ao filho, que, ou por inclinação, ou para salvaguarda dos bens que lhe

(1) *Manuscripto*, á pag. 406, com uma vista de Itaituba. Não encontrámos o capitulo intitulado Garupá, a que allude Hercules.

(2) Id., *ibid.*

eram confiados, não só se declarou filiado ao partido brasileiro, como transformou um grande predio pertencente ao pai em quartel de tropa. Organizando e fardando á sua custa uma companhia de cavallaria, marchou contra a gente de Monte Alegre, que, segundo era voz geral, queria o assassinato em massa dos portuguezes, e assim concorreu efficazmente para a manutenção da ordem publica em Santarém, devendo-lhe até a propria vida muitos patricios de seu pai; entretanto, voltando este por occasião de sanados os disturbios, censurou acremente o filho e não lhe perdôou ter feito despesas que subiam a tres contos de réis (9 a 10.000 francos).

Reinam no Amazonas e seus afluentes, durante quasi todo o anno, os ventos alizeos. Os de oeste ás vezes não sopram sinão em Janeiro, Fevereiro e Março. Ora, como o Tapajóz corre para N. E. e estavam então em Junho, tinham sempre, com excepção de inconstante brisa que vinha de terra quando o vento cahia ou ás vezes á noite, vento contrario. Accrescente-se a isto a quasi nenhuma correnteza e ter-se-ha a explicação de 13 dias de navegação para chegarem a Santarém, e ainda assim por estarem os indios e negros de bordo agarrados de continuo aos remos.

Uma legua de largura tem o Tapajóz, immensa superficie de agua doce que se agita com o furacão, levantando grandes ondas onde joga o navio como si fôra mar alto. Bandos de botos passam a cada instante de um lado e de outro, de modo que si não fôra a esplendida vegetação que por toda a parte limita o horizonte ou surge do meio das aguas como ilhas esparsas, crêr-se-hia a gente em pleno oceano. E entretanto o

Tapajóz não é mais que um affluente do Amazonas!... (1)

Durante a viagem não viram sinão tres povoações maiores : Aveiro, Santa Cruz e Alter do Chão. De vez em quando enxergavam-se, aqui e alli, choupanas de pobres lavradores.

Chegaram a Santarém no dia 1º de Julho de 1828. Do porto avista-se o Amazonas, que ahi tem duas leguas de largo. Assente na confluencia dos dois rios e á margem oriental do Tapajóz, é o povoado bonito e bem situado em terreno plano, que desce por uma rampa suave para a agua. N'uma eminenciasinha a E. vêem-se ainda as ruinas de um fortim construido pelos holandezes, quando até ahi levaram suas conquistas. O paiz em torno é chato umas tres leguas para o sul, onde se erguem montanhas, as primeiras que viam desde Itaituba. As ruas são largas, cortadas em angulo recto e bem alinhadas a cordel. A igreja, bem no centro, a melhor que se lhes deparou desde S. Paulo, com a fachada ornada de um frontão e de duas torres (2).

(1) O Tapajóz, corruptela de *Tupayú-paraná* dos aborígenes, chamou-se tambem *Paraná-pixuna*, nomes equivalentes a *rio-negro*, denominação que os indios dão ás correntes de aguas não barrentas, e que muitas vezes, sendo *crystallinas*, apresentam-se negras pela sua grande profundidade. E' um dos maiores rios da America, formado pela confluencia de dous grandes cursos, o *Arinos* e o *Juruena*, cada qual de mais de cem leguas de longo. Cf. Dr. João Severiano, obra cit. pag. 66 e Milliet de Saint-Adolphe, *Dicc. Geogr.*, tomo II, pag. 684—686.

(2) *Manuscripto*, pag. 409—410 com tres desenhos: uma vista de Santarém, uma aldeia de indios em Santarém e duas canoas ou *chaloupes*).

Santarém foi originariamente uma grande aldeia de Indios Tapajóz, que deram o seu nome ao grande rio em cujas margens

«Como quasi todas as povoações da provincia, possui Santarém seu aldêamento de indios. Fica elle para L., separado por um grande terreno quasi baldio. Transposto que seja, não se ouvem mais os asperos sons da palavra portugueza, porém sim as doces e incompletas entonações da lingua geral brazilica, que fallavam os pais d'aquelles aldêados, reunidos e congregados n'essas choupanas pelos jesuitas. O nome primitivo de aldeia fôra Tapajóz, nome tambem da povoação proxima, substituido porém pelo de Santarém, sem duvida por effeito da influencia que buscou dar denominações de origem portugueza a todas as localidades do valle do Amazonas.

Na bahia dez a doze sumacas de fundo chato e numero duplo de canôas. Veio-nos visitar a bordo o commandante de uma goleta de guerra de quilha. Ia partir para o Rio Negro, a 230 leguas portuguezas do mar» (1).

Escreve Hercules :

«Da janella do quarto que eu occupava em Santarém, e no qual todos os dias ficava duas horas a tremer de frio e febre, via á pequena distancia e do lado septentrional, não só o maior rio do mundo, da largura ahi de 6.000 braças, como, do outro lado, a Goyana Brazileira. Necessitando fazer provisão de galinhas, aluguei uma igarité e um homem e, atraves-

viviam. Chegados que foram os Jesuitas a esta aldeia, escreve Milliet de Saint-Adolphe, trataram de doutrinar os Indios na religião christan, e ensinaram-lhes a cultivar os cacáoaseiros que nasciam espontaneamente n'aquellas terras. Sua erecção em villa é antiquissima.

(1) *Manuscripto, loc. cit.*

sando o Tapajóz dobrei a ponta NO. de sua embocadura e fui navegar no grande rio, tal qual Orellana, seu primeiro explorador, um d'esses memoraveis filhos de Colombo, que completaram o descobrimento do Novo Mundo. Eram no XVI seculo o que são hoje os Volta, Fulton, Jacquart e tantos outros.

N'essa minha primeira excursão em aguas do magesto Amazonas, por muitas ilhas fui passando que impediam a vista da outra margem. A uma d'essas abiquei, attrahido por uma casa pittorescamente collocada e pertencente, como d'ahi a instantes soube, a um lavrador portuguez que me deu bom agazalho, como é de uso no Brazil. Passei, pois, o resto do dia com elle. A vivenda nada tinha de confortavel, mas deleitava-me passear á sombra dos cacáoaseiros plantados em linha recta ou das multiplas arvores a ensombrarem aquelle socegado e ilhado recanto, que surge uns dois metros quando muito do seio das aguas, coberto por espessa e verdejante cupola» (1).

(1) *Ibidem.*



CAPITULO VI

Peiorára o estado de saude do Consul Langsdorff. Já não era possivel cogitar na continuação da viagem. Despacharam um proprio para o Rio Negro, afim de levar cartas ao sr. Riedel, dando-lhe conta de todo o occorrido e marcando a capital do Pará para ponto de reunião (1).

A goleta mercante, levando a seu bordo o Consul, Hercules e seus companheiros, partiu de Santarém para a cidade de Belém no dia 1º de Setembro de 1828 (2).

(1) *Esboço da Viagem*, pag. 173-174. *Manuscripto*, pag. 412, com dous desenhos.

(2) Antonio Thomé, no seu roteiro, marca as seguintes distancias :

Do porto do Rio Negro ao Arinos	5 leguas
D'essa confluencia á do Sumidouro	25 »
D'ahi ao Juruêna.	70 »
	<hr/>
	100 »

«Abrindo vélas á fagueira brisa, depressa deixámos de avistar Santarém com seus navios ancorados e suas duas torres, entrando em cheio no immenso Amazonas.

A gosto se me dilatava o peito, navegando em alterosa embarcação n'aquelle rio, que tanto tem de largo quanto muitos da Europa de comprido, depa-
rando grandes ilhas a correrem, chatas e extensas como pontões gigantescos cobertos de luxuriante vegetação, avistando a Goyana, admirando o movimento das ondas como em pleno oceano, e de vez em quando tendo ante os olhos um horizonte em que o céu se confundia com as aguas da grande caudal.

Poucos dias depois de entrados n'elle e em lugar muito largo e semeado de baixios e escolhos, tivemos que supportar as furias de um furacão equatorial. A trovoadá não cessava e o vento soprava rijo. N'estas condições cahiu densa noite. Eis sinão quando o proeiro deu um grande grito em guarany: *Itá!* (pe-

Transporte 100 leguas

Havendo n'esse percurso seis pequenas cachoeiras e alguns recifes e baixios. Da confluencia do Juruêna ao Salto Augusto, com 7 cachoeiras.		40	>
Do Salto á cachoeira de Gibraltar (cachoeiras 11)		15	>
D'ahi á confluencia do S. Manuel, ou Três Barras (1 cachoeira).		20	>
D'ahi a Itaituba (9 cachoeiras).		95	>
		270	>
Total (cachoeiras 34).		65	>
De Itaituba a Santarém		165	>
E d'essa cidade a Belém.		500	leguas.
Somma			

dra). Não houve tempo sinão de fazer força no leme; mais dois minutos, estava o barco perdido.» (1)

Perto de Gurupá, fortim e porto aduaneiro, assente á margem direita, avistaram á esquerda montanhas onde fica a cidade de Monte Alegre (2). Do alto d'ellas descortinar-se-iam o rio e o immenso valle em que corre, si não fossem, até aos mais altos cumes, cobertas de espessa vegetação.

Em Gurupá ficaram algumas horas. Havia tres peças de calibre quatro e duas ruas de casas terreas.

O commandante deixou Hercules copiar de seus registros a relação dos productos do paiz que, durante o anno de 1820, haviam descido o rio e tinham sido revistados na estação fiscal. Avisou-o comtudo que, por causa do contrabando, as quantidades eram inferiores á importação real.

Barras de ouro.....	30	no valor de 3:125\$220
Cacáo.....	190.452	arobas
Salsaparilha.....	5.744	»
Cravos (especiaria) ..	5.646	»
Breu.....	260	»
Oleo de copahyba ..	167	potes
» » » ..	18	potes

(1) *Manuscripto*, pag. 413, com um desenho—*Un grain sur l'Amazone*.

(2) Montalegre, então villa da provincia do Pará, na Guyana brasileira, n'um teso d'uma ilha do Amazonas, e na embocadura do rio Gurupatúba. Foi originariamente uma aldeia que tinha o nome d'este rio, onde os Jesuitas doutrinaram os Indios. Sua igreja matriz é dedicada a S. Francisco Xavier. A população d'este districto era então de 2,500 almas; e em 1842, de 4,000 habitantes, numero que pareceu exaggerado a Milliet de Saint-Adolphe.

Guaraná.....	89	arrobas
Urucú.....	6	»
Castanhas doces....	1.953	saccos
Fumo.....	6.380	arrobas
Café.....	5.725	»
Algodão.....	126	»
Estopa do paiz....	317	»
Amarras de piaçaba.	253	»
Piaçaba em rama...	618	»
» » mólhos.	357	»
» » cordas..	4.328	pollegadas
Arroz.....	314	alqueires
Feijão.....	43	»
Farinha de mandioca	1.256	»
Carne sêcca.....	4.271	arrobas
Sebo.....	215	»
Chifres.....	720	»
Couros.....	1.612	»
Pirarucú sêcco....	48.718	arrobas
Manteiga de tartaruga	7.896	potes
Mixira.....	230	»
Rêdes.....	30	
Taboas de itaúba..	182	
» » cedro...	24	(1)

«Grande porção de preciosos productos que o paiz exporta não está comprehendida n'esta tabella. A razão não a sei, como por exemplo: o pichiri, a noz-moscada, o caoutchouc ou borracha, casca de tartaruga e especiarias varias. Só a tartaruga tornou-se ramo de commercio de grande importancia: do mesmo modo a

(1) *Manuscripto*, á pag. 415.

borracha, da qual sahiam 10.000 arrobas em 1827 e que em 1829 deu 200.000 arrobas».

De Gurupá por diante começámos a navegar em braços muito estreitos. As margens estavam cheias de palmeiras *assais*, umas carregadas de cachos de meio metro de comprido e formados de côcezinhos do tamanho de um bago de uva. E' um nucleo espherico coberto de uma pellicula finissima da côr da amóra madura. Quando o navio deitava ancora, colhiamos os cachos e, desbagando-os, enchiamos cestos e cestos que levavamos para bordo. Derramando uma porção de assay em gamella com agua e esfregando os côcos com as mãos, destaca-se a pellicula e tinge-se a agua de uma côr negro-carminea. Passando tudo por um panno, faz-se uma bebida muito agradável com consistencia e gosto approximados do leite. Pondo-lhe um pouco de assucar, é refresco da melhor qualidade. A gente pobre adiciona-lhe um bocado de farinha de mandioca e tem assim nutrição tão simples quão substancial. Esta combinação é, como o guaraná, invento dos indigenas.

Havia tambem em abundancia nas margens uma planta aquatica de folhas grandes e chamada *aniuca*.

Navegavamos ás vezes em canaes tão apertados que as vergas do navio iam tocar nas ramadas da floresta. A agua é parada como si fôra azeite. Uma tarde em que estavamos ancorados, e que, armado de um oculo, eu me comprazia a vêr os ramos de arvores quasi a alcance do braço, ouvi distinctamente vozes na matta, o que a principio não deixou de me surprehender, mas attentando verifiquei que eram vozes de quem rezava o terço. A' pouca distancia havia

uma choupana de morador que fazia sua réza, com a familia e provavelmente com os vizinhos.» (1)

Tem o Amazonas, como o Nilo e o Paraguay, seus transbordamentos periodicos, pelo que são essas casas edificadas sobre estacas. Durante as inundações as visitas se fazem em canôas, podendo penetrar até debaixo do alpendre, ou dentro do corredor das habitações. Quando ha festança, na frente se vê uma verdadeira flotilha de canôas. (2)

Continuando a navegar, passaram diante de Breves (3) tendo á esquerda a grande ilha de Marajó (4) e á direita collinas, casas, e roças de canna. Ahi sente-se já o fluxo do oceano, o que obriga o barco a deitar ancora a cada maré de enchente.

N'essa viagem póde o homem curioso ou de sciencia observar mudanças notaveis nos ornamentos ceramicos de que usam os indigenas. Os dos *Apiacús* são constantemente feitos em angulo recto; em losangos os dos *Mundurucús*, ao passo que em outros lugares são irregulares no desenho, embora sempre de mais ou menos gosto. Aparecem nos potes, vasilhas, e tubos de cachimbo (5).

(1) Idem, a pags. 416-417, com duas vistas representando um braço do Amazonas e uma aldeia.

(2) Ibidem.

(3) Ibidem.

(4) Ibidem. *Marajó*, grande ilha e uma das antigas comarcas da Provincia do Pará, a qual divide em duas porções designaes a embocadura do Amazonas, e jaz entre a villa de Macapá e a ponta Tigióca. Foi dada a Antonio de Souza de Macedo, Barão de Joannes e teve por algum tempo este nome, e poderá ter 45 leguas do nascente ao poente, e 40 na sua maior largura. cf. Milliet de Saint Adolphe, *Dicc. cit.*, tomo II, pags. 35-36.

(5) *Manuscripto*, pag. 418.

Depois de sahidos do estreito canal de *Breves*, entraram n'um mar de agua doce que para E. se estende a perder de vista. E' a embocadura do grande rio Tocantins (1), cujas aguas sahem da serra de Santa Martha em Goyaz, na região denominada Cayapônia, por onde passaram ao visitarem o Urubupungá, isto é, do lugar em que então estavam, umas 340 leguas marinhas francezas. Essa extensão d'agua, que de E. a O. tem 10 leguas, chama-se *Bahia do Limoeiro*. Atravessando-a, foram navegar no Rio Pará, onde tambem ha estreitos canaes, em cuja margem direita vêem-se casarias e roças de cannas de assucar.

No dia 16 de Setembro de 1828 chegaram emfim, á cidade do Pará. Acolhidos pelo general João Paulo dos Santos Barretto, commandante então das armas da provincia, d'elle receberam a hospitalidade brazileira, realçada pelas vantagens que dá a sociedade de um homem de merito e de sciencia. (2)

(1) *Ibidem*.

(2) João Paulo dos Santos Barretto nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 28 de Abril de 1788 e ali falleceu a 1º de Novembro de 1864; sendo sepultado no cemiterio de S. João Baptista da Lagôa.

Serviu em Pernambuco em 1818 na phalange debelladora da revolução republicana. No mesmo anno foi nomeado lente substituto da Academia Militar; em 1819 acompanhou o general Stockler no estudo de um systema de fortificações para a provincia do Rio de Janeiro. Em 1821 teve uma commissão scientifica na Ilha Terceira, d'ali seguio para Lisbôa e de Lisbôa para a França, incumbido de estudos praticos de engenharia e hydraulica. Voltando á patria após a proclamação da Independencia, foi em 1824 nomeado secretario do Conselho Militar Privado do Primeiro Imperador.

«A cidade é bonita. Dividida por uma praça em duas grandes áreas, o *Bairro da Campina* e a cidade de Oeste, n'esta se acham reunidos alguns vastos edificios. N'aquella praça fica o palacio da presidencia, tido em conta do melhor de todo o Brazil. A' direita

Em 1848 foi ministro da guerra no ministerio de 31 de Maio, organizado pelo senador paulista Francisco de Paula Souza e Mello, ao lado do porto-felicense Antonio Manuel de Campos Mello, na justiça, e de Souza Franco, nos estrangeiros.

Em 24 de Outubro de 1855 foi nomeado Conselheiro d'Estado extraordinario; era então tenente-general. Com elle foram nomeados Euzebio de Queiroz e o chefe de esquadra Mello Alvim.

Foi tambem commandante das armas e presidente de varias provincias.

Temos em nosso poder o seguinte documento, por elle firmado:

«Tendo de ir á Villa de Borba o Sr. Hercules Florence, empregado na Expedição Filosofica de que hé Chefe o Sr. Langsdorff, Conselheiro de Sua Magestade o Imperador de Todas as Russias, e recommendando SUA MAGESTADE O IMPERADOR toda a protecção ao dito Sr. Langsdorff, e bem assim aos de Sua Comitiva, determino a todas as Autoridades Militares d'esta Provincia, que hajam de prestar ao dito Sr. Florence os meios de facilitar o seu transporte até aquella Villa, fazendo elle os ajustes com as pessoas de que necessitar.—Quartel General do Pará em 3 de Dezembro de 1828. (assignado) BARRETO. G.»

Por ahi se vê que o general João Paulo dos Santos Barreto tomou a peito a missão scientifica de Hercules. Borba era uma pobre e antiga villa do Pará, á margem direita do rio Madeira, 24 leguas ácima de sua embocadura no Amazonas.

Não consta nos manuscritos de Hercules esclarecimento algum ácerca de sua ida áquella Villa. Talvez nem chegasse a se utilizar da benevola e honrosa autorisação do general commandante das armas.

vêm-se os restos de vasto theatro, que nunca foi terminado e cahe em ruinas. A' esquerda se ergue a cathedral, no fundo de um largo de menores dimensões, bello templo do mesmo estylo e tamanho que o de S. Francisco de Paula no Rio de Janeiro. N'essa praça ficam tambem a igreja da Misericordia, o palacio do bispo, antigo collegio de jesuitas, o hospital e um fortim banhado pelas aguas do rio. Seguindo uma rua bem recta que da cathedral se dirige para o poente, chega-se ao arsenal de marinha, onde vi no estaleiro uma fragata de 54.

No bairro da Campina é que se acham a rica igreja e o convento dos carmelitas perto do mar e no centro a *rotunda de Santa Anna*, notavel pela sua architectura grega. Grande quantidade de bonitas casas de negociantes dão realce a esse bairro, feitas em parte de cantaria vinda de Portugal como lastro de navios. Lindos passeios cheios de frondente vegetação cercam por todos os lados a cidade. Para o sul fica o jardim botanico.

No porto havia uns trinta navios mercantes, inglezes, americanos, portuguezes e brasileiros, um francez, outro sardo, dois brigues de guerra da marinha brasileira e outro da franceza, que viéra de Cayenna para carregar gado.» (1)

Aqui Hercules faz as seguintes importantissimas ponderações, para as quaes chamamos a attenção de nossos leitores :

«Contaram-me que o illustre marquez de Pombal concebêra sobre os destinos do Brazil, e particularmente da provincia do Pará, o plano mais extraordi-

(1) *Manuscripto*, pag. 419.

nario que jámais preocupára o pensamento de um homem de Estado, plano que, realisado, não encontraria igual na historia sinão a celebre retirada dos hebreus do Egypto. Como se sabe, a Côrte de Hespanha nunca podéra vêr com bons olhos aquella nação portugueza, pequena em dimensão, mas de animo sempre firme em não se sujeitar, como tinham feito as suas treze irmans ibericas. Quando o gabinete do Escorial não ameaçava directamente a independencia lusitana, suscitava aos estadistas de Lisbôa mil inquietações, ora com questiunculas na Europa, ora com duvidas sobre limites na America. Talvez tambem já previa o ministro que o Brazil mais ou menos tarde se tornaria independente. Por tudo isto concebeu elle o projecto de não só trocar com a Hespanha o Portugal, recebendo toda a porção hespanhola da America Meridional, como transportar a nação portugueza em massa para o Brazil. Formar-se-hia no continente europeu um imperio, constituindo-se outro de extraordinaria grandeza no Novo Mundo, collocado todo debaixo do sceptro da Casa de Bragança. Entravam no plano a nobreza e o alto clero. Durante tres annos consecutivos deveria o pulpito apregôar em todo o reino, que era vontade de Deus a emigração em massa para o Brazil, afim de sem mais tardança espalhar a fé catholica n'essa vasta região, ainda quasi toda entregue a gentios idolatras, obstinados em suas falsas crenças e correndo o risco de serem conquistados por nações protestantes. Tal era o manifesto desígnio da Providencia, que escolhêra o povo portuguez para realisar tão elevados intentos. Ai dos que não se subordinassem de prompto aos decretos divinos! Para esses tornar-se-hia a terra esteril e sêcca; fechar-se-hiam os mananciaes do céo e, renovando-se as pragas

do Egypto, vêr-se-hiam entregues sem resistencia possivel á fome e á miseria !

Na esperanza de fundar o mais vasto Imperio do mundo e querendo levantar-lhe a capital á margem do maior rio da terra, tinha o ministro escolhido a cidade do Grão-Pará em razão de sua collocação sobre o Amazonas, cujo curso de milhares de leguas é caminho franco e aberto para os Andes, tornando-se os seus grandes tributarios outros tantos braços de communicação com a America Meridional.

Li uma memoria escripta, na qual vinha uma exposição d'esse gigantesco plano. Chimerico ou não, diz o autor, a elle deve a provincia do Pará os progressos que fez no governo do marquez de Pombal, vendo sua capital enriquecida de grandes edificios, taes como o palacio do governo, o theatro, o arsenal, etc. N'esse tempo tambem se construiu a fortaleza de Macapá, mudando-se, talvez para tornar mais portugueza a região toda, os nomes das cidades e povoações indigenas, que eram, para outros de character perfeitamente lusitano, taes como Santarém, Obidos, Alter do Chão, Almeirim, etc.

Póde tudo quanto acabo de expôr ser méra phantasia feita sem base nem razão, mas o que é certo é que, ao passo que trabalhavam nas obras do Pará, outras não menos importantes surgiam em Matto-Grosso. Na cidade de Villa Bella, destinada a ser capital da provincia, os habitantes maravilhados viam simultaneamente se erguer do chão o palacio, a intendencia, a fundição, a cadêa, etc., e a 50 leguas nas margens do Guaporé, como por encanto, apparecia a fortaleza do Principe da Beira. E' que o ministro queria assentar solidamente o poder portuguez n'aquella extrema fronteira. Em Villa Bella os trabalhos começados não

foram levados á conclusão. A cidade cahe hoje em ruínas, está quasi abandonada, cercada por todos os lados de pantanaes; mas o forte, que foi terminado, impressiona vivamente o viajante ao deparar-se-lhe n'esses solitarios termos uma fortaleza sobranceira, construida com todas as regras exigidas pela arte militar.» (1)

(1) *Manuscripto*, pag. 419-420.

O Visconde de Taunay parece abundar na hypothese de Hercules, ao referir os planos do *Richelieu portuguez*, o algoz de Malagrida e dos Tavora, o homem que maior mal fez a Portugal e ao Brazil, e principalmente a S. Paulo.

Vide a nossa obra *O Dr. Ricardo Gumbleton Daunt*, annexo n.º 15, pags. 179-183,—*Sebastião José de Carvalho e Mello e as Tradições Paulistas*.

Escreve o Visconde de Taunay em sua *Cidade de Matto-Grosso*, pag. 9-11:

«O genial Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal e conde de Oeiras, na grandiosidade dos pensamentos com que buscava dar ao pequeno Portugal amplitude de extenso e respeitavel reino, fazendo por meio da ordem e da energia na administração surgir glorias passadas e perdidas, olhou com particular desvelo para o Brazil e n'elle vio congregados todos os factores precisos a bem da realisação dos seus mais vastos e patrioticos intuitos.

Cogitou no futuro immediatamente possivel d'aquelle esplendido imperio-colonia, cujas dimensões de gigante contrastavam com as acanhadas proporções da metropole, á maneira de um filho que nascêra grande de mais; e no correr das acabrunhadoras preoccupações a que o levava a lucta encarniçada de todos os dias contra velhos mas possantes e arraigados elementos de resistencia, cuidou de assentar as bases de nova e poderosa monarchia na parte do continente sul-americano, em que fluctuavam as quinas portuguezas, para infundir-lhes immenso e inopinado prestigio.

Já era então capital do Vice-Reinado a cidade do Rio de Janeiro, (1), que acabára por desthronar de modo definitivo a

(1) O primeiro Vice-Rey e capitão general de mar e terra do Estado do Brazil foi o conde D. Antonio Alvares da Cunha, por patente de 27 de Junho de 1763. Chegou ao Rio de Janeiro a 15 de Outubro e no dia seguinte tomou posse do governo.

Quatro mezes inteiros esperaram pelo sr. Riedel na capital do Pará.

Afinal chegou.

Bahia de S. Salvador de Todos os Santos, ponto entretanto muito melhor escolhido afim de se vigiar a extensa costa brasileira, tendo as magnificencias da natureza fluminense concorrido para conferir a primazia áquelle centro de população entre todos os outros creados na orla maritima.

A habitos tomados, porém, e a convenções não se prendia o altivo engenho do marquez de Pombal, acostumado a quebrar obstaculos e a derrubar opposições, por mais valentes que fossem.

Voltára, por isso, as vistas imperiosas para Belém, quasi á embocadura do soberbo Amazonas, achando-a, sem duvida, capaz de plenamente satisfazer as ambições do estadista mais exigente e arrojado em seus designios e planos.

Filhas do influxo de uma idéa dominante, as construcções que sem mais demora foram alli apprehendidas, parecem provar, que não era ella intenção vaga e sujeita a hesitações, mas, ao revez, depois de sollicitamente afagada, germinára inteira no cerebro do omnipotente assessor de D. José I, carecendo só de tempo para se tornar brilhante realidade e dar vida acabada a projecto muito mais difficil, largo e maravilhoso, do que o celebrado commettimento de Pedro Grande da Russia, ao transferir a séde do seu dilatado imperio de Moscow para as margens do Neva.

Tinha por força a colossal iniciativa de se ramificar, e uma das grandes Capitánias do Brazil, que mais de perto experimentaram o influxo do que se estava, não mais delineando, porém sim levando por diante no Grão-Pará com desacostumado afan, foi a de Matto-Grosso, cujo systema hydrographico septentrional se liga com o da região amazonica e o completa, e cuja immensa linha de contacto com as possessões hespanholas continous motivos dava de inquietação, pendencias, ameaças e até conflictos armados, muito apesar dos desertos e distancias que difficul-tavam a acção de qualquer das duas potencias rivaes n'aquellas invias paragens.

A edificação da monumental fortaleza de Macapá em 1764 teve, sinão por complemento, pelo menos por contrabalanço, a erecção do sobranceiro forte do Príncipe da Beira, á margem direita do caudaloso Guaporé, em 1776, e a impressão de pasmo e admiração do viajante, ao defrontar de repente com essas solennes e alterosas molles, inseridas em meio da solidão e a desafiarem a incuria dos homens e a destruição dos annos, é ainda hoje, e por muito tempo será, homenagem ao marquez de Pombal, o grande ministro, o Richelieu portuguez.

Ao passo que se tratava de incutir mais força moral mesmo, do que aperceber de defesa effectiva a extensissima divisa, recebia a cidade de Villa-Bella, depois Matto-Grosso, fundada expressamente para capital de toda aquella afastada e larga zona, incremento material expresso em obras, cujas ruinas causam intensa melancolia aos raros que a visitam hoje e, scientes das cousas do passado, ainda encontram, naquelles outr'ora florescentes páramos, vestigios eloquentes de extinctas grandezas, que jámais nunca voltarão.

E, á medida que os tempos vão se desdobrando, perdem esses mesmos vestigios a sua eloquencia e qualquer significação, até chegando afinal dia—talvez bem proximo— em que fiquem de todo mudos e fechados á meditação d'aquelles que, levados por doloroso estimulo, tentem no estudo e na contemplação de destroços e escombros, reconstituir épocas idas e fazer reviver largos e promissores trechos de historia, que findaram em desastres, abandonos e irremediaveis tristezas.

Tudo quanto, aliás, se prende a antigos centros de vida e de actividade, em que as agitações publicas e intimas—e que mundo só n'isso!—em que os interesses moraes e materiaes, as luctas de todos os dias, tão entrelaçadas no seu apparente antagonismo, para sempre, para todo o sempre se transmudaram no silencio e no coma de lenta agonia; tudo quanto nos falla de velhas e desmoronadas cidades, de povoações condemnadas, principalmente n'esta parte do globo denominada Novo-Mundo, em que nada parece deixar de respirar louçania, de ser risonho e feliz, de nos fallar de esperanças e de porvir, tudo isso tem para os espiritos retrahidos, ou por indole ou por disposição de momento e effeito de dôr aguda e insistente, uma influencia

«Magro e desfeito das molestias que apanhára no rio Madeira, onde de seu lado soffrêra tanto como nós.» (1)

O Consul Langsdorff, este, tinha perdido quasi completamente a razão.

por tal fôrma penetrante e tão suave na sua agrura, que achei especial encanto e indizível emoção em coordenar umas notas relativas a Villa-Bella, enviadas, a 16 de janeiro de 1876, pelo meu amigo tenente-coronel João de Oliveira Mello e mettidas no meio de papeis que ha pouco revolvi e puz em ordem, classificando uns, apartando outros para ulterior revisão e destruindo muitos.

Quatorze annos já lá se foram... Que modificações poderão ter-se dado? Facil é a resposta» (1).

JOSÉ MARIA LATINO COELHO, no seu *Elogio Historico* de JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA, lido na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, diz o seguinte á pag. 37:

«A emancipação da filha americana, até ali estreitamente recatada pelo egoismo da metropole, é pois no cõceito do sabio naturalista uma necessidade impreterivel. Já não occulta Andrada aos seus consocios a alteza do pensamento, que tem delineado a respeito do Brazil e seu futuro. A peroração do seu discurso historico é o eloquente panegyrico da terra brasileira e a encarecida exposição dos attributos que a fazem merecedora de abrigar um povo do porvir. E que paiz esse, senhores (exclamava o americano entusiasta), «para uma nova civilisação e para novo assento da sciencia! que terra para um grande e vasto imperio!... seu assento central quasi no meio do globo; defronte e á porta com a Africa, que deve senhorear, com a Asia á direita, e com a Europa, á esquerda, qual outra nação se lhe póde egualar? Riquissimo nos tres reinos da natureza, com o andar dos tempos nenhum outro paiz poderá correr parellas com a nova Lusitania».

(1) *Manuscripto*, pag. 421.

(1) Vide nota a pags. 250.

Fretaram um brigue brasileiro para alcançar o porto do Rio de Janeiro. Dez dias depois da chegada de Riedel partiram; no mesmo brigue ia o ex-presidente da provincia, José Felicio Pereira de Burgos. «Quarenta e oito horas já tínhamos de viagem, e ainda apanhávamos agua doce.» (1)

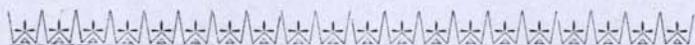
Quinze dias depois de sahidos, estiveram a naufragar nos baixios da costa do Maranhão, a 12 legoas de terra, pelo que approaram logo para o norte a ir buscar a róta seguida por todos os navegantes. Si não fôra a mudança da côr do mar e o aviso da sonda, estavam irremediavelmente perdidos (2).

Após 46 dias de bordo alcançaram a cidade do Rio de Janeiro, «dando fim a nossa penosissima, atribulada e infeliz peregrinação pelo interior do vasto Imperio do Brazil.»

Com estas singelas palavras termina Hercules o seu diario—e a sua viagem.

(1) *Ibidem.*

(2) *Ibidem.*



CAPITULO VII

Estão findas as Viagens de Hercules Florence.

Está terminada a Comissão Scientifica do Consul Langsdorff.

Fechemos as paginas do *Esboço* e do *Manuscripto*.

E recapitulemos

Hercules partiu do Rio de Janeiro no dia 3 de Setembro de 1825 com a commissão. No dia 5 chegou a Santos. De Santos veio a S. Paulo, d'esta capital a Jundiahy, d'esta cidade a Campinas e de Campinas a Porto Feliz, com escala por Ytú.

A monção partiu de Porto-Feliz no dia 22 de Julho de 1826. De Santos a S. Paulo são 13 leguas brazileiras, de 6.600 metros; ao envez da legua franceza, que é de 4.444 metros (1). De S. Paulo a Jundiahy 10 leguas; de Jundiahy a Campinas 7; de Campinas a Ytú 10; de Ytú a Porto Feliz 4 1/2; total 44 1/2 leguas.

(1) Vide á pag. 253, nota 2.

Chegaram ao porto de Cuyabá a 30 de Janeiro de 1827, com 7 mezes e meio de viagem, vencendo 530 leguas e 114 cachoeiras (1).

Após varias digressões, que narrámos, partiram de Cuyabá no dia 5 de Dezembro de 1827. Chegaram ao Diamantino no dia 12; a ali permaneceram 2 mezes e 18 dias, seguindo para o porto do Rio Preto, ponto de embarque para Santarém.

Chegaram a Santarém no dia 1º de Julho de 1828, de onde partiram a 1º de Setembro em demanda da cidade de Belém do Pará, onde chegaram a 16 do mesmo mez.

Na capital do Pará permaneceram 4 mezes e 10 dias, embarcando-se no dia 26 de Janeiro de 1829 para a capital do Imperio, onde aportaram em 13 de Março (2).

Da data de seu embarque no Rio de Janeiro, em 3 de Setembro de 1825, tinham decorrido 4 annos, 6 mezes e 10 dias.

De Santos a Porto Feliz, com escala por Ytú, 45 leguas. De Porto Feliz a Cuyabá, 530, e ha quem affirme 625. Da capital de Matto Grosso á do Pará, 770 leguas (3). Ao todo, 1.345 leguas brazileiras, sejam 8.070 kilometros.

(1) Vide á pag. 159, nota 2.

Manuscripto, in fine, á pag. 411.

(2) « Ainda que o arco de circulo maximo comprehendido entre as duas capitaes do Pará e Matto-Grosso, seja sómente de 316 legoas de 18 em gráo, segundo as mais recentes observações, a distancia que é forçoso andar para passar de uma a outra pela indicada navegação, se computa ser de 770 legoas pelo mais exacto roteiro que ha d'ella, formado pelos habeis astrónomos e engenheiros, que foram mandados para a demarcação não effectuada, e ainda em toda esta extensão é forçoso vencer a constantemente opposta corrente desde que se passa

Agora computemos a viagem por mar. Temos, do Rio de Janeiro a Santos, 75 leguas maritimas. Do Belém do Pará ao Rio, segundo o calculo do almirante Mouchez e do Dr. A. de Toledo Piza, 750 leguas maritimas.

Digressão a Guimarães : 20 leguas. A Villa Maria: 50 leguas.

O que tudo sommado, temos : viagem fluvial de Porto Feliz a Cuyabá, 530 leguas ; viagem terrestre de Santos a Porto Feliz, 45 ; de Cuyaba á capital do Pará, com as digressões, 840 ; de Belém ao Rio, 750 leguas.

Total: 2.165 leguas brazileiras ou 13 mil kilometros...

Confrontemos com a celebre Retirada dos Dez Mil, narrada épicamente por Xenophonte em sua *Anabasis*.

A distancia percorrida, —Marcha e Retirada—foi de 215 *étapas*, comprehendendo 1.155 *parasangas* ou 34,650 *stadas*, isto é, 1.500 leguas francezas. Duração da Retirada: 1 anno e 3 mezes... (1).

do Gurupá para cima, ou ainda antes, por ser já ali o effeito das marés quasi insensível.

Da cidade do Pará até a primeira cachoeira chamada de Santo Antonio, contam-se 466 legoas... Da primeira cachoeira até á ultima do Mamoré, no espaço de 70 legoas... Da ultima cachoeira até Villa-Bella, que são ainda 234 legoas... » *Informação sobre o modo por que se effectua presentemente (1797). a navegação do Pará para Matto-Grosso, etc., por D. Francisco de Souza Coutinho. Revista Trimensal do I. H. e G. do B., tomo II, 3º trimestre de 1860, n. 7. Cf. Dr. JOÃO SEVERIANO, obra cit., á pag. 78 e Diario do DR. LA-CERDA E ALMEIDA, á pag. 89 in fine.*

(1) XÉNOPHON, ŒUVRES COMPLÈTES, traduction Eugène Talbot, Paris, 4ª edicç. 1879, tomo II, capitolo VIII, pag. 190. Cf. BARTHÉLEMY, *Voyage du jeune Anacharsis en Grèce*, tomo

Singular expedição a de Sua Magestade o Czar de Todas as Russias no Interior do Brazil!

Era a primeira empreza d'este genero, no principio do seculo, na éra da Independencia, quando as regiões que tinha de percorrer a Commissão eram todas inhospitas, despovoadas, tetricas—um mysterio!—Ainda hoje, é o fim do mundo,—de um mundo aurifero, riquissimo, incommensuravel—e sempre desprezado! Singular—e predestinada: começou mal. E peor acabou.

Rugendas esquivava-se, logo no inicio (1); Hasse—suicida-se (2). Taunay parece afogado nas aguas do Guaporé (3). O Consul Langsdorff perde a razão (4). Rubzoff e Riedel arriscam os seus dias e Hercules quasi morre sob a pressão das febres, que os jungia a todos numa rêde de dôres cruciantes: a bussola desnorçada,—desvairava; o lapis do desenhista—as observações do astronomico—as pesquisas do botanico... tudo andava de par com o estado mental do infeliz Consul Langsdorff.....

Verdadeira epopeia!

Mas—epopeia da dôr, do desalento, do abandono, da lucta diaria contra os elementos conjurados!

E corôada por uma catastrophe sem igual!

Mais uma vez recorramos áquelle que resuscitou a Obra de Hercules Florence. Si a Historia, no conceito

3º, appendice, 12me. table, á pag. 376. Uma *stada* vale 94 1/2 *toises* e 1/2 milha; 27 *stades* fazem 1 legua e 51 1/2 *toises* — leguas de 2.500 *toises*.

(1) Vide á pag. 56.

(2) Vide á pag. 80, nota 3.

(3) Vide cap. II da 3ª parte.

(4) Vide nota 1 á pag. 207 e nota 1 á pag. 305.

de MICHELET (1) é uma resurreição, certo ao eminente brasileiro que traduziu e publicou o *Esboço da Viagem* (2) e a *Zoophonia* (3) cabem todos os louros d'esta Reivindicação Nacional, que hoje estamos completando.

E quanto nos dóe não estar mais no mundo dos vivos o illustre ALFREDO D' ESCRAGNOLLE TAUNAY ! Elle muito se alegraria, bem nolo diz o coração, com este nosso modesto trabalho: preito á memoria de Hercules Florence. E por isso mesmo, preito á grande e involvidavel memoria do Visconde de Taunay !

Mas, si a Morte é a Vida, como nos ensina a Santa Igreja de Nosso Senhor Jesus Christo, — e nós piamente o crêmos, — *credimus et propterea loquimur* — ha *Mortos Immortaes*. E aqui, por nossa vez, vai a nossa pequenina homenagem áquelle illustre Brasileiro, fiel á sua Patria e a seu Imperador... (4).

(1) «Ce mouvement est entraînant; en vain on voudrait résister, il faut lire jusqu'au bout. Le livre saisit l'esprit dès la première page; en dépit des répugnances, des objections, des doutes, il reste maître de l'attention et ne la lâche plus.» H. TAINE, *Essais de Critique et d'Histoire*, á pag. 98, *Mr. Michelet* § I.

Cf. EMILE FAGUET, *Etudes littéraires sur le dix-neuvième siècle*, á pag. 352, *Jules Michelet*, § 1.

Cf. mais MICHELET, *Préface générale de l'Histoire de France*.

(2) Vide pag. 56, e nota 1 á pag. 151.

(3) Vide pags. 107 e nota 1.

(4) O Visconde de Taunay foi um Brasileiro illustre. Occupou os mais eminentes cargos de representação nacional e de administração publica, no tempo em que havia entre nós Representação e Administração.

Major d'engenheiros fez a campanha do Paraguay e descreveu a famosa *Retirada da Laguna* em paginas esculpturaes, que perdurarão emquanto houver patriotismo e lingua portugueza.

Foi deputado á Assembléa Geral Legislativa do Brazil-Imperio e Senador pela Provincia de Santa Catharina. Foi presidente do Paraná e de Santa Catharina.

A *Retirada da Laguna*, as *Narraticas Militares e Innocencia*, além de muitas outras produções de seu cultissimo e vigoroso espirito, collocaram-no de plano no rôl dos nossos mais celebres e conscienciosos representantes da Litteratura Nacional.

A sua carreira politica fecunda não offusca o brilho de sua carreira litteraria.

A *Cidade de Matto-Grosso* e os seus ultimos opusculos politicos puzeram glorioso remate á sua Obra.

Illuminou as paginas da *Revista do Instituto Historico do Brazil* com os raios de seu talento privilegiado, em grande numero de publicações historicas e litterarias.

Era um compositor musical de primeira ordem. Reviveu as obras do grande artista nacional, padre José Mauricio Nunes Garcia.

Desterrado o Imperio com a Familia Imperial, o Visconde de Taunay permaneceu fiel á causa banida, por a considerar a causa nacional.

Publicou em Maio de 1891 a *Fê de Officio* de D. Pedro de Alcantara, «um dos documentos mais bellos, mais sinceros e honrados da Historia do Brazil.»

Os seus *Estulos Sociaes* (1891) foram o seu testamento politico. Em bellissimas paginas traça o epitaphio do regimen inaugurado a 15 de Novembro de 1889.

Quando a morte o veio surprender em Fevereiro de 1899, tinha em mãos varios trabalhos importantes para serem publicados em breve: uma vida do almirante Leverger, *Barão de Melgaço*; um estudo sobre *João Carlos Augusto de Oeynhausen*, Marquez de Aracaty; *Os Escragnolle e os Taunay em França e no Brazil*; a segunda parte de seu luminoso livro *A Cidade de Matto-Grosso*; e outros muitos, de que nos fallava, *ex abundantia cordis*, em sua basta e interessantissima correspondencia.

O Visconde de Taunay era um jornalista de pulso. Muito escreveu para a imprensa. Após a quéda do partido conservador, a 7 de Junho de 1889, publicou uma série de criteriosos artigos, estudando a nova situação liberal, prégando principios do mais accendrado patriotismo e a necessidade da

Já os leitores sabem o como e o por que o V. de Taunay traduziu o *Esboço da Viagem* de Hercules Florence (1).

colligação dos dois partidos constitucionaes no terreno dymnastico. Foi um Vidente . . .

Alfredo d'Escragnolle Taunay nascera na cidade do Rio de Janeiro a 22 de Fevereiro de 1843. Era filho legitimo do commendador Felix Emilio Taunay, Barão de Taunay, irmão do mallogrado Adriano Taunay, a victima do rio Guaporé, e de D. Gabriella d'Escragnolle Taunay, ambos descendentes da mais antiga nobreza franceza.

Bacharel em lettras pelo collegio «D. Pedro II» em 1858 ; bacharel em mathematicas e sciencias physicas pela antiga Escola Militar, hoje Polytechnica, em 1863, com menos de 20 annos de idade.

Foi lente da 2ª cadeira do 5º anno do curso superior da Escola ; encarregado do *Diário do Exercito* em campanha no Paraguay, e secretario particular do commando em chefe do exercito brasileiro e forças alliadas.

Acerca da sua *Retirada da Laguna*, publicada em francez castigo, diz o *Militaire Wochenblatt* de Berlim, analysando extensamente a traducção que para o allemão fez o conselheiro L. Schneider :

«E' uma anabase xenophontica, e o melhor qualificativo que quadra á bella obra de Escragnolle Taunay é incomprehensivel (*unbegreiflich*).

O livro tem verdadeiras paginas de Plutarcho e todo soldado tem que aprender com a sua leitura.»

Completamos a nossa singela homenagem ao saudosissimo amigo, estampando n'estas paginas o seu retrato.

(1) Vide pag. 56, nota 1.

« Só hoje é que recebi a sua estimavel carta de 27 do mez p. passado, na qual me annuncia ter prompta, ha 15 annos, uma relação da sua interessante viagem. O que possúo e está quasi tudo traduzido já por mim, intitula-se *Esboço da Viagem*, etc. e vai até á cidade de Cuyabá. Com effeito são simples apontamentos muitas vezes ; entretanto todas as paginas têm leitura proveitosa e deleitavel. O que fiz na traducção

foi procurar conservar toda a fidelidade e ao mesmo tempo arredondar um pouco mais o estylo. Cortei tambem, com muita cautela porém, algumas apreciações sobre o caracter dos Cuyabanos, verdadeiras ha 50 annos, mas que hoje são um tanto asperas.

Creio que o melhor a fazer é imprimir na *Revista do Instituto Historico* esta primeira parte traduzida. Si V. S. se agradar da versão, então darei á estampa o resto, o que de modo nenhum tirará o interesse que ha de ter a publicação integral da viagem e na lingua em que foi escripta. Ha em Paris um jornal de geographia, *Le Tour du Monde*, illustrado excellentemente, que sem duvida alguma acolheria com prazer em suas paginas a noticia de sua curiosa exploração...

Carta de ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY a Hercules Florence, do Rio, em data de 10 de Junho de 1875.

Não tivemos as reservas do V. de Taunay, como se vê á pags. 176 e seguintes.

Quanto á publicação no original francez, nós a faremos na *Revue du Monde Catholique*, de Paris, conjunctamente com a Relação da Viagem de Circumnavegação de nosso Tio ESTEVAM BOURROUL, da qual tratámos a pags. 10 e 11.

—Em carta de 6 de Julho de 1875 escrevi Taunay a Hercules:

«Conclui a parte do trabalho seu que chega até Cuyabá e devo publical-o na proxima *Revista do Instituto Historico*, precedendo-o de umas palavras minhas. Desejo, pois, saber quantos eram os membros da comissão Langsdorff, quaes as suas funcções, quaes as collecções mais importantes, quanto custou pouco mais ou menos ao governo da Russia esta exploração, que destino tiveram os diversos membros, quaes os rios por que desceram ao Pará e que destino deu Langsdorff a todos os trabalhos, onde existem, e em que anno morreu elle. Tenho vagas informações de que elle era de procedimento irregular, dando frequentemente escandalos com mulheres.

Quizera tambem conhecer quaes as causas que separaram meu tio Adriano Taunay e o sr. Riedel do resto da comissão, quando navegavam o rio Taquary. São questões delicadas e apagadas pelo tempo. Trata-se de mortos e só com muita

O *Manuscripto* de Hercules, porém, não está traduzido.

É um manuscrito precioso. Inestimavel. Um livro encadernado em couro, capa de papelão, datado de *San Carlos* (1), *Province de St. Paul, le 11 Août 1837*; todo em francez.

Intitula-se *L' Ami des Arts livré à lui-même ou Recherches et Découvertes sur différents sujets nouveaux*.

PAR HERCULE FLORENCE.

Consta de 423 paginas, grandes.

A interessantissima *Auto-Biographia* (2) contém duas partes; e vai da pagina 175 á pagina 196. Estamos fazendo a sua traducção, que vamos publicar na *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil*.

O *Voyage Fluvial du Tieté à l' Amazone* é maior; é uma obra de folego. Vai de pag. 197 a 423, em letra miuda e desenhos ou vistas em numero de sessenta. A traducção publicada pelo Dr. Alfredo d' Escragnoille Taunay não é a do Manuscripto, que encerra particularidades reservadas e não destinadas a vêrem a luz da imprensa; mas tudo o que o Dr. Taunay publicou está no Manuscripto,—que elle não logrou ter debaixo de suas vistas.

Escreve o auctor d' *A Cidade de Matto Grosso*:

«Chegando a commissão a Santarém em principios

conveniencia é que se pôde tocar em taes assumptos, que aliás perderam toda a importancia.

(1) Antiga denominação de Campinas. Cf. na collecção dos *Documentos do Archivo* de S. Paulo, publicados pelo Dr. Antonio de Toledo Piza e Almeida, o vol. III publicado em 1894.

(2) Vide pag. 9.

de 1829, foi Langsdorff transportado para a Europa, onde viveu, ou melhor vegetou, no seu canto natal, Laisk, na Suabia, até 1852, vindo a fallecer com 78 annos, pois nascêra em 1776. Até aos ultimos dias de vida, o Imperador Nicoláo I lhe pagou generosamente a pensão de 10.000 rublos, apesar do máo exito da sua expedição» (1).

Os gastos da expedição não foram pequenos. A prestação de contas foi laboriosa (2). A expedição, uma vez dissolvida, os seus membros se dispersaram e o

(1) *A Cidade de Matto-Grosso*, á pag. 24 e *Introdução ao Esboço da viagem*, á pag. 349 do tomo XXXVIII, parte 1ª, 1875.

(2) De uma carta de LUIZ RIEDEL a Hercules, datada de 27 de Abril de 1830, Rio de Janeiro :

«Mr. Langsdorff est parti ce matin de Rio de Janeiro pour Anvers; il est accompagné de G. . .

Mr. de Langsdorff est en complète imbécillité.

Sebelow a cru devoir profiter de sa situation, en lui faisant faire et signer des traites pour obtenir non seulement les fonds de l'expédition, qui alors étaient encore de 4:000\$000, mais aussi toute la fortune du Consul, qui est de 11:000\$000.

Pour l'argent de l'expédition, je m'y suis opposé, en ayant, par une instruction, la responsabilité. Pour sa fortune, Mr. Kielchen s'y est opposé comme le procureur de la femme et des enfants légitimes à Saint-Pétersbourg. Il y a eu conférence entre le Baron de Valença, Langsdorff, S., K., et autres, et moi. Mes comptes ont été vérifiés et trouvés justes. En payant toutes les dettes faites par Rubzoff au Pará, de 236 l. sterl. etc., il reste encore plus de 1:000\$000, qui sera remis au gouvernement.

Des 11:000\$000 de Mr. de Langsdorff ont été disposés 1:500\$000 pour les études de Charles Langsdorff e 9:500\$000 pour la famille à Saint-Pétersbourg. Pour les frais du voyage, on a laissé à Mr. de Langsdorff la vente de ses 8 nègres, des meubles, livres, etc.

silencio se fez, lugubre e sombrio, sobre uma commissão scientifica notabilissima e heroica no seu tempo,—até que um Brazileiro illustre conseguisse arrancar do pó do esquecimento os preciosos rascunhos de Hercules Florence.

Vous voyez,—on a été obligé de couper les ailes aux voleurs

Mr. le Baron de Valença est très-aimable envers moi. . . Il est beaucoup plus instruit sur notre voyage que je ne l'aurais cru ni désiré: il dit que l'expédition russe a joué un triste rôle au Brésil, avec raison. Je lui ai donné un mémoire des principaux événements qui ont eu lieu durant l'expédition: j'ai cependant passé sous silence tout ce qui est indélicat, sale et absurde. Je lui ai donné un second memoire sur le commerce de Pará—sur la manière dont on tire les différents drogues, épiceries, etc., qui sont extraites des végétaux,—sur la manière dont les Indiens les vendent et le profit qui en résulte pour les portugais. Il en a été fort content. . .

—Em outra carta, escrevia Riedel a Hercules:

«Je suis attendu à St. Pétersbourg; et Sa Majesté déterminera, à mon arrivée, à mon sujet. Rubzoff est arrivé à St. Pétersbourg; il aura parlé et peut-être plus qu'il n'aurait dû. . . .

Je pars dans la mi-avril pour Hambourg. Ma collection consiste em 36 caisses qui contiennent 500 espèces et 1100 plantes vivantes. Mes dépenses ont été extraordinaires, et j'y ai mis du mien. Je suis pauvre comme un rat d'église. Mon épouse, qui vous salue, et qui est enceinte de 4 mois, restera peut-être ici; cela me fera de grandes dépenses. J'ai heureusement un petit crédit chez Mr. Thévenin. . . »

P. A. KIELCHEN escrevia a Hercules, do Rio de Janeiro, em data de 25 de Setembro de 1830:

«O sr. Consul Geral de Langsdorff embarcou-se para a Europa com toda a sua familia em Abril ultimo, escoltado pelo Major de Sevelloh, que os acompanhará até Lask, onde o meu desventurado chefe se retira até ao fim de seus dias. A

Cincoenta annos durou este silencio, este esquecimento pasmoso, esta indifferença criminosa ! (1)

E aqui terminamos este periodo da vida do nosso Biographado. Vejamo-lo em acção em theatro diverso, mas não menos agitado e interessante.

Spiritus intus alit, totamque infusa per artus
Mens agitat molem, et magno se corpore miscet.

sua saúde continuava sempre no triste estado como quando estaveis em sua companhia.

O Governo Imperial da Russia lhe concedeu uma licença com os seus ordenados por inteiro, que lhe serão contados durante dois annos ; e findos estes, gozará de uma pensão de cerca de 11 mil francos, *ce qui n'est pas mal*.

O sr. Riedel partio para S. Petersburgo, sósinho, em Maio, em um soberbo navio da Companhia Russo-Americana, que accommodou perfeitamente toda a bella collecção de plantas vivas que colhêra depois de seu regresso do Pará.

(1) Carta do dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay a Hercules, em data de 5 de Abril de 1877 :

« Acabo de corrigir as ultimas provas typographicas do final de sua Viagem. Traduzi a *Zoophonia* e mandal-a-hei inserir na *Revista* como annexo. Quando tudo estiver prompto, reunirei n'um volume que lhe enviarei, volume bem interessante e de que lhe será devedor o Brazil ».

QUARTA PARTE

7



CAPITULO I

Chegado ao Rio de Janeiro, cujas bellezas mais uma vez arrebataram a alma artistica de Hercules Florence (1), pouco se demorou elle na Capital do Imperio.

Cinco annos havia que elle aportára á formosa bahia de Guanabara, na *Marie-Thérèse*, sob o commando do sr.

(1) Vide pag. 46.

Manuscripto, in fine, pag. 422—423. Diz ali Hercules : « As bellezas pittorescas esparsas no deserto tinham-me ensinado a sentir as bellezas innumeradas do Rio de Janeiro, bellezas que excedem Napoles, Constantinopla e Lisboa, e que são, além do mais, coroadas de uma vegetação espontanea que não tem essas cidades celebres, que só acharia sua igual em Panamá ou nas margens do Nilo e que pertence ás primeiras idades do mundo. Rio de Janeiro foi feito para formar os pintores e os poetas. Por um commercio secreto entre a natureza e o genio, os seus quadros fazem nascer a inspiração, que se expande em uma atmospherá que, por sua vez, a acalenta sem cessar.»

De Rosamel (1). E desde aquelle dia, 1.º de Maio de 1824 (2), quantas phases tormentosas e quantas vicissitudes haviam apurado os sentimentos, o talento e o coração do desenhista da Expedição Langsdorff!

No Rio encontrou Hercules cartas da familia, de Monaco.

A familia, muito afflictta e anciosa, pela vida de aventuras, pela carreira arriscadissima a que se entregára o sempre querido exilado. As cartas da velha mãe de Hercules são lancinantes de cuidados e saudades. As de seus irmãos Fortunato e Celestina, repasadas dos mais ternos affectos. A imagem do ausente estava sempre presente no lar da familia, n'aquelle patriarchal rochedo de Monaco . . . (3)

Teve assim a confirmação tristissima do cruel passamento de seu irmão Paulino, no Egypto (4).

(1) Vide pag. 45.

(2) Vide pag. 47.

(3) Cartas de 20 de Agosto de 1824, 7 de Janeiro e 31 de Maio de 1825, 31 de Agosto de 1828, 25 de Março de 1829, etc. Estas cartas são verdadeiros thesouros de philosophia e moral.

(4) Vide pag. 17.

« Recebemos com transportes de alegria tua cara carta escripta de Cuyabá, a 4 de Novembro de 1827, na qual nos dás de tua saude as noticias mais consoladoras. Rendemos graças ao Todo Poderoso pelos beneficios que nos dispensa, concedendo-te uma saude tão desejada, unico motivo de nossos cuidados por ti, e nos lhe rogamos te continúe, assim como á nossa preciosa mãe e a nós todos, a sua divina e benevola protecção...

Já não é assim quanto a nosso desventurado e pobre irmão Paulino !...

Succumbin sob o imperio do mal, no Egypto, onde, após ter recebido todos os sacramentos, morreu como christão, o que nos deixa a esperanza fagueira de o tornar a vêr um dia no

No Rio, Hercules narrou á familia do mallogrado Adriano Taunay a catastrophe que arrebatou á Posteridade um talento primoroso, na flôr da idade, e em pleno florescimento. Travou relações de amisade com os irmãos do inditoso Adriano, e cultivou-as até á morte. O sr. de Langsdorff tinha-se compromettido, outr'ora, a proporcionar-lhe uma collocação na Russia, uma vez finda a expedição. Mas a doença mental do Consul e

seio de Deus. Brun, que conheceste em Toulon e que fez uma viagem a Alexandria, foi expressamente ter com o consul francez para colher noticias de nosso irmão, e o encontraram inscripto no rôl dos mortos; logrou obter uma certidão de obito, que lhe foi mais tarde roubada, com todos os seus objectos e bagagens, pelos piratas gregos. Mas nos trouxe noticia positiva. Só nos resta lamentarmos a sua sorte e rogar pelo descanso de sua alma, si é que deve ainda purgar algumas imperfeições da vida.

Meu charissimo amigo, o destino d'este irmão nos tem feito sem cessar temer pelo teu... »—Carta de seu irmão Fortunato, de 31 de Agosto de 1828.

— Etienne Bourroul, de que tratámos a pags. 10, 11 e 16, tambem desapareceu—no Oriente ou onde quer que os ventos contrarios o levassem. Singular coincidencia!

Fortunato Florence, escrevendo a seu irmão Hercules, dizia em data de 28 de Junho de 1854:

« Mr. Etienne Bourroul, que regressou ha muito tempo para a America junto ao seu irmão Celestino, nunca mais deu noticias directas á sua familia, em Nice, que está cheia de cuidados e apprehensões por sua causa. Vê si nos podes dizer alguma cousa a seu respeito, para levar isto a seu conhecimento e contribuir para que escreva á mãe d'elle... »

Etienne regressára para a America—mas aqui mais nunca chegou... Naufragio, crime, desastre—qual a causa do desaparecimento d'aquelle homem de bem, o chefe da familia? — Até hoje é um mysterio.

Si morreu—o que é de crêr—quando e como? — Deus se compadeça da sua alma.

a opposição da gente que o rodeava inutilisaram tal promessa (1).

Prestadas as contas da expedição (2), Hercules, obedecendo á voz da amisade e da gratidão, seguiu para a cidade de Ytú, onde permaneceu por algum tempo.

A familia Alvares Machado acolheu-o como a um filho. Conhecemos os laços que o prendiam ao grande patriota paulista (3). Em sua companhia, seguiu para S. Paulo, onde se effectuou o seu casamento com a dilecta e unica filha de Francisco Alvares, na Igreja da Sé, ás sete horas e meia da manhan do dia 4 de Janeiro de 1830 (4).

(1) *Manuscripto*, pags. 422—423.

Hercules ficou durante nove mezes no Rio de Janeiro; e o sr. Felix Taunay, director da Academia das Bellas-Artes e irmão de Adriano, lhe obteve trabalhos de pintura.

E' curiosa e instructiva a troca de cartas entre Hercules, o vice-consul da Russia, Kielehen, o Barão de Valença, Luiz Riedel e a familia Taunay.

(2) Vide pag. 330.

(3) Vide pags. 63—80.

(4) Eis a certidão de casamento:

« Certifico que no dia quatro de Janeiro de mil oito centos e trinta, n'esta Sé, pelas sete horas e meia da manhan, sem impedimento algum, dispensadas todas as diligencias ordinarias, e o tempo, por Despacho do Illustrissimo Chantre Juiz de Casamentos, Lourenço Justiniano Ferreira, em data de dous de Janeiro do corrente anno, o qual Despacho, *p. me est*, em minha presença, e das testemunhas abaixo assignadas, o Pay da Contrahente Francisco Alvares Machado, e o Alferes José Alvares Machado, com procuração de Joaquim Theobaldo Machado e Vasconcellos, depois de terem os contrahentes sido confessados, e prestado seus depoimentos, se receberam em matrimonio por marido e mulher, por palavras de presente, ANTONIO HERCULES

Ficavam assim coroados os desejos de Hercules e os de Francisco Alvares, cujo apreço pelo seu genro não conhecia limites: a intelligencia superior do illustre homem de sciencia, do denodado chefe liberal, aquilatava quanto cumpria o character, os serviços, a dedicação, o immenso fundo de conhecimentos, a probidade, a modestia e a delicadeza que realçavam a personalidade de Hercules Florence.

D. Maria Angelica era digna filha de Francisco Alvares (1). Senhora dotada das mais bellas prendas de espirito e de coração, não era de seu tempo; pertencia antes á geração de Cornelia, mãe dos Gracchos, ou de D. Anna Nery, a mãe dos brasileiros na guerra do Paraguay.

Animada de grande coragem civica, ella sósinha fez frente ás autoridades de Porto-Feliz, impellidas pela vingança contra os liberaes vencidos na revolução de 1842, e impediu se consummassem as violencias e as perseguições premeditadas no auge da paixão partidaria.

ROMUALDO FLORENCE, natural e baptisado em Nice, filho legitimo de Arnaldo e Augustinha, com DONA MARIA ANGELICA DE VASCONCELLOS, natural e baptisada na Villa de Ytú, e filha de Francisco Alvares Machado, ora residentes, isto é, freguezes da Villa de S. Carlos.—E na mesma occasião pelo Despacho referido lhes dei as Bençams Nupciaes, na fórma costumada n'esta Igreja. Era ut supra. S. Paulo. O Cura, MANUEL DA COSTA ALMEIDA, *Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, José Alvares Machado e Vasconcellos*.—Por ordem do Illm. e Revm. Sr. Vigario Geral dos Casamentos vai esta certidão remettida ao Illm. e Revm. Sr. Vigario da Villa de S. Carlos, onde os contrahentes são freguezes. Sé, 4 de Janeiro de 1830.—O Cura *Manuel da Costa Almeida.*

(1) Vide pags. 65.

Foi sempre de uma dedicação illimitada a seu marido e a seus filhos (1).

Compartilhou da boa e da má fortuna de Hercules (2).

Temos á vista as suas ultimas linhas, escriptas tres dias antes de morrer. O precioso manuscrito, gasto pelo tempo, principia por uma affirmação de amor conjugal.

Finou-se a 17 de Fevereiro de 1850; as dôres e os trabalhos, mais do que os annos,—pois morreu relativamente moça—a levaram ao tumulo.—Alvares Machado fallecera em 4 de Julho de 1846; e d'elle vamos tratar nas paginas seguintes; — a sua mulher, Dona Candida Maria de Vasconcellos Barros, em 6 de Março de 1864 (3).

(1) De seu consorcio houve nove filhos:

Amador Bueno Machado Florence, fallecido;

Celestina, fallecida;

Francisco Alvares Florence, lavrador no Espirito Santo do Pinhal, casado com sua prima Theodorina, filha de Fortunato Florence;

Candida, fallecida;

Antonio Hercules Florence;

Arnaldo, fallecido em França;

Angelica Florence de Ulhôa Cintra, casada com o Doutor Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra, de quem fallaremos mais adiante;

Paulo, fallecido em viagem para a Europa;

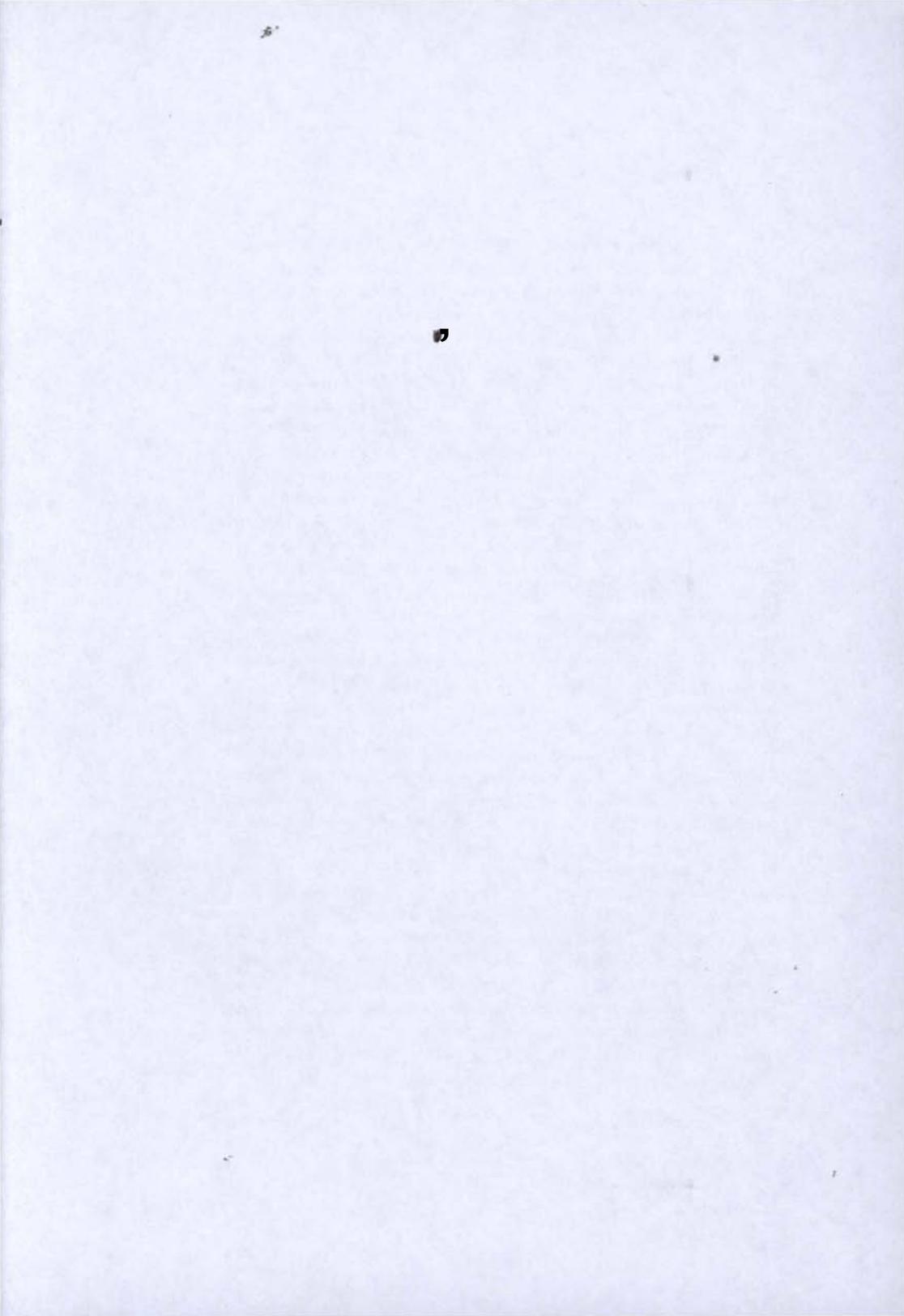
Ataliba, fallecido.

(2) E' o que se evidencia claramente da correspondencia de Alvares Machado e da familia de Hercules em Monaco.

(3) Falleceu com testamento, feito em Campinas a 1° de Setembro de 1851, e do theór seguinte:

«Em Nome de Deos. Amen.—Eu, Candida Maria de Vasconcellos Barros, como christã Catholica, etc. Fui casada com

o Commendador Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, de quem tive uma filha de nome Maria Angelica, que foi casada com Hercules Florence, e ora é fallecida, deixando oito filhos e filhas, que instituo por legitimos herdeiros dos dois terços dos bens que possuo, e do restante, que é minha terça, disponho pela maneira seguinte.—Deixo, pois, em minha terça para o meu compadre Reginaldo Antonio de Moraes Salles a minha morada de casas e que não serão alienadas durante a vida d'elle e de sua mulher, e por morte d'elles passarão á sua filha, sendo elles méramente usufructuarios.—Deixo para Dinazarda de Abreu Rangel a quantia de quatro centos mil réis. Deixo para meu neto Amador Bueno um relógio de ouro com corrente e um alfinete de brilhante. Assim mais deixo a meu neto Francisco, outro alfinete de brilhante. Deixo para minha neta Celestina um cordão de ouro grosso de filigrana. Assim mais, deixo para minha neta Candida outro cordão grosso, de ouro de filigrana. E assim mais, deixo libertos os meus seguintes escravos: Pedro, sua mulher Caetana e seu filho Jacob, Vicente e Antonio, ambos de nação. Assim mais, deixo para minhas netas o remanescente de minha terça.—Quanto ao meu fallecimento e disposições posteriores, fica meu funeral ao arbitrio de meu testamenteiro; devendo, porém, ser eu enterrada em uma mesma sepultura com os ossos de meu finado marido, que se acham em uma urna em meu poder, dizendo-se por minha alma missas de corpo presente pelos sacerdotes do logar no dia do meu fallecimento, no seguinte, e depois mandará dizer mais quarenta e oito missas das tenções de S. Vicente Ferrer e outras 48 por alma de meu finado marido.—Nomeio para meus testamenteiros, em 1º lugar o meu compadre Reginaldo Antonio de Moraes Salles, em 2º a Domingos Leite Penteadó e em 3º ao tenente Antonio Benedicto de Cerqueira Leite, aos quaes rogo queiram acceitar e fazer cumprir estas disposições de minha ultima vontade. E por esta fórma hei por concluido este meu testamento, que é escripto pelo Padre Antonio Joaquim de Mello, e por mim sómente assignado. Campinas, 1º de Setembro de 1851.—*Candida Maria de Vasconcellos Barros.* »





CAPITULO II

Para escrever a biographia de Alvares Machado fôra preciso outro volume igual a este. Já dissemos algo na segunda parte, a pags. 63—66—70. Completaremos o nosso esboço com mais alguns apontamentos.

Mais tarde, quando publicarmos os nossos *Annaes Paulistas*, si a Deus aprouver nos dar vida e saude por mais alguns annos, que consagraremos exclusivamente ao Culto do Passado, mais tarde trataremos longamente, quanto cumpre, do grande vulto do patriota paulista, que tanto honrou a terra que lhe foi berço—e tumulo.

Francisco Alvares cursára as licções de habil professor de Medicina em S Paulo. Seu pai, o cirurgião-mór Joaquim Theobaldo, era um facultativo de nomeada. O professor com que Francisco Alvares estudára tinha a faculdade de outorgar certificados a seus alumnos, o que, por via de regra, valia a estes uma Patente Real para exercer a Medicina e a Cirurgia.

« No tempo de D. João VI não existia no Brazil Escóla de Medicina; e esse Monarcha queria facilitar

á mocidade desprovida dos bens da fortuna os meios de se consagrar áquella profissão: a falta de medicos, e a occupação de Portugal pelos Francezes tinham contribuido, por sua vez, para que o Governo adoptasse, n'este particular, regulamentos favoraveis aos Brazileiros.

Francisco Alvares nunca tinha, pois, visto Academias nem hospitaes; era um homem de genio, e era quanto bastava. Na idade de 18 annos, achava-se em Santos, empregado no hospital militar. O capitão de um baleeiro inglez pedia com urgencia um cirurgião para um de seus marujos que cahira de um dos mastros sobre o convez e tinha fracturado o craneo. Apresentaram-lhe Francisco Alvares, cuja mocidade não lhe inspirou a menor confiança. Logo depois, ao ouvir aquelle moço lhe fallar com sciencia e consciencia da operação que cumpria fazer, e lhe citar os melhores operadores inglezes, elle lhe entregou o marujo, que soffreu a operação do *trepano*, e foi salvo. Maravilhado, o capitão quiz leval-o para a Inglaterra, para o fazer estudar; mas o Governo de S. Paulo, informado do facto, obstou á sua viagem, chamando-o á capital, sob futil pretexto (1).

Por ordem régia de 18 de Fevereiro de 1808 fôra creada uma escola de cirurgia no hospital real da cidade da Bahia. Em 1810, Frei Custodio de Campos Oliveira, leigo professo da Ordem de Christo, em Thomar, conseguiu installar uma escola de cirurgia no Rio de Janeiro, por ordem regia de 3 de Dezembro. Mas estas louvaveis tentativas do sabio governo de D. João VI não alcançavam a provincia de S. Paulo (2).

(1) *Manuscripto* de Hercules, pags. 210-211

(2) Vide MELLO MORAES, *Historia da Trasladação da Côte Portuguesa para o Brazil em 1807-1808*, de pags. 404 a 429.

As duas Faculdades de Medicina da Côrte e da Bahia foram creadas pela Regencia Trina, com referenda de Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro, a 3 de Outubro de 1832.

De um artigo publicado pelo velho ytmano, sr. Antonio Augusto da Fonseca, no 2º tomo da *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, 1898, transcrevemos aqui alguns trechos bem interessantes sobre Alvares Machado.

Convém, entretanto, declaremos que as idéas do auctor em politica são *sujettes à caution*.

Francisco Alvares, nascido em S. Paulo em 1791, era filho do cirurgião Joaquim Theobaldo; e aos dezeseite ou dezoito annos assentou praça em um corpo da guarnição da mesma cidade, onde por sua intelligencia, ou por ser filho de cirurgião, foi empregado no serviço da pharmacia, ou como ajudante do cirurgião do quartel.

Quando seu pae estava em Ytú, para onde tinha ido tratar de um doente, elle por ter commettido um delicto qualquer, não sei si no fóro militar ou civil, precisou fugir de São Paulo, e refugiou-se na casa de minha avó, onde estava seu pae ha alguns mezes.

O tenente Manuel Pacheco Gato tinha escriptorio de advocacia na villa e para lá ia todos os dias; e quasi sempre não voltava para a chacara sem ir á casa de sua irman, onde palestrava com Francisco Alvares e seu pae.

Aquelle era um joven muito intelligente, muito espirituoso e muitissimo engraçado. Sempre bem disposto, alegre, gracejador, d'uma *verve* inexgotavel, emfim, d'uma conversação agradabilissima.

Depois da infeliz propagação das vaccinas de bexigas, Joaquim Theobaldo, desgostoso por ver que havia quem acreditasse ter elle praticado aquillo propositalmente e por interesses egoisticos, resolveu voltar para S. Paulo, sua antiga residencia.

Seu filho não podia acompanhal-o e ficou sem saber o que fazer, nem para onde ir. Então o tenente tirou-o da difficuldade, convidando-o a ir morar em sua chacara, onde estaria até quando quizesse, e lá ficou por não poucos annos.

Chefe do partido liberal de Porto-Feliz, Ytú e d'aquella zona (vide pags. 63 *et seqts.*) Alvares Machado constituiu-se uma das cabeças pensantes do glorioso partido liberal de S. Paulo.

Pela vocação natural, e pela pratica adquirida no quartel, elle já era um curandeiro. Como já disse, os da villa frequentemente procuravam a chacara da Piedade quando se sentiam enfermos; assim deram occasião a Francisco Alvares para exercer a medicina: foi logo reconhecido bom curandeiro e foi estendendo a sua clinica até á villa. Esta cresceu de tal sorte, que o velho cirurgião que lá havia, o sr. Thomé Jacyntho (vulgo o Zabumba) já estava enciumado, vendo n'elle um rival, que lhe ia tirando alguns clientes, e manifestou esse ciuume quando F. Alvares intentou fazer a primeira operação cirurgica, como se vae ver.

Meu pae tinha uma escrava, que queimou uma perna. Francisco Alvares tratou-a e reconheceu necessaria a amputação, porque appareceram os symptomas de gangrena, e disse a meu pae:—Eu posso operal-a, mas não tenho os ferros precisos: si o senhor pedir os do Zabumba, eu farei.

Meu pae fez o pedido: e o medico enciumado lhe respondeu:—Quem é cirurgião tem ferros: os meus são para o meu uso, não os empresto.

F. Alvares, ouvindo esta resposta de meu pae, correu á casa do seu compadre e amigo o sr. Thomaz da Silva Dutra (1), vulgarmente conhecido por Thomaz ourives, trabalhou com elle todo o dia, fazendo os ferros de que precisava, e só á

(1) Era um honrado cidadão, mulato, habil ourives, homem intelligente e estimado por toda a gente boa de Ytú pelo seu caracter bondoso e probó. Teve diversos filhos, todos bons cidadãos, e um d'elles, Miguel Benicio da Silva Dutra, distinguu-se pelo seu talento para as bellas artes. Era bom pianista e escultor. Trabalhou em diversos templos das cidades visinhas de Ytú como entalhador. Fez algumas obras na matriz de Piracicaba, onde fixou sua residencia, e lá edificou o templo da Senhora da Boa-Morte, pedindo para isso esmolas ao povo. O sr. Thomaz Dutra é bisavo do sr. José Hyppolito da Silva Dutra, residente em S. Paulo, onde foi jornalista, collaborador da antiga *Provincia* e hoje *Estado de S. Paulo*, no qual muito se distinguu pelos espirituosos versos que diariamente publicava com a epigrapha *Pipocas*. Foi um grande *pipoqueiro*, deputado estadual durante a presidencia do dr. Americo; e hoje é empregado no commercio.

Fez parte saliente da Assembléa Legislativa Provincial, da qual foi presidente e um dos oradores mais

noite pôde operar a enferma: e apesar de operal-a perfeitamente, não salvou-a, porque com a demora de oito ou dez horas já a gangrena tinha invadido toda a coxa. Foi esta a primeira operação por elle feita.

Havia em Ytú um mogo pobre e cego ha quatorze annos, que esmolava pelas ruas. O audacioso F. Alvares examinou-lhe os olhos, reconheceu uma cataracta e offereceu-se-lhe a operal-o. Foi outra vez ao compadre Thomaz ourives, e com elle fez um ferrinho semelhante a uma tosca folha de canivete, e com este instrumento fez uma operação tão perfeita, que este homem, que eu conheci com cerca de 90 annos de idade, morreu sem nunca sentir a necessidade de oculos.

Desde esta operação já elle tinha credito como cirurgião e era procurado como tal, e fez muitas outras operações de pequena importancia.

Algum tempo depois um fazendeiro de nome Ferraz (si não me engano) que ha annos tinha uma ruptura inguinal, esta sahio: e os medicos Thomé Jacyntho e Broxado não puderam reduzi-la e retiraram-se, declarando o caso perdido irremediavelmente.

Francisco Alvares, sabendo d'isto, foi á casa do enfermo e lhe disse:—Sr. Ferraz, seus medicos o declararam incuravel: pois eu me atrevo a fazer-lhe uma operação que pôde talvez salvá-o: o sr. pôde morrer durante a operação, mas ha probabilidades de bom exito e eu tenho esperanças. Si o sr. quer arriscar-se eu farei a operação.

— Pois si hei de morrer amanhã, que importa que morra hoje? si tem esperança de salvar-me, faça, a operação, —respondeu o velho resolute.

O atrevido joven não vacillou: operou-o immediatamente, e em poucos dias não só estava são da molestia aguda, como tambem estava radicalmente livre da ruptura.

Esta operação foi o seu diploma de cirurgião: ninguem mais duvidava da sua pericia cirurgica. (1)

(1) Em 1839 o conselheiro A. F. de Paula Souza era estudante de medicina no Rio de Janeiro e adquiriu uma molestia que exigia uma operação para seu completo curativo. Seu pae levou-o para Ytú e o sr. A. Machado foi operal-o. Hospedado em casa de um seu antigo amigo, o sr. A. Delfino da Silva, quando elle

acatados e applaudidos.—Adversario resolutivo da restauração de D. Pedro I, por amor ao Throno de D. Pedro

Elle vivia na chacara do tenente, inteiramente descuidado dos seus negocios particulares; ali estava como um filho menor, nada lhe faltava; tinha, pois, tempo para ler e estudar, e não se descuidou d'isso. Comprou livros para o estudo de medicina e cirurgia, e tambem direito publico, por ter vocação para a politica.

Da chacara da Piedade mudou-se para Porto-Feliz, já contratado como medico.

E depois de alguns annos mudou-se para Campinas, onde residiu até morrer no Rio de Janeiro, onde estava como deputado por S. Paulo.

Como e quando se tornou homem politico? Desde a sua mocidade em Ytú relacionou-se com um grupo de notaveis politicos, uns residentes em Ytú, e outros que frequentavam aquella cidade periodicamente, e lá formavam um club politico, que exerceu grande influencia na politica geral do Brazil desde os ultimos annos do tempo colonial até 1834, quando se discutiu o Acto Adicional e dividiu-se o partido nacional de 1831; formou-se então o partido depois denominado conservador. Os que residiam em Ytú eram os senadores Feijó e Paula Souza, e os outros eram o dr. Costa Carvalho, depois barão de Mont'Alegre, senador Vergueiro, o marquez de Valença e Francisco Alvares. Este grupo era intimamente ligado ao senador José Bento Ferreira de Mello e outras influencias de Minas. O Mont'Alegre era casado com D. Genebra, irman dos srs. Bento e Antonio de Barros, depois barões de Ytú e de Piracicaba. Mont'Alegre aproveitava a occasião das festas do Natal e Semana Santa para ir com sua mulher visitar seus parentes em Ytú, e o marquez de Valença, que era casado com uma filha de D. Genebra, tambem pela mesma razão lá ia n'esse tempo;

preparava seus ferros para ir fazer a operação, por acaso entrei na sala onde estava elle. Aproximei-me da mesa onde estava a caixa de ferramentas, e elle poz-se a mostrar-m'as uma por uma, explicando-me para que serviam. E depois me disse:—«Já vos mostrei todos, menos um que, entretanto, me é mais precioso».—E tirou d'um canto da caixa um ferrinho tosco e, mostrando-me, dizia:—«E' o ferro que o meu compadre Thomaz ourives fez e com o qual operei os olhos do Silva. E' uma recordação da minha primeira operação de olhos e do meu compadre e amigo.

II, como o provam as suas celebres moções de 3 de Fevereiro de 1834, foi sempre um liberal esclarecido,

o senador Vergueiro morava em Piracicaba, que n'esse tempo era uma aldêa, e por isso ia tambem ássistira essas festas em Ytú, e Francisco Alvares, quando morava em Porto-Feliz, e depois em Campinas, tambem lá ia, e formavam um club politico que, principalmente de 1828 a 1836, exerceu grande influencia na politica geral e foi quem talvez decidiu da sorte do Brazil, em 1834. O partido nacional, que tinha feito a revolução de 7 de Abril para se proclamar a Republica, assustado com a anarchia em que ficon o Rio de Janeiro logo após a abdicação, hesitou até 1834, e afinal resolveu adiar a Republica e coroar D. Pedro II (1).

Feijó disse a meu pae em 1831 ou 1832:—«Convém adiar-mos a Republica até que cesse esta anarchia; com o Acto Adicional teremos um governo tal qual o dos Estados Unidos do Norte, sem as agitações das eleições presidenciaes, etc. Em tempo opportuno faremos a Republica.»

As suas relações com este club deram a Francisco Alvares a cadeira de deputado por S. Paulo na eleição de 1832 a 1835. De então por diante foi sempre deputado até 1841, e reeleito em 1844, quando subiu ao poder o partido liberal, por graça de sua magestade, que gostava de variar de ministerios, fossem quaes fossem as circumstancias do paiz.

E n'esse tempo já tinha elle tão elevado credito como cirurgião, que, quando chegava no Rio para occupar a sua cadeira na camara, achava muitos doentes de Minas e de outros pontos, que o esperavam para que elle fizesse a operação de olhos; e quando voltava para Campinas, ali achava outra turma de enfermos, vindos de todas as provincias circumvisinhas da nossa para o mesmo fim.

Emfim, no seu tempo nenhum outro cirurgião tinha maior credito do que elle, especialmente como oculista. Entretanto, a sua unica escola foi a chacara da Piedade, onde o tenente lhe deixava todo o tempo para, em seu gabinete, entregar-se inteiramente aos seus estudos, como um filho menor sem cuidados dos seus negócios.

(2) A Historia diz o contrario.

embora extremado, e um monarchista sincero e desinteressado (1).

Foi eleito deputado geral na 3ª legislatura (1834, 1837); na quarta (1838—1840); na sexta (1845—1847); e fallecendo no periodo legislativo, foi substituido em 1846 pelo dr. João da Silva Carrão.

Foram, n'estas legislaturas, seus companheiros de deputação:—o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, o dr. José Corrêa Pacheco e Silva, o dr. Rodrigo Antonio Monteiro de Barros, o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, o dr. Lourenço Pinto de Sá Ribas, o coronel Joaquim Floriano de Toledo, o dr. Manuel Dias de Toledo, o padre Valerio de Alvarenga Ferreira, o padre Lourenço Marcondes de Sá, D. Antonio José dos Reis, Bispo de Cuyabá, o dr. Francisco de Paula Souza e Mello, o dr. José da Costa Carvalho, depois Marquez de Monte-Alegre, o dr. Carlos Carneiro de Campos, o desembargador José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada, o dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, o dr. Joaquim José Pacheco, o coronel Francisco Antonio de Souza Queiroz, o padre dr. Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, (2) o dr. Antonio Manuel de Campos Mello, o dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos, o brigadeiro José

(1) Vide *Anexos*.

(2) «Particular amigo e companheiro de casa do deputado Alvares Machado, coadjuvava-o no gabinete com as suas luzes, e muitas vezes fornecia-lhe uteis apontamentos, tomados ao correr da discussão, proporcionando assim occasião ao talentoso orador de levar assignalada vantagem nos debates em que tantas vezes se envolvia». DR. OLEGARIO HERCULANO DE AQUINO E CASTRO, *O Conselheiro Manuel Joaquim do Amaral Gurgel*, cap. VII, á pag. 314.

Pinto Gavião Peixoto, o coronel José Joaquim Machado de Oliveira e o dr. José Antonio Pimenta Bueno, depois Marquez de S. Vicente.

Os annaes da Camara dos Deputados, de 1835 a 1845, repercutem os échos da soberba eloquencia parlamentar de Alvares Machado.

O seu vulto assoma com proporções verdadeiramente grandiosas, épicas, homericas, na questão da Maioridade, em 1840.

D. Pedro I abdicará, inesperadamente e contra a expectativa e a vontade de seus adversarios, que apenas exigiam a mudança do ministerio, a 7 de Abril de 1831 (1). Entregou o imperial infante á lealdade e generosidade das Camaras e da Nação Brazileira; e abandonou o Brazil. O poder passou para as mãos de uma Regencia, impotente para debellar os males que flagellavam o paiz, dilacerado por luctas intestinas. A penna de Evaristo, que tão poderosamente contribuiu para o despecho de 7 de Abril, tornára-se inefficaz ante a reacção de Feijó e o desapparecimento do partido caramurú com a morte do Duque de Bragança. Nem a Regencia Trina, nem o fogoso e auctoritario padre do Patrocinio de Ytú (2), nem Pedro de Araujo Lima, escudado pelo talento incommensuravel e pela energia inquebrantavel de Bernardo Pereira de Vasconcellos, lograram suffocar as revoltas e implantar o principio da Auctoridade no Brazil. Por sobre as rebeldias e as revoluções pairava, sim, qual arca de alliança, o Throno do joven principe, D. Pedro II, suprema esperanza de todos os partidos.

(1) Vide a nossa obra *O Dr. João Mendes de Almeida*, 1ª parte, cap. 2.º, nota 1.

(2) Vide a nossa obra *O Regente Feijó,—passim*.

Já em 1835 formulára o deputado Luiz Cavalcante um projecto para que a Maioridade do Imperador fosse declarada aos 14 annos. Debalde: a proposta não foi julgada objecto de deliberação. No mesmo anno surgira a idéa de entregar-se a Regencia á Princeza D. Januaria, que acabára de ser reconhecida Princeza Imperial, em consequencia de haver perdido o direito de successão á Corôa do Brazil a Princeza D. Maria II, aclamada Rainha de Portugal. O periodico *Sete de Abril*, redigido por Bernardo Pereira de Vasconcellos, fôra o primeiro que iniciára esse projecto, de franca hostilidade ao padre Feijó; e foi combatido pela *Aurora Fluminense*, de Evaristo Ferreira da Veiga.

Em 1837, formulou o deputado Vieira Souto um projecto declarando maior o Imperador, que ainda não contava 12 annos. O projecto, apoiado por 9 deputados, cahiu.—Em 1839 o deputado Montezuma opinou para que se declarasse maior o Imperador.

Em 1840 a idéa assumiu phase decisiva. O partido liberal fôra apeado do poder com a renuncia de Feijó e a ascensão de Pedro de Araujo Lima, ministro do Imperio nomeado *ad hoc* por aquelle Regente.

O partido liberal aventou a idéa da illegitimidade do governo do novo Regente, sob o fundamento de competir o governo do paiz á Princeza D. Januaria, irman do Imperador, que já completára a idade de 18 annos.—Constituiu-se na Côte o Club da Maioridade, já existente no Ceará. Estavam á frente do movimento maiorista—Alencar, os Andradas, os Cavalcantes e Alvares Machado; a elles se aggregaram depois poli-

ticos proeminentes, de ambas as parcialidades politicas.

Theophilo Ottoni, Marinho, Pinto Coelho, Montezuma, Limpo de Abreu e outros engrossaram as fileiras do novo partido. —Recorramos aos historiadores contemporaneos.

Sustentada como questão politica, como principio de hostilidade de um partido contra outro, a mesma idéa teria de triumphar. Diz Justiniano José da Rocha :

«A Opposição, que tanto se distinguira na sustentação das conquistas democraticas, constituiu-se, em odio ao governo regencial, a grande promotora da maioria».

Além d'isto acudiu esta idéa ao espirito do povo, que ambicionava uma nova éra de paz e concordia; e era essa idéa do pequeno numero d'aquellas, como diz Justiniano Rocha, que, uma vez aventadas, não podem mais retrahir-se.

Em 7 de Maio de 1840 o deputado Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, como relator da commissão, apresentou o projecto á falla do Throno, no qual lia-se o periodo seguinte :

«A Camara, Senhor, profundamente convencida da importancia do consorcio das Augustas Princezas, sobre o qual tem V. M. Imperial grande interesse, pela natureza e pela lei, e vendo com prazer aproximar-se a maioria de V. M. Imperial, assegura a V. M. Imperial que se occupará opportunamente com toda a solitudine d'este objecto, que o Throno se dignou offerecer á consideração da Assembléa Geral.»

Cinco dias depois, aberta a discussão do voto de graças, impugnou Honorio Hermeto Carneiro Leão,

mais tarde visconde e marquez de Paraná, aquelle periodo, propondo a seguinte emenda :

«Supprimam-se as palavras : sobre o qual tem V. M. Imperial grande interesse pela natureza e pela lei, e vendo com prazer aproximar-se a maioridade de V. M. Imperial.»

Suscitou essa emenda longa e animada discussão, que prolongou-se dias e dias. No dia 13, Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcante de Albuquerque leu no senado estes projectos :

«A Assembléa Geral Legislativa decreta : Artigo unico. O Sr. D. Pedro II, Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil, é declarado maior desde já.—Paço do senado, 13 de Maio de 1840.—*Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcante de Albuquerque.*—*José Martiniano de Alencar.*—*Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque.*—*José Bento Leite Ferreira de Mello.*—*Antonio Pedro da Costa Ferreira.*—*Manuel Ignacio de Mello e Souza.*»

«A Assembléa Geral Legislativa decreta : Artigo unico. Logo que o Sr. D. Pedro II fôr declarado maior, nomeará um conselho, que se denominará conselho privado da Corôa, composto de dez membros, que terão os mesmos ordenados que tinham os antigos conselheiros de Estado.»

Estava assignado por aquelles mesmos senadores.

A Assembléa provincial do Rio de Janeiro apresentou logo um projecto de representação á Assembléa Legislativa, congratulando-se pela idéa do projecto do senador Hollanda Cavalcante, que queria que a Assembléa Geral declarasse maior desde já o Imperador.

Apresentada claramente pela Opposição a idéa da maioria, tornou-se o governo vigilante e activo, disposto a apurar os golpes dos adversarios, a sustentar luta renhida e porfiada, e a resistir com firmeza á conquista que o partido opposto desejava realizar no paiz. Mas convinha ser forte, porém prudente, e não parecer usar de uma politica egoista, declarando-se abertamente contra a idéa. Era preciso guerrear, mas de viseira descida, e empregar em vez da franqueza, as tricas politicas. Assim procedeu o governo: procurou procrastinar a questão e firmar-se no codigo constitucional, esforçando-se por provar que semelhante projecto era contrario á lei fundamental da nação.

Inspirado pelas idéas ministeriaes, leu Carneiro Leão, em sessão de 13, da camara dos deputados, o seguinte projecto:

«A Assembléa Geral Legislativa decreta: Artigo unico. Os eleitores dos deputados para a seguinte legislatura lhes conferirão, nas procurações, especial faculdade para reformar o art. 121 da Constituição, afim de que S. M. o Imperador actual, o Sr. D. Pedro II, possa ser declarado maior antes da idade de dezoito annos completos. Paço da Camara dos Deputados, aos 18 de Maio de 1840.—*Honorio Hermeto Carneiro Leão.*»

Para sustentar seu projecto declarou Carneiro Leão que julgava perigosa a decretação da maioria desde logo; que qualquer intelligencia contraria ao artigo, onde se diz que o Imperador não possa entrar no exercicio de suas attribuições sinão depois de dezoito annos completos, offende á Constituição; que uma lei ordinaria não póde annullar um artigo do codigo constitucional, e convinha o monarcha assumir o governo de harmonia com o codigo da nação.

Consultada a Camara sobre o projecto, e apoiado este pela terça parte dos membros presentes, participou o presidente que ficava sobre a mesa para ser lido por tres vezes, com o intervallo de seis dias de uma á outra, conforme prescreve a Constituição.

Estava travada a luta sobre a Maioridade: pelo governo fallára o partidario mais notavel e mais arrojado; estavam marcadas as posições: de um lado o partido liberal, desejoso de assumir a direcção dos negocios, pugnava por uma idéa que parecia acceita pela nação; de outro lado, firmado no terreno da legalidade, jurava o partido moderado resistir aos adversarios.

Encetada a lucta na tribuna sobre o projecto de Carneiro Leão, requerem uns que vá á commissão de Constituição para sobre elle lavrar parecer; clamam outros que, exercendo o governo predominio nas eleições, se esforçará por eleger seus candidatos, que, ou combaterão a reforma, ou a tornarão irrisoria. Repetem alguns que é illusoria e inutil a reforma: illusoria, por haver sido habilmente lembrada para deixar a regencia terminar o tempo de seu governo, e inutil, por ter já o Senado proposto a maioridade do Imperador por uma lei ordinaria.

Entrando no dia 20 em discussão o projecto de Hollanda Cavalcante, nenhum senador tomou a palavra, nenhum levantou-se para impugnal-o ou defendel-o: conservou-se a assembléa silenciosa e passiva; mas, passando a presidencia ao vice-presidente, conde de Valença, ergueu-se o marquez de Paranaguá que, eloquentemente advogou o projecto, e pediu fosse discutido com calma, serenidade e sem prevenções; mas sua voz pouco conseguiu: o projecto cahiu *por dezoito* votos *contra dezeseis*.

Transmittida á Camara dos Deputados a noticia d'essa votação, regosijaram-se os militantes do poder; pediram immediatamente o encerramento da discussão do voto de graças, que foi approvado, assim como a emenda de Carneiro Leão supprimindo as palavras: «E vendo com prazer aproximar-se a maioria de V. M. Imperial.»

O triumpho do governo irritou a Opposição, da qual alguns membros julgaram-se vencidos na luta; outros afastaram-se da Assembléa vociferando, como Martim Francisco, que, ao retirar-se, bradou:

«E' porque n'esta Camara de Deputados de uma monarchia constitucional é crime desejar a maioria do monarcha.»

Era a idéa da maioria o pomo de discordia entre os representantes da nação, entre o governo e a Opposição; d'esta era o programma e d'aquelle a questão que devia ser combatida com todo esforço, e assim de todas as armas, de todos os meios, teriam de servir-se os adversarios n'essa grande luta politica.

Em sessão do dia 21 Francisco Alvares Machado e Vasconcellos accusou o governo de desejar aterrar a população, propalando que se pretendiam empregar meios violentos para transferir a direcção do Estado ao joven Principe; que conservava-se tranquillo o povo: mas si os agentes do poder levassem ás provincias a noticia de que se tencionava usar de força para entregar a governação ao Imperador, poderia haver alteração da ordem publica, apesar de desejar o povo a Maioria; e, para que a Camara ficasse informada do que resolvêra a Regencia sobre este assumpto, leu o seguinte requerimento:

«Requeiro se peça ao governo a cópia do aviso do ministro da Justiça, pelo qual recommendou ultimamente ao chefe de policia que vigiasse acuradamente sobre a manutenção da tranquillidade publica na actual conjunctura.»

Negou o ministro que se tivesse expedido pela secretaria da Justiça ordem alguma ao chefe de policia.

Discutidor habilissimo, descobriu Alvares Machado um argumento forte para atacar a Regencia e advogar a idéa da Maioridade. Em sessão de 3 de Julho demonstrou a illegalidade do governo desde 11 de Março, em que D. Januaria, Princeza Imperial e herdeira presumptiva da Corôa, completára dezoito annos, e como tal deveriam ser-lhe entregues desde aquella época as rédeas do governo, em virtude do art. 126 da Constituição, que diz :

«Si o Imperador, por causa physica ou moral evidentemente reconhecida pela pluralidade de cada uma das Camaras da Assembléa, se impossibilitar para governar, em seu lugar governará como regente o Principe Imperial, si fôr maior de dezoito annos.»

O discurso d'esse grande orador produziu a mais viva impressão ; sua argumentação cerrada e logica contrariou a seus adversarios politicos, que mais de uma vez procuraram cortar-lhe a palavra ; porém, animado e apoiado pelos seus partidarios, continuou Alvares Machado na tribuna.

Na sessão seguinte propôz Carneiro Leão urgencia de seu projecto de reforma constitucional sobre a Maioridade ; a Camara approvou que fosse discutido, com exclusão de qualquer outra materia, logo que findasse a segunda discussão da fixação das forças de terra.

Entrando em ordem do dia aquelle projecto, ouviu-se a voz eloquente e energica de Antonio Carlos, que declarou inconstitucional, inutil e illusorio semelhante projecto, e não ser mais do que um recurso strategico de que se servira o autor para inutilisar o projecto lido no Senado, declarando desde logo a Maioridade; que, levantada a questão si essa medida era ou não constitucional, quizera o autor embaraçar os senadores, e d'esse modo conseguira matar o projecto ali iniciado.

Na sessão seguinte defenderam o projecto de Carneiro Leão os deputados Ferreira Penna, Nunes Machado, Sousa Franco, Carneiro da Cunha e Angelo Custodio.

Expondo de um modo elegante e facil seus argumentos, abriu Sousa Franco o livro constitucional, e, comparando o art. 121 com o 178, disse:

«Art. 178:

«E' só constitucional o que diz respeito aos limites e attribuições respectivas dos poderes politicos, e aos direitos politicos e individuaes dos cidadãos.

«Diz o art. 121:

«O Imperador é menor até a idade de dezoito annos completos.

«O projecto tende a declarar-o maior antes d'esta idade; declarar maior antes da idade o Imperador é fazê-lo entrar por meio de uma lei no gozo das attribuições de poderes politicos; logo, o artigo que priva o Imperador menor de attribuições de poderes politicos, a lei que lh'as pretende dar são constitucionaes e estão na letra do art. 178 da Constituição, e esta proposição é tão evidente que não exige mais demonstração.»

Continuando, accrescentou o illustrado orador, que já então manifestava essa facilidade de expressão, essa energica dialectica que havia de tornal-o o Hercules na tribuna, quando dez annos depois teria, elle só, de combater contra o governo, constituindo o que se chamou *unidade opposicionista* :

«A alteração do art. 121 só pôde ser feita constitucionalmente, porque com a maioridade entra S. M. o Imperador no gozo de todos os direitos politicos e individuaes do cidadão, e o que a elles diz respeito é constitucional, art. 178. S. M. o Imperador é brasileiro, porque, si o não fosse, não podia ser Imperador, art. 119 da Constituição; si, pois, é brasileiro, é tambem cidadão brasileiro. A conclusão é portanto que, como a Maioridade lhe traz o pleno gozo de todos os direitos politicos e individuaes do cidadão, e o que diz respeito a estes é constitucional, só constitucionalmente se pôde fazer esta alteração, esta dispensa.»

Argumentando sobre os mesmos principios, ponderou Ferreira Penna que parecia ser mais curial e prudente sustentar-se que tudo o que está na Constituição é constitucional do que pôr em duvida a constitucionalidade de artigos capitaes, como querem alguns deputados, asseverando que não é constitucional o art. 121, porque não diz respeito sinão a uma condição de tempo e não versa sobre divisão e limites de poderes.

«A Constituição exige, por exemplo, continuou o orador, uma idade determinada para o exercicio do direito politico de eleitor, exige uma idade determinada para o exercicio do direito politico de deputado, o mesmo para senador, o mesmo para conselheiro de Estado, marca a idade em que os membros da Familia Imperial devem exercer taes e taes direitos; e uma

vez que votarmos que não é constitucional o art. 121, creio que corremos o perigo de vêr a Constituição destruída em todos os seus artigos; pôde haver quem, nomeado senador, tendo trinta ou trinta e cinco annos, e estando em duvida sua eleição, peça a dispensa de idade para tomar assento no Senado; e, assim como podemos dispensar n'este caso, no exercicio do direito politico de ser chefe do Estado, podemos dispensar na idade que se exige para todos os outros cargos.»

Nas sessões de 13 e 14 de Julho esforçou-se Alvarés Machado em provar que não era constitucional o art. 121; que a Constituição diz que só é constitucional aquillo que diz respeito ás attribuições e limites dos poderes politicos do Estado, e aos direitos politicos e individuaes dos cidadãos; que tudo mais pôde ser reformado por leis ordinarias; que a elevação do Imperador á direcção suprema do Estado, era uma necessidade, e que em muitas nações civilizadas não havia lei constitucional marcando a época da maioridade do rei; acontecendo terem assumido a governação do paiz principes menores.

Na sessão seguinte outro deputado, o padre Marinho, que n'esse mesmo anno teria de receber a mursa de conego, mostrou-se partidario da Maioridade, e com a eloquencia, que havia de tornal-o notavel na cadeira da Igreja, combateu o argumento de que se servira outro orador, dizendo que, si a Assembléa Geral podia decretar a Maioridade antes dos dezoito annos prescriptos pela lei, tambem podia decretar que a Camara dos Deputados fosse vitalicia e o Senado temporario; mas, observou o padre Marinho, que esse caso envolve privação de direitos, e direitos que entram na Constituição d'aquelle corpo: em uma das hypotheses a Camara

dava direitos a quem não tinha; em outra usurpava direitos a quem tinha; porém na questão da maioridade apenas se tratava de um supplemento de idade, de uma circumstancia accidental para que aquelle que tem a plenitude de direitos entre no exercicio d'elles.

Em outra sessão, subindo à tribuna o deputado Limpo de Abreu, mais tarde visconde de Abaeté, tratou de demonstrar que por uma lei ordinaria se podia alterar o art. 121; que a fixação da idade não é cousa arbitraria; que é determinada pela capacidade que tem o individuo de obrar livremente e racionalmente: ora, si a capacidade é um facto independente da lei, e que a lei não póde crear, reconhecida esta capacidade, a lei não póde dizer que não existe.

Com a logica e patriotismo que ha manifestado em sua longa vida parlamentar, continuou o orador n'estes termos:

«Si o corpo legislativo reconhece que o Sr. D. Pedro II tem a capacidade necessaria para bem dirigir os negocios do Estado, iniqua será toda a decisão que tender a retardar o momento em que Sua Magestade deve entrar no exercicio de todos os direitos magestáticos, porque n'este caso o corpo legislativo, reconhecendo por um lado a capacidade intellectual, capacidade que, segundo os melhores estadistas, é o que confere direitos, diz por outro lado que elle não deve entrar no exercicio d'esses direitos.

«Um artigo da Constituição determina que nenhum cidadão brasileiro possa ser senador sem ter, entre outros requisitos, a idade de quarenta annos; si se iniciasse no corpo legislativo uma medida para reduzir a trinta annos ou meños a idade legal para senador, teriamos de applicar o principio geral da capaci-

á generalidade de todos os cidadãos brasileiros. Esta consideração, esta differença na applicação de um principio, póde mudar essencialmente o estado da questão, e eu creio que não poderia ser accusado de contradictorio si, votando hoje que o art. 121 da Constituição não é constitucional, votasse amanha que o artigo sobre a idade legal para senador ou sobre a idade legal dos deputados é artigo constitucional.»

Deduzindo outras razões, o orador comparou o Brazil em 1840 com Portugal em 1834, onde por uma lei ordinaria foi D. Maria II declarada maior.

De feito, D. Pedro I, depois de haver pelejado com muito valor e muita gloria, depois de haver firmado a lei, a ordem, a Constituição em Portugal, sentiu em si a molestia que breve teria de afastal-o do mundo; recolhida á bainha sua espada de soldado, percebeu que suas mãos, já bafejadas pelo halito frio da morte, não podiam sustentar mais o peso da governação do Estado, e por isso resignou a Regencia.

Recebendo a mensagem do Libertador da patria, tratou a representação nacional de deliberar sobre a suprema direcção do Reino; e a Camara dos Deputados nomeou uma commissão para dar parecer, que foi promptamente apresentado, no qual, considerando que era de interesse geral da nação dar-lhe desde já, na pessoa escolhida para a reger e governar, uma garantia da estabilidade do governo representativo, da paz e da tranquillidade publica; considerando que, ainda quando o presente caso se ache diversamente providenciado na carta constitucional, não é comtudo esta uma d'aquellas disposições que não possa ser alterada ou dispensada pelas Côrtes Geraes; considerando que a actual Rainha, pelo completo desenvolvimento de

todas as suas faculdades phisicas e moraes, se acha sufficientemente habilitada para começar desde já a tomar sobre si o governo do Reino, é de parecer que S. M. a Rainha Sra. D. Maria II seja havida e declarada por maior, para entrar immediatamente no exercicio dos poderes que pela Carta lhe competem.

Foi este parecer votado unanimemente sem discussão, e, após ligeiras observações de alguns membros da Camara dos Pares, passou n'essa assembléa por vinte e cinco votos contra seis.

Era o dia 16 de Setembro de 1834. A Rainha declarada maior recebeu a Corôa que seu pai lhe firmára na frente, depois de vencedor de uma lucta longa e gloriosa, em que conquistára a liberdade de Portugal, como seculos antes conquistára D. João I a independencia; e, passados apenas oito dias, foi repousar nos jazigos de S. Vicente de Fóra o cadaver do descendente do Mestre de Aviz (1).

(1) MOREIRA DE AZEVEDO, obra citada, *passim*



CAPITULO III

As scenas de 1834 em Portugal repetiam-se no Brazil em 1840; desejava-se elevar á plenitude do poder um principe, que tinha quasi a mesma idade que sua irman, quando cingiu a Corôa de Affonso Henriques.

Em sessão de 17 de Julho o deputado Navarro declarou-se a favor da Maioridade; Maciel Monteiro arvorou estandarte contrario, e Theophilo Ottoni, o denodado tribuno, sempre franco e sempre arrojado, abraçando a idéa da Maioridade, exprimiu-se assim:

«Para aproveitar-se uma occasião fugitiva de fazer o bem do paiz, diz Jefferson, é licito ir além da Constituição. N'estes casos, os representantes da nação, si interpretam bem as necessidades publicas, devem prescindir de subtilezas metaphysicas, e, arriscando-se como fieis mandatarios, pedir depois á soberania nacional um *bill* de indemnidade. Si o factio praticado é verdadeiramente util e honesto, a nação não desaprovará o precedimento de seus mandatarios, e o *bill* de

indemnidade, tornando mais salientes os traços da separação da linha dos poderes, longe de enfraquecer, consolidará a constituição.

«N'estas circumstancias, eu, pôsto aqui por meus constituintes para velar na guarda da Constituição e das leis, tomo sobre mim esta responsabilidade de emittir um voto, não no rigor dos meus principios, não muito de accordo com os meus principios, mas porque as circumstancias da nação o exigem.»

Enquanto a Camara electiva occupava-se com esta discussão, regeitava o Senado a resolução que adiava as eleições da futura legislatura, e assim nullificava o projecto da reforma constitucional, que se discutia n'aquella Assembléa. Carneiro Leão apressou-se em retiral-o. Mas a idéa da Maioridade já estava geralmente admittida. Diz Justiniano José da Rocha :

«Ia-se generalizando uma como aspiração pelo dia em que, chegando o Imperador á Maioridade, ficasse constituido o poder nas grandes bases constitucionaes.»

Referindo-se á regeição do adiamento no Senado, fallou Ottoni do seguinte modo :

«Sr. presidente, os nobres defensores do projecto parece que hoje tomam o conselho que Filippe II dava aos estadistas : dizia este monarcha que o homem politico devia constantemente voltar as costas para o alvo a que pretendia chegar, e que devia proceder como os remadores, que, sentados em seus bancos, voltam as costas para onde a força de seus braços impelle a embarcação. Sem duvida, á vista do successo occorrido na outra Camara de se regeitar o espaçamento das eleições, á vista da impossibilidade em que estamos de que tenha lugar pela fórma exigida no

projecto a Maioridade, é evidente que os defensores do projecto fazem como Philippe II aconselhava aos estadistas: procedem como os remadores, voltam as costas para o alvo a que pretendem attingir; mas remam para elle? Os nobres defensores do projecto voltam prudentemente a cara para S. Christovam, mas remam para a rua dos Arcos, (1).»

Occupando a tribuna, ponderou Alvares Machado que, visto ter Carneiro Leão retirado seu projecto, devia proclamar-se a Maioridade, pois a Camara parecia decidida a concordar com este voto da Opposição; levantou-se, porém, Limpo de Abreu, e observou o inconveniente da precipitação em questão tão grave e importante, e pediu o adiamento da materia para a sessão seguinte.

Foi virulenta a sessão do dia 20; regorgitavam de povo as galerias, e nem o proprio recinto dos deputados foi respeitado; e, invadindo todos os lugares, quizeram os espectadores ter intervenção indebita na discussão.

Limpo de Abreu leu a indicação seguinte:

«Indico que se nomeie uma commissão especial, composta de tres membros, para se offerecer á Camara com urgencia a medida que lhe parecer mais conveniente sobre a Maioridade de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II.»

Varios deputados impugnaram essa indicação como inutil e prejudicial: inutil, por parecer que estavam todos sufficientemente esclarecidos sobre o objecto; e prejudicial porque, á vista do estado critico do paiz, era um mal não antecipar o tempo da Maioridade.

(1) Residia o Regente na rua dos Arcos.

Como additamento á indicação apresentada leu Martim Francisco as seguintes indicação e resolução:

«A Assembléa Geral Legislativa do Brazil resolve:

«Art. 1º -O Sr. D. Pedro II é declarado maior desde já.

«Art. 2º—Ficam derogadas todas as leis e disposições em contrario.»

«Indico que a commissão de Constituição seja encarregada de submeter á approvação da Camara o officio que se deve dirigir ao Senado, pedindo a reunião de ambas para juntas deliberarem sobre o modo mais expedito de collocar S. M. I. o Sr. D. Pedro II no Throno, e d'esta arte, como verdadeiros representantes da opinião publica, pôrem termo á crise actual, e satisfazerem ao enthusiasmo e vontade pronunciada do povo.—*Ribeiro de Andrada.*»

O deputado Galvão enviou á mesa este requerimento:

«Requeiro que por aclamação se decrete desde já a Maioridade de S. M. o Sr. D. Pedro II, Imperador constitucional do Brazil.»

A discussão tornou-se agitada: diversos deputados repetem expressões insultuosas; o povo ora applaude, ora reprova; ha confusão e tumulto, e se não respeita a liberdade da tribuna. Acenando com o lenço dá o deputado Navarro vivas á Maioridade, que, repetidos nas galerias, no salão e corredores, contribuem para augmentar o rumor, perturbar as deliberações e exaltar os espiritos; difficilmente o presidente restabelece a ordem, e submete á approvação a indicação de Limpo de Abreu, que, sendo approvada, são nomeados para a commissão especial os deputados Ramiro, Gonçalves Martins e Nunes Machado.

No dia seguinte Antonio Carlos formulou e remetteu á mesa o seguinte projecto, que foi approvedo:

«A Assembléa Geral Legislativa resolve:

«Artigo Unico. S. M. I. o Sr. D. Pedro II é desde já declarado maior.»

Pediú Alvares Machado urgencia para esta indicação entrar logo em ordem do dia; mas comparecendo um dos membros da commissão especial, leu o seguinte requerimento:

«A commissão especial encarregada de offerecer á Camara, e com urgencia, o que lhe parecer conveniente sobre a Maioridade de S. M. o Imperador, Sr. D. Pedro II, entende que, sendo a materia de que tem de occupar-se sobre todas grave e ponderosa, conviria sem duvida ser coadjuvada por uma commissão da Camara vitalicia, como em algumas circumstancias tem sido observado; e em consequencia, é a commissão de parecer que com urgencia seja o Senado convidado a nomear de seu seio uma commissão especial, que tenha de occupar-se, com a d'esta Camara, de um objecto de maxima importancia. Paço da Camara dos Deputados, 21 de Julho de 1840.—*Ramiro.—Gonçalves Martins—Nunes Machado.*»

Consultou o presidente a Andrada Machado si concordava em retirar seu requerimento de urgencia, afim de começar a discussão do parecer da commissão; e sendo attendido, discutiu-se o parecer, empenhando-se no debate Lopes Gama, Montezuma, Alvares Machado e Oliveira contra, e a favor Nunes Machado, Ramiro e Souza Franco.

Requeriu Theophilo Ottoni que se restabelecesse a urgencia da resolução de Antonio Carlos, e se adiasse o requerimento da commissão, para ser considerado depois da decisão da Maioridade.

Continuava a discussão, quando, em sessão de 22, leu o secretario dois decretos, o primeiro nomeando para ministro do Imperio a Bernardo Pereira de Vasconcellos, e o segundo adiando a Assembléa Geral para o dia 20 de Novembro, concebido n'estes termos:

«O Regente, em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II, tomando em consideração a exposição que pelos ministros e secretarios de Estado das differentes repartições lhe foi feita acerca do estado de perturbação em que actualmente se acha a Camara dos Deputados, e attendendo a que a questão da Maioridade de S. M. Imperial, que n'ella se agita, pela sua gravidade e pela alta posição e importancia da Augusta Pessoa a que é relativa, sómente póde e deve ser tratada com madura reflexão e tranquillidade, ha por bem, usando da attribuição que lhe confere o art. 101, § 5º da Constituição da Imperio, adiar a Assembléa Geral para o dia 20 de Novembro do corrente anno. Bernardo Pereira de Vasconcellos, senador do Imperio, ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio, o tenha assim entendido e faça executar.»

Apresentou o secretario mais este documento:

«Senhor.—Tratando-se na Camara dos Deputados da tão melindrosa quanto importante questão da Maioridade de V. M. Imperial, e havendo as discussões, em lugar do character sisudo, reflectido e prudente que lhes convinha, em attenção á gravidade da materia, tomado outro muito diverso, chegando não só a perturbar-se a ordem dentro da mesma Camara, mas tambem a promover-se a agitação no povo d'esta capital, julgamos do nosso rigoroso dever submeter á consideração de V. M. Imperial a necessidade de uma medida, que, restabelecendo novamente a tranquillidade,

ponha n'aquella Camara os espiritos em estado de poderem, com a necessaria circumspecção e madureza, deliberar e decidir sobre tão importante materia.

«Esta medida, Senhor, não póde ser outra sinão o adiamento da Assembléa Geral Legislativa por aquelle tempo que se julgar restrictamente indispensavel para se conseguir aquelle fim; nós, pois, o propômos á alta consideração de V. M. Imperial, afim de que se digne resolver sobre este assumpto como em sua sabedoria julgar conveniente.—Rio de Janeiro, 22 de Julho de 1840.—*Bernardo Pereira de Vasconcellos.*—*Paulino José Soares de Sousa.*—*Caetano Maria Lopes Gama.*—*José Antonio da Silva Maia.*—*Salvador José Maciel.*—*Joaquim José Rodrigues Torres.*»

Desde dias que se fallava no adiamento do corpo legislativo, assim como na nomeação de outro Tutor, que convidaria o Imperador para residir temporariamente na fazenda de Santa Cruz.

A leitura d'aquelles decretos causou profunda agitação no recinto da Assembléa: houve tumulto, levantaram-se protestos, fizeram-se recriminações ao governo; muitos deputados pediram a palavra; diversos declararam illegal o decreto de adiamento; outros proclamaram que o governo conspirava contra as liberdades publicas, contra o Throno constitucional, e nas galerias, nos corredores, nos salões e na rua echoaram vivas ao Imperador.

A agitação não dava lugar á deliberação; as iras das paixões abafavam os raciocinios, e dir-se-hia que a revolução ia apparecer no recinto da Camara e nas ruas, repetindo-se as scenas de Paris no tempo de Carlos X.

Antonio Carlos, que, ouvindo lêr os decretos do ministerio, disséra: «E' um trahidor, é um infame o actual ministerio...; quero que estas palavras fiquem gravadas como protesto;» Antonio Carlos, cuja eloquencia era como a de Mirabeau, que iniciou uma revolução, vendo os representantes da nação indignados, porém indecisos, ergueu-se e clamou:

«Quem é patriota e brasileiro siga comigo para o Senado. Abandonemos esta Camara prostituida.»

E muitos deputados deixaram o recinto da Assembléa; os espectadores, as galerias, e deputados e povo encaminharam-se para o paço do Senado.

Era Scipião Africano que, accusado por Catão o Censor, arrastava consigo ao Capitolio povo, juizes e accusadores (1).

Os promotores da Maioridade procuraram precipitar os acontecimentos, desde que a Regencia manifestou vigorosa opposição a essa idéa, que era a morte de seu poder.

Havia sido mandado a S. Christovam o Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles, encarregado de saber do Imperador a sua ultima palavra ácerca da maioridade e participar-lhe a vinda de uma deputação.

Em um opusculo de Theophilo Ottoni, escripto em 1860, lê-se:

«O distincto medico tinha tambem a missão de saber de Sua Magestade, si Sua Magestade esperaria pela deputação, ainda que o governo nomeasse outro Tutor, como se dizia, e este convidasse a Sua Magestade para ir temporariamente residir em Santa Cruz.

(1) M. de AZEVEDO, obra citada, á pag. 27.

«A resposta não foi demorada. Sua Magestade não iria em caso algum para Santa Cruz, e esperava a deputação.»

O Imperador, que segundo diz o conego Fernandes Pinheiro, não mostrara, durante sua longa Minoridade, desejo algum de governar; que, entregue a seus estudos e folguedos de menino, era estranho ás luctas politicas, e, indifferente, assistia a essa longa discussão, em que se repetia a todo o momento seu nome, e por elle gladiavam-se dois partidos, não praticou acto algum em que transpirasse o desejo e a ambição de empunhar cedo o pesado sceptro do governo. (1)

Não se póde indicar alguém a quem o Principe, ainda tão joven, manifestasse vontade de assumir o supremo poder.

Quando se discutiu no Senado o projecto da Maioridade, Candido José de Araujo Vianna, mais tarde tão conhecido e celebrisado pelo titulo de marquez de Sapucahy, e que desde 11 de Janeiro de 1839 era mestre do joven Principe, votou contra aquelle projecto, que vimos cahir sómente por dois votos.

Vendo, porém, a exaltação dos animos; que a questão da Maioridade chegára ao ultimo apuro; que repetiam-se sollicitações dos homens eminentes na politica para que essa mudasse de chefe, o joven Impera-

(1) Tendo o Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, á pag. 175 de seu curioso trabalho, affirmado o contrario, Sua Magestade o Imperador o contestou formalmente, como se lê á pag. 209, em nota: «S. M. observou não ser exacta a circumstancia aqui referida; e, finda a leitura, disse-me que não se recordava de ter sido jámais provocado por pessoa alguma do Paço para annunciar-se ácerca da projectada declaração da Maioridade.»

dor deu seu assentimento à idéa, que tinha a adhesão da nação, do povo e do exercito.

Reunidos muitos deputados e alguns senadores no Paço do Senado, notando-se entre os primeiros o douto Bispo D. Manuel, mais tarde conde de Irajá, que para ali se dirigira revestido das vestes pontificaes, enviaram uma deputação ao Imperador para expôr-lhe as graves circumstancias da nação e pedir-lhe assumisse o governo do Estado.

Conduzida a commissão á presença do Imperador, leu o relator este memorial :

«Nós abaixo-assignados, senadores e deputados do Imperio do Brazil, crêndo que o adiamento das Camaras no momento em que se tratava de declarar a maioridade de V. M. Imperial é um insulto feito á Sagrada Pessoa de V. M. Imperial, é uma traição ao paiz, commettida por um Regente, que na nossa opinião não o é de direito desde o dia 11 de Março do corrente anno; e reconhecendo os graves males que de semelhante adiamento se podem seguir, já á tranquillidade da capital, como á das provincias, onde os inimigos da paz e tranquillidade publica se podem acobertar com este acontecimento para com elle dilacerarem as entranhas da mãe patria, vêm reverentes aos pés de V. M. Imperial a rogar a V. M. Imperial, para salvar nos e ao Throno, tome desde já o exercicio de suas altas attribuições.—Rio de Janeiro, 22 de Julho de 1840.—Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.—Conde de Lages.—Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro.—José Martiniano de Alencar.—Martim Francisco Ribeirão de Andrada.—Francisco Gê Acayaba de Montezuma.—Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque.—Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcante.»

Vendo a attitude energica dos representantes da nação, a anciedade geral, a agitação do povo que cercava o Paço do Senado, assim como estudantes das Academias e batalhões da Guarda Nacional; vendo que o governo da Regencia recebêra golpe certo com a resistencia da Camara a seus decretos, seguiu para o Paço de S. Christovam o Regente Pedro de Araujo Lima, depois marquez de Olinda, acompanhado do ministro Joaquim José Rodrigues Torres, posteriormente visconde de Itaboraay, e expôz ao Imperador que adiára as Camaras com o fim de dispôr toda a solemnidade para, em 2 de Dezembro, anniversario natalicio do Monarcha, celebrar a aclamação da Maioridade; mas que, tendo-se reunido na casa do Senado alguns senadores e deputados, notando-se no povo certa agitação, vinha saber si queria ser aclamado no dia 2 de Dezembro ou já. Respondeu D. Pedro II que estava disposto a fazer o que as circumstancias do paiz exigissem. (1)

Interpretando essas palavras por um completo consentimento a seus desejos, fizeram os membros da commissão com que o Regente revogasse o decreto do adiamento das Camaras, convocando-as de novo. Quiz o Regente convocal-as para domingo; mas, prevalecendo-se do pronunciamento do povo, conseguiu a commissão que fossem reunidas para o dia seguinte.

Sabida no senado a resposta do Imperador, houve vivas e applausos; e diversos deputados propuzeram se tornasse permanente a reunião dos representantes da

(1) Em sessão do Instituto Historico de 3 de Julho de 1863 declarou o S. D. Pedro II que, quando foi consultado em 1840 para acceitar a corôa, não disse—*cu quero já*.

nação, á espera dos decretos da revogação do adiamento da Assembléa Geral e da convocação para o dia seguinte.

O senador José Martiniano de Alencar, em cuja casa se iniciára a idéa de levar a effeito a Maioridade, reunindo-se ali diversas vezes seis senadores e oito deputados, opinou que se enviasse uma commissão ao Regente, rogando-lhe que se apressasse em formular o decreto da convocação do corpo legislativo; approvou-se a indicação, e ás quatro horas regressou a commissão com o seguinte decreto :

«Tendo sobrevindo ao decreto que adiou a Assembléa Geral para o dia 20 de Novembro circunstancias extraordinarias, que tornam indispensavel que se reuna quanto antes a mesma Assembléa Geral, ha por bem o Regente, em nome do Imperador o sr. D. Pedro II, convocal-a para o dia 23 do corrente. Bernardo Pereira de Vasconcellos, senador do Imperio, ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio, assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro, em 22 de Julho de 1840, decimo-nono da independencia e do Imperio.—*Pedro de Araujo Lima.—Bernardo Pereira de Vasconcellos.*»

Immediatamente declararam os representantes da nação, que se achavam presentes, reconhecerem o sr. D. Pedro II no gozo de seus direitos para desde já assumir a governação do Imperio; e o padre José Bento Ferreira de Mello, um dos seis senadores signatarios do projecto da Maioridade, lido no Senado, apresentando-se em uma das janellas d'aquelle edificio fallou ao povo, annunciando a Maioridade do Imperador.

Como os companheiros de Bailly que juraram não separar-se enquanto não dessem uma constituição á França, resolveram os senadores e deputados brasileiros não deixar o recinto da Assembléa enquanto não expirasse o governo da Regencia e surgisse o do Imperador: queriam vêr o Throno occupado, o Sceptro erguido e uma nova época, uma nova situação iniciada por elles. (1)

Os estudantes, cercando o paço do Senado, davam vivas á Maioridade do Imperador, e, no meio do entusiasmo popular, entoavam o seguinte hymno:

Suba ao throno o joven Pedro,
Exulte toda a nação;
Os heróes, os pais da patria
Approvarão com união.

Vista a seda, traje a purpura,
Exulte toda a nação;
Os heróes, os pais da patria
Approvarão com união.

Foi abaixo a camarilha
De geral indignação;
Os heróes, os pais da patria
Approvarão com união.

Deliberando-se no modo de realisar a aclamação do Imperador, propôz o marquez de Paranaguá que o presidente de cada uma das Camaras Legislativas convocasse os membros respectivos para que, em assembléa geral, approvassem por aclamação a Maioridade do segundo Imperador, enviando-Lhe uma deputação afim de saber o lugar e a hora em que prestaria o juramento, segundo o art. 103 da Constituição.

(1) M. DE AZEVEDO, obra citada, á pag. 31.

Cf. PEREIRA DA SILVA, *Historia do Brazil*, de 1831 a 1840, *in fine*, e JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA, *passim*.

Na noite do dia 22 a cidade illuminou-se, bandas de musica percorreram as ruas ao som de vivas á Maioridade, conservou-se toda a noite aberto o palacio do Senado, e junto d'esse edificio os Estudantes, o Povo, a Guarda Nacional, esperaram anciosos que terminassem os ultimos momentos do governo regencial e fulgisse a aurora do reinado do Principe brasileiro.

Aberta no dia seguinte a Assembléa Geral, pronunciou o presidente este discurso :

«Eu, como organ da representação nacional em Assembléa Geral, declaro desde já maior a S. M. L. o Sr. D. Pedro II, e no pleno exercicio de seus direitos constitucionaes. Viva a Maioridade de S. M. o Sr. D. Pedro II! Viva o Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil! Viva o Sr. D. Pedro II!»

Corresponderam a todos estes vivas os representantes da nação, os espectadores das galerias e o povo.

Nomearam-se diversas commissões : uma para redigir a proclamação que a Assembléa Geral teria de dirigir á nação, outra para saber do Imperador dia e hora de seu juramento, e outras para recebê-lo á porta do Senado e para receber as Princezas.

Voltando do paço de S. Christovam o senador Mello Mattos, relator da commissão, leu o seguinte discurso, recitado perante o Imperador :

«Senhor!—A Assembléa Geral Legislativa, unico e legitimo organ dos sentimentos da nação, convencida de que nenhum outro remedio mais conviria aos males que a opprimem, nas circumstancias actuaes, que a immediata acclamação da Maioridade de V. M. Imperial, e a sua exaltação ao Throno do Brazil, e em consequencia a entrega do deposito sagrado das rédeas do

governo nas augustas mãos de V. M. Imperial, nos envia em deputação a annunciar a V. M. Imperial a maneira solemne por que V. M. Imperial acaba de ser por ella declarado maior, no meio do geral rego-sijo, e a rogar a V. M. Imperial que, dignando-se acolher com benignidade aquella expressão dos sentimentos nacionaes, haja por bem completar seus actos, prestando-se ao juramento solemne exigido pelo art. 103 da Constituição do Imperio, no Paço do Senado, onde a Assembléa Geral reunida aguarda a augusta presença de V. M. Imperial. Assim Deus ajude a V. M. Imperial, acolhendo os fervorosos votos que os fieis subditos de V. M. Imperial não cessam de dirigir-lhe pela prosperidade e diuturnidade do Reinado de V. M. Imperial.»

Respondeu o Imperador que ás tres horas se acharia no Paço do Senado. De feito, compareceu á hora indicada; e, recebido com o ceremonial determinado para esta solemnidade, prestou este juramento:

«Juro manter a Religião Catholica Apostolica Romana, a integridade e indivisibilidade do Imperio, observar e fazer observar a Constituição politica da nação brasileira, e mais leis do Imperio, e provêr ao bem geral do Brazil quanto em mim couber.»

Seguiram-se os vivas do presidente á Maioridade; salvaram as fortalezas e os navios de guerra; exultou o povo de alegria, e festiva e jubilosa mostrou-se a cidade, que por seu monarcha saudava a um brasileiro.

Vieram para o paço da cidade o Imperador e as Princezas, suas irmans, e á vista da Familia Imperial e da Córte desfilou a tropa em continencia.

Antonio Carlos redigiu a seguinte proclamação da Assembléa Geral:

«Brazileiros!

«A Assembléa Geral Legislativa do Brazil, reconhecendo o feliz desenvolvimento intellectual de S. M. I. o Sr. D. Pedro II., com que a Divina Providencia favoreceu o Imperio de Santa Cruz; reconhecendo igualmente os males inherentes a governos excepcionaes, e presenciando o desejo unanime do povo d'esta capital; convencida de que com este desejo está de accordo o de todo o Imperio, para conferir-se ao mesmo Augusto Senhor o exercicio dos poderes que pela Constituição lhe competem, houve por bem, por tão poderosos motivos, declarar-O em Maioridade para o effeito de entrar immediatamente no pleno exercicio d'esses poderes como Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil. O Augusto Monarcha acaba de prestar o juramento solenne determinado no art. 103 da Constituição do Imperio.

«Brazileiros! Estão convertidas em realidade as esperanças da nação: uma nova era apontou; seja ella de união e prosperidade. Sejamos nós dignos de tão grandioso beneficio. Paço da Assembléa Geral, 23 do Julho de 1840.»

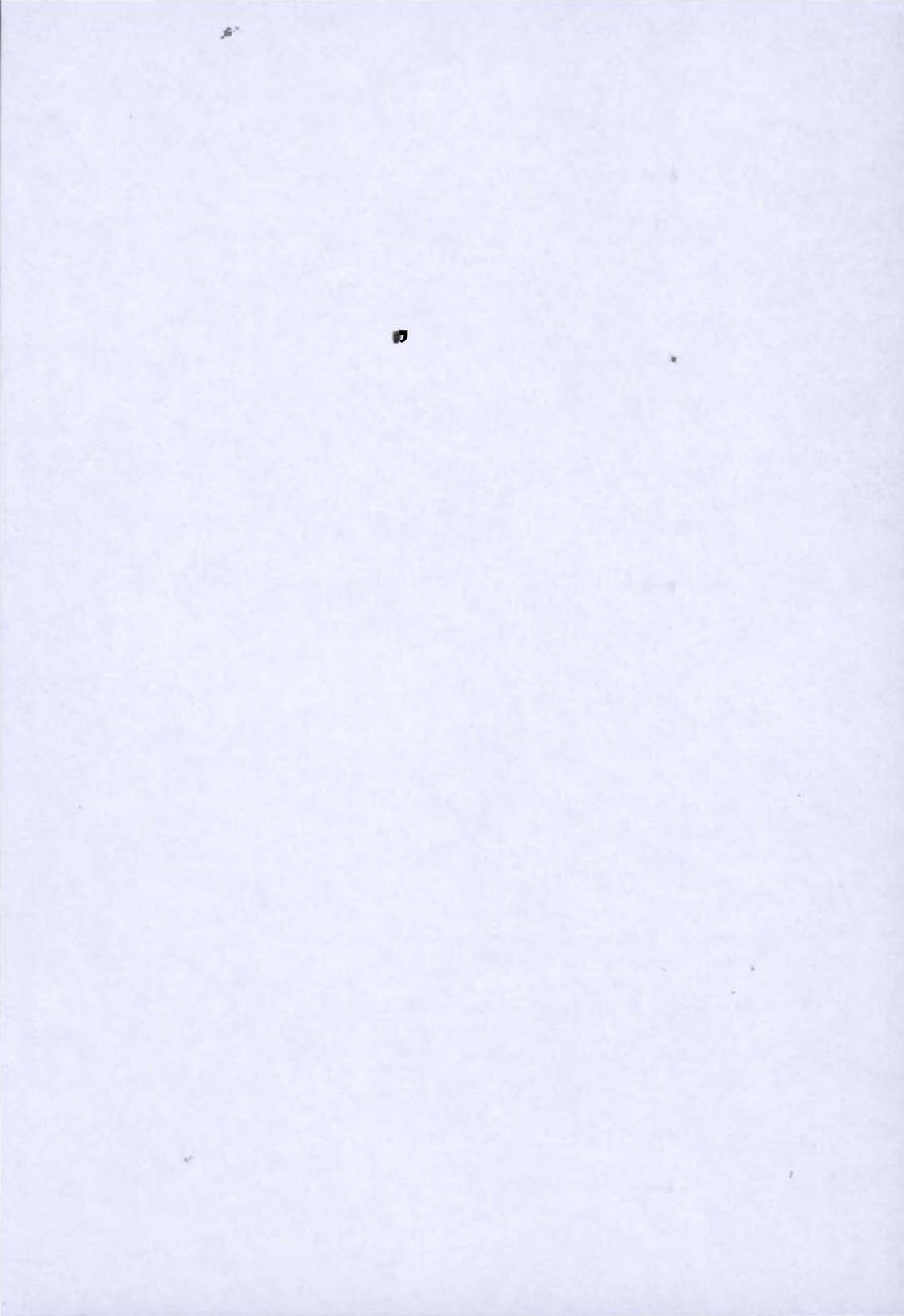
N'esse mesmo dia cahiu do poder o partido conservador, para reconquistal-o no anno seguinte (1).

(1) Escreve o Dr. FRANCISCO IGNACIO MARCONDES HOMEM DE MELLO (Barão Homem de Mello) em seus *Estuços Biographicos*: «Cançado de uma situação tibia e vacillante, cheia de sinistros terrores, o partido liberal determinára em 1840 pôr termo a esse estado anormal do paiz, e realisou a maioridade.

Alvares Machado foi um dos mais valentes propugnadores d'essa idéa que nascera armada, como a Minerva da cabeça de

Jupiter. Ao lado dos maiores vultos da tribuna brasileira, sua eloquencia conseguiu assinalados triumphos.»

Vide *Anno Politico e Historico do Imperio do Brazil*, Paris, 1846, pag. 491, *Biographia* de Alvares Machado, feita por J. J. MACHADO DE OLIVEIRA; e *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, supplemento ao tomo XI, 1848, pag. 176.





CAPITULO IV

Desde 1835 que rebentara a revolução no Rio Grande do Sul.

A sedição em Porto-Alegre começara a 20 de Setembro; no mesmo dia embarcára para a cidade do Rio Grande o presidente Fernandes Braga; e no dia seguinte tomava posse o vice-presidente intruso, Dr. Marciano Pereira, e Bento Gonçalves entrava em Porto-Alegre.

Longa e porfiada era a lucta.

O Ministerio da Maioridade, isto é, o primeiro gabinete nomeado pelo Imperador depois de declarado maior, (Antonio Carlos, Limpo de Abreu, Martim Francisco, Cavalcante d'Albuquerque, Hollanda Cavalcante, Aureliano) — grato aos serviços prestados pelo deputado paulista e reconhecendo a sua vasta capacidade, no empenho de realisar a pacificação do Sul, escolheu Alvares Machado para entender-se com os chefes insurgentes, e conseguir a deposição das armas.

Alvares Machado partiu da Côrte para o Rio Grande do Sul a 30 de Setembro de 1840, com licença

para poder visitar os pontos occupados pelas forças rebeldes (1). Conjunctamente foi nomeado o general João Paulo dos Santos Barreto commandante em chefe do exercito em operações n'aquella provincia, em substituição do general Soares de Andréa.

Eram instrucções do governo imperial activar a guerra, e debellar os rebeldes pela força, caso fallhasse a intentada negociação pacifica, a cargo do novo presidente.

Alvares Machado e João Paulo tomaram posse dos

(1) Bento Gonçalves da Silva, em carta de 30 de Outubro de 1840, diz: «Este deputado (Alvares Machado) é homem de conhecida probidade; e os melhores desejos lhe assistem para tudo se concluir para evitar a effusão de sangue».

«Alvares Machado, o typo da lealdade politica, da prudencia e da firmeza...

Em uma das mãos levava o ramo de oliveira, que offerecen aos dissidentes—óra chamados ao gremio da sociedade brasileira, e na outra o gladio da guerra para sustentar a dignidade do Imperio, si repellidas fossem suas propostas de paz.»—HOMEM DE MELLO, obra citada.

No dia 30 de Novembro, logo depois de empossado, expediu uma proclamação onde se lêem os seguintes periodos:

«O sangue de irmãos a largos jorros espalhado pelas campinas do continente; as lagrimas das carinhosas esposas; os gemidos dos innocentes orphans; a tristeza dos paes sem arimo para a cançada velhice; a insupportavel saudade do bem-feitor e do amigo cuja perda é irreparavel; a desolação de novas e florescentes cidades e villas; a destruição de consideraveis fortunas; a estagnação das fontes de riqueza—tudo clama pelo dia da conciliação, paz e ventura...

Abram-se de par em par as portas da provincia á fugida prosperidade e socego.

... Confiae em mim, que hei de defender a integridade do Imperio, os direitos do Senhor D. Pedro II, a Constituição e as Leis—ou ficarei esmagado debaixo das ruinas da Patria.»

respectivos cargos em Porto-Alegre, a 30 de Novembro de 1840.

Entretanto, o primeiro cuidado de Alvares Machado foi entender-se na campanha com os caudilhos da rebellião, e especialmente com Bento Gonçalves, sobre as condições da amnistia, recebendo amigaveis banquetes. D'ahi nasceu a satyra tão vulgarisada pelos adversarios politicos do negociador, os quaes diziam que elle procurava com marmellada supplantar a rebeldia: dando lugar a esse motejo ter o emissario imperial intervindo com a auctoridade presidencial para permittir, que aquelles caudilhos se provêsem de refrescos em pontos occupados por forças nossas. (1)

Foi offerecida a amnistia plena. Bento Gonçalves, nas anteriores negociações, exigia o reconhecimento da intitula Republica Rio-Grandense, confederada ao Imperio.

Desistiu d'essa idéa; e em carta de 7 de Dezembro fez a sua proposta nos seguintes termos: O pagamento da divida publica da Republica; a liberdade dos escravos que estavam ao seu serviço; e finalmente a promessa de não serem recrutados para a primeira linha, nem constrangidos a servir na Guarda Nacional, sinão nos postos, que então occupavam, os officiaes do seu exercito. Era o maximum das suas exigencias; e concluia: «Ellas são justas e razoaveis.»

Feita a proposta, o caudilho rio grandense pediu mais uma conferencia pessoal com o delegado do governo imperial, para ajuste definitivo de todas as condições da almejada pacificação. Mas, ao passo que

(1) CONSELHEIRO TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE, *Guerra Civil do Rio-Grande do Sul*, cap. XVI, § 5º, pag. 222.

procurava illudir a boa fé do presidente, o governo insurrecto tentava attrahir á sua causa a Silva Tavares e ao coronel Manuel Loureiro, em Missões.

Alvares Machado não accedeu ao convite para a conferencia, e combinou com João Paulo o plano de campanha contra os rebeldes.—As forças legaes compunham-se (Setembro de 1840) de 4.891 homens, pomp-tos para um ataque no Viamão e de mais 2.169, disponiveis em outros pontos, além de mais 200 em São Gonçalo e no Norte. De S. Paulo tinha marchado uma força, em numero de mais de 1.000 homens, sob o commando do general Pedro Labatut.

A 11 de Dezembro Alvares Machado lança elo- quente proclamação, annunciando a regeição da amnistia pelos rebeldes e exhortando os Rio-Grandenses a unirem-se para firmar a paz. (1).

(1) T. DE A. ARARIPE, obra citada, *Parte Documental*, § 10 pag. 309-311. Vide *Anexos*.

«Delegado do governo e verdadeiro amigo do Throno de sua Magestade, não posso consentir em qualquer conferencia sinão depois que vós e vossos companheiros vos declareis subditos do Imperio; e n'esse caso a conferencia deveria versar sobre o modo de regressarem ás suas casas aquelles que vos seguem: é este o sentido em que admittia en a conferencia.

Não é o governo do Imperio, a quem toca escolher a conciliação ou a guerra: a vós e vossos companheiros pertence optar... eu os receberei como irmãos.

Regeitando, porém, a amnistia, ou querendo impôr condições ao Monarcha, entregaes á sorte das armas esta provincia que vos viu nascer, e então fica-me o pesar de que corra ainda, não por culpa minha, o sangue brasileiro.»—Carta de Alvares Machado, de 8 de Dezembro de 1840, em resposta a Bento Gonçalves.

—Vide o final do interessante artigo do sr. Antonio Augusto da Fonseca, já citado, á pag. 283-296 do tomo II da *Revista do*

Pedro Labatut, com a divisão paulistana, seguiu para Santa Catharina, postou-se na villa de Lages, e d'ali partiu para o seu destino.—Achava-se na presidencia do Rio-Grande do Sul o general Soares de Andréa, quando á Serra chegava Pedro Labatut, que devia occupar a posição de Passo-Fundo.

Era o plano combinado para retêr os rebeldes em Viamão, e ir ali batel-os. Este pensamento de Soares d'Andréa ia agora realisar-se sob as inspirações do novo presidente Alvares Machado, de combinação com o novo commandante em chefe João Paulo.

Crítica, a posição dos rebeldes : si permanecessem encurralados, corriam o perigo de ser batidos por forças superiores da legalidade, e sem sahida pelo sul, nem pelo oeste, nem pelos rios Jacuhy e Taquary ; o extremo e unico recurso era ganharem a campanha, onde ficariam com liberdade de acção e movimentos. Apesar da vigilancia das forças leaes, Bento Gonçalves logrou reunir-se a David Canabarro, na Vaccaria, e transpôr o Passo-Fundo, nos primeiros dias de Janeiro de 1841. Estava frustrado o plano dos legalistas. Pedro Labatut, arguido como responsavel pelo máo successo do plano militar, teve de defender-se em conselho de guerra. O veterano dos dias da Independencia na expedição contra o general portuguez Madeira de Mello, dominador da Bahia,—doente, alquebrado e cheio de fadigas, foi innocentado pelo conselho militar. (1)

Instituto (de S. Paulo) ; e os *Annaes* da Camara dos Deputados, sessão legislativa de 1845, principalmente as discussões entre Alvares Machado e Antonio Carlos ; este foi, por aquelle tempo, reconhecido senador por Pernambuco.

(1) T. DE A. ARARIPE, obra citada, *loc. cit.* § 16, pags. 226—227.

Transposta a linha do Passo-Fundo, destroçados o coronel Jeronymo Jacintho em Santa Victoria e o tenente-coronel José Loureiro, na estancia de S. José, em Missões, Bento Gonçalves dirigiu-se para S. Gabriel e reassumiu a presidência da Republica.—Com a partida de Bento Gonçalves, de Viamão, em 8 de Dezembro de 1840, para reunir-se a David Canabarro, na Vaccaria, findára o assedio de Porto-Alegre, que já durava tres annos.

Um escriptor competente disse a respeito da commandancia de João Paulo, de quem já nos occupámos á pags. 311 e 312: «Elle foi o primeiro general, depois de Bento Manuel Ribeiro, que se atreveu a marchar pelo terreno occupado pelas forças rebeldes. Convém dizer mais, que a sua campanha, si não foi fertil em grandes resultados, pelo menos concorreu para o desanimo dos dissidentes, que até então se persuadiam, e propalavam que as nossas forças nunca se atreveriam a mostrar-se no littoral por elles occupados; porque, si tal tentassem, seriam destruidas de um só golpe.» (1)

Emquanto João Paulo marchava pela campanha e Alvares Machado dirigia os negocios publicos com zelo e capacidade, operára-se na Capital do Imperio uma mudança ministerial. Tomára as rédeas do governo o ministerio de 23 de Março (Araujo Vianna, Paulino, Miguel Calmon, José Clemente, Paranaguá, Aureliano). O novo gabinete immediatamente nomeou para commandante do exercito imperial no Sul o Conde do Rio-Pardo; para presidente já estava nomeado o Dr. Saturnino de Souza.

(1) Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias, impresso em Porto-Alegre em 1846.

Alvares Machado voltou para o Rio, coberto dos louros de uma administração liberal, sensata, patriótica e tolerante, admirado pelos amigos e estimado pelos adversarios e pelos proprios rebeldes: Bento Gonçalves, David Canabarro e outros caudilhos o tinham em especial estima, como verificámos nos documentos officiaes, grande numero dos quaes foram publicados pelo conselheiro Tristão de Alencar Araripe. (1)

Entretanto, « esse episodio mais importante da sua vida lhe trouxe amargos dissabores, angustias pungentes. Sua lealdade foi posta em duvida, suas intenções envenenadas, seu character calumniado pelas paixões politicas do tempo. » (2)

Ouçamol-o, a elle proprio, referir em sua eloquencia varonil, os episodios d'esse grande drama e defender-se das recriminações que lhe eram atiradas, sobre a sua politica de conciliação.

« Não terá chegado ainda o tempo em que todos os brasileiros esclarecidos pela experiencia digam, abraçando-se:— Basta de divisões, basta de sangue, basta de carnagem? Dar-se-ha o caso de que os dissidentes, os ex-rebeldes do Rio Grande sejam mais brasileiros, mais generosos do que nós? que tenham mais patriotismo do que os representantes da nação? Vendo o estrangeiro ameaçar os muros da Patria, elles, como os Romanos, impuzeram silencio á divisão e á guerra civil; e nós, os legisladores, continuaremos em nossas deploraveis divisões!

Em que batalha ficaram os rebeldes para sempre derrotados, quaes de seus chefes cahiram em nosso

(1) Na obra citada, *Parte Documental*.

(2) HOMEM DE MELLO, obra citada.

poder, quaes os meios com que nullificámos definitivamente esse novo Antão? A rebellião do Rio Grande foi batida em varias partes e esmagada no Fiança; mas levanta-se logo com mais força do que antes da sua quéda; foi, pois, a politica da reconciliação apoiada pela força, foi o patriotismo, foi o arrependimento, essa filha do céu, quem guiou para o seio da patria, para os braços do Monarcha, os rebeldes do Rio Grande...

Eu apresentei-me na provincia do Rio Grande do Sul com a intenção de desempenhar a politica da razão, da reconciliação apoiada pela força... Era a politica da razão, a politica do patriotismo, que fallava aos rebeldes diante da força que lhes apresentava...

... Dirigi-me a nossos irmãos dissidentes com a mesma lealdade que empregaria, si elles fossem meus irmãos uterinos, fiz todos os esforços para conseguir a pacificação, mas não a pude obter completamente, como a desejava; no emtanto mil e duzentos dissidentes abandonaram o campo rebelde, e ainda trouxeram-nos alguma cavahada; porém, a maior parte, o nucleo da rebellião não se rendia; a intriga diminuia minha força moral perante um e outro campo... lançára mão de todos os ardís para nullificar a minha empreza...

... oh calunnia horrenda! Eu entregar a provincia do Rio Grande do Sul á rebellião, que a calcinava no meio das lavas e dos horrores da guerra civil! Eu abandonar o terreno da patria commum e tão grande numero de irmãos á sorte dos nossos conterraneos da lingua hespanhola! Eu, Paulista, delegado do governo! faltar á fé de Brasileiro, desmentir a confiança do governo! Eu atrahiçoar os interesses do Brazil, eu faltar á

fé ao Monarcha ! Oh horror ! Onde o Brasileiro, onde o Paulista que já fez isto !.....

No entanto mil e duzentos rebeldes regressaram à vida pacifica e abandonaram o exercito dissidente ; mas eu me achava n'um estado de desanimo e de abatimento tal, que estremecia só com a idéa de uma affronta feita à legalidade durante o meu governo ; o aleive da entrega da provincia aos rebeldes ; a lembrança dos perigos da minha honra, no caso da tomada de Porto-Alegre, era um phantasma ensanguentado que eu tinha adiante de mim de dia e de noite. Fidelidade ! Honra ! oh ! filhas do céo ! vós ereis n'aquelles instantes de amarguras os objectos dos meus cuidados e tormentos ! (*Profunda sensação*).

Como, no caso possivel de uma tomada de Porto-Alegre, do Rio-Grande ou de S. José do Norte, poderia eu provar minha innocencia perante meu soberano, perante o Brazil, perante minha provincia, minha familia, meus amigos, meus parentes ? A honra não é propriedade individual do cidadão ; a honra do cidadão pertence tambem a todas as suas relações. Eu estremecia diante da fraqueza dos muros de Porto-Alegre ; no meio de meus temores eu já me contentava em conservar o que recebi, Rio Grande, S. José do Norte. Porto-Alegre em sitio e o terreno em que pisava o nosso exercito ;... a imagem da perda de Porto-Alegre me perseguia por toda a parte, e alterava para sempre a minha saude, até então vigorosa e forte : sete noites e sete dias sem comer e sem dormir minaram os fundamentos da minha existencia.

... Coberto de injurias e de calumnias, tenho guardado silencio por cinco longos annos ; entendi que esse

sacrifício ainda devia fazer em prol da ordem publica na provincia do Rio Grande ; mas hoje que felizmente estão passados esses dias de lucto e de amarguras, hoje que sou recriminado pela imprevidencia, peço á Camara que consinta em debuchar-lhe as scenas de tristeza que se passaram na minha alma.

Não, eu não podia, não devia sobreviver á tomada de Porto-Alegre, depois de tantos preconceitos pela mão da calunnia derramados contra mim: como, com que documentos provaria eu que não tinha faltado á fidelidade ao Pai commum dos Brasileiros ? A morte, só a morte, só uma morte gloriosa poderia deixar em repouso a minha honra, a unica propriedade, que não sacrificio a interesses da patria e do seu alto chefe:

Uma resolução nobre e sublime reanimou todas as molas da minha alma ; eu me reconheci de novo forte, sobranceiro aos meus inimigos e a seus miseraveis embustes ; a theoria do interesse e do atheismo acanha os espiritos, a theoria do justo, o sentimento religioso exalta a alma humana ; ao figurar-se-me chegado ás portas da Eternidade, eu me achava como o homem forte das Escripturas ; minha alegria, minhas esperanças renasciam, e eu me inebriava com a idéa lisongeira de ser o primeiro a correr sobre os muros da heroica e ameaçada cidade de Porto-Alegre, defendendo como um leão os muros da cidade que me foi confiada ; buscando, como Codro, uma morte gloriosa ; eu esperava poder dizer, morrendo, ao meu soberano : — Senhor ! eu morro tão fiel a vós, como foram fieis a seus Reis os nobres cidadãos de quem descendo ; nobres, porque foram nobres os seus serviços — ; eu diria aos legalistas : — Cidadãos, misturæ as minhas

cinzas com as cinzas dos valentes que morreram defendendo a patria, o soberano e a ordem publica !

... Deus perdôe aos que assim me nullificaram e quasi me perderam; Deus lhes prolongue a vida, e depois da morte, que lhes seja a terra leve, como para mim desejo !» (1).

A revolução rio-grandense prolongou-se até 1845; foi ao Barão de Caxias que coube a honra de debellar o movimento separatista. As revoluções de Minas e de S. Paulo, em consequencia da reforma decretada pela lei de 3 de Dezembro de 1841 no systema de garantias individuaes estabelecidas pelo Codigo do Processo Criminal, promulgado em 29 de Novembro de 1832, deram alento aos separatistas; mas as suas esperanças logo se dissiparam. Um dos primeiros actos do Barão de Caxias foi a prisão do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, na estrada de Palmeiras, em lugar proximo do Passo-Fundo, em Novembro de 1842 (2).

(1) Discurso de Alvares Machado na Camara dos Deputados na sessão de 5 de Abril de 1845.

« Assim fallava o civismo romano, no tempo em que dava leis ao mundo !

Que linguagem elevada e nobre ! Quanto patriotismo, quanta grandeza n'essas palavras !

E' uma alma candida e pura, que tece um hymno á virtude e á religião da Patria. E depois, quanta generosidade para com seus inimigos ! »—Ibid.

(2) « ... Alcançado o limite da provincia, e pisando já o territorio das Missões do Rio Grande do Sul, Gabriel José Rodrigues conseguiu refugiar-se em casa de Joaquim José de Oliveira, afazendado n'aquelles sitios, denominados *Hervaes da Guarita*, e demorou-se n'esta casa solitaria e hospitaleira desde Setembro até 8 de Novembro, em que ali chegou tambem Rafael Tobias de Aguiar, trahido, espiado e quasi colhido ás mãos dos perseguidores. Batiam as dez horas da noite quando

« Realmente notavel é o facto: indicava favoravel agouro, presagiador do prospero exito, que devia lograr o general na sua nova empreza.

Havendo debellado a revolução em S. Paulo e Minas, mal pisava o solo Rio-Grandense, incumbido de igual missão, offerencia-lhe o destino opportunidade de colher mais uma vantagem sobre o espirito de rebeldia no Imperio.

O chefe sublevado, que pela fuga do theatro da revolução, escapára ao vencedor, vinha agora entregar-se-lhe nas mãos, como para não considerar-se inacabado o triumpho do feliz general em Minas e S. Paulo.»

Infelizmento, no principio do anno de 1842, começou a provincia a agitar-se com a publicação das leis de 23 de Novembro e 3 de Dezembro. A Assembléa Provincial, então reunida, e da qual faziam parte as principaes notabilidades da Provincia, (1) deliberou

Tobias appareceu; e começára a narrar apenas os lances a que escapára, quando um cordão de soldados invadio a casa, contando com o somno dos moradores para mais facilmente a assaltar.

O rebate foi dado ainda a tempo, e Rodrigues dos Santos, aproveitando as trévas, logrou evadir-se para se esconder no meio das mattas, aonde passou o resto da noite em continuo sobresalto, escutando as imprecações dos soldados que, ao romper da madrugada, prenderam Tobias de Aguiar.» — REBELLO DA SILVA, *Gabriel José Rodrigues dos Santos*, cap. VII.

(1)—Martim Francisco, Dias de Toledo, Amaral Gurgel, Nebias, Carneiro de Campos, Rafael Tobias, Chrispiniano, Fonseca, Antonio Carlos, Paula Souza, Floriano de Toledo, Pacheco, Vergueiro, Alvares Machado, Villares, Souza Queiroz, Gonçalves de Andrade, Monteiro de Barros, Campos Mello, Silva, Bispo Diocesano, Alves dos Santos, Pimenta Bueno, Silva Machado, Gabriel, etc., etc.

dirigir uma deputação ao Throno Imperial, afim de ponderar as tristes consequencias que deviam provir da execução de taes leis. A deputação, porém, não foi recebida; e tendo de regressar sem nenhuma decisão do governo, deu lugar a que o povo procurasse pelos meios materiaes o deferimento, que acabava de ser negado á deputação de sua Assembléa (1).

«E' cedo ainda para, ante as campas meio abertas d'aquelles que ha pouco se sumiram na voragem dos tempos, aprofundar mysterios e assentar definitivo julgamento sobre factos que se prendem á mais intima historia dos nossos partidos.

Rafael Tobias, cidadão patriota, Paulista obstinado, imagem viva da vontade que não cede e da constancia que nunca muda, era a alma do movimento em sua provincia, como reconhecido chefe e unico arbitro dos destinos do partido liberal em S. Paulo.

Para o grande cidadão tem já começado a justiça dos tempos; e vozes de insuspeita autoridade hão já bem alto proclamado a pureza dos seus elevados sentimentos. D'entre ellas seja-nos dado distinguir a do

(1)—Cf. *Necrologia do Senador Diogo Antonio Feijó*, escripta por *** e publicada pelo Dr. Mello Moraes (A. J. de).—Rio de Janeiro, typographia Brazileira — Editor J. J. do Patrocinio, Rua das Violas n. 39,—1861. Vide pag. 41.

Esta Monographia é da penna do Conego Geraldo Leite Bastos, official-maior da Secretaria do Senado, intimo amigo de Feijó, e um dos deportados politicos de 1842.

Vide *Resposta dada ao Senado* pelo senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro sobre a pronuncia de cabeça de rebellião contra elle proferida pelo chefe de policia da Provincia de S. Paulo, J. A. G. de Menezes, no processo da revolta de 17 de Maio de 1842.—Rio de Janeiro, na typographia nacional, 1843.

notavel politico e escriptor Ferreira Vianna (1), reproduzindo suas phrases em relação ao prestimoso chefe do Liberalismo :

«Essa lucta intestina e abortada ainda é e será o padrão da sua gloria e a prova sublime da bondade do seu coração. O futuro e a posteridade lhe farão justiça» (2).

Reacção—embora essencialmente liberal, o movimento de 1842 veio colher de surpresa a Alvares Machado. Companheiro fiel de Tobias, de Gabriel, de Vergueiro e de outros eminentes vultos da politica liberal—elle lamentou sinceramente a explosão de 10 e 13 de Maio em Sorocaba e de 18 de Maio em Ytú (3).

O movimento de 1842 não era dirigido contra a

(1)— Elogio Historico do Brigadeiro Rafael Tobias, pelo Dr. A. Ferreira Vianna. (*Correio da Tarde* de 11 de Outubro de 1857).

(2)—Conselheiro Olegario, obra citada, pags. 321—322.

(3)—Escreve o Sr. Conselheiro Olegario, á pags. 321 e 322 de sua citada obra : « Entretanto em S. Paulo, como em outros pontos, tinham alguns patriotas liberaes condemnado o movimento, não porque desconhecessem a pureza dos sentimentos que o haviam inspirado, ou duvidassem da procedencia das razões que o inspiravam, mas porque, amigos sinceros das instituições juradas, da ordem e do respeito á auctoridade, antolhavam iminentes e gravissimas as desgraças publicas, que proviriam da revolução, e preferiam protestar pelos meios energeticos, ainda que pacificos, de que dispunham, a ensanguentar a provincia e sacrificar os amigos que os acompanhavam cheios de dedicação e lealdade.»

Nem os Andradas, nem Alvares Machado, nem Amaral Gurgel, nem Floriano de Toledo, nem Chrispiniano— tomaram parte no movimento revolucionario. O proprio Theophilo Ottoni, em sua *Circular*, de 1860, o condemnou...

Monarchia. A Historia é bem explicita a tal respeito (1).

A Historia de 1842 ainda está por escrever. Existem

(1)—« A historia dirá um dia comnosco que aos successos revolucionarios de 1842 em Minas e S. Paulo, não presidio pensamento algum politico hostile á corôa e ás instituições. Não ha uma expressão, não ha um documento infenso á monarchia, e que revele o mais remoto pendor para o systema democratico.

Leiam-se as proclamações, os manifestos e as ordens emanadas dos homens proeminentes d'essa rebellião, e só se encontrarão queixas, e queixas amargas contra os actos do partido politico que n'essa época dominava a situação, mas nenhuma palavra se depara que denuncie qualquer vestigio adverso á fórma de governo aceita pelo paiz. D'essa verdade damos testemunho presencial, e podem dal-o todos os contemporaneos; assistimos á gestação do movimento, lêmos o que propagava a sua imprensa, ouvimos a voz eloquente de seus fautores na assembléa de S. Paulo, escutámos os conselhos sensatos de Vergueiro e Paula Souza, pedindo moderação aos mais ardentes, e affirmando que no governo constitucional, a tribuna e a imprensa eram as unicas armas que não *falhavam fogo* (textual), e finalmente não temos duvida de avançar que uma revolução a que adheriu grande numero, sinão o maior numero de homens abastados, intelligentes e importantes d'aquellas provincias, capitaneada além d'isso por brasileiros notaveis pela sua posição politica, pela sua idade, pela sua circumspecção, pelo seu monarchismo, pelos distinctos serviços prestados á independencia, e em uma d'ellas (a de S. Paulo), onde tanto prepondéra a tradicção aristocratica, que fez de cada um de seus habitantes o descendente de Amador Bueno, o Leal Paulista, que desdenhou a Realeza, não podia dirigir-se temerariamente a lançar a nação nos azares de uma mudança de instituição, mórmente em uma época em que a declaração da maioridade, tambem pugnada pelos esforços dos auctores d'aquelles movimentos politicos, despontando novos horizontes e augurando grandes beneficios, alegrára geralmente ao Brazil.» — ANTONIO PEREIRA PINTO, *A Confederação do Equador*, capitulo I.

ligeiras monographias ; não existe Historia. Os autos do processo dos implicados no movimento rebelde—nem foram publicados. Consta-nos que benemerita Associação de S. Paulo, o *Instituto Historico e Geographico* (1)—possúe documentos valiosos n'este particular, mas são vedados aos *profanos*, como nós. Que as traças narrem aos vindouros os feitos dos patriotas de 1842—é deveras doloroso. O que mais? Silencio! E silencio profundo! uma vez que os maioraes do movimento historico e litterario Paulista condemnaram ao ostracismo as cinzas dos patriotas de 23, de 31 e de 42, e a memoria dos Andradas e de Alvares Machado!...

Alvares Machado, entretanto, foi obrigado a homi-siar-se para escapar ás iras dos vencedores (2). Já

(1)—Fundado em principios do mez de Novembro de 1894, na capital de S. Paulo, pelos Doutores Domingos José Nogueira Jaguaribe, medico, Antonio de Toledo Piza, engenheiro, e Estevam Leão Bourroul, advogado. Vide *Additamentos*.

(2)— Em uma carta sem data, escripta n'aquella época á sua filha, assim se exprimia Alvares Machado :

« Minha querida Maria Angelica.

Vai a tres mezes que me acho n'esta cidade, vindo do Rio de Janeiro, para passar pela dôr de presenciar tantos quadros lastimosos na minha querida terra.— Não tenhaes cuidado de mim ; nem uma ingerencia tenho ou tive nos infelizes movimentos de nossa Provincia, e só a calumnia me poderá nodoar, mas as nódoas da calumnia são faceis de lavar-se ; estou, pois, aqui e estimado pelos homens de bem de todos os partidos.

Acho muito prudente a resolução que tomou Mr. Florence de deixar Campinas, e ir abrigar-se entre meus antigos e constantes amigos de Porto-Feliz, para onde irei fazer-vos uma visita de um ou dois mezes, ao depois que serenarem os movimentos convulsivos da Provincia.

... Póde ser que eu seja deportado, mas não porque tenha commettido crime ; estou resignado a tudo. »

Feijó e Vergueiro foram degradados para a provincia do

vimos que em Porto-Feliz a sua filha, casada com Hercules, fez frente aos dominadores. Hercules acompanhára a sorte de seu sogro; a typographia que elle possuia, teve de enterrar-a na estrada de Sorocaba. N'aquella pequena typographia haviam sido publicados os quatro numeros do jornal official da revolução, *O Paulista*. Esta era a imprensa do governo liberal em armas, installado a 17 de Maio de 1842, em Sorocaba. Era uma folha de pequeno formato, redigida pelo senador Diogo Antonio Feijó. O 1º numero sahiu a 27 de Maio, o 2º a 31, o 3º a 8 de Junho e o 4º a 16 de Junho. Nas vesperas de ser publicado o numero 5 deu-se a debandada dos revolucionarios, ao aproximarem-se de Sorocaba as forças ao mando do então, Barão de Caxias, e a *typographia do governo* deixou de trabalhar (1).

Não era a primeira vez que Alvares Machado fôra victima das paixões partidarias. No começo de sua carreira politica, em 1824, encontramos o seu nome

Espirito-Santo, de onde voltaram para a côrte em Dezembro, a tomar assento no senado. Paula Souza ficára em S. Paulo, por doente.—Gabriel José Rodrigues dos Santos respondeu ao jury, na cidade de S. Paulo, no dia 2 de Fevereiro de 1843; defendido pelo notavel jurisconsulto Dr. João Chrispiniano Soares, uma das glorias da Academia de S. Paulo, foi absolvido. Mais tarde, sóbe o Gabinete de 2 de Fevereiro de 1844, presidido por Manuel Alves Branco (2º Visconde de Caravellas). « as portas da fortaleza da Lage, onde gemia Rafael Tobias de Aguiar, abriram-se, e a entrada do general na capital da provincia foi um dia de jubilo, cujas recordações tarde se apagarão. »

(1)— AMERICO BRASILIENSE, *Manuscriptos do ex-Regente Feijó*, no supplemento ao tomo II da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, homenagem ao seu quinquagenario em 21 de Outubro de 1888, á pag. 141.

Cf. a nossa obra *O Regente Feijó*, parte terceira. Vide os *Annexos* da mesma.

na lista dos cidadãos deportados para o Rio de Janeiro, os tamoyos. Seu pai, o cirurgião-mór Joaquim Theobaldo Machado e Vasconcellos, também foi deportado para Pindamonhangaba (1).

Tal, em pallido, resumo, a vida do grande patriota Paulista.

Prestou á sua Patria os mais assignalados e desinteressados serviços. Para immortalisal-o, basta a parte extraordinaria, capital, que tomou na revolução parlamentar de 1840, que teve como desfeixo a Proclamação da Maioridade, facto de enormes consequencias sociaes e politicas, que abriu uma éra de pacificação, liberdade e progresso para o paiz, rasgando novos e dilatados horisontes ao Imperio do Brazil.

O principal factor da Maioridade tinha a nitida comprehensão das palpitantes necessidades da Patria e do remedio, unico capaz de debellar os males oriundos das discordias civis e dos assomos revolucionarios.— Presidira o Rio-Grande do Sul, convulsionado pela tentativa da Republica de Piratinim. Assistira de longe, com mágoa, á sublevação de 1842. Era um dos chefes mais prestigiosos o acatados do partido liberal, e um dos parlamentares mais afamados de seu tempo, uma das glorias da Tribuna nacional.

No seio do Conselho Geral da Provincia Alvares Machado ergueu a voz em pról da Liberdade. Por indicação sua foi levada á presença do Imperador celebre representação do mesmo Conselho, em que se liam estas memoraveis palavras, por elle escriptas :

(1)—OLEGARIO, obra cit., á pag. 280.

«O despotismo não levantará jámais seu throno sinão sobre as ossadas do derradeiro Paulista.» (1)

E em 1845, poucos mezes antes de morrer, escrevia elle do Rio de Janeiro a seu sempre fiel amigo e genro, Hercules Florence, uma carta notavel pelo assumpto e pelos conceitos, onde se lêem os seguintes periodos :

«Meu amigo, o Paiz se acha de tal modo, que eu vejo o seu remedio unico em Sam Christovam ; Deus illumine ao Imperador ; só Elle póde salvar a Monarchia, a liberdade, e a ordem publica. Deus lhe dê animo e esforço para levar a salvamento, e a seguro porto a não do Estado, que navega por mares tempestuosos e desconhecidos, com a tripulação em desordem ; grande será sua gloria si o conseguir, como espero ; o Imperador é moço, mas tem moralidade, e prudencia de velho» (2).

Estava na Côrte, no desempenho do mandato de deputado geral por esta provincia, quando, a 4 de Julho de 1846, falleceu no mosteiro de S. Bento o

1) Esta representação, escripta por Alvares Machado, era datada de 1º de Fevereiro de 1830.

Por Aviso de 19 de Fevereiro do mesmo anno, o Ministro do Imperio, Marquez de Caravellas, respondeu que «Sua Magestade mandava participar ao Secretario Diogo Antonio Feijó, para o fazer constar ao mesmo Conselho, que Sua Magestade o Imperador se dignou de ouvir com agrado a expressão de tão patriotico sentimento.»

(2)— Em outra carta, de 28 de Fevereiro do mesmo anno, escrevia Alvares Machado :

« Supponho a esta hora o Rio-Grande pacificado ; pois hontem recebeu o Governo communicação de que os rebeldes haviam marcado o dia 20 do corrente para se reunirem ao Imperio.

illustre Paulista.—O Governo Imperial galardoára-o com a Commenda de Christo. Os contemporaneos o prantearam amargamente. A Tribuna, a Politica, a Religião, a Sciencia, a Patria emfim, cobriram-se de lucto pelo passamento prematuro do orador, do parlamentar, do catholico, do poeta, do clinico, do patriota insigne. E o silencio fez-se ao redôr de seu nome venerando (1).

Teixeira de Mello consagra-lhe sete linhas nas suas *Ephemerides Nacionaes* (2). Azevedo Marques, pouco mais no seu *Diccionario* (3). Macedo omittiu o seu vulto no seu *Anno Biographico* (4). Apenas o Dr. Pinto Junior escreveu, mais tarde, ligeira biographia. E ainda bem que o mesmo fizeram o Brigadeiro Machado de Oliveira e o Conselheiro Homem de Mello.

Rebello da Silva, em seu luminoso perfil de Gabriel José Rodrigues dos Santos, faz d'elle referencia de uma linha (5). Olegario, no seu magistral

O Imperador está contente, o Ministerio seguro, o Principe Imperial nascido no dia 23 do corrente, com saude: baptisar-se-ha no dia 24 de Março; serão seus padrinhos Luiz Philippe e D. Amelia.»

(1) « Seu nome jaz hoje esquecido: mas enquanto houver um culto pela virtude, realçada pela mais candida modestia e pelo mais apurado patriotismo, a Historia honrará a sua memoria».—HOMEM DE MELLO, obra citada.

(2) No tomo 2º, pag. 6, 1ª columna.

(3) No tomo 1º dos *Apontamentos historicos, geographicos, etc., da Provincia de S. Paulo*, á pag. 154.

(4) A edição omittie tambem o nome de Evaristo Ferreira da Veiga!

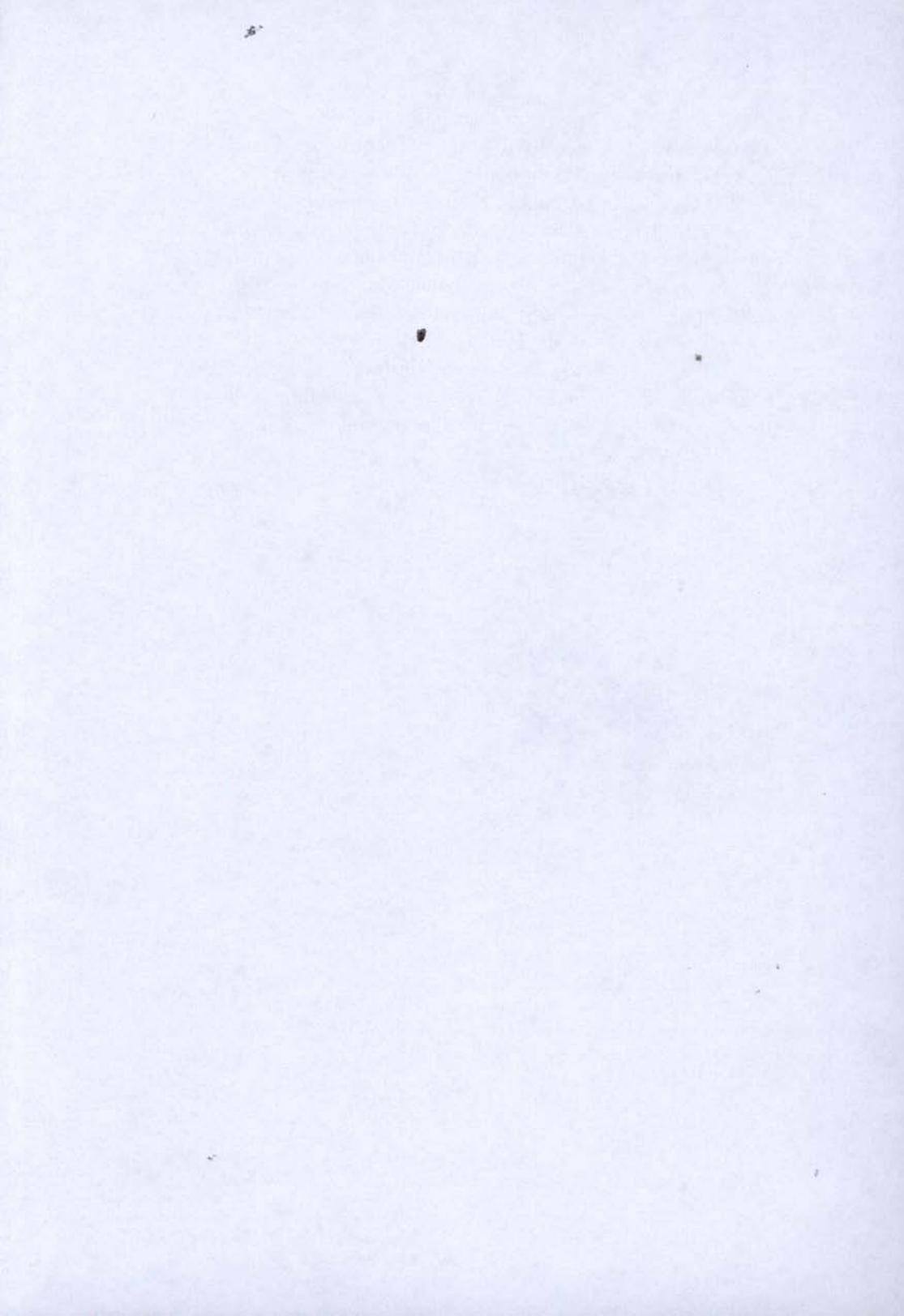
(5) No *Archivo Pittoresco*, de Lisboa, 1863, volume VI, á pag. 366.

Estudo sobre o Conselheiro Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, presta rapida homenagem á sua memoria (1).

Mas, que importa a injustiça dos homens? Alvares Machado vive e revive nas suas obras. Os annaes da Camara dos Deputados são immortaes. A proclamação da Maioridade, a presidencia do Sul, os triumphos oratorios, os versos horacianos, não podem ser apagados dos fastos da Historia Patria.

Alvares Machado levou ao tumulo a certeza da ingratição dos homens. E, ao cerrar os olhos á luz do dia, exclamou: «Eis o ultimo momento da miseria humana!»

(1) « Os Andradas, Paula Souza, Tobias e Alvares Machado, davam á representação parlamentar de S. Paulo um aspecto de superioridade e elevação que bem reflectia a nobre altivez da famigerada provincia. »





CAPITULO V

«A vida de um grande escriptor é o melhor commentario de seus escriptos ; é a declaração e por assim dizer a historia de seu talento. Isto é verdade, sobretudo d'aquelle que não seguiu as letras como uma carreira, e cuja imaginação, na idade da actividade e das vivas impressões, não se empobreceu entre as quatro paredes de um gabinete ou na estreita esphera de uma *coterie* litteraria. Si ha hoje poucos escriptores cuja vida desperta a curiosidade, depois de os haver lido, é que poucos ha que sorprendem por um character proprio e nos quaes se revele o homem experimentado e desenvolvido, atravez um grande numero de situações diversas.» (1)

Em suas longas viagens de exploração com o Consul Langsdorff, pelos desertos de Matto-Grosso e do Pará, Hercules Florence teve muitos ensejos de

(1) ARMAND CARREL, *Essai sur la Vie et les Ecrits de P. L. Courier*, nas obras completas do celebre pamphletario, edição de 1863, pag. 1, *in princ.*

notar a impressão causada pela voz dos animaes e as suas mudanças, conforme as zonas e até as provincias.

Tal objecto, que abraçaria o mundo inteiro, lhe pareceu digno da attenção dos philosophos. Escreveu então um Memorial, com a idéa que pudesse servir de base a uma sciencia nova (1).

Ouçamos a exposição feita por Hercules de seu curiosissimo Estudo :

Depois de passarmos de uma região para outra, sorprendiam-nos os gritos de viventes que nos eram desconhecidos, ao passo que desapareciam outros que já se nos tinham tornado familiares ou, si continuavam a se fazer ouvir, era já com modificação sensível no organo vocal. Embora tivéssemos, no correr da expedição que já deixei contada, occasião de ouvir innumerados chamados, pios, cantos e urros de animaes de toda a especie, não me acudiu ao pensamento a zoonphonia, pelo que de muito poucos tenho lembrança

(1) *Manuscripto*, a pags. 108, e 423.

Recherches sur la voix des animaux, ou essai d'un nouveau sujet d'études, offert aux amis de la nature. PAR HERCULE FLORENCE. Rio de Janeiro, typographia de R. Ogier, Rua da Cadeia n. 142, — 1831.

E' um folheto de 16 paginas, acompanhado de um systema musical com 18 figuras.

O Visconde de Taunay traduziu e publicou em 1877 o trabalho de Hercules, que não é de todo o do folheto de 1831.

Essa traducção traz 22 figuras: signaes, convenções, combinação dos signaes, canto do jaó, canto do João-corta-páo, canto do tropeiro, coachar de um sapo á margem dos rios do Pará, grito do bugio, canto da araponga, canto da anhumapóca, canto da saracura, canto do aracuan e da femea, canto do benteví, urro da onça, urro da onça irritada, grito do jacaré, grito da ariranha, canto do surucuá, chilro de um insecto, grito da gaivóta.

bem perfeita. Assim a *araponga*, bello passaro de plumagem branca muito commum em S. Paulo, pousa nas franças das arvores e produz um canto metallico que recorda exactamente o bater, ao longe, de um martello sobre a bigorna do ferreiro. A *saracura* parece monologar na solidão. O *socó-boi*, de manhan e á noite, á beira dos pantanos e lagôas, faz lembrar o mugido das vaccas. O *mutum* annuncia as primeiras barras do dia com pios rouquinhos e abafados. O canto de um passarinho, cujo nome se me riscou da memoria, faz crêr que são dois a se desafiaram em duello musical. O da *anhuma-póca*, grande e bella ave, semelha o som de um sino de aldêa, nas margens alagadas e inhabitadas do rio Paraguay. O *aracuan* grita como uma gallinha assustada, ao passo que a inseparavel companheira repete alternadamente as mesmas notas. A *arara* fende os ares, atirando de sua aspera garganta syllabas que seu nome formam, e bandos innumerables de *papagaios*, sobretudo com o cahir da tarde, soltando gritos agudos, atordoam o viajante.

Quando subiamos o manso curso do Paraguay, ouviamos por vezes uma especie de canto guttural de alguns *bugios*, que se reuniam em uma das arvores da floresta. De repente cessava a singular harmonia; um d'elles recommençava e os outros, cada um por sua vez, entravam novamente no concertante. Um grito rouco e fortemente repetido duas ou tres vezes annunciavamos a presença de outro animal, o *jacaré*; ou então urros, quaes gigantescos miados, avisavam-nos da aproximação da *onça*; vozes totalmente diversas, indicadoras do genio dos sêres que as produziam e tão differentes do quasi relincho da pacifica *anta* que, lembrando o do cavallo, d'elle comtudo tanto se differença no seu modo de assoviar.

Quando eu atravessava os floridos campos de Villa Maria, de manhan recreava-me o alegre cacarejar da *seriema*, e á tarde entristecia-me o melancolico piar da esquiva *jaó*. No Diamantino ouvi o *macauín*, o *caracará* e o *kirikiri*, nomes onomatopáicos do modo de gritar d'essas aves.

Nas margens do Juruena e Tapajós, mudaram com o aspecto das zonas os cantares. Então notei a frequencia de um passarinho que a camaradagem chamava *tropeiro*, porque parece arremadar o assovio de um almocreve. Ao cahir a noite, eramos incommodados pelo coachar dos *sapos*, tão forte, que imitava os sons de um tambor de batuque de negros.

Sem contestação harmonisa-se a voz dos animaes com as localidades e a hora em que se faz ouvir. No Spitzberg os échos não repercutirão jámais sinão lugubres accents propios d'aquella desolada solidão; ao passo que nos paizes tropicaes, em que a natureza se expande luxuriante de viço e esplendores, mil canticos alegres, mil ruidos e gritos animados ainda mais encantos incutem ás arrebatadoras paizagens. Em meio das áridas e ardentes aréas da Arabia, as ouças do viajante, que morto de sêde e de cansaço se arrasta penosamente, não serão acariciadas pela voz dos innumeros volateis que povoam o interior e o littoral do viridente Brazil.

No rochedo escavado que surge em meio do oceano, pousam aves de longo vôo e alteroso viso, cujos gritos só se casam com o soluçar dos ventos, dos temporaes e das ondas.

As horas ardentes do dia não serão assignaladas pela voz de nenhum animal vertebrado, mas sim pelo chiar da *cigarra*, cujo monotono bruido mais augmenta

para o viandante a impressão que lhe produz a intensa reverberação do solo.

Não tendo a voz dos animaes regra na sua duração, basta um unico tempo, o de um segundo.

Quanto ao valor das notas, é representado por uma nota de uma unica especie: a do segundo, tomada como unidade de tempo e modificada segundo o systema inventado por Hercules, com intervallos de um segundo representados por barras, de meio segundo, um terço de segundo, um quarto de segundo, representados por barrazinhas.

A nota toma o valor da barra ou barrazinha em que estiver collocada, e tem o nome de segundo *a* ou meio segundo *b*, terço de segundo *c* e quarto de segundo *d*, segundo a respectiva posição. Emfim, é um systema completo, que só póde ser bem apprehendido á vista das figuras, que nos não foi possivel reproduzir aqui, máu grado nosso. A combinação dos signaes regula os silencias e as gradações das notas.

Sabe-se que ha quadrupedes e sobretudo passaros que gritam ou cantam com intervallos iguaes.

CANTO DO JAÓ

Esta ave repete o canto todos os vinte segundos, desde o pôr do sol até 10 e 11 horas da noite. Longe de imitar o gorgueio dos passaros diurnos, faz mais resaltar o silencio das trévas, não sem encanto especial, sobretudo quando a lua bate de chapa em alguma corrente ou lagôa, e que a gente se entrega á melancolia, que essa voz plangente desperta.

CANTO DO JOÃO CORTA-PÁO

Muitas vezes acham os *Caipiras*, a seu bel prazer, que o canto de certos passaros corresponde a deter-

minadas palavras. D'ahi provém a denominação d'este. Pelos signaes vêr-se-ha si é justificada a antonomasia.

CANTO DO TROPEIRO

No caminho do Diamantino para o Gram-Pará é que se ouve com frequencia este passaro.

COACHAR DE UM SAPO A' MARGEM DOS RIOS DO PARA'

Só se ouve á noite, mas ininterrompidamente durante largo tempo.

GRITO DO BUGIO

A ligadura n'este exemplo indica que a voz tem, sem cessação nem mudança de nota, uma alternativa regular de força e diminuição, circumstancia que unida a um organ constituido de uma papeira ôca e relativamente enorme, dá a essa voz *accento lugubre e monotono*, ainda mais tristonho, quando se reúnem muitos d'esses quadrumanos. Por esta razão chamam os *Caipiras* a esse ajuntamento *capella de bugios*, alludindo ao côro dos padres a entoarem o cantochão.

CANTO DA ARAPONGA

Chamam-n'o tambem *ferreiro* e *serralheiro*, porque semelha o ranger da lima a trabalhar em ferro sonoro.

O canto d'este bello passaro, tão frequente em toda a provincia de S. Paulo, é um dos mais bellos ornamentos das florestas virgens. Difficil é descrever a impressão que no viajante causa aquella voz metallica, tão estridente, de perto, que ensurdece; ao longe, pelo contrario, pura e doce com um som argentino.

A ligadura tremida indica que a voz tremelica como faz a lima no ferro, ruído a principio fraco, sonoro e agradável, que termina por uma nota agudis-

sima, como si o malho cahisse com todo o peso na bigorna.

A palavra *indefinido* que apparece no exemplo complementar, quer dizer, que o passaro continúa seu canto durante muito tempo, quasi indefinido. A's vezes acaba em *sol, si*; outras repentinamente em *la 2/8 sol*, grito que de perto põe as onças a tinirem.

Contam os *Caipiras*, mestres tambem em improvisar engenhosas fabulas, entre que a *onça* e a *araponga* houve um dia uma aposta para saberem qual das duas se assustava com o maior grito que soltassem. A onça começou primeiro e com toda a força deu tremendo urro, mas o passaro nem siquer pestanejou. Por seu turno encetou seu canto de *sol-si, sol-si*, tão tremido e suave, *rein, rein, rein, rein, rein*. . . «Olá, comadre, disse a onça, então não é sinão isto?» «Espere um pouquinho,» replicou a ave; e recomeçou novamente, *rein, rein, rein*. . . o que fez com que a outra insensivelmente pegasse a cochilar. Ahí a *araponga* feriu o *la 2/8 sol* com tal intensidade, que a onça de assustada deu formidavel pulo.

Si levassem um d'esses passaros para Paris e o expuzessem n'um lugar publico, todos, sem duvida, parariam, estranhando o metallico de sua voz; mas o brasileiro que por acaso o ouvisse, sentiria fundo abalo, voltando repentinamente o pensamento para a querida e longinqua patria.

CANTO DA ANHUMA-PÓCA

Habita esta alterosa e bella ave as margens do Paraguay, cujos echos repercutem sua voz forte e sonora, sobretudo pela manhan.

CANTO DA SARACURA

De manhan muito cedo, ou nas horas temperadas do dia, ouve-se á beira dos rios, lagôas e pantanos a voz da *saracura*, precursora da chuva.

CANTO DO ARACUAN E DA FEMEA

Como já dissemos, semelha o modo de gritar d'esse gallináceo com o de uma gallinha apavorada. A femea que sempre está junta o repete alternativamente.

CANTO DO BEM-TE-VI

Durante o dia e até ás 10 ou 11 horas da noite é que canta. A cada meio minuto repete seu canto.

URRO DA ONÇA

A onça é o tigre da America. Algumas vezes ouvimos-lhe o urro de dia e mais frequentemente no silencio das noites. Então sua voz, imitando o mugido do touro, tinha um quê de assustador.

URRO DA ONÇA IRRITADA

A ligura tremida mostra que a onça produz um gaguejar aspirado e rapido, semelhante ao do cão, quando resmunga contra outro cão.

GRITO DA ARIRANHA

Com o chôro de uma criança do peito parece-se o grito d'essa lontra. E' um amphibio que, quando sahe da agua, grita uns quinze a vinte segundos e depois mergulha. Nossos remadores imitavam-lhe perfeitamente a voz, estirando o pescoço e batendo rapidamente e com a ponta dos dedos unidos á garganta.

CANTO DO SURUCUA'

Canto melancolico e suave, que percorre exactamente, durante vinte e quatro segundos, a escala chromatica.

CHILRO DE UM INSECTO

Voz semelhante á da cigarra e que tambem se ouve nas horas quentes do dia.

GRITO DA GAIVÓTA

Grito de tres segundos, semelhante ao bater de um tachoziho.

Quando caminhavamos em praia de arêa, onde essas aves tinham enterrado seus ovos, ouviamos seus agudos gritos de anciedade; voavam e gritavam em torno de nós, approximando-se algumas tanto, que receiavamos levar bicadas na cara.

Ha vozes de animaes que mudam de nota, como faz a clarineta. Outras chegam a articular, como os carneiros a balarem.

A's vezes ouvem-se peixes de grandes proporções como que roncarem debaixo dos navios. Será geral a todos os peixes produzir voz? Terão tambem os insectos essa propriedade? Não poderei responder. (1)

SERPENTE COM RAIVA

Uma vez eramos tres pessoas a atírmomos pedras n'uma *jararúca* sem acertarmos nunca. A cobra entrou em tal furia que chegou a levantar-se verticalmente na ponta da cauda, olhando-nos rapidamente um após outro, e produzindo com as fauces abertas um ruido, comparavel com o que fazem os gatos, e que os ingle-

(1) MICHEL BRÉAL, do Instituto de França, em Julho d'este anno (1900), isto é *setenta e cinco annos depois* da Zoophonia de Hercules, trata na *Nouvelle Revue da linguagem dos passaros*. Vide nos *Anexos* o Estudo intitulado: *Les oiseaux parlent*.

zes chamam «escarrar fogo.» Entretanto é commum dizer-se—o sylvo das serpentes. Será para exprimir um facto real? O Brazil, como todo o paiz cuja vegetação é vigorosa, está cheio de serpentes, de entre as quaes contam-se as maiores e mais venenosas; nada, porém, observei que induzisse a considerar exacta a expressão tão empregada de *sibillo*, applicada a esses reptis.

ASSOVIO DA ANTA

Si as cobras não têm a faculdade de assoviar, cousa que não me é dado affiançar, comtudo o affirmo a respeito da anta, grande e gracioso quadrupede peculiar á fauna brazileira. No Pará via-se no pateo do Dr. Lacerda, naturalista distincto, uma d'essas que de vez em quando no dia assoviava.

PARTICULARIDADE DOS TANGARÁS

E' geralmente sabido na provincia de S. Paulo, que o passarinho *tangará*, quando canta, dança tambem. Enfileiram-se n'um mesmo ramo pouco mais ou menos horizontal uma porção de machos; no meio fica uma femea. D'esta se approximam aquelles, e o que fica mais perto vóa a tomar a ponta da fileira. Vão assim revezando, cada um por sua vez; de modo que semelhantemente se os vêm dansar, cantar e vôar.

A femea canta e dá pulinhos, mas sempre no mesmo lugar.

Dizia em 1846 no Rio de Janeiro o Sr. de Rugendas a proposito de suas viagens: «Dirão que perdi meu tempo, mas terei sempre assás philosophia para responder: diverti-me e tanto basta. Demais não somos tão inuteis como pensam, nós artistas. Olhe o

pesado carro do Chile está rareando, substituído pelos aligeirados vehiculos da Europa; o *chiripá* dos filhos do Prata não apparece mais sinão no fundo das Missões. Quem conservaria para a historia esses typos dos povos e das épocas, si não fôra o pintor?»

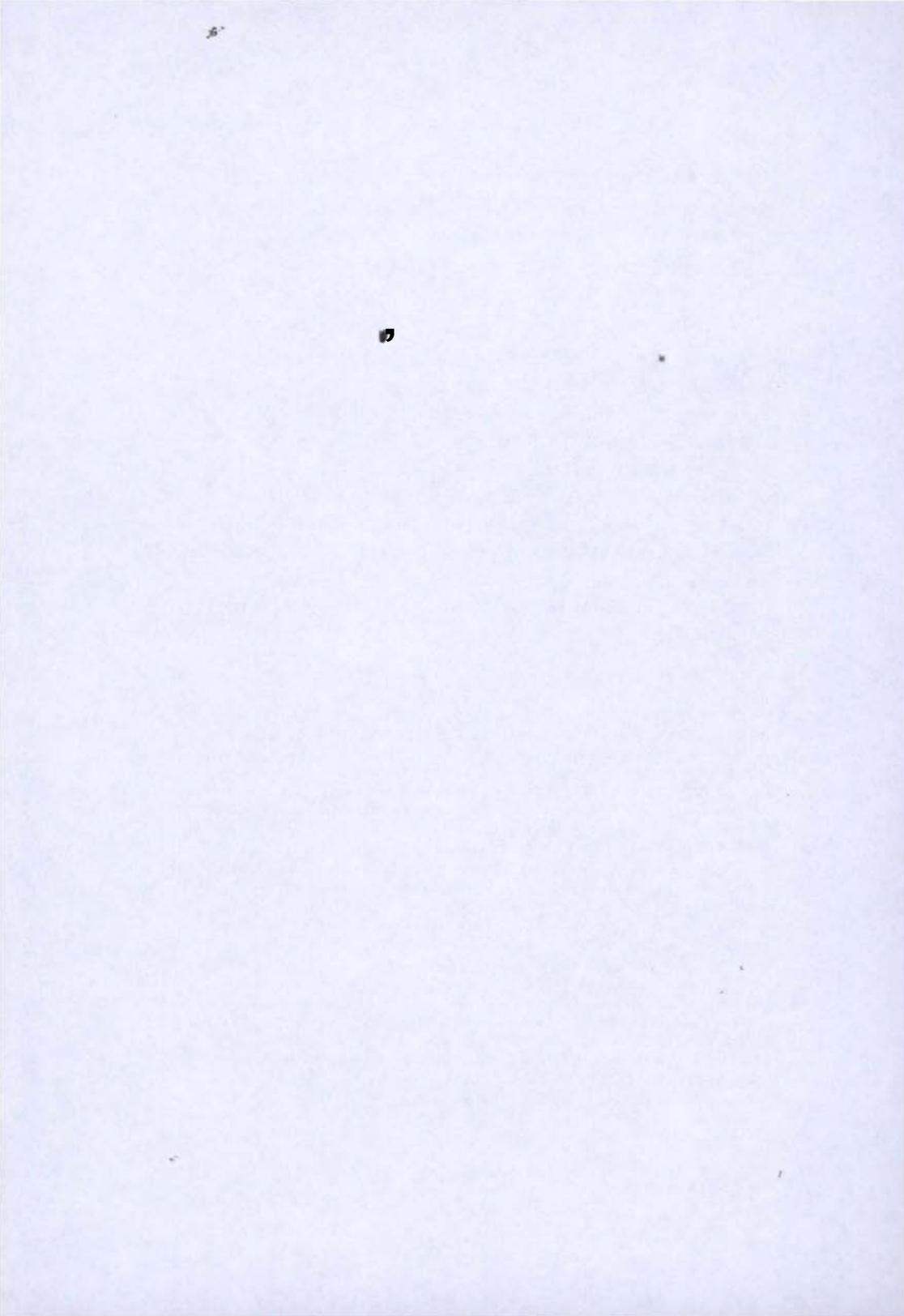
Assim, tambem, diremos nós.

Vêde, por toda a parte, n'este immenso Brazil, tombam, aos golpes do destruidor machado e a poder do fogo e do incendio, dilatadas e seculares florestas, abrigo de innumerados quadrupedes e volateis. Perdidos os sombrios recantos que lhes são precisos, tornar-se-hão cada vez mais raros, esquivos; e por fim de todo sumir-se-hão, innocentes victimas da conquista do homem á solidão. Quem conservará a exacta representação do modo por que exprimiam esses seres seus sentimentos ou modulavam seus cantos, si não fôr a *zoophonia*? (1)

(1) «Procurando conhecer quantos animaes existem e o que os caracteriza, o homem não foi sómente guiado pelo interesse de vestir-se de suas pelles e de suas lans; quando buscou informar-se quantas plantas existem, não proenrou sómente conhecer as que lhe são uteis em suas molestias e em suas artes: quiz conhecer a Natureza, e admirar as maravilhas que proclamam a Sabedoria, o Poder e a Gloria do Creador.»—Hercules, folheto cit., á pag. 16, *in fine*.

Não ha duvida, pondéra Taunay, que a *Zoophonia* pôde servir de base a curiosas e ainda não encetadas indagações scientificas e proporcionar a quantos se dedicam aos estudos zoologicos leitura capaz de abrir horizontes novos áquella importante parte dos conhecimentos humanos.

«É em todo caso evidente manifestação do atilamento e espirito de observação d'aquelle singelo e veridico viajante, homem, aliás, de variado fundo de instrucção, e cujo poder inventivo talvez para seu nome tivesse trazido invejavel reputação, caso lhe corresse a vida em circulo mais vasto e propria para que tivessem completa expansão todas as suas qualidades de perspicacia e paciencia.»





CAPITULO VI

Hercules Florence, após o seu regresso da Côte, uma vez terminada a Expedição Langsdorff, e contraído o matrimonio com a filha de Alvares Machado, foi por este convidado para estabelecer-se em Campinas, então Villa de São Carlos. E ali fixou a sua residencia (1829).

Campinas já era una das localidades mais florescentes da Provincia : importante centro agricola e commercial, litterario e industrial (1).

Só existia então em S. Paulo uma typographia e um jornal : *O Farol Paulistano*, publicado em typographia propria, com a seguinte epigraphe : *La liberté est une enclume qui usera tous les marteaux.*

Hercules luctava com insuperaveis difficuldades para imprimir a sua *Zoophonia*. Recorrer á capital de S. Paulo e á do Imperio era empreza de exito duvidoso.

(1) Vide a nossa obra, *O Doutor Ricardo Gumbleton Daunt*, capitulo IV, pag. 25.

Achou melhor procurar, elle mesmo, os meios de imprimir a sua Memoria (1).

E descobriu a Polygraphia. Em 1830.

Refere no seu precioso *Manuscripto* :

«Tendo tido o desejo, em 1830, de publicar uma Memoria tendente a fazer da voz dos animaes um novo objecto de Estudos da Natureza, e estando em um paiz onde não ha typographia, comprehendí o quanto seria util que est'arte fosse simplificada em seu apparelho e em seu processo, afim de que todos pudessem imprimir quanto lhes fôsse necessario. Desde então foi que me dediquei ao estudo das artes da impressão, com os poucos livros que então possuia ; e vi que a lithographia, que é a que póde se tornar mais geral, ainda tinha pedras muito pesadas, volumosas e caras ; que o seu processo é ainda assás complicado e exige materiaes que só se encontram em cidades grandes. A gravura necessita de *planches en cuivre* muito bem polidas, o que é custoso, e ao mesmo tempo impossivel de se encontrar em todos os lugares. A arte typographica está bem longe, por seu grande apparelho, de estar ao alcance de quem se encontre em minhas circumstancias...

Entreguei-me, pois, a pesquisas que me levaram, pouco a pouco, a uma descoberta cuja utilidade já me foi provada por 5 annos de experiencias, e que me apresentam duas grandes vantagens, as quaes não

(1) Vide, no capitulo VIII, a «Noticia sobre os meus trabalhos scientificos, feita a convite do sr. Dr. MANUEL FERRAZ DE CAMPOS SALLES.»

ambicionava: 1º a *planche* (taboa) embebida (*fournie*) de tinta uma unica vez para toda a tiragem; 2º a impressão simultanea de todas as côres» (1).

E' deveras um invenção *sui generis*, a da Polygraphia (2), cujos traços geraes de invento e processo são os seguintes :

Tem-se uma porção de vidros perfeitamente planos. Estende-se por cima de cada vidro uma folha de papel grudada pelas beiras no verso. Deita-se sobre o papel uma camada de gomme arabica, tinta com pós pretos; deixa-se seccar, e guarda-se.

Deita-se sobre uma d'estas chapas, quando se tem de occupar, uma segunda camada de gomme-arabica pura, ou terceira, até que fique lustrosa.

Tem-se uma massa cylindrica da composição seguinte: cinco grammas de alvaiade moido com uma gramma de oleo de linhaça cosido, como quando é para tinta typographica. Deita-se esta mistura em quatro grammas de cêra derretida; meche-se e vasa-se em um cylindro de papel. Depois de esfriar, tira-se a capa de papel.

Esfrega-se este cylindro sobre a camada de gomme, até que fique uma camada de massa; iguala-se com uma espatula convexa, que se pôde aquecer á luz de uma vela. Não deve ficar nenhum ponto onde a gomme-arabica fique descoberta.

(1) *Manuscripto*, á pag. 12.

(2) *Invenção da Polygraphia*, por HERCULES FLORENCE. Santos.—Typographia Commercial, G. Delius, Rua Septentrional, 3.—1858. Pequeno folheto de 10 pags.

Descoberta da Polygraphia, por HERCULES FLORENCE.

Explicação do processo. 1840. Polygrafado. Um folheto de 10 paginas, com 7 figuras.

Este verniz é um tanto pegajoso : para remover este inconveniente, cobre-se com alvaiade, sacode-se a chapa como quem está peneirando ; deita-se fóra o alvaiade, e fica uma poeira branca que se faz adherir esfregando com os dedos. Póde-se sacudir o excesso com um lenço.

Tem-se um sortimento de ponteiros agudos, aparados, redondos, chatos, etc., feitos com agulhas de diversas grossuras, fixadas em pequenos cabos de páo.

Traça-se o desenho sobre a chapa, e grava-se com os ponteiros com facilidade, porque é no sentido recto, e o verniz tem a propriedade de se accumular no ponteiro, de sorte que o traço fica aberto com nitidez, e não tem barbas na beira ; só é preciso de vez em quando limpar o ponteiro. Si ficarem algumas barbas, limpa-se ao depois com um pincel secco.

O ponteiro deixa descoberta a camada de gomm-arabica, que no fundo do traço se desliga em preto sobre o branco do verniz.

Póde-se escrever livremente com penna de aço ; basta para isto fazer o verniz mais molle, augmentando a proporção do oleo ; mas n'este caso, deve a chapa seccar mais tempo.

Tem-se uma rama maior que a chapa, onde se estende fortemente uma garça mui fina e transparente.

Tem-se o seguinte verniz : cêra virgem, quatro gram., therebentina tinta com um pouco de vermelhão, 2 gram. Funda-se e ajunta-se fóra do fogo, agua-raz 4 gram.

Sendo este verniz destinado a ser posto sobre a chapa afim de lhe restituir a sua viscosidade, poderá ser substituido por outro mais pegajoso.

Têm-se duas pequenas ballas de quatro ou cinco centímetros de diametro, e com ellas se estende uma camada de verniz sobre a chapa, do mesmo modo com que se põe a tinta sobre os typos. O vermelhão serve para se conhecer a espessura do verniz. Deve-se notar que o vermelhão deve entrar no verniz, em proporção muito diminuta, porque todas as côres tiram ao seu excipiente a sua propriedade viscosa. A camada de verniz deve ser espessa, mas não a ponto de obstruir os traços da gravura.

Estando a chapa prompta e envernizada tira-se do vidro e põe-se sobre uma taboa bem plana, com a gravura em vista.

Põe-se a garça com a sua rama sobre a chapa, e esfrega-se brandamente com a espatula, afim de fazer adherir a garça ao verniz. Cobre-se com um papel e esfrega-se com força até que a garça seja bem ligada á chapa, o que se póde saber, experimentando com a ponta de um canivete, para vêr si a garça se desliza da chapa.

Esta operação merece cuidado, porque si a fricção fosse muito forte, os traços da gravura poderiam fechar-se.

Estende-se sobre a chapa com o dedo, uma camada de tinta polygraphica de que logo fallaremos; tendo o cuidado de a fazer penetrar nos traços da gravura e deixa-se seccar.

Põe-se a chapa sobre uma baeta bem teza, com a gravura por baixo e o papel em vista; molha-se o papel com muita agua, posta com um grande pincel, até que fique perfeitamente embebido e dissolvida a gomma-arabica interposta entre o papel e a massa gravada. Levanta-se com o canivete o canto do papel

para vêr-se si separa facilmente a massa ; si faz alguma resistencia espera-se e molha-se do lado mesmo da massa. Esta operação merece cuidado para não arrancar pedaços da gravura ; mas é facil quando a gomma é bem dissolvida.

Quando se tira o papel, a agua trasborda e molha a garça das margens e a rama ; mas estas partes secam, e não ha inconveniente.

Apenas o papel está tirado, põe-se a rama obliquamente, lava-se a chapa com grande agua, usando de um grande pincel mui brando, até que não fique nenhuma gomma-arabica. Apparece então a gravura no sentido inverso, e si não tivesse levado uma camada preta de tinta, se veria a luz do dia atravez da gravura, sem exceptuar os traços mais finos.

Deixa-se seccar e auxilia-se a seccação com um papel pascento.

Tinta polygraphica

Tomam-se tres kilogrammas de sabão de potassa bem soluvel ; corta-se em pedacinhos, põe-se em uma cassarola com agua até cobrir. Deixa-se amollecere durante uma ou duas horas, e põe-se sobre um fogo moderado, mechendo com uma espatula ; o sabão dissolve-se promptamente. Ajunta-se um kilogramma de tinta typographica ; meche-se, e a combinação logo se opera. Póde-se ajuntar agua, porque mesmo no caso de ser muita, não é grande mal, como se verá. Tira-se a cassarola do fogo.

Como a tinta typographica não é sufficiente para pretejar toda a massa, toma-se d'esta quatro ou cinco décagrammas, móe-se sobre a pedra, quanto se julga necessario, com pós pretos purificados, e torna-se a me-

cher no fogo. Evita-se de pôr muitos pós, porque em polygraphia, o excesso de qualquer tinta faz perder ao seu excipiente a sua propriedade solúvel.

Côa-se a tinta em quanto fundida, em um coador de um tecido ralo, afim de separar todas as partes heterogeneas. Exprema-se o coador de alto á baixo entre duas regoas, para ajudar a tinta passar. Vê-se agora que, para que a tinta cõe bem, deve ter levado bastante agua em quanto estava no fogo.

Estende-se a tinta sobre uma mesa bem limpa para deixar evaporar o excesso d'agua, evitando que caia n'ella a menor particula extranha. Meche-se de vez em quando para apressar e igualar a seccação. E' preciso seis horas, doze, e ás vezes vinte e quatro, conforme o excesso d'agua, para que a tinta adquira a consistencia conveniente, que é pouco menos que a do sabão que se empregou. Si a tinta é muito molle, empasta-se na impressão; si é dura, as provas costum sahir. A pratica é o que servirá de regra.

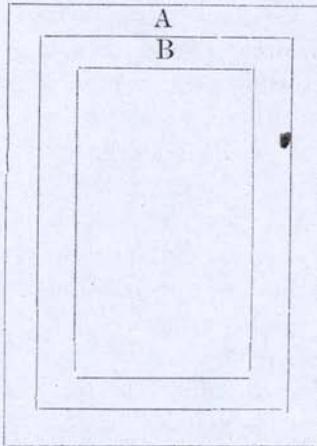
A tinta que sahe do fogo, quando esfria, coagula; tal estado não é o que convém; a tinta deve ser espessa, sim, mas a sua natureza physica deve approximar-se á da manteiga em tempo de frio, e não á da colla. Portanto, deve ser toda moida sobre uma pedra, para dar-lhe a primeira natureza.

Tambem deve-se ter o cuidado de moer toda a tinta igualmente, porque quando secca, não é igualmente. A tinta deve ser homogenea a todos os respeitos.

Todo este trabalho para a tinta só se faz para a 1ª impressão, porque para as seguintes nada ha a fazer, salvo si tem havido longa interrupção no seu emprego, porque forma-se então uma pellicula insolúvel na sua superficie, que deve-se tirar toda inteira.

Guarda-se a tinta na cassarola; une-se a sua superfície, para evitar maior contacto com o ar.

Fôrma polygraphica



Tem-se uma segunda rama **B** que cabe justamente na rama **A** de que já fallámos em seu lugar, e que tem a mesma espessura. Tem-se um fundo feito de folhas de papelão fino, e pregadas umas ás outras com cêra virgem. Este fundo tem metade da grossura das ramas e cabe perfeitamente na rama **B**.

Tem-se uma porção de folhas com as mesmas dimensões, que se guarda em reserva.

E' evidente que seria preferivel que as ramas fossem de metal, e que o fundo fosse composto de lamellas tambem de metal.

Põe-se a rama B e o seu fundo horizontalmente sobre a meza do trem da prensa.

E' evidente que a rama B contém um rebaixo cuja profundidade depende da espessura que se tem dado ao fundo.

Se houver separação entre o fundo e a rama, deve-se tapar com cêra virgem.

Póde-se em vez do fundo composto de folhas de papelão, empregar uma taboa de seis centimentos, formando um parallelogrammo. E' composta de varias peças travadas para não empenar. Tem dois assentos: o 1º tem a altura das ramas, e como deve substituir o dito fundo, tem a mesma superficie; o 2º mais baixo, é igual ás duas ramas, de sorte que postas

estas por cima, a taboa e as ramas não fazem mais que um perfeito parallelipedo.

Quando se emprega esta taboa, deve-se ter uma porção de lamellas ou enterlinhas estreitas como as duas ramas, cujo emprego explicarei adiante.

Tira-se a tinta da cassarola com uma grande spatula, e enche-se o rebaixo da rama. Devendo a superficie da tinta ser plana, passa-se por cima uma rasoura.

A operação da rasoura é delicada: si se passa depressa, a tinta se accumula áquem, e arrasta a de baixo. Deve, portanto, o operador inclinar a rasoura para o seu lado, e attrahil-a tão lentamente que a sua marcha seja quasi imperceptivel. A tinta tem tempo de nivelar-se pelo proprio peso.

Comtudo, tem-me ha pouco acontecido de ter passado a rasoura com rapidez, e ter-me sahido bem. Será talvez porque a tinta pouco sobejava. O futuro mostrará o que é preferivel.

Póde acontecer que, apezar de muito cuidado, algumas partes mal moidas da tinta, ou bolhas de ar, deixem sulcos na superficie. Si forem pequenos sulcos, não ha inconveniente.

Lavam-se as beiras da rama, caso se as tenha sujado, e deixa-se seccar.

Estende-se sobre a tinta, uma frasqueta de garça bem tesa, e collada sobre a rama com tiras de papel. Esta frasqueta deverá um dia ser do mais fino tecido metallico, fixado sobre um quadro, e este quadro, parafusado sobre a rama.

Voltemos agora á chapa gravada:

Veste-se a rama A, onde está estendida a garça e a gravura sobre a rama B, que contém a tinta, e onde está estendida a frasqueta.

Está a fôrma prompta, e só resta acunhal-a dentro das orlas da mesa da prensa.

Humidade do papel

Por motivos que logo serão expostos, empilha-se folha por folha, a metade do papel dentro de uma bacia d'agua; tira-se, escorre-se na prensa para tirar o excesso d'agua: empilha-se depois alternadamente com o papel secco, põe-se algum tempo debaixo da prensa. Quando se quer papel menos humido, alterna-se uma folha molhada com duas ou tres seccas, conforme o grão de humidade de que se precisa.

De resto, os impressores sabem muito bem como se molha o papel; mas na polygraphia, o grão de humidade é um ponto essencial, e o papel deve ser molhado com igualdade.

Impressão

Como na arte typographica, a pressão é simultanea; sendo, porém, menor a pressão, póde a prensa ser mais simples e portatil.

A prensa consiste, pois, em dous pés direitos, duas travessas, a rosca com spiral de 15°, onde está presa a platina, e o trem.

Nunca empreguei tympano nem frasqueta, por ser grande economia de trabalho; mas, si são indispensaveis, pódem ser empregados, e n'este caso eu propôria, em vez de tympano, de pregar na platina uma casimira dobrada de dois ou de tres, e forrada com um pãnninho fino.

Ha um principio fundamental na polygraphia, muito simples, mas que me foi preciso dous annos para reconhecer, e dezeseis annos para pôr em pratica! Este principio é o seguinte :

«O papel onde se imprime deve ser embebido com um liquido tendo acção dissolutiva sobre a tinta da fôrma.»

Contar as experiencias que tenho feito para resolver este problema, os caminhos erroneos que tenho seguido por muito tempo, seria demasiado extenso. Era-me preciso achar uma tinta solúvel antes da impressão, e insolúvel ao depois. Tenho experimentado para a tinta, as gommas, a colla, as resinas, a cêra, a albumina e os oleos. Tenho embebido o papel com agua, alcool e essencia. Tenho submettido as provas a agentes chimicos para as tornar indeleveis; os resultados que eu obtinha não passavam de engodos, que me faziam perder mais tempo e trabalho. Tendo enfim descoberto que a tinta devia ter sabão para se dissolver e imprimir, e tinta typographica por ser seccativa nas provas, estive encaminhado; mas uma antiga preocupação não me deixava avançar. Eu continuava com o meu methodo erroneo, que consistia em fundir a tinta a cada impressão, e derramal-a quente na fôrma. A tinta se alterava a cada fundição; esfriava na fôrma antes de se nivelar, e enfim, imprimia mal por causa de se ter coagulado. Vê-se que eu tinha descoberto a sua composição, mas que me faltava achar a sua manipulação: o que só achei ha oito ou dez annos.

Collige-se do que fica dito, que do grão de humidade do papel, dependerá tambem o exito da impressão: si é muito molhado, as provas sahirão empastadas; si pouco, não imprimirão bem.

A pilha de papel molhado deve ser forrada em baixo, e coberta em cima com oleado.

Vamos agora á impressão.

Devendo a primeira prova ser mais humida que

de ordinario, passa-se uma esponja molhada sobre o papel. Põe-se o papel sobre a fôrma; faz-se andar debaixo da platina, aperta-se e pára-se um instante: desaperta-se, traz-se de pressa a fôrma, e tira-se a prova, levantando-a por um canto.

Quando tudo foi bem preparado, as primeiras provas já sahem boas, ou não passam de oito ou dez, sem que fiquem boas.

Si durante a impressão as provas se tornam empastadas ou carregadas de tinta, põe-se papel menos humido; si, pelo contrario, ellas sahem pallidas, demora-se mais um pouco na prensa, ou emprega-se papel mais humido.

Quando se suspende a impressão, deve a fôrma ser coberta com um papel molhado e um oleado.

Escusado é dizer que a tinta gasta-se durante a impressão, e que a chapa deve abaixar: para a conservar sempre no mesmo nivel, vão-se ajuntando as folhas de papelão por baixo, quando o fundo é de papelão; mas quando é de taboa, ajuntam-se as regoas ou lamellas, ás que já existem entre o assento debaixo, e as ramas.

Vê-se que na polygraphia a tinta está posta em massa debaixo da gravura; que ella atravessa os traços d'esta pela pressão, e que se imprime sobre o papel, pelo effeito combinado da pressão e da acção da agua sobre a tinta. Portanto: «Nunca se renova a tinta sobre a chapa.» A impressão é tão rapida, que mesmo o tempo de pôr e tirar a prova deve ser o mais curto possivel para se ter boas provas. Apezar da insufficiencia dos meios que tenho ao meu alcance, tenho imprimido cento e vinte provas em uma hora.

Impressão simultanea de todas as côres

O excipiente para as côres é o mesmo que para a tinta, só com a differença que, em vez de tinta de imprensa, emprega-se o oleo de linhaça cosido até que fique em ponto de melado.

Depois de moidas as diversas côres com este excipiente, sem perder de vista que cada tinta deve entrar só na conta de tingir a massa, marca-se sobre a tinta preta da fôrma, os lugares onde deve ter côres, e faz-se excavações que serão enchidas cada uma com a sua respectiva côr. Procede-se para o mais, como já se tem dito acima (1).

Todas as côres sahirão na impressão. Só o azul da Prussia parece não se imprimir bem como os outros azues, tanto por causa do alcali do sabão, como pela sua acção demasiado seccativa sobre o oleo de linhaça.

Aperfeiçoamento da Polygraphia

Não é o emprego da garça que poderá dar a esta arte todo o seu desenvolvimento; este meio é só provisório, e si eu tivesse ao meu alcance tudo o que eu preciso, ha muito tempo que a polygraphia seria adiantada. O que lhe dará toda a perfeição é o «papel cellular». Tenho alcançado fabrical-o, mas assim mesmo, estou ainda nos primeiros rudimentos. Si alguém se admirar que eu tenha levado 28 annos para inventar esta arte, deve lembrar-se que tudo o que se encontra em outros paizes,—chimicos, fabricantes, mestre de officios, industria e materiaes,—me tem faltado em Campinas.

O papel cellular que eu tenho feito é de tal modo poroso, que pôndo-o contra o dia, vêm-se os objectos a travéz. Desenha-se sobre este papel com pincel, ou escreve-se com penna de aço, servindo-se de uma disso-

(1)—Guardamos a orthographia e o estylo do original.

lução de gomme-arabica tinta de preto. Põe-se este papel com o verso em vista, sobre o outro papel cellullar. Esfrega-se com o cylindro de massa branca, de que fallei logo no principio d'este escripto, iguala-se a camada que se fórma, aperta-se: a massa atravessa o papel cellullar de cima, imprime-se sobre o papel cellullar de baixo; e como nos lugares onde tem traços e sombras de gomme-arabica, a massa não pôde atravessar, resulta que fica impressa uma negativa. Pódem-se assim imprimir muitas negativas.

Resta-me ainda experimentar si será possivel imprimir uma pilha de negativas, e por consequencia, tirar de um só aperto de imprensa, 20 ou 40 exemplares.

Tenho feito varias vezes, não sem algum resultado, a seguinte experiencia. Humedece-se muito de leve o papel cellullar, e gruda-se sobre um papel coberto de gomme-arabica. Desenha-se com gomme-arabica preta sobre o papel cellullar, e cobre-se tudo com verniz branco, feito com oleo cosido e alvaiade. Põe-se tudo na agua: a gomme dissolve-se; o oleo se retira dos traços, o desenho reaparece, e obtém-se assim uma negativa.

Tenho empregado tambem um outro methodo, que eu chamo—Maneira Branca—, que é mais facil e que tem seu merito. Consiste em trabalhar nos claros com tinta de oleo e alvaiade, os traços e sombras são deixados em claro, e tem-se uma negativa.

A garça de seda lisa é o tecido mais fino e mais transparente que existe no commercio; no entretanto, seu fio é composto de cinco fios de seda, primitivos. Si eu estivesse em um paiz de fabricas, eu poderia ter uma garça mais fechada e não menos permeavel á tinta, cujo fio seria de dous ou tres fios primitivos.

Para se fazer uma idéa da perfeição que deverá ter o papel cellular, ou um tecido d'esta natureza, basta trazer á lembrança as finas teias de aranha que apparecem ás vezes nas paredes e no campo.

Avançarei ainda uma pergunta. A polygraphia poderá ser applicada á photographia? Existem gazes e corpos liquidos que se solidificam pela acção da luz; outros, de solidos tornam-se liquidos; outros, que se podem misturar no escuro sem se combinar, não podem supportar este estado, apenas tocados pela luz; mesmo diffusa, a ponto de se combinarem com explosão, e formarem um corpo novo.

Não será talvez impossivel que uma lamina cellular posta no fóco da camara escura, e submettida á acção de gazes contidos dentro d'este instrumento, fique com as cellulas obstruidas por um corpo solido, que se terá formado nos lugares que tiverem sido expostos á luz.

Campinas, 3 de novembro de 1858. Escripto sobre a Memoria polygraphada em 1853, augmentada e corrigida segundo novas experiencias.

Data de 1830. Muito luctou Hercules em pról d'esta idéa. Recorreu aos Poderes Publicos (1). Era o Sabio a luctar contra a ignorancia do Povo, a indifferença do Governo, a inveja de muitos e a hostilidade impassivel dos demais!

Quanta razão lhe assistia, ao exclamar, ao cabo de tantas tentativas infructiferas:

«Em um seculo em que o talento não passa despercebido, a Providencia me trouxe a um paiz em

que nenhum caso se faz d'elle. Soffro os horrores da miseria (moral) e minha imaginação está cheia de descobertas. Nenh'uma alma me ouve; nem me comprehenderia. Aqui só se dá apreço ao Ouro; só se occupam de Politica, assucar, café—e carne humana. Conheço, sem duvida, algumas grandes e bellas almas; mas estas mesmo, em pequeno numero, não estão formadas á minha linguagem—e respeito a sua ignorancia...»

Estre trecho transcrêvemos de seu commovente capitulo inédito, do *Manuscripto* aureo, intitulado—*L'Inventeur en exil*.

A pas lents, la tête baissée,
Le vieillard reprend son chemin,
Seul, et roulant dans sa pensée
L'injustice du genre humain.
En marchant, sous son bras il presse
Sa lyre sainte et vengeresse,
Qui résonne comme un carquois;
Et sur un écueil de la plage
Il va s'asseoir près du rivage,
Pleurant et chantant à la fois! (1)

1.—LAMARTINE, *Nouvelles Méditations Poétiques*, Paris, 1878, a pags. 202-203. *Sur l'ingratitude des peuples*.

—Hercules recorreu a todas as vias diplomaticas e scientificas para poder levar avante o seu invento.

Entendeu-se com o sr. Conde Solar de La Marguerite, Ministro dos Negocios Estrangeiros em Turim, com o sr. Ed. Pontois, encarregado de Negocios da França no Rio de Janeiro, com a Academia das Bellas-Artes do Rio de Janeiro (Vide *Annexos*); com a imprensa, etc. As corporações scientificas e os diplomatas e homens de sciencia muito louvaram o seu novo processo.

Infelizmente, Hercules Florence estava no Brazil.

Na Europa o seu invento teria obtido successo ruidoso, dado fama a seu nome e enriquecido o seu auctor. Mas estava no Brazil, que ainda deve um tumulo a Carlos Gomes, um mausoléu ao padre José Mauricio, uma estatua a Monte-Alverne, um busto a Escragnolle Taunay, uma lapide a Evaristo F. da Veiga, um monumento a Alvares Machado, uma columna a Hercules Florence... e ainda conserva na crypta claustral de S. Vicente de Fóra os gloriosos restos de Pedro I e de Pedro II!



CAPITULO VII

Em 1832 Hercules descobriu a Photographia. (1)

Diz Taunay : « Antes das primeiras tentativas de Niepce e Daguerre, descobrira, para assim dizer, a arte que originou a photographia. » (2)

De facto, Niepce morreu em 1833 ; os seus processos eram rudimentares. Daguerre proseguiu nas suas tentativas. Fox Talbot em 1834 deu nova phase ás experiencias de ambos. Só mais tarde é que Daguerre e Poitevin, este em 1850, conseguiram aperfeiçoar a arte de fixar, com o auxilio da luz, por meio da camara escura e de diversos processos chimicos, a imagem dos objectos exteriores sobre placas de prata, sobre papel, vidro, etc.

O *Manuscripto* de Hercules traz uma descripção scientifica minuciosa de seu invento—do qual não lhe coube a gloria. (3)

(1) *Manuscripto*, de pag. 42 em diante.

(2) ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY, observação preliminar á traducção da *Zoophonia* (3 de Abril de 1877).

(3) *Manuscripto*, *loco cit.*

Sic vos non vobis . . .

Refere-nos um contemporaneo, em carta particular, que, em 1831, sempre levado pelo seu espirito investigador, e com ingredientes fornecidos pelo pharmaceutico Joaquim Corrêa de Mello, (1) fabricou uma camara escura com uma caixa de papelão, e collocou uma lente ;

(4) Joaquim Corrêa de Mello foi um dos sabios mais modestos e mais eminentes da provincia de S. Paulo. Nascêra a 10 de Abril de 1816 na capital (e não além-mar, como disse T. de Mello em suas *Ephemerides*, á pag. 158 do 2º tomo).

Escreve o dr. José de Campos Novães, sabio paulista, em um artigo inserto na *Revista do Museu Paulista*, publicada pelo Dr. H. von Ihering, volume IV, 1900, a pags. 167-168.

«Seu pai, portuguez, tornou-se brasileiro adoptivo, depois de ter sido na sua patria capitão de cavallaria, e ter prestado bons e perseverantes serviços na contadoria da fazenda provincial.

Fôra o preceptor de seu filho nas primeiras letras ; entregando-o mais tarde aos cuidados do latinista André da Silva Gomes, muito apreciado educador, que o preparou para encetar a carreira juridica na nossa Academia.

Já se tinha bem iniciado no terceiro anno lectivo no *Corpus Juris*, quando falleceu seu progenitor, que lhe legou a orphandade e a pobreza, apanagio forçado dos empregados publicos, deixando-o sem meios de proseguir na carreira encetada.

Cogitou de se fazer militar, carreira para a qual a sua constituição debil não o tinha predestinado.

N'esse momento critico deparou-se-lhe em S. Paulo um dos patriarchas da Independencia, F. Alvares Machado e Vasconcellos, que reconhecendo no joven Mello uma capacidade singular e aproveitabilissima, chamou-o para juncto de si, levando-o para praticar em sua pharmacia de Campinas.

Affeiçãoando-se a elle, levou-o ao Rio de Janeiro, em 1834, affim de inicial-o no curso regular de pharmacia.

Recebeu seu diploma, *optime cum laude*, das mãos do Dr. J. V. Torres Homem.

De volta a Campinas em 1836, o illustre parlamentar offereceu-lhe sociedade na *botica*, enquanto ia á Côrte trabalhar pelo Brasil.

Durante os vinte annos seguintes continuou na faina quotidiana das manipulações chimicas, exercitando-se, ao mesmo tempo, na cura gratuita, especialmente das creanças, em que se tornou insigne; assim como na applicação da medicina popular da nossa materia medica da flóra inexgotavel e mysteriosa mente desconhecida do Brasil.

Lentamente foi colligindo factos e observações de pathologia e os effeitos beneficos obtidos pelos *curandeiros*, que com boa critica foi annotando, até se accumular no repertorio de medicina domestica, que appareceu editado sob o escudo do diploma doutoral do dinamarquez Dr. Langgaard.

O Dr. Theodoro J. H. Langgaard era um d'esses espiritos vastos e observadores, que vindos do estrangeiro no meiao do seculo, se congregaram em Campinas n'uma pleiade illustre, entre os quaes enumeramos: Hercules Florence e o Dr. Ricardo O'Connor Gumbleton Dauntre.

Todos, ao lado de J. C. de Mello, elaboravam alevantados problemas scientificos, quer nas sciencias naturaes, medicas e historicas, cujos especimens ora davam em resultado no *Diccionario de Medicina Popular*;—ora em excavações de ineditos, como a *Genealogia Paulista*, offerecida pelo Dr. Ricardo e editada pelo Instituto Historico do Rio; ora em experiencias chimicas, como as feitas em collaboração com Hercules Florence sobre a Photographia.

Os documentos sobre esta ultima descoberta scientifica, das mais uteis do nosso seculo XIX, e que foi effectuada em Campinas por Hercules Florence e completada pelas subtilissimas manipulações chimicas de J. C. de Mello, estão em poder dos seus netos, que devem dar-lhes a publicidade que merecem.

Não reivindicaram publicamente a invenção, por coincidir com identica descoberta de Daguerre e Niepce em França.

Este facto só, devidamente explanado, dará idéa da profundez das pesquisas a que se entregavam n'este recanto provinciano esse conjuncto de homens superiores.

Assim conclúe o modesto e erudicto auctor das *Origens Chaldaicas do Christianismo* o seu interessante estudo sobre o grande Botânico Brasileiro e Paulista :

«Correia de Mello, tal como o vi, era um velhinho modestissimo.

Nunca seus contemporaneos suspeitaram todo o merito intrinseco d'esse bemfeitor das creanças e dos pobres.

Só muito no fim da vida começou a transparecer a aureola de celebridade que da Europa culta se reflectia sobre sua personalidade.

Não tenho sinão vagas recordações d'esse excellente velho, que veio preoccupar-me tanto posteriormente com os seus valiosos estudos botanicos.

Todavia, lembro-me das suas visitas ao *Culto á Sciencia*, onde os directores o recebiam com todas as deferencias devidas a um espirito superior.

Via-o encetar discussões com o Dr. Moreth-son e com Mr. Bentley sobre darwinismo, e evolucionismo e outras questões das quaes nada pescava então.

Sei, por tradição, que Mello tomava o partido dos Cuvierianos de velha e solida tempera.

Esse velhinho, que nunca conheci pessoalmente, tinha então cerca de 60 annos, magro, com uma testa oval, firme, serio e perscrutador, mas de maneiras lhanas e prasenteiras.

—Vindo o Imperador a Campinas em 1876, na occasião da inauguração do gaz, mandou que o fossem procurar.

E desde esse momento collocou-o ao seu lado na mesa e nas viagens de trolly.

Tive occasião de acompanhal-os n'uma excursão á fazenda Sete-Quedas, do Visconde de Indayatuba, em que o monarcha não o abandonou um momento.

Queixou-se Mello, então, que seus numerosos correspondentes não conseguiram enviar-lhe nenhuma das grandes obras de von Martius.

Effectivamente, nunca deparei em seus escriptos com uma unica citação d'esse autor fundamental sobre as nossas plantas conhecidas.

O Imperador apressou-se em enviar-lhe esse precioso repositório da botânica brasileira.

Mello, mostrando o presente inestimável aos amigos, exclamava :

— Que pena que me viesse isso ás mãos tão tarde, quando já me sinto cansado e desilludido ! Si o possuísse quando trabalhava com ardor, ter-me-hiam sido poupados tantos erros e repetições de cousas já sabidas e descriptas por outrem.

Nenhum obice é mais insuperável do que essa ausencia de bibliothecas especiaes de sciencias naturaes, para não fallarmos nos herbarios authenticos dos Museus.

Desde o momento em que seus talentos de observador se patentearam perante as sociedades scientificas, uma multidão de pedidos de plantas lhe foi encher o gabinete de trabalho.

Especialistas de todas as classes de plantas pediam o seu concurso, afim de recolher novos materiaes.

Cercavam todos o pedido de encomios que encareciam o seu desejado concurso.

Edouard Marren pedia-lhe *Bromelias*, Nylander *Lichens*, Cogniaux *Cucurbitaceas*, Miers *Menispermaceas*, Spruce *Papayaceas*, Reichenbach *Orchidaceas*, Bentham, Hooker, tudo quanto pudesse adicionar ao herbario de Kew.

A todos satisfazia liberalmente ; mas se esquecia do modo convencionado de fazer lembrar seu nome nas publicações, enumerando a serie das plantas em ordem continua, para ser citado nos herbarios geraes.

O desprendimento com o qual alienava de si todas as novidades scientificas parecia aconselhal-o a esquecer o *lemma* de De Candolle :

Nomina mutant, numeram manent.

Os nomes variam segundo o progredir da sciencia ; mas a numeração pura e simples dos specimens florísticos depositados nos herbarios dos Museus, é immutável como a procedencia e o nome do viajante que os colheu.

D'ahi, o facto de só ser lembrado o nome de Mello nas 65 plantas do herbario de Mr. Bureau, especial ás *Bignoniaceas* ; ao passo que os numeros de André Regnell, em Caldas,

e os de Pacifico Manço, enumerados nas plantas que enviou de Cuyabá a von Martius, são lembrados em todos os tratados e monographias de flores Universaes ou Brasileiras conhecidas.

Como prova demonstrativa do desaparecimento de seu nome nas obras em que collaborou, enviando plantas, desenhos e notas, basta relatarmos os resultados praticos do estudo sobre o genero *Alibertia*.

José Dalton Hooker, filho, o coripheu darwiniano da botanica, recebeu e publicou nas *Transactions da Linnean Society*, Secção Botanica, do volume XXVIII, pagina 520, sobre a *Marmeladinha do campo*, Rubiaceae que erradamente denominam *Gardneria sessilis*, e que com os desenhos e diagnoses de C. de Mello foi collocado no genero *Alibertia* com o nome especifico de *Melloana*, Hooker.

Karl Schuman, refundindo essa classe das Rubiaceas na *Flora Brasiliensis*, com quanto reconhecesse o valor da contribuição, foi forçado, apesar de um tal *padrinho*, a restituir o nome especifico—*sessilis-quod maxime doleo*, pondo na *synonymia*, verdadeiro hospital de invalidos, o nome especifico-Melloana.

Conservou o genero *Alibertia* assignalado por Hooker, mas regeitou o novo nome de Melloana, porque já existia um outro (*sessilis*), que forçoso era conservar para obedecer ás leis da nomenclatura e ao direito de prioridade.

Prevalece, portanto, agora, a especie *Alibertia sessilis* Schumann.

Nem Mello nem Hooker têm mais direito algum de ser lembrados a proposito d'essa especie rara e curiosa.

Si Correia de Mello, pelo contrario, tivesse posto um simples numero ao lado do seu preparado, seu nome ahi teria sempre permanecido, ao par das denominações novas.

Eis o valor do aphorismo botanico de Pyramus De Candolle:

Nomina mutant, numera manent.

O círculo dos seus amigos não podia, excepto nos poucos mencionados acima, acoroçalo e excitalo ao trabalho botanico, sinão de um modo todo platónico.

As sciencias naturaes têm no Brazil riquezas inexgotaveis;

mas força é confessar que esses estudos estão ainda apenas theoreticamente recommendados pelos jornalistas, que os enca-recem como si se tratasse de bellas artes, que são boas para se applaudir como espectador, mas nunca para participarem d'esses labores de valor, apenas recommendavel como orna-mento só proprio de povos excessivamente civilizados.

Um sabio authenticó, como Correia de Mello, era um objecto de curiosidade com o qual a Nação nada tem que vêr, nem cousa alguma a esperar d'elle.

Os proveitos promettidos são tão longinquos, que não mereciam no seu tempo attenção alguma especial, a não ser a admiração de um caso raro e inexplicavel no nosso meio provinciano de ha trinta annos atraz.

Agora começa a mudar um pouco a face das cousas.

Com a federação dos Estados, o Pará e S. Paulo têm Mu-sens e commissões scientificas.

Minas tentou esse *luro*; e foi a primeira verba que em momento de apuros se lembrou de supprimir *ex-abrupto*.

Mas, para Correia de Mello bastava a sua filha e dedi-cada collaboradora, a desenhista aprimorada, que seguia os vôos mais ousados das meditações do sabio paulista.

Ajudava-o carinhosamente a preparar as bellas e raras flôres que trazia das suas excursões nos campos e mattas da visinhança, desenhando e colorindo com esmero flôres exóticas, tão diversamente lindas, das nossas feracissimas selvas primi-tivas, já bem devastadas agora.

Para julgar da proficiencia artistica da senhora dona Francisca de Salles Mello, dou a palavra a J. Dalton Hooker, talvez o botanico que maior quantidade de milheiros de gra-vuras e plantas lithographadas coloridas tem publicado n'este seculo, tanto no *Botanical Magasine*, como nas floras das co-lonias inglezas, e em *Icones* diversas:

« Tenho o prazer de fazer chegar-lhe meu caloroso agra-decimento pelo bonito e exacto desenho da *Marmelatinha do Campo*, que tanto por habil arte, quanto por semelhança bo-tanica e utilidade, nada deixa a desejar.

Pego-lhe dar licença de enviar meus cumprimentos á linda artista D. Francisca de Salles Mello. »

A este gracioso cumprimento correspondeu a inserção dos desenhos nas *Transactions* da mais respeitavel sociedade de sciencias-naturaes que existe.

A apothese final veio alcançal-o no seu recanto, onde sempre se conservou alheio á van populariedade das massas.

Compatriotas, naturalistas como elle proprio, Ladisláu Netto, Capanema e José de Saldanha da Gama, recebiam cartas com honrosissimas referencias a esse patricio de Campinas, ou antes, iam com este ultimo, sorprehender nos museus as riquezas desencavadas das nossas selvas por um patricio ignorado dos proprios brasileiros.

« Tantas vezes, diz Saldanha da Gama, apreciei em Paris os bellos especimens por V. S. enviados ao senhor Bureau, auctor da Monographia das Bignoneaceas, amostras tão sabiamente preparadas e tão admiradas pelos botanicos da Europa, que, como brasileiro, sinceramente felicito-lhe pelos assignalados serviços prestados por V. S. á sciencia, para n'essa occasião offerecer-lhe algumas das minhas publicações sobre a flora de nosso paiz, esperando que as acceite como um signal de apreço para com sua pessoa. »

Estava bem de volta a celebridade, que sua modestia e repulsão pelo ruido espalhafatoso da nossa imprensa diaria, o faziam sempre excusar-se de amenisal-a com suas contribuições.

Mas, o publicista, o velho e denodado apostolo da Republica, Dr. Francisco Rangel Pestana, concitou-o a romper o silencio systematico com a carta honrosissima para ambos, de onde extrahimos estas palavras :

« Creio que V. S. conhece o jornal *A Provincia de S. Paulo* e seu programma ; por isso não me julgará importuno vindo solicitar a sua valiosissima collaboração na—Secção scientifica—Sei que V. S. tem trabalhos importantes que dão muita gloria a si e á sua Patria e que uma excessiva modestia e desconfiança de não encontrarem elles acceitação real da parte de seus compatriotas fazem V. S. não entregal-os á publicidade entre nós.

Permitta-me, porém, que eu ouse contrarial-o no seu pro-

e com este simples aparelho conseguiu varias photographias, entre as quaes uma da cadêa de Campinas, que ainda estava perfeita quinze annos depois. (1)

posito, pedindo alguns d'esses trabalhos para *A Provincia de S. Paulo*.

Tenha paciencia; V. S. já não tem direito a querer a obscuridade em seu paiz; o mundo scientifico proclamou-o uma gloria brasileira e os paulistas da geração nova reclamam com enthusiasmo para si um pouco d'essa gloria.

Não sei si um tão caloroso appello o demoveu a enviar ao illustre mestre do jornalismo alguma contribuição (1). A conservação d'essa preciosa carta demonstra ao menos que commoveram as palavras affectuosas, cheias de profunda admiração, da parte de um patricio illustre. (2)

Campinas conserva d'elle duas memorias.

Uma:—a arborisação do jardim da *Praça da Imprensa do Rio*, desenhada pelo Dr. Alberto Lofgren, quando engenheiro da Paulista; outra:— a *Escola Correia de Mello*, que tantas creanças tem iniciado nas letras.

Resta um monumento que desejo seja — *aere perennius*— são as dissertações ineditas que os competentes archivaram como um commentario ao lado do texto da *Flora Brasiliensis*, para a qual foi escripta.

Esse livro não estava redigido, nem nunca deveria seu auctor preparal-o em fôrma systematica.

Mais uma vez elle se esqueceu de si para só se lembrar da Patria e da Sciencia, que o reconfortou nos ultimos dias.

(1) «Elle conservava essa vista (da cadêa) constantemente dentro de um livro para escapar á acção da luz. No meu espirito de criança notei que a sentinella, a qual se achava ao

(1) Apenas conheço como vulgarisação a lista de plantas campineiras, posta em seguida á biographia do nosso botanico por F. Quirino dos Santos, no Almanack de 1873.

(2) Corrêa de Mello foi deputado á Assemblêa Legislativa Provincial de S. Paulo em um biennio; mas nunca figurou em politica. Pertencia ao velho Partido Conservador e era um monarchista sincero e catholico convicto, como Alvares Machado, Hercules Florence e o Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.

Releve-nos o Sr. Dr. Campos Novaes este additamento á sua generosa biographia do illustre cientista. *Veritas quæ sera lumen*.

—Joaquim Corrêa de Mello falleceu a 20 de Dezembro de 1877.

Hercules ficára contentissimo com os resultados de sua descoberta. O seu amigo Joaquim Corrêa de Mello, animando-o, antevia as vantagens de tal invento. Alvares Machado a ambos acoroçoava, remettendo drogas e instrumentos do Rio de Janeiro (1).

Estando na cidade de Ytú, sentado á porta do Dr. Engler, palestrando Hercules com alguns francezes, seus compatriotas (2), que ali se achavam de passagem,

lado da guarita, não se podia reconhecer si era negro ou branco; mas, como ha soldados pretos e brancos, deixei-me logo de investigações.»

(1) Foi o intermediario da compra da primeira typographia de Hercules, e por 800\$000, «por pechincha.»

Alvares Machado correspondia-se com o *Joaquimzinho da Botica*, como familiarmente appellidavam o notavel botanico paulista; e remetia-lhe encommendas da Côte, amiudadas vezes.

«Dê lembranças ao Joaquimzinho, escrevia elle a Hercules; e diga-lhe que levo-lhe um apparelho de compressão para fazer as aguas artificiaes, e uma machina para fazer o gelo artificial por meio do contacto do sal ammoniaco em dissolução com a agua.»—Carta de 29 de Maio de 1845.

(2) Hercules, como vimos no principio d'este livro, (vide pags. 3, 4, 7, 34 e 35) era francez, e não italiano, como alguns pensavam. Não se trata, aliás, de uma questão de nacionalidade; porque o Genio não tem Patria. Cumpre, entretanto, respeitar a verdade historica em sua plenitude.

Si, por vezes, Hercules dirigiu-se ao governo da Sardenha e a corporações scientificas sardas, isto explica-se facilmente: Monaco, após a fatal Restauração de 1814-1815, ficára encravado em territorio italiano; Nice passára a ser, temporariamente, possessão sarda. E por isso, embora franceza, á sua familia era mais facil entender-se com auctoridades e associações sardas.

Este é um ponto que convinha ser esclarecido e apurado.

Ficámos indignado ao vêr, em Campinas, a placa de uma rua com o nome de *Hercules Florenze*. *Florenze*, com z: que horror! Reclamámos immediatamente; um dos vereadores pro-

chegou o sr. Certain, que logo lhes disse: « Sabem vocês de uma importante noticia? » Anciosos o escutavam. — « Pois bem, continuou, M. Daguerre em França acaba de descobrir o modo de fixar a imagem sobre uma chapa de aço polido. »

Ao ouvir semelhante communicação, comprehendeu Hercules que se lhe arrancára a gloria de tão importante descoberta. E então foi presa de uma syncope e « cahiu sentado sobre o banco da paciencia ». — Todos se acercaram de Hercules; mas este não quiz contar a causa de seu subito mal-estar (1).

metteu-nos providenciar e restabelecer o nome francez, e gloriosamente francez, de Hercules. Si o fez, ignoramos. *De minimis non curat prator.*

Em todo caso, Hercules nasceu francez. Francezes, os seus pais. Franceza, toda a sua familia. Em francez escreveu elle os originaes de todas as suas obras, todas as suas cartas para Europa, etc. Os seus proprios Memoriaes scientificos á Academia de Turim eram em francez. Não lhe neguemos, pois, a sua Patria. E' a Patria de Napoleão, que elle tanto admirava (1); de Luiz XVIII, que sua familia tanto estremeia (2). E, ante os desastres de 1870-71, elle arrancou do fundo do seu coração de patriota accents magoados, quaes os de um filho diante da morte de sua mãe (3).

(1) De uma Relação historica, excripta a convite do Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, extrahimos o seguinte—*Episodio*:

« Neste anno de 1832, no dia 15 de Agosto, estando a passear na minha varanda, vem-me a idéa que talvez se possam fixar as imagens na camara escura, por meio de um corpo que mude

(1) Vide á pag. 16, nota 1, e á pag. 37.

(2) « Tu auras appris aussi la mort de Louis XVIII, surnommé le Père du Peuple: il a fait une mort, digne de son grand caractère. »—Carta de Fortuné Florence, sem data, com o n. 5, respondendo a outra carta de Hercules, de 21 de Novembro de 1824.

(3) Carta de Hercules a Philibert Florence, de 5 de Dezembro de 1870.—Cartas a seu cunhado Otto Kupfer; a seu filho Arnaldo, e outras de 1870-71 a diversos.

Não ha extranhar: já Montgolfier, em França, usurpára a gloria da invenção dos aerostatos, em 1783; ao passo que Bartholomeu Lourenço de Gusmão, nascido na então Villa de Santos em 1685, fez a primeira experiencia de seu invento para andar pelo ar, em Lisboa, em 8 de Agosto de 1709. (1)

de côr pela acção da luz. Esta idéa é minha, porque o menor indicio nunca tocou antes o meu espirito.

Vou ter com o Sr. Joaquim Corrêa de Mello, boticario de meu sogro, homem instruído, que me diz—existir o nitrato de prata.

Dei-me, pois, a fazer experiencias, onde tudo me sahe perfeitissimo quanto á gravura sobre vidro. Quanto á camara escura, eu fixei a negativa da vista da cadêa, um busto de La Fayette, etc. O Sr. Mello me ajuda a formar a palavra—*photographia*. Um escripto photographado ha 30 annos com uma Fama em frente, onde eu annunciava as minhas fazendas para vender, circula pela Villa. Campinas nunca tinha visto annuncios; estive uma semana com a vara e o covado na mão, a vender minhas fazendas.

Assim levei a fazer experiencias, sem nunca poder fixar bem as imagens, até 1839, que larguei mão, por ter noticia da descoberta de Daguerre. >

Em carta de Monaco, de 16 de Junho de 1841, Fortuné Florence narra minuciosamente a seu irmão a descoberta de Daguerre.

(1) TEIXEIRA DE MELLO em suas *Ephemerides*, á data de 8 de Agosto de 1709, tomo II, pag. 68, escreve:

«Faz em Lisboa a primeira experiencia do seu engenhoso invento para andar pelo ar o famoso padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, irmão do celebre secretario particular e ministro de D. João V, Alexandre de Gusmão.

Bartholomeu Lourenço, denominado pelos seus contemporaneos o *Voador*, 4º filho de Francisco Lourenço, que foi cirurgião-mór do presidio de Santos, e de sua mulher Maria Alvares, nasceu n'aquella, já então Villa, em 1685. >—Falleceu em Toledo, Hespanha, a 19 de Novembro de 1724.

Esta revolução na sciencia, que por si só constituiria a gloria de um homem, de uma nação, de um seculo,—passou despercebida no recanto provinciano de Campinas, onde se debatiam, no vacuo do esquecimento e da indifferença, mentalidades superiores como as de Alvares Machado, Dr. Theodoro Langgaard, Hercules Florence, Joaquim Corrêa de Mello, Dr. Ricardo Gumblen Daunt e outros espiritos dotados de engenho arguto e investigador nas varias disciplinas do entendimento humano!

E' fundamentalmente justo o que a tal respeito diz Geoffroy Saint-Hilaire, que «d'entre todos os nomes que têm sido consagrados pela admiração e pelo respeito publicos, nenhum ha com mais titulos de gloria do que o dos grandes inventores scientificos» (1).

«Houve infallivelmente, como muito bem pondéra Innocencio da Silva, causa occulta, e para nós maravilhosa, que obsteu a que nos quinze annos que decorreram de 1709 a 1724 o Padre Gusmão deixasse de emprehender novos ensaios para realisar a sua tentativa.»

Só oitenta e cinco annos depois, a 24 de Agosto de 1794, assistiu Lisboa ao primeiro espectáculo de uma ascensão aerostatica, a realisada pelo italiano Lunardi; e só quasi setenta e quatro annos depois do tentamen do nosso compatriota effectuaram os irmãos Montgolfier, em Annonay, na França, a primeira ascensão dos seus aerostatos, a 5 de Junho de 1783.

(1) GASTÃO TISSANDIER, *os Martyres da Sciencia*, capitulo I, *Energia e Perseverança*.

Escreve Hercules no seu *Manuscripto*, no capitulo commovente—O Inventor no Exilio—á pag. 150:

«A bella descoberta de Daguerre, que justamente arrancon um grito de admiração na Europa, não me surpreendeu: eu a tinha previsto aqui n'este deserto, oito annos antes!

Dizem que na Italia acaba de ser inventada uma machina que se move por si: veja-se a minha Noria, que foi concebida ha muito tempo!

O apparecimento de bilhetes falsos do Banco induziu Hercules Florence a publicar os *Ensaios sobre a impressão das Notas de Banco por um processo totalmente inimitavel*, precedidos por algumas observações sobre a gravura das mesmas Notas, e o modo de se conhecer as que são falsas (1).

Dêmos a palavra ao inventor :

O titulo d'este opusculo indica que procuro resolver um problema, cuja importancia todos sentem. Sei que entregue ás minhas forças não alcançarei talvez este fim ; mas eu seria feliz si pudesse lançar alguma claridade sobre este assumpto. Uma penosa experiencia de dez annos me tem mostrado que, ainda mesmo que me fosse dado resolver este problema, annos seriam precisos para chegar á sua applicação. Tenho conhecido que si são necessarios tempo, sacrificios e uma constancia rara para demonstrar uma descoberta util, ainda são necessarios tempo e esforços continuos para fazel-a adoptar.

Dez annos já decorreram depois que principiei a trabalhar em um novo modo de imprimir, ao qual tenho dado o nome de POLYGRAPHIA, e que, entre outras vantagens, tem duas novas propriedades de

Dizem que nos Estados-Unidos acaba de se descobrir o meio de fazer descer e subir os balões á vontade: leia-se a minha memoria sobre a compressibilidade do gaz hydrogeneo!

1) Folheto de 14 paginas com uma estampa polygraphada. S. Paulo, 1841, na typographia de Costa Silveira, Rua de S. Gonsalo n. 14.

Manuscripto, Memoria datada de 25 de Novembro de 1838, de pags. 111 a 114.

primeira ordem nas artes de Imprensa, que vêm a ser: a chapa fornecida de tinta para muitos milheiros de exemplares, e a impressão simultanea de todas as côres.

Não poucos habitantes da provincia de S. Paulo sabem que eu tenho feito esta descoberta, pois que ha oito annos que eu imprimo por ella na villa de S. Carlos, desempenhando varias encommendas, tanto d'aquella villa como da capital, e outros pontos da provincia, tendo até impresso por ordem do governo um mappa itinerario, cuja execução si não pôde ser assás nitida, indica, para o entendedor, qual pôde ser o futuro da *Polygraphia*. Querendo agora occupar-me sómente da impressão inimitavel das notas do banco, letras e outros papeis de importancia, não é occasião de estender-me sobre a *Polygraphia*, ainda que o processo, de que vou tratar, derive mui immediatamente d'ella: julgo, porém, opportuno procurar attrahir a attenção do publico sobre a *Polygraphia*, á vista da languidez a que tem sido condemnada por falta de meios. Fôra injustiça de minha parte attribuir a indifferença que tenho encontrado á falta de gosto dos habitantes d'este paiz, pois que a nação brazileira distingue-se entre os seus vizinhos pelo seu amor ás bellas artes. O Rio de Janeiro tem uma Academia, unica em toda a America do Sul, que provavelmente dará ao Brazil um realce mui duravel. Sabe-se, além d'isso, que os inventores da imprensa tiveram um fim bem desgraçado; pôde-se a este respeito desculpar o seculo em que viveram, mas temos visto em tempos bem modernos o inventor da lithographia, Sennefelder, luctar por muito tempo com a miseria, antes de colher os fructos do seu trabalho; e isto acontecia na Allemanha, paiz conhecido por sua civilisação. Em Paris mesmo o celebre Didot, que tantos serviços tem feito

á imprensa, vio extinguir-se uma fortuna consideravel antes de tirar vantagens de seus processos. E' verdade que tanto elle, como Sennefelder, foram bem recompensados ao depois ; mas emquanto elles procuravam sem descobrir, guiados sómente por aquelle tacto que antevê o futuro, elles tiveram muito que soffrer ; e na verdade, não é impunemente que um homem sahe das sendas traçadas para ir em busca de thesouros desconhecidos ; a hedionda miseria, acompanhada do desprezo e da humilhação, ahi estão para envolvê-lo em seu manto nojento e despedaçado ; a propria consciencia como que se revolta e parece exprobar-lhe o desprezo em que tem tantos deveres, muitas vezes sagrados, que o cercam na sociedade.

A' vista do que acabo de expôr, poderia-se concluir que é do systema industrial serem os inventores entregues a si mesmos. Diz-se que em materia de industria tudo deve ser abandonado á industria ; que não pertence a um Governo intervir n'ella. Poucas luzes tenho em *Economia industrial*, mas parece-me que um povo, que quer-se adiantar em civilização, deve ou por si, ou pelo seu Governo proteger as artes por um modo efficaz. A asserção de que o systema industrial sustenta as descobertas uteis, é verdadeira só até certo ponto. Quando o inventor medita, quando elle procura atravez de mil difficuldades asquerosas, e só vê em redor de si ou a indifferença, ou a derisão, elle nada produz. Será um tal systema feito para sustental-o, elle, que só presta o seu auxilio quando tem a certeza de receber lucro ? Torno a dizel-o, o espirito especulativo protege tudo, e é eminentemente creador ; mas haja uma protecção especial dirigida com sabedoria para adiantar beneficios ás empresas artisticas e

ás Bellas Artes, e a par do augmento de riquezas materiaes haverá não menos progresso na vida contemplativa e entusiasta do bello e do sublime.

Conheço toda a fraqueza da minha capacidade, mas tendo alcançado alguns factos que põem em evidencia novos principios que constituem a Polygraphia, e tendo dados certos sobre os meios de imprimir com a delicadeza da Lythographia, tomo a liberdade de pôr esta descoberta debaixo da protecção do Governo, e do Publico esclarecido d'este paiz.

Si fosse necessario, para contrafazer as Notas do Banco, graval-as geometricamente, iguaes ao modelo, mesmo nas mais imperceptiveis miudezas, jámais se teria soffrido as muitas falsificações que tem havido, porque é impossivel abrirem-se duas chapas iguaes : poderão parecer iguaes para immensas pessoas (1), e este é o grande mal ; mas para um escrutador entendido e rigoroso, a falsificação, que mais se approximasse do modelo, jámais passaria de uma admiravel imitação : auxiliado de um microscopio, si fôr preciso, elle conhecerá a illegitimidade. O mesmo direi a respeito das gravuras menos finas, que são mais facéis de imitar-se ; não exceptuarei a escriptura, e estou certo de que é impossivel escrever duas vezes a propria firma sem que haja differença na totalidade dos traços. Escreva-se cem vezes, não se acharão duas iguaes. Só á Imprensa pertence produzir duas e muitas estampas iguaes, bem entendido, quando ellas são tiradas de uma mesma chapa.

O modo de conhecer a falsidade de uma nota é mui simples, ainda que minucioso ; sei que muitas pessoas não se enganam com ellas, mas procurarei dar alguns esclarecimentos, e empregarei quanto fôr possivel uma linguagem technica, propria para instruir

(1) Respeitamos o estylo original.

mesmo aquelles que menos conhecem a arte do gravador.

Havendo uma nota, cuja legitimidade seja duvidosa, toma-se uma lente ou microscopio, compara-se qualquer parte ou ponto correspondente de outra de igual valor, que se conhece por legitima, examinam-se todos os traços das partes homologas para saber si são de grossura e tamanho iguaes; si elles formam os mesmos angulos e as mesmas curvas; se elles estão em igual numero e si guardam as mesmas distancias entre si.

Lançam-se os olhos sobre um ponto qualquer da vinheta: si n'este ponto se acha folhagem, observa-se com a lente cada curva, cada pequeno oval, que formam as folhas, e comparam-se com os traços correspondentes; observa-se si as suas posições são as mesmas em as duas notas. Si, em vez de folhagem, se acha relva em o dito ponto, observa-se miudamente os zigue-zagues do buril; se se acha uma Divindade allegorica, contam-se os traços e os pontos que formam as sombras, os cabellos, as roupagens e os accessorios, observam-se enfim as mais pequenas sinuosidades, os mais insignificantes traços que fórma o jogo livre do buril.

A mesma observação se estende sobre a escriptura, e as letras; deve haver os mesmos cheios, e as mesmas dimensões em toda a parte.

Os falsificadores copiam o modelo, dando transparencia ao papel e calcando os traços sobre a chapa para obter a cópia igual, e com mais facilidade; mas elles só obtém as fórmas geraes, que nem assim podem ser rigorosamente iguaes, e que perdem ainda muito quando se passa o buril por cima. Além d'isto os tra-

ços formam uma porção mui limitada do trabalho, e quando se trata de sombrear e acabar, o papel transparente de nada serve.

Os entendedores sabem que todos os exemplares de uma mesma chapa não têm os traços com a mesma grossura, e em igual numero: as chapas da gravura gastam-se debaixo dos cylindros, e pela fricção das mãos dos obreiros, que cobrem a chapa com tinta, e limpam-n'a a cada exemplar; de sorte que depois dos exemplares chamados *antes da letra*, que não passam de 200, já os traços, um pouco alterados, mostram que a chapa começa a gastar-se, e, quando chega a 3,000 exemplares, já têm desaparecido todos os traços delicados, e os traços grossos têm-se um pouco adelgado. A gravura sobre o aço que os inglezes inventaram, e pela qual se póde imprimir até 60,000 exemplares, acaba de dar muita extensão á arte da gravura, e lhe tem feito adquirir muita importancia pela faculdade que ella nos dá de imprimir o papel-moeda, que em um paiz, onde são raras as moedas de ouro e de prata, deve circular com grande abundancia; esta vantagem não tem a gravura sobre cobre, pelo limitado numero de exemplares já referido; mas a propria gravura sobre aço não está isempta de que a chapa se gaste, e os exemplares que passam de 25.000 differenciam notavelmente dos primeiros, e apartam-se d'elles cada vez mais, até que os traços delicados tenham desaparecido, e que toda a gravura se ache muito alterada. Esta é a razão por que vemos umas notas bem pretas, e com os sombreados bem nutridos, enquanto que outras do mesmo valor são pallidas, com o desenho pouco apparente, e com os algarismos de pontinhos quasi apagados.

Toda a pessoa que entender da materia conhecerá si a differença provém de falsificação, ou de esgotamento da chapa. Si houver falsificação a gravura será nutrida, vigorosa, bem preta, e com os traços finos bem apparentes, porque os falsificadores, só imprimem bem poucos exemplares, que bastam para a sua fortuna, e porque em numero demasiado grande se despertaria a desconfiança publica, e seria mister mais trabalho para a emissão.

Supponhamos com tudo que os falsificadores emitem o papel impresso com a chapa já muito usada: eu voltarei á minha proposição, que consiste em que jámais as notas falsas seriam iguaes ás legitimas, por que si os traços delgados forem pouco apparentes, restarão os de differentes grossuras para se examinarem.

Póde ainda haver differenças nas maiores dimensões de duas notas legitimas e de uma mesma chapa; e quando existem ellas, provém de que, com a frequencia da pressão dos cylindros que servem para imprimil-as, a chapa se estende um pouco no comprimento e na largura, bem que n'esta dimensão se estenda menos. N'este caso seria de desejar-se que todos tivessem a sagacidade que têm os gravadores, para conhecer a origem d'estas differenças. E só poderia indicar n'estas rapidas observações, que, si a desigualdade não fôr proveniente de falsificação, a nota cujas distancias forem maiores, sempre terá a impressão mais gasta.

Julguei indispensaveis estas explicações para preparar o leitor pouco entendido na gravura e lhe fazer sentir o *segredo* do novo methodo, que eu proponho para imprimir as notas do banco.

Em seguida, explica Hercules o seu processo : preparação da massa colorida ; — complicação das tintas para tornar a chapa inimitavel ; — impressão ; — coincidência do desenho ou da escriptura com as côres ; — outra preparação mais facil da chapa ; — gravura das Notas ; — substituição da colla por uma massa inalteravel pela agua ; — termina o folheto uma estampa polygraphada em 10 partes.

Temos em nosso poder varias amostras do systema de Hercules : são admiraveis.

Não faltaram ao auctor animações officiaes e applausos platonicos de Academias do paiz e do estrangeiro...

Entretanto, elle escreve em seu *Manuscripto* :

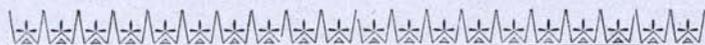
« A unica tentativa que ousei fazer aqui, por me parecer de accôrdo com os interesses individuaes d'este povo, é a publicação da memoria sobre a impressão inimitavel das Notas do Banco, e sobre o modo de se reconhecerem as notas falsas. Pois bem ! ricos e pobres, sabios, deputados—ninguem subscreveu ; receberam-me até com desprezo. E comtudo esta descoberta faria riscar do codigo das nações a pena de morte e de infamia para os crimes de notas falsas e de falsas assignaturas.

Mas todas estas descobertas frustradas por tantos obstaculos que me cercam, me fizeram conhecer que Deus zomba da gloria e do talento. A virtude perde todo o seu merito quando ella tem em vista o amor dos homens sómente...

Sim, eu me teria de boamente votado aos soffrimentos e a tudo para salvar da morte as minhas descobertas ; mas este sacrificio que me tortura é aqui inutil. Aquelles mesmos que em outros paizes têm sido tão mal recompensados, tiveram a felicidade de legar

as suas descobertas a povos, ingratos embora, que as compreenderam e não as deixaram se perder. Assim, conclúo que ninguem deve se considerar grande por haver prestado um serviço relevante á humanidade, porque ninguem conhece os segredos da vontade de Deus. » (1).

(1) *Manuscripto*, a pag. 151, *in fine*.



CAPITULO VIII

Estava advogando em Campinas um moço, diplomado pela Faculdade de Direito de S. Paulo.—Campinas fôra, por sua vez, a *Alma Mater* de muitos talentos e caracteres, maximé n'aquelles tempos alheios ao Mercantilismo político e litterario de Hoje.

MANUEL FERRAZ DE CAMPOS SALLES formára-se em 1863, com Estevam de Rezende (1), Campos Toledo, Arthur Cesar Guimarães, Bento A. de Barros, Bernardino de Campos (2), Braz Odorico de Freitas (3), Candido Torres, Carlos Caetano de Abreu (4), Claudio H. Duarte, Domiciano L. Ribeiro, Eugenio M. de Toledo,

(1) Hoje Barão de Rezende. Foi deputado provincial e geral, e senador estadual. Fazendeiro; reside em Piracicaba.

(2) Foi deputado provincial, advogado no Amparo, deputado federal, ministro, presidente do Estado; é senador federal e presidente da Comissão Central do partido republicano.

(3) Hoje Juiz de Direito de Itapira.

(4) Hoje advogado no Jaboticabal.

Felicio Camargo, Francisco Eugenio P. e Silva (1), Francisco Quirino dos Santos (2), Francisco Rangel Pestana (3), F. D. Moretz-sohn (4), José Alves dos Santos (5), José Bonifacio da Silva Pontes (6), José Fortunato da S. Bulcão (7), J. M. de A. Lêdo Véga (8), J. M. de O. Ivahy (9), José Oscar de A. Cunha (10), José Rolim de Oliveira Ayres (11), Luiz Eugenio Horta Barbosa (12), Manuel de Queiroz, Miguel Calmon Du Pin e Almeida, P. A. de Moura Carijó, Prudente José de Moraes Barros (13), Rodrigo P. Leite (14), Simpli-

(1) Capitalista em S. Paulo ; um dos chefes do movimento separatista em 1887—1888.

(2) Poeta, advogado e jornalista. Fundou a *Gazeta de Campinas* em 31 de Outubro de 1869. Foi deputado provincial.

(3) Hoje deputado pelo Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores da *Provincia de S. Paulo*, deputado provincial, deputado e senador federal e presidente do Banco do Brazil.

(4) Foi director de collegio em Campinas e S. Paulo. Hoje Juiz de Direito de Mogy das Cruzes.

(5) Foi deputado provincial e senador estadual. Advoga em Mogy-mirim.

(6) Foi conceituado advogado em Campinas.

(7) Hoje consul em Trieste ou Marselha.

(8) Foi Juiz de Direito em Santos.

(9) Foi director de importante collegio em S. Paulo, na ladeira do Porto-Geral, hoje Collegio Azevedo Soares.

(10) Foi deputado provincial, chefe liberal em Mogy-mirim e habil advogado.

(11) Foi Ministro do Tribunal de Justiça. Pai da illustre poetisa D. Zalina Rolim.

(12) Foi presidente da Provincia de Minas.

(13) Foi deputado provincial e geral, senador federal, governador de S. Paulo, presidente do Congresso Constituinte e 3º presidente da Republica.

(14) Chefe politico e fazendeiro no Bananal.

ciano da Rocha Pombo, (1) Theodomiro Alves Pereira (2), Theophilo C. B. Ottoni,—e outros.

Não ha que vêr. S. Paulo era uma Cidade Académica. A Academia absorvia S. Paulo. E S. Paulo era o fóco luminoso do Imperio (3).

O dr. Manuel Ferraz de Campos Salles (4) muito se interessou pelos trabalhos de Hercules Florence. E pediu-lhe uma memoria ácerca de suas investigações.

Hercules lh'a forneceu, sob o titulo de «Noticia sobre os meus trabalhos scientificos e artisticos, feita a convite do Sr. Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles».

E' a seguinte; e guardamos-lhe a orthographia :

1829—Achando-me no Rio de Janeiro, de volta de huma viagem nas provincias de S. Paulo, Matto-Grosso e Gram-Pará, com o Naturalista Langsdorff, a lembrança da voz de innumerous animaes selvagens me suggere a ideia de inventar novos signos musicaes adequados, e escrevo uma memoria intitulada *Zoophonia*.

Francisco Alvares Machado, que eu tinha co-

(1) Foi juiz municipal da Franca do Imperador, deputado provincial e juiz de direito de Batataes, e fazendeiro.

(2) Um dos melhores estudantes de seu tempo; laureado auctor do *Gemescio* e eloquente orador parlamentar em Minas; inferior á sua nomeada.

(3) Cf. a nossa obra *O Doutor Ricardo Gumbleton Daunt*, capitulo X, nota 4 a pags. 86 - 88.

Vide—*Perfis Presidenciaes*, pelo dr. Estevam Leão Bourroul, tomo II.

O Conselheiro Rodrigues Alves, parte I, capitulo 1º — 1894. A nova edicção, completamente refundida, está no prelo; de-verá sahir em principios de Janeiro de 1901, *Deo volente*.

(4) Foi deputado provincial e geral pelo 7º districto, sob o Imperio; mais tarde, senador pela Republica, ministro

nhecido em 1825 em Porto-Feliz, me convida para vir a Campinas; e n'esta cidade, então villa de S. Carlos, fixei a minha residencia. (1)

1830—N'este anno, só existia na provincia de São

da Justiça do governo provisório, presidente de S. Paulo; é fazendeiro no Banharão e presidente da Republica, em substituição ao sr. dr. Prudente José de Moraes Barros. E' também general de brigada. Foi collega do auctor d'este livro na Assembléa Provincial de São Paulo, no celebre biennio de 1882—1883.

(1) Em sua *Relação Historica* (não publicada), escripta a convite de seu amigo o Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, Hercules narra— que em 1831 foi ao Rio de Janeiro comprar fazendas para negociar em Campinas e sustentar a sua familia, porque as suas indagações scientificas nada produziam, respeito ao interesse material. « Mas eu era tão ruim mercador, que comprei objectos caros e mal sortidos.

Por causa de uma lettra não acceita, fiquei tólamente três mezes no Rio, á espera de respostas, que não vinham. Durante este tempo, eu me puz a fazer experiencias no meu quartinho, na casa dos senhores Morange Irmãos...

Parti enfim para Santos, para d'ahi seguir para Campinas (S. Carlos n'aquelle tempo).

Chegado a S. Paulo, deixo ahi minha pequena mascateação; vou a Campinas buscar minha mulher, e volto a S. Paulo ».

Em S. Paulo tenta Hercules varios processos de impressão para o sr. José Vergueiro, de Santos, a quem surpreenderam e captivaram as suas investigações.

Infelizmente os meios eram escassos, e o meio ingrato e precario.—Todas as tentativas que eu fiz n'aquelle anno, continúa Hercules, ficaram frustradas: eu vivia de alguns, poucos, retratos, bem traçados e mal coloridos, que casualmente fazia; de algumas licções de desenho, e dos soccorros que me fornecia Francisco Alvares Machado, que, embora fôsse meu sogro, devo dizer que era d'aquelles homens que forçam a admiração de um paiz. Similhante situação não podia durar: foi preciso arribar de novo a Campinas ».

Paulo a typographia do *Pharol*, na capital. (1) Eu queria publicar em francez o meu escripto sobre a *Zoophonia*. Si me era tão difficil imprimir o texto, impossivel me era mandar imprimir as figuras musicaes. Ter-me-hia sido dispendioso hir ao Rio de Janeiro. Achei melhor procurar eu mesmo os meios de imprimir a minha memoria.

Um motivo poderoso que me impellia tambem para estas indagações, era eu querer publicar mais de duzentos dezenhos da minha viagem. Puz-me a trabalhar, e descobri a *Polygraphia*, cuja origem não he devida ao acaso, mas sim a hum calculo formado e premeditado.

1832—Mr. Edouard Pontois, Encarregado de Negocios de França, com quem já me tinha entendido no Rio de Janeiro, remette ao Governo, em Paris, hum escripto onde revelo todo o segredo, e duas provas polygraphadas.

1836—De 1830 a 1836, a polygraphia apresenta-me grandes difficuldades, mas vejo átravéz tão importantes propriedades, que esqueço-me da *Zoophonia*, dezenhos, etc., para só cuidar n'aquelle invento.

Não passarei em silencio hum incidente: he que em 1832 veio-me, sem premeditação, a ideia da impressão pela luz solar. Obtive varias nega-

(1) O *Farol Paulistano* foi o primeiro jornal que se publicou em S. Paulo. O seu primeiro numero traz a data de 7 de Fevereiro de 1827. Durou até 1833. Fôrma uma collecção de 6 volumes in-folio, existente na Bibliotheca Nacional. D'elle possuimos alguns numeros em nosso *Album de Autographos*. N'elle escreveram os principaes vultos da politica d'então.

tivas, entre ellas, a da Cadeia de Campinas; distribuí 30 annuncios de meos generos a vender. O Sr. Joaquim Corrêa de Mello me ajuda a dar a este processo o nome de *Photographia*; mas quando eu soube que Daguerre tinha conseguido melhores resultados, abandonei este genero de trabalhos.

As propriedades da polygraphia são as seguintes:

1º Nunca se renova a tinta sobre a chapa.
2º Escreve-se e dezenha-se no sentido natural.

3º Imprimem-se todas as côres simultaneamente.

4º Ficam substituidas as pedras, chapas de cobre, aço, madeira, por hum simples papel polygraphico.

O publico, no entretanto, começava a me encommendar varios impressos, que eu accitava para fazer experiencias que, óra sahiam boas, óra ruins; cançado de tantos prejuizos, eu fui ao Rio de Janeiro, comprei huma typographia de 800\$000 rs., e de 1836 em diante, eu pude satisfazer as precisões do Publico, e só imprimia dezenhos na polygraphia.

1839—A *Phénix* (1) e o *Observador* (2) publicam varios artigos revelando toda a polygraphia.

(1) A *Phénix* appareceu em 1838 e desapareceu em 1841. Foram seus redactores principaes o dr. Clemente Falcão de Souza, o velho, e o desembargador Joaquim José Pacheco. Era impressa na typographia de Costa Silveira, á rua de S. Gonçalo, n. 14, em cujo prélo Hercules publicou as suas primeiras memorias. Publicava-se ás quartas e sabbados.

(2) O *Observador Paulistano* foi fundado em 1838. Durou até 1841. Foi seu redactor mais assiduo o padre Diogo Anto-

1840—O *Jornal do Commercio* transcreve da *Phénix* estes artigos, e diz no fim: «Não se sabe o que se deve mais admirar, si a simplicidade dos meios que se emprega, si a grandeza do resultado que se obtém.»

Aproveito d'esta boa disposição, e remetto 22 provas diversas polygraphadas, que o *Jornal* annuncia estarem expostas ao Publico, no seu escriptorio.

1842—N'este anno principiam as minhas indagações sobre o *Papel inimitavel* para Notas do Banco, e papeis de valores. Huma memoria, acompanhada de huma estampa polygraphada, he publicada em S. Paulo.

1843—A Academia das Sciencias e Artes de Turim, declara em sessão de 8 Janeiro, que o meu invento he novo, que tem propriedades contrabalan-

nio Feijó. Publicava-se á rua Nova de S. José n. 41, duas vezes por semana, na *Typographia Imparcial*, de Silva Sobral.

Não se o deve confundir com o *Observador Constitucional*, do dr. João Baptista Libero Badaró, publicado em 1829 e 1830; organ liberal e avêso aos principios republicanos: é o que se evidencia da leitura dos numerós do *Observador Constitucional* de 1830 e da *Astréa*, da Córte, Dezembro de 1830.

Em 1830, no *Ibicába*, na Limeira, na fazenda do senador Vergueiro, Hercules travou conhecimento com o deputado José da Costa Carvalho, mais tarde marquez de Monte-Alegre, então um dos chefes do partido liberal, e com o Dr. Badaró, «redactor de um jornal da opposição em S. Paulo; com o naturalista prussiano Sellów, sabio cujo merito ignala a modestia, e a quem o Brazil paga uma pensão de 800\$000».

O melhor retrato de Badaró é devido ao pincel de Hercules Florence; bem como o do senador Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro.

çadas por defeitos, mas que merece a protecção do Governo da Sardenha.

A Academia das Bellas-Artes do Rio de Janeiro adopta em sessão de 22 de Novembro o parecer da Commissão, em que se falla principalmente da parte que respeita ao papel-inimitavel, com tanta particularidade, que mostra a importancia que se dá a este assumpto. Não nega a novidade dos outros principios polygraphicos, sómente acha, com o inventor, as provas atrazadas, «por serem os primeiros passos de huma arte nascente.»

O Director da Academia me escreve em particular: «Votre découverte bien examinée, bien contredite, a eu enfin un véritable succès d'estime.»

1848—Para simplificar o trabalho da composição typographica, emendo com oleo seccativo, cada consoante com huma vogal, e formo os typos-syllabas, de que resulta huma vantagem palpavel (1).

(1)—Em 1848 Hercules publicou em Campinas, em sua typographia, o seguinte memorial—*Emprego dos typos syllabas*:

Qualquer melhoramento na imprensa, é um passo na civilização: tal é a importancia d'esta arte, tão intimamente ligada ao progresso da intelligencia.

Tem-se ultimamente diminuido o trabalho da impressão, por via de diversos prélos, rolos para a tinta, e mesmo com o vapor nas grandes officinas: a composição, que faz uma grande parte do trabalho typographico, não tem tido simplificação alguma: hoje como ha cem annos, o compositor não tem outra vantagem mais que a sua destreza: encontra o mesmo trabalho material: ainda lhe é mistér compôr as palavras typo por typo.

Lembrei-me de emendar cada consoante com uma vogal;

1849—O Presidente da Provincia, Sr. Vicente Pires da Motta, remette, a meo pedido, ao Governo Imperial, hum escripto acompanhado de oito provas

fazer de duas letras, um só typo. Si este expediente não fôr neutralisado por alguma complicação, ou outros inconvenientes, todos os que são da arte reconhecirão que a vantagem é grande, visto que, todas as vezes que se leva a mão a um caixotim, em vez de um typo, traz-se dois. Posso dizer que obtive um pleno resultado na composição, e mesmo na distribuição, que era o que me dava maior cuidado. Receiava algum defeito na impressão; mas nenhum appareceu. Já vai a 6 mezes que imprimo com os typos-syllabas, e longe estou de abandonar este methodo. Vou explicar agora os meios de que me servi; enumerarei ao depois as vantagens accessorias.

Si eu habitasse um paiz aonde as artes estivessem adiantadas, facil me seria dizer a um abridor de typos: faça me prototypos e moldes de typos emendados, em um só corpo, como por exemplo: ff, fl, ffl, fi, ffi, que são typos de duas e tres letras, usados na typographia; e logo eu seria servido: eu acharia da mesma maneira, um fundidor, que me sortiria de quantas libras ou arrobas de typo syllabas eu precisasse; mas tanto no caso presente, como em todas as minhas descobertas artisticas, foi-me preciso eu mesmo crear os recursos. Si, relativamente ao mutuo auxilio das artes, o Rio de Janeiro ainda não suppre todas as precisões, facil de idear o que será de Campinas, povoação de lavradores, no interior da provincia de S. Paulo. Portanto, o meio que vou indicar para obter os typos-syllabas, é sómente provisorio, até que haja meios de os mandar fundir.

Formação dos typos-syllabas.

Em vez de se pôr os typos no componedor, com o encaixe para baixo, como é costume, põem-se com o encaixe para diante, como se vê n'este exemplo: " " " ". Deve-se dar ao componedor uma comprimenta aonde caiba exactamente um numero determinado de typos assim dispostos.

Tem-se uma porção de oleo de linhaça cosido, até ficar em ponto de tinta typographica, porém sem pós pretos: põe-se

inimitaveis. Em consequencia d'isto, o Visconde de Goyana me manda fazer varias perguntas pelos Srs. Laemmert, ás quaes respondo, mas não

um pouco d'este oleo n'um pires, perto das caixas dos typos. Unta-se d'este oleo, com um pincel, o lado dos typos, que fica para fóra, evitando que chegue ao gume, e não pondo com excesso, porque facilmente o oleo penetra pelas juncturas dos typos: isto não se póde evitar; mas é bom impedil-o quanto possivel. Ajunta-se-lhe uma carreira de vogaes, da maneira que aqui se vê \bar{a} \bar{e} \bar{i} \bar{o} \bar{u} . Cada consoante *r* ficará adherente á sua vogal *a*, por causa do oleo. Seguir-se-ha, depois, a formação das syllabas *re ri ro ru*, e de todas as syllabas, que logo indicarei serem mais usadas na lingua portugueza.

No caso que se tenha de emendar uma grande porção de typos, encher-se-ha o componedor com uma só qualidade de syllabas; no caso contrario, poderá cada syllaba occupar uma, duas ou tres linhas. Emfim, tira-se os punhados do componedor, e forma-se os massos na galêa, como na composição acostumada.

O masso vem a ser composto de typos adherentes entre si; não só porque o oleo os liga, como tambem liga um pouco as syllabas, em razão de penetrar pelas juncturas. Si o oleo seccasse n'este estado, o masso formaria um corpo solido, e seria bem difficil separar as syllabas: é preciso, pois, fazer uma segunda composição que consiste em espacejar e interlinhar as syllabas.

Com uma spatula fina, derriba-se uma carreira de syllabas e poem-se uma depois de outra no componedor, no sentido natural, separando-as com espaços de dous ou tres pontos; faz-se a justificação da linha, como de costume; separam-se as linhas, com interlinhas, que devem entrar folgadas no componedor, porque as syllabas tendem a unir-se, quando apertadas, e não devem encontrar obstaculo nas interlinhas.

Devendo as interlinhas entrar folgadas, póde algum typo escorregar no vão que ellas deixam: evita-se isto, pondo um meio quadratim no principio e fim das linhas.

Procede-se d'aqui por diante, como o costumado: tiram-se

tem mais séquito. Provavelmente he isto devido ao meu espirito de inventar e não de aproveitar, porque o papel inimitavel tem em si o cunho de hum futuro vantajoso.

os punhados e fórma-se um masso na galéa, que se transporta sobre um marmore, ou chapá, perfeitamente plana: aperta-se na rama, com as cunhas, e tem-se todo o cuidado para que nunhum typo seja mais alto que o outro, porque a menor differença na altura dos dois typos de uma syllaba, seria causa, que o mais baixo, ou falharia, ou appareceria mal na impressão

Sendo a fôrma assim prompta, põe-se no sol, dois ou tres dias, para seccar o oleo que serve de liga. Tiram-se as interlinhas e os espaços, e distribuem-se as syllabas nos seus respectivos caixotins.

Quadro dos typos-syllabas

ca	ce	ci	co	cu	ma	me	mi	mo	mu
da	de	di	do	du	na	ne	ni	no	nu
fa	fe	fi	fo	fu	pa	pe	pi	po	pu
ga	ge	gi	go	gu	ra	re	ri	ro	ru
ha	he	hi	ho	hu	sa	se	si	so	su
ja	je	ji	jo	ju	ta	te	ti	to	tu
la	le	li	lo	lu	va	ve	vi	vo	vu

Para diminuir a complicação, quanto possível, não se emendam as letras seguintes, por pouco ou não usadas: ba, etc. fi, porque já se usam emendadas; ji, qua, etc. xa, etc. za, etc.

Caixa para os typos-syllabas

Estamos chegados ao ponto que, á primeira vista, parece o mais difficil, n'esta qualidade de typos.

Os impressores sabem quanto importa que as caixas tenham o menor numero possível de caixotins, e que estes sejam espaçosos; o tamanho das caixas já foi determinado por longa experiencia: parece não poder ser accrescentado sem inconveniente. Como se poderá quintuplar quatorze typos, ou letras do alfabeto, e por consequencia, quatorze caixotins? Não será isto sobrecarregar a memoria de um compositor, cuja vida de trabalho se passa compondo na frente de duas

1851—Mr. Picot me pede, da parte de Mr. Villeneuve em Paris, esclarecimentos sobre a Photographia; respondo que não me tenho mais occupado d'esta arte, e aproveito a occasião para mandar hum

caixas? Poder-se-ha distribuir com a mesma celeridade? Attendendo a estas e outras objecções, tenho composto as minhas caixas da maneira seguinte :

Caixa baixa

æ	q	w	ç	-	'	ja	je	1	2	3	4	5	6	7	8
—	æ	œ	b	:	:	jo	ju	x	y	z	ff	ffi	k	9	0
la	le	ca	ce	da	de	ta	te	sa	se	fa	fe	ga	ge	ha	he
li	lo	ci	co	di	do	ti	to	si	so	fi	fo	gi	go	hi	ho
lu	l	cu	c	du	d	tu	t	su	s	fu	f	gu	g	hu	h
va	ve	ma	me	na	ne	,	.	a	e	ra	re	pa	pe	1/2	1/4
vi	vo	mi	mo	ni	no	espaços		i	o	ri	ro	pi	po	quadra-	
vu	v	mu	m	nu	n			u	q	ru	r	pu	p	dos	

Não tenho feito mudança alguma na caixa alta. Acrescentei na caixa baixa, a sexta parte da sua altura: este é o unico augmento que tenho feito nas suas dimensões. Dividi esta caixa em oito caixotins na sua altura, dezeseis na sua base: multiplicando uns pelos outros, temos 128 caixotins, iguaes entre si, que dão cabida a todos os caracteres d'esta caixa, com o acrescimo do quintuplo das quatorze letras emendadas.

Vê-se que cada letra emendada occupa seis caixotins: cinco para a letra e as cinco vogaes, e um para a letra simples. Como todos os caixotins são iguaes, poderia acontecer que a regularidade cançasse a memoria; querendo, pois, evitar isto, pinteí cada divisão de uma letra emendada com uma côr diversa da divisão visinha. Duas côres, sendo postas em xadrez, bastam para uma separação sensivel á vista; mas é preciso que ambas sejam brandas, tanto para não escurecerem os caixotins, como para não cançarem a vista do compositor.

escripto sobre a polygraphia. Tenho feito muitas tentativas para a fazer conhecer em França.

A divisão pelas côres, quasi que conserva a vantagem dos grandes caixotins, porque, por este meio, seis caixotins ficam reduzidos como em um só grande, que a vista, e principalmente o habito, discernem rapidamente, quando se compoem ou se distribue.

Pôde-se notar que nas divisões, cada typo occupa sempre o caixotim homologo: esta similitude auxilia singularmente a memoria.

Eu receiava que, pela nova disposição da caixa baixa, sendo os caixotins mais pequenos, seria isto bastante incommodo na distribuição; mas o contrario aconteceu; estou pernadido que ella é mais prompta; pelo menos não é mais trabalhosa.

Encontrar-se-ha tanto mais utilidade nos typos-syllabas, quanto mais pequeno for o corpo da letra; é isto evidente, porque, si por exemplo, os dedos têm tão pouca presa nos corpos 7, 5 e 4, por serem os mais pequenos, os dedos terão dobrada presa, sendo estes typos emendados.

A composição será menos sujeita a erros: um calculo bem simples nos convencerá d'isto. Supponhamos que entrem 2000 typos n'uma pagina em 4^o, e que haja 100 erros. Sendo esta pagina composta de um terço de typos singelos, e dois terços de typos-syllabas, teremos os 2000 typos reduzidos a dois terços, ou 1333, onde, sendo as circumstancias iguaes, só se poderá commetter 67 erros.

Temos visto que os typos-syllabas principiam sempre por uma consoante. Quanto ás syllabas que principiam por vogal, como an, er, il, op, etc. ellas devem ser compostas com typos simples. As que principiam por duas consoantes, como cla, pra, etc. são compostas de um typo simples, e um typo-syllaba; e assim para todos os casos onde estes não podem entrar.

A vantagem d'estes typos pertencerá a todas as linguas; mas é de notar-se que será em relação directa com o maior emprego das vogaes que ha n'ellas. Temos n'esta classificação em primeiro lugar a lingua italiana; depois as linguas portugueza, hespanhola, franceza, ingleza e alleman.

1853—Invento o *Diccionario Synoptico*, onde sempre abre se necessariamente o livro, na pagina onde está a palavra procurada.

Stéréopintura

1859—Sempre desenhiei ; e dizem que meos dezenhos são correctos ; mas raras vezes pintei a oleo. Não tive mestres em nenhuma d'estas repartições. No entanto, tendo descoberto alguns segredos em aquarella, fiz applicação d'elles á pintura a oleo, e sahi-me bem.

O Coronel Labaumelle me dizia em 1829 : «Les peintres ont beau vouloir faire de la lumière, ils ne feront jamais que du blanc». Eu digo hoje o contrario : pôde-se pintar o sol n'huma paisagem com luz tão viva que não se lhe possa fixar os olhos. A' vista d'isto he excusado dizer que se pôde produzir todos os effeitos de luz, taes e quaes existem na natureza.

Não basta poder avivar as luzes tão calorosamente ; he preciso tambem reforçar as sombras com a mesma energia ; tanto huma como outra cousa produz o relevo, a transparencia do ar, os *glacis* e afasta os objectos distantes. Os grandes pintores ainda não conseguiram plenamente isto ; basta vêr os seus chefes d'obra, admiraveis como —pinturas, mas tendo o defeito de reflectir luz nas sombras, como superficie. O emprego que se tem feito ultimamente do betume nas sombras prova os exforços que se faz para remover este inconveniente ; mas o betume tem côr, e tambem cobre hum pouco. São ainda defeitos da arte.

O *Courrier du Brésil* tem publicado, em 1863, alguns artigos sobre a Stéréopintura.

Eu descobri, ha 3 annos, huma substancia que não he empregada na pintura a oleo ; secando, não perde a transparencia e, por isto, dá mais força ás sombras.

1858—Faço novas impressões inimitaveis, que denotam progresso. N'ellas se vêem traços e côres fundidos uns com os outros, propriedade que a gravura não tem. Vê-se o *Lavis capillar*, ainda menos partilhado por qualquer processo.

Estas impressões foram expostas ao publico durante hum anno, no Banco Mauá & C. em Campinas.

Nova Phase na Polygraphia

1861—Huma mudança se opéra, que vem a ser o complemento d'esta importante descoberta, e que explica trinta annos de duros sacrificios e de reacções que tantas vezes convergem sobre hum inventor.

Sendo a chapa polygraphica de huma substancia ductil, que rachava debaixo da pressão, a tinta atravessava a rachadura e se imprimia na prova ; d'ahi a pouco ficavam as provas desfiguradas pelas muitas fendas que se formavam. Com muito trabalho, conseguia evitar este inconveniente, mas não sempre. Era duro, depois de ter trabalhado oito dias n'huma chapa, perdêl-a n'um instante. Atribuindo, com toda a razão, este defeito á pressão exercida, empreguei, mas com pouco resultado, muitas qualidades de prensas, mesmo pesadas e dispendiosas ; o que era contrario á minha divisa : «produzir muito com poucos meios».

Cançado emfim de tantas difficuldades, eu disse comigo : «Atiremos a prensa por um lado,

e imprimamos sem prensa, nem pressão alguma ; e consegui o que eu queria.

Não tem duvida que a polygraphia poderá servir-se da prensa, mas não me occuparei d'isto por ora.

Agora o principio colorante existe no ar ; deposita-se lentamente, e imprime-se átravez os clichés polygraphicos, como a luz se imprime na photographia ; mas n'esta arte, o nitrato de prata he muito caro, emquanto que na polygraphia o principio colorante he tão barato como a tinta d'escrever.

Segue-se d'isto, que si se puzerem 100 chapas diversas ou iguaes, no assoalho de huma sala, imprimir-se-hão todas ao mesmo tempo.

2º Poder-se-ha imprimir os maiores papeis, e mais largos tecidos, sem prensa, nem pressão alguma.

3º Poder-se-ha reproduzir os quadros dos mestres da pintura, e os transportar sobre as paredes internas e externas das Igrejas, dos palacios, e das casas particulares.

1869—O dr. Otto Kupfer leva a Cassel e a Berlim, 20 provas diversas inimitaveis, e me escreve que em Cassel hum impressor-livreiro, propõe-se incumbir vender o processo, mediante igual repartição do producto.

1870—Em consequencia d'isto, faço huma nova impressão, onde reconheço o seguinte :

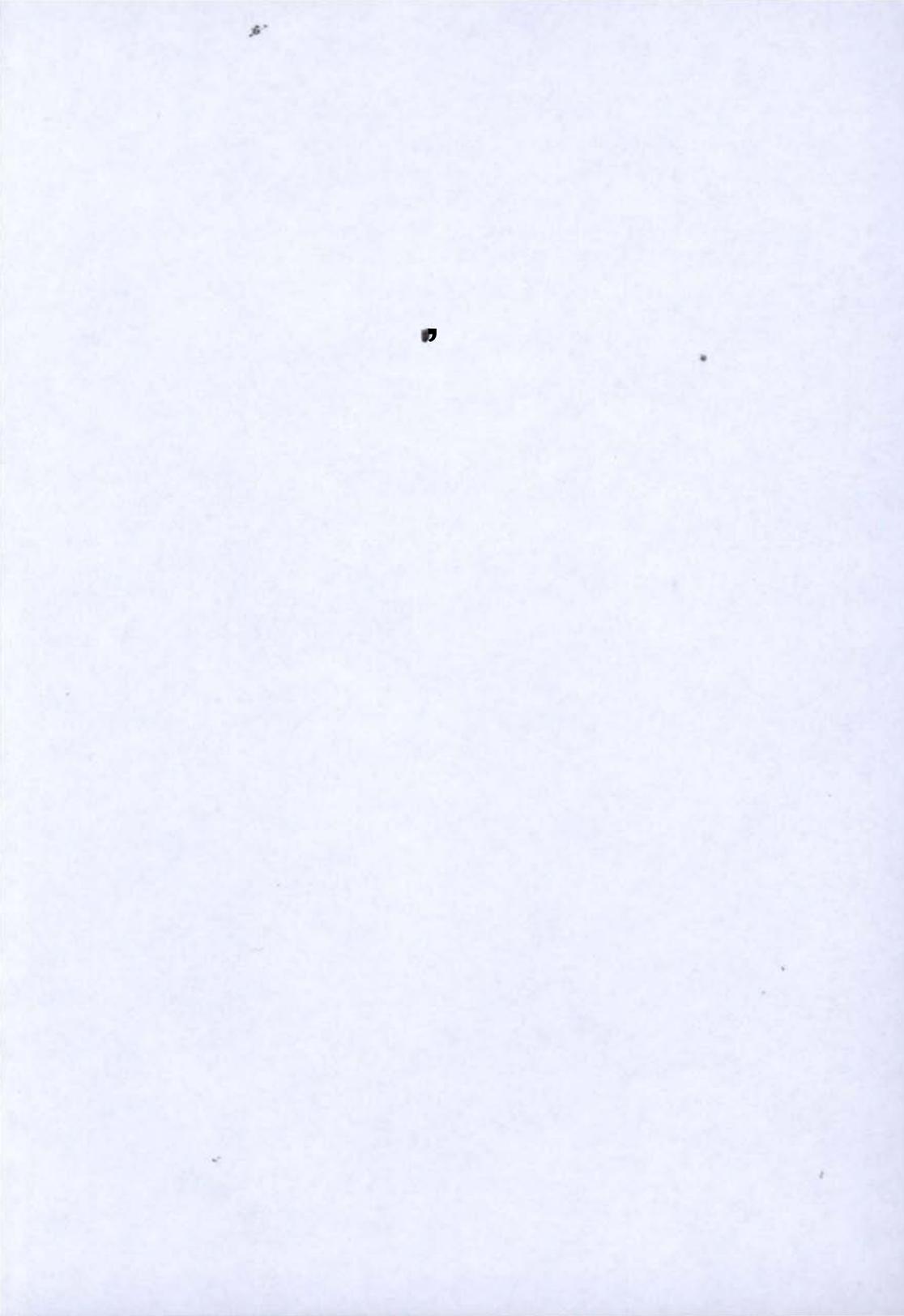
Existem meios de imprimir centos de mil provas inimitaveis, todas iguaes, desde o comêço até o fim.

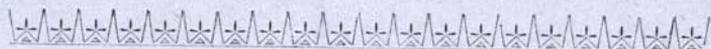
Resta-me agradecer ao Sr. Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles e seos amigos, pelo interesse

que tomam por meos trabalhos ; são os primeiros campineiros que manifestam estas favoraveis disposições. Este facto tornaria injusta qualquer queixa de minha parte, sobre o que tenho passado ha 40 annos n'esta cidade.

Campinas, 26 de Julho de 1870.

HERCULES FLORENCE. ■





CAPÍTULO IX

No começo d'este livro já fallámos da *Noria*, sem duvida o primeiro invento da fertil intelligencia de Hercules (1). Contava elle pouco mais de vinte annos quando tratou d'esta idéa, escrevendo memorias e consultando homens de sciencia, quer em França, quer no Brazil, logo após a sua chegada ; mas sem resultado pratico.

Mais tarde, em 1838, aperfeiçoou a idéa, á qual deu o nome de *Noria hydro-pneumatica* ou *hydrostatica*, « tendente a produzir uma grande força por meio de uma agua stagnante » (2)

Reproduzimos no proprio original, mesmo para se apreciar a pureza com que escrevia a lingua materna, alguns trechos de seu *Manuscripto*, respeito a este invento :

« Il y a treize ans que j'ai commencé à m' occuper de cette Noria, il y en a cinq que je crois avoir

(1) Vide a pags. 24 e 48-49.

(2) *Manuscripto*, de pags. 80 a 88.

vaincu le dernier obstacle. Depuis lors je n'en ai jamais dit mot à qui que ce soit, parce que je crois qu'en ce pays, et peut-être partout, il convient de ne parler aux hommes que le langage de leur intérêt pécuniaire, et encore, avec des faits à l'appui. Parmi ceux qui pourraient m'aider, les uns n'entendraient pas mon langage; d'autres seraient trop occupés de leurs idées ou de leurs affaires; ou bien, on pourrait m'accueillir comme un visionnaire, et enfin, moi-même je me défie de ce que je crois être mes découvertes. On voit que je n'aime à accuser personne; mais si ces lignes décèlent quelque peu d'humeur, que l'on daigne se rappeler qu'il y a sept ans que je travaille à la polygraphie, découverte abondante et de la dernière évidence, et qui n'a encore mérité le moindre regard.

Je ne m'occupe aujourd'hui de la Noria-hydros-tatique que quelquefois de nuit, lors même que je ne puis faire quelque chose de meilleur pour subvenir à des besoins qui m'accablent quelquefois de soucis. Il est probable que si la fortune continue à m'être si peu favorable, je n'en parlerai jamais à personne. J'espère que l'on ne me mettra pas au rang de ces prétendus inventeurs qui s'empressent de publier leurs illusions.

Il fallait un nom à la présente machine, afin d'abrégier mon langage: on peut lui donner celui de Noria, en raison de quelque peu d'analogie de configuration et de mouvement qui existe entre elle et la Noria déjà connue (1): celle-ci est purement hydrau-

(1) *Dictionnaire des Dictionnaires* de Mgr. PAUL GUÉRIN, tomo V, à pag. 394, columna 1^a: «*Noria*, s. f. (arabe *ná' oûr*, *ná' ourat*, même sens.) Machine hydraulique que l'on emploie surtout pour élever l'eau destinée à l'arrosage; le type

lique, la mienne repose sur l'équilibre de l'air et de l'eau, elle est hydro-pneumatique, ou, plutôt, hydrostatique. On pourra, si on le juge à propos, lui donner un nom plus conforme à sa nature et à la nomenclature générale adoptée dans les sciences: système heureusement trouvé, qui aide tant leur intelligence, et semble en outre présager l'uniformité de langage parmi tous les peuples ». (1)

Para explicar a Noria hydrostatica fôra mistér reproduzir aqui as figuras constantes do *Manuscripto*; é isto difficil aqui. Já nos não foi possivel dar a musica da Zoophonia. As figuras explicam o preparo para pôr a Noria em movimento; a theoria da Noria hydrostatica e a sua utilidade.

Conclúe Hercules :

« L'idée d'une machine se mouvant d'elle-même rappellera sans doute la chimère du mouvement perpétuel. A présent qu'on a lu mon plan, et qu'on a pu me juger, je ne crains pas de l'avouer: c'est la recherche de cette chimère qui, depuis 13 à 14 ans, m'a conduit de temps à autre à l'idée de cette Noria.

On a excessivement censuré les sectes qui se sont occupées des trois grands problèmes; et cependant on en a résolu d'autres qui auraient paru encore plus insensés. Toutefois qu'un philosophe, lorsqu'il veut arriver à un but quelconque, consulte la nature, l'étudie, et ne dépasse pas les bornes de ses lois, il ne méritera pas l'épithète d'insensé. Ses travaux pourront

le plus simple est celui que les Maures ont introduit dans le midi de l'Espagne et dont l'origine remonte aux Egyptiens.
—«C'est une grossière roue à godets.»

(1) *Manuscripto*, pags. 80-81.

ne pas être tout à fait infructueux; il pourra en résulter des découvertes incidentelles, une plus grande connaissance des matériaux et des combinaisons successivement employés, et une plus parfaite idée de ce qui est entièrement nul dans des recherches de cette nature » (1).

N'estas phrases, delicadas na forma e no fundo, traça Hercules o escôpo do homem da sciencia entregue a si proprio.

A sciencia, a procura do bem e do aperfeiçoamento da humanidade, foi sempre o seu objectivo.

Era, porém, uma chimera, — como foi uma chimera a sua Noria hydrostatica, e o fôra tambem a sua descoberta da Photographia—oito annos antes de Daguerre !

A invenção da Pulvographia data de 1860. E' a impressão por meio do pó. Hercules conseguiu resultados sorprendentes com este novo processo (2).

(1) *Manuscripto*, á pag. 86.

(2) Não nos estendemos sobre a *Pulvographia*, porque os papeis, referentes a este processo scientifico, que estavam em confiança em nosso poder, nos foram exigidos pela pessoa que nol-os tinha graciosa e espontaneamente facultado,—ao principiarmos este capitulo.

Em todo o caso, a seguinte carta lança bastante luz sobre o assumpto. *Et nunc erudimini.*

«Illm. Sr. Dr. Americo de Campos.

Tomo a liberdade de enviar-lhe um lenço de chita, impresso pela *Pulvographia*, sem prensa nem pressão alguma, ha quatro annos, quando a arte estava mais atrazada do que hoje.

Basta o nome d'esta arte nova para que um homem atilado lhe perceba o futuro. A poeira parece ser um elemento, pois ella cobre uma cidade inteira. Como é que até

agora ninguem reparou nas impressões que uma tesoura, um livro, deixam com a poeira que cahe a cada hora do dia sobre uma mesa envernizada, e não forjou os clichés para fazer lindas impressões?

Parece razoavel crêr-se que a pulvographia tem de mudar algum dia o aspecto das cidades, cobrindo de pinturas as Igrejas, os palacios, as praças publicas, onde serão reproduzidas as obras-primas dos Mestres, onde o homem terá, desde a infancia, uma leitura synoptica que lhe inculcará o conhecimento do Bom e do Bello.

O modo por que V. S. tem acolhido os meus trabalhos me inspira confiança e sympathia. Outr'ora os grandes jornaes do Rio de Janeiro publicavam as minhas invenções da Polygraphia, papel inimitavel e typos-syllabas; hoje, o *Correio Paulistano* e a *Republica* fazem-me este obsequio, que devo a V. S.: e lhe o agradeço cordialmente.

Campinas, 14 de Novembro de 1874. *Hercules Florence.*

O nome do Dr. Americo de Campos é muito conhecido em S. Paulo. Foi antigamente bom jornalista liberal, e depois radical.

Redigiu com talento o *Correio Paulistano*, no tempo anreo da Renascença academica em S. Paulo. Mais tarde, quando director d'*A Provincia de S. Paulo* e do *Diario Popular*, limitava-se a uma redacção de tesoura. Estava visivelmente cansado, *fourbi*. Consul do Brasil em Napoles, o amante da Musica e do bello céu azul estava no seu elemento. A Republica fez bem em crear aquelle consulado para o Americo, e em supprimil-o após o seu desaparecimento.

Americo de Campos, espirito original e independente, nunca quiz ser deputado; contentou-se com o seu modesto quinhão. Era um homem leal e dedicado aos seus amigos; ao auctor d'este livro votou sempre affeição. Repouse em paz o velho luctador; por elle orámos; e aqui deixamos consagrado este pequeno tributo de saudade á sua memoria.

Encontrámos outra carta de Hercules ao Dr. Ignacio Beldi, na qual lhe falla especialmente da *Pulvographia* e desenvolve a seguinte proposição: «Deve ser tão facil imprimir, como escrever com penna, tinta e papel.»

Lamentamos não haver encontrado a resposta do Doutor Betoldi, espirito eminentemente scientifico, dotado de variada illustração e um dos melhoes talentos que jámais possuiu São Paulo. Nós o conhecemos de perto, apezar de nossas idéas completamente antagonicas; e dos seus conhecimentos vastissimos e da bondade de seu coração damos testemunho, sincero por insuspeito.

Tudo nos leva a crêr que, algum dia, os filhos e os pe-
tos de Hercules Florence publicarão todos os documentos que
possuem, completando esta nossa modesta Obra.—*Quid potui feci,
faciant meliora potentes.*

Documentos que consultámos n'este particular:

a) Carta do Sr. Ed. Pontois, encarregado de negocios da
França no Rio de Janeiro, de 22 de Março de 1832.

b) Relazione di una Giunta Accademica intorno al metodo
Poligrafico proposto dal Sigr. Ercole Florence, di Nizza Ma-
rittima, domiciliato al Brasile, letta nell'adunanza dell'8 Gen-
naio 1843.

c) Parecer da Commissão nomeada em 8 de Novembro de
1843 pela Congregação dos Lentes da Academia das Bellas-Ar-
tes do Rio de Janeiro, os srs. Augusto Henrique Victorio
Grandjean de Montigny (1), Zeferino Ferraz e José da Silva
Santos.

d) Cartas do Sr. Felix Emilio Taunay (2) de 23 de No-
vembro de 1843 e 5 de Abril de 1844.

e) Officio do Exmo. e Revmo. Dr. Vicente Pires da Motta, Pre-
sidente da Provincia, de 11 de Janeiro de 1849, a Hercules Flo-
rence, accusando o recebimento de 8 exemplares de um papel
impresso por um methodo de sua invenção, e que se acha ao
abrigo de toda a falsificação, os quaes passa a remetter ao
Governo de Sua Magestade, etc.

f) Carta do Sr. Henri Plon, *Imprimeur de l'Empereur*,
de 19 de Junho de 1863. (3)

(1) Vide a nota a pags. 247-249.

(2) *Ibidem*.

(3) Henri Plon, chefe de uma das casas de livreiro mais importantes de
Paris, foi o edictor da *Vida de Julio Cesar*, monumental obra de S. M. o Imperador
Napoleão III, publicada em 1865-69, e de outros muitos livros d'aquelle soberano,
illustre tanto pelas suas qualidades de estadista quanto pela sua erudição profunda
e amor ás letras:—grande politico, grande orador, grande escriptor. A Historia
já lhe vai fazendo justiça.

Em 1852 Hercules ideou uma sexta ordem de architectura, a que deu o nome de— Ordem Brasileira ou Palmiana. (1)

« Quando se tem visto a grande variedade de palmeiras do Brazil, muitas vezes gigantescas e sempre ornadas com as ricas formas rendadas de sua ordem, e quando se vêem todos os dias as da provincia de S. Paulo, toda uma ordem de architectura parece de-senhar-se magestosamente ante nosso espirito.

E todavia ha poucos mezes sómente que esta idéa de uma Ordem Brasileira tornou a occupar o meu espirito. Digo—tornou... porque, quando eu estava, em 1827, em Sant'Anna da Chapada, na provincia de Matto-Grosso, fui um dia passeiar a pé em uma floresta visinha. Fiquei sorprendido de vêr de repente um mastro elevado, direito e fino, como um mastro de pavilhão, trazendo no seu cume uma massa pendente, verde, guarneçada de raizes e fluctuante, como as caudas de cavallo, que servem de bandeiras aos tureos. E' coisa que não podia me explicar. Vi logo mais dois, trez, e emfim vi outra que, tendo-se apresentado sob aspecto diverso, me fez comprehender ser uma palmeira cujos ramos estavam n'um só plano, como um Santo Sacramento. Coisa maravilhosa para mim, pois

(1) *Pour l'Académie Royale des Sciences à Turin. Essai d'un 6.^{me} Ordre d'Architecture. Ordre Brésilien ou Palmien. 1852, 29 Septembre.*—Manuscripto de 17 paginas, datado de Campinas, 10 de Dezembro de 1878, com 23 estampas: 1 capitel, 14 arvores, 1 pilastra quadrada ornada com a palmeira Pindóva, 1 entrecolumnio brasileiro, 1 portico, 1 entrecolumnio com frontão, pilastras adornadas com folhas, superpostas sobre pilastras de palmeiras, 1 perspectiva de galeria, um friso com triglyphos e metopas.

via que a natureza se compraz na mais rica variedade possível. Como ! tantas palmeiras tão bellas que eu vira não bastaram á natureza ; foi mistér crear tambem palmeiras chatas, como si os ramos ou palmas houvessem crescido entre duas taboas ! Via escripto ante mim que ella tem uma vontade discricionaria. Era ella propria que me fallava. Olhava esta palmeira com o mesmo interesse com que se vê a neve e os gelos pela primeira vez. Tudo o que é novo nos agrada como uma descoberta (1).

Nada seria mais bello em architectura do que a palmeira, servindo ao mesmo tempo de columna, capitel, arcada ou abobada ; mas tambem nada seria mais incoherente. A arte nos apresenta, não raro, coisas bellissimas, ás quaes é mistér absolutamente renunciar, por não poderem associar-se ao bom-senso. Sem duvida uma columnata de palmeiras de pedra supportaria perfeitamente um andar, uma galeria, uma cimalha, um edificio inteiro ; seriam, porém as Graças ou as Musas a sustentar o Mundo. Podem-se admitir as Cariatidas, bonita invenção onde sóe alliam-se a graça e a belleza ; mas querer que palmeiras elegantes, flexiveis como o ar, supportem andares de pedra, fôra exigir que as Musas e as Graças curvem as suas frentes divinas sob o peso do classico Atlas.

Entretanto, aqui ainda, a natureza nos offerece a sua eterna solicidade. Depois que vi o Pindóva, palmeira chata da Chapada, tenho pensado por vezes na Ordem Brasileira ou Palmiana. »

Continúa Hercules na analyse e descripção das diversas classes de palmeiras, Jerivá, Guariróva, Pal-

1) Tanto quanto possível traduzimos ao pé da lettra.

mito, Bocajúva, Burity, Guaguaçú, Açay, Tarumá, Indaiá, Carandá espinhoso, etc., assignalando-lhes o seu lugar na sua ordem ideada

«A pilastra quadrada, proporcionada á columna, é indispensavel, ao menos por muito tempo, á ordem Brasileira. A palmeira pindóva é a unica que se presta á sua applicação, em virtude de seus ramos fixados em um só plano. Será, pois, representada em relevo, contra a pilastra, e esta substituirá a columna em sua ordem. O maior dos passaros, o condor, está representado na frisa. Originario do Perú, não deixa de apparecer por vezes na provincia de S. Paulo. Tenho certeza d'isto, porque em Jundiahy me contaram que um condor tinha suspendido um carneiro a 15 pés da terra; e em Porto-Feliz, vi em casa de Francisco Alvares as garras de uma d'essas aves de rapina, que tinha sido morta no momento de arrebatár uma criança. Alguns annos mais tarde conheci pessoalmente um homem de 25 a 30 annos, chamado Joaquim Mestre, que tinha sido aquella criança» (1).

A guerra do Paraguay despertou o entusiasmo patriótico de Hercules Florence. A sua correspondencia com os seus filhos na Europa, e com parentes affins, n'aquelle tempo (2), está cheia dos échos da memo-

(1) Pilastre carré, orné du palmier Pindova et du condor. Figura n. 16 do Manuscripto citado.

Sómente á vista dos desenhos é que pôde ser bem comprehendido o projecto architectonico de Hercules.

Máu grado nosso, não foi possivel a reproducção d'estas, como de outras estampas curiosissimas d'aquelle grande artista.

(2) 1864-1870.

ravel campanha, As suas cartas—*sentent la poudre*. Ha uma epistola, não nos lembramos si dirigida ao seu filho Ataliba ou a um cunhado, onde vem uma descripção magnifica da batalha naval do Riachuelo (1) : é a épopéa do almirante Barroso, o Barão do Amazonas (2).

Não podendo defender a patria de seus filhos nos campos de batalha, Hercules pôz ao seu serviço o seu genio, fecundo sempre ; e em Maio de 1867, quando mais accessa ardia a lucta, aventou a idéa de se crearem Milicias Sertanistas.

A publicação integral do papel ao qual confiou a sua idéa (3), original, brazileira e pratica, dispensa maiores commentarios.

OS SERTANISTAS

A' vista da guerra que o Brazil está sustentando com o Paraguay, entendo que se deveria crear uma Milicia Sertanista.

Os Sertanistas seriam como os *Zuavos* em França e os *Bersaglieri* na Italia. Acho improprio dizer-se aqui, por exemplo,—*os Zuavos da Bahia*. Não devemos copiar a outrem : devemos ser o que de facto somos.

(1) 11 de Junho de 1865.

(2) Hercules escreveu e publicou, em um jornal de Santos, uma ode celebrando as victorias das armas imperiaes.

Não era a primeira vez que elle tangia a lyra. No seu *Manuscripto* se nos deparam duas poesias : a pags. 152-157 uma ode *Ao Brazil*, composta em 1843 ; e a pags. 160-161, outra ode, de 17 de Março de 1846, dedicada a sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, por occasião de sua visita a esta Provincia e a Campinas.

(3) Crêmos que este escripto não foi publicado. Vai no original portuguez, *ipsis verbis*.

Os Sertanistas devem ter, além da espingarda e mais armas adequadas, uma enxada para lavrar a terra e um facão na cintura.

Cada corpo, grande ou pequeno, estando em ordem de marcha ou de trabalho, será dividido em seis secções: a primeira da frente, além das mesmas armas, levará uma fouce em vez de enxada; a segunda secção levará um machado.

Cada soldado levará no sacco uma ou duas mudas de roupa, e viveres para oito dias. Si fôr possível, levará também a tira-collo uma rêde e uma coberta.

Os Sertanistas deverão ser criados pelo Povo, aprovados pelo Governo e sustentados só pelo Povo. Não receberão soldo; mais adiante direi qual será a sua recompensa.

Um jornal intitulado *O Sertanista* será impresso por meio de uma typographia ambulante, e distribuido gratuitamente por todo o Brazil. Sua linguagem deverá por certo ser diversa de quanto se tem dito até agora, e o seu fim será incitar os homens corajosos a se atirarem para a fronteira ou fronteiras inimigas, e animar as pessoas generosas a darem o seu dinheiro. As circumstancias do Brazil não são difficeis, nem criticas, como dizem; são solemnes:—trata-se de existir ou de não existir (1).

As subscripções voluntarias consistirão em uma pensão trimestral, que durará emquanto aprouver ao contribuinte. Poderá ser de qualquer quantia, nunca menos de 6\$000 por trimestre.

Não será de estranhar si os primeiros Sertanistas

(1) A' margem do manuscripto lê-se, n'este ponto: *Res nostra agitur. To be or not to be...*

que se apresentarem não passarem de cem homens. Isto mesmo será um nucleo esperançoso.

Este nucleo se ajuntará na ultima raia do Povoado, na mais curta direcção entre a cidade de S. Paulo e a fronteira do Paraguay, ou entre Paranaguá e a mesma fronteira. Os Sertanistas se esforçarão por ganhar a amizade dos fazendeiros e dos moradores do Povoado, e para receber d'elles o agasalho e sustento que puderem dar e nunca negaram.

Apenas este primeiro nucleo tiver penetrado no Sertão, abrirá uma estrada feita á ligeira, com fouches, machados e enchadas, afim de dar passagem a novos Sertanistas, animaes carregados e leves carroças que vierem ao depois.

Tendo andado dez leguas de Sertão, se escolherá o sitio e terreno mais convenientes para se plantar milho, feijão, etc., com a maior abundancia possivel. A guerra requer sempre os processos mais simples e rapidos; por isso se derribarão e queimarão os mattos, apezar de ser isto um vandalismo.

Si houver cem homens, cincoenta ficarão n'esta roça para a cultivar e defender contra os Indios, animaes e qualquer inimigo, e 50 homens avançarão mais 10 leguas, abrindo estrada; e na segunda colonia plantarão outras roças em relação ás suas forças, e sendo generos proprios da estação.

Os novos Sertanistas que chegarem deixarão reforço nas roças por onde passarem, si fôr preciso; e o mais avançará para a frente, abrindo estrada e plantando roças, para o sustento tanto dos homens como dos animaes, criação de gado, porcos, etc.

Si a affluencia dos Voluntarios Sertanistas fôr sufficiente desde o principio, e houver necessidade de

mais plantações, se abrirão roças e arranchamentos lateraes á estrada, devendo o seu numero multiplicar-se nos pontos avançados, sem ser, comtudo, na frente extrema para o lado do paiz inimigo.

Devo desde já dizer que este systema de Colonias Militares parece ter tanto de util como meio preventivo de defesa, quanto tem de insufficiente para a guerra actual; mas peço ao leitor suspender o seu juizo até concluir a leitura d'este escripto.

As lévas de recrutas que se fazem no Imperio, para se as mandar para o theatro da guerra sem nenhuma instrucção prévia, não produzem melhor resultado.

O seguinte calculo poderá dar uma idéa do tempo que será preciso, nas peiores eventualidades, para que os primeiros Sertanistas cheguem á fronteira do Paraguay.

Chegam em Junho, por exemplo, 100 Sertanistas na raia do Sertão; fazem 10 leguas de estrada. Em Julho derrubam os mattos, roçam os campos, deixam seccar, para os que vêm ao depois queimar, plantar, fazer ranchos. Em Agosto fazem outras 10 leguas de estrada. Em Setembro fazem novas derrubadas e roças; e assim por diante, até chegarem nas immediações das Sete-Quédas, no rio Paraná.

Como o ponto onde principia o Sertão dista quarenta legoas do Paraná, segue-se que os primeiros Sertanistas levarão sete mezes para chegarem áquelle rio; mas os que chegarem ao depois só terão de andar 10 dias, sendo a pé, e oito dias sendo a cavallo, para chegarem na fronteira paraguaya.

No caso de se apresentarem duzentos Sertanistas na primeira etapa, e continuar a affluencia na mesma

proporção, seis mezes serão sufficientes para se abrir uma estrada até o Paraguay.

Si se apresentarem quatrocentos Sertanistas, quatro ou cinco mezes serão sufficientes, e não antes, porque as roças não dão mantimentos antes d'este tempo ; mas este maior numero de trabalhadores produzira maior porção de viveres, e maiores trabalhos militares.

Já, atravessei os Sertões que medeiam entre S. Paulo e o Amazonas ; vi o Alto Paraná ; passei a 20 legoas de Coimbra, no Alto Paraguay. Vi, por toda a parte, terrenos planos, ou pouco ondulados, onde é fácil abrirem-se estradas militares ; atravessei pantanaes de 30 legoas, onde se anda em canoas, ou podem-se fazer aterrados.

O inimigo não pôde perturbar os nossos trabalhos, porque tambem tem sertões que o separam de nossas fronteiras ; e si o Paraguay tem *Yerbales* do nosso lado, nós não damos um passo para diante, sem ter dois passos firmes atraz ; e não damos dois passos sem ter seis firmes atraz. Esta é a maneira de avançar, uma ponta irresistivel.

Todo e qualquer corpo de Sertanistas que estiver na fronteira inimiga, deverá executar promptamente as ordens do Governo Imperial, para entrar em operações de guerra e combates, tanto no seu territorio como no territorio inimigo ; só, ou juntamente com as tropas regulares, que estiverem com este corpo e os mais que houver, ou que estiverem sobre seus lados. Os Sertanistas serão, porém, commandados só por chefes Sertanistas, e estes obedecerão ao General em Chefe que estiver na sua fronteira, ou perto ; salvo quando o Governo lhes dêr carta branca para operarem por si sós.

Este systema, sustentado pelo Povo, não pesa sobre o Estado e tem resultado immediato; porque logo que aconteça ser conhecido pelo inimigo, lhe dará serios cuidados, que produzirão uma feliz diversão.

Entende-se facilmente que a criação das Milicias Sertanistas sempre terá um resultado favoravel, porque serve para a guerra e para a paz; mas na guerra actual urge que se tenha um prompto resultado: creio que o terá, porque não me parece impossivel que os primeiros Sertanistas sejam seguidos por outros em crescente proporção.

O ponto principal é despertar a indignação dos bons brasileiros, não contra a Republica do Paraguay e seu Presidente, que não é o nosso maior inimigo, mas contra a indifferença que reina em geral no Brazil, quando a bandeira nacional está em perigo de ser humilhada; quando o mais bello Imperio do mundo não póde dictar a justiça a um Estado que é cincoenta vezes menor em territorio e inferior em civilisação.

O Brazil tem elementos de força e grandeza; poderá se achar algumas vezes á borda do abysmo, mas ha de se salvar. Dizer o contrario é desconhecer a Providencia, que traçou com seu dedo os mais vastos e regulares limites que existem; formou um territorio tão extenso como a Europa; compacto, sem retalhos, sempre verde e risonho; onde correm rios que são Mediterraneoos; onde ha nos seus habitantes unidade de linguagem, unidade de origem, Religião, leis e costumes.

Os brasileiros podem ser tão bons soldados como qualquer outra nação; faltam-lhes só chefes mais habeis. Existe no Brazil um grande numero de estran-

geiros que pertencem a nações civilisadas, e só pedem occasião de fazer rapida fortuna. Dai-lhes chefes activos, intelligentes, capazes de crear recursos onde não existem, e vereis si não se ajuntarão em seu redor milhares de soldados para os seguir na conquista das ricas terras da nossa fronteira do Paraguay, e reparitil-as entre si, como recompensa de seu valor e de seus trabalhos.

Onde estão estes chefes nacionaes e estrangeiros ?

Os Sertanistas nacionaes e estrangeiros os saberão achar entre si, e o Imperador saberá sancionar a sua escolha.

A recompensa dos Sertanistas consistirá em terras da fronteira onde tiverem feito suas campanhas;— receberão as melhores e as que estiverem abeirando as estradas que tiverem aberto. Um soldado receberá um quarto de légua quadrada; um alferes o dobro em superficie; um tenente o triplo, e a cada patente, se augmentará na mesma proporção.

Os lotes de terras poderão ser convertidos em acções; e estas poderão ser vendidas.

Os contribuintes voluntarios tambem receberão como recompensa, no fim da campanha, uma porção de terras equivalente ao dinheiro que deram e os juros, de 6 %, e mais 25 % sobre o capital adiantado, sem juros. O total poderá ser convertido em acções inteiras ou reduzidas a qualquer fracção, conforme o dinheiro que tiverem adiantado.

Parece fóra de duvida que as terras da fronteira adquirirão muito valor só pelo facto de se terem aberto estradas novas; mas é de se esperar que terão maior importancia quando, em tempo de paz, cultivarmos relações de amizade com os nossos visinhos; e n'este ponto os Paraguayos são os que nos podem pro-

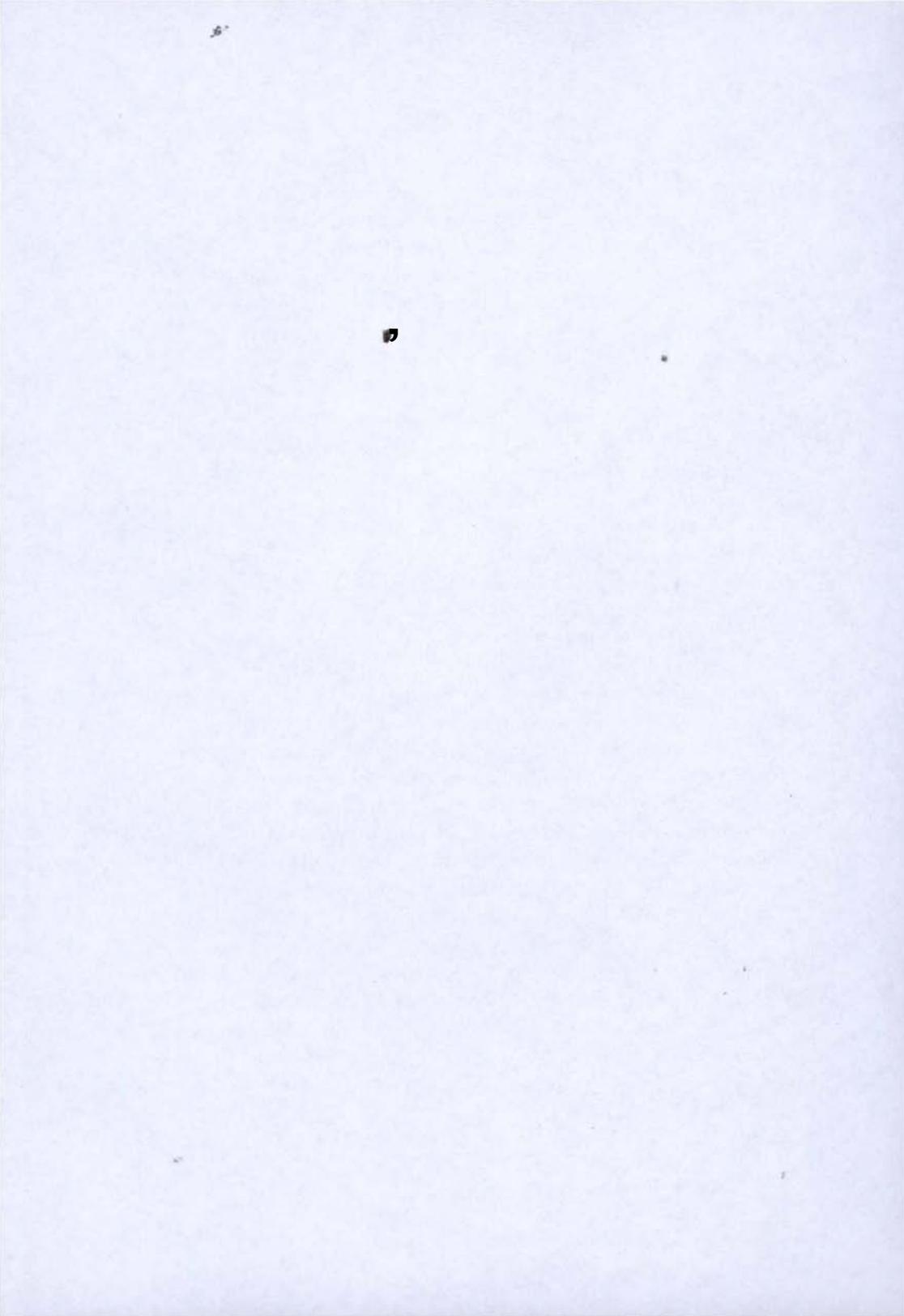
duzir maiores vantagens, porque são por assim dizer os guardiães do Rio Paraguay que, com o Paraná e o Prata, forma uma navegação admiravel, indispensavel para a fertil provincia de Matto-Grosso.

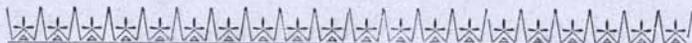
Falla-se agora em se fazer a paz com o Paraguay; mas um Exercito como o nosso, que se acha estacado ha mais de um anno em frente a Curupaity, sem poder avançar, não tem ares de nos dar uma paz, já não digo vantajosa, mas pelo menos honrosa; e sem esta condição, o Brasil ficaria exposto a ser insultado por todas as Republicas Hespanholas, e seriam compromettidas as provincias do Rio-Grande, Matto-Grosso e Amazonas.

A navegação desde o mar até Matto-Grosso, seria, parece-me, nas actuaes circumstancias, um insupportavel jugo do Japão, imposto aos Brasileiros nos rios da Prata, Paraná e Paraguay, n'uma extensão de 250 leguas.

E' natural que surjam muitas objecções contra este systema de Colonias Sertanistas; e entre ellas, duas mui salientes. Dir-se-ha: Si são necessarios sete mezes para que cem Sertanistas cheguem da ultima raia do Povoadado á fronteira do Paraguay, quantos não serão precisos antes d'isto, para que se ajuntem no lugar onde têm de principiar os seus trabalhos? e concluir-se-ha que não tem nenhuma applicação para a actualidade. Perguntar-se-ha mais: Onde está a alavanca de Archimedes para sublevar um povo que está mergulhado na inercia quando a Patria é ultrajada?

Si este escripto offerece alguma ideia que mereça attenção, proporei mais alguns meios simples em si, para a solução d'estas duas questões, e a prompta applicação d'este systema á actualidade. Por óra limito-me ao que fica exposto.





CAPITULO X

Além dos trabalhos de que acabámos de dar noticia, Hercules Florence explanou muitos outros ramos de sciencias e artes.

Vamos dar os titulos dos demais estudos do seu genio sorprendente, quaes os encontrámos nos seus papeis, que merecem ser classificados, coordenados e entregues á apreciação dos sabios ou á bibliotheca do Museu ou do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil.

ETUDES DE CIELS, À L'USAGE DES JEUNES PAYSAGISTES.—S. Paulo, Agosto de 1830. S. Carlos, Julho—Outubro de 1832. (1)

DE LA COMPRESSION DU GAZ HYDROGÈNE, APPLIQUÉE À LA DIRECTION DES AÉROSTATS.—Março de 1839. (2)

SUR L'IMPRESSION DES TABLEAUX À L'HUILE, OU ESTAMPES COLORIÉES.—Maio de 1839. (3)

(1) *Manuscripto*, pags. 90—106.

(2) *Idem*, pags. 129—133.

(3) *Idem*, pags. 134—143, com 12 figuras.

FABRICATION AU MÉTIER DES CHAPEAUX DU CHILI,
ET DE TOUTE ESPÈCE DE CHAPEAUX DE PAILLE.—Junho
de 1839. (1)

ENSAIO DE UM CARRO DE MEIO TIRO, LEVANDO A
MESMA CARGA DE UM TIRO INTEIRO.—1860.

CELLOGRAPHIE.—1860.

LES INTÉRÊTS MATÉRIELS.—1862.

AQUARRÉLOGRAPHIE.—1865.

PROBLÈME POLY-PHOTOGRAPHIQUE.—1866.

LAVIS CAPILLAIRE.—1869.

REFLEXÕES E MAXIMAS PHILOSOPHICAS, em francez
vernaculo.—Diversas datas.

MOYENS D'IMITER PARFAITEMENT LE CLAIR DE
LUNE ET L'ÉCLAT DES ÉTOILES DANS LES TABLEAUX
TRANSPARENTS. (2)

1) Idem, pags. 141—149. Não terminado. Concluíe com
esta phrase: *Dieu seul peut remplir le cœur de l'homme.*

(2) Idem, pags. 109—110. Começa assim:

«Mon âme paraît s'affaïsser sous le poids du malheur: le
feu des beaux-arts s'éteint de jour en jour en moi; et aux
transports de l'enthousiasme succèdent le vide, le néant et
cette fatale indifférence qu'entraîne le découragement. O jours
de ma Patrie et de mes voyages, vous n'étiez donc qu'une
illusion!

Et vous, êtres insensibles qui me laissez périr, croyez que
si des liens sacrés ne me retenaient parmi vous, il y aurait
longtemps que je me serais éloigné! Je ne regretterais que
quelques belles âmes, et non les richesses que tant d'autres
viennent chercher sur vos plages. Telle est la rigueur de
mon sort, qu'avec des droits à la gloire, je m'éteins dans l'exil,
et aucune de mes découvertes ne me survivra. Je n'aurai pas
été utile!»

Sem data.

Collocado no *Manuscripto*, entre um Estudo de 1832 e
outro de 1838.

PINTURA SOLAR. PINTURA CISPARENTE.

EMPLOI DE L'HUILE DE RICIN DANS LA PEINTURE
À L'HUILE, ET DÉCOUVERT DE LA PULVOGRAPHIE.

No dia 4 de Janeiro de 1854, Hercules contrahiu segundas nupcias, em Campinas, com D. Carolina Krug, filha de Henrique Krug e de D. Isabel De Bus. Nasceu na cidade de Cassel (1), em 21 de Março de 1828.

D'este consorcio houve sete filhos, aos quaes deu, como fizera em relação aos do primeiro matrimonio, esmerada educação, quer no Brasil, quer em varias nações cultas da Europa (2).

(1) Cassel, ou Kassel, cidade da Allemanha occidental antiga capital do Grám-Ducado da Hesse-Eleitoral, ou Hesse-Cassel, hoje capital da provincia prussiana de Hesse, á margem esquerda do Fulda, affluente do Weser, a 378 kil. S. O. de Berlim, 254 kil. N. E. de Coblantz, 185 kil. de Francfort-sobre-o-Mein; muito industrial e florescente, com cerca de 60.000 habitantes. Situada em um valle risonho rodeado de collinas pittorescas, Cassel é uma das cidades mais bonitas da Allemanha.

— Cf. *Patria*, pelo professor João Vieira de Almeida, cap. XXVII, á pag. 146, e a nota 3 d'este nosso livro a pags. 82, 83 e 84.

— D. Carolina Florence conta hoje 73 annos incompletos. Seguiu em fins de 1899 para a Italia e Allemanha. Educadora eminente, teve um collegio afamado, primeiro em Campinas e depois em Jundiahy. Este collegio ainda existe e é dirigido por duas antigas alumnas.

(2) 1 Dr. Ataliba Florence, medico oculista, casado com D. Olivia Bueno de Moraes. Nasceu em 3 de Maio de 1855. Membro da Sociedade Ophthalmologica de Heidelberg.

2 Jorge Florence, pharmaceutico.—N. em 18 de Outubro de 1857.

3 D. Augusta Florence, casada com Emilio Giorgetti.—N. em 24 de Maio de 1859.

4 Dr. Henrique Florence, engenheiro.—N. em 3 de Agosto de 1861.

Em Maio de 1855 Hercules foi á Europa, após uma ausencia de 30 annos; e em Monaco ainda logrou abraçar a sua veneranda mãe. Poucos mezes se demorou elle em França, para onde seguira unicamente com o fim de cumprir o seu dever filial.

De volta a Campinas, Hercules consagrou os seus labores á vida rural (1), em parte, e ás suas pesquisas

5 Dr. Guilherme Florence, engenheiro,—N. em 19 de Junho de 1864. Irmão gêmeo de

6 Paulo Florence, professor de musica e compositor.

7 D. Izabel Florence,—N. em 22 de Outubro de 1867.

(1) Por escriptura publica lavrada em notas do Tabellião Interino de Campinas, Ignacio Antonio Corrêa da Silva, Francisco Alvares comprou de Joaquim do Amaral Campos e sua mulher Gertudes Maria de Campos, um terreno murado na rua do Rosario, d'aquella então Villa de S. Carlos, que obtiveram por compra do sargento-mór Joaquim Floriano de Godoy, e parte que houveram por tróca que fizeram com Manuel Saturnino do Amaral, tendo de frente 50 palmos, e de fundos, até ao meio do quintal, etc.

Em 1º de Janeiro de 1839 Francisco Alvares fez doação d'esse terreno á sua filha D. Maria Angelica de Vasconcellos Florence e seu marido, no valor pelo qual o comprára; e mais, para fazer as casas deulhes 293\$000 em taboado.

— A 15 de Janeiro de 1856, Hercules Florence fez registrar no livro competente, a fls. 104, pelo Vigario Antonio Candido de Mello, as terras da Fazenda da Soledade, pertencentes aos herdeiros de D. Candida Maria de Vasconcellos Barros, situadas no districto da cidade de Campinas, a 3 leguas da mesma, perto da estrada do Amparo. «Acham-se n'ella casas de moráda, plantações e fabrica de café; sua extensão regula-se em quinhentos e cincoenta braças de Leste a Oeste, e pouco mais ou menos o mesmo de Norte a Sul. Estas terras foram de sesmaria e são possuidas actualmente por escripturas de vendas feitas pelo fallecido Capitão José de Souza Siqueira e por Francisco de Souza.»

scientificas, que nunca abandonou, apesar de todos os dissabores e das desillusões que o assaltaram. (1)

A sua vida está nas suas obras. Já o dissemos com Armand Carrel: « La vie d'un grand écrivain est le meilleur commentaire de ses écrits; c'est l'explication et pour ainsi dire l'histoire de son talent » (2). Aqui, a reciproca é verdadeira; e de uma verdade ir-

—Por escriptura publica de 4 de Dezembro de 1860, em notas do Tabellião Joaquim Roberto Alves, em Campinas, Hercules Florence comprou de Pedro de Souza Campos e sua mulher D. Francisca Elidia Gomide de Campos, D. Carolina Dulce do Amaral e Maximiano de Souza Campos «um sitio e terras n'aquelle municipio, com plantações de café, com casas de moráda, monjôlo, moinho, e todas as mais bemfeitorias existentes, tendo as divisas seguintes: de um lado com Vicente Leite, pelo rumo até o corrego do Barreiro, ali pelo corrego abaixo até o rumo da divisa do sitio com Manuel Ferraz, divide com os filhos do comprador, ali segue o rumo da divisa de Manuel Ferraz até o tanque do mesmo, ali sóbe o corrego acima até ao rumo aonde se começou a divisa, e este corrego divide com José Maria da Costa, etc.»—Valor da compra, 6:500\$000. Collector, Custodio Manuel Alves; escrivam, José Rodrigues Ferraz do Amaral. Testemunhas, João Manuel Alves Bueno, João José Ribas.

—Francisco Alvares possuia umas terras de sesmaria, de mui grande extensão, não longe de Porto-Feliz e beirando o Tieté. Deixou que se perdesse, pelo abandono.—Vide á pagina 89 e nota 2.

(1) Hercules teve por muito tempo uma typographia em Campinas. Em seu prélo foram impressas as primeiras Cartas Pastoraes do Bispo-Conde D. Antonio Joaquim de Mello.—Vide a nossa obra *O Dr. Ricardo Gumbleton Davut*, Anexo n. 17 á pag. 188

(2) Cf. á pag. 432.

refragavel. Hercules está nas suas Viagens e nas suas Invenções.

Viveu e conviveu com os homens mais illustres de seu tempo e das localidades em que assentou a sua tenda de trabalho; rodeado do prestígio imposto pela auréola do Talento, que lhe circumdava a fronte.

A S. M o Imperador não escaparam os meritos excepcionaes de Hercules. Um Sabio comprehendeu outro Sabio (1). Si Hercules nunca aceitou condecorações nem honorarias afidalgadas de especie alguma, não o fez por desamor ao Augusto Imperante, e simplesmente pelo excesso de sua modestia e pelo seu temperamento democratico (2). — Corrêa de Mello nunca teve o titulo do Conselho (3); João Mendes de Al-

(1) *Cet empereur, homme de science.* PASTEUR, Discurso proferido na inauguração do Instituto Pasteur, em Paris. *Journal des Débats* de 15 de Novembro de 1888.—W. E. Gladstone, *the Great Old Man*, disse de S. M : «That is what I call a great and good Sovereign and a man who, by his conduct, is enabled to make the high station which he holds a pattern and a blessing to his race!»

(2) A Democracia não é privilegio de certa e determinada forma de governo. Ha monarchias democraticas e republicas aristocraticas e olygarchicas. Cf. MONTALEMBERT, *De l'avenir politique de l'Angleterre*, citado a pags. 27-28 de nosso opusculo—*O Partido Conservador da Franca.*—S. Paulo, typographia a vapor de Jorge Seckler & C., 1883.

(3) Eleito, pelo partido conservador, deputado provincial pelo 3º districto para a legislatura de 1876-77, Corrêa de Mello aceitou o mandato popular; mas não tomou assento, em virtude de seus incomodos de saúde, como repetidas vezes officiou á Assembléa, lamentando que as suas enfermidades o privassem de comparecer aos trabalhos parlamentares.

O mesmo deu-se com o Barão de Piratininga, que, aliás, fôra eleito presidente da Assembléa na mesma legislatura.

meida nunca foi galardoado sequer com o Officialato da Rosa (1); o Doutor Ricardo Gumbleton Daunt, por igual; e o Dr. Theodoro Luggaard foi apenas Commendador da Ordem da Rosa.

A legislatura d'aquelle biennio era composta dos seguintes deputados:

1º districto—Dr. Ignacio Wallace da Gama Cochrane, Padre João Vicente Valladão, Dr. Francisco Antonio Dutra Rodrigues, Dr. Salvador José Corrêa Coelho, Padre Antonio Pereira Biendo, *Dr. Paulo Egydio de Oliveira Carvalho*, Barão de Piratininga, Tenente-coronel Antonio Pereira Payão Silveira, Coronel Joaquim Benedicto de Queiroz Telles, Dr. Joaquim José Vieira de Carvalho, Coronel Paulo Delfino da Fonseca, capitão João José de Carvalho.

2º districto—Dr. Joaquim Celidonio Gomes dos Reis, coronel Joaquim Antonio de Paula Machado, *Dr. José Luiz de Almeida Nogueira*, Vigario Benedicto Teixeira Pinto, Barão de Parahytinga, *Dr. Frederico José Cardoso de Araujo Abranches*, tenente-coronel Francisco Gonçalves Pereira, *Dr. Joaquim Lopes Chaves*, tenente-coronel Francisco Bento de Alvarenga, Vigario Bento Antonio de Souza e Almeida, Manuel Innocencio Moreira da Costa e Dr. Antonio Rodrigues de Azevedo Ferreira.

3º districto—Dr. Antonio Augusto da Fonseca, Dr. Estevam Ribeiro de Souza Rezende, tenente-coronel Francisco da Cunha Bueno, Dr. Luiz Silverio Alves Cruz, tenente-coronel Ignacio Gabriel Monteiro de Barros, Dr. Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra, Joaquim Corrêa de Mello, coronel Joaquim Leonel Ferreira, Dr. Francisco Alves dos Santos, coronel Joaquim Sertorio, Padre Joaquim Alves Ferreira e capitão José Lisboa de Almeida.

Os nomes gryphados são d'aquelles que ainda hoje occupam posições electivas.—O Dr. Cochrane é director das Obras Publicas.—D'estes 36 deputados são fallecidos 23.

(1) *O Doutor João Mendes de Almeida*, tomo I, primeira parte, capitulo XI, *in fine*, e nota 10:

«Estes serviços inestimaveis prestados á Patria e á Humanidade mereciam uma recompensa extraordinaria, uma re-

compensa nacional.—Guilherme I, pôndo-se á testa do cortejo funebre de Savigny, Napolão III indo consolar Troplong no seu leito de morte e decretando-lhe exequias nacionaes—mais não faziam do que, em nome da Patria, reconhecer e galar-doar os serviços d'aquelles grandes juriconsultos, aos quaes os seus governos cumularam de honras e grandesas.

No Brasil, qual foi a recompensa de João Mendes de Almeida ?

Após a terminação da guerra do Paraguay, após a chegada de SS. MM. Imperiaes da Europa, isto é,—uma vez decretada a Lei de 28 de Setembro,—houve verdadeira derráma de títulos e distincções honorificas. Após a lei de 13 de Maio o proprio sr. José do Patrocinio foi lembrado com gratidão.

Poucos conhecem o documento seguinte :

«3ª directoria—Ministerio dos negocios do imperio—N. 526—Rio de Janeiro, 27 de Junho de 1888.—S. A. a Príncipeza Imperial Regente, em nome de S. M. o Imperador, desejando remunerar os relevantes serviços por V. S. prestados á humanidade, especialmente os que se referem á abolição do elemento servil, concedendo-lhe o titulo de barão, manda convidar a V. S. para vir a esta directoria declarar a escolha que faz do cognome do seu baronato.—Deus guarde a V. S.—Illm. Sr. José Carlos do Patrocinio.—M. D. redactor chefe da *Ci-do Rio*—(Assignado) *Antonio Ferreira Dias.*»

Como Veuillot, como Montalembert, (1) como o general Foy, como Benjamin Constant (2), como Paul-Louis Courier (3), como José Bonifacio (o velho)—João Mendes teve por galardão unico de seu immenso amor pela Patria, de seus serviços immensos á causa nacional, á causa da Civilisação e do Christianismo—na Politica, no Direito, nas Lettras—a gratidão immarcessivel do povo brasileiro, a consideração jámais desmentida de seus concidadãos, o cumprimento do Dever e a satisfação íntima de sua Consciencia.»

(1) Escreve L. Veuillot, *Les Libres Penseurs*, 4ª edição de 1866, á pag. 383 :

«Dans un salon plein d'hommes politiques, de journalistes d'écrivains, de gens d'affaire, un provincial, chevalier de la Légion d'honneur, ayant entendu annoncer Montalembert, demandait qu'on le lui fit voir : «Le voilà, dit-on, là bas, dans ce groupe où vous voyez Girard, Giraud, Greluche, Patu, Navet : c'est celui qui n'est pas décoré.»

(2) Não é o ministro de 15 de Novembro de 1819. Referimo-nos ao outro, o grande orador e publicista da Restauração, fallecido em Paris a 8 de Dezembro de 1830.

(3) Paul-Louis Courier foi assassinado por um tiro de espingarda em 10 de Abril de 1825, a alguns passos da sua casa.

Até hoje paira um mysterio sobre a causa da morte do illustre pamphetista liberal.

Alvares Machado era simples Commendador do Cruzeiro.

Em uma monarchia essencialmente democratica e popular como a nossa, os seus melhores servidores, e os seus homens mais notaveis — foram sempre homens do Povo e da Democracia. — Os Andradas nunca aceitaram titulos. José Clemente Pereira e Bernardo Pereira de Vasconcellos morreram José Clemente e Vasconcellos (1). — O proprio Imperante dava o exemplo; e tal exemplo deu, e tão bem fructificou, que D. Pedro II, voluntaria e resignadamente, morreu pobre, na terra do exilio, em um hotel de segunda ordem — D. Pedro de Alcantara... (2)

Nas suas viagens a Campinas, S. M. o Imperador, que tanto distinguio a Corrêa de Mello, não menos honrou a Hercules. Na sua viagem em 1876, foi visitar o collegio Florence; e entreteve-se por largo

(1) Foi um erro da Constituição da Republica abolir os titulos e as condecorações. A Republica Franceza é mais liberal e comprehendeu melhor a indole, as tendencias e as necessidades da nação franceza e da raça latina. E a *saude e fraternidade* substituiu vantajosamente o *Deus Guarde?* Ninguém o dirá.

Não vai n'este nosso modo de pensar intuito algum politico. Podemos e devemos repetir aqui o que escreveu Louis Veuillot nos seus *Libres Penseurs*, no prefacio de 1866: «J'ai abordé bien des sujets, j'ai essayé bien des formes: je n'ai eu qu'une idée, qu'un amour et qu'une colère. On les trouvera dans ce livre comme dans tout ce qui est sorti de ma main.»

(2) Gregorio VII: «*Dilexi justitiam et odivi iniquitatem; et propterea morior in exilio.*»

tempo com Hercules em seu gabinete de trabalho.—
« Nous sommés de vieux amis, Monsieur Florence, et je désire voir vos derniers travaux. »—Dirigiu-lhe palavras muito lisongeiras sobre algumas aquarellas que examinou, e sobre outros trabalhos scientificos.

Não conheceu as riquezas nem os gosos materiaes d'este mundo. Certamente poderia ter legado grande fortuna a seus filhos, si houvesse dedicado seus esforços á carreira commercial, ou simplesmente á tarefa de augmentar a producção de seus cafezaes. O Mercantilismo e o Egotismo repugnavam á sua intelligencia e a seu coração; a sua independencia pressava-a elle acima de tudo.

E que melhor e maior fortuna podia deixar á sua familia—do que as tradiçções de seu nome, os exemplos de sua probidade e a licção de suas luctas em pról da sciencia e da humanidade ?

Hercules Florence entregou a sua grande e bella alma ao Creador, ás 3 horas da tarde do dia 27 de Março de 1879, em Campinas. N'esta cidade residira mais de cincoenta annos; n'ella se casára duas vezes e constituiria familia numerosa, digna herdeira de seu nome, —o nome de um homem de bem e de um sabio que, em elevado gráu, honra o Brasil e a sua época.

O feretro sahiu da casa em que residia a familia do finado, ao largo de Matriz Velha, (1) ás 5 horas da tarde de 28 de Março. O enterramento foi ex-

(1) Hoje Praça Bento Quirino, n. 20. Esta casa pertence actualmente ao Dr. Ataliba.

traordinariamente concorrido (1). Foi sepultado no Cemiterio Municipal (2).

Hercules Florence sobrevivera dous annos a Joaquim Corrêa de Mello e precedeu no tumulo de quasi

(1) Vide *Diario de Campinas*, anno IV, n. 1030 de 28 de Março de 1879.

Só em 1884 a Camara Municipal de Campinas se lembrou de render preito de homenagem á sua memoria.

Na sessão ordinaria de 21 de Janeiro, sob a presidencia de Amador Bueno Machado Florence,—o filho primogenito de Hercules—presentes todos os vereadores: srs. Amador Florence, Elisiario F. de Camargo Andrade, Commendador Geraldo de Rezende, João Proost Rodovalho, M. F. Mendes, J. Bierrenbach, Dr. J. M. Lamanéres e Dr. Jorge Miranda,—foi apresentada e fundamentada uma indicação—que á rua transversal á do Culto a Sciencia, ainda sem nome, que começa no campo além do bairro do Botafogo, e passando juncto aos terrenos d'aquelle estabelecimento, vai terminar na aguada que fica no fundo do referido estabelecimento, se desse o nome de—*Rua Hercules Florence*. Fez o sr. vereador Bierrenbach largas considerações sobre o illustre morto, rememorando os seus serviços a Campinas e ao Brazil e fazendo a summa de sua vida laboriosa e patriotica.

—Hercules Florence foi quem primeiro introduziu a typographia em Campinas.

(2) Os seus ossos jazem na sepultura n. 247, da 1ª divisão, quadra n. 10, para onde foram removidos junto á sepultura de Amador Bueno Machado Florence, sob n. 246, mesma quadra n. 10 da 1ª divisão.

Talões municipaes, n. 26, do primeiro; n. 31, do segundo; este, de 10 de Outubro de 1894, aquelle de 12 do mesmo mez e anno.

Amador B. M. Florence, espirito culto, orador fluente, prosador correcto, erudicto, illustrado e sobretudo modesto, sobresahiu na sociedade Paulista; e falleceu com 63 annos. Deixou no seu filho, Dr. Paulo Machado Florence, propecto advogado e cientista Campineiro, um representante de seu nome e de suas bellas tradições.

quinze annos o dr. Ricardo Gumbleton Daunt. — Já vimos que Alvares Machado morrêra em 1846; o dr. Theodoro Langgaard, de ha muito repousava no Campo Santo.

Aqui damos por finda a nossa missão.

Desenhámos a traços largos o perfil de Hercules Florence. A nossa obra é incompleta, não ha negar; e de boa mente o reconhecemos.

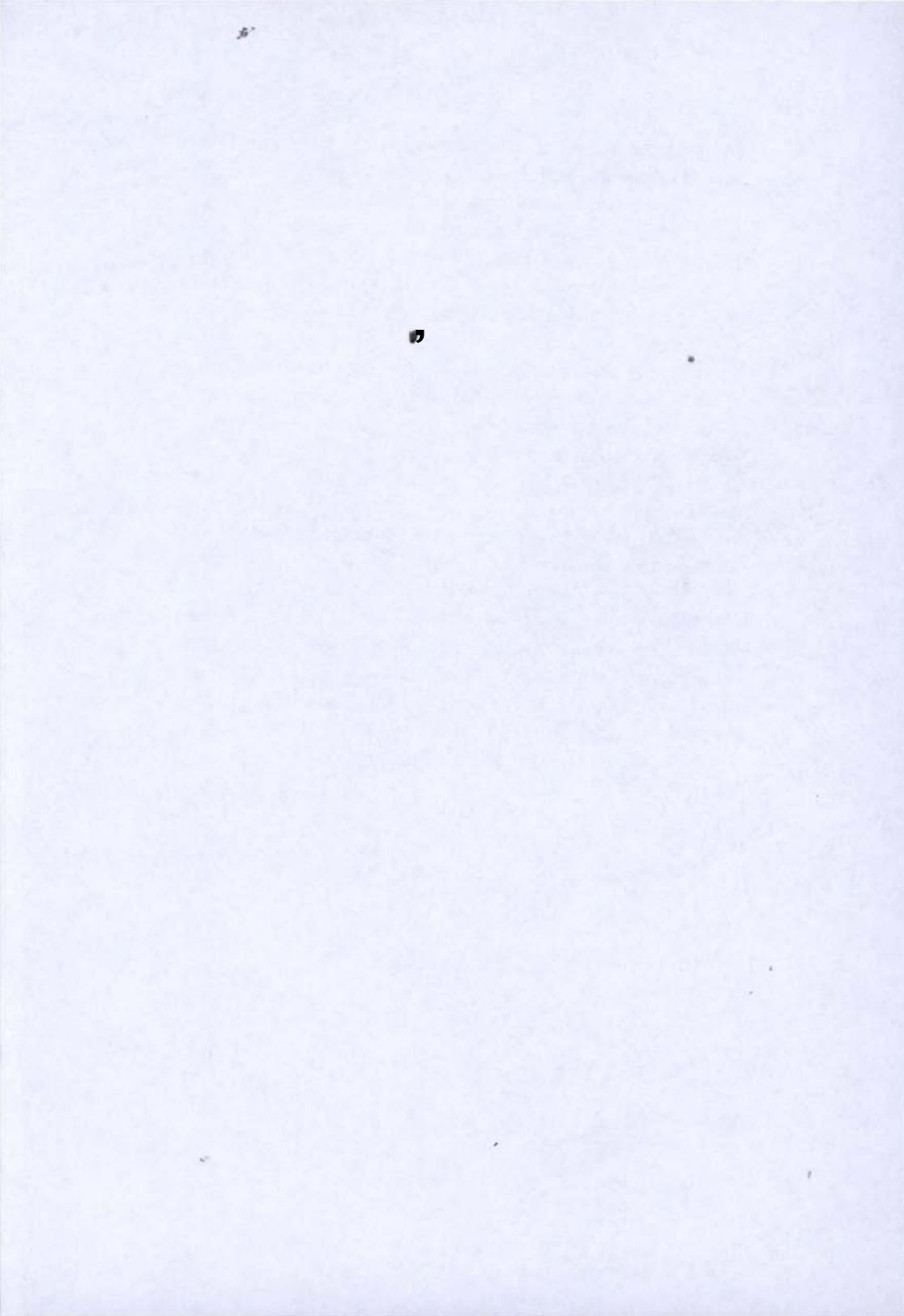
Estas paginas não passam de uma pequena pedra, que carregamos para o monumento que a Familia e a Posteridade erguerão á memoria do artista, do explorador, do sabio e do cidadão.

Temos fé que os seus descendentes supprirão um dia as nossas falhas e preencherão as nossas lacunas. *Noblesse oblige*. Reivindicar as nossas glorias nacionaes é um dever que se impõe a todo patriota. Os dias que nos assoberbam são tristes e calamitosos: honremos os nossos maiores, e vivamos pelo Passado, para conforto do Presente e esperança de um Futuro melhor.

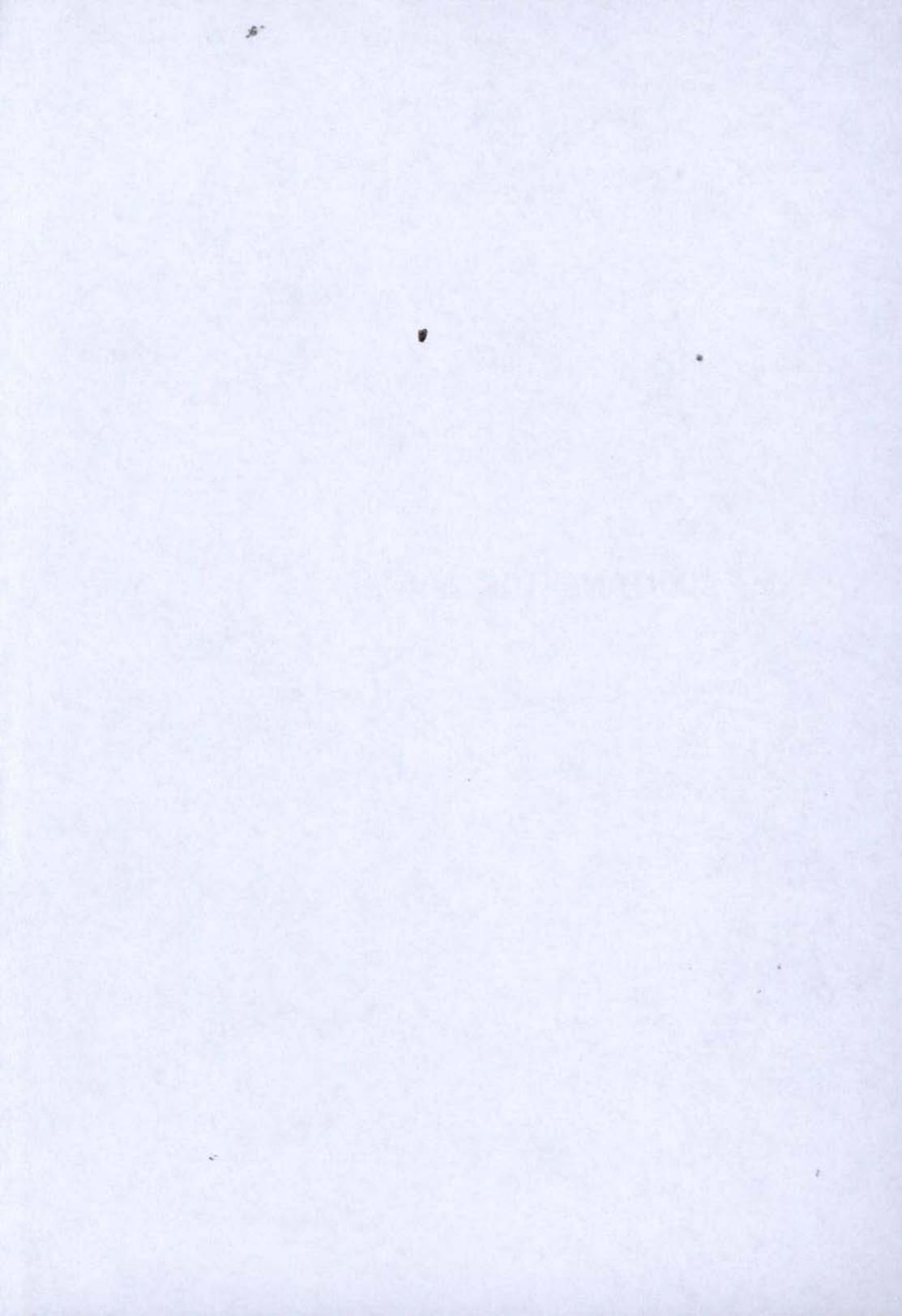
Ao fechar este livro, repetiremos, como conclusão, as mesmas palavras que enunciámos no prefacio, e que têm inteira applicação tanto a Hercules Florence quanto a Augustin Thierry; e resumem a vida de ambos:

«Si, como quero crêr, o interesse da sciencia é um dos grandes interesses nacionaes, tenho dado ao meu paiz tudo o que póde lhe dar o soldado mutilado no campo da batalha. Qualquer que seja o destino dos meus trabalhos, espero que este exemplo não será

perdido. Quizera eu que elle servisse para combater essa especie de desfallecimento moral, que é a molestia da geração nova; que pudesse reconduzir ao caminho direito algumas d'essas almas enervadas, que se queixam de que lhes falta a fé; que não sabem a que se applichem, e andam buscando por toda a parte, sem nunca encontrarem, um objecto de culto e dedicação. Porque hão de elles suppôr, tão amargamente, que n'este mundo, tal como se acha constituido, não se encontra ar para todos os peitos, emprego para todas as intelligencias? Não vêm o estudo sereno e sério? e não ha no estudo um refugio, uma esperança, uma carreira ao alcance de todos nós? Com elle, passam os dias máos sem lhes sentirmos o peso; cada um cria o seu proprio destino, empregam todos nobremente a sua vida. Eis o que fiz; e eis o que faria si tivesse de principiar outra vez: seguiria pela estrada que me trouxe aonde estou. Cégo, padecendo sem esperança e quasi sem tréguas, posso dar um testemunho, que da minha parte não será suspeito: ha n'este mundo alguma cousa que vale mais do que os gozos materiaes, mais do que a fortuna, mais ainda do que a saude:—é a dedicação á sciencia.»



ADDITAMENTOS E ANNEXOS



A' pag. 11, nota.

Cf. *S. Paulo de Piratininga no fim do seculo XVI*, pelo mui illustre Dr. Theodoro Sampaio, verdadeiro Benedictino, na «Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo», vol. IV, a pags. 259-264.

Escreve o benemerito historiador :

«Não havia no ambito da villa, então limitada pelos largos de S. Bento e do Theatro, sinão 190 fogos permanentes, ou cerca de 1.500 almas ao todo.

O arruamento de então quasi não differia do de hoje, sinão em pequenos e insignificantes detalhes.

As construcções regulares e de melhor apparencia não avultavam. O commum das habitações era feito ao modo dos indios. Crescia o collegio dos padres, reformando os seus muros, reedificando ou retocando a sua igreja.

A matriz, começada em 1589 com os donativos dos moradores, não estava concluida. O edificio do Senado da Camara, no logar que depois se chamou *páteo de S. Francisco*, era um predio de propriedade particular, coberto de palha, que já uma vez desabára, e que alguns ricos homens tomaram a seu cargo reconstruir.

D'essa pequena povoação, a cavalleiro sobre a lombada entre as ribeiras de *Piratininga* e de *Anhangabahú*, sahiam em varias direcções os caminhos e estradas, cruzando os campos em demanda das aldéas dos indios submettidos, ou das lavouras de fazendeiros abastados.

Do páteo do Collegio partia na direcção do sul o *caminho velho do mar* pela actual rua do Carmo, des-

cendo para a varzea, contornando-a nas proximidades da vivenda de Bartholomeu Carrasco, e antes de se perder no horizonte para os lados da *Borda do Campo*, onde existiu *Santo André*, passava por um grupo de moradores juncto da ribeira de Ypiranga, onde estivera outr'ora a ermida de Nossa Senhora da Luz, que depois se mudou para o *Guarépe*.

Ao longo d'esse caminho possuia Braz Cubas umas datas de terra que em parte cedera aos religiosos do Carmo, em 1594, para fundarem o seu convento. Para adiante, começando em Bartholomeu Carrasco, ficavam as terras que o padre Luiz de Gran, da Companhia de Jesus, obtivera de Francisco de Moraes, representante do donatario, como uma sesmaria de duas leguas, as quaes, entretanto, lhe não foram ahí demarcadas, por prejudicial ao bem publico.

Do páteo da matriz, encaminhando-se para o alto da collina, sahia a *rua de Manuel Paes*, que levava ao campo da forza e mais além, até a bella matta do Caa-guassú, abundante em madeiras reaes.

Ao lado d'essa rua e parallelamente a ella, na lombada para além de Anhangabahú, seguia o então *caminho novo do mar*, cruzando no alto a matta do Caa-guassú e descambando para as varzeas do rio Geribatiba, procurava a aldêa de Ibirapuera, fundada por Anchieta a tres leguas distante.

Ao longo d'esse caminho ficaram então demarcadas as duas leguas da sesmaria do padre Luiz de Gran, quasi toda em campo e em varzea.

A actual rua Direita, então conhecida por Santo Antonio, por causa da ermida ou capella d'essa invocação, que lhe ficava á margem, descia a encosta da montanha para o lado do Piques, e galgando o campo e as mattas em direcção á aldêa de Pinheiros, já a

esse tempo, era o principal caminho do sertão, e a estrada real para as lavouras que se iam estabelecendo á margem do Tieté.

Datava de época immemorial este caminho, o primeiro provavelmente que trilharam as tribus profugas do valle do Paraguay, encaminhando-se para o littoral atlantico. Elle representa na historia do segundo seculo da conquista essa via-sccleradã, ainda que gloriosa, por onde se consummou a destruição de Guayrá, e a expansão do dominio portuguez, em detrimento do poder de Castella, no valle do Paraná. (1)

Possuia, com effeito, o gentio as suas vias de comunicação, rudimentares todas, mas nem por isso menos extensas e verdadeiras; algumas, como esse caminho do sertão, tinham o character de estrada nacional para a raça guarany.

Do Paraguay ao littoral atlantico, era a região intermedia em parte occupada por povos da nação Guarany, e em parte por povos ainda mais barbaros, inimigos d'aquelles. Seguia pelos campos ao norte do Iguassú o caminho que ligava as tribus da mesma nação Guarany no littoral e no interior. Esse caminho, partindo das margens do Paraná, vinha ter ás cabeceiras do Tibagy, e ahi se dividia. Um galho buscava o sul, passando pelos campos de Curitiba, em direcção aos *Carijós dos Patos*, em Santa Catharina; outro entranhava-se nas Mattas do Assunguy e ia ter a Cananéa; e outro ainda tomava para Nordeste, pelos campos que levavam a Piratininga.

Trilhando o caminho de Cananéa, engolphou-se nos sertões em 1531 a expedição de Pero Lobo, guiada

(1) Vide á pag. 138.

por Francisco de Chaves, até perecer trucidada nas margens do Paraná. Pelo caminho dos Carijós dos Patos subiu com a sua numerosa expedição D. Alvaro Nunes Cabeça de Vacca, em demanda de Assumpção, no anno de 1540.

Pelo caminho de Piratininga, o padre Manuel da Nobrega recebia emissarios do Paraguay; os primeiros habitantes de Santo André communicavam-se com as tribus amigas dos sertões do sul, e o allemão Schmidel, companheiro de Irala, abandonava Assumpção e vinha por Santo André embarcar-se em S. Vicente, no seu regresso para a Europa, annos antes da fundação de S. Paulo.

Por esse caminho, logo ao sahir da villa, atravessava-se o sitio denominado do *Capão*, propriedade de Fernão Dias, o velho, e que depois foi de Pedro Taques, comprehendendo grande parte da matta do Caaguassú, onde é hoje *Bella Cintra*, e as terras de Pinheiros, onde o mesmo Fernão Dias aldeiou com o concurso de Anchieta os Guayanás transferidos do Ypiranga, com outros que conseguiu descer des sertões.

Proseguindo pela mesma estrada, depois de transpôr o Geribatiba, entrava-se em terras do Bututan, de Afonso Sardinha, as quaes por um lado desciam até o Tieté e por outro visinhavam com as terras de Carapiculyba, da sesmaria dos indios, concedida por Jeronymo Leitão em 1580. Para além de Carapiculyba, a estrada approximava-se então do Tieté, fraldeava a serra mateada de Itaquy, onde já se faziam importantes lavouras, e entrava em Parnahyba, cuja povoação havia pouco André Fernandes iniciára. Para adiante de Parnahyba começava o sertão, apenas de quando em vez devassado pelas bandeiras de guerra, e onde ninguem ousára ainda assentar lavoura permanente.

Da mesma estrada, que vimos descrevendo, antes de descer para Pinheiros, partia um galho, que é a conhecida estrada do Araçá, percorrendo o alto do espigão, e dividindo os campos do *Pacaembú* e do *Mandihy*, propriedade dos Jesuitas, das terras do sitio de *Emboçaava*, que então era de Affonso Sardinha, o velho. Esse caminho foi o começo da estrada geral que se chamou de *Jundiahhy*, porque, transpondo o Tieté e galgando a serra do *Juú* entre o *Jaraguá* e a *Cantareira*, com terras de lavoura então possuidas por membros das familias Pires e Buenos, alcançava o sertão de *Jundiahhy*, n'esse tempo apenas habitado por criminosos e homisidados.

Sahindo-se da villa pela rua de Martim Affonso, descia-se primeiro á grotta do Anhangabahú, e caminhando ao norte, atravessava-se o sitio do *Guarépe*, para onde se transferira a ermida de Nossa Senhora da Luz, e ia-se ter ao *porto* no rio Tieté, que então ficava para cima da Ponte Grande, proximamente no local em que antes fazia sua barra o ribeiro Tamanduatehy.

De ordinario, quem, n'aquelles tempos, procurava o *porto*, preferia tomar uma canôa no Tamanduatehy, no sitio que então era o *porto geral* da povoação, e para o qual se descia por uma viella empinada, que ainda hoje guarda a denominação antiga. O ribeiro, correndo mais chegado á montanha, coleando-a depois livremente na varzea alagadiça, não tinha ainda perdido a boa profundidade que as successivas obras de rectificação depois lhe tiraram. Navegava-se bem pelo Tamanduatehy. E por elle não só se podia alcançar a Borda do Campo, como descer ao Tieté, ao *porto*, e

d'ahi rio acima ou rio abaixo ganhar as aldeias ou as fazendas, quasi todas accessiveis por agua. (1)

N'esses tempos os rios eram estradas de um valor inestimavel. Elles demandavam o menor esforço para os grandes transportes, eram estradas seguras para as investidas nos sertões, offerecendo sempre defeza contra os ataques subito dos selvagens, e proporcionando alimento inexgotavel com o peixe e com a caça, sempre abundantes. Embarcados na sua canôa, o padre, o negociante, o fazendeiro, o simples homem do povo podiam attingir qualquer ponto dentro da zona povoada em torno de Piratininga. Navegando rio acima, alcançavam a Conceição dos *Guarús*, o Maqueribú, onde depois se estabelecera João Pires, *S. Miguel* e *Taquaquicétuba*, onde mais tarde o padre João Alvares aldeiou alguns indios Guayanás, e attingia-se o sitio de *Boigy*, da sesmaria de Braz Cubas, no lugar em que alguns moradores tinham já iniciado uma pequena povoação, que foi a origem da actual cidade de Mogy das Cruzes.

Descendo o rio para baixo de S. Paulo, tocava-se primeiro no sitio de *Nossa Senhora da Esperança*, com um aldeamento fundado por Manuel Preto, e que veiu a ser depois a capella e povoação de *Nossa Senhora da Expectação do O'*; deixava-se pouco mais abaixo, á esquerda, o sitio de *Emboçava*, de Affonso Sardinha, e podia-se ir até as primeiras lavouras de Parnahyba, si se não preferisse desembarcar no porto de Carapicuhyba, ou entrar pelo Geribatiba, para ir visitar Pinheiros, e

(1) Vide á pag. 77, nota 1.

mais além *Ibirapuera*, no mesmo sitio em que ora está Santo Amaro.

Taes eram os acanhados limites do territorio occupado pelos portuguezes nos Campos de Piratininga, ao findar o seculo XVI.»

A' pag. 179, nota 1.▪

O Dr. João Severiano da Fonseca, *Esboço Chorographico da Provincia de Matto-Grosso*, cap. I § III, á pag. 18, dá um total de 50 mil habitantes, sendo 23.500 para o districto de Cuyabá, em 1880.

O incansavel literato sr. Tancredo do Amaral, *Geographia Elementar*, S. Paulo, 1895, dá 151.742 habitantes ao Estado e 13.000 a Cuyabá.

A' pag. 337, nota.

Celestino Bourroul, casado com D. Rita Maria da Conceição Ramos, natural de Minas Geraes, falleceu em S. Paulo em 19 de Setembro de 1874; Camillo Bourroul em 7 de Março de 1891. Ambos deixaram descendencia, estabelecida em S. Paulo. São filhos—do 1º, o dr. José Maria Bourroul, Juiz de Direito da 2ª Vara Civel da Comarca da Capital, casado com D. Maria Custodia Faria, filha do desembargador Joaquim Francisco de Faria, que foi procurador da Corôa e presidente do Tribunal da Relação de S. Paulo; do 2º o Dr. Paulo Bourroul, delegado de hygiene, casado com sua primirman, D. Sebastiana Bourroul; e o Auctor d'este livro (1).

(1) Nasceu a 18 de Maio de 1856, em Nice, *Nicæa Civitas Fidelissima*, na Rue Place-Vieille numero 3, em plena cidade

Camillo Bourroul, nascido em Nice, Alpes Maritimes, em 24 de Novembro de 1818, era filho de Antoine

velha, perto da Cathedral de Santa Réparate e da antiga casa do Senado. Veio logo depois para o Brasil, de onde, em 1865, regressou para Nice, em cujo Lycêu Imperial cursou os preparatorios até 1872, anno em que embarcou-se para S. Paulo, em Outubro. Nunca mais voltou á Europa; e tendo se permanecido sete annos, e viajando, nunca foi a Paris.

Formou-se em Direito na Faculdade de S. Paulo, em 28 de Novembro de 1881, sendo, no mesmo anno, a 26 de Dezembro, eleito deputado provincial pelo 9º districto de S. Paulo, em 2º escrutinio, no primeiro pleito após a lei Saraiva.

Foi juiz municipal e de orphams do termo da Franca do Imperador e juiz de direito interino da mesma comarca; secretario da provincia; 2º tabellião da capital, cargo este que abandonou em 28 de Setembro de 1894, por motivos politicos e pelo seu estado morbido. Foi advogado na Mocóca; e, hoje, com residencia na capital, ainda advoga no sul de Minas e no Oeste de S. Paulo.

Foi sempre jornalista conservador e catholico; e escreveu grande numero de livros e pamphletos em defeza de suas idéas politicas e religiosas.

A biographia do Dr. Estevam Leão Bourroul foi publicada pel'*O Apostolo*, da Côte, edicção de 18 de Maio de 1893; e reduzida a folheto de 48 paginas pela mesma folha, pouco depois.

Ha outras biographias: uma em francez, pelo Dr. A. A. M. de Oliveira Rocha, destinada ao *Diccionario Biographico da America do Sul*; 1 folheto de 8 pags., S. Paulo, typ. de Hennes e Winiger, Rua da Caixa d'Agua, 1 C.—1892.

Em italiano, no diario *Fanfulla*, phase primitiva e formato pequeno, em 1893.

No *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, do Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, tomo I, letra E.

No *Correio do Norte*, orgam republicano em Guaratinguetá, pelo sr. Arthur Goulart.—1893.

Na *Gazeta de Mogy-mirim*, anno IX, n. 736 de 11 de Outubro de 1894, pelo sr. Amando Passos.

Joseph Bourroul, chefe de divisão na Prefeitura, natural de Antibes, e de Marie Joséphine Vitalis. Casou

Na *Auctoridade*, de S. Paulo, anno I, numero 32, de 30 de Agosto de 1886; com retrato.

N'A *Tarde Illustrada*, de S. Paulo, anno II, numero 40, de 12 de Novembro de 1896; com retrato.

N'O *Rebate*, do Rio de Janeiro, anno I, numero 21, de 18 de Junho de 1900; com retrato.

A sua fé de officio está, em resumo, na primeira pagina d'este livro, e nas obras que tem publicado e jornaes que tem redigido, desde o anno de 1874 até 1900; vide o annuncio de seus livros, folhetos, periodicos, etc., no fim do presente volume.

Nada mais podemos—nem devemos—adduzir.—Para a parte genealogica consulte-se MARTHA, *fragmentos do coração*, cadernos de familia: é a historia singela e documentada da origem, da fortuna e dos padecimentos de uma *gens* catholica e impavida, que tem fé em Deus e nas suas tradições de trabalho honrado e fidelidade nunca desmentida.

De seu consorcio com Dona Maria da Gloria Rodrigues Pereira de Vasconcellos, nascida em Taubaté a 2 de Abril de 1861, «descendente legitima» de Amador Bueno de Ribeira, consorcio celebrado pelo Bispo D. Lino, em 8 de Dezembro de 1879, teve os seguintes filhos:

1.º Estevam Victor, nascido em S. Paulo a 28 de Dezembro de 1880, estudante;

2.º Paulo, nascido em S. Paulo em 16 de Maio de 1882 e fallecido em 21 de Fevereiro de 1883.

Jaz em sepultura perpetua da familia, no cemiterio municipal da Consolação.

3.º Helena, nascida em S. Paulo em 30 de Agosto de 1883;

4.º Olga, nascida na Franca do Imperador, em 13 de Fevereiro de 1885;

5.º Mathilde, nascida em Ribeirão Preto, em 3 de Agosto de 1886;

6.º Martha, nascida em S. Paulo, em 14 de Junho de 1891

a 11 de Fevereiro de 1854 com Mathilde Cason, nascida em Nice a 11 de Março de 1836, filha de Pierre Cason e de Agnès Agathe Léonide Sicard.

Antonio Joseph teve a seguinte descendencia :

1º Blanche Bourroul, fallecida octogenaria, ha annos ; solteira ;

2º Etienne Bourroul, de que tratamos ás pag. 16 e 337.

3º Celestino Bourroul ;

4º Therèse Bourroul, casada com François Caravel, seu primo, medico e consul da Italia nos Dardanellos ; com descendencia na Turquia da Asia ; e

5º Camillo Bourroul.

A' pag. 345, nota.

O erudicto sr. Antonio Augusto da Fonseca falleceu, com 80 annos de idade, em S. Paulo, no dia 22 de Outubro do corrente anno (1900).

A' pag. 411.

Vide na antiga *Revista Brasileira* de 1879, anno 1º, tomo I, a pag. 103—114 um artigo de Sylvio Dinarte (V. de Taunay)—*A Araponga e a Onça* (conto humorístico do sertão).

e fallecida em 12 de Janeiro de 1892.—Jaz na sepultura da familia, com seu irmão Paulo. Finalmente,

7º Pedro de Alcantara, nascido na fazenda do *Campestre*, municipio de Cajurú, no dia 22 de Abril de 1898.

Deus os abençoê !

« Quero que meus filhos amem a Deus sobre todas as cousas, afim de que saibam praticar as virtudes, e possam assim perpetuar na prole a legitimidade, sob todas as relações da vida. *In filiis suis agnoscitur vir.* (ECCLESIASTICO XI, 30).—JOÃO MENDES DE ALMEIDA, *Algumas Notas Genealogicas*, Introducção, pag. VI, *in fine*.

A' pag. 395, nota.

Eis o convite para a criação do *Instituto Historico e Geographico de S. Paulo* :

Illm. e Exm. Sr.

O desejo de concorrer para a completa elucidação da Historia e Geographia de S. Paulo, promovendo a publicação de uma REVISTA, que archive os trabalhos uteis que n'este sentido se publicarem, faz com que os abaixo assignados promovam a fundação de uma sociedade denominada *Instituto Historico de S. Paulo*, da qual será orgam a mesma REVISTA.

Confiados na boa vontade dos homens que se interessam pelo progresso do Estado de S. Paulo, e no auxilio dos bons cidadãos da Capital e do Interior, os abaixo assignados pedem a V. Exc. não só adhesão, mas o comparecimento á primeira reunião da nova Sociedade, afim de se eleger a directoria, discutirem-se os Estatutos e installar-se a Sociedade.

Conscios de que os operarios das boas idéas se reunirão, afim de trabalharem e serem uteis a este florescente Estado, os abaixo assignados esperam o vosso comparecimento n'uma das salas da Academia, ás 12 horas em ponto, no dia 1º de Novembro, proximo futuro.

S. Paulo, 1º de Outubro de 1894.

Dr. Antonio de Toledo Piza.

Dr. Estevam Leão Bourroul,

Dr. Domingos José N. Jaguaribe.

—Da *Gazeta de Moqy-mirim* (1), anno IX, n. 746, de 15 de Novembro de 1894 :

«Como estava annunciado, effectuou-se no dia 1º do corrente a reunião promovida pelos drs. Domingos

(1) Redigida então por Sebastião Dias, dr. Alexandre Coelho, Gabriel Ortiz e Polycarpo de Queiróz.

Jaguaribe, Estevam L. Bourroul e Antonio de T. Piza, para criação de um *Instituto Historico e Geographico* de S. Paulo.

Ao convite d'aquelles illustres cidadãos acudiu grande numero de pessoas letradas, a *élite* da sociedade paulista, em uma das salas da Academia de Direito.

Presidiu á sessão o digno sr. dr. Cesario Motta Junior, Secretario do Interior, servindo de secretarios os drs. Piza e Jaguaribe.

Este proferiu eloquente allocução, em nome dos iniciadores, expondo os fins da reunião.

Foram lidos cartas e telegrammas de diversos cavalheiros, que escusaram-se de não poder comparecer, sendo, porém, solidarios com a idéa.

Foi lido um officio do dr. Estevam L. Bourroul, ausente em Brótas, por enfermo, declárando offerecer desde já á bibliotheca do *Instituto* cem volumes de obras de sciencias, historia e litteratura.

Os promotores da idéa haviam confeccionado um excellente projecto de Estatutos, que foi submettido á approvação da assembléa.

Apezar de impugnado vehementemente e mesmo de modo descabido por um cavalheiro, que nos disseram mais tarde ser o dr. Garcia Redondo, o projecto foi approvado provisoriamente, para ir a imprimir e ser discutido com calma e reflexão.

Lêmos estes Estatutos ; são muito bem formulados e bastam ser approvados pura e simplesmente.

Foi aclamada a mesma mesa provisoria ; ficando, portanto, como presidente, o dr. Cesario Motta ; vice-presidente, dr. Domingos Jaguaribe ; secretario, dr. Antonio Piza ; directores, drs. Bourroul, Valois e Carlos Reis.

Foi acclamado, não sabemos bem por quê nem para quê, presidente honorario, o dr. Prudente de Moraes, que nunca revelou pendor decisivo para o estudo das questões historicas e litterarias.

Este acto de reverencia ao presidente *eleito* da Republica causou geral descontentamento, mas não foi impugnado, para não levantar discussões.

Convém que o *Instituto* se mantenha no circulo estrictamente scientifico e litterario, para poder viver.

Felizmente, os nomes de seus fundadores são a mais subida garantia de um futuro brilhante e de uma prosperidade digna do torrão Paulista.

Os nossos parabens, pois, a S. Paulo e aos tres benemeritos a quem cabe a honra da criação do *Instituto Historico e Geographico* de S. Paulo: os drs. Jaguaribe Filho, Estevam L. Bourroul e Antonio de T. Piza l»

ANNEXO n. 1, á pag. 501.

Hercules Florence

(Ao *illmo. amigo sr. Henrique de Barcellos*)

Conscio de quanto careço de habilitações para escrever quaesquer duas linhas, que não destõem das interessantes publicações esperadas no *Almanach* de que trata, não posso entretanto negar-me ao seu pedido, desde que, com o sentimento de um intelligente filho da Arte immortal de Guttemberg, soube desarmar-me do natural acanhamento, proferindo o nome de meu finado pai, inventor tambem de notaveis processos de imprensa, e pedindo-me uma pequena noticia sobre os mesmos, que já lhe não eram de todo estranhos. Além da alludida carencia da minha parte, urge o tempo já para alguma cousa mais completa e satisfactoria: sirva-me isto de escusa.

Mas não será por si só de um summo interesse este simples facto?

Campinas, a agricultora e laboriosa cidade, que, com justo sentimento, se ufana de ter acalentado em seu seio talentos, que hoje levam-lhe o nome a longinquos povos, com surpresa admirados ante os scientificos e importantes trabalhos de Corrêa de Mello, ante as sublimes produções artisticas de Carlos Gomes; esta Campinas, torrão abençoado pelo trabalho, póde tambem dizer:—Foram meus filhos os que primeiro viram fixarem-se imagens na camara-escura, imprimirem-se desenhos e escriptos com o emprego da luz solar, como agente, quando nem do culto Parisiense era ainda conhecido o maravilhoso invento de Daguerre!

Facto este realisado em 1834 por um dos filhos

da inspirada Italia, (1) quando, aqui suspendendo, ainda joven e entusiasta, a sua peregrinação artistica pelas provincias de S. Paulo, Matto-Grosso e Gran-Pará, então quasi desconhecidas do europeu, fundára a familia que do seu nome se honra, e generosamente se identificára de coração e de alma com a terra de seus filhos, a qual, vai para dois annos, guarda-lhe os restos mortaes com saudosa memoria... Seu nome, Hercules Florence, escusado seria dizel-o para campineiros, e para muitos distinctos brasileiros e estrangeiros.

O nome da nova arte, depois firmado—Photographia—naquella data foi apropiadamente ligado á invenção pelo nosso sabio botanico e distincto chimico, Corrêa de Mello, que com interesse acompanhava-lhe as experiencias e tentativas diversas, só faltando o que hoje chamam o—banho—(hyposulphito), quando a ambos veio surprehender a importante noticia da bella descoberta de Daguerre, mais favoravelmente collocado n'um fóco de sciencias e artes, simples accidente, sim, que em nada diminue-lhe a merecida gloria, mas que deixa suppôr no nosso inventor não menor engenho e faculdade inventiva.

E é simplesmente a esta fundada conclusão que tenho procurado chegar, illustre amigo, alludindo ao simples factó historico, hoje de méro interesse particular a Campinas; pois de outras importantes invenções foi meu pai o autor, desajudado das circumstancias, mas apresentando sobejas provas que, no dominio da arte, dão todo o cunho de verdades cardeaes aos principios em que assentam suas descobertas, pela experiencia, embora ainda não perfeita n'algumas.

(1) Vide a nota 2 á pag. 442

Tão dominado era o seu espirito inventivo da idéa, por demais absoluta, raro sancionada na pratica, de que deve o verdadeiro inventor—basta-se a si mesmo no exílio, no abandono, na perseguição mesma, que d'isso resultou o ser a sua existencia um singular quadro de porfiada luta com o destino, revelando-se por vezes a mais provada força de alma, até mesmo á abnegação heroica!

E deu-se mais,—precioso resultado!—o terem as suas invencões, por particular cunho característico—e mais rigorosa simplicidade de meios, visando os mais amplos e fecundos resultados.

Assim é que, nos seus processos de imprensa, nascidos da precisão de publicar no exílio de então (ha 50 annos atraz) uma interessante Memoria, ou estudo sobre a voz dos animaes, com o título de—*Zoophonia*—e outros importantes trabalhos trazidos de sua longa viagem; nos seus processos de imprensa, digo, domina o facto da simplicidade, já na superficie de impressão, papel ou tecido permeavel á tinta, ou ás tintas, na—*Polygraphia*.—ou á substancia chimica de impressão, reduzida a pó subtil em suspenso, na—*Pulvographia*,—já no simples emprego da penna, do lapis, ou do pincel para a gravura ou desenho da chapa ou fôrma, verdadeiro *cliché* da espessura de uma folha ordinaria de papel, de que se póde guardar bom numero n'uma pasta, para de novo servirem.—Fornecimento de tinta ou de côres para indefinida tiragem na—*Polygraphia*—que entretanto exige uma simples prensa, o que determinou, para maior simplicidade (pensamento dominante no seu exílio artistico) a procura da—*Pulvographia*—supressão completa de prensa ou pressão qualquer, impressão simultanea de diversas fôrmas do maior formato desejavel, e possibilidade de dur aos

impressos de toda a dimensão o aspecto dos photographados, quer na gradação das tintas, quer na finura ou suavidade dos tons.—Desenho ou escripta no sentido recto, tanto n'um como n'outro processo; barateza de materiaes e de substancias de impressão, ao ponto de poderem as mais desherdadas classes ornar suas toscas moradas com as bellas copias das mais celebres produções dos mestres, ornando assim o espirito, até agora sequestrado de qualquer educação artistica.—Parece-me estar ainda ouvindo as inspiradas phrases, cheias de generosa crença humanitaria, com que prophetisava aquelle espirito de eleição, no circulo intimo dos seus, o rapido cultivo e suave melhoramento do homem rude do povo, e da sociedade em geral, pelo poderoso influxo dos primores d'arte profusamente vulgarisados!

Tambem nunca subordinou-se o seu genio a outros calculos, que não os de uma nobre ambição de contribuir, antes de tudo, para o bem dos homens, muito embora desconhecidos!...

E não é que foi-se, meu amigo, o nosso limitado espaço, sem que tenha eu dito ainda palavra sobre o *Papel inimitavel?*

Outro importante invento, de complicadissimo desenho polychrôme por um só aperto de prensa em cada prova ou exemplar, destinado a garantir contra as falsificações quaesquer valores em titulos, e, por meio de rotulos ou etiquetas inimitaveis, os productos de industria, fabricas etc., bem como a propriedade litteraria, tendo os livros por forro interno das capas um papel inimitavel, cujo preço pouco deve exceder ao do simples marmoreado. E' este invento susceptivel de melhoramentos já previstos. Nada disse eu tambem dos—*Typos-Syllabas*—já conhecidos do meu amigo, e

que, talvez, melhor se prestem ainda á tão procurada composição por meio da electricidade, ao que parece, alcançada já, segundo recentes noticias publicadas pela imprensa.

Nem lhe fallo por agora da interessante collecção de desenhos originaes da viagem fluvial de S. Paulo ao Pará; nem dos valiosos manuscriptos relativos á mesma, ás suas descobertas e respectivas experiências; nem sobre a interessante idéa de uma nova ordem architectonica com o nome de—*Palmirica* ou *Braziliana*—de que temos uma Memoria illustrada, apresentando um gracioso artistico realmente attrahente pela engenhosa combinação das bellas formas que offerece a rica ordem das Palmeiras do Brazil, esplendida em variedades e elegancia, talvez um sonho de poeta, (que o era elle) mas então um lindo sonho!

Nem do emprego de um novo excipiente na pintura a oleo, de um effeito tal para o vigor das sombras, que d'elle resulta nos claros o maior realce, e no todo, o idéal artistico mais aproximado á natureza, tanto na paisagem, como nos quadros de genero.

Reataremos, porém, meu amigo, opportunamente, si lhe aprouver, e mais detalhadamente, este assumpto, para mim sempre cheio de interesse. Por agora queira desculpar-me da extensão a que chegou o que devia ser uma pequena noticia, e que aliás bem mal alinhavada vae. E creia-me sempre

Seu aff.º am.º e obr.º

AMADOR FLORENCE. (1)

Campinas, 20 de Novembro de 1880.— (*Almanach Litterario* de Campinas para o anno de 1881).

(1) Vide a nossa nota á pag. 501 d'este livro.

ANNEXO n. 2, ás pags. 49 e 330.

O Barão de Langsdorff

Georg Heinrich von Langsdorff nasceu em 1774 e, segundo observou o sr. visconde de Taunay, (1) alguns o dizem oriundo de Laisk, na Suabia, e outros de Brisgau no Grão ducado de Baden. Doutor em medicina pela Universidade de Goettingen, acompanhou aos 23 annos o principe de Waldeck para Portugal, onde introduziu o uso da vaccina. Depois da morte do principe foi contractado pela Russia e fez parte da expedição do capitão Krusenstiern, que no anno de 1803 partiu para Kamschatka, e no de 1807 regressou á Europa, passando pela Siberia; uma outra missão o levou para o Brazil, onde ficou, na qualidade de consul geral da Russia no Rio de Janeiro.

Agraciado com o titulo de conselheiro de Estado, membro da Academia das Sciencias de S. Petersburgo e outras associações, Georg Heinrich von Langsdorff, na opinião de Ferdinand Denis, (1) *était un savant connu par sa science consciencieuse.*

Temos noticia das seguintes produções d'esse illustrado viajante:—«Observations faites dans un voyage autour du globe de 1804 à 1807 (Francfort—1812 —2 vols. in-4º)»; *Plantes recueillies pendant le voyage des russes autour du monde de 1810 à 1813 (Tübingen —2 vols. in-fo)*» e o folheto de propaganda a que já

(1) Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo 38, anno 1875.

(1) L'Univers—Description de tous les peuples—Brésil, etc. Paris—Firmin—Didot Frères, éditeurs—1839.

temos feito allusão «Mémoire sur le Brésil pour servir de guide à ceux qui désirent s' y établir», etc.

Ignoramos quando chegou ao Rio de Janeiro, mas sabemos que foi visitado em 1817 pelos srs. Spix e Martius (1), em 1818 pelo dr. Johann Christian Mikau (2) e em 1819 por Theodor von Leuthold (3) e James Henderson. (4)

Pensamos que seguiu para a Europa em 1820.

O dr. Pohl (5) pondera que já se achava lá em fevereiro de 1821, ocasião em que recebeu o encargo de organizar uma commissão scientifica para estudar o interior do Brazil. Em dezembro de 1822 foi visitado no Rio de Janeiro por Maria Graham (6).

Não é facil determinar exactamente onde residia elle na capital.

James Henderson diz que habitava perto de Mattacavallos, um pouco acima do aqueducto da Carioca, na montanha, ao pé do Corcovado, no pequeno valle das Laranjeiras, observa Maria Graham, sob a vertente da cadêa de morros que da cidade se estende para NE, como se lê no livro de Spix e Martius, que se mostraram encantados por tão poetico *bueno retiro* no meio dos bosques, com magnifica vista sobre a cidade e parte da bahia.

(1) Obra já citada.

(2) *Kinder meiner Lanne, etc.*—Prag—bei Berrosch und André—1883.

(3) Obra já citada.

(4) *A History of the Brazil, etc.*—London—Published by Longmann, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green—Paternoster Row—1828.

(5) Obra já citada.

(6) *Journal of a Voyage to Brazil*—London—Printed for Longmann, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green—1824.

Encontrava-se allí conversação animada e espirituosa, abrilhantada pelo talento musical das senhoras, coadjuvadas por Neukom, o organista da Princeza D. Leopoldina, depois Imperatriz e Augusta mãe do sr. d. Pedro II.

Era esta casa hospitaleira para os estrangeiros um ponto de reunião muito agradável; jámais se tinha visto no Rio de Janeiro egual conjuncto de naturalistas e pessoas distinctas.

Em 1818 Langsdorff coadjuvou o dr. Mikau com a complacencia de verdadeiro compatriota.

No anno de 1819, em homenagem á officialidade de um vaso de guerra russo, Langsdorff deu na sua chacara um grande baile, onde Theodor von Leuthold vio senhoras russas, austriacas, inglezas, hespanholas e portuguezas.

Os trabalhos scientificos não eram descuidados; Langsdorff fazia constantes excursões pelo interior, isto é, nas immediações do reconcavo guanabarensense, caçando specimens diversos, e só de borboletas chegou a reunir 1600 variedades.

A proposito occorre-nos que o conde da Barca, sendo ministro, encommendara ao commandante de uma força militar contra os indigenas em Minas-Geraes, um craneo para o professor Blumenbach; mas na falta do objecto pedido, o official enviou 2 botucudos que aprisionára; um d'elles, cedido ao sr. de Langsdorff, foi visto na fazenda «Mandioca» por Spix, Martius e Henderson. Auxiliar muito prestimoso e dedicado, esse bugre foi depois enviado á ilha de Santa Helena para juntar insectos, o que fez a contento de seu patrão é, tendo fallecido, foi a sua cabeça remetida para o «Institut National» de Paris, onde talvez ainda se ache.

Durante algum tempo «Mandioca» foi o quartel general dos homens de merecimento, que Langsdorff convidára para desempenho da sua importante missão, a saber : o botânico Riedel, que morreu no Brazil com numerosa descendencia,—Rubzow, astrónomo e official da marinha russa,—Ch. Hasse, zoologo,—Menetries, ornithologo,—e Rugendas, pintor. Este ultimo, apenas chegado ao Rio de Janeiro, desligou-se da commissão, fazendo-se substituir pelo joven Adriano Amado Taunay, a quem foi adjunto Hercules Florence.

A 3 de setembro de 1825 os referidos viajantes seguiram para Santos com destino para Porto Feliz, onde aguardaram por muito tempo a chegada do chefe que se demorára no Rio, provavelmente por causa da liquidção de seus negocios particulares.

A commissão, ainda desfalcada com o suicidio de Ch. Hasse, pode, finalmente, continuar o seu itinerario pelo rio Tieté, que principiou a descer no dia 22 de junho de 1826, em grandes canoas propositalmente construidas, e a 30 de junho de 1827 se achava reunida em Cuyabá, onde tinham chegado primeiro Riedel e Taunay.

Ao mesmo tempo que Riedel e Taunay caminhavam para Villa Bella de Matto Grosso, Rubzow e Florence marchavam para Diamantina e Langsdorff permanecia em Cuyabá, onde deu provas de desarranjo mental, vivendo de um modo assaz irregular.

L'homme propose et Dieu dispose !

Arrebatado pelas ondas, enquanto atravessava a nado o rio Guaporé, a 5 de janeiro de 1828, afogou-se Adriano Amadeu Taunay, perdendo o Brazil um moço de mui futuroso talento.

Langsdorff, que sahira de Cuyabá a 5 de dezembro do 1827, teve de parar alguns mezes n'um pequeno

porto do rio Arinos, estando já com Rubzow que, também adoentado e verificando a incapacidade de seu chefe, conduziu todos pelos rios Juruena e Tapajoz á villa de Santarem, alcançada em principio de 1829, de onde enviou um proprio para informar Riedel do que succedera, não podendo mais ser questão de subir o rio Negro e visitar as Guyanas.

Apezar, pois, da boa escolha do pessoal e da competencia de G. H. von Langsdorff, a commissão não cumpriu completamente o que pretendera e despendeu sem grande proveito cerca de 88.000 francos, representando somma assaz avultada n'aquella época.

O diario da viagem, feito por Hercules Florence, reproduzido na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* (tomo XXI, anno 1875), contém detalhes que seriam aqui descabidos.

Nada se sabe de positivo a respeito das observações e calculos astronomicos de Rubzow. Constou que desenhos e colleções phytologicas foram recolhidas ao museu de Petersburgo. De Cuyabá também se havia remetido ao sr. Külchen, vice-consul da Russia no Rio de Janeiro, afim de envia-la para Petersburgo, certa quantidade de notas, desenhos e plantas.

Não chegámos a saber como foi o sr. de Langsdorff transportado para a Europa; é, porém, conhecido que desde 1829, até seu fallecimento em 1852, alli se manteve com a pensão annual de 11.000 rublos, que lhe fez o governo da Russia. (1)

Ainda na sua publicação feita em 1820, o proprio sr. Langsdorff se intitulava «chevalier». I. Friedrich von Weech também se refere ao *Chevalier* G. H. von Langsdorff no livro que fez imprimir em Ham-

(1) Vide a pags. 330-332.

burgo no anno de 1828 (1), emquanto que o sr. visconde de Taunay e tambem Pierre Larousse (2) dizem que era barão, acrescentando este ultimo que pertenciam á mesma familia o referido barão G. H. de Langsdorff, ao serviço da Russia, e o barão Emile de Langsdorff, diplomata francez, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Rei Louis Philippe, que funcionando como official do estado civil, assignou a escriptura do contracto de casamento do Principe de Joinville com a Princeza D. Francisca, do Brazil, a 1 de maio de 1843 no Rio de Janeiro.

(*O Jubileu de Petropolis*, 1893, por HENRI RAFFARD, pag. 27 a 31.)

(1) *Braziliens gegenwärtiger Zustand und Colonial System*,—Hamburg—bei Hoffmann und Campe—1828.

(2) *Grand Dictionnaire Universel du XIX siècle*, etc.—Paris—1873.

Tambem Guérin, *Dictionnaire des Dictionnaires*, tomo 4º, á pag. 970, columna 8.ª

ANNEXO N. 3, ao capítulo 4º da 3ª parte.

Alvares Machado no Sul

26 DE OUTUBRO DE 1840

Regras para concessão da amnistia

O marechal de campo, presidente e commandante das armas d'esta provincia, abaixo assignado, estando prevenido de que o Exmo. Sr. deputado pela provincia de S. Paulo, Francisco Alvares Maxado, vem encarregado em particular de aplinar quaesquer difficuldades, que possam ter os rebeldes para acceitar a amnistia concedida por S. M. o Imperador, e tendo recommendações nas suas instrucções particulares, ultimamente recebidas, para salvar em qualquer ajuste a dignidade da corôa imperial, julga do seu dever estabelecer as regras seguintes:

Todos os individuos envolvidos na rebellião, quaesquer que sejam os seus crimes commettidos em actos da mesma rebellião, ou por motivos d'ella, podem voltar ás suas casas, permanecerem n'ellas em paz, sem que auctoridade alguma os possa inquietar por seus crimes.

Os que tiverem postos no exercito, ou empregos publicos, ficarão no gozo dos mesmos postos, e ordenados dos empregos, percebendo os seus soldos e ditos ordenados desde o dia que se apresentarem, ainda que não possam entrar no exercicio de suas commissões ou empregos, por estarem dados a outros.

Não se reconhecem de modo algum postos ou empregos adquiridos entre a administração dos rebeldes, e em geral não se reconhecem sinão os postos e empregos legalmente adquiridos antes da rebellião.

A todos que quizerem sahir d'esta provincia para outra qualquer do imperio, compromette-se o governo a dar passagens a elles e suas familias, e a dar-lhes guias para haverem os seos soldos, e ordenados, a que tenham direito, nas provincias para onde fôrem.

Não estando comprehendidos no perdão concedido aos desertores de 1^a e 2^a deserções simples os que têm desertado para as fileiras dos rebeldes, o marechal toma sobre si julgar deserção não complicada a 1^a e 2^a deserções, ainda sendo com armas, e para os rebeldes, uma vez que nenhum outro crime anterior tenha aggravado o acto da deserção, e em consequencia reputa perdoados a todos os que n'estas circumstancias estiverem servindo entre os rebeldes.

Todos os escravos, que se acharem hoje servindo nas fileiras dos rebeldes, não voltarão mais ao poder de seos senhores, e serão comprados pelo governo, e divididos pelas diversas provincias, para serem empregados nos arsenaes, segundo seos officios, recebendo a ração diaria, segundo as etapes do exercito, menos a ração de aguardente, e 30 réis diarios para vestuario.

A aquelles que preferirem voltar á costa d'Africa serão para ali mandados á custa do governo, e lá postos em liberdade, com a pena de tornarem a ser escravos da nação, si voltarem ao Brasil.

Sendo estas condições o mais amplo possivel, sem offensa da dignidade e integridade do imperio, e não estando o governo de S. M. inhabilitado para acabar a rebellião pela força das armas, deve entender-se, que tudo quanto se concede é um acto de generosidade e clemencia, preciso unicamente aos que têm tido a desgraça de fazer guerra a sua mesma patria.

Para clareza reciproca foram feitas duas declara-

ções iguaes, que tambem assigna o Exm. Sr. Francisco Alvares Maxado.

Palacio do governo em Porto-Alegre, 26 de Outubro de 1840.

Francisco José de Souza Soares d'Andréa.

Francisco Alvares Maxado.

(Copia do original)

14 DE DEZEMBRO DE 1840

*Dá conta da proclamação aos Rio-grandenses
sobre a amnistia*

Illm. e Exm. Sr.

Desenganado de que os rebeldes pretendiam illudir a boa fé do governo imperial, ganhando só tempo para paralyzar as operações do exercito, e não para aceitar a amnistia que S. M. o Imperador com tanta benignidade lhes concedia, publiquei no dia 11 do corrente a inclusa proclamação, e grande satisfação terei, si minhas expressões fôrem approvadas pelo mesmo augusto senhor.

Deus guarde a V. Ex.

Palacio do governo em Porto-Alegre, 14 de Dezembro de 1840.

Illm. e Exm. Sr. Antonio Carlos Ribeiro d'Andrada Machado Silva, ministro e secretario d'estado dos negocios do Imperio.

Francisco Alvares Maxado, presidente.

(Copia do original)

11 DE DEZEMBRO DE 1840

Proclamação annunciando a regeição da amnistia pelos rebeldes e exhortando os Rio-grandenses a unirem-se para firmar a paz.

Brazileiros Rio-grandenses !

Elevado ao throno de seus maiores o Sr. D. Pedro segundo, seu primeiro desejo foi vêr em torno de si todos os Brazileiros ; tirou por isso de seu magnanimo e religioso coração a mais ampla, a mais comprehensiva amnistia, que ao lado da força foi apresentada aos rebeldes d'esta provincia, e muitos d'ella se utilisaram para regressar ao seio da patria e gosar o melhor e mais suave de todos os governos.

Os caudilhos, porém, da rebellião, ingratos a tantos beneficios, sinceridade e bõa fé de todos os monarchistas generosos, ousaram impôr condições ao governo do imperio, e eu, delegado do governo, idolatra do monarcha, defensor da honra e do decóro da corõa imperial, as regeitei de improviso, ou antes não vi suas insensatas exigencias, que poem além de toda a prova suas malignas e perversas intenções.

E' certo que, avesados na carreira dos crimes, sevicias e affrontas á humanidade, insensiveis aos gemidos d'esta patria, que dismantellam por entre toda a sorte de horrores e crueldades, não deixam os rebeldes a anarchia, sinão diante da força, pois conseguirão o que não póde a clemencia do monarcha, a razão e a humanidade.

Brazileiros Rio-grandenses ! A propriedade e grandeza d'esta provincia na paz outr'ora tão florescente, a alegria de seus filhos gosada docemente á sombra do governo imperial, tudo, tudo desapareceu diante

do estandarte da revolta, esteiada pela mão da barbaridade.

Pobreza, miseria, desolação, incendios, mortes, continuas affrontas, aturados sobresaltos ás familias, eis os fructos, que a esta provincia deu em troco a facção republicana, composta de barbaros e degenerados filhos seus.

Mas o imperio da lei vai firmar-se, e com seu triumpho repousará a foragida prosperidade.

As denodadas phalanges legalistas, guiadas por um bravo e leal Brasileiro, que arde em nobres desejos de repellir o crime e sustentar os direitos do Sr. D. Pedro Segundo e a paz do imperio, já se avança a esses bandos de brasileiros desorientados pelos caudilhos ingratos ao monarcha, infensos á tranquillidade, e inimigos da bem entendida liberdade.

Nosso exercito, superior em numero, disciplina, valor e patriotismo, sustentado pelo amor da patria e justiça de nossa causa, em breve restituirá a paz a esta bella provincia.

Os recursos do Brazil são immensos, a divina Providencia véla sobre a sorte do imperio de Santa-Cruz; o Sr. D. Pedro Segundo dirige nossos destinos; todos os Brasileiros se levantam para suffocar a idéa da anarchia em seu proprio berço; o triumpho é infalível, e a paz e a tranquillidade pousarão de novo n'estes campos desolados.

Brazeiros Rio-grandenses, invenciveis defensores d'esta heroica cidade de Porto-Alegre, Rio-Grande e São-José do Norte! Habitantes da campanha, cidadãos armados, bravos guardas nacionaes! reuni-vos todos em um só pensamento, monarchia constitucional representativa, integridade do imperio e paz publica.

Arrede-se para longe de vós todas as dissensões, reuna-se a familia legalista, e toda ella unida em abraço fraternal, aponte a espada ao inimigo, e conculque a intriga, que elle derrama entre nós para nos dividir e fraccionar.

Brasileiros! Viva a nossa santa religião!

Viva o nosso imperador!

Viva a nossa constituição!

Viva a imperial familia!

Viva a fidelidade do exercito e da marinha brasileira!

Guerra aos rebeldes inimigos da monarchia, da paz e do socego publico!

Palacio do governo em Porto-Alegre, 11 de Dezembro de 1840.

Francisco Alvares Machado, presidente da provincia.

(Impresso avulso)

8 DE DEZEMBRO DE 1840

Recusa de proposta das condições dos rebeldes para a paz

Illmo. Sr. coronel Bento Gonçalves da Silva.

O imperador do Brazil, que nunca acceitará condições de nação alguma, por mais rica e poderosa que seja, muito menos as receberá de uma parte dos seus subditos desviados da estrada da lei.

Não foi para deslumbrar a corôa imperial que os Brasileiros collocaram o sr. D. Pedro Segundo sobre o throno de seos maiores, em torno do qual permanecerão eternamente reunidos.

A bondade inexaurivel de S. M. I. apresenta ao

lado da força todos os meios de reconciliação e brandura; tudo quanto o homem sincero e franco pôde desejar, encontrará nos decretos de amnistia, na proclamação de S. M., e nas instrucções, que me regem.

Quando um subdito leal pudesse mais pretender, devia primeiramente render-se ao melhor de todos os monarchas, e aguardar depois de sua magnanimidade suas graças, que, exigidas com character de condição, devem necessariamente ser repellidas.

Delegado do governo e verdadeiro amigo do throno de S. M., não posso consentir em qualquer conferencia, sinão depois que V. S. e seus companheiros se declararem subditos do imperio, e n'esse caso a conferencia devia versar sobre o modo de regressarem ás suas casas aquelles que o seguem: é este o sentido em que admittia eu a conferencia.

Não é o governo do imperio a quem toca escolher a conciliação ou a guerra; é a V. S. e seus amigos que pertence optar.

Subditos do Imperio e obedientes ao Sr. D. Pedro Segundo, nenhum temor fundado lhes resta: eu os receberei como irmãos, os factos occorridos com Onofre Pires, e esse sem numero de prisioneiros apresentados, fallam de uma maneira bem clara e categorica.

Rejeitando, porém, a amnistia, ou querendo impôr condições ao monarcha, é V. S. quem entrega á sorte das armas esta provincia, que o vio nascer; e então fica-me o pezar de que corra ainda, não por culpa minha, o sangue brasileiro.

Sou, com a devida consideração, de V. Ex. patricio muito attencioso, venerador e obrigado

Francisco Alvares Maxado.

P. S. Manuel Ribeiro de Moraes, official de linha, desertor do exercito brasileiro, pernoitando n'esta cidade, passando impunemente pelo meio de nossas forças, vae, portador d'esta, explicar-lhe verbalmente o modo religioso, com que foi observado o salvo conducto de meu antecessor, e dizer-lhe que não foi perfidamente assassinado.

Porto-Alegre, 8^o de Dezembro de 1840.

(Archivo publico)

ANNEXO N. 4, à pag. 413, nota.

Les oiseaux parlent

Do diário parisiense *Le Petit Caporal*, organe nationaliste de l'Appel au Peuple, anno XXV, numero 204, de segunda-feira, 23 de Julho de 1900, estrahimos o seguinte artigo scientifico sobre a *Zoophonia* :

Dans la *Revue des Revues*, M. Michel Bréal, de l'Institut, traite la question du « langage des oiseaux ».

Nemours avait noté cette observation :

Les corbeaux m'ont coûté deux hivers et grand froid aux pieds et aux mains. Voici ce que j'ai recueilli de leucri, qu'on croit toujours le même, quand on l'écoute rarement et avec distraction.

cra	cré,	cro,	crou,	crouou.
grass,	gress,	gross,	grouss,	grououss.
craé,	créé,	croa,	croua,	grououss.
crao,	créé,	croé,	croué,	grououss.
croou,	créo,	croo,	couo,	grououss.

M. Michel Bréal commente, en linguiste :

Arrêtons-nous ici et regardons de plus près cette notation, que nous supposons fidèle, au moins en ses lignes principales. C'est déjà quelque chose si notre auteur est parvenu à une exactitude relative : rien n'est plus difficile, on le sait, que de retracer les mots d'une langue inconnue. Il semble qu'on entende toujours la répétition des mêmes sons. L'intelligence du langage est presque indispensable pour en percevoir le détail. De plus, la différence que les organes des bêtes mettent entre elles et nous rend l'audition encore plus difficile.

Ces réserves une fois faites, nous avons deux observations à présenter sur le document linguistique qu'on vient de lire. Nous y constatons deux choses :

1°. La répétition régulière de la consonne ou des consonnes du commencement :

2°. Une alternance non moins régulière de la voyelle.

Je n'ai pas besoin de dire que la répétition n'est point particulière à la seule espèce des corbeaux. Elle est, à vrai dire, la loi générale de la langue des oiseaux et, plus généralement encore, de la langue animale. Je cite, d'après l'article de la *Revue des Revues*, le rossignol : *zquo, zquo, zquo, zquo*. Le loriot : *jack, jack*. Le moineau en danger : *tell, tell*. Chaque lecteur peut aisément compléter ce vocabulaire. Certains oiseaux en ont tiré leur nom.

La colombe s'appelle chez les Romains *turtur*, le chat-huan *ulala*. Nous avons notre *coucou*. Pourquoi cette répétition ? Je ne crois pas qu'il faille l'expliquer par un besoin d'affirmer d'une façon plus expresse. J'y soupçonne une cause toute physique : les organes de la parole, étant une fois en mouvement, continuer que de les mettre au repos. Dès lors qu'ils sont partis, ils fonctionnent jusqu'à nouvel ordre. Le son final, sorte de conclusion involontaire, qu'on remarque chez la plupart, vient de l'effort qui leur est nécessaire pour mettre un terme à leur ramage.

Voyez aussi les enfants : ces mots de *papa, maman*, (tous les parents ont pu s'en assurer), ont été découpés sur le ruban sans fin qui sort de la bouche des bébés. On n'a donc pas eu tort de comparer leur langage à un gazouillement.

Quant au changement de la voyelle, il a également une cause psychologique. La différence de qualité des voyelles (*a e i o u*) tenant uniquement à la dilatation plus ou moins grande du gosier, l'oiseau, sans

modifier la position de ses organes, sans rien changer à ses mouvements, peut varier son débit, rien qu'en ouvrant ou en resserrant sa gorge. C'est ainsi que s'explique le *cra*, *cré*, *cro*, des corbeaux, le *sik sak* du vanneau, et tant d'autres cris alternés de même sorte.

Venons maintenant au langage humain. A l'étage inférieur de la parole humaine, nous trouvons la répétition. Un célèbre linguiste, professeur de son vivant à l'université de Halle, A.-F. Pott, a écrit sur la répétition ou gémiation un livre plein de renseignements tirés de toutes les langues du globe. Le Cafre qui dit *tja tja* pour «glisser» ou *njo njo* pour «briser» ne fait pas autrement que les corbeaux; il n'y a qu'un degré de précision en plus. L'alternance de la voyelle se rencontre régulièrement.

En dajacke (langue de l'Océanie) *yulang yulang* signifie «tourner», *bitangbolang* «dispenser». Il ne faudrait pas croire que ce procédé ait disparu de nos langues civilisées: il est encore fréquent dans les idiomes germaniques. Ainsi, en Allemand *nirwar* signifie «confusion», l'anglais *kniek-kuack* s'emploie pour une chose de peu de valeur. Le français, avec raison, n'abuse point de ce procédé quelque peu enfantin et primitif. Mais on le trouve dans quelques locutions familières.

Il se retrouve, quoique très atténué et dissimulé, dans la grammaire des langues anciennes. En un récent travail sur les commencements du verbe indo-européen, je disais que toutes les formes de la conjugaison, les formes du *parfait* me paraissent les plus anciennes.

Je voyais dans le redoublement de la racine un moyen d'affirmer avec plus de force: *op-ôpa* «je vois»,

me-min-i «je me souviens», *hai-hald* «je tiens». J'avoue que je ne songeais pas à chercher du côté des animaux une confirmation à mon idée. Mais pour venir d'un peu loin, cette confirmation n'en est pas moins la bienvenue.

Quand le Latin fait de *pe-pul-i* une forme du verbe *pello*, quand le Grec fait de *di-dô-mi*, le présent du verbe «donner», il obéit, d'une façon discrète, et comme par simple allusion, au même instinct qui règne sans partage à un degré inférieur de l'échelle des êtres. Sans vouloir nous targuer d'une supériorité qu'il y aurait mauvaise grâce à proclamer trop haut et qui n'est, d'ailleurs, pas sans compensation, puisqu'il nous faut apprendre laborieusement des langues souvent moins harmonieuses, nous pouvons dire que l'homme a fécondé ce procédé et l'a rendu digne de lui, en lui infusant des significations distinctes, telles que d'indiquer la fréquence ou l'intensité de l'action ou de marquer une idée de présent ou de passé.

Mais je crois que la langue des oiseaux peut nous fournir encore d'autres enseignements.

D'abord, en ce qui concerne ce que nous appelons les *racines*. Au-delà de ces racines, soit monosyllabiques, soit dissyllabiques, on ne voyait plus rien : on les considérait comme des blocs irréductibles avec lesquels avait été construit, aux époques primitives, l'édifice du langage. A ces racines on attribuait une signification nette et tranchée, quelquefois même une signification abstraite, qui leur aurait appartenu de toute antiquité. Il faut, je crois, modifier cela quelque peu. Ces racines sont déjà un produit de l'attention et de la concentration d'esprit, elles sont le résidu des discours plus ou moins longs, assez semblables à ceux

que Dupont de Nemours croyait comprendre et interprétait de cette façon: *Droite, gauche, en avant, halte, garde à vous*... Voilà les vraies racines.

Plus anciennes encore sont les phrases qui se rapportent à ce que nous appelons au jour d'hui des «états d'âme», l'amour, la colère, l'hostilité. On y peut joindre quelques commandements, pour lesquels il est inutile de se demander comment ils pouvaient être compris, car ceux qui les émettaient, en vrais conducteurs de peuples, s'adressaient l'ordre à eux-mêmes en même temps qu'aux autres, de sorte qu'un commencement d'exécution ne permettait pas le doute.

Une dernière question. La langue des animaux comporte-t-elle des dialectes? Dupont de Nemours répond oui, sans hésitation, et, je crois, avec raison. La facilité avec laquelle certaines espèces d'oiseaux apprennent le ramage d'espèces voisines doit donner à penser que les mélanges dialectaux sont possibles, et si des parents ces mélanges se transmettent aux enfants, ils ne peuvent manquer de s'aggraver, car il s'y ajoute avec le temps toutes les chances de modification que peuvent amener les émigrations, les changements de climat et de séjour. Mais notre expérience est trop récente, et nos organes sont trop peu exercés pour posséder dès à présent les matériaux de cette sorte de grammaire comparée.

Nous pouvons dire toutefois que l'idéal d'une langue absolument homogène, cet idéal sur lequel tant de philologues ont déraisonné de nos jours, ne se trouve sans doute pas plus chez les animaux que chez les hommes. Mais où j'aime à croire que les animaux nous sont décidément supérieurs, c'est sur ce point qu'ils ne se battent point pour une différence de langage et que probablement ils n'y attachent aucune idée de supériorité.

ANNEXO n. 5, á pag. 418.

Polygraphia

A Commissão nomeada, em 8 do corrente mez, para informar sobre uma nova invenção do sr. Hercules Florence, de Campinás, intitulada—Polygraphia—, por meio da qual pretende, entre outras utilidades, dar ao papel a qualidade de inimitavel, havendo attentamente lido o memorial que acompanha varios exemplares do dito producto, e examinado minuciosamente estes com o microscopio, que patentea a multiplicidade e harmoniosa fusão das côres e linhas; tendo aliás procurado esclarecer-se com a opinião de diversos negociantes e pessoas praticas da factura e usos dos papeis de credito, por ser a materia complicada, e mais commercial e industrial, que artistica, não querendo com tudo declinar a sua competencia, visto a estreita conexão do assumpto com a gravura das chapas de aço: expõe o sua convicção de que:

- 1º Si houver impossibilidade, mesmo para o inventor, de fazer duas chapas iguaes (d'onde resulta a perfeita segurança contra as falsificações) vindo o *acaso*, pelo que parece, a ter, na formação das figuras e sua coloração, a mesma parte que elle tem na fracturação das chapas de aço, cujos pedaços irregulares, reunidos ao depois em uma virola, fazem, em certos paizes da Europa, um typo inimitavel, para a impressão dos bilhetes do banco.
- 2º Si as tintas forem indeleveis, como diz o autor podê-lo facilmente conseguir: servindo esta qualidade de garantia contra o effeito da fricção con-

tinuada, e o perigo da acção da agua, sobre os bilhetes que ella possam ser expostos.

- 3º Finalmente, si os materiaes tão baratos, o trabalho tão simples e mecanico, a extracção das provas (isentas de qualquer signal de pressão) tão comoda e ao mesmo tempo tão numerosa (sem enfraquecimento de côr até o fim) como se affirma no memorial; deve-se reconhecer a importancia do invento.

Elle poupa as grandes despezas da impressão dos papeis de credito. Com effeito, os simples caracteres do typo romano impressos sobre a parte polygraphada do papel, offerecerão ao criterio dos mestres e louvados, e mesmo á observação superficial do publico, maior numero de pontos de comparação e circumstancias preventivas da fraude, que não os traços de fractura nas chapas preciosas : suppondo, todavia, que seja possivel faser coincidir constantemente em todos os pontos a impressão typographica com a polygraphada.

A redacção, talvez precipitada, do memorial dá lugar a duas observações da Commissão : 1º o inventor menciona na setima linha da segunda pagina, a *grande* similitude das provas : devia ter dito a exacta, a completa similitude, que é uma condição indispensavel ; 2º diz na linha vigessima-nona da terceira pagina que o fabricante de uma chapa não poderia fazer outra igual, por lhe escapar a lembrança da multiplicada successão de transitos, por que operou a composição da primeira : mais deve tbem haver impossibilidade de se fazer duas iguaes ao mesmo tempo. Isto, a fracturação das chapas de aço o dá ; e o sr. Hercules Florence, menos n'este lugar, parece attribuil-o a sua invenção.

Em resumo, a Comissão, deixando de parte os outros ensaios, cuja imperfeição é notada pelo mesmo inventor, por serem os primeiros passos de uma arte nascente, nem se occupando com os varios contingentes futuros da mesma, louva a constancia do sr. Hercules Florence, em proseguir na sua idéa, no meio das difficuldades e privações de instrumentos e materias, que elle soffre, desde 1830; e faz votos sinceros para que receba os auxilios que lhe são necessarios, e que serão talvez productivos de um melhoramento notavel no ponto de maior interesse, para o mundo commercial e industrial, a inimitabilidade dos papeis de credito.

Assignado:—Os membros da Comissão: *Augusto Henrique Victorio Grandjean de Montigny, Zeferino Ferrez e José da Silva Santos.*

Palacio da Academia das Bellas Artes em 22 de Novembro de 1843.

Está conforme. (1)

JOSÉ DA SILVA SANTOS,
Secret.º Inter.º

N. 4. A. 32

Pg. trezentos e vinte rs. de sello.

Camp.ªs 8 de Março de 1845.

J. M. PINTO.—ALVES.

(1) Consevámos a redacção e a punctuação do original.

ANNEXO N. 6 á pag. 340, nota 1.

O Dr. Delfino Cintra

Esta obra ficaria incompleta, si deixassemos de tratar, succintamente embóra, do genro de Hercules Florence, como promettêmos á pag. 340, nota 1. Alguns apontamentos. E nada mais. Em tempo opportuno, desenvolveremos o assumpto. Aqui fica a promessa: e ella será cumprida.

Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra nasceu na capital da provincia de S. Paulo, a 20 de Agosto de 1838. (1)

Era filho do Dr. Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra, natural de Minas Geraes, e de D. Antonia Benedicta da Silva Cintra, d'esta capital.—Descende da historica familia dos Ullôas, oriunda de Castella. Em Ouro-Preto existem documentos comprobatorios da alta linhagem e da antiguidade de sua familia. (2)

Seu pai formou-se em Sciencias Sociaes e Juridicas pela nossa Faculdade de Direito no anno de 1834; e conjunctamente com elle: Paula Ramos, Apollinario, Bernardino, Felizardo Pinheiro, Almeida Mello, Sayão Lobato, Queiroz Coutinho, Souza Ramos, Crispiniano, Ramalho, Josino, Nebias, Pimenta Bueno, Carneiro de Campos, Pacheco, Silveira da Motta.

(1) Vide PERFIS PRESIDENCIAES, *O Barão do Jaguára*, 1891, *in princip.*

(2) Vide carta do Padre Antonio Vieira, n. 183, ao Marquez de Gouvêa, sem data.—O Dr. Arnaldo Cintra possúe a cópia de docs. genealogicos valiosos.

O Dr. Delfino Senior occupou os cargos de Juiz Municipal e de Orphans dos termos de Jacarehy e de Mogy-mirim, dedicando-se em seguida á profissão de advogado, em cuja carreira salientou-se por suas luzes e notavel talento.

Foi eleito deputado á Assembléa Provincial desde a primeira legislatura, 1835, até 1858; e prestou serviços importantes em 1842, na defeza da Legalidade contra a impensada e mallograda Rebelião, chefiada pelo illustre Rafael Tobias, e amparada pelas cabeças potentes de Feijó e Gabriel... (1)

Exerceu por muitos annos o cargo de Delegado de Policia, Inspector da Instrucção Publica; e logares de eleição popular.

Militou constantemente nas fileiras do velho e glorioso Partido Conservador, do qual constituiu-se um dos próceres, n'uma época em que os principios e os serviços eram Tudo, e—Nada, as pessoas e as riquezas. (2)

Geração viril! E educada na Escóla da austeridade e do labôr!

Legou á sociedade que adoptára, á sua Familia e a seu Partido, — a tradiçãõ de um character probo, de um chefe acatado e de um legionario fiel.—Qualidades que transmittiu á sua Próle.

Após brilhantes estudos academicos, Delfino Cintra recebeu o gráu de bacharel em Direito em 1858. —Foram, entre outros, seus collegas de formatura: Bal-

(1) Vide capitulo 4º, a pags. 393-400.

(2) *Tempora mutantur, et nos in illis...*

thazar Carneiro, Benjamim R. Pereira, Braz Barbosa, Oliveira Figueiredo, Christiano Stockler, Homem de Mello, Infante Vieira, João Bueno, Ataliba Nogueira, Cortines Laxe, João Braulio, Oliva Maia, Horta de Araujo, Cardoso de Mello, Fernandes Pinheiro, Duque Estrada Teixeira, Tamandaré, Rafael de Barros, Venancio Lisboa, Washington R. Pereira, etc.

Defendeu theses em 1867 — Abriu escriptorio de advocacia em Campinas; e alli casou-se, a 15 de Dezembro de 1874, com a exma sra. d. Angelica de Vasconcellos Florence.

Mais tarde, transferiu seu escriptorio para a capital; e foi advogado do Banco do Brasil.

Militou activamente na politica paulista, nas fileiras do Partido Conservador. Foi deputado provincial em varias legislaturas, a primeira vez em 1866, a ultima em 1887.—Foi deputado geral desde 1876, e foi eleito em 1º lugar com 846 votos, em rude campanha (1); e estava incluido em lista triplice para

(1) Vide AMERICO BRAZILIENSE, *Os Programmas dos Partidos e o 2º Imperio*, 1ª parte, exposiçào de principios (a 2ª parte nunca viu a luz), á pag. 163.—S. Paulo, typ. de Jorge Seckler, 1878.

A apuração feita pela Camara Municipal da Capital á 1º de Dezembro de 1876 foi a seguinte:

1 Delfino Cintra	846 votos
2 Duarte de Azevedo	808 >
3 Rodrigo Silva	762 >
4 Costa Pinto	751 >
5 Mendes de Almeida	713 >
6 Almeida Nogueira	699 >
7 Estevam de Rezende	684 >
8 José Alves	655 >
9 Martim Francisco	591 >
Lopes Chaves	560 >
Americo Braziliense	556 >
Leoncio de Carvalho	466 >

senador, quando sobreveiu a proclamação da Republica no Campo de Sant'Anna.—Quer na Assembléa Pro-

José Bonifacio	440	votos
Moreira de Barros	363	»
Valladão	353	»
Bento de Paulo Souza	291	»
Pedro Vicente	278	»
Rodrigues Alves	217	»
Frederico Abranches	196	»
Sá e Benevides	159	»
A. M. dos Reis	58	»
Antonio Carlos	30	»
Homem de Mello	29	»

O Partido Conservador Governista, para impossibilitar a eleição de Dr. João Mendes de Almeida, mandou suffragar o candidato republicano, que, como republicano só poderia obter uns 50 a 60 votos; e alcançou 556 votos, sacrificando d'est'arte o candidato governista Lopes Chaves e dando entrada na lista dos eleitos ao venerando chefe liberal, Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Vide *A Sentinella*, organ politico-catholico redigido pelo Dr. João Mendes de Almeida, n. 48 de 5 de Novembro de 1876 e 56 de 7 de Dezembro.

«Lucrou o partido republicano alguma cousa n'esta confusão de homens, de principios, de interesses? O que iria representar na Camara dos Deputados o seu chefe? Poderia combater dignamente o governo que o elegêra?

E' triste. E' tristissimo.

O caminho das transacções em politica é sempre a estrada larga para a québra da disciplina e para o enfraquecimento das crenças.

A escola revolucionaria, essa póde ter lucrado, porque desmoralisou o governo e o grupo conservador que o rodêa. Mas, o partido republicano, capaz de ser no futuro o governo, perdeu tudo:—as ambições soffregas o dissolveram, para fazerem dos respectivos eleitores a melhor garantia ou a guarda pretoriana da chapa *official*.

Que jogo! Mas tambem que *fiasco!*»

Era presidente da provincia o honrado sr. dr. Sebastião José Pereira, homem de bom coração, bom magistrado, mas politico mal aconselhado e de vistas curtas.

vincial, quer na Assembléa Geral, assignalados serviços prestou ao seu Partido, á Provincia e á Nação Brasileira. Durante a longa e fecunda administração do Dr. João Theodoro Xavier de Mattos (1872-1875) foi o braço e o cerebro da presidencia d'aquelle Paulista, original e illustrado, que tão fundo sulco deixou nos annaes da nossa terra briosa e independente.

Em 1865 fundára o *Diario de S. Paulo* (1), do qual foi o redactor-chefe, com o Dr. Pedro Taques de Almeida Alvim, um politico intransigente e espirito humoristico, que fôra, em 1858, o fundador do *Azorrague*. (2)

(1) Lafayette de Toledo, em sua excellente monographia—*Imprensa Paulista*, publicada em 1898, escreve :

«O *Diario de S. Paulo* foi fundado pelos Drs. Pedro Taques de Almeida Alvim e Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra, que o redigiram por algum tempo.

Passou depois a ser propriedade do coronel Paulo Delfino da Fonseca, sendo então redigido pelos chefes conservadores da provincia, Drs. Antonio Prado e Rodrigo Silva, deputados, senadores e ministros, Duarte de Azevedo, deputado, ministro e advogado illustre, e João Mendes de Almeida, deputado e jurisconsulto emerito. O coronel Paulo Delfino da Fonseca falleceu em S. Paulo a 25 de Outubro de 1884, como tabellião de notas.»

(2) O mesmo Lafayette de Toledo, um dos mais modestos e meritorios investigadores da Historia Patria, membro do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro e do de S. Paulo, que vive a rabulejar obscuramente em Casa Branca, quando o seu grande merito certamente merece theatro mais vasto e mais digno de suas aptidões, transcreve na sua citada Monographia o seguinte trecho do Dr. Antonio de Toledo Piza, outro paulista illustrado e historiador insigne das coisas paulistas :

«Em 1858 a 17 de Março, appareceu n'esta capital *O Azorrague*, jornal de Pedro Taques de Almeida Alvim. Era

O *Diario de S. Paulo*, em sua primeira phase, prestou muito bons serviços á causa do Partido Conservador. Mais tarde, com outros proprietarios e nova redacção, filiou-se á dissidencia conservadora que, em 1881, montou a empreitada politica conhecida pelo nome de *União Conservadora*, que baqueou ingloriamente nos bastidores do theatro S. José, na reunião federalista de 14 de Julho de 1889, prenuncio do movimento de 15 de Novembro do mesmo anno, ao qual o seu chefe adheriu promptamente nas columnas edictoriaes do *Correio Paulistano*, chrismando o Imperador—de *ex-Imperador*, e o Senhor D. Pedro II—de *D. Pedro de Alcantara...* (1)

Desde 1881 o Partido Conservador de S. Paulo estava entregue aos lobos. E si, nas eleições de 1884 e 1885 ostentou alguma pujança, e apparentou certa força de 1886 a 1888, isto foi devido unicamente aos bons conselheiros que orientavam a fatuidade do pre-

orgam conservador, violento, açoite dos liberaes e, principalmente, de Martim Francisco. Tenho o n. 1º em pequeno formato, a trez columnas. Abaixo do titulo traz desenhados dois chicotes, entrelaçados, e as seguintes quadrinhas :

*Howe grande divergencia,
Fizeram grande questão,
Sobre o remedio que aos loucos
Voltar fizesse a razão.*

*Depois de séria disputa,
Foi geral a approvação
— Que o meio mais effcaz
Era o da fomentação.*

Era *O Azorrague* impresso na typographia da *Lei*, rua de Traz da Cadeia, n. 30.»

(1) Vide os numeros, tão curiosos quanto tristes, do *Correio Paulistano*, de 17, 18 e 19 de Novembro de 1889.

sidente do Conselho Director, os srs. Delfino Cintra, Jaguára, Rodrigo Silva, Rodrigues Alves, Duarte de Azevedo, Conde do Parnahyba, Dutra Rodrigues e alguns outros, e á correcção e ao patriotismo dos presidentes da provincia, que tiveram de arcar com as imposições, filhas da imprevidencia e da inopia intellectual do senador do Imperio que despresava os *ouro-péis da Realeza*. (1)

Entrou em concurso para lente da Faculdade de Direito em 1874; e foi classificado em 1º lugar, em consequencia das próvas brilhantes que apresentou. Não foi, porém, escolhido, embora sob uma situação conservadora, que o preteriu para nomear um liberal, que fôra classificado em grau inferior, embora intelligente e illustrado.

Desvanecida esta sua aspiração á cathedra do ensino superior, o Dr. Delfino Cintra consagrou-se de preferencia á politica; e não tardou em assumir um dos principaes postos de honra no seio de seu partido.

(1) Consulte-se a collecção do *Partido Conservador*, boletim semanal do Dr. João Mendes de Almeida, a qual possuímos. O primeiro numero é de 3 de Janeiro de 1888. O ultimo, n. 29, é de 12 de Maio, após a organização do ministerio João Alfredo, que fez a Abolição e preparou a Republica.

O *sentimentalismo* e o *altruismo* não governam os povos. São a guarda avançada do *positivismo* que, sem queimar um cartucho, deita por terra os Thronos e os substitúe pelo calendario de Augusto Comte e pelos *pronunciamentos* das Republicas de Baccarat, com a ferocidade de Robespierre e Marat, as orgias de Barras, e sem o patriotismo de Mirabeau, de Verginaud e de Danton...

Chefe preponderante na zona do antigo 9º districto, conseguiu ser eleito, mesmo em opposição. O eleitorado d'aquella circumscripção territorial ainda não tem apagadas de sua mente as memoraveis campanhas de 1884, contra o gabinete Dantas, e de Agosto — Outubro de 1889, no inicio da situação liberal: o Dr. Delfino contendia com o mais influente e prestigioso dos chefes republicanos, o sr. Francisco Glycerio, e com o chefe liberal, sr. coronel João*Carlos Leite Penteado. Em 2º escrutinio, os directores do Partido Liberal foram de uma correcção admiravel: ao passo que a *União Conservadora*, sorrateiramente, guerreava o candidato que simulava apoiar, os eminentes directores da situação recentemente inaugurada mandavam os seus amigos votar no candidato conservador e anti-federalista. (1)

(1) Resultado da eleição de 31 de Agosto de 1889, primeiro escrutinio:

1.º districto:	
Dr. Augusto Queiroz (<i>eleito</i>)	1633
Dr. Almeida Nogueira	447
Dr. Rangel Pestana	399
Dr. João Mendes	245
Victorino Carmillo	4
2.º districto:	
Conselheiro Moreira de Barros (<i>eleito</i>)	814
Barão de Santa Branca	357
Dr. Luiz Barreto	85
Commendador A. X. Freire	22
Dr. Silva Jardim	1
3.º districto:	
Dr. Theophilo Braga	741
Conselheiro Rodrigues Alves	680
Dr. Gustavo de Godoy	188
Dr. Evaristo Cruz	5
4.º districto:	
Dr. Ferreira Braga	699
Commendador A. M. Alves	375
Dr. Adolpho Gordo	370

Em Junho de 1872, sob o ministerio Rio Branco, sendo chefe supremo do partido conservador paulista o Dr. João Mendes de Almeida, o Dr. Delfino Cintra

5º districto :	
Dr. Rodrigo Lobato (<i>eleito</i>)	600
Dr. Bernardino de Campos	250
Conselheiro Duarte de Azevedo	118
Dr. Pennaforte Mendes	97
6º districto :	
Dr. A. Candido Rodrigues (<i>eleito</i>)	575
Dr. Julio de Mesquita	162
Dr. Ignacio W. G. Cochane	122
Dr. Julio Maia	41
7º districto :	
Dr. Campos Salles	864
Dr. Silveira Cintra	836
Dr. Vieira de Moraes	444
8º districto :	
Dr. Prudente de Moraes	721
Conde do Pinhal	624
Visconde da Cunha Bueno	495
9º districto :	
Dr. Delfino Cintra	790
Francisco Glycerio	509
Coronel Penteado	493
Dr. Rafael Corrêa	57
Dr. E. L. Bourroul (<i>não candidato</i>)	46
Dr. Fortunato Moreira	1
José Antonio Ribeiro de Castro	1
Em branco	1
Resultado do segundo escrutinio :	
3º districto :	
Dr. Theophilo Braga (<i>eleito</i>)	884
Conselheiro Rodrigues Alves	861
4º districto :	
Dr. Ferreira Braga (<i>eleito</i>)	803
Commendador A. M. Alves	626
7º districto	
Dr. Silveira Cintra (<i>eleito</i>)	1.204
Dr. Campos Salles	1.051
8º districto :	
Conde do Pinhal (<i>eleito</i>)	988
Dr. Prudente de Moraes	908
9º districto	
Dr. Delfino Cintra (<i>eleito</i>)	901
Francisco Glycerio	491

fôra nomeado Presidente da Provincia de Santa Catharina, para onde seguiu no dia 25 do mesmo mez. Eis em que termos se expressava, a tal respeito, a *Opinião Conservadora* (1), n. 279 de 27 de Junho de 1872, nas suas columnas editoriaes :

«Já tivemos occasião de dirigir os nossos cumprimentos ao illustre cōrreligionario, manifestando os nossos sinceros desejos de bom exito na commissão que vai desempenhar.

Os talentos do digno Paulista, os serviços incontestaveis á causa do partido, e a sua constante fidelidade aos principios politicos que professa, são titulos sobejos para fazer prospera administração, felicitando a provincia de Santa Catharina.

«Veio a nomeação do governo sorprendel-o nos gratos trabalhos de organização da companhia Mogyana, alentando e promovendo a iniciativa dos povos d'essa região da provincia, a que a empreza vai favorecer.

«Habituaado assim ao trabalho, s. exc., com o exemplo da prosperidade d'esta provincia e os seus brillantes rasgos de iniciativa, saberá pôr em acção as forças energicas da provincia de Santa Catharina, dando-lhes vigoroso impulso.

«Prospera seja a carreira politica de s. exc., para bem do paiz e contentamento dos seus amigos.»

O Dr. Delfino não illudiu as previsões de seus amigos; correspondeu cabalmente á confiança do Governo Imperial e fez uma presidencia benefica e fecunda. Infelizmente, potcos mezes permaneceu elle na administração d'aquella provincia. Entretanto, os

(1) Organ conservador e catholico, sob a redacção-chefe do Dr. João Mendes de Almeida. Durou de 4 de Junho de 1869 a 6 de Outubro de 1872. Foi seu effectivo e quasi unico collaborador o dr. F. de P. Rodrigues Alves.

seus beneficios e a sua rectidão grangearam-lhe a estima de seus jurisdicionados, que até hoje guardam grata lembrança de seu nome.

Logo após a proclamação da Republica, o Doutor Delfino Cintra retrahiu-se dos negocios publicos. Lavrador importante n'um dos municipios mais ricos de S. Paulo, tratou de suas propriedades agricolas com zelo e intelligencia. Em 1890, porém, entendeu dever, ao lado de seu irmão, o Barão do Jaguára e de outros vultos importantes dos dois antigos partidos constitucionaes e da parte mais moderada do partido republicano, contribuir para a organização de um Partido Conservador na Republica; no fundo, verdadeiro partido de reacção e resistencia á politica dictatorial do Governo Provisorio, «constituído pelo Exercito e Armada em nome da Nação.»

Já escrevêmos esta historia em outro lugar (1).

Diremos apenas que o Dr. Delfino Cintra tomou parte na reunião de 17 de Agosto de 1890, no palacete do sr. Luiz Antonio de Souza Queiroz (2), e na de 15 de Janeiro de 1891, no Banco de S. Paulo. Ambas as reuniões, compostas de elementos heterogeneos, deram um resultado completamente negativo. E

(1) *O Dr. Ricardo Gumbleton Daunt*, de pag. 35 á pag. 58. Vide todo o capitulo VI, especialmente as notas.

(2) Vide *Correio Poulistiano*, de 18, 19 e 20 de Agosto de 1890.

Diario Popular, de 18 de Agosto,

União Catholica, de 20 de Agosto,

O Nacional, de Santos de 17 e 18 de Agosto,

O Estado de S. Paulo, de 17 de Janeiro de 1891; etc.

etc. etc.

era curioso verem-se, *coude à coude*, reunidos na mesma idéa de guerra ao governo, os srs. Marquez de Trez-Rios e dr. Rangel Pestana, o Barão do Jaguára e o dr. Cerqueira Cesar, os drs. Brasílio Machado, Moraes Salles, Augusto Queirós, Abranches, Antonio Ribeiro, Albuquerque Lins, Barões de Mogy-Guassú, Geraldo Rezende, de Cintra, de Araraquara, de Rezende, drs. Delfino Cintra, Luiz Barretto, conselheiros Moreira de Barros, Gavião e Leoncio, Rodrigo Lobato, Cochranne, Pedro Lessa, E. L. Bourroul, Castilho, Miranda Azevedo, Vieira de Carvalho, Firmiano Pinto, Rogerio Ferraz, Dino Bueno, Mello Freire, F. Braga, Luiz Carlos, A. Candido Rodrigues, Pedro Vicente, Carlos do Amaral, conego Manuel Vicente, Olavo Egydio, Polycarpo de Queirós e muitos outros, que tinham de reaparecer na reunião palaciana de 12 de Março de 1891, brilhar como meteóros no céu da politica ameriquista, desaparecer com a deposição e a fuga do presidente conciliador e voltar, em massa, aos arraiaes de antes de 15 de Novembro.

Discite moniti!

.....

O Dr. Delfino Cintra negou-se em absoluto a fazer parte da chapa dos senadores e deputados forjada no palacio do governo, na noite historica de 12 de Março. Não se lê, portanto, o seu nome subscrevendo a Constituição Política do Estado de S. Paulo, promulgada a 14 de Julho de 1891.

Mallograda a tentativa de uma organização conservadora com pessoal selecto, mas com elementos tão disparatados, o Dr. Delfino Cintra, de accôrdo com o Dr. João Mendes de Almeida, recommendou a mais completa abstenção eleitoral aos monarchistas. O illus-

tre paulista entendia que as urnas nada valiam e que as depurações de que fôra victima, nos pleitos de 15 de Setembro de 1890 e de 30 de Abril de 1891. o Partido Catholico, era uma lição e um exemplo. Este modo de pensar, ao nosso vêr erroneo, foi aliás geralmente perfilhado pelos chefes da opposição radical, obedecendo ao Dr. João Mendes de Almeida, com quem, mais de uma vez, discutimos este ponto de doutrina, para nós essencial na vida dos povos livres e na economia dos partidos politicos. Deus disse: *ajuda-te, que te ajudarei*. E si passou o tempo em que—se amarravam cães com linguças,—não chegou ainda o tempo das *cailles rôties*, nem voltou o das cebollas do Egypto e do manná do deserto...

O Dr. Delfino Cintra, após cruel enfermidade cardiaca, falleceu n'esta cidade no dia 6 de Abril de 1895. Pouco lhe sobreviveu o Barão do Jaguára.

O seu funeral foi muito concorrido; a sua morte, sentida extremamente por todas as classes da sociedade paulistana e pranteada por os seus correigionarios e adversarios. A' beira de seu tumulo a imprensa e a politica teceram bello panegyrico; e a oração funebre do bom amigo e do chefe acatado foi o preito de homenagem de todos os affeiçoados e de todos os politicos sinceros.

Deixou viuva,—a filha de Hercules, uma senhora ricamente prendada, artista distincta e pintora de apurado gosto, como seu pai; e numerosa próle, que elle soube educar com esmero e que guarda religiosamente o deposito de seu nome.

Com o seu talento e com o seu trabalho, adquiriu bens de fortuna, que legou á sua familia. Melhor e mais rico patrimonio lhe deixou: a sua memoria venerada, o lustre de um nome immaculado

ANNEXO n. 7, á pag. 559.

O Barão do Jaguará

Fôra culpa grandissima deixarmos aqui no olvido a memoria do Barão do Jaguará. Si bem que perfunctoriamente, gravemos n'estas paginas o seu nome luminoso.

O que se segue foi por nós escripto em 1891, quando s. ex. ainda era vivo.

«Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra nasceu a 12 de Junho de 1836, na capital de S. Paulo; e formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, a 30 de Novembro de 1859.

Estudante, alcançou por concurso a nomeação de interno do hospital da misericordia da côrte e do arsenal de guerra (enfermaria de menores).

Depois de formada fixou residencia em Casa Branca, onde clinicou quatro annos; e depois, pelo espaço de vinte e cinco annos, em Mogy-Mirim.

Grangeou a reputação de um dos medicos mais abalisados da provincia, e era obrigado não raro a acudir a chamados de localidades remotas, como profissional distinctissimo e humanitario.

Assim, em Batataes, Franca, Mocóca, Santa Rita do Paraiso e outros pontos, ainda hoje é o seu nome lembrado com vivas saudades pelas familias mais importantes d'aquella zona e pelas classes menos favorecidas da fortuna, ás quaes prestava os soccorros do seu nobre ministerio com equal solicitude e abnegação, vencendo largas distancias na inclemencia das estações, e quando as vias de comunicação eram muito deficientes, arriscadas e ás vezes perigosas e impossiveis.

Por 3 quatriennios exerceu elle o cargo de vereador, e sempre o de eleitor pelo systema indirecto ; foi juiz municipal supplente, commissario vaccinator, por espaço de dezoito annos inspector da instrucção publica, juiz de diversas irmandades, provedor de outras, director da ferro-via Mogyana desde 1872 até 1889 (gratuitamente), deputado provincial nas legislaturas de 1870—71—1872 —73— 1874—75— 1876— 77— 1878—79

Como director da Companhia Mogyana, foi um dos mais efficazes e preciosos auxiliares do progresso da provincia, ao lado do dr. Antonio de Queirós Telles, mais tarde Conde do Parnahyba.

A cidade de Casa Branca, querendo galardoar os seus serviços, collocou o seu retrato a oleo na sala de honra da estação da estrada de ferro.

Deputado provincial, deixou traços luminosos de sua passagem na assembléa, discutindo com erudicção e elevação de vistas um sem numero de questões, algumas das quaes escabrosas e demandando illustração solida e grande somma de conhecimentos. Quem folhear os annaes de nossa assembléa facilmente se convencerá d'esta verdade.

A sua voz era sempre ouvida com sympathia e respeito ; a sua opinião acatada e applaudida.

Foi, em todas as sessões, relator da importante commissão de fazenda.

Este facto, por si só, attesta o papel proeminente desempenhado pelo doutor Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra no seio do corpo legislativo provincial.

Em 1881, na primeira eleição pelo systema Saraiva, apresentou-se candidato á Assembléa Geral pelo

nono districto, onde tinha lançado a sua influencia e prestigio solidas raizes.

Contendendo com um adversario de grande força tribuno laureado, jurisconsulto illustre e politico prestimoso,—o doutor Brasilio Augusto Machado de Oliveira, —e tendo contra si o elemento official, o dr. Antonio Cintra lôgrou ser eleito pelo partido conservador, em segundo escrutinio, a 25 de Dezembro.

A 7 de Maio de 1887 foi nomeado Commendador da Imperial Ordem da Rosa: prestou juramento mezes depois.

A 14 de Julho do mesmo anno foi nomeado quinto vice-presidente da provincia; e a 20 de Junho de 1888 foi agraciado com o titulo de Barão do Jaguára, em attenção aos valiosos serviços prestados como director da Companhia Mogyana.

(Esta Companhia Mogyana tudo deveu á acção dos irmãos Cintra, auxiliados pelo dr. Antonio de Queirós Telles, ao depois Barão, Visconde e Conde do Parnahyba.)

De facto, além de outras medidas de subído alcance, obteve da Assembléa Geral Legislativa, da qual fazia parte, em 1882, a lei concedendo garantia de juros de 6 por cento á Companhia Mogyana para prolongar a sua linha até a ponte do Jaguára, margem esquerda do Rio Grande, divisa de S. Paulo e Minas.

A monumental ponte do Jaguára attestará aos vindouros a tenacidade e o patriotismo de um dos filhos mais dignos de S. Paulo. de um d'aquelles que mais propugnaram pelo seu progresso e desenvolvimento.

Casado em primeiras nupcias em 1861 com a exma. sra. d. Adelina Henriqueta de Ulhôa Cintra, filha do

sr. Luiz Torquato Marques de Oliveira e d. Henriqueta Angelica de Torquato, aquelle filho da cidade da Campanha, Minas, esta do Rio de Janeiro, perdeu a esposa em 1880.

Em fins de 1881 contrahiu matrimonio com a exma. sra. d. Antonia da Rocha Cintra, actual baroneza do Jaguára.

De ambos esses enlaces houve dezoito filhos, dos quaes existem onze.

Nomeado presidente d'esta provincia por decreto de 6 de Abril de 1889, assumiu a administração no dia 11 do mesmo mez, succedendo ao illustre sr. dr. Pedro Vicente de Azevedo, que com tanto criterio e civismo governou S. Paulo em periodo convulsionado pelas paixões e pelos odios politicos.

Dous mezes apenas occupou o Barão do Jaguára a cadeira da presidencia da primeira provincia do Imperio.

Mas n'este curto espaço teve s. exc. ensejo, e ensejo de sobra, de relevar-se grande administrador e patriota acrysolado.

Teve de arcar com a terrivel epidemia que assolava as importantes cidades de Santos e Campinas.

Graças á sua energica attitudo perante o governo geral, que regateava os soccorros de que careciam aquelles importantissimos emporios commerciaes; graças ás suas medidas acertadas e bem combinadas; operando com perfeito conhecimento de causa, pois ao administrador esclarecido alliava-se o homem de sciencia profunda, conseguiu em pouco tempo debellar a peste, iniciando serviços de hygiene e prevenção que

têm de impedir, em futuro mui breve, a invasão do terrível flagello.

Convocou extraordinariamente a assembléa provincial para o dia 20 de Maio; e esta corporação, correspondendo aos desejos de s. ex., decretou leis em ordem a pôr um dique á marcha ascendente da febre amarella em Santos e Campinas (leis provinciaes de 5 de Junho de 1889.)

S. ex. não se limitou ao papel que lhe assignavam as suas attribuições constitucionaes.

Foi, em pessoa, ao theatro dos acontecimentos que enluctavam a provincia, examinar *de visu* o estado lamentavel das localidades onde grassava o mal, afim de poder providenciar quanto urgia em quadra tão anormal; embora arriscando a propria vida no fóco da peste.

Os seus dois relatorios, de 21 de Maio e 10 de Junho, em sua eloquencia succinta, dão a medida do muito que fez pelo bem estar de nossa provincia.

Ao deixar a presidencia na dia 10 de Junho, em consequencia da ascensão do partido liberal, viu-se cercado dos testemunhos de estima e admiração de todos os partidos, que, á porfia, proclamaram pelos seus orgams o patriotismo do illustre paulista.

Arrancando a tunica de Nessus das agitações partidarias, s. exc. recolheu-se ao remanso do lar.

A um espirito de semelhante tempera não era dado permanecer inactivo e indifferente ao progresso industrial e scientifico de S. Paulo.

Foi eleito presidente da Companhia Paulista de Vias Ferreas e Fluviaes e vice-presidente do Banco Provincial de S. Paulo, hoje Banco dos Lavradores.

Foi um dos fundadores da Companhia Oeste Agricola, e de outras empresas igualmente importantes; presidente do Congresso Medico Cirurgico de S. Paulo e irmão de mesa da irmandade da Misericordia d'esta capital.

Com a proclamação da republica a 15 de Novembro, o Barão do Jaguára, comprehendendo como poucos a gravidade da situação, entendeu que não estava finda a missão do partido conservador.

Entendeu que uma idéa não pôde sepultar-se pela vontade caprichosa de meia duzia de politicos sem ideal e de estadistas, cujo programma resumia-se na adhesão incondicional á nova ordem de cousas.

Cumpria-lhe, a elle um chefe dos mais prestigiosos do partido conservador, a quem acompanhavam os melhores elementos de ordem e conservação social, cumprir-lhe rigorosamente quebrar um silencio culposo, definindo claramente as posições e levando o alento e a força ás hostes baralhadas e confusas ante o imprevisto de successos extraordinarios.

D'ahi o notavel manifesto de 24 de Novembro, no qual, assumindo a unica attitudo compativel com as tradições do partido conservador e com as necessidades do momento, s. exc. declarava:

«Podemos ser tão bons conservadores na republica como fomos na monarchia.

«Entendo que o partido conservador ainda tem grande missão a cumprir, qual a de ser o elemento ponderador no meio dos embates das paixões e interesses, que por ventura se derem.

«A obra da nova organização politica e social precisa do concurso esclarecido de todos os cidadãos. E

n'ella deverão os antigos partidos prestar assignalados serviços, competindo ao partido conservador guardar o deposito sagrado dos principios que sempre defendeu, afim de dar ao novo regimen a feição de Thiers e Mac-Mahon e evitar convulsões sociaes, ás quaes seriamos arrastados pela má comprehensão da liberdade civil e politica.

«O que não convém por fórma alguma é desamparar a causa conservadora e deixar correr á revelia os pleitos eleitoraes.

«Hoje mais do que nunca, devemos intervir activa e efficaçmente na grande obra de reorganisação do paiz, para que as novas instituições sejam vasadas em molde conservador, offerecendo garantias de ordem, estabilidade e progresso.»

Documento tão franco e luminoso produziu profunda impressão, pela singeleza eloquente da fórma e pela profundeza dos conceitos, tão longe do *adhesivismo* servil e pressuroso como do desengano formal e da passividade criminosa.

Na mesma ordem de idéas, s. exc. foi um dos promotores das reuniões politicas de 17 de Agosto de 1890 e de 15 de Janeiro de 1891, cujos resultados foram, como é sabido, negativos, por falta de accordo de grupos liberaes.

Após a reunião de 12 de Março, s. exc. não quiz negar o seu concurso inestimavel a uma obra que se lhe afigurava de conciliação e vasada nos moldes conservadores.

Foi eleito senador no pleito de 30 de Abril, como seria eleito em qualquer outra circumstancias, uma

vez que a vontade das urnas fosse respeitada pelo governo de facto.»

O Barão do Jaguára não tomou assento no senado constituinte do dr. Americo Brasiliense. O Barão de Rezende tambem não tomou assento. Nem um nem outro firmou a Constituição Política do Estado de S. Paulo. Ambos, porém, assignaram o protesto de 2 de Fevereiro de 1892 contra a dissolução violenta do Congresso eleito em 30 de Abril de 1891 pelo presidente Americo Brasiliense.

Em consequencia de uma tentativa de deposição, aliás mallograda, do vice-presidente em exercicio, dr. José Alves de Cerqueira Cesar, este assumiu a dictadura, dissolveu o Congresso por Decreto n. 15 de 29 de Janeiro de 1892 e mandou prender os proceres indigitados como cabeças de rebellião.

Esta conspiração não foi inventada; existiu; mas, tão mal urdida, diremos mais, orientada de um modo tão ridiculo, que gôrou no nascedouro. Em nossos dois livros sobre o CONSELHEIRO FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES e DOUTOR JOÃO MENDES DE ALMEIDA deixamos este ponto bem explanado e bem elucidado.

Os Congressistas dissolvidos, protestando contra o acto do vice-presidente Cerqueira Cesar, «declararam este funcionario *fôra da lei.*»

A dissolução do Congresso foi tambem a dissolução do partido republicano-conservador, que apoiára a administração do dr. A. Brasiliense. Os monarchistas que tinham-se congregado sob a bandeira de 15 de Novembro voltaram aos antigos arraiaes, uma vez provada a inexequibilidade de seu projecto de—Republica sem republicanos.

O Barão do Jaguára recolheu-se então, de vez, á vida privada, sem occultar, entretanto, as suas idéas restauradoras.

Quando alguns monarchistas tentaram pleitear as eleições estaduais, o Barão fez causa commum com o dr. João Mendes de Almeida; e aconselhou a mais completa abstenção. Assim se fez; apenas um ou dois soldados se rebellaram contra a senha do venerando chefe dr. João Mendes de Almeida.

A saúde do Barão do Jaguára, que já soffrara grande abalo em Junho de 1891, foi se alterando cada vez mais. Já lhe era então impossivel dedicar-se aos interesses das Companhias e dos Bancos, que dirigia com grande criterio e competencia.

Passou alguns mezes em tratamento na cidade de Jundiahy, rodeado dos desvelos da familia, em casa de seu genro o illustrado sr. Dr. Francisco Cavalcante de Albuquerque.

E a 14 de Agosto de 1895 falleceu elle n'esta capital, pelas duas horas e meia da tarde, deixando enorme vácuo no seio da sociedade paulista, no gremio de seus legionarios e no coração de sua familia e de seus amigos.

E como a historia dos homens e das cousas de seu tempo, e a narração de sua vida, têm de ser dadas á estampa em seu lugar proprio, aqui concluímos estes apontamentos, que, tanto estes quanto aquelles sobre o dr. Delfino Cintra, vão apenas á guisa de rascunhos, á espera de seu complemento necessario.

Aos mortos, aos nossos mortos, cuja memoria enche as paginas d'este livro, de principio a fim,

possamos não applicar, terminando, a invocação do Poeta ;

*Pourquoi de vos linceuls secouer la poussière ?
Pourquoi venir trembler sous notre ciel brumeux ?
Quel bruit interrompit dans votre lit de pierre
Le sommeil éternel qui pesait sur vos yeux ?*

*Ombres de tous les morts, invisibles fantômes,
De la terre d'exil pourquoi franchir le seuil ?
Qu'espérez-vous encore de ce monde où nous sommes,
Puisque vous espérez, même dans un cercueil ?*

*Ce qu'ils viennent tenter, c'est la dernière épreuve ;
Jusqu'au fond du tombeau ce qu'ils emporteront,
Tristement convaincus, c'est la dernière preuve
Que jamais à l'oubli les morts ne survivront !*

ANNEXO N. 8, á pag. 101.

Anhemby

Em seu interessantissimo Estudo sobre *O Tupy na Geographia Nacional*, escreve o mui erudicto sr. dr. Theodoro Sampaio ■

«Referem os chronistas e viajantes antigos que o gentio denominava—*Anhemby*—ao rio que banha esta capital e traz hoje o nome *Tietê*. De facto, examinando-se velhos documentos se verifica que aquelle nome não só era o que commumente se dava ao rio historico que foi em outro tempo a verêda dos *bandeirantes* e conquistadores de sertões, como que a graphia do vocabulo, com pequenas variantes, se conservou quasi intacta. No mappa dos jesuitas de 1649 lê-se—*Anyembi*—e nos outros mappas da mesma procedencia, de 1722 e 1732—*Anembi*.

No mappa de d'Anville, publicado em 1734, conserva-se a graphia dos jesuitas—*Aniemi* ou *Anhemi*, mas já na edicção de 1748 se lê—*Anhambi* ou *Tietê*.

No celebre mappa das Côrtes, de 1749, lê-se *Anhambú* ou *Tietê*, mas no mappa hespanhol de 1760 volta-se á graphia—*Anhemi*, escrevendo-se *Anemi* na edicção de 1768.

No mappa geographico de Silveira Peixoto, de 1768, o primeiro em que vêm figurados os rios entre o *Tietê* e o *Paranapanema* com os nomes—*Anembi-mirê* e *Pirocaba*, lê-se—*Anembi-guaçú*.

No de Olmedilla, de 1775, o vocabulo conserva a primeira graphia dos jesuitas—*Anemby*, ao passo que no de d. Luiz Antonio de Souza Mourão se escreve—*Niemi*.

Glimmer, no seu roteiro de 1602, escreveu *Anhembí* e João de Laet *Iniambi*.

A graphia, portanto, mais antiga e mais corrente é *Anhembí*, que se deve adoptar como a mais correcta, e podendo-se identificar com a palavra *Inhamby*, ás vezes pronunciada *Inhambú*, com a qual se designa a perdiz, ave gallinacea outr'ora abundante nos campos de Piratininga ou de cima da serra.

Portanto, a denominação antiga, dada pelos primeiros colonos portuguezes, de *Rio Grande de Anhemby* se póde traduzir—*Rio Grande das Perdizes*.»

Agora, eis a interpretação dada pelo dr. João Mendes de Almeida, que legou, inedito, um Dictionario Geographico e Etnologico Paulista, em seis volumes: verdadeiro monumento (1), que a familia do glorioso morto deve tratar de publicar, si o Governo de S. Paulo, por desventura, não tomar a si este grato encargo:

«*Anhemby* — Nome que se diz tambem dado ao rio Tieté, segundo alguns chronistas.

«Alguns, com Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario de palavras indígenas*, dizem que *Anhemby* significa «rio de enambús».

«Não me parece verdadeira esta proposição. E' certo que o *nambú* ou *nhambú* ou *ynambú*, abunda nas mattas que marginam o rio Tieté. Mas, porque admittir que *Anhemby* significa «rio de enambús»? Que relação tem esse nome com o d'essa linda e apreciavel ave?

1) Cf. O DOUTOR JOÃO MENDES DE ALMEIDA, tomo I, quarta parte, pelo dr. Estevam Leão Bourroul (1901).

«Tambem *nhamby* é o nome de uma herva rasteira que dá botões amarelllos, applicados á odontolgia. Esta herva, semelhante na folha ao coentro, queima como mastruço : os indigenas, além de a empregarem como tempero de cozinha, a comiam inteiramente crúa. Assim, pois, tanto poderia ser «rio de enambús» como «rio da herva *nhamby*»; e, n'este caso, os indigenas teriam assignalado de preferencia o lugar em que esta herva existia em abundancia.

«Mas, a verdade é outra. Nem o indigena cogitava da ave ou da herva para denominar o rio.

«*Anhemby*, corruptéla de *Ai-hêm-bi*, «não liso e sahida alta». De *ai*, «não liso, altos e baixos, obstaculos», *hê*, «sahida, barra, foz», *bi*, «levantar, alçar», precedido de *m*, por ser nasal a pronuncia de *hê*. Allusivo a não ser este rio isento de muitas cachoeiras, gargantas, corredeiras e outros obstaculos; e a ter, á barra, o salto Itapura, cuja queda vertical é de 9m, 68.»(1)

Conclúe o dr. Theodoro Sampaio :

«Não são comtudo destituídos de valor nem de real interesse os estudos d'este genero. Não poucas questões de historia por esse meio se aclararam e mais de um problema geographico por esse meio se solveu.

Tambem d'elle se pode utilizar o interesse da hora presente.

A administração publica, em difficuldades com a confusão oriunda do emprego dos mesmos nomes para mais de uma localidade, dentro ou fóra de uma mesma circumscripção territorial, recorre ao vocabulario indigena como o mais seguro meio de as mais bem

(1) Vide á pag. 95.

distinguir ou assignalar, voltando-se muita vez ás denominações de outr'ora como um recurso ás necessidades de hoje.

Demais, sempre é mais digno de nós, empregando uma linguagem estranha para designar os logares do nosso nascimento e da nossa habitação, entender-lhe o sentido verdadeiro ou o real significado.

Só assim será menos barbara, si me permittem a expressão, a geographia do nosso paiz.

Humboldt, viajando pelas aguas do Orenoco, refere-nos como uma lenda pungente a historia de um papagaio sobrevivente á extincção de toda uma tribu selvagem a quem essa ave pertencera.

Ficára elle só, o papagaio, unico n'aquellas paragens a repetir as vozes barbaras da lingua dos Aturés, desaparecida, havia tempo, com o ultimo representante da tribu dizimada pela peste.

Pousada sobre as ruinas da aldêa extincta, solitaria e triste a ave fiel cortava o silencio d'aquellas solidões, monologando um idyllio talvez, n'aquella linguagem que ninguem mais comprehendia ; era um phantasma deante do qual, celeres nas suas canôas, passavam aterrorisados os novos dominadores da terra dos Aturés.

Não nos succeda o mesmo com as denominações antigas que o gentio brasileiro nos legou ; e que a nossa geographia patria não fale jámais essa linguagem incomprehendida da ave fiel, mas testemunha sinistra de uma raça que desapareceu.»

ANNEXO N. 9 á pag. 108.

De S. Paulo a Cuyabá

Na 3ª discussão do projecto n. 96, de 1900, que autorisa o Governo a conceder subvenção kilometrica á Companhia Estrada de Ferro de Araraquara para prolongar seus trilhos até á Villa do Ribeirãozinho, o sr. deputado Dr. Antonio Francisco de Paula Souza, uma das glorias da Engenharia Paulista, proferiu, na sessão de 7 de Novembro, importante discurso, do qual transcrevemos os seguintes trechos:

«Não é da actualidade a idéa de se ligar Matto Grosso com o littoral do Brazil.

Vou expôr o meu modo de pensar, que justificará o voto favoravel que dou ao projecto.

Já os antigos pensavam muito na realisação d'essa idéa, e pensavam tanto que encarregaram um dos mais notaveis astrónomos, (que foi commissionedo para a 3ª turma demarcadora de limites entre a Hespanha e Portugal, d'aquella turma que determinava as nossas divisas actualmente com a Bolívia e Perú) para fazer o estudo d'essa ligação. Esse notavel astrónomo, tendo concluido grande parte do seu trabalho de limites, recebeu ordem para partir de Cuyabá, onde então se achava, para S. Paulo, pelo caminho antigo dos paulistas, e para apresentar o trabalho de seus estudos, porque o governo precisava ter dados exactos e favoraveis á ligação entre aquellas longinquas paragens da então colonia brasileira com o littoral.

Esse paulista notavel, esse homem de sciencia, ao mesmo tempo intrepido viajante, Francisco José de Lacerda e Almeida, fez esse trabalho.

Sahiu de Cuyabá, desceu o rio Cuyabá, desceu o S. Lourenço, desceu o Paraguay, subiu o Taquary, subiu o rio Coxim, atravessou o varadouro do Camapuam, seguiu pelo rio Sanguesuga até o rio Pardo, desceu este rio até o Paraná, subiu o Paraná, subiu o Tieté, veiu a Araritaguaba, que é a cidade do Porto Feliz, e d'ahi a S. Paulo. Desses estudos fez um relatório minucioso e completo, a que juntou um mappa que é até hoje o documento mais completo e mais exacto que existe d'essa região do interior do Brazil. Trabalhos mais modernos poderão ser igualmente exactos, não são superiores (1).

Infelizmente, porém, nós herdámos de Portugal um máu vezo que até hoje perdura, e esse trabalho importante, assim como muitos outros, ficaram atirados nos archivos e empoeirados. Não se deu importancia a esse trabalho, nem se deu andamento á idéa realmente bôa de se fazer a ligação de Matto Grosso com este Estado.

Lacerda e Almeida, assim que chegou aqui, foi removido para Lisbôa e de lá o commissionaram para estudar os sertões da Africa. Lacerda e Almeida, paulista intrepido, foi talvez o primeiro homem de sciencia que atravessou a Africa de leste a oeste. Embarcou em Moçambique e veiu até o golfo de Guiné, em Angola, onde veiu fallecer, ficando os seus trabalhos e talvez mappas valiosos atirados nos archivos de Portugal.

Felizmente, a Assembléa Provincial de S. Paulo, de 1841, retirou d'esse esquecimento o relatório relativo á excursão de Matto Grosso a S. Paulo.

Infelizmente esse relatório não foi publicado com o respectivo mappa. Mas, a Comissão Geographica

(1) Vide o capitulo IV da 3ª parte.

e Geologica, solicita como é em tudo o que diz respeito a S. Paulo, assim que foi organizada, a primeira coisa que fez foi mandar tirar copia authentica d'esse trabalho, que existia nos archivos de Lisboa.

Possuimos, portanto, a copia desse trabalho, que é um dos melhores e mais exactos documentos a respeito do sertão.

Citei esse facto para provar que não é modernamente que se tem tratado da ligação de Matto Grosso com um porto do littoral.

Depois da Republica foram feitas quatro ou cinco concessões para Matto Grosso, cabendo-me fazer os estudos de uma d'ellas, pelo que fiquei conhecedor do assumpto.

Tive necessidade de sahir de Uberaba e depois, de accordo com a lei respectiva, fazer os estudos da linha ferrea de Uberaba ao Coxim, passando por zonas do triangulo mineiro nas proximidades da Meia Ponte e do rio dos Bois, servindo certos municipios de Goyaz, etc.

Executando esse trabalho, tive necessidade de fazer estudos de estatistica e calcular a renda provavel da estrada. Depois de dezesete ou dezoito dias de viagem pelo rio Taquary, cheguei a Corumbá, e verifiquei o que toda a gente aliás pode verificar dos mappas sem lá ir; isto é, que não podia aquelle Estado ser mais bem servido de viação natural do que é (2). A sua extensissima região, muito pouco povoada, é servida por um systema fluvial muitissimo perfeito, rios que todos convergem para Corumbá. Não ha, portanto, necessidade da construcção de estradas de ferro n'aquella zona. Todos os pequenos nucleos de popu-

(1) Vide á pag. 281, nota 4.

lação do Estado de Matto Grosso estão situados nas margens de rios navegaveis, tão navegaveis que por elles passaram navios como o *Rio Pardo*, da carreira do Rio de Janeiro a Montevidéo, navio de alto mar, que quando o marechal Deodoro foi exilado para Matto Grosso a titulo de commandante das armas da provincia, recebeu o marechal no Rio de Janeiro e foi deixal-o em Corumbá.

A navegação d'aquelles rios acima de Corumbá não é tão facil, mas não porque os rios não sejam navegaveis, mas porque, como tive occasião de ver em 1891, a navegação d'aquelles rios é feita por vapores improprios, abandonados pela navegação costeira, e que só, depois de emprestaveis, é que vão servir nos rios de Matto Grosso

Si houvesse navegação feita com navios apropriados, como são os barcos que navegam o Mississipi, o Ohio, o Missouri, a navegação seria mais extensa do que é hoje, pois todos os rios seriam navegados.

Para Corumbá já converge a principal producção de Matto Grosso, que é conduzida para esse ponto, por diversos vapores.

Em 1891, um navio do Lloyd, transportava em uma só viagem, todos os productos de Matto Grosso, destinados aos outros Estados do Brazil.

Ora, si um só vapor transporta todos os productos que convergem para Corumbá, que renda poderia ter uma estrada de ferro, que não procure esse centro, que procura Cuyabá, Sant'Anna do Paranyba ou Coxim, ponto esse que eu fui explorar?

Não terá renda alguma; e mesmo seria uma empreza que não encontraria capitaes para se organizar.

Desde os tempos coloniaes essa idéa não foi posta em pratica por este motivo.

Não é possivel, portanto, que uma empreza particular se possa organizar para levar avante tal emprehendimento.

Entretanto, esse problema é patriotico e necessario. É preciso ligar Matto Grosso com o littoral brasileiro.

O sr. JULIO DE MESQUITA—Apoiado.

O sr. PAULA SOUZA—Ora, sendo assim, convencido d'essa necessidade, comecei a estudar seriamente a questão e organizei um projecto, que submetti á apreciação do marechal Floriano em maio de 1893.

Esse projecto consignava a meu ver a solução da questão.

Não se podendo esperar a organização de emprezas particulares para a construção da estrada que ligasse Matto Grosso com o resto do Brazil, era preciso que o Estado d'isso se encarregasse sob o ponto de vista estrategico e administrativo.

O projecto consistia no seguinte: ligar o ponto mais proximo do logar para onde converge toda a producção do Matto Grosso com o ponto mais proximo dos logares que estivessem facilmente ligados á nossa viação ferrea. Ora, esse logar não pode ser sinão Miranda, e vou dizer a razão.

Toda a ribeira do rio Paraguay, toda aquella zona de milhares de kilometros ás margens d'este rio, quer no territorio brasileiro, quer no territorio boliviano, toda essa zona inunda-se a tal ponto, que essa planicie immensa, conhecida pelo nome de Pantanal, fica em uma certa época do anno coberta de um lençol de agua de tres a quatro metros de profundidade. Devido a esse

lençol de agua, os paulistas, seguindo o seu antigo caminho, esperavam esse periodo para fazer viagem a Cuyabá, porque, descendo o rio Coxim e logo em seguida o Taquary, a procurar as proximidades do porto de S. João Evangelista, abandonavam com suas canôas o leito do rio e seguiam sobre o lençol de agua em direitura á foz do rio Cuyabá, no rio São Lourenço, e assim encurtavam enorme volta acompanhando o rio Paraguay (1).

Ora, n'uma zona que se inunda por essa forma, não se pode pensar na construcção de uma estrada de ferro. De Miranda a Corumbá não se pode tentar estrada alguma, além de que não seria pequeno o trabalho da construcção de uma ponte sobre o rio Paraguay, porque, como v. exa. sabe, Corumbá está na margem direita. Ter-se-ia de fazer uma estrada a Miranda, mas de Miranda a Corumbá a navegação é franca e pode transportar toda a producção.

Miranda acha-se na mesma latitude que Itapura ; Miranda está mais ou menos na latitude de 20 gráus e 15 minutos e Itapura está a 20 gráus e 30 minutos. Portanto, estão, mais ou menos, no mesmo paralelo.

A distancia provavel entre Miranda e a fôz do Sucury não será talvez de mais de 370 kilometros.

Ora, Itapura está proxima á foz do Tieté, no rio Paraná, a uma distancia de tres ou quatro leguas. O Tieté, abaixo de Itapura, tem navegação franca para navio de calado de um metro e meio em qualquer época do anno e para navios de calado de quatro metros em certas épocas.

Abaixo de Itapura ha uma navegação que é avaliada em mil e tantos kilometros francos.

(1) Vide á pag. 130.

Foi por essa razão que apresentei em maio de 1893 ao marechal Floriano Peixoto um projecto de se constituir em Itapura um arsenal central e uma flotilha fluvial no rio Paraná, para que essa flotilha executasse o serviço hydrographico completo d'essa zona e ao mesmo tempo servisse de protecção ao desenvolvimento industrial e commercial d'aquella zona.

Pedia tambem a construcção da linha telegraphica de Araraquara a Itapura e pedia a construcção da estrada de ferro de Sucury a Miranda, estrada que devia ser projectada por officiaes do exercito e executada pelos soldados, estrada militar.

E a razão é a seguinte: temos Ladario, perto de Miranda, que está exposto a qualquer golpe de mão. E' preciso que tenha em Miranda um ponto de apoio, tendo Miranda em Itapura a sua rectaguarda garantida.

Seria, como disse, uma estrada estrategica, executada pelo nosso exercito, tendo assim a vantagem de occupar grande numero de nossos officiaes, que só esperam uma commissão em que possam trabalhar em proveito do Brazil.

Não propuz a construcção da estrada de Araraquara até Itapura, e a razão foi que então, como hoje, contava muito com a iniciativa particular de S. Paulo.

Desde o momento em que o governo federal tratasse de organizar em Itapura um arsenal completo e a estrada de Sucury a Miranda, não faltariam empresas para levar a estrada a Itapura, e teriamos assim a ligação com Matto Grosso estabelecida.

O marechal Floriano apreciou bastante o projecto e interessou-se para que fosse convertido em lei. Infelizmente, o espirito que dominava então no Con-

gresso Federal não era favoravel a semelhantes projectos; e nada se realisou. Veiu a revolta e não se tratou mais d'isso.

Mais tarde submetti o mesmo projecto, com mais detalhes de justificação quanto á sua necessidade, ao nosso illustre conterraneo que presidia a nação, o Sr. Dr. Prudente de Moraes, mas nada se fez igualmente.

Depois d'isso descoroçoei de contar com a realisação da idéa por intermedio do governo federal.

Tenho procurado nas minhas relações particulares vêr si encontro pessoa influente que possa concorrer para o desenvolvimento da viação ferrea no nosso Estado, bem como para vêr si era possivel levar-se avante uma estrada de ferro para Itapura.

Si essa estrada fosse levada avante, teriamos a garantia de todo o commercio interno para Santos.

Até hoje essa idéa não surgiu; e foi com grande satisfacção que vi no projecto actual a soluçãõ da questão.

Voto, portanto, favoravelmente, a esse auxilio, porque a direcção que vae ter a estrada de que se trata é a mais conveniente para chegar-se a Matto-Grosso.

Vou dar as razões por que assim penso.

A linha de Sucury a Miranda, em virtude da navegação do systema fluvial paraguay, póde ser o centro para o qual convirja toda a producção de Matto-Grosso, que ha de vir pelo caminho mais curto, que é o de Miranda a Itapura, com 370 kilometros.

De Itapura a Ribeirãozinho o caminho de ferro que se construir não póde ter mais de trezentos e trinta a trezentos e cincoenta kilometros, e, portanto, é a linha mais curta que se póde construir.

O SR. JULIO DE MESQUITA— Apoiado.

O SR. PAULA SOUZA— Mas, ha um outro motivo para o qual chamo a attenção de todos os meus conterraneos que se interessam pelo desenvolvimento e progresso de S. Paulo.

Essa zona de Ribeirãozinho a Itapura está na linha de Araraquara a Itapura, e Araraquara está na linha mais curta de Santos a Itapura: não sei si essa zona é boa para cultura, mas conduz a Itapura, e nós viveremos muito pouco si não virmos constituído alli um emporio do commercio e industria de S. Paulo. Itapura será uma cidade privilegiada talvez no Brazil. Do Salto do Itapura para baixo, o rio Tieté, que pouco acima tem seiscentos e oitenta metros de largura, encaixa se num caixão de duzentos metros de largura, e tomba de uma altura de dez a doze metros, notando-se que o Salto de Itapura se acha apenas a cinco ou seis kilometros de distancia do Salto do Urubupungá, no Paraná, distancia proximamente igual a que vae da Avenida Paulista á Ponte Grande (1). O Salto de Urubupungá, que tem dez a doze metros de altura, pelo qual se encaixa o rio Paraná, que acima d'esse salto tem mais de um kilometro de largura e cae atravez de um caixão de quatrocentos metros de largura. Esses dois grandes saltos, cuja força motora é muito superior á do Niagara, estarão, nos suburbios d'essa cidade de grande futuro de S. Paulo, o que por si só bastaria para determinar o auxilio á estrada que lá se propuzesse ir. (*Muito bem*).

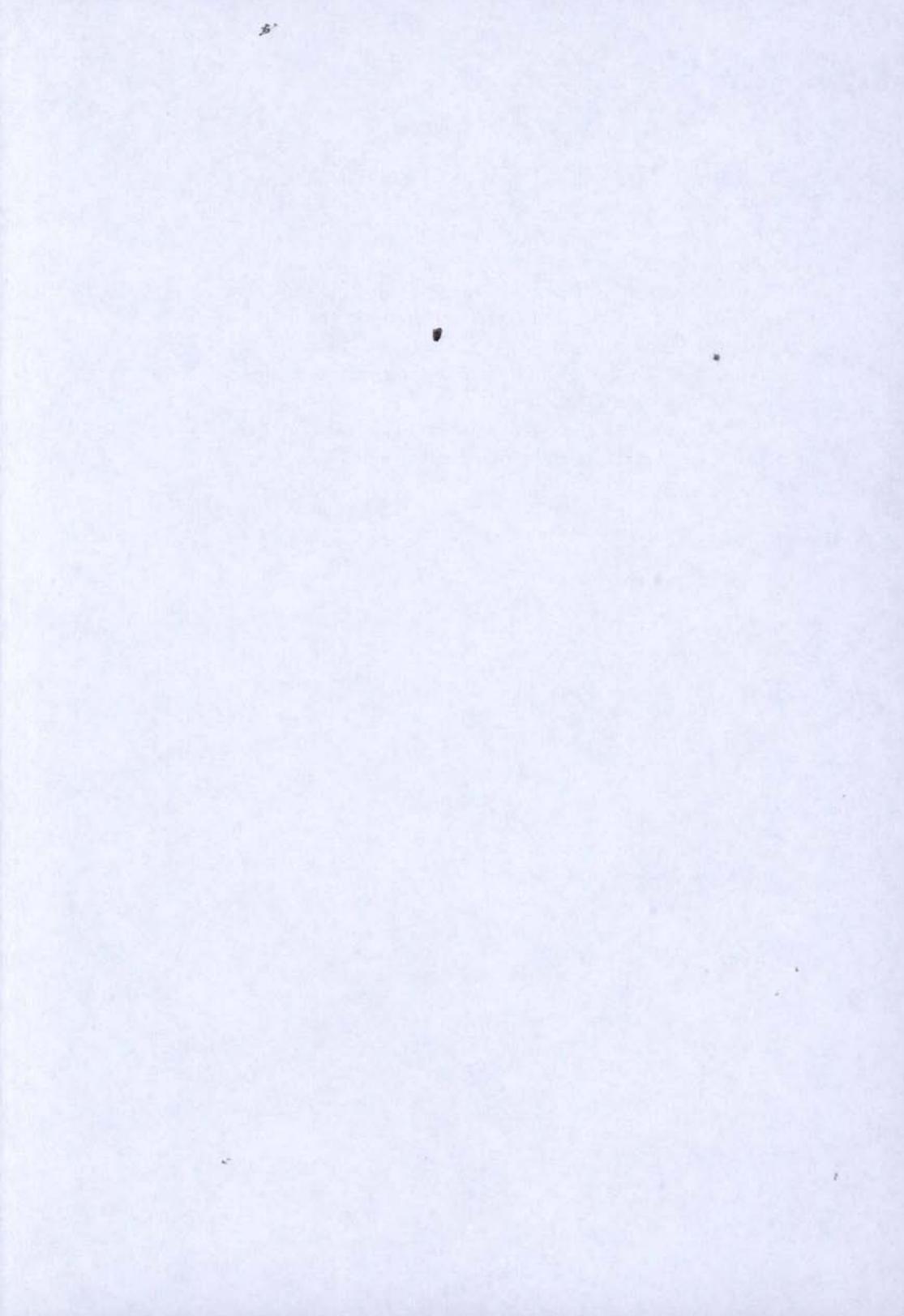
D'esses dois pontos para baixo a navegação do Paraná e do Tieté faz-se n'um percurso de mil e tantos

(1) Vide a pags. 95 e 97.

kilometros, e por elles virá a producção da zona limítrophe com o Paraguay. Mais abaixo virá toda a producção que pode ser transportada de Assumpção pela linha da Villa-Rica á La Guayra, e para essa cidade hão de vir os minérios de ferro de Ivahy, os minérios de cobre de Pequiny, etc.: será a cidade centro de uma industria extraordinária, sem necessidade de importar carvão, por ter uma força motora natural na immensa quéda de agua alli existente.

Portanto não me preoccupo si as terras são boas ou más, e sim da estrada que se vae abrir».

FIM



INDICE

	Paginas
Dedicatoria	
Epigraphe	
Introdução	IX—XVI

Primeira parte

CAPITULO I—A Familia de Hercules Florence. —Nice e o Mediterraneo.—A visão da Corsega.—São Paulo ha sessenta annos.	4
CAPITULO II— <i>Robinson Crusoe</i> .—O mal do se- culo.—Viagem de Hercules a Antuerpia, por mar.—Regresso a pé	21
CAPITULO III —Em Toulon.—A despedida.— Napoleão.—A Santa Alliança	31
CAPITULO IV—Viagem para a America.— <i>Cha- ritas</i> .—No Rio de Janeiro.—O Barão de Langsdorff	46

Segunda parte

CAPITULO I—A commissão scientifica do con- sul da Russia, Barão de Langsdorff.—O Diario de Hercules.—O batuque no Cuba- tão.—A hospitalidade paulista.—Alvares Machado e sua familia.—Um patriota il- lustre.—Porto Feliz.—Preparos da expe- dição	55
CAPITULO II—A partida da Monção	73

CAPITULO III—A jornada pelo Tieté.—Os mosquiteiros.—O salto do Avanhanda.—O de Itapúra.—Duas colonias militares.—O Paraná	85
CAPITULO IV—Urubúpungá.—A noite no Sertão.—O <i>cerrado</i> e as queimadas.—O dr. La-Cerda e Almeida.— <i>Auri sacra fames</i>	101
CAPITULO V—Camapuan.—O rio Coxim.—A varação.—Uma monção reiúna.—Os Indios Guaycurús.— <i>S. Paulo for ever!</i>	113
CAPITULO VI—Primeiros symptomas do desarranjo mental do Barão de Langsdorff.—O rio Taquary.—As piranhas.—Os <i>Xarayes</i> .—O rio Paraguay.—O dr. Francia.—As Missões.—Os Jesuitas e a verdade historica	127
CAPITULO VII—A povoação de Albuquerque.—João Carlos Augusto de Oeynhausén.—Os Guanás e os Guatós.—Chegada a Cuyabá	143
CAPITULO VIII—Descripção de Cuyabá.—Os Payaguás.—A' conquista do Ouro.—Do rochedo de Monaco ao centro da America.—Usos e costumes	161
CAPITULO IX—De Cuyabá ao alto de S. Jeronymo.—Paysagem maravilhosa.—O negociante Angelini	183
CAPITULO X—A villa de Guimarães.—Os diamantes.—Um fazendeiro usurario	195
CAPITULO XI—Uma fazenda de Matto Grosso em 1827	207
CAPITULO XII—Villa Maria.—Uma pyramide historica.—Villa Bella.—Grandezas extintas.—Um baptisado no sertão	219
Terceira parte	
CAPITULO I—Partida de Cuyabá.—O senador José Saturnino da Costa Pereira.—A villa do Diamantino	231

	Paginas
CAPITULO II.—Adriano Taunay em Villa Bella. —A sua familia.—Uma colonia artistica.— Morte de Adriano nas aguas do Guaporé. —Necrologio poetico.	243
CAPITULO III.—O porto do Rio Preto.—As <i>sezões</i> .—O Rio Arinos.—Incidente comico. —Os Apiacás.—A <i>lingua geral</i>	263
CAPITULO IV.—Clima inhospito.—O Juruena.— <i>As estradas que andam</i> .—Uma tempestade. —O Salto Augusto.—O Tucurisal.—O Ba- rão de Langsdorff enlouquece.	279
CAPITULO V.—Do Tucurisal ao Rio Morto.— Itaituba.—O Tapajóz.—Chegada a Santarém.	295
CAPITULO VI.—Partida para Belém.—O Ama- zonas.—A cidade de Belém.—O general João Paulo dos Santos Barretto.—Um pro- jecto gigantesco do Marquez de Pombal. —O exodo de Portugal para o Brasil.— Partida para o Rio de Janeiro	303
CAPITULO VII.—Resumo da Expedição Scienti- fica do Barão de Langsdorff.—Uma epopéia tragica.—O Visconde de Taunay.—O <i>Ma- nuscripto</i> de Hercules Florence — <i>Mens agitat molem</i>	321

Quarta parte

CAPITULO I.—Chegada ao Rio de Janeiro e partida para S. Paulo.—Casamento de Her- cules.—A filha de Alvares Machado. . .	335
CAPITULO II.—Alvares Machado.—O medico e o politico.—Prodromos da Maioridade .	343
CAPITULO III.—Alvares Machado e a procla- mação da Maioridade	365
CAPITULO IV.—Alvares Machado no Rio Grande do Sul.—A rebelião paulista de 1842.— A ingratição dos contemporaneos.— A justiça da historia	383

	Paginas
CAPITULO V.—Zoophonia : a voz dos animaes.	404
CAPITULO VI.—Descoberta da Polygraphia .	417
CAPITULO VII.—Descoberta da Photographia, em Campinas, oito annos antes de Da- guerre.—Joaquim Corrêa de Mello.— Um retiro provinciano—O papel inimitavel .	434
CAPITULO VIII.—Memorial apresentado ao Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles em 1870. —Invenção dos typos-syllabas	455
CAPITULO IX.—A <i>Noria</i> hydrostatica.—Sexta ordem brazileira de architectura : as pal- meiras.—A Pulvografia.—Os Drs. Ameri- co de Campos e Ignacio Betoldi.—A guer- ra do Paraguay—Os Sertanistas	473
CAPITULO X.—Mais Invenções.—Um grande homem desconhecido—Segundas nupcias —Hercules e o Imperador—Morte de Her- cules—A dedicação á sciencia.	491
Additamentos e Annexos	
S. Paulo de Piratininga em fins do seculo XVI, pelo Dr. Theodoro Sampaio. . . .	507
A Familia do Auctor	513
Hercules Florence, por Amador B. M. Florence.	520
O Barão de Langsdorff, por Henri Raffard .	525
Alvares Machado no Sul (proclamações) . .	531
Polygraphia (parecer scientifico)	544
Les Oiseaux parlent (<i>Le Petit Caporal</i>) . .	539
O Dr. Delfino Cintra	547
O Barão do Jaguára.	559
Anhemby, pelos Drs. Theodoro Sampaio e João Mendes de Almeida	570
De S. Paulo a Cuyabá, pelo deputado Dr. Antonio Francisco de Paulo Souza . . .	574
Errata.	
«Ultima verba».	

Máu grado nosso, deixamos de dar as photographias de Joaquim Corrêa de Mello, do Barão do Jaguará, de Amador Bueno Machado Florence, dos Drs. Arnaldo Pinheiro de Ulhoa Cintra e Paulo Machado Florence e de outros, por não nos ter sido possível obtel-as, attenta a excessiva modestia dos illustres cavalleiros possuidores de taes retratos.

Cumpre-nos, porém, agradecer ao illustrado scien-tista campinense, sr. dr. José de Campos Novaes, o muito que fez para obter o *cliché* de J. Corrêa de Mello, e ao sr. dr. João Mauricio de Sampaio Vianna a boa vontade manifestada pela reproducção photographica do notavel quadro de Almeida Junior— *A Partida da Monção*.

Brevemente estamparemos taes illustrações em outros livros. Em todo caso, fizemos quanto em nós coube.

« Ainda estamos presos de admiração, ao vêr que concluímos este *Livro de Família*, para atiral-o no meio de uma sociedade subjugada á politica feroz dos partidos pessoaes e á especulação dos interesses materiaes. Fallar a uma tal sociedade, não já de seus vicios e de suas miserias, mas do Brasil, de suas desgraças, de suas tradições, de suas glorias, é expôr-se ousadamente á cólera de uns, ao desdém de outros, á indifferença de muitos.

« Esta nossa sociedade não quer saber sinão do que póde satisfazer uma ambição, uma vaidade, um interesse.....

« Uma sociedade materializada, sem crenças, sem idéas, procurando libertar-se de todas as tradições para subgeitar-se a ser prisioneira de todas as utilidades, desanima os nossos litteratos. E o peor foi que até o character perdeu a grandeza, á falta de pensamentos elevados e nobres; porque, na phrase de um illustre Bispo francez,—quando o espirito desce á poeira e á lama das paixões aviltantes, o coração, a alma inteira se baixam na mesma proporção.

« Por Deus ! A nação brasileira insta por uma reanimação moral.

« Ao nosso vêr, sabendo que as descripções de luctas heroicas, a recordação de velhos costumes, a piedade para com os avós são o remedio mais efficaz para o curativo das nações abastardadas,— ao nosso vêr, dizemos, outro meio não ha sinão revolver o passado, illuminar as figuras d'esses tempos, evocar, por bem dizer, os heróes indigenas, reaccendendo assim as nobres paixões desmaiadas d'este povo. »—João MENDES DE ALMEIDA, *Algumas Nótas Genealogicas*, Epilogo final, a pags. 492—493.

ERRATA

São tantos, e ao mesmo tempo tão insignificantes, os peccados de revisão commettidos n'este livro, que o melhor é deixarmos ao criterio do leitor benevolo e intelligente o cuidado e a caridade de os relevar.

Tudo nos induz a crêr que a nossa syntaxe e orthographia, punctuação, etc., não pôdem ser postas em duvida por quem quer que seja.

Ha alguns *z* em vez de *s* e *vice-versa*. Uma vez escreveu-se *Tanuy* em vez de *Taunay*, *Luggard* em vez de *Langgaard*, *comodo* em vez de *commodo*, *literato* em vez de *litterato*, etc.

A' pag. 73, em vez de «Tieté ácima» leia-se «Tieté abaixo.»

A' pag. 351, em vez de «D. Pedro I abdicará inesperadamente» leia-se: «D. Pedro I abdicára».

A' pag 436, em vez de *Origens Chaldaicas do Christianismo*, leia-se: *Origens Chaldeanas do Judaismo*.

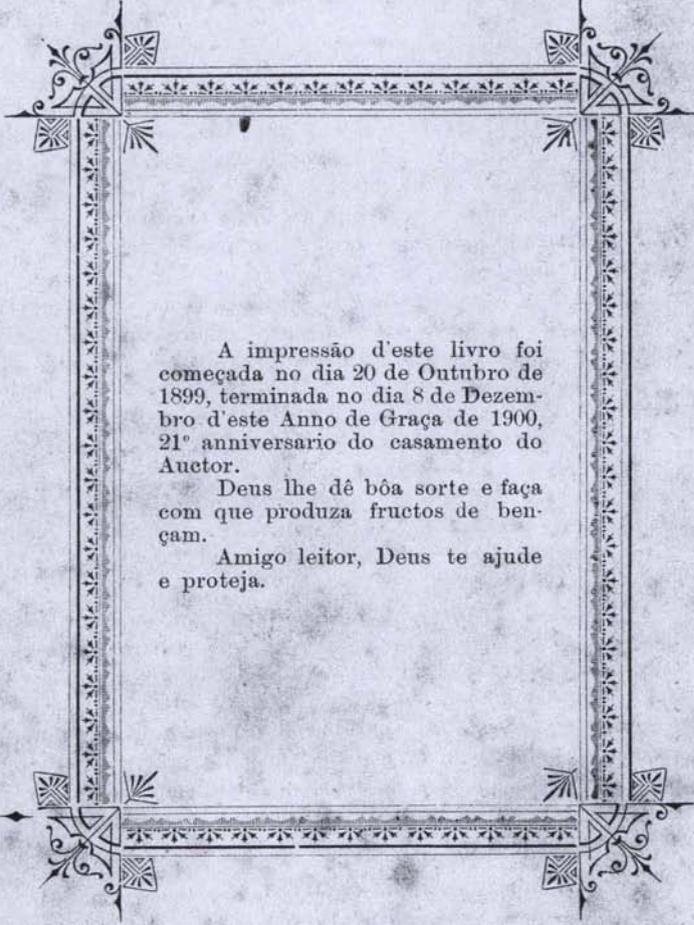
A' pag. 516, linha 2ª, em vez de *11 de Março* leia-se *14 de Março*.

Ha um ou outro verso latino errado, um ou outro verso francez tambem errado; vê-se, porém, que o barbarismo pertence ao revisor descuidado e não ao Auctor, que não cita sem confrontar com o texto.

Finalmente, em dous capitulos da 2º parte houve uma transposição de notas, bem facil de verificar de prompto.

E aqui terminamos a *errata*, pedindo mil desculpas ao leitor por tê-lo fatigado tanto, e repetindo com A. Herculano em a nóta ao final do 2.º volume do *Monge de Cistér*:

Non poterat mundo unquam maior praga venire :
Nec dare peiorem in sestrum, asneiram-ve cahire
Maiorem quit homo.....



A impressão d'este livro foi
começada no dia 20 de Outubro de
1899, terminada no dia 8 de Dezem-
bro d'este Anno de Graça de 1900,
21º anniversario do casamento do
Auctor.

Deus lhe dê boa sorte e faça
com que produza fructos de ben-
çam.

Amigo leitor, Deus te ajude
e proteja.

ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARQUIVOS DIGITAIS

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence ao Instituto Hercule Florence ou a instituições parceiras. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a autenticidade e a integridade da fonte, não realizando interferências digitais além de ajustes de contraste, cor e definição.

1. Utilizar este documento apenas para fins não comerciais

Os textos e as imagens publicadas no IHF Digital são de domínio público, porém seu uso comercial não está autorizado. Alguns textos e imagens provêm de instituições parceiras e somente poderão ser utilizados após consulta (contato@ihf19.org.br).

2. Créditos

Ao utilizar este documento, você deve dar o crédito ao autor (ou autores), ao IHF Digital, ao acervo original e ao autor(es) da reprodução/tratamento digital. Solicitamos que o conteúdo não seja republicado na rede mundial de computadores (internet) sem prévia autorização do IHF e/ou da instituição parceira.

3. Direitos do autor

No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Se você acreditar que algum documento ou imagem publicada no IHF Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (contato@ihf19.org.br).

4. Responsabilidades

O IHF reserva-se o direito de alterar o conteúdo do site, sem necessidade de aviso prévio, assim como rejeita qualquer responsabilidade pela utilização não autorizada do conteúdo deste site por terceiros.